

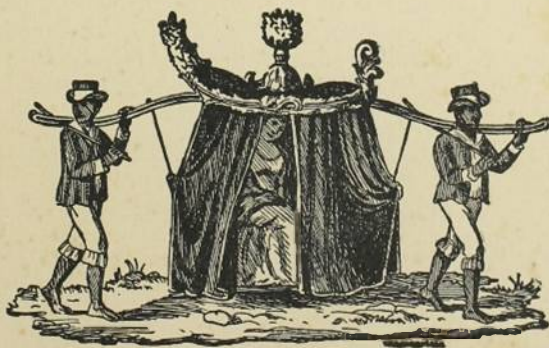
BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

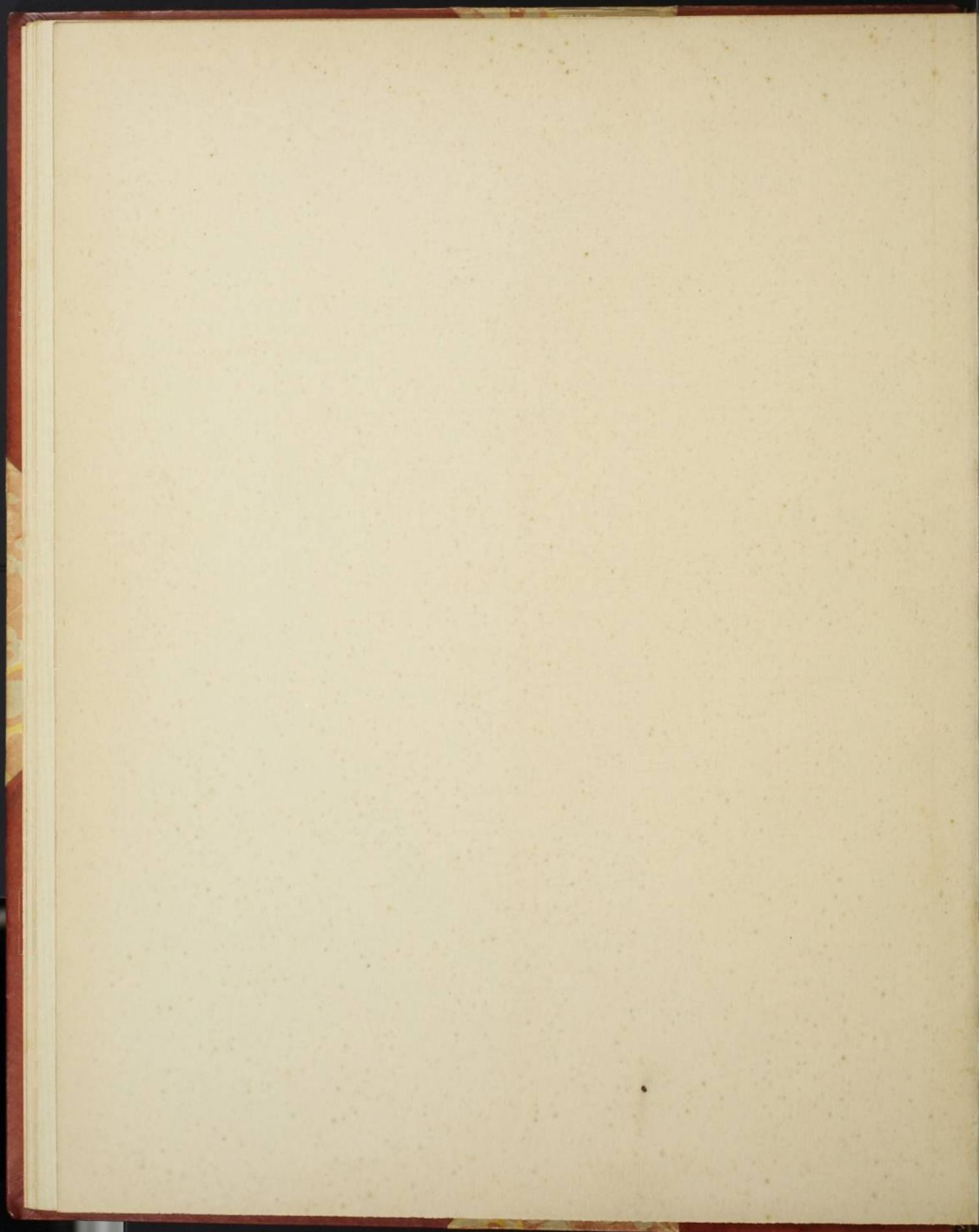
XIV

Guido Boggiani

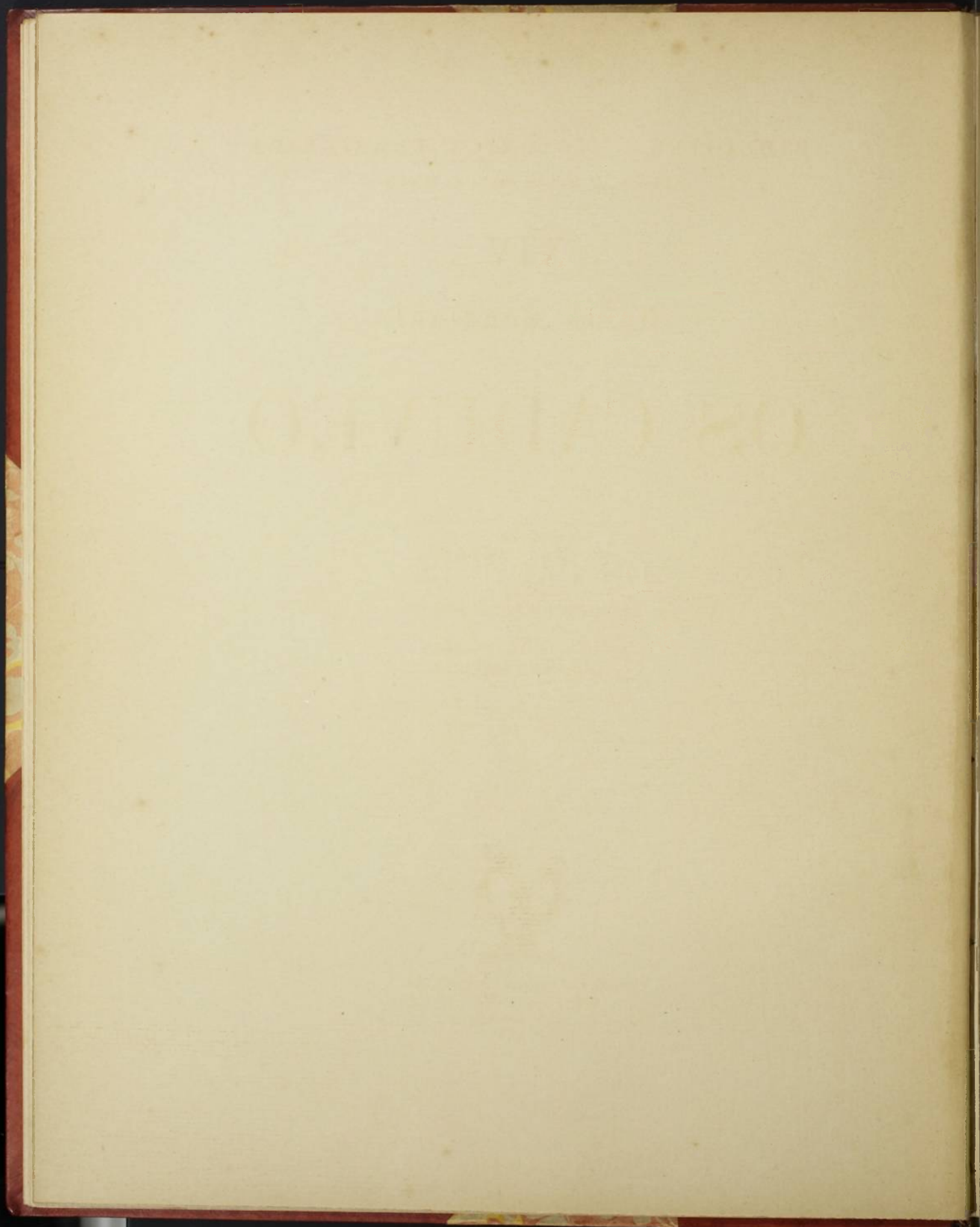
OS CADUVEO



LIVRARIA MARTINS EDITORA
SÃO PAULO



OS CADUVEO



BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

XIV

Guido Boggiani

OS CADUVEO

*Com prefácio e um estudo histórico
e etnográfico de*

G. A. COLINI

Tradução de

AMADEU AMARAL JÚNIOR

Revisão, introdução e notas de

HERBERT BALDUS



LIVRARIA MARTINS EDITORA
RUA 16 DE NOVEMBRO, 135
SÃO PAULO

Desta edição foram tirados 160 exemplares de
luxo, sendo 155 numerados de 1 a 155 e os
restantes fora de comércio.

Ex. fora de comércio

A Senhora

CLÉLIA GENÉ, VIÚVA BOGGIANI

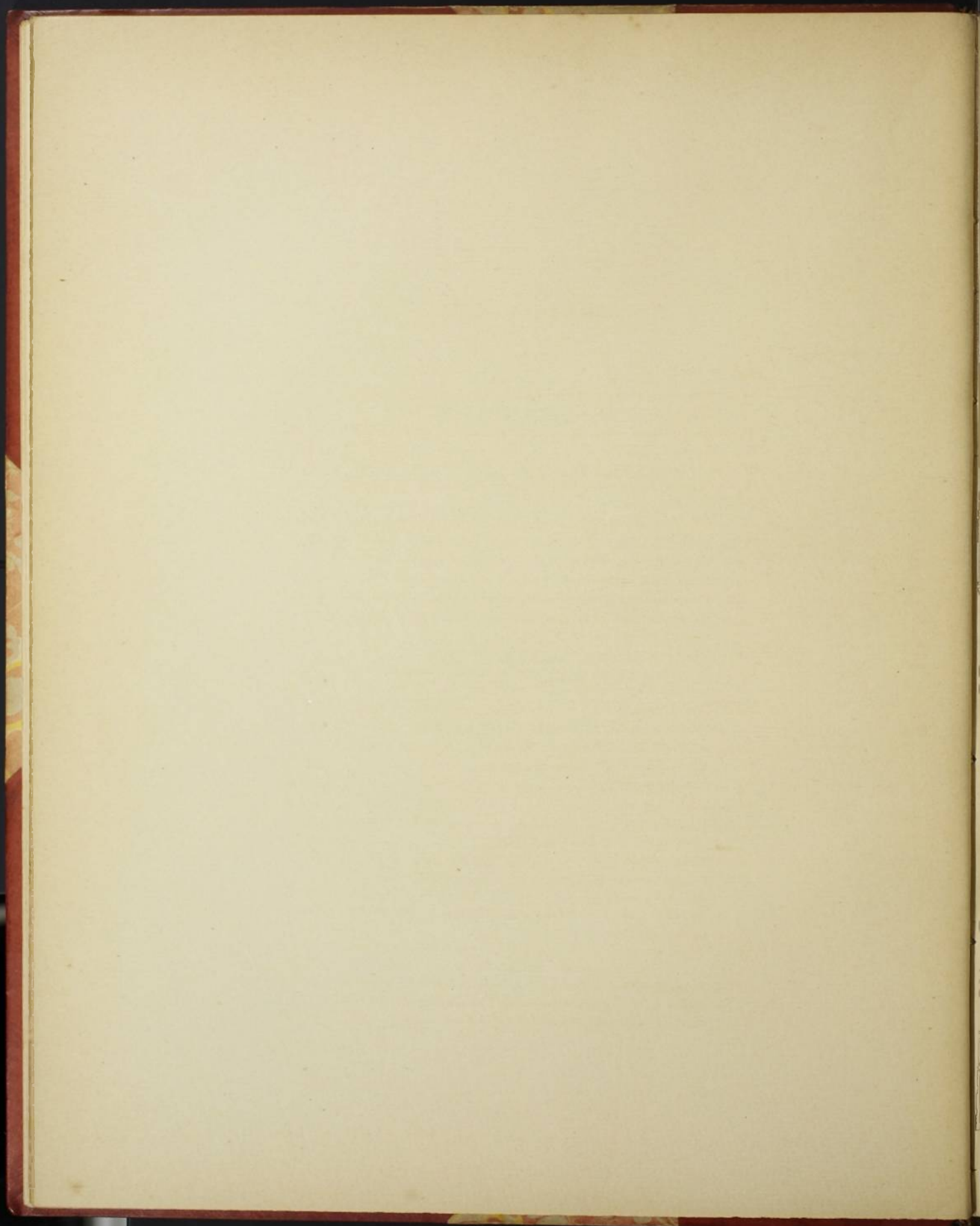
Vá, ó minha boa Mamãe, na frente dêste livro o teu nome e seja isso a maior bênção à minha obra.

Ao te dedicar, Mamãe, êste preferido entre os frutos dos anos transcorridos além, longe de ti, na plena liberdade daquelas silenciosas florestas inundadas de sol, de côres, de perfumes e de mistério, não faço mais que te demonstrar uma parte mínima do profundo reconhecimento que eu sinto por aquêlê afeto com que sempre acompanhaste e protegeste o meu proceder através das peripécias da vida.

Aceita, ó Mamãe queridíssima, a modesta oferta: ninguém melhor do que tu a saberia apreciar; e possa isso te fazer esquecer, por um momento ao menos, as amarguras de que a Providência, na sua misteriosa vontade, semeou a tua vida, que só das mais perfumadas flores deveria estar pontilhada.

Roma, dezembro de 1894.

G. B.



ÍNDICE DAS GRAVURAS

FIGS.	PAGS.
I — Moças caduveo da aldeia Nalique (Fot. Erich Freundt, 1940)	16/ 17
II — Anoã, velha caduveo da aldeia Nalique (Fot. Erich Freundt, 1940)	16/ 17
III — Caduveo da aldeia Nalique (Fot. Erich Freundt, 1940)	16/ 17
IV — Rancho de caduveo da aldeia de Nalique (Fot. Erich Freundt, 1940)	16/ 17
A — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	47
B — Motivo ornamental pintado sôbre um braço	54
1 — Ídolos de madeira e pratos de terracota com fundo de desenho ornamental	59
2 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	63
3 — Grupo de palmeiras nas vizinhanças de Pôrto Esperança. De um esbôço a pastel	64/ 65
4 — Prato de terracota de forma semi-esférica	64/ 65
5 — Pequeno prato de fundo oval com quatro asinhas externas. Visto de lado (V. fig. 13).	64/ 65
6 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	69
7 — Motivo ornamental pintado sôbre uma faixa	78
8 — Acampamento do capitão Nauwilo, à margem do Rio Nabileque. Dum esbôço a aquarela	80/ 81
9 — Recipiente de terracota, para água	80/ 81
10 — Pratos de terracota	80/ 81
11 — Desenho de um cinto ornado de contas de três côres, pertencente à mulher do Capitãozinho	83
12 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	86
13 — Pequeno prato oval com quatro asinhas externas (V. fig. 5)	96/ 97
14 — Pequeno prato com orlas encurvadas em quatro partes	96/ 97
15 — Dois cachimbos de pau	96/ 97
16 — Marca de propriedade gravada em um brinco de prata. (V. 1.º par à esquerda da fig. 42)	96/ 97
17 — Pequena bolsa tecida com algodão branco e lã vermelha e ornada de uma franja de contas de várias côres e pingentes vermelhos de 1.ª	96/ 97

FIGS.	PAGS.
18 — Pequeno cêsto de fôlhas de côcos <i>Yatais</i> contendo algodão grosseiro; três fusos e u'a massaroca de algodão fiado	96/ 97
19 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	97
20 — Motivo ornamental; do fundo de uma louça de barro	101
21 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	107
22 — O Rio Nabileque visto do Retiro. De um esbôço a aquarela	112/113
23 — Bôlsa tecida com algodão de várias côres e faixa central com desenhos	112/113
24 — Pequena bôlsa de rêdes de fibra de <i>Ybira</i> , ornada de contas de vidro azuis e vermelhas	112/113
25 — Toucados para o chefe recobertos de contas de várias côres	112/113
26 — Motivo ornamental; de debrum de uma louça de barro	116
27 — Motivo ornamental pintado sôbre um braço	117
28 — Desenho de um cinto dobrado, recoberto de contas de várias côres	128
29 — Carrêta para o transporte de troncos de árvores. De um esbôço a aquarela	128/129
30 — Flautas de cana. A primeira à esquerda tem gravados sinais ornamentais	128/129
31 — Estojo de taquara para guardar agulhas e chumaços utilizados para pinturas sôbre o corpo. O estojo é recoberto de desenhos gravados e de uma faixa contendo várias marcas de propriedade	128/129
32 — Cinto ornado de contas	128/129
33 — As casas de Chico Tereno e do Capitãozinho. De um esbôço a aquarela	128/129
34 — Colares compostos de fios de prata e contas de vidro, com medalhões formados de moedas ou moedinhas de prata de várias formas	129/129
35 — Espátula para tecer de madeira lavrada com buxaco	128/129
36 — Espátula para tecer de madeira finamente entalhada com desenhos geométricos	128/129
37 — Tear para tecer cintos	137
38 — Disposição dos fios sôbre o tear	138
39 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	140
40 — Volante de fôlha de milho ornado de plumas de avestruz e borlas de lâ vermelha	142
41 — Pequenos pentes de chifre ornados de entalhes e desenhos gravados	144/145
42 — Brincos de prata	144/145
43 — Brincos de prata	144/145
44 — Pequenas cabaças transformadas em recipientes para conter a pasta de urucu	144/145
45 — Bôlsa de rêde feita com fibra de <i>Ybira</i>	144/145

FIGS.	PAGS.
46 — Chapéu de fôlha de palmeira com barbicacho ornado de contas	144/145
47 — Machado de pedra	144/145
48 — Pano de algodão em listas de várias côres, com orla ornada de contas brancas e azuis	144/145
49 — Dois pratos de terracota com os bordos realçados ..	144/145
50 — Cinto tecido com algodão branco e lâ vermelha	144/145
51 — Pequenas pinças depilatórias	144/145
52 — Motivo ornamental pintado sôbre uma faixa	145
53 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	146
54 — Sistro com medalhinhas de lata	149
55 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	150
56 — Representação gráfica do bailado caduveo simples ..	152
57 — Música de flauta para dança	152
58 — Representação gráfica do bailado caduveo a dois ..	153
59 — Motivo ornamental; do fundo de uma louça de barro	155
60 — Motivo ornamental pintado sôbre um braço	158
61 — Grande prato de terracota	160/161
62 — Dois pares de brincos de prata com u'a marca de propriedade gravada num dêles	160/161
63 — Brincos de prata com pependentes semilunares	160/161
64 — Prato de terracota	160/161
65 — Grande cachimbo de pau-santo, para cerimônia	160/161
66 — Pequeno prato de terracota	160/161
67 — Motivo ornamental; do debrum de um prato de terracota	164
68 — Motivo ornamental pintado sôbre um braço	167
69 — Música do canto de Sabino, com acompanhamento de sistro	168
70 — Motivo ornamental pintado sôbre o peito	172
71 — Nalique: a esplanada diante das cabanas. De um esbôço a aquarela	176/177
72 — Botijão de terracota para água	176/177
73 — Pequena vasilha negra e pequeno prato	176/177
74 — Vários cachimbos de madeira entalhada	176/177
75 — Prato de terracota visto de lado	176/177
76 — Botijão de terracota representando uma galinha ...	176/177
77 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	181
78 — Motivo ornamental pintado sôbre um braço	186
79 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	188
80 — Música de canto das mulheres durante as festas	190
81 — Jovem caduveo. De um esbôço a lápis	192/193
82 — Retrato de minha mulher... De um esbôço a lápis ..	192/193
83 — A cunhada de Joãozinho. De um esbôço a lápis	192/193
84 — Retrato de uma mulher de Etóquiya. De um esbôço a lápis	192/193
85 — Desenho de um cinto ornado de contas de várias côres	195

FIGS.	PAGS.
86 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	203
87 — Desenho de um cinto ornado de contas brancas, azuis e granadas	205
88 — Interior das cabanas em Nalique. De um esbôço a lápis	208/209
89 — Pequeno prato e pequena botija de terracota ornados de contas	208/209
90 — Pratos de terracota ornados de contas	208/209
91 — Motivo ornamental pintado sobre um braço	210
92 — Motivo ornamental; do fundo de uma louça de barro	213
93 — Motivo ornamental pintado sobre uma espádua	221
94 — Motivo ornamental pintado sobre o peito, sobre o braço e sobre as espáduas	223
95 — Florestas dos etchates. De uma aquarela	224/225
96 — Grande prato de terracota	224/225
97 — Dois pratos de terracota	224/225
98 — Pequena montanha nos arredores de Nalique. De uma aquarela	224/225
99 — Pequenos pratos para recolher água nas nascentes; o primeiro à esquerda é em forma de meia cabaça, os outros dois em forma de valva de concha de anodorta (Anodorta: molusco de água doce da família dos unio-nides, de grandes dimensões e desprovido de dentes — N. do T. segundo a Enciclopédia Moderna Italiana, de Edgardo Baldi e Aldo Cerchiari, 1936.)	224/225
100 — Pequena vasilha de terracota	224/225
101 — Ídolos de madeira	224/225
102 — Marcas de propriedade	227
103 — Marcas de propriedade	229
104 — Desenho de cinto duplo ornado de contas brancas, azuis e vermelhas	230
105 — Motivo ornamental do debrum de uma louça de barro	233
106 — Engenho numa aldeia abandonada. De uma aquarela	240/241
107 — Caldeira para a condensação do açúcar de cana. De uma aquarela	240/241
108 — Motivo ornamental; do debrum de uma louça de barro	241
109 — Cachimbo com duas cabeças (Cachimbo cerimonial de amizade) e outro de uma cabeça só, esculpido de quatro figuras e duas pernas com fundo ornamental ..	244
110 — Motivo ornamental de muita importância por uma provável significação simbólica	245

INTRODUÇÃO

A) GUIDO BOGGIANI

Boggiani era um daqueles que gostam de arriscar-se pulando nas trevas de mundos desconhecidos. Duma roda de estetas refinados sob o sol do Mediterrâneo saltou para o coração selvagem da América do Sul. Este italiano, nascido em Omegna, no ano de 1861, e íntimo de Gabriele d'Annunzio, nascido dois anos depois, veio ao Paraguai como paisagista, tornando-se no Chaco e em Mato-Grosso mau negociante em couros e ótimo etnógrafo. Em 1902 foi morto por um índio Chamacoco.

Uma carta de R. Lehmann-Nitsche publicada na revista *Globus*, tomo LXXXIII, número 5, Braunschweig, 29 de janeiro de 1903, pág. 82, diz a respeito: "Tendo o explorador estado ausente desde largo tempo sem dar notícias, temiam pela sua vida e formava-se em Assunção uma comissão para procurá-lo. Segundo o jornal portenho *La Prensa*, de 28 de novembro, o snr. José F. Cancio, um espanhol, conhecedor da região em questão, foi encarregado da procura. Em 28 de julho partiu de Assunção a bordo de vapor *Lalo*, acompanhado de dez homens equipados com armas do govêrno. Em Médanos, ponto de partida da expedição propriamente dita, as armas se mostraram imprestáveis. Os senhores Casado, donos da fazenda, deram outras armas, e assim a expedição composta de Cancio e os seus dez homens, doze mulas e quatorze cavalos, saiu em 11 de agosto. Em 24 de setembro chegaram aos Chamacoco cujo cacique Joruk queria impedir a continuação da viagem ou só permiti-la mediante tributo. Cancio o convidou para uma conferência, aprisionou-o apesar de estar acompanhado de uns vinte índios, e o ameaçou com a morte, se não depusesse acerca da sorte de Boggiani. Não conseguindo nada d'ele, Cancio mandou prender os três Chamacoco que falavam português. A suspeita baseou-se no fato dos guias de Boggiani também terem sabido português. Quinze dias depois da expedição ter deixado os Chamacoco, dois dos prisioneiros escaparam. O terceiro, Luciono, quando submetido a um fuzilamento fingido, contou, primeiro, que os vizinhos Coromoro tinham matado Boggiani, mas confessou, depois, o assassinato. De fato, a expedição encontrou os restos de Boggiani despedaçados pelas feras (a cabeça era reconhecível pelo ouro na dentadura), os despojos de um companheiro conhecido pela alcunha

de Gavilan, o aparelho fotográfico e outras coisas. A morte de Boggiani e de seu companheiro fôra causada por pancadas na cabeça. Em todo o caso tinham querido roubá-lo. — Em 4 de novembro a expedição voltou a Médanos, no dia 14 embarcou no *Posadas* e em 17 de novembro pôde entregar o assassino Luciono às autoridades paraguaias em Assunção.”

Outros pormenores a respeito apresenta o relatório intitulado *Alla ricerca di Guido Boggiani. Spedizione Cancio nel Ciaco Boreale (Alto Paraguay). Relazione e Documenti. Pubblicazione fatta per cura del Comitato Pro-Boggiani*. Milano, A. Bontempelli, Editore, 1903. 108 págs. in - 4.º.

Mais de vinte anos depois destes acontecimentos, ouvi ainda os seguintes detalhes: Provou-se que as cacetadas na cabeça de Boggiani e de seu companheiro haviam sido desferidas pelas costas e por um homem canhoto. Observou-se então que a picada pela qual haviam seguido os dois malogrados expedicionários fôra aberta também por um canhoto. O Chamacoco, que se confessou assassino, era canhoto. Narrou que guiara lealmente Boggiani nos primeiros dias de marcha, mas que depois ficara com medo. Disse ao italiano muitas vèzes que tinha medo e quis voltar. Mas fôra forçado a ir adiante. De novo dissera muitas vèzes que receava a tribo estranha que Boggiani queria visitar. Ambos os brancos, porém, o haviam ameaçado com as espingardas. Tivera de ir novamente para diante. E depois tinham acampado. O companheiro de Boggiani ajoelhou-se para acender fogo e Boggiani se afastara caçando. Então êle, o Chamacoco, matara o companheiro. Por puro medo. E depois espreitara Boggiani e o matara também. Por puro medo. — O canhoto foi encarcerado em Assunção. Numa revolução pudera fugir e regressar ao Chaco.

Lendo a obra-prima de Boggiani, o diário da viagem aos Caduveo feita em 1892, percebe-se o encanto dêste homem, o seu “humour”, a sua modéstia, coragem e generosidade. Em uma palavra: era um gentleman.

Bastante discutível é hoje a sua opinião segundo a qual gente de uma “cultura inferior” viveria melhor quando incorporada numa “cultura superior”: assim os “brutos” Chamacoco como escravos dos Caduveo “mais adiantados”, e êstes, assimilando-se, por sua vez, aos brancos. Mas tais conceitos são produtos da época, isto é, do evolucionismo que dominava os espíritos europeus na segunda metade do século XIX. A opinião de Boggiani foi indubitavelmente inspirada pela maior boa-vontade para fazer a felicidade dos índios.

A memória de Boggiani não foi perpetuada só pelas suas obras. Não foi homenageado só no Paraguai a cuja etnografia o explorador italiano contribuiu decisivamente (cf. Viriato Díaz Pérez: *Coronario de Guido Boggiani*, Revista Paraguaya, ano II, ns. 3-4, Asunción 1926, págs. 103-171). Foi Gabriele d’Annunzio quem cantou a glória do amigo nas suas “Laudi del cielo, del mare, della terra e degli eroi”, volume I, Milano, 1903 (versão espanhola na Revista del Instituto de Etnología de la Uni-

versidad Nacional de Tucumán, tomo I, Tucumán 1929 (1930), págs. 500-501). O poeta representa Boggiani como louro com rosto "quase exangue" e "olhos claríssimos", dirigindo-lhe as seguintes palavras: "Eras o mais sóbrio e o mais casto; se o companheiro sentia sede, tu contente não bebias para que aquêbe bebesse. E nos caminhos poeirentos, pelos declives difíceis, te carregavas do estôrvo dos pesos sem alterar o passo expedito, porque teu formoso corpo era imune à mísera imundície, como as áridas espigas de tua cabeça dourada que jamais se inclinou". — Lirismo duma época já bem distante de nós.

A primeira publicação etnográfica de Boggiani apareceu sob o título *I Ciamacoco* nos *Atti della Società Romana di Antropologia*, vol. II, fascicolo I, Roma, 1894, 55 figuras no texto e 3 pranchas, in-4.º. Trata do grupo setentrional daqueles índios do Chaco paraguaio em cujas terras o autor se estabeleceu como colono e aos quais pertencia o homem que mais tarde foi prendido como o seu assassino. A êles se refere outro trabalho de Boggiani que, intitulado *En favor de los indios chamacocos*, foi publicado na *Revista del Instituto Paraguayo*, año II, n. 11, Asunción 1898, págs. 168-183. O vocabulário de cêrca de 450 palavras contido em *I Ciamacoco* apareceu, corrigido pelo autor e aumentado com cêrca de cem têrmos, sob o título *Apuntes póstumos de Guido Boggiani, compilados y redactados por Chestmír Loukotka. Vocabolario dell'idioma Ciamacoco* nos *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, t. CVIII, Buenos Aires, 1929, págs. 149-192. Boggiani deixou, além disso, um manuscrito intitulado *Aggiunti al vocabolario Ciamacoco*, cujos têrmos, devido à gentileza de seu atual dono, o snr. Loukotka, pude publicar em minha monografia sôbre a família lingüística da qual faz parte o chamacoco, monografia intitulada *Beiträge zur Sprachenkunde der Samuko-Gruppe*, *Anthropos* XXVII, Wien 1932. Alguns vocábulos do chamacoco meridional chamado de tumanahá ou tumerehá que, na maior parte, apareceram nos *Apuntes póstumos*, foram publicados separadamente pelo mesmo lingüista tcheco, sob o título *Algunas palabras de la lengua Tumanaha*, na *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo I, Tucumán 1929, págs. 98-99.

Em 1892 conviveu Boggiani com os Caduveo do sul de Mato-Grosso, publicando a respeito, no ano de 1895, em Roma, dois importantes trabalhos. O primeiro é a magnífica obra *Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei (Mbayá o Guaycurú), con prefazione ed uno studio storico ed etnografico del Dott. G. A. Colini*, 112 figure intercalate nel testo ed una carta geografica. *Publicato col concorso della Società Geografica Italiana di Roma*, XXIII e 339 págs. in-4.º grande. Sua versão para o português é este volume *Os Caduveo* da "Biblioteca Histórica Brasileira". O segundo dos dois trabalhos reúne os dados etnográficos dispersos no primeiro, sob o título *I Caduvei: Studio intorno ad una tribù indigena dell'alto Paraguay nel Matto Grosso (Brasile)*, 55 págs. in-4.º.

Em 1897, Boggiani visitou novamente os mesmos índios. Disso trata a publicação póstuma *Viajes de un artista por la América meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las*

grandes cacerías de venados, Matto Grosso (Brasil) na Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, tomo I, entrega 3.^a, Tucumán, 1929 (1930), págs. 495-556, 8 figuras no texto.

Em 1895, Boggiani publicou também, nos Atti della Reale Accademia dei Lincei, Roma, Serie 5, um *Vocabolario dell'Idioma Guaná*, língua duma tribo maskoi do Chaco que hoje, para distingui-la dos seus antigos vizinhos homônimos da família aruak, é chamada pelo nome que ela mesma se dá, a saber: Kaskihá (cf. Herbert Baldus: *Kaskihá-Vokabular*, Anthropos, tomo XXVI, Wien 1931, pág. 545).

No mesmo ano de 1895, o etnógrafo e pintor italiano publicou ainda *Tutuaggio ó Pittura? Studio intorno ad una curiosa usanza delle popolazioni indigene dell'antico Peru* nos Atti del II. Congresso Geografico Italiano, Roma, 32 págs. e 2 pranchas.

Os trabalhos de Boggiani, que apareceram nos anos seguintes, mostram cada vez mais tendências para a síntese. As tribos do Chaco setentrional e da região adjacente de Mato-Grosso são classificadas em *Guaicuru, sul nome, posizione geografica e rapporti etnici e linguistici di alcune tribù antiche i moderne dell'America meridionale*, Memorie della Società Geografica Italiana, vol. VIII, P. II, Roma, 1899, págs. 242-295 e um mapa. Se bem que este trabalho, de acôrdo com o título, trate principalmente das tribos da família lingüística guaicuru, isto é, dos Caduveo, Toba, Mocovi, Abipon e Paiaguá, considera também os Chamacoco, os Guaná de Mato-Grosso e um grupo de outras tribos atualmente determinadas como membros da família maskoi (Kaskihá ou "Guaná do Chaco", Sapuki, Sanapaná, Angaité e Lengua) que Boggiani, naquele tempo, reuniu sob o nome de Ennimaga, nome êsse que o mesmo autor substituiu, mais tarde, pela antiga designação de Machicuy.

Em 1897 apareceu no Boletín del Instituto Geográfico Argentino, t. XVIII, Buenos Aires, págs. 613-627 (e um mapa), o artigo intitulado *Etnografía del Alto Paraguay*. Em 1899, Boggiani publicou sua *Cartografía lingüística del Chaco por el Dr. Daniel G. Brinton* na Revista del Instituto Paraguayo, año II, n. 16, Asunción, págs. 106-137. Na mesma revista, año III, Asunción 1900, apareceu o seu *Compendio de etnografía paraguaya moderna* (135 págs. e um mapa), tratando novamente dos Toba, Chamacoco e das tribos maskoi. Como uma espécie de complemento do *Compendio* figura o último trabalho que Boggiani publicou em vida, a saber: *Linguística Sud-Americana. Datos para el estudio de los idiomas Payaguá y Machicui*, Buenos Aires, 1901, 82 págs..

As ótimas fotografias que o artista e cientista italiano tirou dos índios das diversas tribos com que estêve em contato foram editadas por R. Lehmann-Nitsche sob o título *Die Sammlung Boggiani von Indianertypen aus dem centralen Südamerika*, Buenos Aires 1904. E' uma coleção de 114 fotografias reproduzidas em pranchas com texto descritivo em alemão e espanhol. Reproduções dêsses retratos encontram-se hoje em inúmeros livros sôbre o Paraguai, sôbre os índios e sôbre a etnologia em geral.

Como colecionador de objetos etnográficos, Boggiani enriqueceu consideravelmente as secções sul-americanas dos museus de Roma, Berlim e Stuttgart.

Naturalmente, os estudos acima enumerados interessam só um pequeno número de leitores. Há, porém, uma exceção a respeito: *Os Caduveo*. O dr. Colini, no prefácio, aprecia sob múltiplos aspectos, dignamente o valor dessa obra. Convém frisar, ainda, que a forma de diário, dada a ela, conserva pormenores psicológicos cuja importância é estimada, principalmente, por nós hodiernos. Excelentes são, além disso, as descrições da tecelagem, do fabrico de urucu, dos diversos jogos e das danças. Os trechos musicais representam preciosidades, sobretudo se consideramos a escassez do material desta espécie recolhido entre os índios do Brasil. As ilustrações magistrais contribuem para tornar *Os Caduveo* um dos documentos mais grandiosos que existem sobre a arte ornamental dos povos naturais deste continente.

A parte lingüística, porém, é tão fraca que se justifica plenamente não ter ela sido reproduzida na edição brasileira. Os pouquíssimos interessados consultariam, em todo o caso, o original italiano, não se arriscando, em matéria tipográfica tão delicada, a utilizar uma tradução. Boggiani contenta-se em compilar os dados lingüísticos bastante deficientes que foram publicados por diversos autores anteriores, principalmente por Gilij, Hervás e Castelnaud, e acrescenta os poucos vocábulos recolhidos por êle mesmo e algumas notas explicativas. Loukotka (*Nouvelle contribution a l'étude de la vie et du langage des Kaduveo*, Journal de la Société des Américanistes, N. S., t. XXV, Paris 1933, pág. 252) observa a respeito: "*Dans les deux ouvrages sur les Kaduveo, publiés par Boggiani, il est assez surprenant, que la linguistique soit presque négligée par ce savant si sérieux*". O mesmo autor tcheco reúne, porém, no seu citado trabalho (págs. 261-276), os vocábulos caduveo publicados e inéditos das obras de Boggiani e de Fritch, do qual já tinha editado um vocabulário da mesma língua, recolhido por êste seu patricio em 1903 (Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, tomo I, Tucumán 1929, págs. 99-106). Theodor Koch-Grünberg, no seu necrológio *Guido Boggiani, ein neues Opfer des Gran Chaco* (Globus, t. LXXXII, Braunschweig 1902, pág. 359), menciona ainda do malogrado explorador uma publicação intitulada *Apuntes sueltos de la lengua de los indios Caduveos del Chaco Paraguayo*, Boletín del Instituto Geográfico Argentino, tomo XVIII, Buenos Aires, 1897, págs. 367-371. Para os lingüistas é interessante saber que *El Paraguay Católico* do jesuíta José Sánchez Labrador, escrito na segunda metade do século XVIII, contém no terceiro tomo, publicado em Buenos Aires, no ano de 1917, uma gramática mbayá e a notícia de que o vocabulário da mesma língua coligido pelo mesmo jesuíta aparecerá como quarto tomo de sua obra.

O acima citado trabalho póstumo de Boggiani sobre a visita que fez aos Caduveo em 1897, apresenta poucos acréscimos aos dois trabalhos sobre os mesmos índios que publicou em 1895. Dos autores que estudaram nos anos seguintes os Caduveo, são dignos de nota Koch-Grünberg e Fritch. O primeiro, na sua monografia *Die Guaikurú-Gruppe*

(Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, t. XXXIII, Wien, 1903, págs. 1-128 e 2 mapas), compara o vocabulário caduveo (kadiúeo) que recolheu no Porto Murinho, em 1899, com vocabulários da mesma língua organizados em épocas diferentes, e com palavras de outros idiomas da família guaicura. Este trabalho representa um complemento do seu estudo *Die Guaikurustämme* (Globus, t. LXXXI, Braunschweig, 1902, págs. 1-7, 39-46, 69-78, 105-112, com 27 figuras no texto e 1 prancha) que é um resumo de dados antigos e modernos acêrca da história e etnografia dos Caduveo e Toba, acompanhado de ligeiras referências aos Mocovi, Abipon, Paiguá e Guachi. O material acêrca da primeira dessas tribos é tirado, principalmente, dos trabalhos de Boggiani.

Enquanto Boggiani se interessava, antes de tudo, pela cultura material dos Caduveo, Fritch procurava averiguar alguma coisa acêrca da cultura espiritual, recolhendo as lendas reproduzidas no seu artigo *Onoenrgodi-Gott und Idole der Kad'uveo in Matto Grosso* (International Congress of Americanists, Proceedings of the XVIII Session, London, 1912, part II, London, 1913, págs. 397-407) e no citado estudo de Loukotka (*Nouvelle contribution etc.*). Além disso, *Notes on the grave posts of the Kadiúeo*, tomadas pelo explorador tcheco, foram comunicadas por Paul Radin na revista *Man*, t. VI, London, 1906, págs. 71-72.

Resumindo, pode-se dizer que, de tôdas as pesquisas modernas feitas "in loco" acêrca dos Caduveo, a de Boggiani continua sendo a mais satisfatória. Quem, no entanto, quiser trabalhar segundo as exigências atuais da etnologia, encontrará ainda por fazer a maior parte do estudo daqueles índios do sul mato-grossense, tão benquistos pelo amável louro de "olhos claríssimos".

B) OS GUAICURU DO NORTE E SEUS DESCENDENTES

I — A ESTRATIFICAÇÃO ANTIGA

Como em outras partes do mundo, há também na América do Sul povos-naturais cuja estratificação social é produzida pela estratificação étnica. Temos, aqui, numerosos exemplos de tribos índias com marcada estratificação em senhores e escravos, exemplos pelos quais se pode provar que a camada dominada foi constituída por membros de outras tribos e acentuadamente se distingue da camada superior pela atitude submissa, pelos traços físicos menos finos, pelas maneiras mais grosseiras e outras características semelhantes. Lembramos somente os Hório e Ebidoso do Chaco (1) e, no Brasil, os Botocudos (2), as tribos tupi dos Mundu-

(1) HERBERT BALDUS — *Indianerstudien im nordöstlichen Chaco. Forschungen zur Völkerpsychologie und Soziologie*, 11, Leipzig, 1931, 70, 71.

(2) MAXIMILIAN PRINZ ZU WIED-NEUWIED — *Reise nach Brasilien, II, Frankfurt a. M.*, 1821, 44.



Fig. I — Moças Caduveo da
aldeia Nalique, em 1940.
(Fot. Erich Freundt)



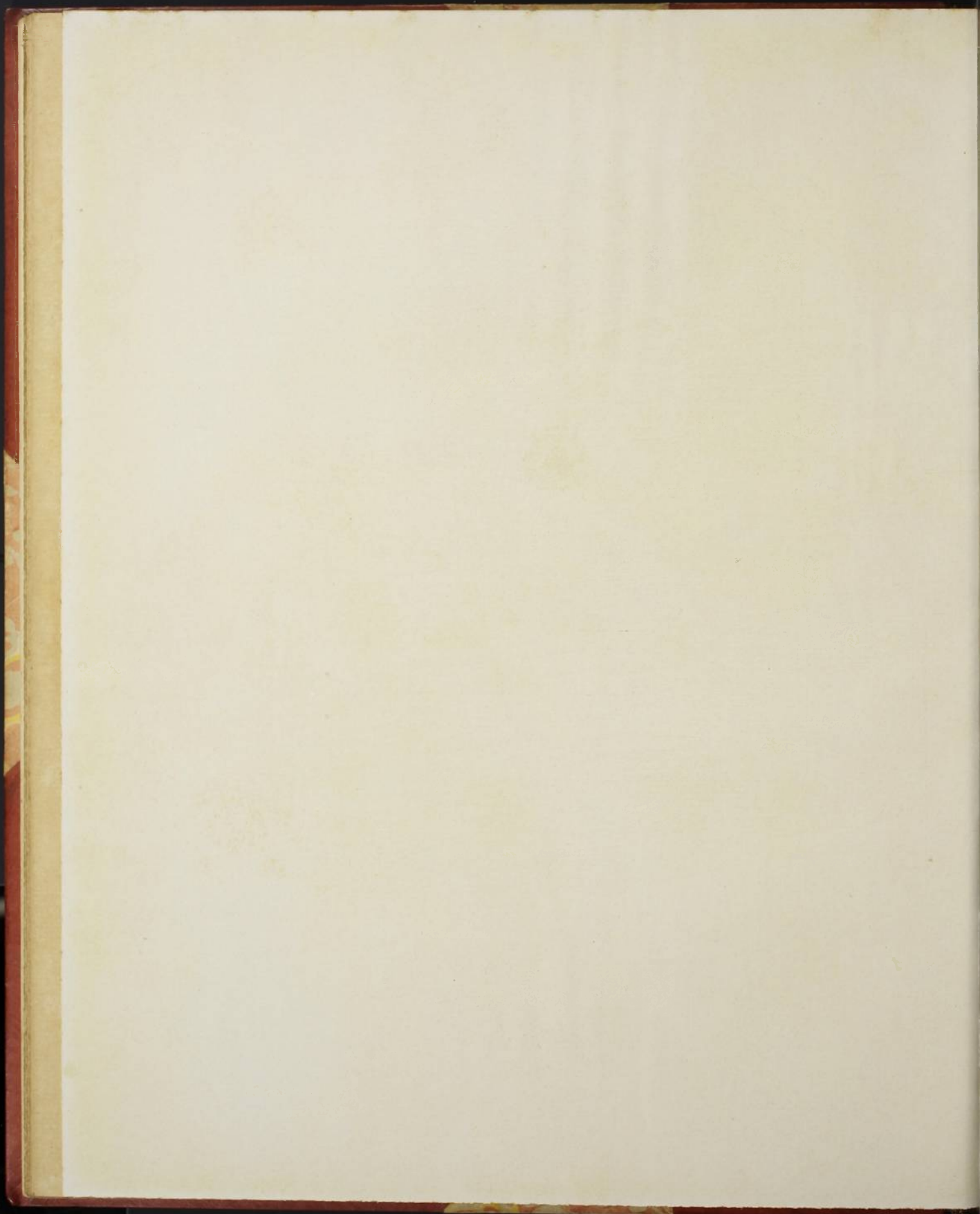
Fig. II — Anoã, velha Caduveo
da aldeia Nalique, em 1940.
(Fot. Erich Freundt)



Fig. III Caduveo da aldeia Na-
liques em 1940.
(Fot. Erich Freundt)



Fig. IV — Rancho de Caduveo
da aldeia Nalique, em 1940.
(Fot. Erich Freundt)



ruçu (3) e Mauché (4), as tribos aruak dos Passé (5) e Uainumá (6), os Juri (7), os Miranha (8) e outros índios do rio Japurá (9), e, por fim, os Tucano (10).

Atesta esta enumeração que os senhores podem ser tanto lavradores como também captadores, isto é, tribos que buscam os meios de subsistência caçando, apanhando e colecionando animais selvagens e vegetais silvestres. A relação dos mencionados Tucano com os escravos Macu representa exemplo típico de agregação e subordinação espontâneas de captadores nômades a uma tribo de lavradores sedentários. A seguir trataremos mais extensamente de um exemplo da relação inversa, isto é, da agregação e subordinação espontâneas de lavradores sedentários a uma tribo de captadores nômades. É verdade que estes últimos, mais tarde, se fizeram pastores. Merecem, aliás, consideração especial também pelo fato de terem desenvolvido estrutura social mais complexa do que outros índios da América do Sul não-andina.

Antigamente, sob o nome de Guaicuru se compreendia um número de tribos do Chaco e também da parte oriental da bacia do Paraguai, das quais sabemos hoje que têm na sua cultura, ao lado de certas analogias, profundas divergências e pertencem a famílias lingüísticas inteiramente diversas. Queremos tratar do grupo mais setentrional dessas tribos, que também na literatura moderna é designado por Mbayá e Caduveo (Kadiueo) e classificado lingüisticamente como Guaicuru. Estudaremos esses índios, primeiro, numa época na qual haviam atingido o auge do seu desenvolvimento político e social, tendo já começado a decadência pelas relações pacíficas entabuladas com os brancos. É a segunda metade do século XVIII, época sobre a qual temos informações relativamente boas. O informante mais importante é o jesuíta José Sánchez Labrador (11) que fundou, em 1760, a missão Belém no rio Ipané, a uma distância de quatro léguas da desembocadura desse rio no Paraguai, por conseguinte, a cerca de 23°27' de latitude sul. Viveu lá entre os Guaicuru até a expulsão da Companhia de Jesus das possessões espanholas em 1767.

Além disso devemos notícias a Félix de Azara (12), comissário e comandante das fronteiras espanholas no Paraguai, de 1781 a 1801, e a Francisco Rodrigues do Prado (13) que escreveu seu relato em 1795 quando comandante de Coimbra, forte português situado no rio Paraguai.

(3) CARL FRIEDRICH PHIL. V. MARTIUS — *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's, zumal Brasiliens*, I, Leipzig, 1867, 71.

(4) *ibidem*.

(5) *ibidem*, 72.

(6) *ibidem*.

(7) *ibidem*.

(8) *ibidem*.

(9) *ibidem*.

(10) THEODOR KOCH-GRÜNBERG — *Zwei Jahre unter den Indianern*, I, Berlin, 1909, 269 e seg.

(11) JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR — *El Paraguay católico*, Buenos Aires, 1910.

(12) FÉLIX DE AZARA — *Viajes por la América Meridional*, Madrid, 1923.

(13) FRANCISCO RODRIGUES DO PRADO — *História dos índios Cavalleiros ou da nação Guaicuru*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brazil, tomo I, terceira edição, Rio de Janeiro, 1908.

Ambos, por deveres de ofício, tiveram muito contato com os Guaicuru. O português menciona, além disso, ter recebido a maior parte das suas informações de um padre espanhol que viveu entre êsses índios como si fôsse um dêles, seguindo todos os seus costumes, deixando-se até arrancar as sobrancelhas e pestanas e, por fim, casando-se e tendo filhos (14).

O território dos Guaicuru do norte, campo interrompido por matas e palmeiras isoladas, é prolongamento do Grande Pantanal até a Serra da Bodoquena. Anualmente, as planícies baixas ficam inundadas, ressecando-se, depois, sob um sol abrasador. Essa mudança mantém em movimento os animais e, com êles, o homem.

Os caçadores que seguiam os veados ao pasto, vinham a ser, no século XVII, pastôres que levavam cavalos, gado vacum e ovelhas para os capinzais. Azara (15) escreve que roubavam alguns cavalos aos espanhóis em 1672, acrescentando: "*Estes fueron los primeros que tuvieron*". Ainda observa (16): "*Se han dedicado a criar y sostener pequeñas piaras de vacas y ovejas, pero sin hacer uso de la leche, que aborrecen, como todos los indios salvajes. Poseen muchos caballos*". Rodrigues do Prado (17) afirma que os antigos paulistas "já os encontraram senhores de grandes manadas de gado vacum, cavalos e lanígero".

Acêrca da lavoura escreve Sánchez Labrador (18): "*Es nación que no entiende de trabajar en sementeras*", Rodrigues do Prado (19): "*E' a nação Guaicuru errante como tôdas as outras nações selvagens que não cultivam a terra*", Azara (20): "*Los mbyayás subsisten de la agricultura ejercida por sus esclavos*". Adiante falaremos mais extensamente sobre êsse meio de sustento.

Quando os homens livres não estavam caçando ou guerreando, forjavam enfeites de prata e latão (21) ou pontas de lanças e anzóis de ferro (22), confeccionavam canoas (23) de troncos de árvores e talhavam as armas (24), preparavam com peles da caça mantas macias (25) e cuidavam dos seus animais. Como esta última ocupação tem importância fundamental para o caráter dêsses índios e seus efeitos sociais e políticos, porque do criador de gado ao escravocrata vai só um pequeno passo, mencionaremos o que Sánchez Labrador (26) diz a respeito: "*Conocen las enfermedades de sus caballos mejor que las suyas propias. Según les dicta su conocimiento, los sangran, sajan los tumores y los desgusanan con tanto acierto, que por lo común se restablecen. Si tienen algún accidente le visitan con frecuencia, ó le arriman al toldo para curarle. Su-*

(14) *ibidem*, 44.

(15) AZARA — o. c., tomo II, 58.

(16) *ibidem*, 64.

(17) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 22.

(18) SÁNCHEZ LABRADOR — o. c., tomo I, 244.

(19) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 21.

(20) AZARA, — t. c., 63, 64.

(21) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 295, 296.

(22) *ibidem*, 296.

(23) *ibidem*.

(24) *ibidem*, 297.

(25) *ibidem*.

(26) *ibidem*, 298.

cedió en un viaje que en el camino parió una yegua. No se turbaron mis compañeros, ni su dueño, que era uno de ellos. Faltaban tres días para llegar á nuestro término. Cogió el indio el potrillo sobre su caballo, y arreaba á la madre. En cada parada le hacía tomar la teta, le refrescaba, y así le condujo á salvamento". — Adiante veremos que os escravos foram tratados com carinho semelhante.

Já somáticamente, os Guaicuru tinham os caracteres de uma raça de senhores. Eram, segundo Rodrigues do Prado (27), "de estatura alta, tanto que entre êles há homens de seis pés e meio de altura, bem feitos, envoltos em carnes, capazes de resistir à fome e à sede, e endurecidos ao trabalho de uma maneira infável". Sánchez Labrador (28) escreve: "*Su estatura por lo común excede á la de la gente blanca. Son bien hechos y de tulle que participa más de español que de indio. Rarísimo entre ellos tiene el cuerpo desproporcionado, ó en lo grueso ó en lo bajo. En la fisionomía y facciones del rosto, así los varones como las mujeres desdican muy poco de la gente española*".

E o jesuíta (29) acrescenta: "*La misma contextura y proporcionada simetría de sus cuerpos comunica a los varones una agilidad y soltura admirables. En sus caballos no gastan sillas ni estribos. Montan en pelos, y para ésto de un salto están sobre ellos. Aun cuando caminan á pie ó en sus juegos, se conoce la soltura de sus miembros. Corren tras los caballos para atajarlos ó cogerlos casi con la misma ligereza que los brutos. No usan lazo ni bolas para cogerlos, ni corral para sujetarlos. Los corren y amontonan, y á la sombra de otros caballos, echan mano del que quieren. En estas ocasiones, si rompen y disparan los animales, ejercitan su ligereza volviéndolos como antes, corriendo á repuntarlos. Los cogen inmediatamente por las clines, á veces en la punta de una vara ponen un cordelillo con lazada corrediza, quedando ellos con la otra punta, y así se le echan al cuello, como si enlazaran perdices*".

Como se vê, sabiam manejar excelentemente os cavalos, e os sucessos de seu gênio pastoril manifestavam-se no tamanho das manadas. Ricardo Franco de Almeida Serra (30), major no corpo de engenheiros português, num relatório dirigido a seu superior em Cuiabá, em 1803, calcula o número dos cavalos em "seis ou oito mil".

E' verdade que os Guaicuru do norte, como vemos no relato de Azara (31), já antes da aquisição do cavalo, isto é, antes do ano de 1672, estavam estratificados sobre os Guanás e tinham vencido e desalojado, em longas campanhas, outras tribos e também os brancos. Mas o seu verdadeiro imperialismo só começou depois de terem cavalos. Azara (32) descreve seu avanço para o sul, que durou até os meados do século XVIII,

(27) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 23.

(28) SÁNCHEZ LABRADOR — I, 244, 245.

(29) *ibidem*, 245.

(30) RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA — *Parecer sobre o aldeamento dos índios uaicurus e guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo VII, terceira edição, Rio de Janeiro, 1931, 202.

(31) AZARA — t. c., 58.

e resume: "*Faltó bien poco para que no exterminaran a todos los españoles del Paraguay*". Rodrigues do Prado (33) dá a história das suas lutas contra os portugueses nas quais, repetidas vêzes, chegaram até bem perto de Cuiabá, e acrescenta: "Avaliam-se os portugueses mortos por êles em mais de 4.000, e a perda que causaram para mais de três milhões". — São números de imenso alcance para aquêlo tempo.

Sôbre o papel do cavalo nos ataques dos Guaicuru escreve o official português (34): "Com os cavalos se fizeram temíveis aos outros selvagens, e os mesmos Paulistas, que não saíam ao sertão senão com grande levada, receavam encontrá-los em campo limpo, pelo modo com que eram acometidos. Tanto que os Guaicurus os viam, ajuntavam os cavalos e bois, e cobrindo os lados, os apertavam de sorte que, com a violência com que iam, rompiam e atropelavam os inimigos, e êles com a lança matabam quantos encontravam diante. O único remédio que tinham os Paulistas para escapar era o meterem-se no mato".

Enquanto os Guaicuru punham assim em jôgo, contra os representantes de uma civilização superior, cavalos e bois, para compensar por êste meio a superioridade que o adversário tinha nas armas de fogo, bastava provavelmente a aparição repentina e estranhamente imponente do corcel para fazer perder a cabeça aos índios inimigos e assim dominá-los. Além disso, na luta corpo a corpo, o cavaleiro era irresistível para o índio pedestre, mesmo porque podia levar armas mais pesadas e usá-las com maior eficiência. Segundo Rodrigues do Prado (35), suas armas eram a maça, "que é um pau de quatro até cinco palmos de comprimento e uma plegada de diâmetro; a lança, que tem pouco maior grossura, e dezoito palmos de comprimento, incluída a choupa; e o terçado ou facão". E (36) "na ocasião do combate, todos que a têm vestem uma camisa de couro de onça, que lhes dá pelos joelhos, a qual julgam impenetrável a tôdas as obras ofensivas, mesmo as balas".

Enquanto, como meio de combate, dava aos Guaicuru a vitória sôbre os brancos e os índios, o cavalo dava-lhes também, como meio de transporte, a possibilidade de penetrar vastos territórios mais depressa do que o índio a pé, provavelmente tão depressa que pareciam poder estar presentes quase simultaneamente em todos êsses territórios, que por isso dominavam.

Não é de supor, porém, que a vida dos Guaicuru, só por ser essencialmente dedicada à criação de gado, lhes tivesse proporcionado maior folga para pensar em política e realizar façanhas, que a vida daqueles índios que se ocupavam exclusivamente com a caça, a colheita ou a lavoura. Conservar unida a manada, protegê-la contra as feras e outros perigos, andar dias inteiros em procura de uma rês desviada, tudo isso, seguramente, não exige menos tempo e esforços que o trabalho do caçador numa região rica em caça ou do lavrador em terra fértil. Pode-se

(32) *ibidem*, 59.

(33) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 33 e seg.

(34) *ibidem*, 22, 23.

(35) *ibidem*, 31; cf. também AZARA, t. c., 64.

(36) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 32.

afirmar, porém, que, quando os Guaicuru ainda não eram pastôres, mas caçadores sem cavalos como a maioria dos vizinhos mais tarde subjugados por eles, já tinham, por natureza, a tendência de aplicar, mais do que esses vizinhos, as sobras de tempo a pensamentos políticos e façanhas guerreiras, vindo por isso a tornar-se criadores. E se acima mencionamos, em sentido geral, que de criar gado a possuir escravos vai só um pequeno passo, temos agora de acentuar que os Guaicuru começaram por ter escravos e só depois passaram a criar animais. Pode ser então, por outro lado, que a criação de gado, ensinando a conservar e aumentar a propriedade móvel, tenha despertado cada vez mais o desejo de aplicar também aos homens, como bens utilizáveis, a "idéia econômica do capital produtivo" (Thurnwald).

E' verdade que só no princípio houve necessidade de roubar animais e que, mais tarde, o seu número foi aumentando pela criação. No tocante ao homem era mais precário fiar-se na multiplicação natural, devendo considerar-se, além disso, que o homem não se multiplica tão depressa quanto o cavalo. Por isso, quanto à aquisição de gente, aplicaram o método mais experimentado: o do roubo. Lemos em Sánchez Labrador (37): "*La causa principal de llevar guerra á tierras extrañas, es únicamente el interés de la presa y vengar los agravios que por tales ellos imaginan. Manifiestan una indecible ansia de tener cautivos y chicos de cualquiera otra nación, aun de la española. El que más tiene, goza una fama indeleble y autoridad grande en su toldo. Su valor se preciniza y casi es poca esfera la de su vida para los elogios... Lo que más procuran y aprecian son niños y niñas. Aunque sean de pecho se los llevan y hacen criar según sus bárbaros ritos y modales. De éstos tienen actualmente muchos de todas edades, hijos de españoles de la ciudad de la Asunción, y de la Villa de Curuguatí, como también de otras naciones. Las mujeres grandes merecen algun miramiento y cautivan algunas; otras y todos los hombres pasan por los filos de sus lanzas y alfanjes*".

Que, no decorrer do tempo, o roubo de gente se tornou para os Guaicuru uma necessidade sempre crescente, sabemos por um autor posterior, Ricardo Franco de Almeida Serra (38), que escreve: "Fazer a guerra a tôdas as nações vizinhas é um objeto d'alta consideração, e urgentíssimo para o famoso corpo dos uaicurus; sem ela estariam há muitos anos aniquilados, porque os prisioneiros, e compras que fazem a estas flageladas nações, é só quem preenche as suas diárias perdas, e a da estranha prática de não deixarem nascer os filhos; ficando assim o total dos uaicurus um composto de outras muitas nações de índios, formando todos um corpo unido, sempre prontos para cometerem mil estragos sôbre os seus mesmos parentes, e fazê-los cativos. Decompondo-se êste agregado total da famigerada nação uaicuru, poucos dêles ficarem que sejam de uma antiga origem; pois dos 2.600 índios, dependentes de Coimbra, e atualmente domiciliados nos campos contíguos às serras de Albuquerque, tirados os 600 guanás, que vivem como aldeados, e separados dêles, dos 2.000 que restam, 500 ainda são guanás e seus filhos entre os uaicurus

(37) SÁNCHEZ LABRADOR — I, 311.

(38) RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA, l. c.

estabelecidos, ou como antigos e atuais cativeiros no nome, ou por casamentos; montando com pouca diferença a 500 xamicocos os desta nação, há cinco anos adquiridos. Finalmente das 1.000 almas que ainda restam, talvez não cheguem a 200 os que se possam chamar verdadeiros uaicurus; sendo os 800 para completar a soma total um composto de bororós, chiquitos, caiapós, caiuabas, alguns negros, caborés, bastardos e seus filhos e netos, de todos êstes diversos índios misturados entre si pelos repetidos casamentos, que tanto os uaicurus, como tôdas estas nações praticam uns com outros, logo que entram em cada uma das tribos que formam o todo dos uaicurus”.

Parece que na época de Sánchez Labrador (39), os Guaicuru eram ainda muito mais numerosos. Escreve êste autor: “*Hicimos juicio que entre señores y criados completarán el numero de siete ú ocho mil personas*”. Mas já Rodrigues do Prado diz (40): “Apesar de ser esta nação numerosa, e de alguma familiaridade e correspondência que com ela tenho, não pude ainda calcular o seu número, e por isso só direi que não é tão numerosa como se supunha”.

Das duas causas da diminuição do seu número que se depreendem do citado relatório do major Ricardo Franco de Almeida Serra, a saber, “as suas diárias perdas, e a da estranha prática de não deixarem nascer os filhos”, a última foi a decisiva, pelo que podemos julgar, baseando-nos nas notícias daquela época. Lemos em Sánchez Labrador (41): “*Generalmente no crían sino un hijo ó hija. Por esta crueldad no hay muchos chicos en los toldos de los Guaycurús. En todos ellos no conocí sino cuatro casados que, como excepciones de la regla general tenían dos hijos. Los demás ó uno, ó ninguno. La miseria en que viven vagando de un lugar á otro, y la licencia con que sueltan las riendas á su pasión brutal les ha obligado al exterminio de sus mismas prendas*”. E um espírito realista faz o antigo jesuíta acrescentar o seguinte comentário: “*También parece que llenaran la tierra con ruina de los cristianos, si por sus altísimos juicios, Dios no les permitiera semejante infanticidio*”.

Segundo Rodrigues do Prado (42), a mulher retribuía o terno amor que o marido lhe dedicava, com “um desvêlo excessivo em o agradar, tanto que, em se sentindo pejada, mata a criatura no ventre para que durante a criação da prole o não incomode; isto enquanto elas não passam a idade de 30 anos, porque depois se concebem, e felizmente parem, os criam. Dizem que êste costume é entre êles antigo, mas eu penso pelo contrário; pois conhecendo 22 capitães, que terá cada um perto de 40 anos de idade, e sendo todos casados, só um tem uma filha, razão que me faz supor que esta nação vai acabar-se”.

Félix de Azara (43), por fim, escreve das mulheres guaicuru: “*Lo que hay de más singular es que hayan adoptado la costumbre, bárbara y casi increíble, de no criar ninguna más que un hijo o hija y matar*

(39) SÁNCHEZ LABRADOR, II, 31.

(40) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 23.

(41) SÁNCHEZ LABRADOR, II, 31.

(42) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 25, 26.

(43) AZARA, t. c., 66, 67.

todos los demás. Conservan ordinariamente el último de que quedan embarazadas, cuando esperan no tener más, en vista de su edad y el estado de sus fuerzas. Si se equivocan en el cálculo y tienen otro hijo después del que han conservado, matan al último. Algunas se quedan sin hijos porque han calculado mal que tendrían aún otro. Yo me encontraba en medio de muchas de estas mujeres con sus maridos y les hacía severos reproches porque permitían sacrificar a sus propios hijos y exterminar así su nación, puesto que no podían ignorar que un matrimonio formado por marido y mujer no producía así más que un hijo. Me respondieron, sonriendo, que los hombres no se debían mezclar en los asuntos de las mujeres. Me dirigí entonces a las mujeres, hablándoles lo más enérgicamente que me fué posible, y después de mi arenga, que oyeron con escasa atención, una me dijo: "Cuando damos a luz en su tiempo completo, esto nos estropea, nos deforma y nos envejece, y vosotros los hombres no nos queréis en ese estado; además, nada más engorroso para nosotras que criar los niños y llevarlos en nuestras diferentes marchas, en las que con frecuencia nos faltan los víveres; esto es lo que nos ha decidido a provocarnos el aborto en cuanto nos sentimos embarazadas; porque nuestro fruto, siendo entonces más pequeño, sale con más facilidad".

Enquanto que o abôrto ou infanticídio tem como motivos, na opinião de Sánchez Labrador, a vida nômade, e, na opinião de Rodrigues do Prado, o desvêlo da mulher em agradar o espôso, ambas essas razões são justas segundo a explicação ouvida por Azara. Seguramente, porém, a vida errante é fator decisivo, porque o abôrto ou infanticídio como hábito tão arraigado, só existe, em geral, entre povos de costumes nômade, como, por exemplo, na América do Sul entre os Bororo (44) e Chamacoco (45). Entre êstes, ordinariamente, já por causa do transporte e da alimentação irregular, sòmente de três em três anos se pode deixar viver uma criança, que, mesmo assim, não raro é considerada importuna, ao passo que entre lavradores sedentários os filhos são bem-vindos como braços, significando riqueza.

A circunstância de que os Guaicuru nômade, por um lado, matam os próprios filhos, roubando por outro lado crianças forasteiras, é compreensível considerando-se o fato de serem as crianças roubadas, provavelmente em sua maior parte, já de idade a não mais necessitar cuidado especial, não constituindo, por conseguinte, obstáculo nas viagens, e podendo ser empregadas para serviços. E', além disso, indubitável que o roubo de crianças tomou maior vulto sòmente com o desenvolvimento crescente do Estado, aumentando assim a necessidade de ter uma camada servidora a qual, porém, não podia ser formada pela sua própria gente. Lembre-se finalmente que a eliminação da camada senhorial que se dá em tôdas as partes da terra e em todos os tempos, pode realizar-se não só por meio de guerras e revoluções políticas, mas também por diminuição da natalidade, a qual, sem dúvida, nem sempre é involuntária.

(44) H. BALDUS — *Ensaio de Etnologia Brasileira*, série Brasileira 101, São Paulo 1937, 121.

(45) H. BALDUS — *Indianerstudien*, 55.

Se, por um lado, a estratificação foi a causa de que cada vez mais se roubassem crianças, por outro lado foi justamente o roubo de crianças que levou à estratificação e continuou a desenvolvê-la. Seria errado, porém, supor que a diferenciação da organização social dos Guaicuru se tivesse dado somente dessa maneira. Também adultos, especialmente mulheres, foram roubados e incorporados à classe servidora; e sabemos que homens de outras tribos espontaneamente se agregaram como peões aos Guaicuru.

Mas antes de ter o número dos indivíduos de origem estrangeira, incorporados na comunidade, crescido a ponto de tornar-se camada própria, a qual também economicamente teve o seu aspecto especial, distinguindo-se pela lavoura a serviço dos senhores capttores e pastores, — por conseguinte, antes de aparecer a própria estratificação com seus efeitos não somente sociais, mas também econômicos — os Guaicuru do norte já tinham vivido numa espécie de simbiose com os Guaná (Chaná) (46), tribo aruak da qual, mais tarde, provavelmente proveio a camada dos lavradores-escravos, ou da qual, ao menos, ela tomou seu caráter econômico. Esta simbiose continuou ao lado da estratificação e não deve ser considerada, de modo algum, como rudimentos dela. Se bem que às vezes certos Guaná se agregassem espontaneamente aos Guaicuru como peões, este fato não levava os Guaicuru a sobrepor-se como camada social aos Guaná que haviam ficado nas suas aldeias. A precariedade do estado de dependência dos Guaná é provada pelo fato de, mais tarde, com a crescente decadência política dos Guaicuru, afrouxarem eles a simbiose, até por fim abandoná-la completamente. A causa dessa conservação de si mesmo estava, seguramente, na força de sua "personalidade cultural" (47). Provavelmente, seus antepassados tinham outrora estado em contacto quase imediato com a cultura andina, atravessando depois o Chaco boreal (48) onde, como intermediário cultural, desempenharam papel tão importante quanto o desempenhado, desde a costa do norte do continente até o rio Paraguai, por outras tribos aruak que divulgaram, nesse grande caminho, a arte da cerâmica na América do Sul. Sua organização social apresenta uma afirmativa expressa de condições aristocráticas. Lemos em Sánchez Labrador (49): "*Están los Chanás divididos en capitánias. Las principales son las de los caciques que son como régulos de los demás. Las capitánias menores recaen en los parientes de los caciques y así éstos como los capitanes menores procuran continuar la mística nobleza de su sangre casándose entre sí*

(46) Os Guaná, naquele tempo, viviam no Chaco (Sánchez Labrador, I, 267) como vizinhos dos Kaskihá e, freqüentemente, até hoje foram confundidos com esta tribo maskoi, porque ambas as tribos foram chamadas de Guaná, pelos brancos e eram, de certo modo, tributários dos Guaicuru (cf. BALDUS, *Indianerstudien*, 11, 12).

(47) "Na *personalidade cultural* — com referência a um povo — manifesta-se a particularidade de toda a função cultural deste povo". (RICHARD THURNWALD — *Analyse von "Entwicklung" und "Zyklus"*, Mensch en Maatschappij, 9e Jaargang, No. 1 en 2, Groningen, 1933, 11.)

(48) ERLAND NORDENSKIÖLD — *Eine geographische und ethnographische Analyse der materiellen Kultur zweier Indianerstämme in El Gran Chaco*, Göteborg, 1918, 261.

(49) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 26.

los de igual jerarquía por no envilecerse con la plebe. Los caciques y capitanes son respetados y acatados, sin que sirva de impedimento la pobreza igual ó mayor que la de sus vasallos y soldados". Entre os Tereno, tribo aruak chamada pelo mesmo autor (50) de "hermanos de los Chanás", esta aristocracia dos chefes está conservada e respeitada ainda hoje (51).

O missionário descreve, de modo bem claro, a simbiose com as suas vantagens mútuas, considerando os Guaná como criados tributários dos Guaicuru (52): "*Los Eyiguayeguis (Guaicuru do norte) han mantenido buena correspondencia con los Niyololas (Guaná em língua guaicuru). Visítalos cada año, y reciben el pleito homenaje de sus criados. Cuando van á sus poblaciones, se detienen en cada una á lo más tres días; ya por no permitirles más tiempo la falta de pastos para sus caballos, ya por costumbre de muchos años. Lo más particular que hay en este punto es que cada capitán Eyiguayegui toma alojamiento en casa de sus criados, sin que otro Mbayá se hospede en dicha casa. Observan esta práctica con tanta precisión, que, si la capitana Mbayá tiene distintos criados, que los de su marido, se apartan aquellos días y cada uno vive con los suyos sin el menor sentimiento. Los tres días corre por cuenta de los criados mantener á los señores; y de cuanto producen sus sembrados les ministran: cierto que más buscan los Mbayás con qué entretener el hambre, que cosas de mayor monta. La víspera de la partida de los Mbayás les regalan sus criados algún grano para el viaje: un bollo de Nibadana (urucu em língua guaicuru), con que se pintan de encarnado, y alguna manta de algodón, ya blanca, ya listada de varios colores que con primor tejen los Chanás. A los Mbayás plebeyos no se le hacen semejantes presentes, aunque los alimentan los tres días que están en sus pueblos los amigos y conocidos. A los Chanás les está á cuenta la ida de los Eyiguayeguis á sus poblaciones. Carecen de cuchillos, de rescates, y de otras cosillas semejante que suelen tener sus huéspedes. Sucede, pues, que el varón Chaná habla á su señor, y le dice: Yo no tengo cuchillo, mi capitán, etc., y éste, si tiene, se le deja. Así la mujer pide cuentas de vidrio, aguas etc., y la Mbayá reparte con ella, si reserva sus más estimadas bujerías. Lo bueno es que, si no les dan graciosamente lo que piden, procuran compensarse, y cogen furtivamente lo que pueden, sin que el belicoso genio Mbayá dé más indicios de sentimiento que decir en tono moderado: Olequeguigipi Niyolola, son unos ladrones. No pasan á otras demostraciones, quedando los Chanás con lo que cogieron, y retirándose á sus toldos".*

Pode acrescentar-se, aqui, outra passagem do mesmo livro (53), com referência à partida dos hóspedes: "*Ricos y contentos con sus mantas y bollos de Nibadana, salen para volver á sus esteras. En la primera jornada, al parar poco después de mediodía, cada capitán hace alarde de sus riquezas. Después reparte mantas y color á los de su capitania;*

(50) SÁNCHEZ LABRADOR, II, 274.

(51) BALDUS — *Ensaíos*, 70 e seg.

(52) SÁNCHEZ LABRADOR, II, 267, 268.

(53) *ibidem*, II, 23.

pero es tan poco, que ó no les alcanza, ó en tan corta cantidad, que quedan poco menos surtidos que á la ida. Así sus viajes á las tierras de los Niyololas les acarrear gran molestia, y utilidad casi ninguna”.

Sánchez Labrador (54) explica da maneira seguinte como os Guaicuru chegaram a ter esta relação com os Guaná: “*No hemos podido averiguar que los conquistaron por armas, sino por la unión de sus casamientos. Algunos caciques ó capitanes Eyiguayeguis se casaron á su modo con cacicas ó capitanas Guanás. Los vasallos de éstas, muertas ellas, quedaron en un perpetuo feudo á los descendientes de los maridos de sus señoras. Así se conservaron hasta este tiempo. El día de hoy conozco dos capitanes Eyiguayeguis, uno que estuvo casado con capitana Guaná, y viendo yo la repudió; otro que actualmente lo está, y es el famoso Caminigo. La mujer tiene muchos vasallos Echoaladis, que es parcialidad muy numerosa de los Guanás y todos son criados de su marido”.*

A primitiva semelhança na organização social dos Guaicuru e dos Guaná, a saber, o cacicado (posição do chefe) muito pronunciado favoreceu, seguramente, esta relação. Também de outra passagem da mesma obra (55) consta ter existido a obrigação, sempre somente entre determinado cacique Guaicuru e determinados Guaná, o que, indubitavelmente, tem sua causa nos casamentos e na hereditariedade (56) mencionados.

Félix de Azara conta dos Guaná que, espontaneamente, se agregavam aos Guaicuru como peões, abandonando-os, porém, também à vontade. Depois de mencionar que os Guaicuru fazem a guerra a “*todo el género humano*”, continua (57): “*Hacen, no obstante, una excepción con respecto a la nación guaná, con la qual están estrechamente unidos en una gran amistad. En efecto, los mbayás tienen siempre una multitud de guanás que les sirven como esclavos voluntaria e gratuitamente, que cultivan la tierra para ellos y les prestan otros servicios*”. Lemos em outra página do mesmo livro (58): “*En la época de la primera llegada de los españoles los guanás acudían, como hoy, a reunirse en tropas con los mbayás para obedecerlos y servirlos y cultivar sus tierras sin ningún salario. De aquí procede que los mbayás los llamen siempre sus esclavos. Es verdad que se trata de una esclavitud muy dulce, porque el guaná se somete voluntariamente y la deja cuando le parece. Además, sus dueños les dan bien pocas órdenes, no emplean jamás tono imperioso ni obligatorio y reparten todo con los guanás, hasta los placeres carnales, porque los mbayás no son celosos. Yo he visto a un mbayá que tenía frío buscar su manta para envolverse; pero como viera que un guaná su esclavo la había cogido antes que él con el mismo objeto, no se la quitó ni le manifestó siquiera que la deseaba”.*

Esta relação entre os Guaicuru e os Guaná pode ser considerada como uma outra forma de simbiose que, provavelmente, apareceu em consequência da primeira. Supomos que sua causa foi, na maior parte, o

(54) *ibidem*, I, 267.

(55) *ibidem*, II, 299.

(56) cf. BALDUS — *Ensaíos*, 70 e seg.

(57) AZARA, t. c., 63.

(58) *ibidem*, 56.

gênio andejo que em todos os povos separa dos velhos os moços, pelo menos os mais vivos, levando-os ao estrangeiro. Sabemos que os Guaná, mais tarde, também iam, de vez em quando, em pequenas turmas e, sem ser chamados, às terras dos brancos para empregar-se passageiramente.

Somos propensos a supor que foi especialmente essa segunda forma de simbiose que contribuiu muito para a introdução da lavoura entre os Guaicuru e, assim, para que se consolidasse a estratificação.

Rodrigues do Prado (59) fala mais claramente: "A nação Guaicuru se divide em três partes: a primeira é a dos nobres, a que chamam *capitães*, e as mulheres dêstes *donas*, título que também têm as filhas; a outra parte chamam *soldados*, que obedecem de pais a filhos; e a terceira, que é mais considerável, é a dos *cativos*, que assim chamam a todos aquêles que apanham na guerra, e a seus descendentes".

Sánchez Labrador (60) escreve: "*Dos clases de capitanes hay entre estos infieles. En la primera se colocan los que por sangre gozan esta regalía: en la segunda, los que la obtienen por gracia* (61). *A todos nombran Niniotagi, con esta diferencia, que los caciques actuales añaden el sobrenombre CAPITANES GRANDES: á los demás, de CAPITANES CHICOS, ó inferiores. Los capitanes por sangre son en primer lugar el cacique, tronco de los de la parcialidad y señor de los otros: éste es el Niniotagieliodi, ó gran capitán. En segundo lugar los capitanes de sangre son todos los descendientes y parientes del cacique, en cualquiera línea y grado, y en ambos sexos. La sola ejecutoria del parentesco es prueba que los constituye cabeza del partido que los sigue. Llámanlos Ninionigilionigi, capitanes inferiores. Los capitanes de segunda clase son todos aquéllos que en el nacimiento de algún hijo del cacique, recibieron en la cuna el título* (62); *y estos son capitanes menores, y lo explican llamándolos semejantes á capitanes Ninionig-Iguaga. La diferencia entre unos y otros es grande: porque en los de sangre pasa el título y el honor de la capitania á todos sus hijos, varones y hembras, y todos sus descendientes: en los de favor, no se comunica. Es solamente vitalicio del que le recibe, y con su muerte expira. Otra diferencia interviene entre los capitanes de las dos clases, y es que los de primera son cabeza de sus familias y soldados. Por ésto separan habitación de los otros capitanes sus parientes. Es grande la soberbia Guaycurú, para que se subordine á sus iguales en grado de nobleza. Aun cuando concurren todos en un sitio, colocan sus esteras por orden de capitánias. De este modo, sin confusión conservan paz y buena armonía, sin pretender salir de su esfera. Los capitanes de favor, sin embargo del título quedan soldados sujetos á su capitán por naturaleza, y viven como los otros soldados de su toldo".*

Da obra do jesuíta não se pode concluir se êsses "soldados" eram Guaicuru de puro sangue ou provenientes daqueles que foram chamados

(59) RODRIGUES DO PRADO, o. c., 23.

(60) SÁNCHEZ LABRADOR, II, 19, 20.

(61) v. adiante.

(62) v. adiante.

de "criados" por Sánchez Labrador e de "escravos" por Rodrigues do Prado e Azara, por conseguinte da camada formada pelos cativos com sua descendência. O citado relatório de Ricardo Franco de Almeida Serra fala em favor do último, e se bem que se refira a um tempo posterior, esta época não era, porém, bastante remota para excluir a suposição de que, já durante a presença do missionário, os soldados dos Guaicuru incluíssem também gente de origem forasteira, se bem que, provavelmente, ainda em escala menor.

Os Guaicuru consistiam em sub-tribos que, por sua vez, em parte se dividiam em cacicados. Azara (63) escreve: "*Se divide ordinariamente esta nación en una porción de hordas, pero se reducen a cuatro principales*".

Sánchez Labrador (64) fala em duas "parcialidades" da margem ocidental do Paraguai e em quatro da margem oriental. Das últimas, a terceira era dividida em três "cacicatos" e a quarta em dois. Cada cacicado tinha "*su régulo independiente de los otros*" e fronteiras fixas. O mesmo autor (65) explica, além disso: "*Las parcialidades de una y otra orilla hablan el mismo idioma, están emparentadas y tienen unos mismos ritos y costumbres. Por esto todos se llaman Eyiguayeguis y hermanos. Esta hermandad no se afianza en leyes, positiva formadas para el buen gobierno de algún Licurgo. Por este lado bambaleara y diera en tierra su extensión y firmeza. Lo que únicamente puede decirse es que un consentimiento tácito los une y coliga para mirar por su conservación y mutuamente no destruirse. En fuerza del mismo, toman las armas arbitrariamente y se ayudan á hacer á otros la guerra, si conciben, ó que volverán con un rico botín de despojos, y cautivos, ó que así conviene para rebatir la fuerza de su enemigo. Pero en este modo de milicia se nota entre los Guaycurús el mismo desorden que en su economía. No tienen la menor disciplina militar. Las armas que usan saben usarlas á fuerza de ejercicios cada particular en la caza. Si han de emprender alguna expedición contra los que ellos llaman sus enemigos, un día ó dos antes tocan incesantemente un tamborete en el toldo del capitán que alista gente. Los que quieren probar fortuna se le agregan de aventureros; pero á ninguno se obliga á la marcha. El sonido del tamborete hace las veces de convocatoria y como de publicación de la guerra. Salen á ésta, no en compañía arreglada, sino ya uno, ya otro, como les da la gana. Así caminan hasta el sitio que llevan premeditado para el asalto furtivo. En él se juntan, y procuran no ser sentidos. Envían nocturnos espías, y si traen buen aviso, dan al amanecer el avance con la velocidad del rayo y se huyen y retiran con la misma. En todas sus funciones militares no guardan subordinación alguna. Conocen al capitán, más solamente por el nombre. Venzan ó sean vencidos, vuelven desordenados á los toldos: hoy unos mañana otros y de este modo llega antes el que más y mejor huye. En sus irrupciones, sola la gritería puede poner miedo, y el recelo de caer en alguna emboscada*".

(63) AZARA, t. c., 60.

(64) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 255-260.

(65) *ibidem*, 306, 307.

"Mas", continua o jesuíta (66), "*si el enemigo es fuerte y de mucho número de combatientes, se convocan de todos los toldos. En este caso corren los avisos y se pasa reseña en el lugar que determinan. En este, desde el día antes que lleguen los auxiliares tocan el tamborillo, y dura toda la noche su unisonidad desapacible. Cuando llegan, ponen sus toldos como tiendas de campaña, aparte de los otros, y proceden con total independencia. Ellos traen sus capitanes, y no se subordinan á los jefes de otras parcialidades.*"

Azara (67) que em assuntos etnográficos é, frequentemente, menos exato, escreve sòmente: "*Como puede presumirse, no tienen jefe ninguno en la guerra ni en la paz, porque su Gobierno se reduce a asambleas, donde los caciques, los viejos y los indios más prestigiosos arrastran los votos de los otros. En cada expedición se contentan con obtener una sola ventaja. Sin esto no quedaría ya hoy un español en el Paraguay ni un portugués en Cuyabá.*"

Em Rodrigues do Prado (68), porém, lemos: "Quando estão para sair para a guerra, elegem para chefe o capitão mais moço, que está em idade de tomar armas, e os capitães antigos o acompanham como conselheiros. O seu maior ardil é a traição, para o que são destríssimos. No dia da partida, sentado na sua pobre cama, sem as cerimônias que a vaidade inventa em semelhantes atos, espera o adolescente por todos os que o hão de acompanhar; e cada um de per si, segundo a sua graduação, vem render obediência à mãe e à nutriz daquêle que pela primeira vez sai a semelhantes emprêsas. Estas, com voz alta e entoada, e os olhos nadando em lágrimas, começam a repetir as ações famosas de seus antepassados, exortando-o a imitá-los, e antes morrer do que fugir."

Mesmo na localização das habitações se manifesta a posição elevada do chefe. "*Están formados sus toldos en medio círculo algo más abierto hacia las puntas. No hacen calles, porque cada toldo ó división de la tolderia, abierto por los dos alares es calle espaciosa. La forma, casi de medio arco en que los colocan, deja naturalmente como una media plaza, capaz cuando concurren todos los del cacicato*". (69) . . . "*El señor del toldo ocupa el mejor sitio ó la testera con su mujer, hijos y parientes; los criados y gente baja se ponen en el lado opuesto. Si los criados y parentela es numerosa, se sigue otra división ó toldo, en que habita con distinción de lugares. Cuando se juntan todos los vasallos de un cacique, el toldo de éste está como en el centro de los otros, que forman la media luna. Las divisiones están repartidas por capitanías. Es falso lo que dice la Historia del Chaco, que amos y criados vienen á estar promiscuamente revueltos. Ni en sus viajes, en que no viven con ceremonias, permiten esta llaneza. Tampoco es verdad que las divisiones ó toldos en que viven los caciques sean mayores. Todos son iguales en ancho, alto y largo.*" (70).

(66) *ibidem*, 309.

(67) AZARA, t. c., 65.

(68) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 31.

(69) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 270.

(70) *ibidem*, 272, 273.

Corresponde, seguramente, à realidade, o que o missionário (71) escreve: "*No cuelgan los Guaycurús de los mandamientos de su cacique sus voluntades. En algunas cosas le obedecen, y en muchísimas hacen lo que quieren, como si fueran independientes. Es un gobierno todo de condescendencia.*" Mas, provávelmente, teria sido preciso acrescentar, para maior clareza, que aquelas particularidades, nas quais os Guaicuru obedeciam ao cacique, eram as politicamente importantes. Esta suposição baseia-se em nossa experiência entre índios em geral e no que se percebe nas entrelinhas dos relatórios citados. É claro que aquelas particularidades não podiam ser numerosas, considerando-se o desenvolvimento político relativamente diminuto. Em todo caso, porém, a grande autoridade que o chefe tinha entre sua gente depreende-se de uma observação do mesmo autor (72), segundo a qual não era possível fazer morar, por muito tempo, dois chefes na mesma redução, porque os Guai-curu "*no gustan de tener lugar en donde ya hay un cacique*".

O cacicado era transmitido em linha paterna e passava para o irmão, quando não existiam filhos (73).

A grande importância do cacicado hereditário punha-se em relêvo especial por ocasião do nascimento de um filho de chefe. Lemos a êste respeito em Sánchez Labrador (74): "*Concluiremos el asunto de fiestas con la mayor que puede verse en los toldos, pues tiene su octavario. Celébranse solamente en el nacimiento de algún hijo de cacique soberano. Es un compendio de cuantas diversiones es celebran en el círculo del año. En honor del príncipe recién nacido, hombres y mujeres sacan á la plaza cuantas invenciones les dicta su alegre genio y amor desordenado á un niño que ya miran como conservador de su descanso. Pude observar el orden de tan grande solemnidad... Todos los días hubo baile cerca del toldo del niño de mujeres y muchachas como el primer día... Las más exhaustas viejas, armazones de piel y huesos en comprobación de su amor, dan el pecho al niño, como si un cuero requemado fuera capaz de comunicarle cándido vital jugo. Todas se hacen amas de leche del infante, contando en el cálculo de sus dichas haber concurrido á mortificar á su tierno príncipe... El segundo día de las fiestas llegó la miel; pusiéronla á fermentar; y para despertar el cuidado de los guardias tocaban una corneta de sonido tan trágico, y profundo que pudiera desterrarse al abismo. Dura esta música hasta que se acaba la fiesta con la borrachera. La antevispera de ésta reparte gracias el niño príncipe. Para estos favores escogen dos niños de pecho á los cuales cria capitanes. Esto es darle compañeros para la infancia y lo futuro. Es función en que intervienen algunas ceremonias y doncellas mutuos. Primeramente por la tarde, al caer el sol, con grande comitiva, llevan al recién nacido al toldo del niño neocapitán, y que será su amigo. Duermen los dos en aquel toldo toda la noche, como si fueran dos hermanos uterinos. Por la mañana hombres y mujeres se encaminan al toldo en*

(71) *ibidem*, 273.

(72) *ibidem*, 257.

(73) *ibidem*.

(74) *ibidem*, II, 14-18.

que han dormido los dos niños. De una manta de varios colores, cogida por las cuatro puntas, remedan un dosel ó palio. Unos se visten de hojas, otros se pintan; y todos forman una procesión muy ordenada. Veinte ó más de los así vestidos preceden, y después debajo del dosel traen al caciquillo. Cerca de éste baila y canta una vieja, hecha el hazmerreir del concurso. Sigüense otros pintados y enramados, á los cuales va inmediato otro dosel, que defiende del sol al nuevo capitán creado niño. Cierra la comitiva un criado palafrenero que conduce de la rienda un bizarro caballo. Este es el dón que en agradecimiento del favor recibido hace el nuevo capitán á su cacique niño. De este modo llegan al toldo de la parida, en el cual quedan los niños todo el día, y noche siguiente. Ahora empieza la bebetría de los que beben, y ellos llaman Nadagimigipi. Á otro día vuelven á su todo con mucho acompañamiento al niño que recibió el grado de capitán y compañero de su cacique. Este octavario de regocijos se termina cortando el pelo tal cual al niño, y abriéndole los agujeros en las orejas é inferior labio, de donde han de colgar zarcillos y barbote. Después mozos y mozas juegan á las ramas: beben potentemente los hombres y algunas mujeres; retirándoles á casi todos en brazos ajenos á dormir el NUDAGI (bebida)."

Tratando acima da estratificação dos Guaicuru, já citamos o que Sánchez Labrador escreveu sobre a relação entre os "capitanes por sangre" e os "capitanes de favor". Queremos ainda acrescentar, aqui, a seguinte observação do jesuíta (75): "La ceremonia de la creación de capitanes en el nacimiento del príncipe heredero del cacicato excitó la curiosidad para averiguar á fondo los títulos de capitán, de que hacen magnífica ostentación los Eyiguayeguis. En la Reducción pasan de veinte los que se honran con este marcial nombre. Al principio estábamos en que el adquirirían á costa de buen número de pruebas y hazañas, cosa ordinaria en otras naciones de esta América. Mas las proezas no elevan á este grado á los que la sangre ó el favor del recién nacido príncipe desde la cuna no sublima."

Sobre o comportamento do chefe em relação aos "capitanes de sangre" escreve o mesmo autor (76): "El cacique ó capitán grande, observa una política digna de alabarse en repúblicas más cultas que la de los Eyiguayeguis. Cuando se les ofrece algún viaje en el cual le han de acompañar voluntariamente los otros capitanes de su sangre con las familias, tienen la práctica siguiente. Antes de emprender la jornada, les avisa, y se toca á la entrada de sus esteras el tamborilillo. Después, cada día poco despues de amanecer, se juntan los soldados del cacique en su presencia; los capitanes de sangre se quedan en sus toldos con todas sus familias. Propone el cacique á sus soldados la jornada premeditada para aquel día, y se señala el sitio de la parada. Si no ocurre algún embarazo que le obligue á suspender la marcha van luego dos diputados, como mayores de órdenes, á los toldos de los capitanes de sangre que los esperan y oyen sentados en el suelo. Avisanles el acuerdo que el cacique ha tomado en cuanto á caminar, á qué sitio, ó de suspender la

(75) *ibidem*, 19.

(76) *ibidem*, 20, 21.

caminata, añadiendo las causas. Agradecen la dignación de su cacique con su ordinaria cláusula: IGA-DAGA-TIME, como si dijeran: estimamos los buenos términos de nuestro capitán; y añaden: D-INIGI-TA: caminaremos adonde dispone. Esta ceremonia se practica inviolablemente cada día por todo el tiempo que dura el camino. Si la expedición se hace contra enemigos, los consejos de guerra se hacen concurriendo á ellos todos los capitanes."

A aristocracia tinha marcada consciência de sua classe, cujas manifestações o antigo missionário (77) descreve de maneira seguinte: "*No hay paciencia para ver á una capitana Guaycurú, seguida de cuatro ó seis criadas: va al río á lavarse: camina á todas partes, y entre tanta vanidad está más vano el estomago sin probar bocado en casi todo el día. Con cuantos hablan no les conocen sacan á la conversación sus esclavos. Todos y todos gastan este humor fantástico. Aun hay algo más. Llegan un capitán ó su mujer á pedir alguna cosa de comida; verbo y gracia, ó se les ofrecen sin que la pidan. No hay que esperar que el señor ó señora se abatan á inmediatamente recibirla. Llama á algún criado ó criada que la sirva."* — E em Azara (78) lemos: "*... me ha sucedido hacer a un mbayá regalos que no ha querido tomar, y ha ordenado a sus esclavos recibirlos: tan vanos y perezosos son."*

A esta conduta externa correspondia, porém, também uma mentalidade nobre. Pelo menos a moral do "nobreza obriga" não parece ter sido desconhecida, pelo que escreve Sánchez Labrador (79): "*Son pacientísimos de la hambre, especialmente los capitanes. Es punto de sumo defecto de su valor quejarse en este punto."*

O acentuado pundonor e a consciência de si mesmo ressaltam também das seguintes linhas de Azara (80): "*Los mbayás se creen la nación más noble del mundo, la más generosa, la más formal en el cumplimiento de su palabra con toda lealtad y la más valiente. Como su talla, la belleza y elegancia de sus formas, así como sus fuerzas, son bastante superiores a las de los españoles, ellos consideran a la raza europea como muy inferior a la suya."*

A aristocracia distinguiu-se da camada inferior visivelmente pela tatuagem e pintura. Lemos a respeito disso em Sánchez Labrador (81): "*Las mujeres tienen pinturas pasajeras y permanentes. La que son de la plebe se graban desde la frente hasta sobre las cejas con unas rayas negras que en su uniforme desigualdad remedan las plantas de un órgano. Otras añaden grabarse todo el labio inferior hasta la barbilla. Las cacicas y mujeres de capitanes se abren los brazos con el mismo artificio formando muchos cuadrángulos y triángulos desde el hombro hasta la muñeca. Esta es una de las señales indelebles que caracterizan su nobleza. Rarísima de estas señoras permite grabaduras de la cara;*

(77) *ibidem*, 21, 22.

(78) AZARA, t. c., 63.

(79) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 276.

(80) AZARA, t. c., 62.

(81) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 285, 286.

éstas son como la marca de sus inferiores y criadas. . . Muchos pobres criados no merecen el Notique (genipapo), Nibadena (urucu), y menos la harina de la palma Namogoligi, de la cual forman las estrellas. Estos suplen la falta con carbón molido; y se tiñen tan feamente, que parecen ascuas apagadas".

As diferenças na tatuagem entre as "donas" e as "mulheres" são confirmadas, também, por Rodrigues do Prado (82).

Sánchez Labrador (83) indica mais uma diferença, a saber, a diferença entre as faixas para carregar crianças. Escreve: *"Las cacicas y capitanas usan otro traje de pompa cuando tienen criaturas de pecho. Cosen dos varas de alguna tela por las extremidades. Queda un medio saco cortado. Bórdanle de conchitas y cuentas con pulidez y alguna simetría. Si hallan cascabeles los cosen en la orla que cuelga. Sobre la manta se visten ésta como faja ancha, sacando la cabeza y brazo derecho y afianzándola sobre el hombro izquierdo, al modo de banda. Sirve como de cuna portátil en que llevan á los niños, que en ella van abrigados y ennoblecidos. Las mujeres de más baja esfera tienen también este género de bandas, menos costosas, pero bien abrigadas".*

A estratificação aparecia principalmente por ocasião do casamento. Sánchez Labrador (84) escreve: *"No casan con sus hijas á los cautivos, aunque sean españoles, y lo tienen por punto de desdoro manchar su nobleza con la baja condición de sus criados".* E Rodrigues do Prado (85) observa: *"Há porém a circunstância de reputar-se vileza casar com escravo, a ponto de que o filho despreza a mãe que casou com escravo".*

E' verdade que num relato algo mais extenso sobre o casamento Sánchez Labrador (86) faz certas restrições que, porém, se referem, na maior parte, só ao homem. Sob o título *"Libertad en escoger mujer"* escreve: *"No hay estatuto ni costumbre entre los Guaycurús que les obligue á casarse con los de su nación misma. Vése tal cual casado con cautiva, ya española, ya Niyolola (Guaná). Es verdad que regularmente se casan entre sí; y tienen á una especie de desdoro manchar su generosa sangre con la ajena. Sucede con estos bárbaros lo que en otras partes de la América: aunque tengan por vil el tronco, se borra la vileza en las ramas: esto es, aunque la madre ó el padre fuese cautivo, si emparentó con los Eyiguayeguis sus hijos gozan privilegios de tales y pueden casarse con los que ya miran como iguales. Lo que causa extrañeza en una república tan bárbara es que si algún capitán Guaycurú se casa con esclava ó cautiva, ó criada, la infeliz mujer no sale de su esfera, y sirve como criada. No sucede este abatimiento con las que son criadas, si fueron hijas Guaycurús, porque ya están ennoblecidas. . . Aun entre bárbaros se aprecia la antigüedad del linaje, y que desde su manantial corra clara la sangre. Por esto, capitán Guaycurú por lo común se casa*

(82) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 24.

(83) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 282, 283.

(84) *ibidem*, 315.

(85) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 23.

(86) SÁNCHEZ LABRADOR, II, 28, 29.

con capitana, mirando á los que no son de tal estirpe como gente plebeya, nacida para el vasallaje".

Apesar, ou talvez precisamente por causa das mencionadas restrições de casamento, ambos os sexos tinham liberdade sexual. Lemos em Sánchez Labrador (87): "*El adulterio, justamente sentido y castigado de otras infieles naciones, corre impune en la de los Eyiguayeguis. Pasan por cosa de risa los desórdenes lascivos, á excepción de una que otra vez que se toma la venganza el hombre. Esta se reduce á repudiar la delincuente ó á ejecutar alguna acción precipitada, inspirada de celos, no de honor, en quien no le conoce. En algunos cuartos de luna creciente y llena al son de un tamborilillo salen de madre las licencias, y mira el astro más feas sombras en la tierra de los Guaycurús, que las que en él observan los astrónomos. Conocen la deformidad de este delito, pero por lo común no se le aplican penas que le repriman*". — Azara (88) escreve a êste respeito: "*Las mujeres mbayás son, en general, las más incitantes y más complacientes de todas las indias, y sus maridos son poco celosos*". Mas também o divórcio, como o mesmo autor (89) menciona, não encontrou obstáculos, era, porém, raro. Rodrigues do Prado (90) confirma isso da maneira seguinte: "*Casam-se com uma só mulher, e fica ao alvedrio de ambos os consortes poderem separar-se e contrair nova aliança, quando não são contentes um do outro; mas estas separações bem raras vêem: parece que os domina o sentimento de que um vínculo, a que acompanha a inclinação, e que o gôsto faz agradável, deve ser indissolúvel*".

Entre povos monógamos, em geral, a camada aristocrática se distingue das outras camadas também por ter a mulher posição mais elevada em relação ao homem. Encontramos êsse traço também entre os Guai-curu, desde que podemos interpretar como sintomas dessa posição elevada, além das mencionadas liberdades da mulher, ainda as seguintes circunstâncias: 1) O número de filhos era arbitrariamente restrito pela mulher, o que podia contribuir para assegurar sua independência. 2) Por ocasião da primeira menstruação faziam-se "grandes festas" (91), o que representa uma acentuação da importância do sexo feminino. 3) O sogro fazia que o genro e a noiva dormissem a primeira noite junto a êle, sem que tivessem "ajuntamento carnal" (92), costume êsse denominado na etnologia "noite de Tobias" e que, se bem que não indique especial estima social da mulher, dá-lhe importância considerável, seja em relação à economia ou à religião. 4) Era costume "vir o marido para a casa da mulher, e o pai e mãe nunca mais falarem ao genro" (93), instituição designada como matrilocal e que, é verdade, não precisa ser relacionada à sucessão hereditária em linha materna ou a uma primasia da mulher, mas que, freqüentemente, é indício dêsses traços, fazendo aparecer a mu-

(87) *ibidem*, I, 301, 302.

(88) AZARA, t. c., 66.

(89) *ibidem*.

(90) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 25.

(91) *ibidem*.

(92) *ibidem*.

(93) *ibidem*.

lher como substância da família. 5) A filha tinha "de ser herdeira, em igual parte com os irmãos, nos cavalos e cativos que o pai deixar por sua morte" (94), estando por conseguinte, a êste repeito, claramente igualada ao homem. 6) Como já foi mencionado, a mãe e a nutriz do chefe de guerra recebiam homenagens especiais quando êste ia à guerra pela primeira vez, procurando, nesta ocasião, animá-lo por meio de discursos patéticos. 7) As mulheres espancavam-se em duelos sangrentos para, segundo Azara (95), no fim de uma festa que realizavam em homenagem a seus maridos, inflamar o valor dêles pela demonstração da própria coragem ou, como relata Sánchez Labrador (96), para "*tomar por sus manos satisfacción de sus agravios mujeriles*". Conhecemos semelhantes duelos de mulheres também entre duas tribos que tinham ocasionalmente contacto com os Guaicuru, falando, porém, línguas diferentes e distinguindo-se consideravelmente também em outros fenômenos culturais e na aparência física: os Chamacoco (97) e os Bororo (98). Em ambas as tribos a mulher, em geral, não tem posição inferior à do homem. O duelo das mulheres, seja qual fôr seu motivo, parece, em todo caso, manifestar uma pronunciada auto-consciência e certa independência do sexo feminino. 8) Enquanto os homens andavam nus, as mulheres vestiam "*mantas largas de algodón*" (99). O vestido é, na terra dos Guaicuru, uma proteção dificilmente dispensável contra o frio vento sul e as nuvens de mosquitos. Para essas índias, o vestido era, além disso, adorno. De qualquer maneira, era indubitavelmente, um objeto que distinguia o seu sexo, se bem que não indicasse necessariamente posição elevada.

A respeito da divisão do trabalho dos sexos, escreve Rodrigues do Prado (100): "Os homens cuidam na caça e na pesca, em tirar carandás e palmitos, nos cavalos e na guerra: as mulheres fiam algodão, tecem panos e cintas, fazem corda, louça e esteiras. No mister da cozinha são ocupados os dois sexos igualmente."

Sobre a divisão do trabalho entre as camadas, escreve Azara (101) que os escravos dos quais mesmo o Guaicuru mais pobre possuía três ou quatro, buscavam lenha, cozinhavam, construíam as cabanas, cuidavam dos cavalos e cultivavam a terra, enquanto os senhores reservavam para si somente a caça, a pesca e a guerra. As ocupações domésticas dos homens livres já foram mencionadas acima.

Do livro de Sánchez Labrador podemos inferir que as escravas buscavam lenha e água (102), ao passo que as senhoras fiavam e teciam (103).

(94) *ibidem*.

(95) AZARA, t. c., 66.

(96) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 302, 303.

(97) BALDUS — *Indianerstudien*, 62.

(98) BALDUS — *Ensaíos*, 147, 148.

(99) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 280.

(100) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 27.

(101) AZARA, t. c., 63.

(102) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 291.

(103) *ibidem*, 298.

A camada de escravos não consistia somente em índios de diferentes tribos, mas também em cativos brancos (104). Segundo Rodrigues do Prado (105) os Guaicuru tinham nas suas aldeias escravos Guaxi, Guaná, Guató, Caivaba, Bororo, Coroa, Caiapó, Chiquito e Chamacoco. A distribuição numérica de todos estes índios indicada por Ricardo Franco de Almeida Serra já foi citada acima.

Acêrca do tratamento dos escravos escreve Azara (106): "*Es cierto que los mbyás quieren mucho a todos sus esclavos; jamás les mandan de un modo imperioso, nunca les riñen, ni los castigan, ni los venden, aun tratándose de prisioneros de guerra. Se confían a la buena fe del esclavo y se contentan con lo que quiere hacer por sí mismo, y reparten con él lo que tienen, de manera que ningún prisionero de guerra, aunque esclavo, quiere dejarlos, ni tampoco las mujeres españolas que tienen consigo, aunque algunas de ellas fueran ya adultas y hubieran tenido hijos cuando las cogieron. ¡Qué contraste con el trato que los europeos dan a los africanos!*"

Também Rodrigues do Prado (107) escreve que os Guaicuru tratavam seus cativos "com muito amor, sem os obrigar a fazer trabalho algum." E quando uma criança cativa "tem necessidade de leite e não tem mãe, a mulher daquele que apanhou a cria em seus peitos, ainda que seja de idade de mais de 50 anos e nunca tenha criado." (108). E quando morria um escravo, o luto com todos seus ritos tais como mudança de nome e cantos fúnebres era pouco diferente do que se faziam pela morte de um parente (109).

Em resumo podemos dizer: os Guaicuru formavam por meio de estratificação étnica uma sociedade constituída por camadas sociais claramente limitadas e distintas uma da outra, tendo, porém, estabelecido tamanha harmonia entre si, que puderam fundir-se em unidade política e cultural.

II — A CONSERVAÇÃO DO PADRÃO DE COMPORTAMENTO

No ano de 1904, um médico-feiticeiro caduveo contou ao viajante tcheco A. V. Fritch a seguinte história (110): "Em 1872 veio de Assunção o vapor Vila Maria. Ancorou num lugar chamado Ealanokódi, o atual Barranco Branco. Lá estava a aldeia dos Caduveo. Era em fevereiro. Em novembro chegaram outros brancos e com eles Malheiros. Começaram a negociar. Ele (Malheiros) fez um contrato com os Caduveo, pagando 300 mil réis para estabelecer o aldeamento do Nalique. Os ín-

(104) AZARA, t. c., 63.

(105) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 31.

(106) AZARA, t. c., 63.

(107) RODRIGUES DO PRADO — o. c., 23.

(108) ibidem, 30.

(109) ibidem, 29, 30.

(110) cf. LOUKOTKA — *Nouvelle contribution a l'étude de la vie et du langage des Kaduveo*, Journal de la Société des Américanistes, N. S., t. XXV, Paris, 1933, 253-254.

dios aceitaram o trabalho na fazenda. É assim até hoje. Malheiros era um velho português que se estabeleceu entre os Caduveo negociando com cachaça. Durante vinte anos foi *diretor dos índios Caduveios*, obtendo quantidade considerável de terras (mais de duzentas léguas quadradas). Aumentou sempre a sua fazenda. Tomou as terras aos índios.

“Nesse tempo morreu Itakadauana, chamado *Capitão*, chefe muito famoso. Seu filho Capitãozinho era ainda muito jovem. Não podia governar. Por isso, os Caduveo foram chefiados pelo velho Nauvilla que combateu na guerra do Paraguai. Naquele tempo, êle queimou a vila de São Salvador. Capturou muitas pretas e mulheres guarani. Algumas destas vivem ainda entre nós. Êle salvou também Forte Coimbra para os brasileiros. Atacou muitos transportes de abastecimento dos paraguaios. Os paraguaios passaram fome. Abandonaram o forte. Por isso, Nauvilla foi nomeado major da guarda nacional, apesar de ser bugre. Por fim, êle combateu o Malheiros de Barranco Branco. Capitãozinho, o traidor, ficou no Nalique.

“Malheiros tinha quarenta soldados que foram mandados para as matas. Os Caduveo secretamente fabricaram cachaça e foram surpreendidos. Refugiaram-se numa alta plantação de cana de açúcar. Muitas mulheres e crianças foram prêsas ou mortas. Os prisioneiros de guerra foram maltratados. Os soldados adormeceram. Os Caduveo queimaram, por fim, as plantações e a aldeia. Combateram com os soldados. O alambique foi destruído. O gado, as cabras e os pombos foram mortos. As árvores frutíferas foram abatidas. Finalmente, os soldados foram-se embora. Boggiani veio. Tratou com Malheiros e com os Caduveo. Os índios acreditaram em seus discursos e foram trabalhar nas plantações. Isso durou um ano e meio.

“Malheiros infringiu o pacto. Mandou novamente soldados com três canhões. Os índios foram chefiados por um mulato de nome Pedro Benevides de Sousa, caçador de onças. Êle construiu fortificações com árvores de quebracho. Lá ficaram os soldados durante alguns dias. Lá foi morto o chefe Baidjakígui; muitos homens foram feridos; os outros se retiraram.

“Afinal, Malheiros tratou com o coronel Benito Chovier que lhe acudiu com os refugiados do Rio Grande do Sul. Eles tinham fugido da revolução e levado consigo o gado. Compraram fuzis de repetição (sistema Mauser). Mas antes de chegarem à fazenda, foram atacados por Nauvilla e dezoito Caduveo que mataram muitos homens do Rio Grande. Os outros se fecharam nas casas. Os Caduveo os assediaram. Havia lá encerrados cento e vinte gaúchos. Tinham somente facões. Um valente correntino, Miguel Pires, apoderou-se corajosamente de um fuzil Remington. Feriu um Caduveo que estava trepando no telhado. Os outros fugiram para as florestas. Os refugiados do Rio Grande pensavam que havia lá muitas centenas de índios. Nesse momento nasceram grande desconfiança e muito medo nos dois partidos. Os infelizes Caduveo foram perseguidos como caça, de um lugar para outro. Não puderam nem fazer plantações nem construir aldeias.

“Capitãozinho é o traidor. Sustenta Malheiros. Mas, há algum tempo, o filho, que teve duma escrava, se revoltou e fugiu com os outros. Fundou na Serra da Bodoquena uma aldeia fortificada, Tarumã. A água lá era fria. Vários homens se resfriaram. Partiram então para Chuvarado, mais longe nos precipícios das montanhas. Com êle partiram todos os moços. Dois velhos chefes foram deixados por suas famílias no Tigre e no Nalique. O novo chefe é João Apolinário.”

Esta história, abrangendo um pouco mais do que o último quarto do século passado, trata, portanto, duma época separada por cêrca de setenta anos daquela à qual se referiu a parte anterior do presente ensaio. O importante relatório de Ricardo Franco de Almeida Serra, datado em 1803, encerra o período em que Sánchez Labrador, Rodrigues do Prado e Félix de Azara fizeram as citadas observações entre os Guaicuru do norte. Nêle são repetidos e, em parte, mais desenvolvidos os dados apresentados em 1795 por Rodrigues do Prado, o oficial português que, no comando do Forte Coimbra, precedeu àquele inteligente e valeroso lisbonense. No dizer do *Paracer sôbre o aldeamento dos índios Uaicurus* (111), “tudo se opõe a um aldeamento permanente para uma nação errante, inimiga da agricultura, e que vaidosa despreza as fadigas dela, que olham só dignas de cativos”.

Assim, ainda no comêço do século XIX, “os Uaicurus, sempre errantes e com incerta morada, trazem as suas casas nos seus cavalos.” (112) E Almeida Serra (113) resume: “A vaidosa e ridícula soberba com que se consideram uma nação de heróis e de fidalgos; o desprezo pela agricultura; o roubo sôbre as mais nações, que olham como suas cativas, e buscam avidamente pelo interêsse de aumentar com elas o seu número e conservação; a desconfiança, filha dos mesmos abusos, corrupção moral e atrozes princípios por que sempre cautelosos se governam; a dissimulação, o embuste, a inconstância; os seus conhecidos e estranhos costumes: tudo junto forma o fundo, o caráter e as virtudes dêstes homens; que quanto mais conhecem a policia portuguesa, mais a estranham, e se afastam dela; olhando a obediência como uma forçada violência; e como uma afronta da liberdade do homem as cadeias públicas e os castigos; tirando por última consequência que da nossa maldade nasce o castigo, nasce a prisão, o que entre êles é desnecessário, por serem os seus costumes mais inocentes, mais conformes com a natureza, e mais cheios de humanidade, sem coação, sem repugnância, e por uma natural tendência dos seus usos, do que é a tranqüilidade e prova a independência com que viveram. Contudo, há 12 anos que os Uaicurus buscaram a nossa amizade, freqüentando desde então repetidas vêzes êste presídio; até que amedrontados dos espanhóis, se mudaram em fim pelos anos de 1796 para as terras de Albuquerque, em que presentemente existem; e desde o seguinte ano, a fundação de Miranda

(11) RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA — o. c., Revista trimestral de História e Geografia (Revista do Instituto Hist. e Geogr. Brasileiro), tomo XIII, segunda edição, Rio de Janeiro, 1872, 348-349.

(112) *ibidem*, 352.

(113) *ibidem*, 378-379.

se fez no centro da morada dos que se refugiaram e existem naquela parte do rio Mondego. E de tôdas estas tribos que montam a três mil almas não se podem os portugueses queixar, de terem recebido diretamente agravo algum; à exceção de alguma insignificante fraude, nas suas pequenas vendas, e isto mesmo poucas vêzes; antes pelo contrário se pode dizer que êles sofrem e dissimulam algumas insignificantes ofensas da nossa parte."

Mas apesar das relações cada vez mais estreitas com os brancos, os Guaicuru do norte conservaram a independência também em matéria de religião. A êste respeito escreve Almeida Serra (114): "Êles têm claro discernimento: são talvez os índios mais polidos, espertos e nenetran-tes de todo o Brasil. Têm entre si muitos cristãos, como fica dito; muitos dos mesmos Uaicurus são batizados, maior número foram criados entre os espanhóis, com que tiveram e ainda têm familiaridade; o padre Porico viveu entre êles muitos anos, e antes dêle fez o mesmo outro sacerdote espanhol, sem nada conseguirem dos Uaicurus a respeito de religião, apesar de ambos êles batizarem-os ostensivamente."

Também a liberdade da mulher entre êstes índios não foi restrin-gida pelos preceitos cristãos de espanhóis e portugueses, pois observa ainda o mesmo autor (115): "Cada mulher, e principalmente as donas, tem um e dois chichibéus, que sempre andam e dormem mesmo ao seu lado, dos quais os maridos não têm ciúmes, dizendo que é para sua guarda e vigia, sendo algum dêstes chibantes o que ordinariamente casa com ela quando o marido faz o mesmo com outra mulher. Separados êstes casais, e cada um para o seu antigo domicílio, sucede muitas vêzes que tendo ligado no tempo desta separação um e dois casamentos, tornam novamente a se casarem êstes antigos consortes; e quando não casam, sempre ficam afeicionados para se conhecerem cada vez que que-rem. O fim das suas beberronias, em que empregam grande parte do ano, e em que êles e elas tudo fica bêbado, termina sempre em cada qual ir buscar a sua convivência, sem que o homem se lembre da mulher, nem ela do marido, mas sim das suas inclinações, não se negando uns aos outros ao primeiro rôgo nos lugares recônditos que buscam, no mato ou no rio para êstes bacanaes encontros. Quando algum índio quer lograr alguma rapariga casa com ela por oito dias, larga e volta para a mulher antecedente com o consentimento da qual faz êle êste embusteiro contrato, e já se sabe que a mulher se paga com a usura dêste consentimento que deu. O que faz uma série e progressão de igualdade mútua e recí-proca, nas quais êstes indivíduos são comuns, antecedentes e conseqüen-tes, e a que se não acha o máximo têrmo senão incluindo o total desta nação em uma viciosa soma que observa mutuamente tôdas as quanti-dades componentes."

Indubitavelmente, o maior obstáculo para a assimilação dos Guai-curu do Brasil consistiu e continua a consistir na pronunciada autoconsci-ência deste "*Herrenvolk*" que lembra a vários respeitos os alemães e japonêses, tanto os que, vivendo aqui, não se conformam com o padrão

(114) *ibidem*, 362-363.

(115) *ibidem*, 356-357.

de comportamento predominante, como também aquêles que, nos últimos anos, encontraram os seus Chamacoco entre os vizinhos subjogados da Europa e da Ásia.

Das notícias dadas naquele intervalo de cêrca de setenta anos existente entre a data do parecer de Ricardo Franco de Almeida Serra e o comêço da história do Nalique acima reproduzida, convém destacar a seguinte que foi publicada, primeiro, em 1868, por Taunay (116) e se refere ao ano de 1866: "Em dois importantes grupos se distribuem os índios do distrito de Miranda: o guaicuru e o chané. Compreende o primeiro três tribos: a dos guaicurus, pròpriamente dita, que gradualmente vai desaparecendo pelo contato imediato com a gente branca, a dos cadiuéos que, pelo contrário, conserva-se no estado quase selvático, em terras próximas dos rios Paraguai e Nabilek, ainda não bem explorados, e a dos beaquíeos que vive com os cadiuéos. Das outras tribos referidas por Castelnau, nunca ouvi falar. Talvez estejam extintas ou confundidas com as acima citadas".

As atas da Diretoria dos Índios em Cuiabá (117) mencionam em 1848 os seguintes Guaicuru: 850 Cadiuéo (Caduveo) no Paraguai, abaixo de Coimbra; 500 Beaquéo e Cotoguéo, morando os primeiros a leste do Paraguai e ao sul de Miranda, e os últimos em Lalima, seis léguas ao sul de Miranda; 130 Guatiedeo em Albuquerque. Acrescentam: "*Guaycurús Cadiuéos*. Célebres desde os primeiros tempos por causa de sua resistência. Cêrca de 800, em ambas as margens do Paraguai, abaixo de Coimbra. Divididos em várias hordas. Moram em tendas formadas de varas e peles, ou esteiras. Caça, pesca, nenhuma lavoura. Muitos cavalos, algum gado lanígero, porcos, galinhas. Nenhuma indústria. Vivem em guerra contínua com os vizinhos, mantendo relações pacíficas com os brasileiros. São orgulhosos e traiçoeiros; aparecem com trabalhos trançados, e a fim de trocá-los por aguardente, cavalos, etc."

Na lista de 1872 contida nas mesmas atas figuram só os "Cadiuéos" com 850 e os "Beaquéos" com 100 indivíduos, faltando os outros Guaicuru citados em 1848. De 1872 é a seguinte informação: "*Guaycurús* Beaquéos. Cêrca de 100 indivíduos numa aldeia perto de Miranda. Caça, pesca. Milho, pororoca, mandioca, batata doce, cará, abóbora, cana de açúcar. Alguns cavalos, algum gado lanígero, aves e porcos. Raptam mulheres e crianças dos Chamacoco como também dos Enimá do território vizinho da república do Paraguai. Tecem lindos ponchos, rêdes de dormir, faixas de carregar e cintos. São orgulhosos e inclinados para a bebedice e o roubo."

Já Karl von den Steinen (118) manifestou certas dúvidas a respeito da lista de 1872. Nela, o número dos Caduveo é o mesmíssimo da lista de 1848. Sendo isso já bastante suspeito, parece menos veros-

(116) VISCONDE DE TAUNAY — *Entre os nossos índios*, S. Paulo, s. a. (1931), 16.

(117) cf. KARL VON DEN STEINEN — *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894, 548-549.

(118) *ibidem*, 389, nota.

símil ainda terem os Caduveo diminuído dos 850 do ano de 1872 para os cerca de 200 calculados por Boggiani (119) nas conclusões do diário de sua viagem feita em 1892. Estes últimos viviam na "capital" Nalique e em duas outras aldeias, na do Morrinho e na de Etóquiya, como também em algumas fazendas das circunvizinhanças.

Rivasseau (120), no seu livro publicado em 1936, calcula o número da população masculina das duas aldeias então existentes, dos moços até os homens idosos, em menos de uma centena, entre os quais não havia mais de uns sessenta e tantos homens válidos.

O sr. Erich Freundt me comunicou que, segundo as informações recolhidas por êle, as duas aldeias caduveo tinham, em 1939, cem habitantes. A população tinha diminuído, últimamente, não só pela chamada febre amarela silvestre e outras epidemias, mas também pela conservação do tradicional infanticídio ao qual já se referiram os autores antigos acima citados. A própria mãe estrangula o recém-nascido ou lhe quebra o pescoço.

Convém estudar, ainda, o álcool como fator da decadência da tribo. Já Sánchez Labrador (121) descreve as "*borracheras solemnes*", e Almeida Serra (122) fala das "continuadas bebedeiras". Entre os modernos, Boggiani (123) refere-se extensamente e com frequência a elas. Conhecido é o papel da aguardente na corrupção dos índios norte-americanos pelos brancos. A citada história das relações dos Caduveo com Malheiros, interessante contribuição para o estudo das lutas entre índios e brancos no Brasil, parece, apesar de mostrar o ponto-de-vista de só um dos partidos, bastante verossímil no tocante aos representantes da nossa civilização. O "velho português", nomeado para proteger os índios, lhes vende cachaça e lhes toma as terras. Quando êles procuram recuperar a independência, fabricando a própria cachaça, são perseguidos a ferro e fogo. O álcool que, antigamente, fêz funcionar certas particularidades de sua cultura, conservando a etiqueta e animando tendências para o êxtase, razão essa pela qual ficaram bem-vindos os importadores brancos, tornou-se agora o meio de perturbar a mesma cultura. Sujeitou-a, cada vez mais, às influências daqueles "importadores" cujo número cresceu ao redor do número minguante dos Caduveo.

A citada história alude a diferentes fases do processo destas influências, mostrando as reações em gerações sucessivas.

O velho Nauvilla é o conservador, disposto a lutar por aquilo que conhece como sendo bom, isto é, a liberdade da tribo e a posse de suas terras. Luta contra aquilo que conhece como sendo ruim, isto é, a gente de língua espanhola, portuguesa ou guarani que se apresenta como "amigo". Êle está na idade em que, geralmente, não se gosta mais de inovações, amando-se conscientemente o torrão natal.

(119) *I Caduvei* (Mbayá o Guaycurú), Roma, 1895, 243.

(120) EMILIO RIVASSEAU — *A vida dos índios Guaycurús*, São Paulo, 1936.

(121) SÁNCHEZ LABRADOR — o. c., II, 3-5.

(122) ALMEIDA SERRA — o. c., 364.

(123) BOGGLIANI, o. c., passim.

Capitãozinho pertence à geração seguinte. Não tem a experiência de Nauvilla. Acha mais interessante o estranho do que o conhecido. É mais agradável. Com a flexibilidade da juventude dispõe-se à assimilação.

Mas depois dele vem outra geração, isto é, uma mocidade com novas idéias, com idéias contrárias. O filho se revolta. Os jovens o acompanham. Estabelecendo-se na montanha, estabelecem a resistência. Resistir significa conservar-se. Para eles, isso é melhor do que a assimilação.

Muitos povos cuja cultura sobrevive mostraram semelhante série de reações no seu encontro com os brancos: tanto os chamados "povos de alta cultura", por exemplo, os japoneses, como também os chamados "povos naturais", os "selvagens" em diferentes partes do mundo. Primariamente adoravam e imitavam tudo que vinha da Europa, deixando para os velhos o papel do cão rosnador. Mas envelhecendo aqueles pacifistas e cosmopolitas que se entregaram tão facilmente aos supostos amigos forasteiros, a nova geração reanimou o espírito guerreiro, embriagando-se com todos os venenos do nacionalismo.

Para completar a descrição dessa espécie de encontros inter-étnicos, é mister considerar também o outro lado, isto é, as reações dos brancos. A esse respeito, o caso dos Caduveo é igualmente típico.

O italiano Boggiani, que viveu de janeiro a março de 1892 no Nalique, apresenta os habitantes desta aldeia como muito simpáticos e pacíficos. Mesmo quando bêbados queriam obter mais pinga dele à vista dos garrafões cheios que guardava, tentaram seduzi-lo com boas maneiras e toda sorte de agrados, mas, não conseguindo nada, deixaram-no em paz sem más palavras ou piores atos. Sempre se mostraram generosos e hospitaleiros. De seu chefe Capitãozinho escreve Boggiani com grande afeição.

De modo bem diferente, este autor olha, porém, Nauvilla ("Nauwilo" e "Nauvilo" na sua grafia), chamando-o de "*animale*" (124). No diário de sua viagem feita em 1897 escreve mesmo que "*Nauvilo fué quien le sirvió de guía a los soldados emisarios de Malheiros que asaltaron y destruyeron, después de saquearla y en momentos en que casi todos los hombres estaban ausentes, la aldea de Naliche*" (125). Esta frase está em contradição com a referida história que, sete anos depois, foi contada ao explorador tcheco por um médico-feiticeiro de nome Apotxanra e não pelo próprio Nauvilla. Quem terá razão? Ambas as versões refletem a discórdia dentro da tribo, e semelhantes dissensões há ainda hoje. Mas, no tocante à atitude assumida por Nauvilla em relação aos brancos, a narração do médico-feiticeiro parece ser comprovada pelo próprio Boggiani que nas referências a respeito feitas no seu diário de

(124) *ibidem*, 234.

(125) GUIDO BOGGIANI — *Viajes de un artista por la América meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las grandes cacerías de venados, Mato Grosso (Brasil)*, Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, tomo I, Tucumán 1929 (1930), 548, 549.

viagem de 1892 apresenta aquêlê velho Caduveo como perfeito "cão rosnador".

Seja como fôr, a sua distinção entre Capitãozinho e Nauvilla é compreensível. O viajante italiano, filho duma época que acreditava unilateralmente nos benefícios cada vez maiores do chamado "progresso", era bastante etnocêntrico para considerar como felicidade para os "selvagens" o tirá-los do seu estado "bruto" e "levantá-los" ao nível da nossa civilização. E desejando êle sinceramente a felicidade dos índios, tinha de simpatizar com o delicado Capitãozinho e de detestar o intratável Nauvilla.

Hoje, os habitantes do Nalique não são julgados tão amavelmente pelos vizinhos brancos como o foram por Boggiani. São chamados de ladrões e vagabundos, capazes de assassinar o visitante desacompanhado. Vivem, portanto, segundo o padrão de comportamento descrito pelos autores dos séculos XVIII e XIX. Êste padrão tem mitos para sua motivação.

O espírito guerreiro e senhorial é justificado em diversas versões duma lenda que tem como protagonista o caracará, ave da família Falcônidas. Em Almeida Serra (126) lemos o seguinte: "...não é de pasmarmos que os Uaicurus se julguem descendentes da ave de rapina chamada caracará. Esta ave, assistindo à formação que Deus fizera dos brancos, negros e das outras nações de índios, sem que se lembrasse dos Uaicurus, lhe representou esta grande falta, a qual Deus logo quis sumir dando-lhe faculdade para ela os formar. O caracará com esta licença comeu uns peixinhos que fermentados produziram uma ninhada de Uaicurus: outros alteram esta mitologia dizendo que o caracará pusera um ovo; e chocado êle, nasceu um homem. Êste homem desejando propagar-se, e vendo no tronco de uma frondente árvore um buraco, nêle se minou; ato de que brotara logo, qual enxame de abelhas, outro de Uaicuruzinhos; agradado Deus da perfeição da obra, concedeu mais ao caracará que desse por armas às suas criaturas a lança e o porrete para com elas conquistarem as outras nações, e fazê-las suas cativas, pois sôbre tôdas elas lhes dava o domínio e senhorio."

Outra lenda digna de nota é a contada por Nauvilla (127) e na qual Onoenrodite, um herói mítico, tinha um viveiro com muitos peixes. Os Caduveo roubavam dêle todos os dias. Quando Onoenrodite os apanhou, disse: Roubastes os peixes do meu viveiro; por isso roubareis durante tôda a vossa vida e tirareis da guerra e do roubo o vosso sustento. — "Ê por isso que os Caduveo roubam."

A mentalidade de nômades sobrevive também na aversão contra trabalhos de lavoura e no entusiasmo pela caça e pesca. Com winchester de calibre 44, os Caduveo matam o gado dos fazendeiros, e êstes respondem os tiros quando podem. No serviço dos brancos, os homens se negam a trabalhar como os vizinhos Tereno, isto é, amanhando a terra.

(126) ALMEIDA SERRA — o. c., 359-360.

(127) LOUKOTKA — o. c., 260.

Empregam-se como lenhadores e vaqueiros, não tendo, porém, em geral, a perseverança para ficar muito tempo com a mesma ocupação. A mulher se dedica somente aos afazeres do próprio lar, não trabalhando para gente estranha.

Boggiani, no diário de sua viagem de 1892, se refere ainda a aspectos culturais que parecem mostrar certa igualdade entre os sexos e já foram mencionados pelos autores antigos. Assim, tanto as mulheres como os homens praticam o pugilato (128) e tomam parte ativa nas bebedeiras (129). Não sei si houve, depois das visitas do explorador italiano, mudanças a respeito.

O que em 1892 ainda existia, era a severa distinção entre os Caduveo livres e os seus escravos Chamacoco. Nas festas, as damas andavam seguidas das suas escravas (130). O servo não era admitido à alegria da embriaguez; tinha de ajudar ao senhor bêbado e, se este não podia mais caminhar, levá-lo e levá-lo para casa (131). Ainda hoje há escravos Chamacoco entre os Caduveo. Mas enquanto antigamente eram apresados nas contínuas correrias, são modernamente comprados com artigos que os próprios Caduveo adquirem dos brancos em troca de couros de veado (132).

Taunay (133), referindo-se à invasão de Mato-Grosso pelas tropas de Lopez, escreve: "A 8 de janeiro de 1865, não havia em Miranda mais um só habitante. Ficava o seu enorme depósito de artigos bélicos entregue ao saque dos índios, antes de cair em poder dos paraguaios, como fatalmente dentro em breve aconteceria. Trataram terenas, laianos, guanás, kinikinaus, guaicurus, cadiuêos, beaquiêos de se proverem de excelentes espingardas e clavinas e de quanta pólvora e bala puderam angariar; munição de que dispuseram em abundância durante todo o tempo da ocupação do distrito."

Em 1897 escreve Boggiani (134) em seu diário: "*Una verdadera fortuna etnográfica fué hoy la compra de un hermosísimo arco caduveo auténtico, bien conservado, y de una flecha de igual procedencia. Estos objetos son hoy rarísimos. Las armas europeas han destruído a las indígenas.*"

Como acima foi mencionado, os Caduveo usam hoje winchester de calibre 44, arma de repetição que goza da melhor fama entre todos os valentões de Mato-Grosso.

(128) BOGGIANI — *Caduvei*, 147, 177; AZARA, t. c., 66; SÁNCHEZ LABRADOR, I, 302, 303; RODRIGUES DO PRADO, o. c..

(129) BOGGIANI — o. c., 198; SÁNCHEZ LABRADOR, II, 5; ALMEIDA SERRA, o. c., 356.

(130) BOGGIANI — o. c., 175.

(131) *ibidem*, 176.

(132) cf. THEODOR KOCH (GRÜNBERG) — *Die Guaikurüstämme*, Globus, t. LXXXI, Braunschweig, 1902, 44.

(133) VISCONDE DE TAUNAY — o. c., 33.

(134) BOGGIANI — *Viajes etc.*, 533.

A indumentária antiga desapareceu e os Caduveo hodiernos se vestem como os vizinhos brancos (cf. as figuras I, II, III da presente edição). O costume de tatuar-se, ainda em 1860 observado por Moutinho (135), não existia mais no fim do século passado (136). A arte de pintar o rosto e o corpo cuja perfeição e admirável riqueza em formas foram reproduzidas por Boggiani (137), está decaindo, segundo as figuras I e II.

Por outro lado, ainda em 1940 encontrou o sr. Erich Freundt moças da aldeia reconstruída do Nalique que, como vemos na primeira daquelas figuras, tinham dentes afiados. Taunay (138), referindo-se às tribos do distrito de Miranda observadas por ele em 1866, escreve: "É geral, a todos os índios, aguçarem os dentes em finas pontas." Depois dêle, vários autores (139) notaram o costume dos Caduveo de apontar os incisivos superiores, e eu o encontrei, na Baía Negra, no ano de 1923, entre alguns Chamacoco da geração mais velha (140). Koch-Grünberg (141) menciona a respeito que o viu também entre muitos negros e gente de côr de Mato-Grosso. Os Guajajara do Maranhão limam os incisivos e caninos (142), achando Métraux (143) que tomaram êsse costume, provavelmente, imitando os negros. A influência dêstes últimos sôbre os seus vizinhos Guajajara foi assinalada, ainda recentemente, por Wagley (144). Se bem que semelhante influência de origem africana não parece possível nas mutilações dentárias estudadas por Dembo (145), ela é provável entre os Caduveo. Como acima citado, já Almeida Serra (146) fala em 1803 do convívio dêstes índios com negros e caborés. É verdade que não menciona dentes aguçados. Mas isso só pode sugerir a suposição de tal costume ter sido introduzido posteriormente, pois é difícil acreditar que observador minucioso como o ilustre português tivesse deixado de notar aspecto tão curioso. Aquela suposição é corroborada pelo fato de os autores setecentistas também não mencionarem o costume em questão, fato êsse que, indubitavelmente, reforça a hipótese da influência afro-negra.

(135) JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO — *Notícia sôbre a província de Mato-Grosso*, S. Paulo, 1869, 197.

(136) cf. KOCH (GRÜNBERG) — o. c., 39, 40.

(137) BOGGIANI — *I Caduvei*, figuras b, 7, 28, 43, 52, 63, 69, 71, 78, 81, 90, 94, 98, 99.

(138) VISCONDE DE TAUNAY, o. c., 19.

(139) JUAN DE COMINGES, cit. apud BALDUS — *Indianerstudien*, 29; ROHDE e BOGGIANI, cit. apud KOCH (GRÜNBERG), o. c., 7.

(140) BALDUS — *Indianerstudien*, 29.

(141) KOCH (GRÜNBERG), o. c., 7.

(142) S. FRÓES ABREU — *Na terra das palmeiras*, Rio de Janeiro, 1931, 210.

(143) A. MÉTRAUX — *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, Paris, 1928, 198.

(144) CHARLES WAGLEY — *Notas sôbre aculturação entre os Guajajara*, Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia n. 2, Rio de Janeiro 1943, 10.

(145) ADOLFO DEMBO — *La técnica de las mutilaciones dentarias en la América precolombiana*, Revista Geográfica Americana, t. VIII, Buenos Aires, 1937, 195-202; *Sobre un cráneo de la Patagonia con mutilación dentaria*, Gaea, t. V, Buenos Aires, 1937, 345-347.

(146) ALMEIDA SERRA — o. c., 202.

Apesar de as mulheres caduveo continuarem a limar os dentes e usar brincos de prata cujo fabrico já foi descrito por Sánchez Labrador (147), o contacto com os brancos influenciou essencialmente a cultura material. A extensa miscegenação com representantes da nossa civilização (brancos, mestiços, mulatos e negros) favoreceu, sem dúvida, as mudanças na indumentária e no armamento. Por outro lado, este cruzamento contribuiu, talvez, para conservar o padrão de comportamento tribal, conservação essa para a qual as armas de fogo têm hoje tanta importância como antigamente os cavalos. Em todo caso, o alegre cruzamento dos Caduveo com gente de diversas cores refuta o dogma de certos pajés europeus segundo o qual a "pureza da raça" é indispensável para conservar o padrão de comportamento de um "povo senhorial" (*Herrenvolk*).

HERBERT BALDUS

(147) SÁNCHEZ LABRADOR, I, 295, 296.



FIG. A

PREFÁCIO

Os Caduveo foram ordinariamente compreendidos entre as tribos Mbayá ou Guaicuru e assinalados com um ou outro dêstes nomes, ou com ambos indistintamente. A literatura etnográfica que lhes diz respeito é relativamente abundante, mas nosso conhecimento dêsses índios é muito inferior ao número dos trabalhos que dêles tratam.

Recordados desde os tempos dos primeiros conquistadores espanhóis que empreenderam contra êles expedições de guerra, pelos repetidos ataques contra os colonos europeus, tornaram-se temidos no Paraguai e em Mato-Grosso, e adquiriram um lugar importante na história dessas regiões. Os portugueses do Brasil, lá para o fim do século passado, tendo estreitado com êles relações de amizade e querendo reduzi-los à vida sedentária em aldeias sob o seu próprio domínio, fizeram notáveis pesquisas a respeito do seu caráter moral e intelectual e dos seus hábitos. Os resultados destas indagações, conservadas principalmente nos relatos do geógrafo brasileiro Ricardo Franco de Almeida Serra e em u'a monografia de Francisco Rodrigues do Prado, são as fontes a que se ativeram de preferência, sinão exclusivamente, quase todos os escritores posteriores. Os missionários jesuítas que no primeiro trintênio do século XVII e na segunda metade do século XVIII viveram entre esta tribo, fazendo inúteis esforços para convertê-la ao Cristianismo, estudaram-lhe a língua, da qual Gilij e Hervás publicaram um breve vocabulário, enquanto o padre Lozano pintou um dos quadros mais interessantes sôbre o modo de vida dos antigos Guaicuru. Azara, por outro lado, que, segundo parece, no último vintênio do século passado teve longas e íntimas relações com os Mbayá, recolheu e publicou pormenorizadas notícias a respeito dêles. No corrente século, enfim, o naturalista Rengger (anos 1818-26), Castelnau (1843-47), Page (1853-56), Cominges (1879), Rohde (1883-84), etc. que observaram durante as suas viagens êsses índios, ou visitaram os seus pousos, descreveram e ilustraram a sua história mais recente e representaram suas condições sociais, usos e costumes nessa última fase da sua civilização.

Mau grado, porém, tantas publicações, a etnografia dos Guaicuru, dos Mbayá e das hordas que dêles fazem parte é ainda obscura e apresenta muitas lacunas. Os historiadores enumeraram acuradamente os ataques e as correrias por êles empreendidas contra os estabelecimentos europeus, descrevendo e ilustrando, com grande luxo de pormenores, as ruínas e devastações que deixaram por trás de si, mas não sentiram nem mesmo a curiosidade de certificar-se de que nomes tinham êsses indígenas de que referiam as proezas, ou se pertenciam a uma só ou a várias populações. Os empreendimentos de tribos etnicamente diferentes foram com freqüência confundidos juntos, às vêzes sem nenhum cuidado para com a cronologia. Em tais condições era exigir demasiado que êsses escritores ilustrassem a vida íntima dos índios a que dedicaram tantas páginas dos seus livros e lhes descrevessem os caracteres morais e a organização social e política, a que se deve certamente atribuir os seus êxitos na guerra.

Os relatos etnográficos do século passado e do princípio do presente têm a vantagem de terem sido escritos sobre informações de pessoas que viveram em longo contacto com os indígenas, ainda pouco modificados pela influência européia e que, por necessidade de officio, tiveram de observar os seus costumes e estudar-lhes a língua; mas os missionários, que nos deixaram um material lingüístico precioso, deram-nos, relativamente, poucas informações sobre o modo de vida dos índios, enquanto que os escritores portugueses que habitaram no alto Paraguai, na maioria comandantes militares e oficiais públicos, não se apresentam sempre imparciais e equânimes nas suas narrações e denotam, algumas vêzes, estar influenciados pelas relações, boas ou más, que tiveram com os indígenas. Os defeitos dêsses trabalhos, redigidos sem escopos científicos numa época em que ainda não se pensava na ciência etnográfica, têm sido muito exagerados: é certo, porém, que contêm a miúdo notícias vagas e incompletas, recolhidas sem método e às vêzes sem crítica. A diversidade de lugar e de tempo, além disso, não bastam sempre para explicar as freqüentes diferenças observadas nas informações dos vários autores. Todavia êstes velhos relatos devem ser enumerados entre as fontes mais importantes da etnografia do alto Paraguai, especialmente pelas particularidades numerosas que contêm, pela sinceridade e ingenuidade com que são redigidos e pelos característicos de veracidade que apresentam as narrações devidas a exploradores e missionários sem pretensões científicas, os quais haviam tido, realmente, ocasião de observar e estudar a fundo a vida indígena.

Azara, que durante a sua longa permanência na região do Prata, uniu à observação direta dos índios e ao estudo da fauna e da flora um zelo infatigável pela procura dos documentos históricos, deu-nos a descrição até agora mais completa e interessante dos indígenas e do país juntamente com a sua história. Mas embora os resultados das suas indagações constituam um dos tratados mais valiosos de etnografia descritiva do Novo Mundo, especialmente se se levar em conta a época em que foi escrito, todavia não corresponde completamente às exigências da ciência moderna, sobretudo pela insuficiente ilustração das artes e das

indústrias, pelos preconceitos do autor sôbre organização social e idéias religiosas dos nativos, pela falta absoluta de material lingüístico e pela conseqüente incompleta classificação das tribos índias.

Os viajantes mais recentes, pela sua educação científica e pela sua imparcialidade, apresentavam, sem dúvida, condições mais favoráveis para um estudo etnográfico em tôrno dos indígenas, mas observaram-nos apenas de passagem, ou fizeram breves visitas às estações que se achavam em mais estreitas relações com os brasileiros e paraguaios: reconheceram, portanto, diretamente pouco material para trazer à luz as características da sua civilização; e para ulteriores informações foi preciso recorrer a fontes mais antigas, dando preferência a um ou outro escritor.

Finalmente as pesquisas em tôrno dos Mbayá e Guaicuru encontraram ainda outra dificuldade: às notícias relativas a êstes indígenas, mesclaram-se outras que, evidentemente, se referem a tribos diversas, às quais, por uma estranha confusão, foram aplicados os mesmos nomes, não sendo sempre fácil distinguir-se com segurança quais as informações que devem ser aceitas e quais as rejeitadas. Por tais motivos, embora os Guaicuru e os Mbayá tenham muitas vêzes chamado a atenção dos estudiosos das populações americanas, e embora os seus nomes figurem em quase todos os tratados gerais de etnografia, produzindo a ilusão de que estejam entre as tribos mais bem conhecidas, estamos, todavia, bem longe de possuímos dêles dados etnográficos e históricos precisos, uniformes e completos.

Sendo tal o estado de coisas, é fácil de compreender a importância dêste livro de Boggiani, que se propõe ilustrar os Caduveo e a região por êles habitada, completando e esclarecendo algumas notícias vagas ou incertas, revelando-nos novos elementos de estudo, que, até agora quase ignorados, lançam muita luz sôbre a etnografia dêstes índios e contribuirão, sem dúvida, para estabelecer quais sejam ou foram as suas relações com as demais populações do alto Paraguai e com as de outras regiões mais ou menos longínquas da América meridional.

Boggiani viveu por três anos e meio no alto Paraguai, atravessando, com finalidades comerciais, ora um território, ora outro, com freqüentes viagens durante as quais sempre procurou entrar em relações de amizade com os indígenas e ganhar-lhes a confiança para estar em condições de lhes estudar as características, os costumes e a linguagem, e determinar as relações étnicas que existiam entre as várias tribos daquela ampla região. Os resultados das suas explorações já são em parte conhecidos por u'a monografia muito estimável que êle publicou a respeito dos Chamacoco, tribo do Chaco até agora pouco conhecida, e pela coleção etnográfica por êle formada, ora existente no Museu pre-histórico de Roma, a que compreende mais de dois mil objetos dos Chamacoco, dos Mbayá, dos Guaná, dos Angaité, dos Sanapá e dos Caingua, de singular valor quer pelo gôsto verdadeiramente artístico e pelos critérios científicos com que as séries foram compostas, quer pela precisão e largueza das indicações ligadas a cada objeto, de modo que, além de proveniência e o uso se possa conhecer a técnica de trabalho, a distribuição geográfica e as relações de semelhança e de diferença com objetos análogos de outras tribos.

Boggiani visitou os Caduveo no seu centro principal, em Nalique, onde permaneceu por dois meses e meio com os índios, dormindo nas suas cabanas, comendo com eles e tomando parte nos seus divertimentos, nos seus jogos e nas suas festas. Durante êsse tempo êle foi, dia a dia, acuradamente anotando quanto ouvia e observava que pudesse interessar à geografia e à etnografia. Tais notas constituem o conteúdo principal do presente livro, que não é, portanto, u'a monografia completa e sistemática a respeito dos Caduveo e da região por eles habitada, mas representa exclusivamente as impressões produzidas sôbre a alma e a mente do autor pelos indígenas dos países visitados.

O fundo do livro é a descrição da região explorada, que beira o rio Nabileque e se estende a S-E., através do curso superior do Aquidabã até o Rio Branco. A importância geográfica desta parte do trabalho é revelada à evidência não só por estar indicado este território com um espaço em branco nas cartas geográficas mais reputadas, mas ainda por aquilo que referia sôbre isso, em 1889, o viajante De Bourgade La Dardye: (1)

“De acôrdo com as informações, escreve êle, que me foram fornecidas por um habitante de Corumbá e que eu só transmito debaixo de tôdas as reservas, *o Nabileque não seria um riacho, mas um braço do Paraguai que teria sua bóca superior um pouco acima da fortaleza de Coimbra*”.

Boggiani determina com cuidado o curso do Nabileque e as características geográficas da região através da qual corre. Além disso ilustra a paisagem, representando-a não só no seu conjunto, mas descrevendo ainda especialmente os elementos que a compõem, a fauna e a flora, com uma viveza de côres e uma precisão como apenas um artista pode realizar. As vantagens que os indígenas sabem tirar da natureza do território em que habitam, e das plantas e animais que nêle vivem, são diligentemente postos em relêvo e ao mesmo tempo são indicadas que utilidades poderiam ser obtidas no comércio com as populações civis.

O relato etnográfico, a meu ver, tem um valor singular, especialmente por duas circunstâncias: em primeiro lugar os Caduveo foram observados por Boggiani no seu centro, longe das estações brasileiras e paraguaias, nas quais a presença dos brancos impõe aos indígenas precauções e restrições no comportamento e na conduta: por outro lado foram estudados sem prevenções e segundas intenções, com o só objetivo de conhecer a verdade. Boggiani, com efeito, limita-se a dar-nos a pintura física e moral das pessoas com quem estêve em contacto e a narrar os acontecimentos a que assistiu. É muito parco em juízo e evita até resumir as suas observações, deixando que o leitor por si mesmo coordene os fatos e tire as consequências que dêle derivam para o estudo das condições morais e intelectuais e dos costumes da população. É certo, porém, que desta descrição dos homens e coisas, feita com verdadeira habilidade, se adquire dos Mbayá e do seu modo de vida um conhecimento mais completo que de qualquer outra exposição sistemática.

(1) De BOURGADE LA DARDYE E. — *Le Paraguay*, Paris, 1889, pags. 66-7. (N. do Pefaciador).

Boggiani narra a vida de todo dia dos índios, fazendo-nos conhecer de preferência a estrutura e a disposição interna das suas casas, as plantações, os produtos da sua indústria e a técnica de fabrico; descreve o modo de se vestir e de adornar dos indígenas, os ornatos pessoais, os desenhos com que pintam o corpo, os jogos, as danças, etc. Não descuida, porém, de quanto observa que possa interessar: a sua organização social, as relações entre patrões e escravos, o cerimonial, as idéias animísticas, os processos mágicos para cura das doenças, etc. Na coleção etnográfica, formada com amor inteligente e sagacidade, recolheu os documentos que devem servir para ilustrar e completar o quadro que pinta e a dar destaque às tintas.

Pelo longo contacto com a civilização européia não só se modificaram os hábitos sociais e os costumes dos Caduveo, mas os ornamentos originais, os utensílios e os instrumentos de trabalho desapareceram quase inteiramente e foram substituídos por produtos europeus ou por processos técnicos novos de trabalho.

Boggiani com olho de artista e habilidade adquirida nas longas relações com os indígenas do Chaco, fez busca para a sua colheita dos poucos objetos, a miúdo únicos, ainda restantes do bom tempo antigo, só aceitando os novos produtos trabalhos no país quando eles, pelas modificações nas formas, pela técnica com que se fabricam e mais frequentemente ainda pelos ornatos, pudessem contribuir para o conhecimento dos caracteres da civilização indígena.

E' de deplorar que Boggiani não tenha podido aprofundar alguns argumentos da máxima importância como teria desejado, e que permanecem ignorados o valor e o significado de alguns fatos e objetos por êle assinalados pela primeira vez. Por exemplo, êle menciona insígnias de famílias que consistem o mais das vezes em figuras humanas ou de animais estilizadas e que todavia recordam vivamente o *totem* tão comum na América setentrional, na Austrália e em outras partes do mundo (2), dos quais foram ainda achados traços na América meridional por Im Thurn entre os Arauak da Guiana e por Ehrenreich entre os Carajá do Araguaia (3). Estes *totem* por um lado lançam muita luz sobre a vida social dos índios em quanto se refere à organização de grupos mais ou menos grandes de parentes, ao passo que por outro lado contribuem admiravelmente para fazer conhecer a história e o significado de certas formas conservadas ordinariamente com objetivo ornamental, pois que insígnias semelhantes são quase sempre representações convencionais de animais e outros objetos naturais, ou, outras vezes, estes se acham indicados com simples combinações de figuras geomé-

(2) MORGAN L. H. — *Ancient Society*, Londres, 1877; FISON e HOWITT, *Kamilaroi and Kurnai*, Melbourne, 18808. Cfr. para outras notícias a respeito dos indígenas da Austrália os trabalhos de Fison e Howitt no *Journ. Anthr. Inst.* vol. XII, pág. 496 e segs.; vol. XIV, pág. 142 e segs.; vol. XVIII, pág. 31 e segs. *Ann. Rep. Smiths. Inst.*, 1883, pág. 797 e segs. (N. do P.).

(3) IM THURN — *Among the Indians of Guyana*, Londres, 1883, pags. 175-84; EHRENREICH P. — *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*, nas *Veröffentlichungen aus d. k. Museum für Völkerkunde*, pags. 28-31. (N. do P.).

tricas (4). Outra observação de Boggiani a respeito do transporte das insígnias do marido para a casa da esposa durante as festas nupciais tem provavelmente relação com o costume dos Mbayá já conhecido, segundo o qual os maridos depois do matrimônio devem ir viver na casa da mulher. Este hábito, existente entre muitíssimas populações de várias partes do mundo, e na América meridional já observado entre os Caraíbas das Antilhas e os índios do Orinoco e da Guiana, prende-se estreitamente com a ordenação materna da família, da qual Ehrenreich encontrou claros sinais entre os Carajá e von den Steinen entre os indígenas do Xingu e entre os Bororo que vivem entre o Paraguai superior e as nascentes do Araguaia (5).

A coleção de Boggiani abrange algumas figuras antropomórficas de madeira dos Caduveo, grosseiramente esculpidas, das quais, além da bela ilustração, se acha no livro apenas um esboço, pelo que se fica em dúvida se são brinquedos de crianças, ídolos ou representações dos Santos de que levam o nome e que os indígenas aprenderam a conhecer talvez pelas relações com os estabelecimentos portugueses e paraguaios mais que pela influência das missões. O A. não pôde nem mesmo apurar as características e o significado das danças mascaradas, já assinaladas pelo viajante Rohde quanto aos Tereno que são uma tribo da população Mbayá (6): as mesmas têm uma certa importância para a etnografia da América Meridional, como demonstraram amplamente (7) os estudos e observações de Bates, Marcoy, Stradelli, von den Steinen, Ehrenreich, etc. Boggiani em compensação descreveu bastante extensamente as danças e os jogos, e de modo especial o jogo da bola, pelo A. observado também entre os Chamacoco do Chaco (8), e sobre o qual já no fim do século passado foram publicadas notícias particularizadas por Gilij, que, com auxílio dos relatos dos Missionários, examinou a sua distribuição geográfica na América meridional e especialmente à margem do Orinoco e nas missões dos Moxos e Chiquitos, nos quais era costume (9). Este jogo representa um dos pontos importantes de encontro

(4) EHRENREICH (pag. 31) observou junto aos túmulos dos Carajá alguns paus nos quais os *totem* estavam gravados ou eram representados por um mosaico de plumas. Sobre um destes paus algumas figuras à guisa de cruzes indicavam os iguanes. (N. do P.).

(5) IM THURN, págs. 221-22: VON DEN STEINEN, *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasilien*, 1894, págs. 331, 500-2; EHRENREICH, pag. 27: *Post, Studien zur Entwicklungsgeschichte des Familienrechts*, Oldemburgo e Lipsia, 1890, págs. 87-90. (N. do P.).

(6) Segundo pesquisas posteriores, realizadas por BOGGIANI, BACH, BALDUS e LOUKOTKA, os Tereno pertencem à família lingüística aruak (Nota de H. B.).

(7) *Zeitschr. d. Gesellsch. f. Erdkunde zu Berlin*, vol. XX, págs. 407-8 *Boll. della Soc. geogr. ital.*, ser. II, vol. IX, págs. 885-87, vol. X, págs. 201-4; ser. III, vol. III, págs. 452, 659-89, 798-835; BATES — *The Naturalist on the River Amazons*, seg. ed., Londres, 1864, págs. 450-3; MARCOY — *Voyage à travers l'Amérique du Sud*, Paris, 1869, vol. II, págs. 285-87; EHRENREICH, págs. 34-8; VON DEN STEINEN, págs. 296-324 (N. do P.).

(8) *Atti della Soc. romana per l'antr.*, vol. II, pag. 61 (N. do P.).

(9) GILIJ — *Saggio di storia americana*, Roma, 1780-84, vol. II, págs. 268-72, 386-87; vol. III, págs. 394-400. (N. do P.).

com as tribos da América setentrional, entre muitas das quais êle, constituindo quase uma instituição social, é o tema de numerosas tradições, precedido e acompanhado de cerimônias especiais, de ritos magicos, de exorcismos, de rezas e de danças, e regulado por normas severísimas (10).

Boggiani, ademais, ilustrou pela primeira vez um grande número de marcas de propriedade, sôbre que se tinham até agora vagas notícias, oferecendo destarte ao estudioso um material necessário para conhecer os caracteres e as origens dêsses sinais e para compará-los com as marcas semelhantes que com a mesma finalidade se usam entre uma grande parte das populações do mundo (11).

Alguns produtos, isto é os estofos e as cerâmicas, chamaram especialmente a atenção do A., que lhes observou cuidadosamente as características e o modo de fabricação.

O sistema que empregam os Caduveo para fabricar os seus vasos de argila descrito admiravelmente por Gilij quanto aos indígenas do Orinoco, encontra-se nas várias regiões da América meridional, entre os índios da Guiana, do Araguaia, do Nappo, do Ucayáli etc. (12). As formas variadíssimas destas louças de barro regulares, elegantes e apropriadas para o uso a que são destinadas, representam por vêzes tipos comuns às tribos do Brasil e da Guiana; mas algumas vasilhas são singularíssimas e características dos Caduveo, como aquelas quadrangulares ou em forma de barquinha com a extremidade revirada, e as outras que imitam valvas de conchas, ou são à guisa de voláteis, galos, patos, etc. A particularidade, porém, pela qual a cerâmica dos Mbayá se distingue de modo especial dos produtos semelhantes duma grande parte das populações daquele país, consiste no estilo das decorações, realizadas com contas, com côres, ou impressas com cordéis. Dêste último método de ornamentação não sei que tenham sido achados exemplos em outras partes da América meridional.

Até agora se tinha um conhecimento muito incompleto de tais louças de barro pelas breves notícias referidas pelo Rohde a respeito dos produtos dos Tereno, idênticos àqueles dos Caduveo (13). Devemos, portanto, ser gratos a Boggiani que não só descreve a técnica com que

(10) *American Anthropologist*, vol. III, págs. 105-36 (N. do P.).

(11) ANDREE — *Ethnographische Parallelen und Vergleiche*, Lipsia, 1889, págs. 74-85. É acolhida com muita reserva a notícia de JOEST (*Tätowiren, Narbenzeichnen und Körperbemalen*, Berlim, 1889, pag. 27) referida sob fiança de Castelnau (parte I, vol. II pag. 394), de que entre os Mbayá as marcas dos maridos se imprimissem a fogo nos corpos das mulheres. É mais provável, como refere DO PRADO (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil*, vol. I, pag. 30), que fôsem representadas em pinturas. Também as pequenas figuras curiosas, semelhantes a caracteres chineses, pintadas, segundo Im Thurn (pag. 196) sôbre a pessoa das Índias da Guiana, talvez alguma coisa de análogo às marcas dos Mbayá. "Elas tinham, ao que parece, um significado sôbre o qual os índios não queriam ou não sabiam dar explicações" (N. do P.).

(12) *Bull. de la Soc. d'anthr. de Paris*, sér. III, vol. V, pag. 649-51; *Boll. della Soc. geogr. ital.*, sér. II, vol. VIII, pag. 377, vol. IX, págs. 547-8; IN THURN, págs. 274-278; EHRENREICH, pag. 19 (N. do P.).

(13) *Original-Mittheil. aus d. ethn. Abtheil. d. K. Museen zu Berlin*, vol. I, págs. 12-3 (N. do P.).

êstes vasos interessantíssimos são trabalhados e ornamentados, mas ilustra ainda com numerosas e esplêndidas reproduções às suas formas e ornamentos.

Mas o que, a meu juízo, constitui a importância e a beleza dêste livro é o estudo das artes ornamentais dos Caduveo. Cada uma das várias manifestações das suas atividades artísticas aí está ilustrada com interessantes observações a respeito de estilo e dos processos técnicos de execução. São, com efeito, reproduzidas no livro as esculturas que ornam os cachimbos, as espátulas de madeira para tecer e os pequenos pentes de chifre; são ainda aí representadas as decorações de contas de várias côres que se observam nos cintos, nos sacos de provisões, etc., e as figuras muito elegantes e variadíssimas que os indígenas fazem sôbre a própria pessoa por meio duma hastezinha ou com autênticas *pintadeiras* de pau. Êstes ornatos são sempre geométricos, fora das esculturas que consistem em figuras de animais ou humanas, realistas ou convencionais.

O valor notável do livro de Boggiani depende nesta parte da grande importância que atualmente se atribui às artes ornamentais das populações viventes numa graduação não elevada de civilização para o estudo da história primitiva das artes.

A história da arte se ocupou até agora quase exclusivamente com as populações civilizadas da Europa e com os períodos mais vizinhos a nós, descuidando da origem, da infância e mesmo da adolescência. Mas a maturidade depende da infância e da adolescência, nem aquela se compreende sem estas, tanto na ordem moral como no desenvolvimento físico. Portanto desde algum tempo se reconheceu que, para descobrir a genealogia e a razão de ser de certas formas ornamentais que nos são familiares, era necessário estender as indagações às primeiras fases do desenvolvimento das nossas artes. Mas, faltando para êste período antiquíssimo os monumentos escritos e as radições e oferecendo à paleontologia um material insuficiente para mostrar as primeiras tentativas do homem para produzir objetos que agradassem à vista e satisfizessem o seu gosto estético, foi forçoso recorrer ao estudo das artes ornamentais das populações do mundo menos adiantadas,

cuja civilização nas suas características substanciais corresponde à nossa civilização mais antiga. Entre estas tribos que permaneceram num estado primitivo podemos ainda observar a origem e a gradual formação de elementos decorativos análogos aos nossos e descobrir-lhes os processos de desenvolvimento.



FIG. B

Em tais condições a etnografia comparada, enquanto não são objeto as civilizações humanas sem limites de espaço e tempo, é um elemento essencial às pesquisas da história da arte "in genere", porque oferece um material necessário para indagar as características e as leis com que esta nobre faculdade humana se revela e para determinar a natureza; ao passo que, enquanto estuda as formas ornamentais primitivas que se observam nas partes menos civilizadas da humanidade, obtidas com meios simples, mas não raro cheias de gosto, está destinada a lançar viva luz sobre as primeiras fases da história das nossas artes ornamentais, do mesmo modo que com o exame das indústrias, das idéias animísticas e das instituições jurídicas das populações em condições baixas de civilização contribuiu largamente para o êxito das indagações a respeito da origem e primeiros estádios da nossa vida social.

Mas o exame das artes ornamentais das várias populações encontra sérias dificuldades pela falta do material, poucas vezes os viajantes tendo a educação artística e o olho necessário para compreender e apreender quanto convém observar e recolher e mais raramente sendo providos da habilidade de reproduzir aquilo que vêem. Sob este aspecto o livro de que nos ocupamos é de uma importância excepcional, não tanto pelo material que nêle se encontra recolhido e ilustrado de modo completo, como pela pessoa por quem foi coligido, em quem se liga ao valor como artista, um vasto conhecimento da etnografia da América meridional. Atribuíram-lhe, ademais, singular prestígio alguns úteis ensinamentos que nos apresenta para o estudo da nossa antiguidade. Se, com efeito, os Caduveo, com um simples barbante, conseguiram fazer desenhos complicados como aquêles que admiramos nos seus vasos, não devemos nos maravilhar de que tal meio pudesse servir para imprimir as decorações menos complexas sobre as cerâmicas da nossa primeira idade do ferro, as quais, pelas suas características, mostram ter sido obtidas com o mesmo sistema. Além disso as artes ornamentais dos Caduveo confirmam uma observação já formulada por vários escritores, ou seja, a de que, juntamente com outros elementos primitivos, também o meandro e a espiral fazem parte do patrimônio artístico de muitíssimas populações diversas em raça e civilização habitando em regiões geográficas muito longínquas (14).

Boggiani observou, mais, que muitos destes desenhos, repetidos constantemente na mesma ordem sobre a pessoa e sobre os objetos, tinham entre os Caduveo um significado preciso que não pôde determinar bem. De tais vagas notícias apreenderá completamente a importância quem conhece os estudos de von den Steinen e Ehrenreich para os índios do Xingu e do Araguaia (15), os quais tiveram como resultado estabelecer que cada uma daquelas combinações geométricas, regulares e simétricas, não são mais que a repetição de certos sinais característicos que

(14) HEIN — *Ornamentale Parallelen* nas *Mittheil. d. anthr. Gesellschaft in Wien*, vol. XX, págs. 50-8; *Mäander, Kreuze, Hakenkreuze und Urmotivische Wirbelornamente*, Viena, 1981; BALFOUR — *The evolution of decorative art*, Londres, 1893 (N. do P.).

(15) EHRENREICH, pág. 24-26; VON DEN STEINEN, págs. 263-94 (N. do P.).

representam figuras estilizadas de animais. O processo pelo qual, das reproduções realistas dos objetos naturais, mediante variações conscientes ou inconscientes, se passa às formas convencionais e às puras combinações geométricas, é uma das pesquisas mais interessantes para o estudo das origens e da gradual formação dos motivos ornamentais de cada país.

As artes de uma tribo, fora os elementos e os caracteres gerais comuns a um número muito grande de populações do mundo, apresentam estilos e motivos especiais, dependentes do gênio do povo e das condições históricas e geográficas, em cujo meio sua civilização se desenvolveu. A etnografia não esteve até agora em condições de estabelecer sempre as ações de cada um destes fatores sobre o desenvolvimento das artes de uma população; mas, pela semelhança ou diversidade dos produtos artísticos de uma tribo confrontados com aquêles de outra, se pode com freqüência determinar que relações existiram ou existem entre as tribos mesmas e a sua influência recíproca.

Observando os motivos ornamentais e o estilo das decorações dos Caduveo, o que surpreende é achar poucos pontos de contacto com as populações vizinhas do Brasil, habitando a Este e ao Norte, enquanto há notáveis correspondências com os produtos artísticos de algumas tribos do Chaco e especialmente dos Guaná, de tal forma que estas populações possam considerar-se, sob tais aspectos, como pertencentes a uma mesma zona etnográfica. Se ampliamos as comparações achamos que nesta zona, da qual os Caduveo são até agora os principais representantes, existem elementos e motivos ornamentais que, junto a alguns caracteres gerais das decorações, recordam vivamente a civilização da América central e meridional e, especialmente, aquela chamada peruana (16). Mesmo que não se admitam as conclusões do A. que quer ver, se não uma relação de raça entre os Caduveo e a população conquistadora do Peru, os Incas, pelo menos uma direta influência exercida por êstes últimos sobre os primeiros, permanece sempre a se discutir — e com o material preparado por Boggiani se pode avaliar útilmente — se e até que grau à civilização das populações situadas a N-O da região dos Caduveo se devam os caracteres e o estilo das suas artes e da zona etnográfica que êles representam.

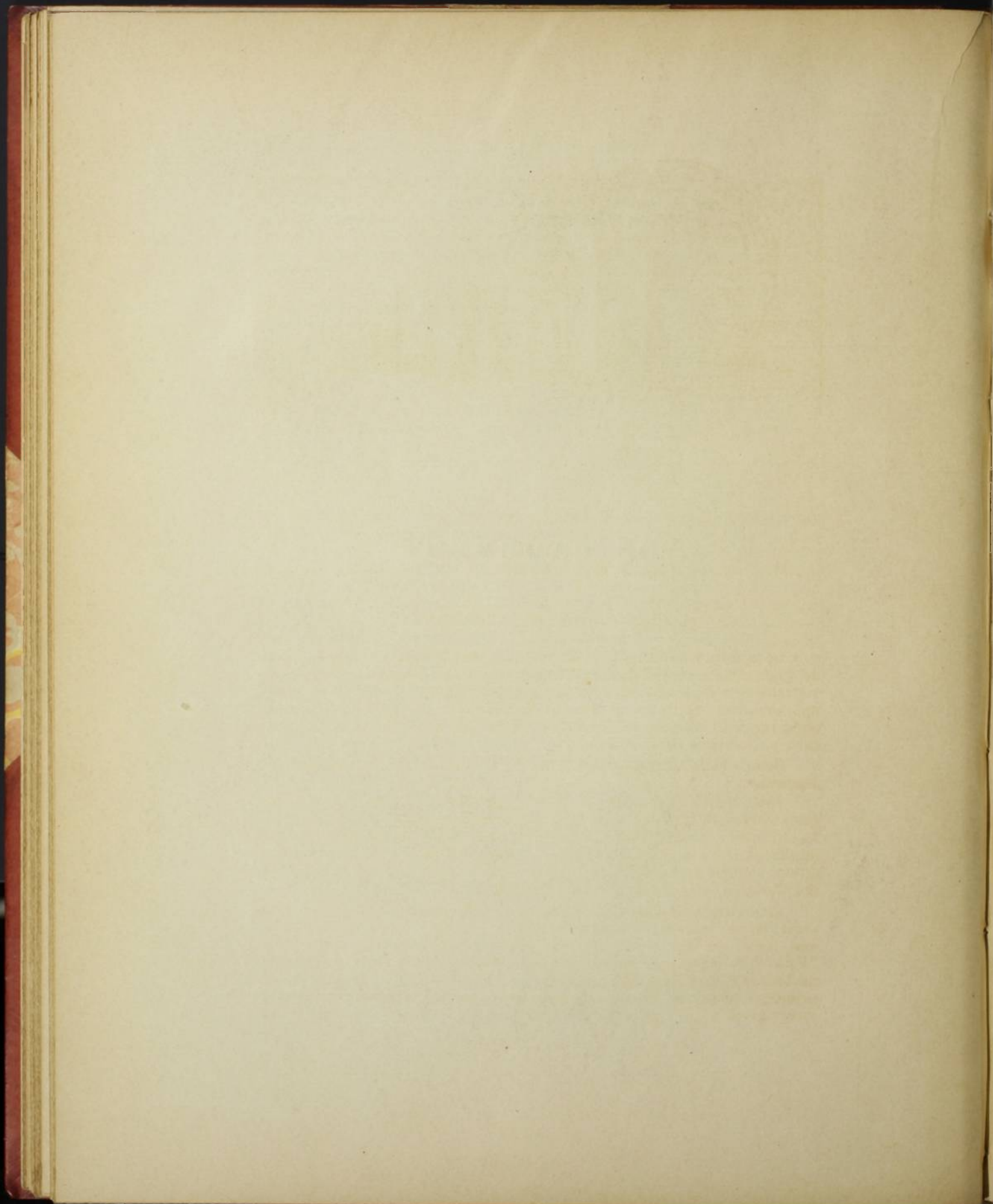
Portanto, sob qualquer aspecto que se considere, êste livro de Boggiani é uma contribuição preciosa à ciência etnográfica e os estudiosos devem se alegrar vivamente com a Sociedade Geográfica Italiana que promoveu e facilitou sua publicação.

Roma, 12 de dezembro de 1894.

G. A. COLINI.

(16) REISS E STÜBEL — *The Necropolis of Ancon*, 1887, estampas 102, 103, 104; STREBEL — *Alt-Mexico*, Hamburgo e Lipsia, 1885, estampas XVIII, XIX; WIENER C. — *Pérou et Bolivie*, Paris, 1880, pág. 636 e seg. (N. do P.).

OS CADUVEO



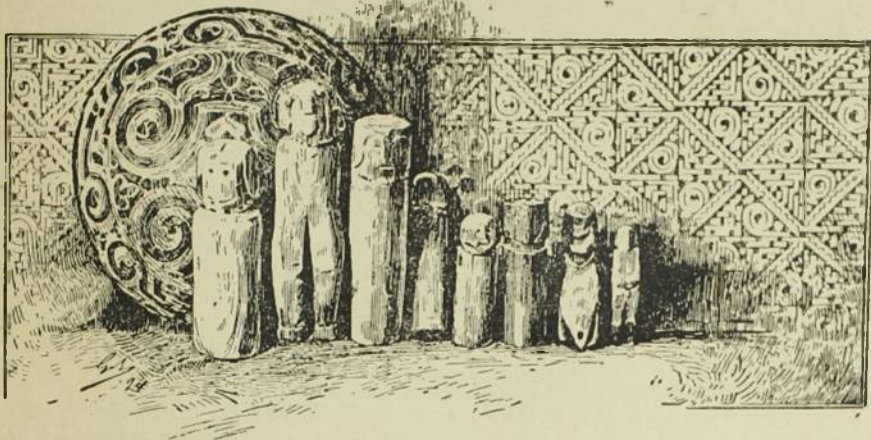


FIG. 1

PREÂMBULO

FINALIDADE DA EXCURSÃO

De acôrdo com Manuel Diaz, um espanhol, ex-ourives falido, vindo de Corrientes e dedicando-se há pouco tempo ao pequeno comércio de mercarias e de *frutos do país* sob a nossa proteção, combinou-se fazer uma expedição ao Retiro, à margem do rio Nabileque, entre os Caduveo, onde far-se-ia compra de couros de cervo, dos quais havia muita procura no mercado de Assunção.

Compunham da expedição, além de Diaz e do abaixo assinado, os seguintes:

Juan, servo paraguaio de Diaz; Ortiz, puro paraguaio, um dos meus chefes de trabalho, com fama de homem enérgico, audacioso e valente caçador, o qual tinha, entre outras, a especial missão de cuidar da minha preciosa existência; Felipe, o bom Chamacoco que eu criara e estava comigo havia cêrca de quatro anos; e, por último, Sabino, um dos Caduveo, o qual nos serviria de guia.

Este último, nascido Chamacoco, tinha sido escravizado, muitos anos atrás, pelos Caduveo. Desde então havia sempre vivido com êstes últimos como um dêles; não só, mas havia ainda adquirido fama como "Padre" — espécie de médico feiticeiro que cura tôda enfermidade com misteriosas invocações aos espíritos!... Era, no fundo, um maroto de primeira qualidade, mentiroso, embrulhão, ladrão e bêbado irritável e incorrigível.

Acevedo, meu sócio em negócios, o havia encontrado dias atrás em Forte Olimpo. Quando passou o vapor que subia o rio, Acevedo estava para embarcar a fim de regressar a Pôrto Pacheco, Sabino, bêbedo como uma cabra, meteu-se na barca com a bagagem e não quis saber de descer para terra. Acevedo, para não fazer perder tempo ao vapor que esperava na rota, foi obrigado a levá-lo consigo até Pacheco, onde, tendo-lhe passado a bebedeira, Sabino desceu meio maravilhado, não conseguindo explicar-se como e porque lá se encontrava.

Na falta de coisa melhor, engajou-se em nossa casa como trabalhador, primeiro para pagar as despesas da viagem e, depois, para pensar nas despesas de manutenção durante o tempo em que permanecesse em Pôrto Pacheco à espera de uma ocasião favorável que lhe permitisse regressar para junto dos seus.

Veio-nos, portanto, a calhar quando se tratou da expedição.

Como se deveria fazê-la de barca, descendo pelo rio Paraguai até Nabileque e subindo êste até o Retiro, teatro preestabelecido para os nossos empreendimentos comerciais, Sabino nos serviria de guia, sendo praticíssimo do mister e das localidades.

O Retiro era conhecido por nós só de havermos ouvido falar nêle. Segundo as notícias chegadas até nós consistia num rancho, — pequena habitação para a pobre gente do campo — construído por Malheiros, o rico fazendeiro de Corumbá, para descanso da sua gente de passagem por aquêles lugares com as manadas de bois ou de cavalos.

Êste rancho devia estar situado a cêrca de doze léguas (48 quilômetros) no interior do desaguadouro do rio Nabileque no rio Paraguai, e era o ponto extremo de navegabilidade, do qual partiam os Caduveo com destino a Nalique, sua capital, a qual devia estar situada a mais de oito ou nove léguas adiante no interior, rumo a Miranda.

Dizia-se que a localidade era especialmente abundante em cervos e que os Caduveo lá costumavam fazer grandes caçadas extremamente proficuas.

Pensamos, portanto, em transportar para aquêle ponto uma certa quantidade de mercadorias, de chamar até nós os Caduveo, animá-los a caçar e comprar os couros dos cervos que tivéssemos podido matar.

O negócio, feitas as contas do costume, como supúnhamos, prometia um esplêndido resultado.

Sabino encorajou-nos muito e contou-nos maravilhas sôbre aquilo que a sua gente teria feito. Pelo que, com o máximo entusiasmo e com grande solicitude, se fizeram os preparativos *para aproveitar a boa estação*, como nos andava insinuando Sabino.

Não se esqueceu de nada quanto pensávamos poder agradar aos Caduveo.

Ajuntamos provisões para nós, arroz, café, feijões, pão, açúcar, sal, carne sêca e não sei quantas outras coisas que deveriam bastar-nos pelos *quinze* ou *vinte dias* que devia durar a nossa excursão.

Preparou-se uma vela para a nossa canoa grande para poder aproveitar o vento quando nos fôsse favorável.

Tudo estava pronto na tarde de 13 de janeiro.

Decidiu-se que eu e Felipe partiríamos primeiro no dia 14 pela manhã, a cavalo, descendo para o sul de Pôrto Pacheco, a fim de procurarmos, a quatro ou cinco léguas, um bom ponto na costa do rio, para implantarmos um novo estabelecimento que eu e Acevedo tínhamos ideado fixar nas cinco léguas quadradas de terras por mim obtidas por arrendamento do Paraguai naquela região.

Acevedo, Diaz e tôdas as outras pessoas da expedição e do estabelecimento, carregados com todos os trastes, provisões, embarcações, etc. etc., desceriam a 15 ou 16 com o vapor que, de um dia para outro, devia vir de Corumbá, direto para Assunção, e se fixariam naquele ponto da costa que me parecesse mais apto e do qual devia fazer os sinais necessários para ser visto.

De lá, pois, nós os da expedição, depois de havermos lançado a *primeira pedra*, — em sentido metafórico, uma vez que naquela região pedras não se encontram nem pagas a pêso de ouro, — do edificio da nossa fortuna futura, prosseguiríamos logo na nossa viagem pelo rio com uma frota composta de canoa grande e dum *cachibéo*, ⁽¹⁾ — piroga dos Caduveo escavada num só tronco de árvore — que, como auxiliar, levaria os trastes e as provisões que a canoa não tivesse podido conter.

O catchivéu devia ser rebocado pela canoa.

Por minha conta, nas duas pequenas maletas que continham os meus utensílios pessoais em quantidade limitadíssima, não me esqueci de pôr uns cadernos de papel, penas, tinta, a caixa das aquarelas, dois blocos de papel para aquarela, o álbum, lápis, alguns remédios e entre outros o *permaranganato de potássio* e a *seringa de Pravaz*, indispensáveis para o caso de algum de nós ser mordido por uma víbora.

Prometia-me tomar nota tôda tarde, com os maiores detalhes possíveis, de tudo quanto tivesse ocorrido durante o dia, e de fazer o maior número de esboços a lápis e aquarela que pudesse.

E assim é, com efeito, das notas do meu jornal que copiei quase inteiramente quanto está escrito nas páginas seguintes, salvo alguns acréscimos e amplificações para esclarecimento do leitor e salvo as necessárias correções de alguma frase manca ou de qualquer grosseira expressão que me escapasse na pressa de escrever, à noite, depois de jornadas de duras fadigas, exausto quase sempre e muitas vêzes nem mesmo muito tranqüilo quanto à minha segurança.

Quanto se segue não é, assim, mais que a simples narração das coisas vistas e das observações feitas dia a dia sôbre os usos e costumes da tribo dos Caduveo e sôbre a região por êles habitada; observações feitas, naturalmente, mais do lado artístico que daquele científico: pois que, desgraçadamente, bastante limitados são os meus conhecimentos em matéria de ciência.

(1) Pronuncia-se "Catchivéu"

Não há pretensão alguma literária neste volume, muito longe disso, que não sirvo para tanto; e aí se procurará inútilmente narrações de aventuras romanescas ou de clamorosos gestos; mas lendo estas poucas e desadornadas páginas se poderá ter uma idéia exata daquilo que oferece de interessante aquêlo cantinho da América e daquilo que pode interessar a um artista impulsionado a sair do seu ninho por uma invencível mania de ver mundo e gente nova, novas terras e novos horizontes.

Aqui não se achará, afinal, mais que uma série de simples *Estudos do natural*.

Roma, 1894.

GUIDO BOGGIANI.

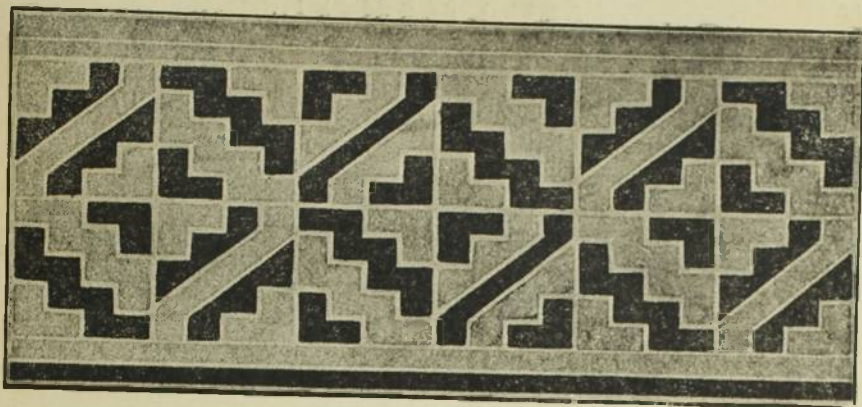


FIG. 2

CAPÍTULO I
DE PÔRTO PACHECO À EMBOCADURA DO RIO
NABILEQUE

14 de janeiro de 1892.

Montados a cavalo lá para as seis da manhã, com tempo bom e não muito quente, disse a Felipe para me preceder, sendo êle mais prático do que eu na estrada, e para se dirigir no rumo daquele ponto onde, a seu ver, poderíamos encontrar os Chamacoco, os quais, segundo notícias chegadas, deviam estar acampados mais ou menos na nossa rota.

Tinha sido encarregado pelo Acevedo de tentar, sem nos afastarmos muito da estrada, chegar ao seu acampamento e induzir uma parte dêles a nos seguir até o ponto que eu tivesse escolhido para o novo estabelecimento; pois que pelos primeiros trabalhos de abertura e preparação do terreno êles nos teriam sido muito úteis.

Partindo de Pôrto Pacheco, bem percorridos pelos selvagens e por não breve espaço de tempo também pelos carros dos nossos lenhadores, vários caminhos se dirigem quase em linha reta para o sul, rumo a Forte Olimpo, — que dista pelo rio cêrca de trinta e duas léguas (128 quilômetros) e por terra, diretamente, mais de vinte e duas léguas (88 quilômetros), — e passam inicialmente, sem se afastar muito do rio, por entre um imenso bosque de palmeiras, cujo solo encontramos recoberto de verdes ervas luxuriantes.

As palmeiras isoladas, direitas, altíssimas, alternavam pequenos bosques de retorcidos algarobos (1) e de corpulentos *quebrachos* (2) misturados a poucas outras plantas e a muitos arbustos espinhosos.

Enquanto passávamos por um destes bosquezinhos ouvimos cacarejar alguns jacus (3).

São estas aves uma espécie de faisões ou galinhas selvagens, muito boas para comer e relativamente fáceis de caçar. Andam sempre juntos em grupos numerosos. São demasiado estúpidos, pois que, se ao primeiro tiro não cai um, os outros, em vez de voar para longe, vêm ver o que aconteceu ao companheiro caído, dando assim lugar ao caçador para matar uma quantidade deles.

Matei uma vez até onze de enfiada, sem me mover do lugar.

Felipe desceu do cavalo e matou uma.

Retomamos o caminho sem perder maior tempo.

Saindo do bosquezinho nos encontramos num curto espaço de terreno sem plantas que, por ser úmido, estava recoberto por um bellissimo tapête de um verde tenro e brilhante. Convólculos haviam invadido e recoberto algumas moitas aqui e além, e com as inúmeras campânulas rosa pálido de centro vermelho escuro em plena florescência pareciam maravilhosos ramalhetes enormes.

O conjunto das várias gradações de verde, do das ervas, claro e doirado pelo sol, àquele escuro e profundo das plantas, do pardo argênteo dos troncos das palmeiras inúmeras em redor às sombras azuis violáceas variadas ao infinito até os mais remotos troncos a que o olhar podia chegar através daquelas miríades de colunas lentamente ondulantes ao vento que fazia tremer as duras fôlhas no alto, com a nota vermelhas dos convólculos, formava uma harmonia de tintas de finura e elegância extraordinárias.

Como para caçar o jacu havíamos saído um pouco do caminho, voltamos logo através daquela festa gloriosa das côres, resolvidos a segui-lo, sem nos afastarmos, até o nosso destino.

A uma légua e meia aproximadamente de Pôrto Pacheco, depois de haver atravessado um bosque bastante extenso de quebrachos, chegamos a um lugar onde evidentes sinais humanos mostravam que uma fração dos Chamacoco aí havia permanecido por algum tempo acampada.

Deviam ser Chamacoco aliados de Ectchógole (comumente chamado Capitão Joaquim), um dos cinco chefes da tribo: e deviam ter partido, internando-se há apenas dois ou três dias.

Havíamos chegado demasiado tarde.

— Um *quazu* (veado).

Desço rápido do cavalo com a carabina; mas o animal me viu e, mettendo-se pelo intrincado mato, perde-se logo de vista.

Inútil segui-lo.

(1) *Prosopis dulcis*, Leguminosas. (N. do A.)

(2) *Lexopterigium Lorentzii*, Terebintáceas. (N. do A.)

(3) *Penelope pipele*.



FIG. 3 — Palmar nas vizinhanças de "Pôrto Esperança".

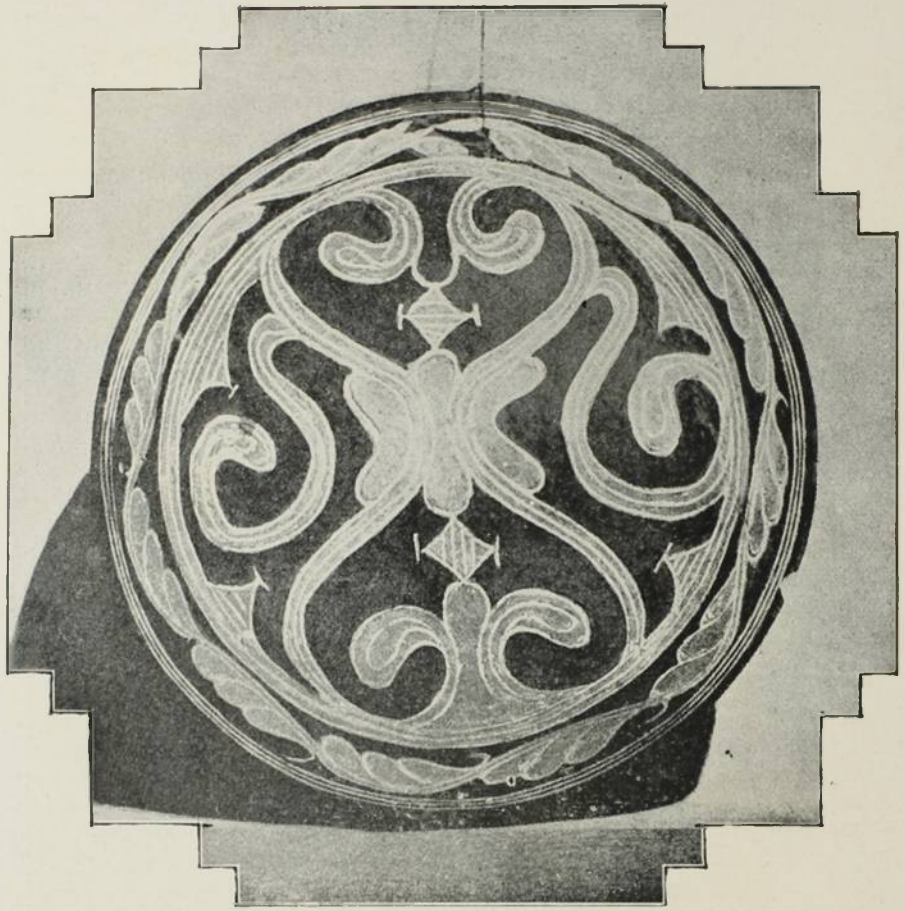


FIG. 4

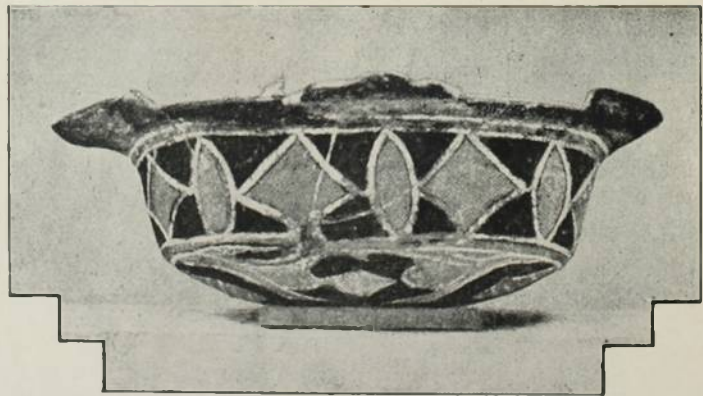


FIG. 5

Mais adiante dois pequenos avestruzes (4), que se haviam escondido nas moitas vizinhas ao caminho, de imprevisto irromperam fora e nos fugiram precisamente entre as pernas. Eram tão ágeis e velozes que não nos foi possível pegá-los.

Beirávamos, entretanto, à nossa direita, um extenso bosque bastante denso, no qual, como de costume, abundava de preferência o quebracho. Muitos algarobos e alguns *guaiacãs* (5) de folhinhas miúdiíssimas e de tronco estranhamente contorcido; e em pequeno número nos apareceram também alguns *guaiaco* (6), chamado comumente pau-santo, pelo lenho perfumado.

À nossa esquerda o campo coberto de ervas estava mais aberto e alguns grandes quebrachos surgiam de quando em vez isolados entre as raras palmeiras (7) que permaneciam de pé. Muitas, decepadas em pequena altura, jaziam no solo, obrigando-nos a prestar atenção para que os cavalos não tropeçassem.

Sendo este lugar imediato a um dos pontos de acampamento dos Chamacoco, as palmeiras se viam por todo o arredor dizimadas e decapitadas, porque do cimo destas plantas tiram êles a parte principal da sua nutrição.

Também aqui a florescência dos convólculos vermelhos era maravilhosa. Grandes moitas, no limite do bosque, estavam literalmente recobertas por êles.

Num dado momento, Felipe parou o cavalo, desceu e sacando da sua faca de mato se pôs a perseguir alguma coisa que fugia rapidamente diante d'êle.

Eu não podia ver de que se tratava; mas um momento depois o vi limpar a faca no chão e recolher, pegando-a pelo rabo, uma pequena raposa cinzenta que me trouxe, triunfante pela sua habilidade.

Pena que nem a pele nem a carne dêste animal tenham qualquer valor.

Quase a seguir chegamos ao segundo acampamento dos Chamacoco, situado entre as plantas, nas lindes do bosque.

Este acampamento é chamado *Echigala* (nome chamacoco do guaiaco) sendo esta a árvore mais abundante nos arredores.

Os Chamacoco a têm em grande consideração porque a sua madeira, além de seu bom perfume, tem a propriedade de queimar facilmente por ser muito resinosa e de fazer uma fumaça que põe em fuga os mosquitos.

Desta madeira, extremamente dura e pesada, fazem-se maças ou pequenas clavas, para a caça dos pequenos quadrúpedes; e é a madeira preferida para se fazer cachimbos.

(4) *Rhea americana* (N. do A.)

(5) *Caesalpina melanocarpa*, Mimosas? (N. do A.)

(6) *Guayacum officinale*, Rutáceas. Lorentz dá outro nome a esta planta, ou seja aquêle de *Bulnesia Sarmient.* (N. do A.)

(7) *Copernicia cerifera*, Palmeiras. Martius dá a esta espécie de palmeira, que em guarani se chama *Carandá-y*, o nome de *Cocos australis* (N. do A.).

Os pontos de acampamento dos Chamacoco são escolhidos sempre em lugares onde a água está vizinha e o bosque e a campina mais abundam em frutos e animaizinhos selvagens.

Esses acampamentos são sucessivamente abandonados e reocupados, segundo a estação e o crescer ou diminuir dos frutos e da caça.

Os caminhos correm de um a outro acampamento e desde tempos imemoriais são sempre os mesmos; pelo que, seguindo-os, está-se certo de encontrar em cada etapa de seis ou oito quilômetros lugares análogos, onde os vestígios humanos são facilmente reconhecíveis mesmo quando o acampamento esteja há muito abandonado.

Também aqui encontramos recentíssimos vestígios da permanência de etchógoles e sua gente. O caminho neste ponto se bifurcava e Felipe me fez observar as marcas dos pés deixadas impressas na terra úmida e dirigindo-se tôdas para o interior, segundo o caminho da direita.

Disse-me que havia andado para o *caraguatá*, ou seja para a região em que abunda esta planta benéfica.

E' esta uma planta (8) que cresce nos bosques do interior em grande abundância e tem a propriedade de, por alguns meses, durante a seca, manter nas suas fôlhas a água das chuvas.

Nestas regiões, especialmente afastadas do rio, e nas quais a falta d'água é quase absoluta durante alguns meses do ano, esta planta surge providencial para os selvagens.

Realmente *caraguatá* é palavra guarani que se aplica a outra planta (9) a qual tem uma longínqua semelhança com esta que, em guarani, se chama *caraguatá-y*, ou seja *caraguatá da água* (y: água). Mas os Chamacoco, que têm outro nome na sua língua para designá-la, adotaram o nome guarani ao falar conosco, deixando fora o *y*, do qual não conhecem a importância especificadora.

Visto que os Chamacoco se haviam internado, perdi tôda a esperança de encontrá-los. Continuamos, portanto, a nossa viagem pelo caminho da esquerda.

Depois de muito andar, saindo do bosque, encontramos-nos à beira de uma extensa planície baixa, evidentemente inundável em época de cheia do rio.

Estávamos sôbre a parte externa de um enorme semicírculo formado por um canal presentemente recoberto por verdíssima vegetação que encerrava um belo prado limitado ao oriente por longas filas de densos palmeirais, pelo que não nos era possível ver o rio que corre dando imensa volta naquela parte.

Aqui coroavam a costa, perdendo-se no horizonte, intrincados bosques misturados de palmeiras imensas.

Seguimos durante um trecho as lindas, pelas abertas. Depois de pouco andar, encontramos plantados no solo alguns velhos paus, branqueados pelo tempo e pelo sol, que indicavam o lugar de um antigo acampamento. Mas êste parecia abandonado definitivamente, decerto porque muito exposto ao sol e muito a vista.

(8) Bromeliacea (N. do A.).

(9) *Caraguatá guyanensis*, Bromeliacea (N. do A.).

Disse a Felipe para não pensar mais nos Chamacoco doravante e andar direito para o rio, rumo a um certo ponto que havíamos visitado juntos em outra ocasião.

O sol começava a nos molestar.

Felipe meteu o cavalo por um caminho que se internava no bosque, à direita. Havia sombra, mas fazia igualmente muito calor. Eram dez horas.

Entre as palmeiras vimos um grande avestruz.

Passsei o meu fuzil a Felipe para que o matasse; mas nos havia sentido e, sem dar tempo para fixá-lo com a mira, desapareceu num relâmpago, velocíssimo.

Nenhum traço dos Chamacoco neste lugar. Havíamos caminhado muito; e me parecia que não andávamos para o rio, como eu queria, e sim que nos dirigíamos demasiado para o poente para poder encontrá-lo.

Em certo momento Felipe se volta para mim e pergunta:

— *A donde está Chamacoco?*

Bela pergunta! Si êle não o sabia, como podia sabê-lo eu? Não havia entendido o que eu lhe havia dito.

Repeti-lhe aquilo, explicando-lhe bem.

Compreendeu e, voltando um pedaço sôbre os nossos passos, tomamos mais para a esquerda, dirigindo-nos para o lado do rio.

Encontramos numerosos gafanhotos, alguns alados e outros ainda sem asas. Vinham do Brasil e pareciam dirigir-se para o interior do Chaco.

Cêrca do meio-dia, depois de haver caminhado continuamente entre bosques e palmeiras densos e silenciosos, entrevimos finalmente, no meio das plantas, um espaço de céu aberto.

O rio lá estava.

Saindo do bosque, costeamos um prado de forma semicircular como o anterior, talvez a continuação do mesmo, e chegamos em breve a um belo bosquete que, cobrindo um pequeno espaço de solo mais elevado do que o circundante, avançava para o rio majestoso.

Aqui, numa anterior excursão, passei uma noite de chuva torrencial, dormindo no chão sôbre o meu poncho, coberto por um único xale de lã, e defendido por um mosquiteiro de tule cuja parte superior era formada por uma sombrinha de papel japonês.

Fraca defesa para a chuva que caía!

E em outra ocasião passei a noite no acampamento que os Chamacoco costumam ter nestas paragens, ora desertas.

Desarreados os cavalos e levados para beber no rio, prendemo-los com compridas cordas a dois troncos, de maneira a que pudessem repousar à sombra ou pastar as ervas verdes que cresciam em tórno.

Acendemos um bom fogo e depenado e lavado devidamente o jacu morto por Filipe, pusemo-lo no espêto (de pau, compreende-se).

Feita a frugal refeição, com um pano que havíamos levado conosco e com cordas estendidas entre as árvores preparamos uma tenda para nos defender dos raios do sol que atravessava ardente a folhagem das árvores restantes.

Mas saiu-nos demasiado pequena e mal bastava para defender as selas e as poucas coisas levadas conosco caso chovesse de repente.

Repousamos o melhor possível até cêrca das duas horas, e selados novamente os cavalos, alijeirados dos objetos que ficaram deixados sob a tenda, andamos em reconhecimento pelos arredores.

Parecia-me que não nos encontrávamos no ponto que eu e Acevedo havíamos indicado como apto para a sede do futuro estabelecimento; mas o lugar não era, porisso, menos belo.

Segundo o que disse Acevedo, o ponto a escolher devia achar-se a cêrca de 2.000 metros mais para baixo; mas, sendo assim, me parecia que o lugar indicado não fôsse muito adequado para aquêle fim, pois que todo o terreno que eu podia perfeitamente descortinar daqui, para mais de 2.000 metros, tinha o aspecto de ser demasiado baixo e sujeito às inundações.

Si eu não errara, o ponto indicado devia encontrar-se ainda mais longe, acêrca de 6.000 metros, naquele mesmo lugar onde, na precedente exploração, acampamos, passando uma noite de angústias por causa de Filipe que, tendo ido caçar com um outro Chamacoco, na parte oposta do rio, se encontrara, em dado momento, ao cair da noite, em meio de uma inextrincável rêde de canais, lagunas e bosquetes, de onde, em vista da escuridão da noite, não pudera sair para ir à margem do rio.

Ouvíamos a sua voz, mau grado a distância: no grande silêncio que nos circundava os seus chamados lamentosos nos chegavam distintamente; e, como eu não compreendia o que êle dizia, ficara cheio de graves apreensões, pensando que qualquer desgraça o tivesse colhido, e me desesperava por me ver na impossibilidade de levar-lhe socorro. Mas os Chamacoco que estavam comigo me explicaram que Filipe se lamentava só por causa dos mosquitos que o atormentavam e que era necessário esperar o dia.

Com efeito, no dia seguinte, passando pelo meio de lagunas onde a água nos chegava até o peito, consegui arranjar-me e salvar um carregamento de carne dum cervo, que havíamos morto no dia anterior, e meia duzia de ovos de avestruz extremamente frescos e pesadíssimos.

Voltamos para o nosso acampamento provisório cêrca das quatro horas, depois de haver passado pelo meio de belíssimos bosques abundantes em quebrachos, alguns guaiacos, e por imensos palmeirais e à vista de belos, extensos prados aptos para a criação do gado.

Reacendemos o fogo e preparamos o jantar. Quatro pedaços de carne sêca bastante salgada, tostada sôbre as brasas; duas bolachas e uma *chapêuzada* d'água constituíram o nosso lauto banquete. (O meu pobre chapéu de feltro em farrapos já serve para tôdas as coisas e o mais freqüentemente de copo!)

Muito antes que o sol se pusesse armamos os mosquiteiros para poder ficar dentro dêles ao primeiro aparecer dos mosquitos.

Enquanto isso, emoldurado estupendamente pelas verdes copas das árvores, desenrolava-se diante de nós um maravilhoso quadro. O sol que baixava diante de nós iluminava com ardente luz doirada o campo fronteiro, todo verde e muito baixo, só limitado no horizonte pela suti-

líssima faixa azul dos palmares longínquos que o dividiam do imenso céu cintilante.

E um magnífico cervo⁽¹⁰⁾ apareceu, na margem fronteira, naquela glória de luzes e côres, pastando tranqüilamente.

De vez em quando erguia a cabeça e olhava em redor, os seus cornos ramificados destacando-se majestosamente no céu violáceo.

Estava longe demais para se tentar um tiro.

O rio majestoso corria plácido, largo de mais de trezentos metros, espelhando tôdas as côres do céu diante de nós.

Pouco a pouco se fêz noite.

Cantavam os grilos e as cigarras inumeráveis.

Que paz deliciosa!

Antes que ficasse escuro, metemo-nos dentro dos mosquiteiros, pois surgem os mosquitos apenas extintos os raios do sol.

Mas, mal me tinha estendido na maca, eis que, com sibilante vôo, veio da outra margem pousar no alto ramo duma árvore sôbre nós um grande pato-do-mato⁽¹¹⁾.

Saí do mosquiteiro e lhe mandei um tiro que o colheu em pleno peito; mas desgraçadamente foi cair no rio que rapidamente o levou e assim inutilizando o belo tiro.

Fêz-se noite finalmente. Através do ligeiro tecido do mosquiteiro vi surgir a lua, esplêndida. No contôrno das fôlhas a vi, doirada primeiro, depois, elevando-se no espaço azul profundo do céu, argêntea refletir-se no grande rio silente.

Só de quando em quando se ouvia o lamentoso grito de algum longínquo môcho, ou a aguda nota cristalina dum vigilante pássaro aquático noturno.

Quanta paz, quanta poesia, em tão breve espaço de terra!

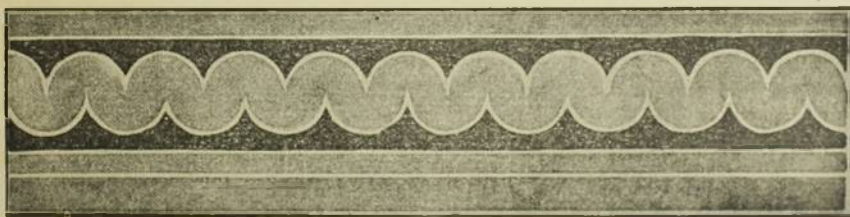


FIG. 6

15 de janeiro.

Madrugava, e as primeiras luzes do dia nascente combatiam, vitoriosamente quentes, com os frios clarões lunares que nos haviam alumiado durante tôda a noite, maravilhosamente.

(10) *Cervus paludosus* (N. do A.).

(11) *Cairina moschata* (N. do A.).

Despertaram-nos alguns mugidos, evidentemente de bois, repetidos mais vêzes não muito longe de nós.

Estranha coisa! Como podia haver bois naquelas paragens, a tamanha distância de Pôrto Pacheco, único ponto habitado da região? Talvez fôsem bois perdidos já há muito tempo, nossos ou da guarnição (12), inutilmente procurados pelos bosques nos arredores.

Resolvemos sair à sua procura.

Selados os cavalos, pusemo-nos logo a caminho rodeando o bosquete e dirigindo-nos para o norte, de onde nos parecia terem vindo os mugidos.

Mal havíamos percorrido uma centena de metros, vimos, pelo rio, descer o *Humaitá* do Lloyd brasileiro, a bordo do qual deviam estar Acevedo e Diaz com tôda a outra gente.

Retrocedemos correndo e nos colocamos à beira do rio, bem à vista: quando o vapor passou diante de nós, fizemos sinal a Acevedo que, do parapeito do *Humaitá*, perlustrava a costa, procurando-nos, para descer um pouco mais adiante.

Percebeu-nos e o vapor continuou na sua marcha.

Reünidas as nossas coisas e carregadas sôbre os cavalos, montamos novamente em sela; abandonada por ora a idéia de nos ocuparmos dos bois, encaminhamo-nos para o sul a fim de nos juntarmos a Acevedo.

Diante de nós se estendia um vasto prado recoberto de ervas densíssimas e verdejantes. O terreno era baixo e inundável nas grandes cheias. Tocou-nos percorrê-lo em redor seguindo as lindes dos bosques e palmares que o circundavam, onde o terreno é mais elevado, a fim de evitar os valados provocados pelas cheias dos canais que, si bem que secos agora, estavam cheios de tão densos e intrincados arbustos ligados entre si por inumeráveis trepadeiras que difficilmente se poderia atravessá-los sem grande fadiga.

A vista que se gozava daquela ligeira elevação de terreno era imensa.

À esquerda, entre as altas ervas, se entrevia o rio majestoso. No centro a grande extensão verde uniforme; e à direita, contornando-a com enormes curvas que se perdiam no horizonte numa gama infinita de azul, alçava-se a estupenda fila das palmeiras e dos bosques silenciosos.

Bem depressa nos coube internar inda mais nos bosques, visto que vários canais atravancavam fastidiosamente nossa passagem. Tivemos de escolher caminho quase até o fim, para podermos atravessar mais cômodamente.

O bosque, no limite do qual passa o caminho que estávamos seguindo, se encontra cêrca de quinhentos metros internado entre os palmares.

Felipe me mostrou um estupendo pé de guaiaco e encontramos a seguir outros menores.

(12) Pôrto Pacheco, ou, como dizem os paraguaios, Baía Negra, é ocupado militarmente por uma guarnição de uns quarenta soldados, que formam o núcleo principal daquela população (N. do A.).

Terminado o bosque e depois de atravessarmos um palmar pouco extenso, saímos novamente nas lindes do prado. Pudemos caminhar rapidamente por longo espaço, pois o terreno estava livre de troncos e as ervas não eram muito altas.

Mas, chegados muito adiante, tivemos de retroceder numa grande extensão e fazer uma longa volta porque um imprevisto canal nos cortou o caminho.

Voltando, pois, para a costa encontramos um caminho dos selvagens que seguimos sem mais detença.

Enquanto caminhávamos para a frente admirando a beleza da paisagem, em dado momento reparei que Felipe não me acompanhava. Virei-me e, por mais longe que olhasse, não o vi mais. Talvez os arbustos mo escondessem; — terá ficado um pouco para trás, pensei.

Assobieei, chamei, mas ninguém me respondeu.

Chamei mais forte: nada!

Comecei a inquietar-me e a pensar que, aproveitando-se da minha distração, se tivesse internado nos bosques e fugido para juntar-se aos Chamacoco que, talvez, não estivessem longe.

Recordei-me naquele ponto de que Felipe estava de mau humor e muito taciturno desde pela manhã e que sempre procurava permanecer por trás de mim, sinal de que tramava alguma coisa.

Talvez não lhe sorrisse muito a idéia da excursão que estávamos para emprender e, tomado pelo tradicional medo dos Caduveo, se tivesse escapolido.

Tornei atrás um pouco, chamando sempre; não recebendo resposta alguma, disparei um tiro de carabina... Nada!

Era-me êle de tal maneira afeiçoado que a idéia de ser abandonado me puniu com um pesar imenso, não podendo furtar-me de chorar.

Voltei para a estrada extremamente aflito, repassando mentalmente o tempo em que estivera comigo, os cuidados que eu lhe prodigalizara durante algumas doenças, criando-o com afeto de pai enquanto o via crescer rapidamente e fazer-se homem.

Iludira-me de obter em troca tal afeição que o decidisse a não apartar-se de mim. E em lugar disso!...

Ao contornar, no caminho direito, certos arbustos que me ocultavam a visão do prado, enquanto prosseguia tristíssimo pela estrada ignota, avistei, longe, cerca de um quilômetro diante de mim, cavalo e Felipe parados no limiar do palmar.

Pulou-me o coração no peito, custando a crer nos meus olhos.

Tinha sofrido tanto naquela meia-hora!

Esporeei o cavalo e num momento superei o espaço que nos separava, estacando ao lado de Felipe, que, apeado, o fuzil às costas, andava pela planura como se à procura de qualquer coisa.

Disse-me haver visto dois cervos que seguira pelo bosque até ali, onde os perdera de vista.

A desculpa era boa e como tal a aceitei, embora permanecesse convicto de que, na verdade, tivesse alimentado a intenção de fugir, só desistindo ao ouvir os meus chamados insistentes.

Prosseguimos por um bom pedaço tranqüilamente e com facilidade. Mas eis que um novo obstáculo se nos deparou: era-nos forçoso atravessar um dos canais, o qual, internando-se demasiado no palmar, demandava longa caminhada para ser contornado.

Fomos obrigados a descer do cavalo e, com os nossos facões, abrir à força uma picada entre os arbustos e os cipós elásticos e resistentíssimos.

Chegados finalmente ao outro lado, as dificuldades ainda não haviam terminado, pois que nos encontramos primeiro num emaranhado de arbustos espinhosíssimos que ameaçavam continuamente de nos furar os olhos e, logo depois, num palmar horrendamente cheio de palmeiras novas que cobriam o solo e cujos espinhos recurvos e fortes descascavam as pernas dos pobres cavalos e nos rasgavam as calças, não sem entrar algumas vêzes na pele fazendo-nos sangrar dolorosamente.

Além disso o sol se tornara ardente e, não tendo podido encontrar um fio d'água, sofriamos de uma sede feroz.

Saídos afinal daquele inferno como Deus quis, chegamos sem maiores moléstias e sem outros incidentes ao nosso destino.

Encontramos Acevedo que perlustrava o bosque de quebrachos para ter uma idéia da posição escolhida, a qual resultou ser aquela que eu havia indicado.

E precisamente onde eu havia acampado precedentemente Acevedo havia pôsto as tendas e começado a limpar novamente o terreno circunvizinho de restos de troncos e espinhos.

Chegamos cêrca do meio-dia com um calor verdadeiramente tropical. Estávamos no auge do verão.

A sede nos queimava a garganta e assim foi com a maior delícia que bebemos não sei quantos copos d'água.

Repousamos um pouco e depois saí com Felipe a fazer um reconhecimento do bosque na parte que se estendia, a poucos passos do rio por trás de nós, para o sul.

À nossa passagem dois dainos se ocultaram no intrincado matagal sem nos dar tempo de fixá-los com a mira.

Não sendo muito extenso o bosque, em meia hora chegamos ao seu extremo limite.

Andando por ali topamos com um pequeno acampamento abandonado, que não era certamente dos Chamacoco.

Suspenso aos troncos de algumas árvorezinhas, um pequeno telhado bem feito, coberto de fôlhas de palmeiras, estendia-se sôbre uma trempe de ramos para cozinhar a carne.

Ainda havia cinzas e tições apagados. Em redor, espalhados pelo chão, vimos ossos de cervo e de crocodilo.

Sem dúvida êste pequeno acampamento devia ter sido feito por alguns Caduveo vindos para caçar nestas paragens alguns meses atrás!

O bosque era contornado por numerosíssimas palmeiras, e o solo cobria-se de altas ervas já sêcas pelo calor do sol.

Só na parte próxima ao rio o terreno era aberto e bastante baixo, formando um prado do qual não se via o confim lá para o sul.

Ao voltar, deitamos fogo às ervas no palmar que, favorecidas por um vento com tendência para forte, queimaram produzindo grande estrépito.

É este o melhor modo para limpar o terreno dos espinhos e dos restos de troncos. Estes queimam com as ervas facilmente e o fogo abre caminho sem fazer dano às palmeiras ou outras plantas altas. O fogo não penetra no bosque.

A tarde inaugurou-se e batizou-se o novo estabelecimento (ainda em formação) com uma lauta refeição, brindes, música, baile e... mosquitos em quantidade. Foi-lhe dado o nome de *Pôrto Esperança*, no qual se compendia todo o nosso futuro.

Entrementes os mosquitos, perturbados pela primeira vez no seu domínio deserto por uma turba de seres novos, vingavam-se pungindo-nos atrozmente.

Apenas foram armados os mosquiteiros, bem depressa lá refugiamos os nossos corpos martirizados, à espera da manhã.

16 de janeiro.

Mal começava a alvorecer, já estávamos de pé. Tratamos logo de colocar em boa ordem na canoa e no catchivéu tudo aquilo que devíamos levar conosco.

Em breve tudo ficou pronto.

Tendo-nos despedido de Acevedo e havendo aquêles que permaneciam nos augurado boa viagem e feliz êxito, empurramos a canoa para o largo; a corrente e a fôrça dos remos que manejávamos com o vigor do primeiro entusiasmo, levaram-nos longe rapidamente, debaixo de um tempo esplêndido.

Sabino, como o mais prático de todos, vigorosamente vogando e dirigindo, sentou-se à pôpa. Eu e Diaz nos sentamos no meio, remando nós também; Felipe, Juan e Ortiz tomaram lugar na frente.

A canoa, empurrada pelos seis paus, corria velozmente no meio do rio entre duas margens igualmente baixas e inteiramente revestidas de verdes ervas e moitas floridas, nas quais cantavam inumeráveis passarinhos.

Chegados a cêrca de três quilômetros, começamos a costear um belo campo aberto à nossa direita.

Sendo a hora boa e supondo que facilmente algum cervo estivesse pastando naquelas paragens, metemos a proa em terra e descemos a perlustrar a região.

A campina era muito extensa e as ervas muito abundantes. Percorremos um grande trecho da planície, mas sem resultado.

Regressando à nossa frota acendemos por trás de nós as ervas que, com o bom vento que soprava, avançaram crepitando; e uma enorme coluna de fumaça se elevou altíssima até o céu.

Partimos novamente e continuamos a navegar até cêrca do meio-dia.

Estando um pouco cansados, o sol quente e havendo chegado a hora de pensar no almoço, acostamos da parte brasileira.

Com os facões de mato abrimos entre os arbustos abundantíssimos um caminho até uma elevada árvore que nos oferecia abrigo dos raios ardentes do sol.

Num momento, com ramos secos, improvisamos um belo fogo no qual pusemos um caldeirão a ferver.

Para fazer caldo pusemos a cozer um *hoccó* (espécie de cegonha parda com o pescoço cinzento) que eu havia matado pela manhã pouco depois de deixar Pôrto Esperança.

Entrementes, ao passo que eu e Felipe nos ocupávamos da cozinha, os outros se entregaram à pesca.

Juan, o mais feliz de todos, quase imediatamente agarrou um magnífico sorubim (grande peixe de pele manchada de branco e pardo escuro, lisa e sem escamas, e de carne branda, finíssima e sem espinhas), e pouco depois uma enorme arraia que devia pesar mais de cinqüenta quilogramas.

O almoço se tornou, assim, um verdadeiro banquete, pois que, além da sopa de arroz e carne com caldo de *hoccó*, tivemos excelente peixe frito em abundância.

O apetite nos serviu egrègiamente, mau grado o calor endiabrado.

Enquanto Ortiz, Felipe e Juan limpavam os pratos e punham em ordem os utensílios culinários; enquanto Diaz repousava e fumava à sombra, fui dar uma volta pelo campo vizinho.

Muita erva e muitos restos de troncos e moitas espinhosas. Pusemos fogo àquilo.

Ardendo ainda o fogo da cozinha, pusemos a cozer na trempe outro grande pedaço da arraia, para levá-lo conosco e comê-lo mais tarde. Teria sido impossível conservar aquela carne por muito tempo dado o calor violento do sol.

O verão se fazia sentir de modo verdadeiramente enérgico. Todavia, o calor não era insuportável, pois não faltava ventilação.

Partimos de novo pelas três horas da tarde.

Costeando sempre a margem brasileira onde a corrente do rio era mais forte, apareceu-nos entre as ervas altíssimas uma bela cervá.

Posta logo a proa em terra, à distância do animal, desembarcamos eu e Ortiz.

Entrementes a cervá, que nos devia ter sentido mau grado as nossas precauções, se tinha metido entre os arbustos e não a podíamos ver.

Ortiz seguiu pela esquerda, eu pela direita, para o interior.

Encontrei logo os sinais frescos das patas bifurcadas da cerva que se dirigiam para o interior do campo e iam meter-se num palude todo cheio de altíssimas ervas.

Diante de mim, a alguma distância, a cerva, acompanhada por um belo macho com enorme chifre, me apareceu em dado momento. Tinham-me ouvido, e o macho me estava olhando de longe, esticando as grandes orelhas para mim.

Estavam muito longe para eu atirar. Avancei sem detença por entre as ervas e a água; mas não podia evitar de fazer rumor ao abrir passagem, por mais que o fizesse com a maior cautela possível.

Os cervos se internavam cada vez mais e as ervas eram tão altas que eu já mal podia ver esportar os chifres do macho.

Segui-os inútilmente ainda por um bom trecho do outro lado do palude; mas êles, que não eram obrigados a andar com cautela, andavam mais depressa do que eu e cada vez mais se afastavam; às vêzes corriam.

Disparei alguns tiros. O macho parou um instante a olhar, depois tornou a fugir e me deixou com o nariz assim, banhado até a cintura, a vê-lo desaparecer do alto de um monte de terra.

Na volta encontrei Ortiz que não tivera nem mesmo a satisfação de ver o cervo.

Numa moita, depois de ter fumigado os insetos, recolhemos um belo ninho de *lechiguana*, espécie de abelha que faz grandes ninhos de forma esférica, sem câra, com um mel transparente e branco como cristal e dum sabor deliciosamente doce.

Alcançada a canoa, prosseguiu-se na viagem.

Navegando no meio do rio a cêrca de cento e cinqüenta metros da costa vimos uma grande capivara.

Diaz apressou-se em mandar-lhe um tiro de carabina e não acertou.

Não ferida, aquela imbecil não se moveu e ficou a nos olhar.

Mau grado a grande distância, atirei eu e a atingi em pleno peito, de modo que rolou morta de sôbre a margem no rio, afundando-se logo.

Não chegamos a tempo de agarrá-la. A costa era a pique, a água profunda e a corrente já a havia levado quem sabe para onde.

Felipe recolheu algumas fôlhas manchadas de sangue como confirmação da minha façanha; mas eu teria preferido a capivara, que não voltará mais a aparecer, cujo couro tem valor e a carne é comestível.

Continuou-se a navegar. Sôbre a margem, pouco acima do nível da água, vimos com admiração nossa um túmulo recentemente preparado, com uma cruz feita desajeitadamente de pequenos ramos, plantada numa das cabeceiras.

Quem terá morrido neste lugar deserto e quem o terá enterrado tão cristãmente? Será um morto de doença ou a vítima dum crime? E porque, então, não o terão enterrado acima, sôbre a costa, um pouco longe da margem, ao invés de pô-lo assim em baixo, tão chegado à água?

Imaginamos tôda sorte de delitos e fizemos as mais estranhas conjecturas a propósito. A seu tempo verificaremos e, se fôr o caso, denunciaremos o fato às autoridades.

E assim palrando, remando e comendo peixe frito frio, bolacha e não sei que mais, caiu sôbre nós a tarde e, com a obscuridade, nos assaltaram os mosquitos.

Defendemo-nos com todos os meios, desesperadamente; mas tornaram-se tão insistentes e ferozes que bem depressa nossa paciência chegou ao último limite, pelo que nos vimos obrigados a desembarcar e a acender um foguinho, cuja fumaça afugentasse êsses amaldiçoadíssimos insetos.

Surgiu a lua entrementes e, acalmado o furor dos mosquitos, pusemo-nos novamente em viagem a fim de aproveitar quanto possível o frescor da noite.

Para encurtar caminho, Sabino, que conhece o rio palmo a palmo, nos fêz entrar num pequeno canal que tornava, depois de breve percurso, a entrar no rio, evitando uma grande curva.

Era bellissimo; corria entre duas verdíssimas margens floridas, a água profunda e a corrente bastante sensível.

Ao sair, entramos num ponto onde o rio era larguíssimo.

Cêrca da meia-noite, estando cansados, fomos desembarcar numa bela praia plana e arenosa.

Logo, plantados quanto antes em terra os paus e estendidos no solo os ponchos, num instante se armaram os mosquiteiros e um momento depois sem nos despirmos, com as armas ao lado, adormecemos profundamente. Tão profundamente que não senti os numerosos mosquitos que, apesar das precauções tomadas, acharam jeito de meter-se dentro do mosquiteiro e fizeram de mim o que lhes aprouve.

A jornada tinha sido rude e demorada.

17 de janeiro.

Na primeira hora eu e Ortiz havíamos dado uma volta pelos campos circundantes na esperança de encontrar algum cervo, mas sem resultado. Só achamos vestígios de jaguar e plumas de um avestruz por êle devorado.

Numa enseada do rio onde a água era tranqüila e quase tôda recoberta de plantas aquáticas em flor, apareceu a poucos passos de nós a cabeça duma grande capivara. Não lhe atiramos porque, mesmo matando-a, não nos teria sido possível agarrá-la, pois teria afundado sem mais voltar à superfície.

Partimos cêrca das oito horas. O sol já estava ardentíssimo. O vento nos favoreceu por um pedaço, permitindo-nos usar a vela.

Descemos em terra para preparar a refeição cêrca do meio dia e lá para as quatro recomeçamos a navegar.

O sol era cada vez mais ardente e grandes nuvens se iam formando, ameaçadoras de temporais.

— Um cervo! gritou Felipe.

Era verdade. Sôbre a ponta duma ilha à nossa direita estava pastando, tranqüilo, um grande cervo que, mau grado a distância, distinguíamos perfeitamente.

Destacaram-se Ortiz e Sabino no catchivéu.

Nós os seguíamos com o olhar na sua manobra de aproximação. Sabino dirigia a embarcação sozinho, com uma habilidade sem par e sem fazer nenhum rumor.

Com o binóculo podia ver tôdas as coisas nos seus mais miúdos particulares. Vi-os parar e agachar-se tôdas as vezes que o cervo, inconsciente do perigo que corria, alçava a cabeça acima das verdes ervas que estava comendo. Tranqüilo, parecia nada perceber.

Sabino conseguiu meter o catchivéu bem a poucos passos do cervo, por trás de uma moita.

Levantou-se primeiro Ortiz: apontou demoradamente, disparou e... errou.

O cervo, ouvindo a detonação que ribombou pela planura vastíssima e silente, levantou a cabeça e olhou atônito para o lado donde tinha vindo o insólito rumor; mas não se moveu, dando assim tempo a Sabino para levantar-se por sua vez, apontar, disparar e... errar também êle!

Desta vez o cervo não esperou um terceiro tiro. Entregou-se a precipitada fuga e, antes que os dois inábeis caçadores tivessem tempo de recarregar as suas armas, desapareceu por trás dum vizinho bosquete.

Inútilmente lhe seguiram os traços durante um pequeno trecho os dois pouco hábeis caçadores, que voltaram de cabeça baixa.

Verdadeiramente, não sei compreender como tenham podido perdê-lo, tendo-o como o tiveram a não mais de dez metros, bem à vista e de flanco!

Enquanto isso, um forte vento de tempestade se havia levantado e, sendo-nos favorável, aproveitamo-lo de boa mente por um bom pedaço; mas depois mudou de direção e nos lançou com violência à costa.

A custo pudemos parar numa enseada à bôca dum palude.

Abrimos um pequeno caminho entre as altíssimas ervas, que pareciam canudos, e acampamos sob uma única árvore à beira do rio.

Para o caso de que viesse a chover, armamos a grande tenda de campo que havíamos levado conosco e nos pusemos debaixo dos nossos mosquiteiros assim como aos objetos que poderiam sofrer com uma ducha celeste.

Mas, ao cair do sol, acalmado o vento, dissipou-se a tempestade.

Diaz, que havia matado entretanto sete ou oito pequenos papagaios, mos trouxe e os fêz logo fritar, e, com uma abundante salada de feijõezi-nhos e uma xícara de café, formaram o nosso jantar.

E como os mosquitos não tardaram a nos vir importunar, pusemo-nos logo dentro dos mosquiteiros, embora ainda não fôsse bem noite.

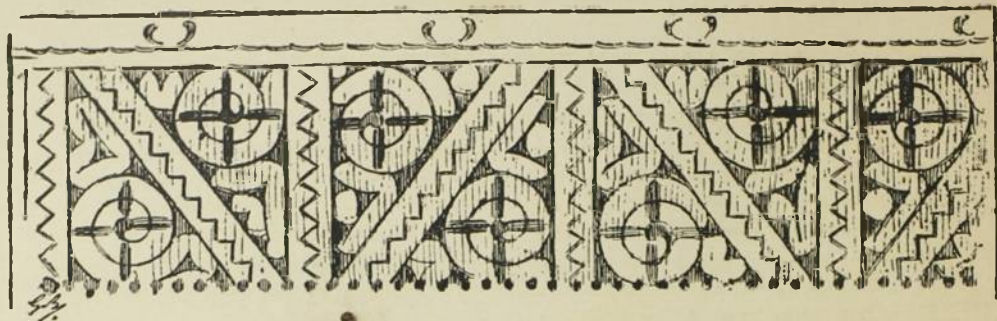


FIG. 7

18 de janeiro.

Antes que surgisse o sol eu já havia distribuído a todos uma xícara de café.

Felipe, para aproveitar a manhã, saiu com Ortiz à caça nos arredores.

Sabino pôs-se a pescar e sem grande demora pegou um belo pacu (um dos maiores e melhores peixes do rio Paraguai.) Enquanto eu, depois de desbarrigado, o estava lavando, uma infinidade de pequenos, esplêndidos peixinhos de vivas côres, matizadas de vermelho, amarelo, negro, azul e branco, vieram comer-lhe o sangue, e eram tantos que, deitando depressa uma vasilha na água consegui colhêr uma vintena dêles.

Ouviu-se um disparo e nos iludimos imaginando que Ortiz, tendo encontrado um cervo ou uma onça, os tivesse matado.

Mas regressaram os caçadores de mãos vazias. Ortiz havia atirado a uma cervo e assegurava tê-la ferido; todavia conseguira fugir e não a puderam pegar.

Realmente, a fama de bom caçador de que goza Ortiz começou a me parecer duvidosa.

Partimos.

Descemos costeando o Chaco à nossa direita. A margem muito alta era recoberta por uma abundantíssima mataria tôda intrincada de trepadeiras. O aspecto era selvagem e triste. Observei a Diaz que aquêle lugar tinha todo o ar de ser um bom ponto para onças, e não o havia ainda acabado de dizer, quando:

— *El tigre, el tigre!* gritou Juan, indicando um ponto da margem inteiramente privado de vegetações, a uma centena de metros adiante de nós.

Nossa emoção chegara ao cúmulo e imediatamente deitamos mão às armas.

Na confusão e no desejo de ver na realidade um animal que havia visto tantas vêzes na jaula, eu não tirava os olhos da costa, onde a princípio não conseguia ver os dois jaguares — pois que dois eram e não um — que se estavam banhando, alonguei as mãos ao fundo da barca

onde estavam as armas para pegar a minha carabina enganei-me, vindo-me à mão a fogo central de dois tiros.

Isso me fez perder tempo e, entretentes, ao rumor feito pela canoa e pelas nossas exclamações, os dois animais acabaram por aperceber-se da nossa presença; e enquanto, trocada a arma, aprestava-me para apontar e atirar, os dois animais já haviam saído para o alto da costa e se preparavam, olhando-nos de esguelha, para desaparecer por trás das moitas.

Partiu um tiro por trás de mim e me tropejou fortíssimo nas orelhas. Era Diaz que havia atirado.

Os dois jaguares num salto desapareceram.

Saltamos em terra. Havia sangue, portanto um dos animais devia estar ferido.

Olhamos tudo em redor, mas nada se movia. O terreno cobria-se de verdura por tôda parte. À direita, havia um matagal intrincadíssimo.

Por um momento, não pudemos achar os traços do jaguar ferido; mas, depois, descobrimos ervas, ramos e fôlhas tôdas manchadas de sangue, e com tôda a precaução nos pusemos a seguir os traços sempre visibilíssimos, pelo meio de uma intrincada rêde de ramos e de lianas que nos tornavam penoso o caminhar.

Se tivéssemos disposto dum cão adestrado, ter-nos-ia sido muito mais fácil, pois que o mesmo teria sentido a presença do tigre e disso nos teria advertido; já ao invés, andando assim à aventura, teria podido cair-nos em cima e não dar tempo para esperá-lo.

Em alguns pontos a fera havia passado debaixo de ramos tão chegados a solo que não se podia compreender como conseguira agachar-se tanto. Também encontramos pêlo agarrado à casca de alguns troncos sob os quais havia passado.

Percorremos dêsse modo muita estrada. A quantidade de sangue perdida pelo jaguar era enorme e deveria, pois, estar morto por esgotamento.

Visto, porém, que não se chegava ao fim, que fazia muito calor e o tempo apertava, renunciámos a prosseguir mais além. A contragosto regressámos às nossas embarcações e partimos.

Havíamos percorrido algumas centenas de metros apenas quando no meio do bambual da própria margem nos apareceu uma bela cervã.

Ainda desta vez foi Diaz que disparou apressadamente e errou. O animal não fêz mais que levantar a cabeça e um novo tiro da minha carabina mandou-o cair morto à sombra dum pequeno salgueiro vizinho. Pusemos a canoa dentro do bambual, mas êste era tão intrincado que nos impedia de tocar na margem. Impaciente, saltei na água julgando não fôsse muito profunda, mas, pelo contrário, me chegou até as axilas.

Não importa: fiz que me dessem a corrente e, à fôrça de puxar, cheguei a aproximar a canoa da margem de modo a que os outros pudessem saltar em terra sem se molharem.

Essas malditas ervas têm a parte externa das fôlhas e o talo cobertos de inúmeros e sutilíssimos espinhos que, destacando-se ao contacto,

se metem dentro do corpo da gente através das roupas e produzem um prurido bem pouco agradável.

Mas não perdemos tempo com semelhantes ninharias e tratamos de tirar o couro da cerva, que era muito grande.

A pobre bêsta estava prenhe e encontramos no seu ventre um cervozinho já bem formado.

Tivemos abundante carne fresca que carregamos com todo cuidado na canoa, cobrindo-a com verdes fôlhas de plantas aquáticas para que o sol não a cozinhasse antes do tempo.

Enquanto se procedia a esta operação de carnicheiro, de todos os lados chegaram grasnando, em grande número, os urubus atraídos pelas detonações.

Voavam sôbre nós a grande altura, em largos círculos, olhando a carne, e alguns vieram pousar nos ramos de certas árvores vizinhas, prontos a se atirar sôbre os resíduos mal tivéssemos afastado.

Com efeito, apenas havíamos embarcado, mas não ainda desencostado, os urubus se precipitaram de tôdas as partes sôbre o lugar da carnificina, grasnando e bulhando estranhamente.

O sol queimava diretamente, tanto que, depois de navegar ainda um quarto de hora, tivemos de acostar à margem brasileira e descer em terra para abrigarmo-nos à sombra de algumas árvorezinhas.

Imediatamente se procedeu ao preparo de um lauto banquete com a abundante carne da cerva.

Estando em época de lua, na qual não é possível conservar carne crua, sobretudo a descoberto, da noite até pela manhã sem que pegue mau cheiro de podridão, coisa por mim muitas vêzes verificada em qualquer estação do ano, preparamos uma grande grade de ramos à maneira dos selvagens e nela fizemos assar bem, a fogo lento, tôda a nossa provisão de carne fresca.

Preparei, além disso, com o fígado, com o filé e com outras partes daquele desgraçado animal, nada menos que cinco pratos diferentes, tão abundantes que chegaram a nos dar indigestão!

Coisa diversa de miséria e fome se passa no deserto... algumas vêzes!

Havíamos estendido no solo, à sombra duma árvore mais alta e frondosa que as outras, a tenda de campo e lá estávamos tranqüilamente estirados em cima, palrando e comendo.

A China, minha cadela pointer, negra como o carvão, que havíamos levado conosco, estirada a poucos passos, ofegante por causa do calor, com meio metro de língua de fora, em dado momento ergueu a cabeça, estirou as longas orelhas atentamente, olhando para o interior do campo, de que muitas moitas nos escondiam a vista, e dando sinais duma derta inquietude, começou a rosnar surdamente como se temesse fazer-se ouvir.

Não lhe demos atenção. Aquietou-se.

Pouco depois tornou a repetir a mesma música. Decerto alguma coisa de insólito nos devia acontecer, talvez algum animal nas vizinhanças.

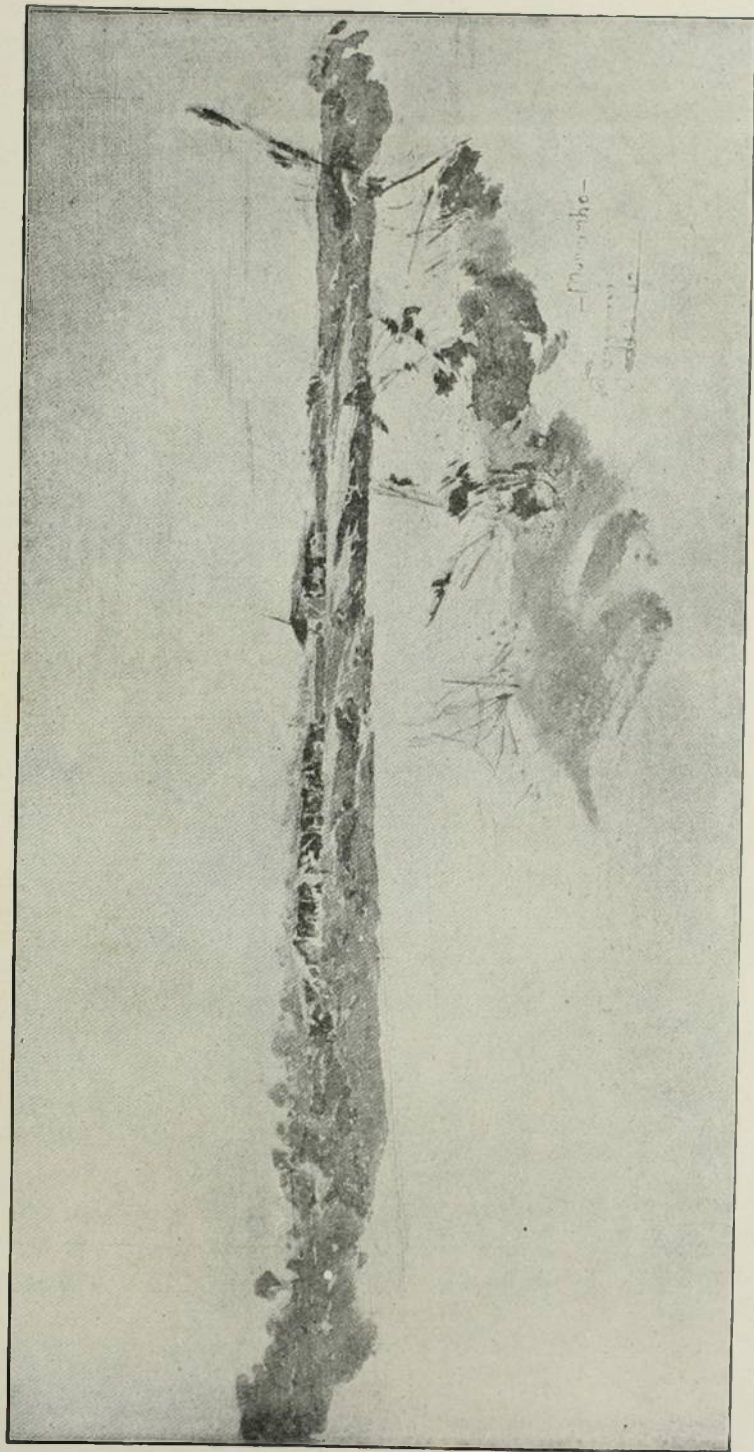


FIG. 8 — Tolderia do capitão Nauwilo à margem do Rio Nabileque.



FIG. 9

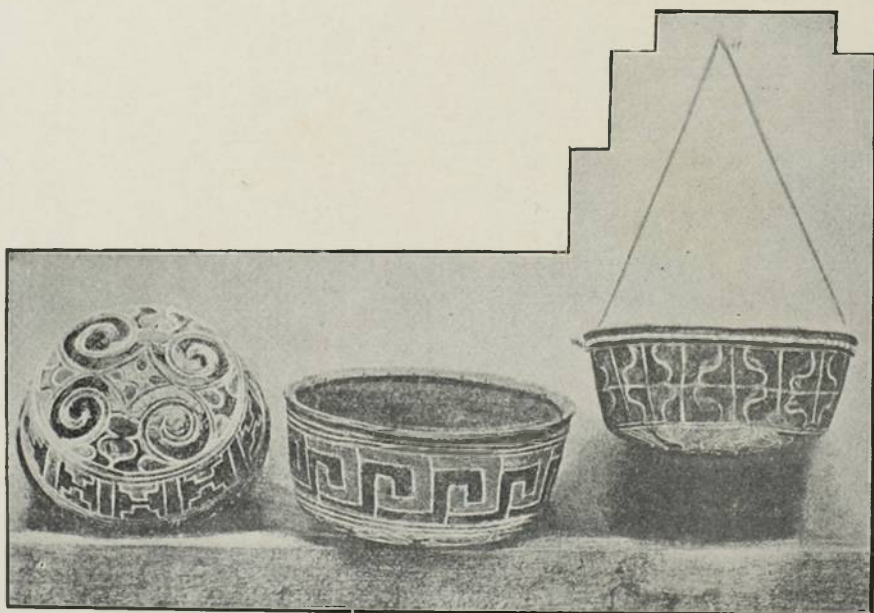


FIG. 10

Diaz trepou na árvore, examinando os arredores. Viu u'a massa escura que se movia a certa distância; pareceu-lhe uma capivara primeiramente. Mas, enquanto descia da árvore tornou a olhar para aquê lado e nos gritou apressadamente:

— *El tigre, el tigre, vayan a buscar las armas!* (A onça, a onça, vão buscar as armas!)

Estávamos sem um só fuzil, porque havíamos deixado esquecidas tôdas as armas na canoa.

Saltamos de pé todos nós diante daquele aviso, e os nossos homens correram, fazendo muito rumor, a buscar os fuzis; o jaguar, pôsto de sobreaviso, foi-se, quieto como viera, perdendo-se nas altas ervas antes que nos tivéssemos achado em condições de tomar a ofensiva.

Atraído certamente pelo odor da carne do cervo, aproximara-se até uns vinte metros de nós.

A China o tinha ouvido e assinalado, mas, não adestrada em caçar essa espécie de animal, se contentara com rosnar em vez de correr para êle.

Prendi a um arbusto, a cêrca de quarenta metros de nós, com uma corda, um grande pedaço de osso e carne, inútil avançada, e me postei por trás dumas moitas, na esperança de que a fera voltasse e lhe pudesse mandar uma bala na cabeça; mas esperei muito tempo em vão. Não se deixou mais ver.

De noite, na tranqüillidade das trevas, terá vindo depois devorar os restos que deixamos no solo e ninguém a terá perturbado atentando contra os seus dias.

Partimos cêrca das três horas da tarde.

O grande calor anunciava u'a mudança de tempo.

Navegamos lentamente porque os remadores estavam de má vontade. Se não houvesse Sabino, que é remador prático e incansável, creio que não se teria caminhado mais depressa que a corrente.

Lá para a noite vimos sôbre a margem esquerda uma família inteira de capivaras. O macho, enorme, nos viu e fugiu correndo.

Diaz disparou um tiro num que havia ficado parado e o feriu de morte. Metemos a tôda fôrça a canoa rumo à costa, mas não chegamos a tempo, porque a capivara numa última convulsão rolou, de cima da ribanceira, no rio e desapareceu nas águas profundas.

Sabino entrou inútilmente na água até o peito.

Continuamos a nossa viagem. O tempo se fêz ameaçador. Os mosquitos... sempre os mosquitos amaldiçoados! Que tormento!

Caminhávamos sempre.

Começou a chover, mas um vento fresco veio nos mitigar um pouco o calor e, favorável, nos ajudou por um curto pedaço.

Choveu mais forte. Os mosquitos eram ferocíssimos.

Descemos em terra para fazer um foguinho.

O campo em derredor havia mudado de aspecto e era completamente aberto, sem árvores, estendendo-se, até muito longe, sempre igual.

Sob uma única árvore havia alguns ramos secos e, entre os ramos, um grande ninho de cupim.

O cupim é um pequeno inseto que abunda por tôda parte; danosíssimo quando se mete nas casas, como tem por hábito, pois que arruína tudo com a sua mania devoradora, é no campo uma providência contra os mosquitos.

Faz grandes ninhos nas bifurcações das árvores, que, queimando fâcilmente como a turfa, são formados de detritos vegetais duma côr pardacenta, e fazem muita fumaça, um pouco mal cheirosa, admita-se, mas que afugenta infalivelmente os mosquitos.

Aproveitei logo; enchi um caldeirão de ferro de três pés com as brasas do fogo que havíamos acendido antes, pus em cima dois ou três grandes pedaços de cupim, e o levei para a canoa.

A chuva, que havia cessado um momento, recomeçou com nova intensidade.

Eu estava ensopado.

Enquanto descíamos lentamente pelo rio os mosquitos tentaram um assalto, mas a fumaça do cupim entrou em ação, livrando-nos dêles.

Estirei-me desajeitadamente sôbre as caixas e utensílios, envolto no meu xale de lã.

Estava muito cansado.

Felipe, que se achava ao meu lado, cansado também, apoiou a cabeça no meu braço direito e adormeceu. Deixei-o fazer e não o quis perturbar no sono, embora a sua posição me impedisse todos os movimentos. Adormeci eu também.

CAPÍTULO II
DA BÔCA DO RIO NABILEQUE
AO RETIRO

19 de janeiro.

Ao alvorecer me despertaram; havíamos navegado tôda a noite e acabávamos de entrar, finalmente, na bôca do Rio Nabileque.

As águas dêste tributário do Rio Paraguai tinham uma coloração escura bem diversa daquela turva e alvacenta do grande rio. No copo, por transparência, tinham uma coloração dourada e eram muito límpidas. Eram boas de gôsto, mas muito quentes em virtude do sol.

Sôbre a margem, à nossa esquerda, elevavam-se frondejantes uma por trás da outra algumas grandes árvores de bellissimo folhame verde-escuro cuja sombra nos convidava a repousar.

Paramos e descemos à terra para preparar um pouco de café e restaurar-nos da má noite passada.

Trepei nos altos ramos duma das árvores; e tive de lá de cima uma grande vista sôbre a campina em derredor, que era rasa, muito baixa e inundável. Era tôda verde e me parecia fôsse bom campo para cervos e de muita caça.

Sabino nos avisou que do vale vinha um catchivéu tripulado por Caduveo.

Desci logo da minha vigia e vi, com efeito, vir para nós uma grande embarcação com oito pessoas dentro. Quatro homens e quatro mulheres.

Um esplêndido jovem, alto, direito e bem formado, de porte sério e repousado, remava de pé sôbre a proa; e um esplêndido velho igualmente

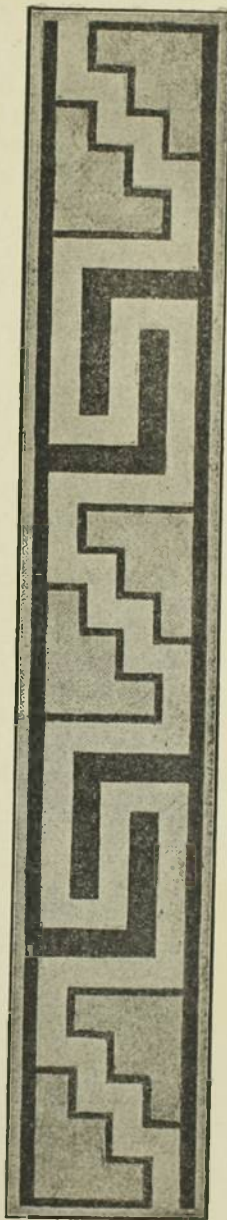


FIG. 11

muito bem formado, de linhas que indicavam pureza do sangue, estava sentado à pôpa, dirigindo o catchivéu.

O jovem era cunhado da mulher de Joãozinho, o simpático Caduveo, filho de um Brasileiro e de uma Caduveo, que mora em Nabileque.

O velho era pai do jovem, o qual pertence à nobreza, ou seja a uma das antigas famílias de Caduveo que conservaram a pureza do sangue.

Vinham de Forte Olimpo, onde haviam ido vender uma centena de couros de cervo.

Pena que nós tivéssemos chegado atrasados.

Anunciaram-nos que o Capitãozinho, o chefe mais influente dos Caduveo, com a sua gente, estava caçando nas vizinhanças da residência que tinha, o Nalique, o que era boa nova para os nossos negócios.

Contratei um dos recém-chegados para que nos desse mão forte a fim de subir o rio até o Retiro.

Era zarolho e tinha uma cara um tanto antipática, mas era bom remador, o que a nós mais importava.

Partiram os Caduveo no seu bellissimo catchivéu e pouco depois partimos nós também, com a nossa pesada flotilha.

O Nabileque, em contínuas voltas, serpenteava estranhamente entre duas margens sempre baixas e sempre verdes.

Fazia muito calor, mas por sorte um pouco de vento mitigava o ardor do sol.

Víamos, não longe, azul o Morrinho ao pé do qual o velho lobo do Capitão Nauwilo dos Caduveo tem sua residência com alguns sequazes.

Do Rio Paraguai, em linha reta, o Morrinho não dista mais de seis ou sete quilômetros e o víamos de quando em vez sempre próximo. Mas o Nabileque dava tais voltas que ora o tínhamos pela frente, ora pelas costas, ora dum flanco e ora do outro, e súbitamente não o vimos mais para reencontrá-lo a dois passos um momento depois, e entrementes não se chegava nunca a êle! Um verdadeiro brincar de môsca cega. ⁽¹⁾

O sol, no entanto, continuava a nos cozinhar as costas com violência, e o vento sempre contrário se unia à corrente para nos fatigar.

O rio corria lentamente sempre entre duas margens baixíssimas, mas com boa profundidade d'água.

Paramos ao meio-dia sob magros salgueiros, num terreno muito baixo, quase ao nível do rio. Era a única sombra que se nos oferecia à vista. Mas o calor debaixo das árvores, faltando-nos o ar, era sufocante e suave-se abundantemente mesmo sem fazer nenhum movimento.

Preparar o que comer ao pé do fogo se tornou um tormento, mas era preciso ainda se adaptar e, como de costume, fui eu quem me encarreguei disso, assistido por Felipe.

Recomeçamos a nossa viagem cêrca das três, com um sol terrível; mas pelo menos ao aberto havia ventilação e se respirava melhor.

(1) "Môsca cega", jôgo italiano sem dúvida semelhante à "cabra cega". (N. do tradutor).

Continuava o rio nas suas voltas estranhas. Contrariamente àquilo que se devia dar, quanto mais se andava para cima, mais se alargava, e perto da noite a sua largura se tornara notável.

O Morrinho continuava a brincar a môsca cega; mas evidentemente já não podíamos tardar muito a chegar a êle.

Caída a noite, eis os mosquitos!

Finalmente, cêrca das onze, chegamos ao pé da tão suspirada montanha. O Nabileque formava, nesse ponto, uma enseada mais ampla, tanto que parecia um pequeno lago, e a montanha se elevava majestosa, sem ser muito grande, tôda coberta de bosques, imponente na noite lunar.

Acreditava que a residência de Nauwilo se encontrasse ao pé dessa montanha, mas Sabino me explicou que, com efeito, tempos atrás as habitações da gente de Nauwilo surgiam na encosta do monte, justamente naquele ponto sem bosques que ainda podíamos avistar à luz da lua; mas sendo o terreno pouco fértil e cheio de pedras, o pôsto havia sido abandonado e a "cidade" transportada um pouco mais acima pelo rio, ao pé de uma outra montanhazinha que podíamos distinguir à nossa esquerda a não muita distância.

Estávamos cansados; mas Sabino, que parecia ter pressa de chegar a Nauwilo, nos disse que mais valia remar um pouco mais e chegar até lá diretamente.

Consenti e, numa hora aproximadamente, chegamos ao pé do outro monte que não era tão alto como o primeiro, mas mais extenso e era também todo coberto de estupendos bosques.

Pouco depois de o costearmos começamos a ouvir os cães latir e os Caduveo cantar.

Perto da margem, entre as plantas, observamos trechos de terreno cultivados com milho e mandioca.

Finalmente, ao desembocar na planície aberta, no ponto em que o rio abandona as faldas do monte, vimos à esquerda surgir algumas cabanas. Em outro lado havia cavalos e bois que repousavam pacificamente à fresca.

Julgamos mais prudente, no momento, acampar entre os animais e não entre os homens, pois que os Caduveo que nos haviam precedido tinham trazido uma boa carga de pinga e por certo alguns garrafões deviam ter sido esvaziados.

Aquêles cantos e aquela animação em tão tardia hora deixavam compreender à evidência.

Diaz estava de mau humor e extenuado. Durante todo o dia não fizera mais que se lamentar de tudo e, ao passo que nos avizinhávamos da *tolderia* (2) andava metendo na cabeça tôda sorte de histórias e temo-

(2) Este é um vocábulo hispano-americano que significa reunião de *toldos* ou cabanas de selvagens. Poder-se-ia traduzi-lo por Aldeia; mas assim não se exprimiria tão bem o verdadeiro sentido daquele vocábulo que eu julgo conveniente adotar de preferência a qualquer outro (N. do A.).

res de assaltos noturnos, de ladrões, de serpentes, de bÊstas ferozes e de grandes perigos aos quais estávamos expostos.

Não lhe dei maior importância e respondi com indiferença às suas observações.

Estávamos todos cansadíssimos, pois que o dia tinha sido penoso e sobremaneira longo. Era passada a meia-noite. Armamos logo os mosquiteiros e, quanto a mim, não tardei a adormecer profundamente.

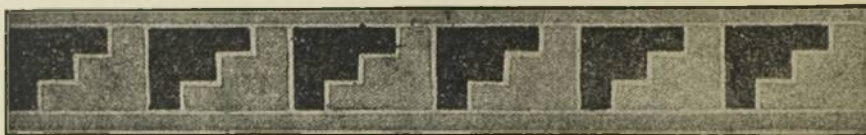


FIG. 12

20 de janeiro.

Levantamo-nos com bastante tempo.

As poucas horas de sono nos haviam repousado das fadigas de ontem.

Demos logo princípio à arrumação das nossas coisas que, atabalhoadamente, havíamos desembarcado ontem à noite quando da nossa chegada; era provável que os Caduveo de Nouwilo tivessem alguns couros para vender, e sabendo que tínhamos conosco muitas mercadorias e especialmente muita pinga, teriam vindo, certamente, para negociá-las.

Achávamo-nos nas lindes dum extenso prado que ia gradualmente baixando até formar um paul.

Muito próximo, do outro lado do rio, um pouco à maneira de um vale, se elevava o monte que, como havíamos observado ontem à noite, não era muito alto, mas bastante extenso e coberto de abundantíssima floresta que, à luz do dia, nos aparecia em todo o seu esplendor.

Ouvíamos ressoar estranhamente, do meio das frondosas árvores, forte estridor dos macacos e um esquisito eco aumentado pela ressonância do bosque.

Em derredor, isolados um do outro, surgiam outros montes azuis grandes e pequenos.

A aldeia, ou tolderia, que nos estava justamente pela frente, era formada por uma fila de cabanas unidas uma à outra como uma só grande cabana aberta para o rio e coberta por um teto com duas calhas para as chuvas, feito em parte de folhas de palmeira e em parte de palha.

Outra cabana, um pouco afastada, mais à direita, menor e mais bem construída, era a habitação do capitão Nauwilo e da sua augusta família.

Na ponta dum alto mastro se viam as insígnias do grande homem: um galo branco muito bem feito.

Como bom político, me fiz transportar à margem oposta a fim de ir apresentar as minhas homenagens ao senhor dêste feudo; mas não

tive a fortuna de encontrá-lo em casa, porque desde alguns dias havia partido para Tereré, uma das feitorias de Malheiros, de quem Nauwilo é mais ou menos vassalo.

La estavam, porém, as duas belíssimas filhas dêle, que me receberam com *dignidade principessa*.

Lídia, a maior, era sempre uma esplêndida mulher, uma verdadeira Cleópatra, ainda que depois da última vez em que a vi, a cerca de quatro anos, tivesse engordado muito.

Tinha sempre o seu olhar nobilíssimo, com aquêles olhos negros, negros tão bem talhados quanto uma amêndoa e as suas mãozinhas e pêzinhos pequeníssimos continuavam tratados como os duma verdadeira princesa.

Leocádia, a segunda, muito mais jovem e mais esbelta, era também muito bonita. Os seus olhos eram simplesmente esplêndidos.

Na tolderia havia pouca gente e a maior parte embriagada, Sabino, que ontem à noite havia passado para esta margem, estava mais bêbado do que ninguém.

Raros os couros de servo e não deveriam tardar para vir ao meu poder mediante um pouco de pinga.

Comprei uma bela ânfora ornada de bonitos desenhos em troca duma rapadura e meia. Um valor de cerca de 55 soldos.

Depois que voltei para o nosso acampamento não tardaram a se apresentar os clientes, todos no estado da mais profunda embriaguez.

Como eu previa, com um pouco de pinga e alguns metros de percal compramos os sete couros que existiam na aldeia.

Diaz, sempre de mau humor, cheio de temores e desconfianças, não me parecia que soubesse tratar como devia com esta gente, com a qual se torna necessário usar de prudência e boas maneiras. Tratava-os muito grosseiramente e com desconfiança demasiado evidente, segundo penso, provocando-lhes assim a ira.

Não me agradou e lhe fiz compreender isso.

Ouvimos um disparo de fuzil. Era Nauwilo que, de regresso, se anunciava ao seu povo. Chegou, com seu séquito, em dois catchivéus.

No segundo, estendido mais que sentado, em companhia de várias mulheres, se abrigava do sol com uma sombrinha de percal branco com pontinhos vermelhos.

Tinha todo o ar dum Rei de Lahore de fancaria, navegando sobre um Ganges diminuído para a ocasião.

Arrumei-me um pouco para ter o ar mais imponente possível e fui visitá-lo.

Recebeu-me com muitos cumprimentos — falava brasileiro com muita desenvoltura e com uma entonação de voz insinuante, lenta e digna — e me pediu notícias da minha viagem, do companheiro que vinha comigo, de Acevedo, que conhece perfeitamente, e de tantas outras belas coisas, mas a conclusão não se fêz esperar, e:

— Tem pinga?

Como o conhecia de longa data, tal pergunta não me pegou desprevenido e me fez entregar duas garrafas vazias que eu saberei tornar um *gratíssimo dever* (que o diabo carregue este impenitente bêbado) o devolver-lhe cheias.

Ofereceu-me frutos de tarumã, (3) uma árvore que cresce nos arredores, cuja fruta dulcíssima, ligeiramente picante, tem a forma de uma cereja sem cabo, enegrecida e como uma grande noz. Ofereceu-me também espigas verdes de milho, que aceitei com prazer e que teria mandado colher imediatamente na sua roça para mim.

Depois de cumprimentá-lo, regressei para o outro lado do rio a fim de esperar o milho prometido e o pagamento da visita.

Almoçamos e depois tentamos dormir um pouco a sesta, mas o calor era de tal forma sufocante, mau-grado o forte vento que soprava, que não pudemos pregar olho.

Pouco depois veio Sabino, ainda bêbado como um frade, acompanhado por alguns amigos.

Travou-se logo entre mim e este malandro uma intrincadíssima questão de dar e haver sobre o que ele devia a mim ou eu a ele, questão que se resolveu num pedido a crédito de meio quartilho (1/4 de litro aproximadamente) de pinga, que acabou por obter à custa de amolações e súplicas.

Outros clientes de pouca importância, em estado de semi-tontura também eles, cacetearam um pouco com o querer ver tudo e não comprar nada, e depois nos deixaram em paz, indo-se embora.

Diaz se tornava cada vez mais de mau humor e com os seus modos e suspeitas, temendo ter de passar a noite ao pé da aldeia onde havia bêbados, insistia em partir para o Retiro hoje mesmo.

Eu teria desejado deixar nossa gente repousar até amanhã pela manhã; mas, para não contradizê-lo demasiado, consenti e se decidiu que partiríamos cerca das cinco, quando o sol não estivesse tão forte.

Depois de tanto tempo de abandono (quase dois anos) voltei a pintar.

Levadas para fora as aquarelas, fiz um ligeiro esboço da *tolderia* que nos estava defronte. Não trabalhei nisso mais de meia hora, instado a andar depressa por Diaz que estava cada vez mais impaciente para andar. (V. fig. 8).

Lá para as quatro atravessei novamente o rio para ir apresentar os meus cumprimentos a Nauwilo, mas o augusto personagem dormia profundamente e não fui tão tolo que o perturbasse. Deixei a bela Leocádia incumbida de apresentar ao pai as minhas homenagens e voltei sem as espigas de milho prometidas.

Sabino e o seu companheiro zarolho protestavam, embriagados ambos a ponto de não se orientar, e diziam que não devíamos partir

(3) *Vitex taruma*, *Vitex montevidensis*, *Geraschantus* (N. do A.).

tão cedo, mas esperar de manhãinha para irmos todos juntos com os da outra canoa, os quais seguiam para o Nalique.

Mas não lhes demos ouvidos e tratamos de embarcar apressadamente e com fúria tôdas as coisas, para aproveitar as poucas horas de dia que ainda nos restavam.

Um incidente.

Eu havia comprado quatro ou cinco raízes de mandioca que havia pôsto dentro dum balde entre as outras coisas que estavam sendo embarcadas.

Uma mulher, mais feia do que um pecado mortal, com a cara tôda riscada de cicatrizes, não sei se de queimaduras ou de qualquer doença horrenda, e por cima bêbada de não parar de pé, veio a mim, demonstrando-me uma admiração tão comprometedora quanto lisonjeira, instando comigo para que não partisse, e me dizia que eu era belo, branco e lhe agradava muito, o que gritava por tôda a esplanada.

Num momento de maior expansão sua e desatenção minha me roubou a mandioca.

Percebi-o muito tarde, quando ela já se tinha ido.

Mas, pouco depois, atraída sem dúvida pelos meus irresistíveis encantos e talvez pela esperança de poder se apropriar de qualquer outra coisa, voltou acompanhando outra mulher, a qual carregava para vender um belo prato ornado de contas brancas e azuis e de desenhos, como é comum, em prêto, vermelho e branco.

Disse eu de mim para mim mesmo:

— Espera que eu me vingo e me pago a mandioca.

Fiz jeito de querer comprar o prato que, admirando, peguei entre as mãos, e enquanto isso perguntei à minha admiradora:

— Onde está a mandioca?

— Mas eu não sei... sim... não... E começou a desfiar não sei que mentiras. Então lhe disse que em troca eu conservava o prato e que se entendesse com a companheira, a qual, entre parêntesis, pobrezinha, não entrava nisso por coisa nenhuma.

Com essa gente não se deve andar com muitos cumprimentos!

Dei tamanho empurrão no catchivéu em que tinham vindo que foi parar na outra parte do rio antes mesmo que tivessem voltado da surpresa, o que cortou tôda discussão, e nós partimos imediatamente, sem atender a outras justificativas ou protestos, deixando Sabino e o vesgo em terra a digerir a pinga que haviam bebido.

Da toleria nos saüdaram e nos auguraram boa viagem.

Sòzinhos, era-nos muito cansativo fazer subir o rio as duas embarcações carregadas como estavam e com a nova carga dos couros comprados.

Mas fizemos da necessidade virtude e caminhamos lentamente até a noite sem chegar ao Retiro. Não estando bem seguros da estrada que não conhecíamos, tanto mais que, estando a noite escura, nos parecia que o rio se dividisse por vêzes em dois ramos, ficamos um pouco perplexos sôbre se continuar ou ficar.

Enfim, mau grado os receios de Diaz quanto aos assaltos noturnos da parte dos Caduveo para roubar-nos tudo menos a pele, junto ao pé duma bellissima árvore que, carregada de lianas floridas, se inclinava sobre a água, paramos e amarramos à costa.

E então surgiu a questão se se devia ou não descer à terra para levantar os mosquiteiros e passar a noite.

Diaz recomeçou com a sua música e pôs em cena também os tigres, os leões, as serpentes e outras tantas feras que deviam estar ali prontas a nos esperar para fazer de nós um lauto banquete.

Decididamente começou a me amolar.

Enquanto se discutia e não se sabia o que fazer um peixe teve a luminosa idéia de saltar na canoa sem ser chamado.

Este sinal evidente do favor dos deuses nos induziu a pescar, mas sem obter nenhum resultado.

Pelo que, cansados e irritados, nos estendemos como pudemos sobre as bagagens e nos dispusemos a dormir na canoa, esperando o dia.

Mas os mosquitos vieram ao assalto, atormentadores como sempre e mais ainda que de costume, e então, mau grado as murmurações e os mêdos de Diaz, nos metemos no intrincado bosque que havia junto à margem e dormimos regaladamente dentro dos mosquiteiros, sem accidentes, até pela manhã.

21 de janeiro.

Os tigres, os leões e as serpentes cascavéis, tanto quanto os Caduveo, nos deixaram dormir em santa paz e Diaz teve diante de si ainda toda uma jornada para tremer pela próxima noite.

Já devia ter dormido pouco, êle!

Lá para as duas, pensando que o dia não estivesse muito longe, eu havia acendido um fósforo para olhar o relógio, e Diaz, que certamente velava cheio de sono e de mêdo, ouvindo mover-me e vendo de imprevisto luzes, com voz entre terrível e o trêmulo perguntou:

— *Quien va?*

— Nada, nada! respondi eu.

— Ah! fez ele acalmado, calando-se.

Seguramente julgara que os Caduveo estivessem às portas e que a grande carnificina e conseqüente saque estivessem para começar.

As quatro e meia acordei os adormecidos que custaram um pouco para pôr as pernas fora dos mosquiteiros.

Tomado um pouco de café e rearrumada bem a carga das embarcações, partimos cerca das cinco horas e meia.

Justamente naquele momento veio pousar nos ramos duma árvore vizinha um jacu que eu matei com um tiro.

Para facilitar quanto possível a manobra da nossa frota, resolvemos afastar o catchivéu e, confiado ao remo esperto de Juan, subimos o rio separadamente.

O vento nos era sempre contrário e nos fatigava muito.

Achando pouco fundo num ponto onde o rio era muito largo, ao invés de vogar comecei a empurrar a canoa apoiando com força a extremidade da vara no fundo do rio; fazia-se assim maior força e menor fadiga.

Mas em dado momento, tendo-me inclinado muito para fora e a vara se destacando do fundo onde havia penetrado mais do que o necessário, perdi o equilíbrio e, para não cair com a cabeça para baixo, não me restou outro jeito que saltar no rio, cuja água me chegou até a cintura.

A água estava tépida e o banho bastante agradável. Não tive nem mesmo o trabalho de trocar as roupas ensopadas. O sol as enxugaria em pouco tempo.

Passada uma volta do rio, apresentou-se diante de nós um belo trecho de cerca de um quilômetro de extensão, e o vento tendo se tornado favorável, com a nossa mudança de direção, aproveitamos isso para percorrer aquele trecho a vela, o que representou um grande descanso para as nossas forças quase exauridas e nos deu novo alento para prosseguir.

O rio era cada vez mais largo. Em alguns pontos tinha mais de cinquenta metros, sendo a sua largura média, da foz ao Morrinho, de vinte e cinco metros mais ou menos, e do Morrinho para cima de quarenta a cinquenta.

As águas tinham a profundidade de dois ou três metros no canal e às vezes mais; tinham sempre aquela côr escura que eu havia observado na foz. Sem dúvida, isto devia provir do fato de que o Nabileque recebe a massa principal das suas águas dos inúmeros pântanos que cobrem quase toda a região e onde crescem enormes quantidades de vegetais.

Longas filas de frondosas árvores, a trechos, elevavam-se na costa sobre a água, mas, em geral, as duas margens eram baixas e pantanosas, o campo, dos dois lados, plano, baixo e aberto. Eram vastos prados sem troncos ou arbustos, atravessados de tanto em tanto por faixas de palmeiras e bosques que indicavam na maioria a existência de algum canal ou laguna.

Avançando para a nossa estrada, as montanhas, que havíamos visto esparsas no horizonte, iam cada vez mais se avizinando e algumas pareciam duma certa importância.

Muitos jacus gralhavam sobre as árvores e entre as sebes. Desce-mos várias vezes para tentar matar algum, mas a vegetação das sebes era tão densa que, sepultados entre as folhas, não nos era dado ver um pouco além do nosso nariz e dificilmente podíamos nos mover.

Mas Ortiz, depois de perder dois ou três tiros, conseguiu finalmente matar um que se pusera bem na vista sobre os altos ramos duma grande árvore.

A má vontade dos meus companheiros por um lado, o sol bastante forte, o vento e a corrente contrários por outro lado, nos faziam proceder

com extrema lentidão. Tôda desculpa era boa para pararmos. Estávamos realmente extenuados pela fadiga.

Mas Felipe que, de pé sôbre a proa, dava na água moles pancadas com a vara, em dado momento, fixando um ponto diante de si, novo Colombo, exclamou:

— *Hay cosa como casa.*

— Onde?

— *Allá!*

Era verdade; entre as plantas de um bosquete, que vinha acabar no rio, aparecia uma cabana com teto de fôlhas de palmeira.

Certamente não podia ser mais que o tão suspirado Retiro, a meta da nossa viagem.

Viva!

Estava ainda a mais de seiscentos metros pelo menos, mas à vista, e, com o entusiasmo de chegar, as fôrças nos voltaram como por encanto.

Então, à nossa direita, um bosque de grandes *lapachos* ⁽⁴⁾ ocupava um pequeno espaço de terreno.

Eram belíssimas plantas, e na primavera, quando se cobrem das inumeráveis flores rosa escuro, êste cantinho da terra deve ser encantador.

Finalmente, cêrca das dez horas da manhã, chegamos ao fim das nossas fadigas náuticas depois de quase cinco dias de navegação cada vez mais angustiosa.

Pusemos pé em terra diante da cabana que, embora mal se sustentando, nos oferecia bom abrigo do sol.

Era tôda aberta, portanto a ventilação ali não faltava. Consistia num miserável tabique ou tapume e num teto que cobria poucos metros quadrados de terreno sob o qual estavam preparados certos giraus (outro nome não saberei dar-lhes mais apropriado) feitos com troncos de palmeira cortados longitudinalmente e postos em forma de mesa ligeiramente inclinada, um ao lado de outro, apoiando as duas extremidades sôbre dois cavaletes altos de pouco mais de sessenta ou setenta centímetros sôbre o solo.

Sôbre êsses giraus dormem não só os Caduveo mas também a maior parte da gente do campo das feitorias brasileiras.

Como êste lugar é raramente habitado, e só por pouco tempo, as intempéries e o abandono o haviam deixado em bastante mau estado, tendo o vento ali amontoado terra e fôlhas sêcas.

Pusemo-nos logo a consertar um pouco uma das paredes, que ameaçava ruína, e a limpar essa nossa nova residência a fim de torná-la mais confortável.

Desembarcaram-se tôdas as coisas e foram abrigadas sob o teto hospitaleiro.

Quando se começava a desembalar as mercadorias para dar a cada uma um lugar conveniente, chegaram pela via de terra, montados em

(4) *Tecoma flavescens*, Bigoniáceas. (N. do A.)

bois e cavalos, os Caduveo que encontramos na foz do Nabileque e que havíamos deixado no Morrinho imersos nos prazeres da embriaguez.

O seu catchivéu chegou um pouco mais tarde, tripulado por Sabino e pelo zarolho.

Sabino descontou assim a culpa de nos ter abandonado, pois que para dois remadores apenas aquêles catchiveu, mesmo vazio, era muito pesado, sendo de formas mastodônticas.

Podia conter cômodamente dez pessoas. Comprido de mais de sete metros, era largo no centro de 80 a 90 centímetros. Talhado num só tronco de timbó⁵, uma das mais belas árvores dos bosques sul-americanos, era muito bem feito e bem equilibrado.

Tinha podido levar a Forte Olimpo, em couros de cervo, um pêso de cerca de trezentos quilogramas e em gente e utensílios mais de seiscentos e cinquenta quilogramas, ou sejam cerca de dez quintais, fazendo uma viagem dumas quinze léguas pelo menos (sessenta quilômetros).

Possivelmente o comprarei quando vierem os Caduveo e tenha feito a compra dos couros. Servir-me-á perfeitamente para carregá-los e transportá-los para Forte Olimpo.

As mulheres tinham levado uma grande bolsa de frutos de tarumã que enfiavam na bôca a mancheias com extrema voluptuosidade.

Aquêles senhores repousaram algumas horas; depois, desembarcadas doze garrafas de pinga que haviam trazido de Forte Olimpo, carregaram as suas montadas, bois, vacas e cavalos, e se dispuseram a partir para o Nabileque.

Pelo rio não se pode andar, segundo parece, e por terra, do Retiro, estarão a seis ou oito léguas, segundo o que pude entender das informações colhidas.

Sabino, que ia com êles, avisará o Capitãozinho da minha vinda, a fim de que venha logo com a sua gente caçar cervos.

Fizemos uma exposição de quanto levávamos conosco e, feitos alguns presentinhos para estimulá-los, prometeram-me estar de volta no quarto dia depois de hoje. E partiram.

Após o almoço, embora estivesse muito cansado, fui com Felipe e Ortiz dar uma volta pelo campo circunvizinho.

As plantas entre as quais estava situado o rancho do Retiro não eram densas nem numerosas e cobriam um estreito espaço da margem do rio que aqui é um tanto mais alta do que quantas encontradas até agora. Quase tôdas as plantas eram de paratudo,⁽⁶⁾ cujo tronco dá u'a madeira útil para muitas coisas, pelo que foi dado êsse nome à planta. Imediã-

(5) *Enterolobium timbowa*, Leguminosas (N. do A.).

(6) Significa que serve para todo uso, para as múltiplas aplicações a que se adapta a sua madeira. Não achei o nome botânico (N. do A.). — O nome de "paratudo" é aplicado a diferentes plantas nas diversas partes do Brasil. Segundo C. A. M. Lindman (*Album Gráfico do Estado de Mato-Grosso*, pág. 297), nos cerrados matogrossenses chamam assim a *Tecoma caraiba* (Nota de H. B.).

tamente por trás estendia-se uma pequena campina baixa e úmida lá para o centro, coberta de ervas muito altas. Era um curral (cercado para recolher de noite os animais). Contornava-o um ralo palmeiral a que se seguiam, alternando, bosques de quebrachos, palmares e verdes prados, ora úmidos e ora enxutos.

Depois de haver caminhado por um quarto de hora, o cansaço venceu o desejo de ver e, deixando os meus dois companheiros prosseguir sós, deixei-me cair à sombra duma jovem palmeira para repousar um pouco.

Nunca me havia sentido tão cansado como neste momento; as minhas pernas se recusavam literalmente a me levar; e a carabina se tornara um pêso insuportável para os meus braços.

É verdade que há cinco ou seis dias eu era obrigado a pensar em tudo e em cada dia e noite, a cozinhar e animar os outros com a palavra e o exemplo; e o meu corpo, ainda não habituado a tamanho esforço, reclamava, por fim, um repouso um pouco mais sério do que o tido até então.

Depois duma meia horinha me pus de pé e lentamente voltei para casa.

Aquêlê breve trecho de estrada me pareceu interminável, e não deviam ser mais de mil metros!

Diaz, que encontrei ainda mais de mau humor, recomeçou a litania dos seus temores e das exageradas desconfianças de imaginários inimigos dos quais devíamos esperar a cada momento um assalto. Não sei mais a propósito de que me fêz algumas observações que me fizeram perder a paciência, e então me desafoguei, fazendo-lhe um bom sermão em regra.

Acabei por pedir-lhe desculpa, com o que tiveram fim as nossas disputas.

Voltaram Ortiz e Felipe sem ter achado mais que numerosos sinais de cervos.

Ortiz resmungava que não havia nada e que Sabino mentira ao dizer que existiam muitos cervos nos arredores, e que se perdia tempo inútilmente; e tinha um nariz de dois palmos de comprimento.

Preparou-se a ceia. Com o caldo de dois jacus apanhados pela manhã preparou-se uma sopa de arroz e entrementes Juan e Diaz haviam pescado dez bagres (pequeno peixe muito bom) que fizemos ferver.

Felipe cortou alguns palmitos de que preparei a parte de cima em salada, fazendo-os primeiro ferver na água e sal; e havendo nos terrenos do rancho muita beldroega, fi-la ferver e preparei uma salada que, porém, comi sôzinho, sendo coisa nova para os outros.

E depois desta magra ceia se prepararam logo os mosquiteiros sôbre os giraus e nos dispusemos a dormir.

Mas o meu espinhaço não estava habituado a êste tormento de S. Lourenço e as tiras de palma, mal ligadas entre si, me entravam nos ossos dolorosamente.

Não bastaram duas ou três cobertas para diminuir-lhe a aspereza; cansado como eu estava, teria desejado um leito melhor!

Mas, me habituari pouco a pouco.

Feliz o Diaz, que tinha trazido consigo uma caminha de campo e não tinha necessidade de tomar conhecimento d'este novo instrumento!

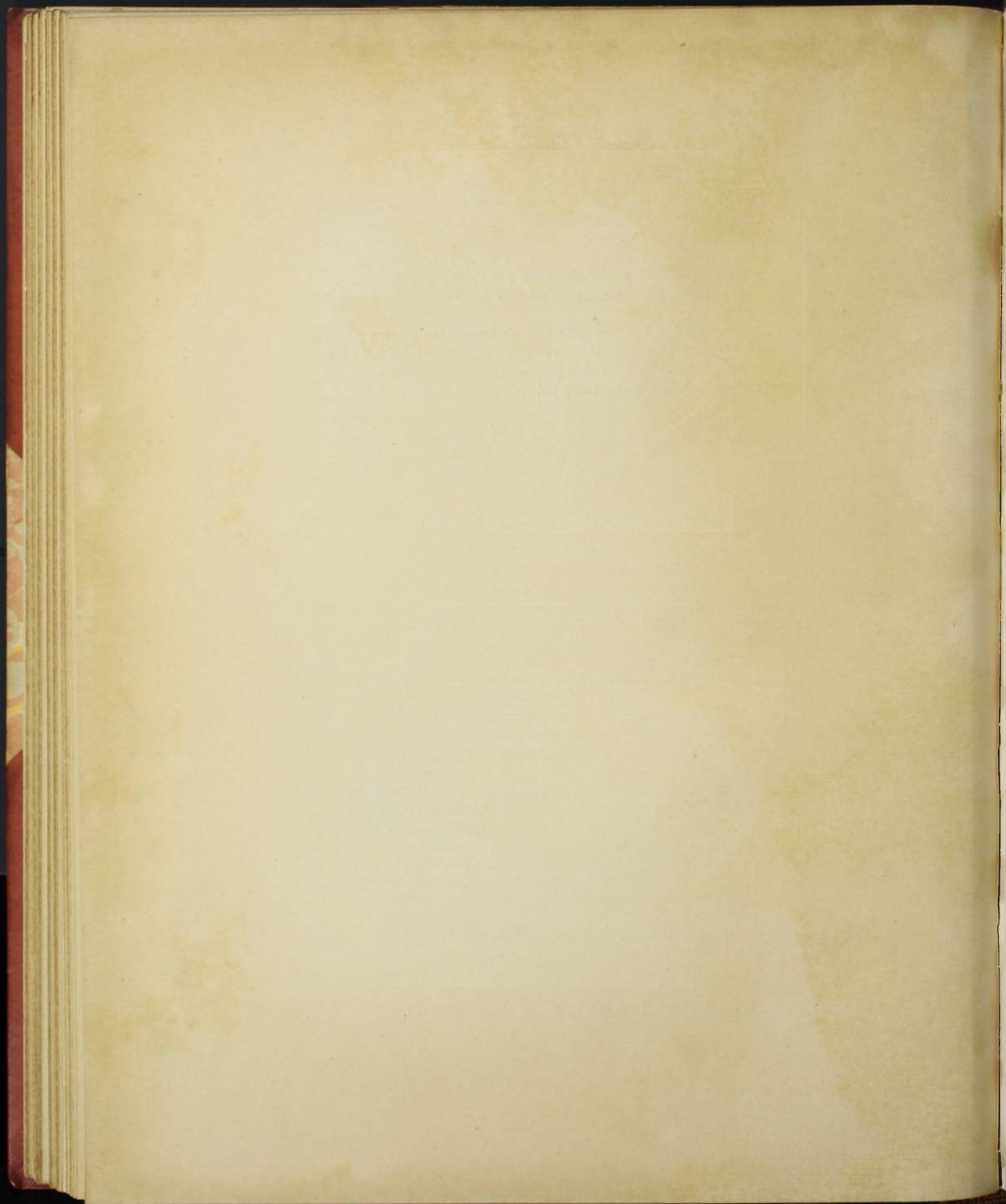
Em compensação, porém, a êle tiravam o sono os mêdos e as suspeitas de todo gênero que agora, depois do último sermão, não ousava nem mesmo manifestar-me e dos quais eu pouco me importava.

Descobri que havia levado consigo quatro *dentes de alho como defesa das serpentes!*

Deveras; porque lhe haviam dito que as serpentes fogem d'esse innocente vegetal. ⁽⁷⁾ E à noite, antes de adormecer, tinha o cuidado de colocar um d'elles ao pé de cada uma das pernas da sua caminha!

Valente companheiro para uma tal excursão!

(7) Crença muito divulgada no sul do Brasil, (Nota de H. B.).



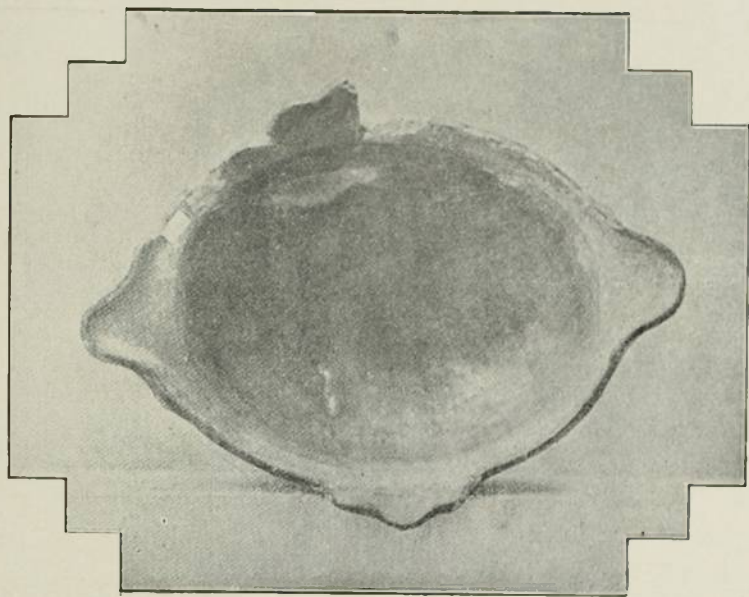


FIG. 13

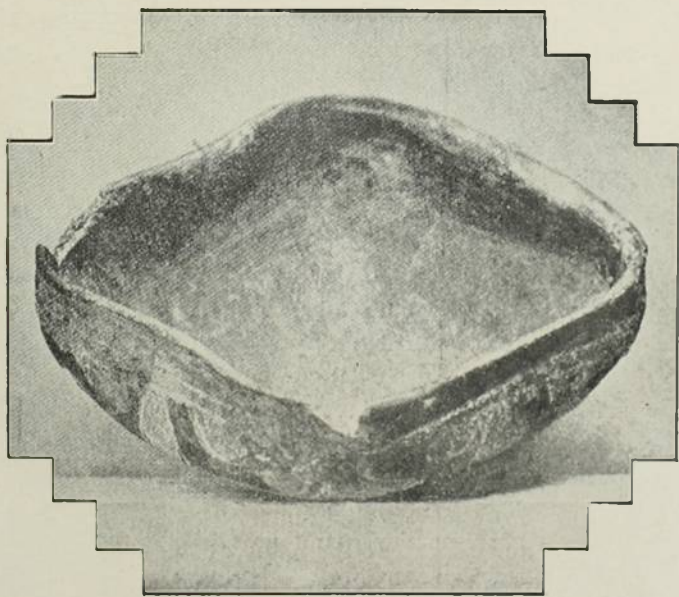


FIG. 14

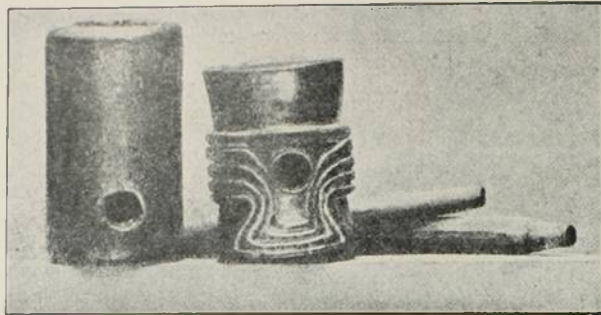


FIG. 15

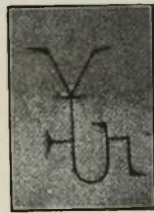


FIG. 16

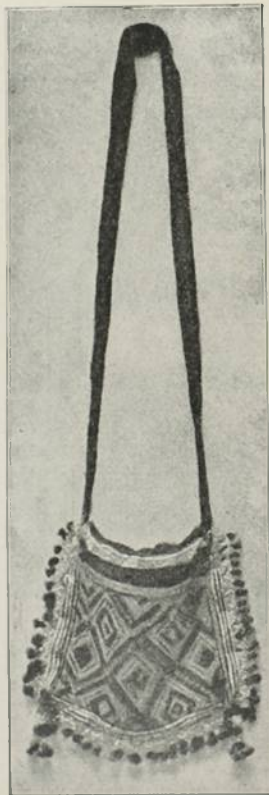


FIG. 17

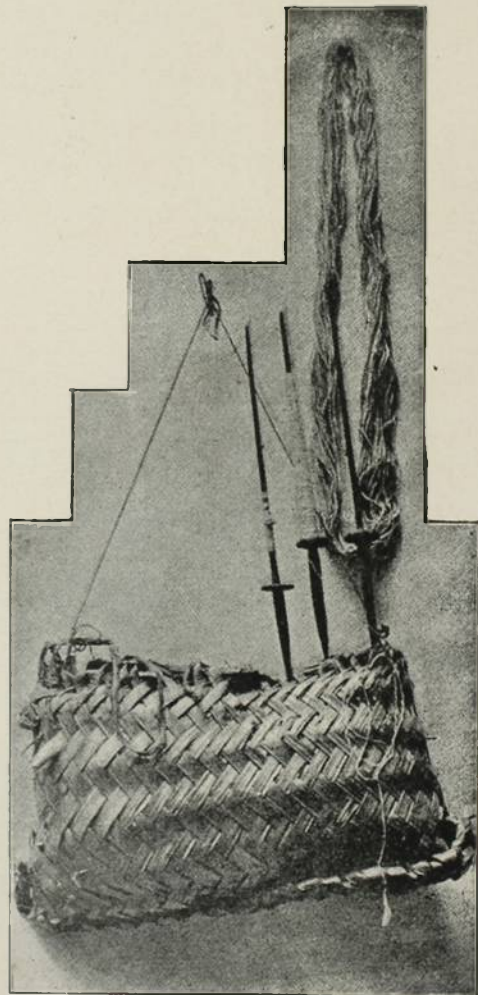


FIG. 18

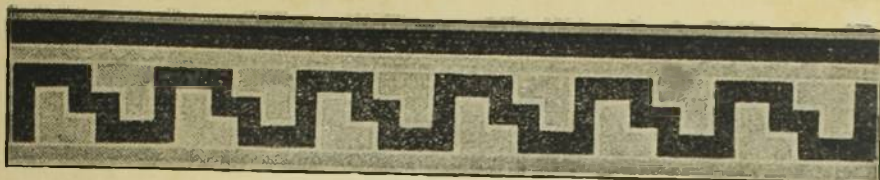


FIG. 19

CAPÍTULO III

ESPERANDO OS CADUVEO

22 de janeiro.

Manhãzinha ensolarada. Ortiz logo cedo passou o rio e foi caçar nos campos que nos estavam defronte.

Não tínhamos carne e era necessário procurá-la com os nossos fuzis.

Duas horas mais tarde voltou mais mal humorado que de costume. Disse que não havia nada também daquele lado.

Eu estava, porém, me convencendo cada vez mais de que a sua fama de bom caçador fôsse um tanto usurpada; um bom caçador não deve desanimar-se depois de duas horas apenas de procura num ponto que ainda não conhece bem. Fiz-lhe uma pequena prédica que escutou, porém, com pouco favor.

Cêrca do meio-dia levantou-se um forte vento sul que nos trouxe uma bela tormenta. Choveu a valer; e das mal colocadas telhas do telhado escorreu a água celeste em inumeráveis riachos que inundaram tôdas as nossas mercadorias. Tivemos muito que fazer para cobrir tôdas as coisas e livrar as mais delicadas do banho inesperado.

Entrementes, atraídas pela umidade do ar, como outras tantas fúrias esfaimadas, saiu do solo todo um exército de terríveis formigas negras que invadiram os couros de cervo e à menor desatenção se metiam pelas nossas pernas acima, chegando num instante a certas partes delicadas, mordendo-as atrozmente e obrigando-nos a contínuos *a solo* para nos libertarmos delas.

Perseguimo-las com o fogo, único meio para afastá-las; mas só perto da noite nos deixaram em paz.

Felipe que pela manhã depois da volta de Ortiz me pedira o fuzil, havia ido à caça por sua conta e voltara uma hora depois com sete jacus grandes e dois pequenos, dois papagaios e um pombo. Graças a êle tivemos um excelente almôço.

Durante o dia arrumamos um pouco a nossa loja na expectativa da vinda dos nossos clientes do Nabileque.

Felipe e Ortiz, novamente saídos à caça, voltaram com dois jacus, quatro pombos e um papagaio. Portanto, alguma coisa havia.

Cessou a chuva; mas o céu permaneceu coberto. Assim sendo preparamos os nossos mosquiteiros de maneira a salvar-nos de uma nova e possível chuva.

O girau continuava duro; mas amanhã espero torná-lo ao menos tolerável, cobrindo-o com um bom estrado de ervas secas.

23 de janeiro.

O tempo está sempre coberto e chuvoso. Hoje, entretanto, para mudar, em vez das formigas veio uma infinita quantidade de môscazinhas, tão aborrecidas se não mais do que os mosquitos.

Não pungem tanto, mas são igualmente insistentes e, caminhando, se prendem de tal maneira à pele com os seus ferrões microscópicos, que coçam atormentadoramente. Não bastam os violentos movimentos da cabeça para fazê-las ir embora; são necessárias as mãos ou um lenço continuamente.

E têm uma predileção especial para fincar-se no nariz, nas orelhas e nos olhos. Há sempre uma nuvenzinha irrequieta diante de cada uma dessas partes da nossa cabeça e nos molestam quanto podem. Tudo presentes do tempo úmido.

Como do telhado se gozava uma bela vista do rio e da campina em tórno, lá subi com as minhas aquarelas e comecei um novo esbôço.

Ortiz, saído à caça, voltou de novo com as mãos vazias. Encontrou um avestruz e lhe disparou um tiro sem atingi-lo.

Já Felipe, também êle saído a caçar, de novo voltou como ontem, com dois jacus grandes e dois pequenos, dois papagaios e uma pequena rolinha.

Depois do meio-dia passei com Felipe para o outro lado do rio. Atravessado o prado, que constatamos ser baixíssimo e em alguns pontos cheio d'água, chegamos a uma faixa de denso bosque. Entre as árvores achamos um tarumã muito grande. Havia muitos frutos espalhados no solo, mas já estavam podres e na árvore não havia mais.

Felipe matou ainda dois jacus.

Atravessado êste bosque, cuja largura não era superior a uma centena de metros, encontramos-nos à beira duma lagoa, por trás da qual se estendia uma campina grandíssima que parecia acabar ao pé de duas colinas arborizadas pouco distantes.

Ao descer à água, justamente ao pé de Felipe que andava descalço, matei uma das mais venenosas víboras. Por felicidade estava muito ocupada a engolir uma rãzinha, a qual, pobrezinha, gritava de modo lamentoso, para pensar em morder um de nós. Êsse réptil, tendente a pequeno, a cabeça bastante triangular, pescoço finíssimo, tinha uma coloração cinza escura. Não sei como se chama; Felipe me disse que em chamacoco se chama *corova*.

Voltamos para casa.
 Durante a nossa ausência Juan havia pescado um belo pacu.
 Não tendo tido tempo de me arranjar um leito melhor, deverei passar outra má noite.
 Paciência!

24 de janeiro.

Continuando o tempo chuvoso, prossegui na aquarela.
 Diaz com Ortiz e Juan foram à caça, e Felipe se pôs a pescar enquanto eu pintava.

Resultado:

Dez jacus e dois papagaios trazidos pelos caçadores e um pequeno pacu pescado por Felipe.

Não estava mal; mas começando a ficar cansados de aves queríamos um pouco de carne de quadrúpede.

Pude ajeitar meu leito com ervas secas e espero que esta noite seja melhor do que as outras para o meu pobre espinhaço.

À tarde, nova pesca de Diaz e Ortiz.

Ao voltar, Diaz atirou numa bela anitra selvagem e a perdeu; depois atirou num *carau* (pássaro de bico comprido, fino e recurvado) e também o perdeu! Que malogrado!

Traziam, porém, dez belos bagres.

25 de janeiro.

Tendo-se tornado bonito o tempo, aproveitamo-lo para ir à procura de provisões.

Enquanto Ortiz e Juan andavam à procura de mel, de que abundam as árvores dum bosque vizinho, eu e Felipe fomos à caça de todos aquêles animais que a Providência quisesse mandar-nos a tiro de fuzil.

Atravessada a campina vizinha, seguimos um pouco à direita por entre palmeirais e prados banhados. Encontramos fresquíssimas marcas de pés de cervo, de anta e de tamanduá-bandeira, mas não conseguimos ver nenhum desses animais.

As ervas eram altíssimas e às vêzes ultrapassavam nossa cabeça.

Vimos, durante um instante, dois avestruzes que não nos deram nem sequer tempo de fixá-los com a mira.

Felipe me fez comer certos frutos de um arbusto que tinham um gosto assim como de nêspera, porém mais doces e aromáticos. Tinham todavia pouca pólpa e eram quase só caroço.

Depois de havermos andado muito, voltávamos para casa.

Em dado momento Felipe, que me precedia, parou e me apontou uma bela cervo que, a pouca distância, com as orelhas empinadas, nos estava mirando com olhar amedrontado.

Levantei a carabina para atirar, mas desgraçadamente ao me colocar bem em posição bati com um pé na China, que nos havia seguido e me vinha nos calcanhares.

Esta soltou um ganido agudo que pôs em precipitada fuga a cerva, a qual desapareceu por trás das moitas e plantas.

Estávamos sem carne e esta nos teria vindo muito a propósito!

Voltamos para casa com as violas no saco. Dessa vez o almoço limitou-se a uma sopa de arroz feita com o caldo deixado providencialmente de ontem e feijões fritos na gordura.

Ortiz, que perdera o ânimo completamente, queria partir a tôda custa.

Talvez tivesse prometido a si mesmo matar uns vinte cervos todos os dias... sem se dar o trabalho de ir procurá-los!

Como não me agradam as carrancas de mau humor e, por outro lado, êste homem me era inteiramente inútil, não se dignando nem mesmo ocupar-se dos serviços necessários da cozinha como eu fazia e como faziam todos os outros, deixei-o ir-se, bem contente de me livrar dêle.

Partiu sozinho no catchivéu e descerá até Forte Olimpo, onde esperará um vapor que o transporte para Pôrto Pacheco. Dei-lhe cartas para Acevedo, para o capitão Bargas, comandante do forte, e para o comandante do "Humaitá", a fim de que lhe proporcionassem passagem a bordo.

À tarde, Diaz e Juan foram pescar. Felipe, que fôra novamente ao bosque, tornou sem resultado. Voltaram em compensação os pescadores com quatro bagres e um grande pacu, com o qual preparamos uma excelente refeição. E para amanhã? A Providência, em quem confio, pensará por nós...

Era quase meia-noite. Ouvimos provir um confuso rumor do campo; logo distinguimos estrépito de cavalos e vozes humanas.

Eram os Caduveo que, pontuais, chegavam no quarto dia da sua partida para o Nalique.

Recomeçou Diaz com as suas ridículas observações medrosas e suspeitas inda mais ridículas.

Acendi a lanterninha e me vesti.

Chegara Sabino com sete outros companheiros, todos meus velhos conhecidos de Forte Olimpo.

Mandava-os o Capitãozinho, o qual, ocupado em *fabricar e cultivar*, não podia mover-se e nos mandava pedir para irmos nós a êle com tôdas as nossas coisas. Esta combinação ainda não nos passara pela cabeça e nos deixou um tanto perplexos.

Diaz não pareceu muito entusiasmado com a idéia de internar-se em companhia dessa gente numa região que não conhecíamos; porisso me chamou à parte e em voz baixa, com grande mistério, me disse:

— *Y? que le parece de esta invasion à esta hora?*

Escapou-me uma risada e lhe voltei as costas amolado.

Pensando no que fazer e na expectativa do dia, voltamos entrementes a dormir. Percebi, porém, que Diaz não dormiu durante todo o resto da noite.

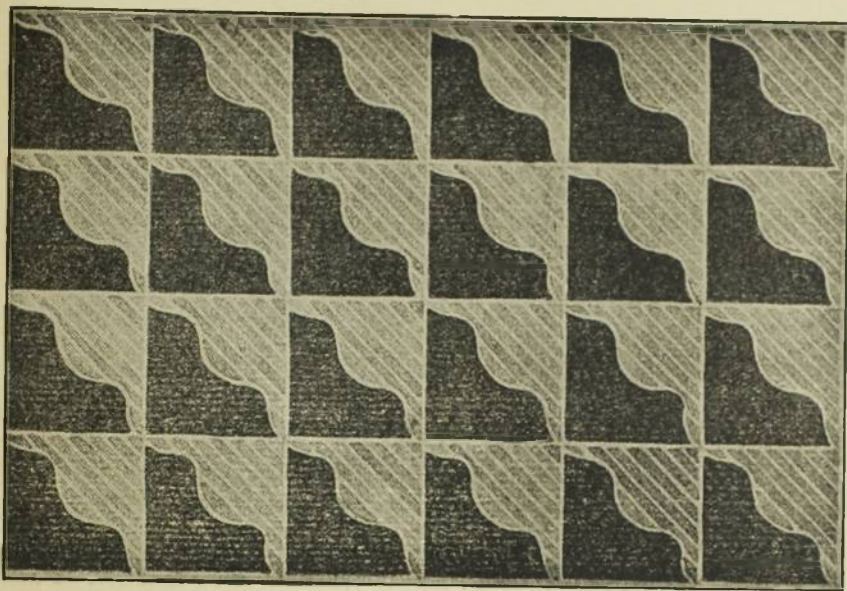


FIG. 20

CAPÍTULO IV

DE RETIRO AO NALIQUE

26 de janeiro.

Esta manhã, em primeiro lugar, fiz dar o chá a todos os recém-chegados.

A idéia de aventurar-me sozinho com esta gente para andar, por lugares não percorridos por outros além dos indígenas, rumo a esse Nalique do qual tenho sempre ouvido falar como se fala de coisas de legenda, e a esperança de ter oportunidade de aumentar de novos e interessantes objetos a minha coleção etnográfica, tanto como a atração em mim fortíssima do ignoto, me haviam conservado perplexo durante algum tempo antes de adormecer na noite passada.

Não me escondia os perigos de confiar no capricho de gente tão pouco escrupulosa, estragada por vícios e pelo contacto com as fezes da civilização.

Mas, por outro lado, a tentação era forte; talvez semelhante ocasião não mais me aparecesse.

Quando enfim adormeci, os *pró* haviam vencido e eu estava decidido a tentar a emprêsa.

Aconteça o que acontecer! Farei como Maomé: visto que a montanha não vem a mim, irei eu à montanha.

Com efeito, disseram-me que para chegar ao Nalique é preciso transpor montanhas.

Comuniquei a minha resolução a Diaz que arregalou os olhos diante de tanta coragem:

— Só? — perguntou.

— Só; acompanhar-me-á apenas Felipe.

Tentou-me dissuadir dêsse propósito, que lhe parecia francamente um ato de extraordinário heroísmo.

Exauridas inútilmente as suas exortações, passamos ao que nos cabia fazer.

Decidiu-se que enquanto eu realizasse a excursão, a qual, segundo os meus cálculos, não durará mais de dez ou doze dias entre ir e vir, Diaz descerá a Olimpo com a canoa e lá esperará notícias e instruções que, segundo o andamento dos negócios, eu lhe mandaria do Nalique, para que me viesse encontrar no Retiro, trazendo nova provisão de mercadorias se necessário, ou unicamente com o escôpo de carregar os couros que eu tivesse podido reunir.

Se quando da sua chegada ao Retiro eu ainda não tivesse voltado, esperar-me-ia alguns dias; depois do que, se não tivesse notícias minhas, voltaria a Pôrto Pacheco sem ocupar-se mais de mim; isto é, que circunstâncias imprevistas me teriam obrigado a tomar diferentes decisões e diferente caminho para voltar *ao mundo*.

Se enfim os Caduveo tiverem julgado bom me subtrair do número dos mortais por especial interêsse seu que a mim não era dado no momento prever (não assim a Diaz), boa noite, cumprimentos aos sobreviventes, e acabariam assim todos os motivos de se preocupar comigo.

A condição de voltar a Forte Olimpo e de esperar lá *com segurança* foi aceita por Diaz com mal contida alegria e, desde aquêlê momento, o seu mau humor se dissipou como névoa ao vento, começando a me encher de solícitas atenções, repetindo decerto de si para consigo:

— Antes êle do que eu!

Levarei comigo tôda a mercadoria que me será possível transportar, e o resto ficará no baú fechado a chave que Diaz deixará na casinha do rancho, onde o mandarei buscar do Nalique mais tarde.

Esperamos que os do Morrinho não venham roubá-lo no intervalo.

O Capitãozinho, gentilmente, me havia mandado um dos seus bois de carga para transporte da minha pessoa e das minhas coisas; mas não bastava; era preciso outro para Felipe e o resto das mercadorias.

Pelo que comprei com quatro garrafas de pinga um belo boi negro muito manso que os Caduveo haviam trazido precisamente para êsse fim.

Ao tratar desta aquisição, Sabino que se havia intrometido como intérprete e mediador, demonstrou cada vez mais ser um patife de pri-

meira fôrça, procurando abusar da sua faculdade de falar brasileiro melhor do que os outros para suscitar dificuldades de tôda sorte e me estorvar o quanto podia.

No momento de carregar os bois surgiram novas dificuldades.

Como eu nunca havia carregado nem visto carregar bois, não sabia como fazer essa importante operação.

Pedi, portanto, a Sabino e aos outros para fazê-la por mim. Mas um a um conseguiram se furtar a quanto eu pedia, pelo que as coisas ameaçavam andar demasiado lentamente.

Assim me pareceu melhor que se preocupassem unicamente com as suas montadas e se preparassem para andar sem cuidar maiormente de mim.

Dominou-me a cólera e alçando a voz, em tom assaz ressentido, lhes disse que, visto assim desistirem da idéia de ir ao Nalique, que me restituíssem as quatro garrafas de pinga, pegassem os seus bois e se fôssem sôzinhos mesmo. Eu iria negociar no Morrinho, com a gente de Nauwilo.

— O Capitãozinho virá seguramente a saber do acontecido e não ficará pouco descontente.

Parece que êste meu discurso, feito em tom áspero, conseguiu fazer entrar em ordem aquêles biltres que, mudando de maneiras, bem ou mal me ajudaram a carregar os dois bois, e ainda consegui que distribuíssem entre si as quatro garrafas de aguardente que me restavam e que não teria sabido como levar.

Tudo estava pronto lá para as sete da manhã.

Diaz descera para Forte Olimpo numa jornada; estava bem contente de ir-se e eu mais do que êle, porque, em todo caso, prefiro estar só e fazer e desfazer a meu talante, sem ter que pedir conselho a alguém que, como êle, constituía um verdadeiro embaraço com tantas ridicularias e suspeitas que não tinha sequer a delicadeza de esconder aos selvagens.

Por fim, montados, eu no boi do Capitãozinho, Felipe no negro comprado de fresco e os outros nos seus cavalos, partimos.

Na pressa e na atenção que eu era obrigado a dedicar à minha cavalgada de novo gênero que se movia sob mim como um navio na borrasca, enquanto estudava o modo de manter o equilíbrio necessário para não cair, me esqueci de saudar Diaz e Juan que ficavam, e quando dei por isso já estávamos demasiado longe para o fazer.

Hei-de saudá-los noutra ocasião!

Por outro lado se fazia mister que nos apressássemos porque o caminho, dizia-me Sabino, era longo.

— Quando chegaremos? — lhe perguntei.

— *Quem sabe, à manhã*, respondeu. Amanhã, nem mesmo era certo.

Puxa! tão longe não supunha que fôsse!

Deixando o rancho, seguimos logo por um caminho que, à esquerda, costeia em breve trecho o Nabileque; depois, perdendo-o de vista, interna-se em direção às montanhas.

O caminho, lamacento e cheio d'água em conseqüência das últimas chuvas, passa, primeiramente, por um palmar rarefeito, com altas ervas, terminado o qual entra num extenso bosque de quebrachos.

Ouvimos escarejar numerosos jacus, mas não tínhamos tempo de nos ocuparmos dêles.

Saídos, finalmente, do bosque, chegamos a uma região de prados sempre contornados por densos bosques abundantes em quebrachos.

A vista das montanhas azuis, para as quais nos dirigíamos, contribua não pouco para alegrar a paisagem. Mas um aspecto de mistério esvoaçava por tôda parte; as montanhas azuis surgiam por trás de densos bosques silenciosos cuja virgindade era evidente.

Uma profunda paz reinava soberana sôbre aquela natureza majestosa, e o sol dos trópicos enriquecia, com os seus raios poderosos, de luzes e sombras as côres, já de si maravilhosas daquelas selvas, daqueles prados, daquelas lagoas de plácidas águas espelhantes, daqueles cimos arborizados que se destacavam no céu, azuis em virtude das camadas da pesada atmosfera entremeada.

Em breve o terreno começou a se elevar; nós nos sentíamos em terra mais firme e o campo já tomava um caráter muito diferente daquele que tinha nas vizinhanças do Nabileque e do Paraguai.

Novas árvores e mais vigorosa vegetação se mostravam nos bosques circunvizinhos. Apareceram alguns pés de cedro ⁽¹⁾, não muito grandes.

Continuava a se elevar o terreno e atravessamos belíssimos bosques abundantes em *pau-rosa* ².

Encontramos uma palmeira de grandes fôlhas como as das figueiras; depois começaram as palmeiras de côco (*Mbocayá* em guarani e bocaiúva em brasileiro ³).

Atingidas as faldas das primeiras montanhas, o terreno se fêz ondulado e a vista cada vez mais bela.

Nenhum animal, nenhuma voz. Tudo paz, silêncio e mistério. Como é bela a natureza nestas profundas solidões!

Estávamos inteiramente sós, visto que os nossos guias há muito tempo nos haviam deixado.

Montados em quadrúpedes mais ligeiros e velozes e menos carregados, nos tinham bem depressa deixado para trás, pouco se importando

(1) *Cedrela Brasiliensis*, Meliáceas (N. do A.).

(2) Lenho róseo. Não achei o nome científico. E' assim chamado porque o lenho, finissimo, tem veios de côr rósea (N. do A.).

(3) *Cocos sclerocarpa*, *Acrocomia Totai*. Palmeiras (N. do A.).

com nos fazer companhia. Se estivesse aqui Diaz teria pensado que haviam ido ficar de emboscada para nos assaltar de improviso, nos matar, nos despojar, etc. etc.

Não havia, porém, motivo para que nos preocupássemos, uma vez que o rumo era bem claro e a estrada uma só, os bois a conheciam perfeitamente e não havia necessidade de os guiar.

Mas a lentidão com que caminhávamos era, realmente, bovina e nos desesperava.

Carregados como estavam, era inútil qualquer estímulo, visto que não queriam saber de andar mais depressa. Ao longo de todo o caminho faziam provisão de erva, para depois a ruminar tranqüilamente durante a noite.

Caminhamos sem incidentes até cêrca das dez ou onze horas. O caminho, sempre lamacento e molhado, em alguns pontos parecia um pequeno rio.

Chegamos a uma pequena lagoa, que tivemos de atravessar.

Sendo o terreno mole e a água profunda mesmo, os nossos bois tornaram mais lento o passo, mas os seus movimentos se fizeram cada vez mais tempestuosos, de modo que ficava difícil a gente se conservar em cima dêles.

Tanto que em dado momento, justamente no meio da lagoa, Felipe perdeu o equilíbrio e caiu de pernas para o ar dentro d'água, arrastando consigo parte da carga.

Saltei da minha cavalgadura e corri a pescar tanto êle como a mercadoria e o boi que, pobrezinho, sem perder a paciência parara na expectativa dos acontecimentos.

Arrastei-os para a outra margem, até lugar enxuto e, consolado Felipe, que ficara todo mortificado, tive de refazer a carga, tanto de um como de outro boi.

Se isso tivesse sido feito com cuidado desde o princípio, não nos encontraríamos agora em tal embrulhada.

Era a primeira vez que me achava em tais apertos, mas a necessidade faz lei e em menos tempo do que pensava as cargas estavam equilibradamente feitas e, subidos *a bordo*, partimos.

Parecia-me que o terreno era muito fértil, visto ser coberto de ervas verdíssimas, altas e extraordinariamente densas. Nos bosques havia uma terra cheia de húmus que convidava a cultivar.

Caminhamos todo o dia ao pé do grupo maior de colinas que se vêem também de Forte Olimpo, contornando-as pela direita.

Estas colinas ou montanhas, de que o pico central não deve ter menos de quinhentos ou seiscentos metros, são tôdas cobertas de verdes e densas florestas virgens.

O caminho se elevava por vêzes em planaltos relvados dos quais podíamos gozar amplas vistas sôbre a campina em redor. Grandes prados e espessos bosques por trás dos quais surgiam novas e sempre maiores cadeias de montanhas. Imaginava serem aquelas que formam, do outro

lado, o vale do rio Miranda, e a cidadezinha dêste nome devia estar por perto naquela direção.

Dos Caduveo nenhum traço fora aquêles deixados na lama pelos cascos das suas cavalgadas que nos davam, pelo menos, a certeza de que não nos havíamos perdido. Mas, por mais que lançássemos o olhar para longe, diante de nós, não víamos indício nenhuma de habitações, nem tetos, nem fumo, nem campos cultivados.

Enquanto isso veio a noite.

Para não perder tempo, não havíamos parado durante todo o dia nem sequer para comer um bocado; pelo que estávamos esfaimados e quase exaustos, e me parecia que os bois também o estavam, pois que sua carga era pesada.

Na dúvida, portanto, de que a aldeia estivesse ainda muito longe, pensando nas palavras de Sabino, chegados a um belo prado que se estendia ao pé de uma colina redonda sem árvores e coberta de verde erva, formando um dos contrafortes do grupo principal de montanhas, paramos sob uma grande árvore solitária, junto da qual sonhamos vestígios de recente acampamento, cinzas e paus semiqueimados e uma quantidade de bastõezinhos aguçados nas duas extremidades que haviam servido como espetos para cozinhar um veado, cujos ossos se viam esparramados em derredor. Havia ainda ossos de tartaruga.

Alguns paus fincados no solo, com outros atravessados e fixados no alto como para estender tendas por cima, nos indicaram que isto, como outros encontrados ao longo da estrada, era lugar de pousada para os dias em que tôda a tribo se move para as anuais excursões de caça, na estação sêca.

Nas vizinhanças devia haver, portanto, água perene.

Como não havíamos caçado nada e as nossas provisões se reduziam a bolacha, feijões secos, farinha de mandioca, sal, etc., contentamo-nos com jantar seis bolachas de uma onça cada uma, que regamos de meio copinho de aguardente.

Magro jantar, na verdade, mas *à la guerre comme à la guerre* e não nos queixamos.

O dia tinha estado fresco, o sol se tendo conservado coberto quase sempre por nuvens, salvo durante pouco mais de uma hora ao meio-dia, em que nos aqueceu bem as costas.

A noite estava quase fria e o ar que aqui se respirava nesta estação era bem diferente daquele, sufocante, nas margens do Paraguai!

Estendida no chão a pequena tenda que havíamos levado conosco e descarregados os bois que logo, ofegando e ruminando, se estiraram nas altas ervas, dispusemo-nos a dormir, as nossas armas carregadas ao lado, pois ainda não anoitecera.

Dois pares de esplêndidos e grandes papagaios róseos, de longa cauda azul⁴, atravessaram o ar sôbre nós, gritando o seu *a-ra-ra, a-ra-ra* bem acentuado, do qual tomam o nome, e foram pousar num bosquete vizinho.

(4) *Psittacus Araraúna* (N. do A.).

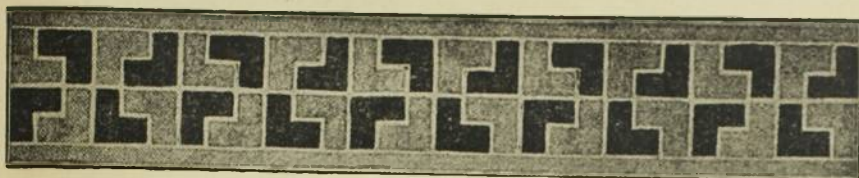


FIG. 21

27 de janeiro.

Nem preciso dizê-lo; antes que alvorecesse, já estávamos de pé. A noite tinha estado pouco boa, mas também não muito má. Poucos mosquitos, graças a Deus, que vão diminuindo ao passo que nos elevamos sobre o nível do rio.

Logo começamos os preparativos da partida e procedemos ao importante trabalho de carregar os bois. O negro está bastante ulcerado no espinhaço e será preciso curá-lo mal chegemos ao Nalique. É a sorte de todos os bois que servem de cavalgadura e para tração.

Este trabalho nos custou uma certa fadiga porque o quis fazer com todo cuidado, a fim de não o ter de fazer novamente durante a jornada.

Ao surgir do sol no horizonte, tudo estava pronto e estávamos no nosso pôsto e recomeçamos a marcha para o ignorado.

Logo deixamos para trás o grupo de montanhas que havíamos costeado todo o dia de ontem.

Atravessamos extensos prados e bosques nos quais abundava o *curupai*⁵, cuja casca contém muito tanino e vem logo depois do quebraço na propriedade para curtir peles.

O terreno era sempre ondulado e às vezes pedregoso.

Do cimo de um grande planalto tivemos magnífica vista. Pequenos bosques no vasto plano relvoso davam à região o aspecto dum imenso parque inglês a que só faltassem as aléias. Dum certo ponto a todo o espaço aberto entre as árvores, serviam de fundo as montanhas duma cor azul intensa.

Entre as ervas achei flores de semprevivas róseas e nos arbustos frutos de *Chirimoya*, de cor alaranjada carregada, que, naturalmente, me apressei a colher e comer. Estes frutos, se bem maduros, são muito bons, e em outras condições têm um gosto muito pronunciado de resina.

Achei também alguns frutos gostosos de tuna (cactu). Desgraçadamente eram muito escassos e não podíamos dêles tomar uma barrigada que compensasse do jejum de ontem.

Oito bolachas duma onça, duas pela manhã e seis no *jantar*, foi tudo quanto comemos, e hoje, se não matarmos algum animal, nos arriscamos a passar pelo mesmo regime.

Enquanto me preocupava este pensamento, vi sobre uma árvore isolada dois desgraçados jacus que a Providência nos mandava.

(5) *Acacia adstringens*, Leguminosas (N. do A.).

Dei o fuzil a Felipe, o qual, com dois bons tiros, matou todos os dois.

Tínhamos carne!

Mais adiante, ainda longe de nós, vi um belo guaçu (veado) que estava pastando tranqüilamente. Desci do boi e, com mil precauções e muito trabalho, porque o caminho e o campo estavam cheios d'água que corria para as baixadas vizinhas, me adiantei até uma centena de metros do animal.

Por medo de que ao me avizinhar inda mais pudesse perceber a minha presença, não andei mais para a frente; pus um joelho em terra, sem me preocupar com a água e a lama, cheio de emoção pela bela prêsá que me defrontava: atirei e... o animal fugiu voando sem nem mesmo se dignar verificar de que ponto partira o tiro.

Decididamente, para ser bom caçador é preciso não ser suscetível às emoções e sobretudo não ter *necessidade* de matar o animal que se tiver pela frente.

Havíamos chegado às faldas daquelas elevações que me parecera devesses ser as montanhas de Miranda, e o caminho, sempre cheio d'água, para lá se dirigia, sem que pudéssemos descobrir nenhum indício de habitação vizinha.

Subia-se sempre e ultrapassara-se assim as primeiras colinas, que eram bastante elevadas.

A pedra era então abundante e havia muitíssimo quartzo. Em alguns pontos não havia outra coisa.

Talvez houvesse ouro! Mas, por mais que buscasse, só achei pedras, embora prestasse atenção a tudo quanto me parecesse ter aquela aparência.

Os bois continuavam com o seu passo tediosamente lento, abastecendo-se de erva. Andava-se todavia, e bela caminhada já devíamos ter feito.

Felizes aquêles que não têm mais que fazer sinão estender o focinho para achar com que se nutrir!

As colinas seguiam-se umas às outras e subia-se sempre, enquanto o caminho se tornava cada vez mais rochoso.

Cêrca do meio-dia paramos a fim de deixar os bois repousar e cozinhar os dois jacus, numa enseada em que havia pés de curupaí.

Havíamos apenas acendido o fogo e pôsto a cozer no espêto os dois pobres bichos, um forte jato d'água caiu sôbre nós, banhando-nos, desabrigados como estávamos, até os ossos.

Pusemo-nos sôbre o fogo, abrigando-o com os nossos corpos, para impedir que a chuva o apagasse. Felizmente a lenha era bem sêca e forte e os nossos esforços lograram salvá-lo, apesar da chuva torrencial que durou mais de uma hora.

Não foi maior o afã com que trataram as Vestais romanas de manter vivo o fogo da Deusa!

Reanimado mais tarde, lá fizemos enxugar as nossas roupas que pareciam esponjas mal saídas do mar.

Os bois no entrementes se haviam estendido comodamente na erva, ruminando, e toda a carga ficara desequilibrada, além de que o jato d'água a havia em parte ensopado, mau grado as precauções tomadas para a cobrir com quanto tínhamos à mão.

Tivemos de refazê-la.

Finalmente partimos, decididos a não parar até o Nalique, mesmo que tivéssemos de caminhar toda a noite.

Os jacus, cozinhados até o justo ponto, nos pareceram deliciosos e sumiram mais depressa que voando.

Continuávamos a subir e nos encontramos no meio de um grupo de colinas que tinham o aspecto de verdadeiras montanhas. Em derredor, bosques densos e verdes. Nos valesinhos corriam pequenas torrentes de água límpida no meio de uma vegetação esplêndida. Algumas vezes passávamos sobre elevações rochosas, onde cresciam esparsas, aqui e ali, árvores pouco elevadas que davam ao lugar o aspecto dum grande pomar; mas de frutos não havia nem sinal.

Por fim, depois de tanto andar e subir, abriu-se diante de nós um espaçoso vale no fundo do qual se nos apresentou a visão estupenda duma vasta planície ondulada, toda verde de bosques viridentes e limitada no fundo pela cadeia divinamente azul das altas montanhas, as quais, desta vez sem nenhuma dúvida, deviam ser as de Miranda.

Saltou-nos o coração e respiramos de satisfação.

O caminho começou subitamente a descer. Uma colina, entre outras, estava toda queimada por um recente incêndio, sinal evidente de que a aldeia já não devia estar muito longe.

Finalmente, aos nos avizinharmos da planície, vimos, a cerca de dois quilômetros, uma faixa amarelada entre as árvores escassas dum terreno aberto. Era o Nalique tão desejado!

Apesar do lento andar dos bois, chegamos logo tão perto que podíamos ouvir o ladrar dos cães e o cantar dos galos.

Anunciei-me com um disparo de carabina e me responderam logo os gritos das crianças da aldeia.

Chegamos lá para as três da tarde. O tempo, permanecendo ameaçador, logo recomeçou a chover.

Mas já estávamos abrigados.

Na sua casa, um grande telhado de palha ainda não terminado, o Capitãozinho me recebeu afavelmente e me ofereceu *alojamento*.

Uma grande enxerga, no gênero daquelas do Retiro, mas muito maior e mais bem feita, coberta com um couro de boi, nos acolheu e a toda a nossa bagagem.

A população da toleria estava muito emocionada. Uma turba constituída de gente já conhecida me veio saudar e apertar a mão. Todos se interessavam por mim, mas muito mais pelas quatro garrafas que me haviam precedido e achei intactas, já postas em boa ordem sobre a enxerga.

Havia já vários bêbados pela pinga vinda precedentemente de Forte Olimpo, mas não me deram muito aborrecimento.

O Capitãozinho fêz matar uma novilha em minha honra e me convidou a comer um assado com mandioca, ao qual, é inútil dizê-lo, fizemos entusiástico acolhimento.

Caiu a noite e continuava a chover. Eu tinha pressa de dormir. Os mosquiteiros já não nos serviram para outra coisa mais que nos abrigar do frescor da noite, porque, ó sorte!, no Nalique não há mosquitos.

Que Deus seja louvado!

Portanto, boa noite: até amanhã.

CAPÍTULO V
O NALIQUE E OS CADUVEO

28 de janeiro.

Êstes diabos não me deixam um momento tranqüilo! Em sua maioria estão embriagados, e por vêzes tenho três ou quatro literalmente sôbre mim.

— Você é meu amiiiiigo!

— O sr. Boggiani, o meu amiiiiigo!

E com a história do *amiiiiigo* prolongado até o infinito me vão pedindo fiado, êste um garrafão, aquêle uma garrafa ou mesmo um copinho de pinga. E com tôda sorte de agrados, me prometendo mares e montes, fazem desfiar tôda a escala dos argumentos mais persuasivos para obter de mim algumas gôtas do líquido inebriante.

Não fiz fiado, por ora, senão ao Capitãozinho; ter-me-ia sido difícil agir de outro modo, pois que era necessário entrar logo nas suas boas graças; a êle cedi dois garrafões.

Outro foi empregado na compra de vários couros. Em princípio paguei bem, mais do que devia; não me resta agora mais que um garrafão de que conto tirar melhor resultado.

Um velho Chamacoco, tornado Caduveo há muitos anos, bêbado, naturalmente, como todos os outros, me mandou dizer por Felipe *que me queria matar!*

Mas a sua mente não estava em condições de raciocinar e certamente não sabia o que dizia. Talvez tenha acreditado induzir-me a *comprar a minha vida* mediante algumas garrafas de aguardente. Ficou, porém, decepcionado nas suas esperanças, se tais eram, pois que ergui os ombros na cara dêle e lhe mandei responder que tratasse de se acomodar. E diante disso foi-se embora como viera, cambaleando.

Finalmente, farto de tantas pressões, desci do girau e fui passear um pouco para tomar conhecimento do país.

O Nalique está situado ao pé de uma série de alegres colinas ligeiramente elevadas, sôbre um planalto aberto do qual se goza uma bela vista de verdes prados, de bosques viridentes com um fundo azul de cadeias de montanhas não afastadas mais de uns vinte quilômetros.

A toleria se compõe duma longa fila ligeiramente curva de cabanas, ou, para melhor dizer, de vastos telhados de palha com dupla vertente unidas uma a outra sem ser muito iguais na altura, de modo a formar um longo corredor de que a parte que está sob a vertente anterior, a qual é um pouco mais estreita que a posterior, é livre e forma uma passagem coberta debaixo da qual se pode transitar ao abrigo do sol e da chuva, de uma a outra extremidade da toleria.

A outra parte, onde o telhado é mais largo e desce quase até tocar no solo com as pontas pendentes das palhas de que é formado, é ocupada pelos grandes giraus sôbre os quais nascem, vivem e, algumas vêzes, morrem os habitantes.

Êstes giraus ou taboados com leve inclinação variam pouco em altura um em relação a outro e estão acima do solo de 60 a 70 centímetros, raramente mais. Há de várias grandezas e no máximo ocupam todo o espaço coberto pelo telhado compreendido entre os moirões centrais de sustentação e pouco menos que a extremidade da vertente posterior.

Formam assim um plano inclinado e elevado que corre sem outras interrupções mais que estreitos espaços de passagem, de uma extremidade à outra da fileira de cabanas.

Quando muita gente lá está amontoadada, parece um trem ferroviário cujos vagões sejam abertos e comunicantes entre si.

Debaixo do telhado, nas travezinhas de sustentação e por tôda parte onde seja possível, estão pendurados os utensílios domésticos, provisões e tôda sorte de objetos. Lá também se penduram os mosquiteiros, os quais, porém, em vista da ausência de mosquitos, não servem para outra coisa mais que abrigar do frescor excessivo das noites e dos olhares de algum indiscreto notâmbulo.

Os giraus estão sempre cobertos de grandes couros de boi, e para travesseiros servem admiravelmente certas compridas esteirinhas de finos juncos enrolados que de dia fazem parte dos arreios das bêstas de carga.

Êstes giraus do Nalique em pouco diferiam daqueles do Retiro, embora sejam mais bem construídos e cobertos de couros, o que faltava naqueles. Mas se poderia torná-los mais cômodos com um pouco de cuidado. Preparei para mim um leito com tôdas as cobertas que transportej e pude diminuir de um grau — de um só! — a intensidade do tormento para os meus pobres ossos. O resto o farão, sem dúvida, o tempo e o hábito.

Na frente das cabanas os Caduveo limpam o terreno de tôdas as ervas ou arbustos num espaço de trinta ou quarenta metros, formando, assim, uma pracinha bastante cômoda que se estende por todo o comprimento da toleria.



FIG. 22 — O Rio Nabileque visto do "Retiro".

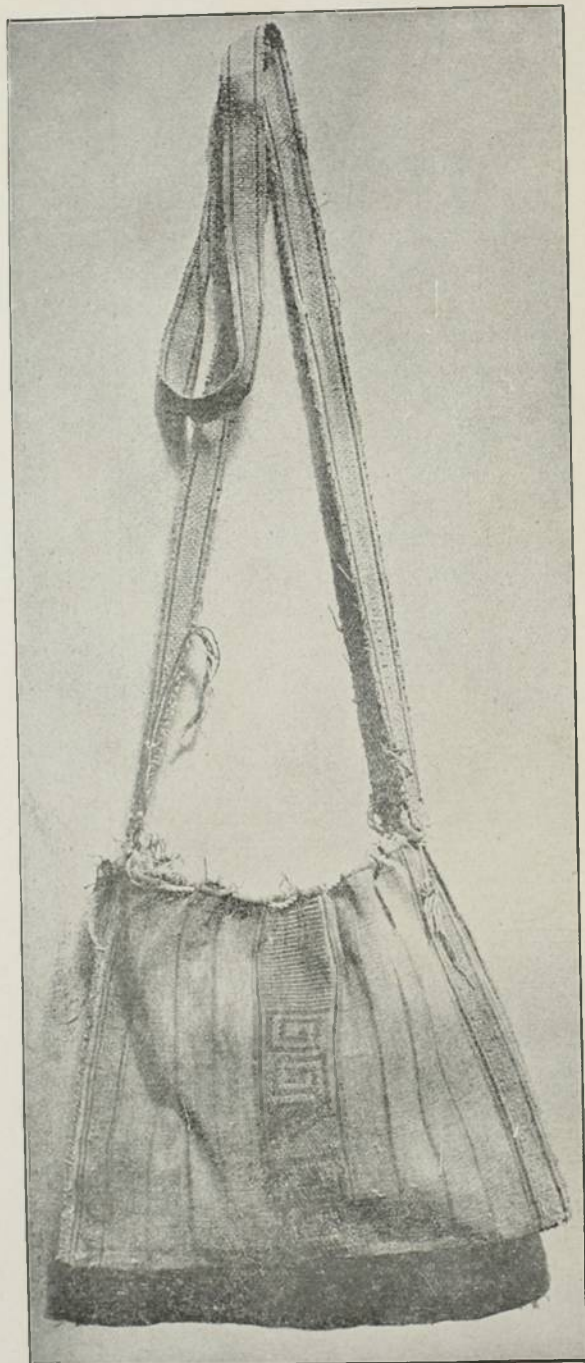


FIG. 23

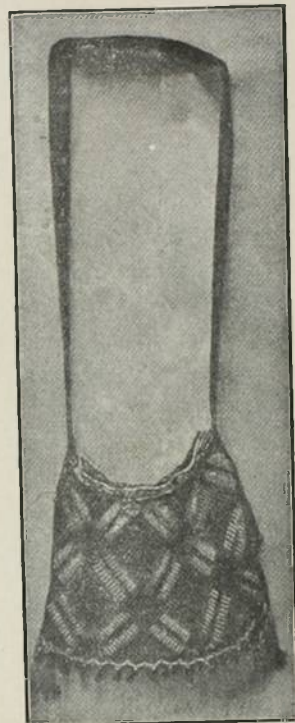


FIG. 24



FIG. 25

Por trás das cabanas o terreno é conservado com menos cuidado e é utilizado nos trabalhos domésticos de cada família, para amarrar as cavalgadas, estender os couros ao sol, cozinhar, etc. etc..

Ultrapassando o terreiro o terreno baixa súbitamente, formando uma bacia que acaba num charco, o qual recebe o escoamento de várias nascentes de água que gorgolejando sai do solo a meia encosta, justamente defronte das cabanas.

Os Caduveo escavaram pequenos reservatórios nos quais a água se recolhe limpa antes de descer à planície, e nêles fazem as suas freqüentes abluções homens, mulheres e crianças, com as roupas mais simples, usadas já por Adão e Eva antes do pecado.

Conservam, não obstante, a máxima decência, salvo, compreende-se, algum dito ou motejo mais ou menos espirituoso.

A casa do Capitãozinho está situada no centro da fileira e é mais alta e mais vasta do que as outras. Além disso tem na parte posterior uma parede de troncos mal ajustados que abrigam muito bem dos aguaceiros oblíquos e das correntes de ar muito violentas.

Algumas das outras cabanas, mas poucas, têm uma parede parecida.

Cada família, tendo escolhido nos arredores um terreno apropriado, lá cultiva mandioca, cana de açúcar, arroz, milho, abóbora, melões, *poponi*¹, bananas, mamão, feijões e outros poucos cereais, verduras e frutos de que agora não me ocorre o nome.

E' preferida a terra dos bosques que, cheia de húmus, é fertilíssima.

Ora, como a região é bastante arborizada, a terra fértil abunda e bastaria para fazer plantações em vasta escala.

Mas esta gente, em geral, não cultiva mais que o suficiente para o consumo da própria família, e muitas vèzes os produtos alcançados nem mesmo chegam a tanto.

Os Caduveo têm bois, vacas, cavalos, cães em quantidade, alguns gatos e muitos galináceos.

Ao que parece Sabino nos contou lorotas sôbre a possibilidade de se caçar cervos agora. Esta não é a estação propícia, sendo a das chuvas, e o campo onde se dão as grandes caçadas dos Caduveo está presentemente quase todo inundado pelas águas, as ervas e os caniços lá se acham tão altos e intrincados, que tornam impossível o transitar, e ainda estão muito verdes para se poder destruí-los com fogo. A região das grandes caçadas está situada mais ao norte do Nalique e compreendida no triângulo formado pelas montanhas de Miranda, que vão acabar defronte de Forte Coimbra; de lá, pelo rio Paraguai até o Nabileque, e, seguindo o curso dêste rio, até as montanhas.

É um terreno coberto de grandes prados e palmares e atravessado por numerosos pântanos e lagunas em que os cervos acham abundantíssimo pasto, únicos habitantes que são de uma vasta região ainda virgem.

(1) Outra espécie de melões (N. do T.).

Por vêzes os Caduveo ultrapassam êstes limites e se arriscam até Corumbá.

A boa estação começa em maio e dura por todo o mês de agôsto, os meses de inverno do sul.

Então as ervas se acham sêcas e é possível lhes pôr fogo e abrir uma passagem no terreno que também se tornou mais enxuto e transitável.

Visitei alguns dos principais *senhores* do país.

Primeiro um irmão do Capitãozinho que chamam o *Teniente*, pessoa de uma certa idade, comprida, sêca, séria, calma e compassada.

Depois Vicente, um velho robustíssimo de abundante cabeleira muito encarapinhada, — deve ser de sangue misturado, pois que a raça pura tem cabelos muito lisos — tem uma mulher zarolha e duas filhas belíssimas.

Vicente é um dos principais e abastados cultivadores. Vendeu-me um cacho de bananas ainda verdes, mas que ficarão maduras dentro de poucos dias. E combinei com êle que me venda também a mandioca no pé. Amanhã iremos à sua roça.

A pinga que vendi esta manhã ao Capitãozinho já foi consumida.

Tôda a aldeia bebeu dela, e até hora muito avançada as visitas, os discursos e os cantos duraram sem interrupção enquanto os garrafões não estavam esvaziados.

Chegada a noite o aspecto da aldeia se tornou fantástico.

Diante de tôdas as habitações cada uma das famílias tem aceso um vivaz e chamejante fogo que ilumina em redor de si os grandes telhados de palha, sob os quais se agitam as figuras estranhas dos habitantes.

O fogo é feito de lenhas sêcas de tal qualidade que não fazem fumaça e as chamas têm uma luz vivíssima e brilhante. É belo o efeito desta longa fileira de fogos na escuridão da noite.

Comprei três belos e pequenos pentes de osso ornados de figurinhas de onças, pumas, avestruzes, cavalos, homens, etc.²

Noite alta, cessado todo rumor, eu me havia adormecido há pouco quando me despertou um leve rumor como de pessoa que procurasse algo entre as minhas coisas, que eu amontoara ao meu lado debaixo do girau.

Levantei-me de repente e surpreendi a zarolha do Vicente que, embriagada, se dispunha a me roubar um resto de aguardente que sabia haver ficado no fundo de um dos garrafões postos sob o leito.

Vendo-se descoberta, foi-se tôda confusa, mastigando umas desculpas.

Será bom dormir sempre com as orelhas bem abertas! Por felicidade tenho o sono bastante leve, o que, para o futuro, tornará difícil qualquer surpresa dêste gênero.

(2) Desgraçadamente êstes objetos, como muitos outros assaz interessantes, se perderam num baú que não me foi mais possível reaver (N. do A.).

29 de janeiro.

Esta manhã visitei as plantações do Vicente. São mais extensas do que eu imaginava e bastante bem conservadas.

Lá abundam a mandioca, o milho, a cana de açúcar, as plantas de papaia, as bananas de belíssimas e grandes fôlhas, a batata ou batata doce, abóboras, melões, melancias, etc. etc.

Fora o milho, a mandioca, as bananas e as papaias, as outras plantas não têm ainda fruto porque plantadas ou sementeas há pouco tempo.

Por vinte jardas de fazenda de algodão e uma garrafa de pinga comprei uns cinqüenta pés de mandioca, que irei arrancando à medida, que a minha cozinha o reclamar.

O próprio Capitãozinho, que me acompanhava, tratou com Vicente dêste negócio importante.

Na volta me fêz demonstrar as propriedades da minha carabina Winchester.

O Capitãozinho me disse para atirar contra uma árvore que estava a vinte passos de nós. Eu, ao invés, escolhi outra que distava pelo menos cinqüenta passos. O primeiro tiro falhou, mas no segundo pus uma bala justamente no centro do tronco, e para fazer ver que êste tiro não era casual atirei uma terceira vez e a bala se foi fincar a poucos milímetros acima da outra.

Depois dei a carabina ao Capitãozinho para que a experimentasse por sua vez. Atirou e errou.

Tornei a atirar e, no tronco duma árvore menor e muito mais distante, pus duas balas uma dentro da outra, com grande admiração dos assistentes, que, habituados a só atirar de muito perto com os seus velhos fuzis de pederneira, não julgavam possível atingir de tal distância com tanta precisão.

Expliquei-lhes até que distância teria podido matar um animal com a minha Winchester; tinham todo o ar de imaginar que eu lhes quisesse contar lorotas.

Súbitamente se puseram a calcular o número de cervos que eu poderia matar com tal arma.

Hoje comprei alguns objetos curiosos e outros dois couros de cervo.

A última garrafa de pinga se foi.

Escrevo a Diaz que me mande um novo e abundante refôrço, sem o que será impossível concluir negócio de sorte.

Mandarei um mensageiro a Forte Olimpo amanhã ou depois.

O tempo estêve chuvoso pela manhãzinha; depois parecia querer tornar-se bonito; mas para a noite se pôs de novo a chover e agora até faz frio.

Mal tenhamos dois ou três dias de bom tempo iremos tentar uma caçada.

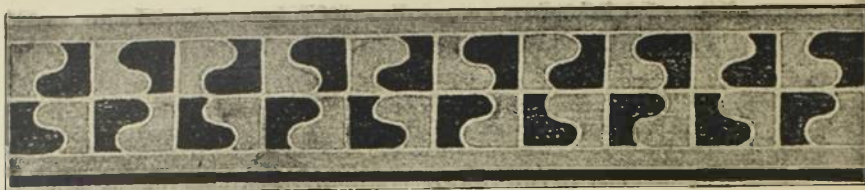


FIG. 26

30 de janeiro.

Choviscou a noite inteira e fêz frio. O meu *plaid* de lã me serviu insuficientemente.

Visitei Joãozinho na sua casa.

É Joãozinho o personagem mais interessante da aldeia e sem dúvida o mais importante depois do Capitãozinho. Pode-se dizer que é um segundo chefe, havendo adquirido autoridade mediante sua inteligência e honestidade. Tem muito desenvolvidas as qualidades comerciais e é o melhor coletor de couros da região. É gentil de modos e reto de pensar. Belo, com dois olhos vivacíssimos e cheios de inteligência, os cabelos negríssimos com grandes caracóis; não raspa os cílios e sobrancelhas como é costume geral, pelo que sua figura é mais simpática do que a dos outros. Alto de estatura e magro, tem muita força de músculos e nervos. A côr da sua carnção é mais escura do que a dos outros pela mistura de sangue que lhe vem do pai, o qual devia ser um mulato negro do Brasil, e da mãe caduveo.

Possui uma belíssima mulher e uma filha tida, antes do matrimônio, de uma escrava, a qual, já velha, continua a viver e a servir na casa.

Creio ter notado uma certa rivalidade entre êle e o Capitãozinho. Êste o supera pela nobreza e pureza de raça, mas Joãozinho tem inteligência maior e um senso mais acentuado de honestidade.

Convidou-me a visitar a sua roça, e lá para a tarde o acompanhei.

Joãozinho escolheu uma localidade um tanto retirada da aldeia para as suas plantações, que estão ainda no princípio. Está situada no limite dum grande bosque, de que começou a cortar as árvores e a aproveitar a terra fertilíssima. Com os ramos e raízes das árvores abatidas formou em derredor uma densa sebe para impedir as vacas, os cavalos e também os cervos de entrar e devastar as sementeiras.

Joãozinho, na volta me expressou o seu vivo desejo de ver mundo, ouviu falar nas grandes cidades européias e morre de vontade de ver aquelas maravilhas sôbre as quais ouviu tantas histórias que lhe pareciam fábulas.

31 de janeiro.

A noite passada estêve boa. Parece que o tempo entendeu de se tornar bonito.

Escrevi a Diaz, dando-lhe as minhas instruções, e à mamãe dando-lhe breves notícias minhas.

Devo fazer economia de papel, pois que não tenho muito e não poderei arranjar facilmente aqui.

Sabino, que com um companheiro se ofereceu para ir até Forte Olimpio para conduzir Diaz novamente ao Retiro com as provisões reclamadas, levará as duas cartas amanhã.

Esta manhã partiram para o Retiro, Francisco Tereno e Cacia com dois bois de carga para receber as coisas que ficaram no baú.

Estarão de volta provavelmente depois de amanhã.

Francisco, comumente chamado Chico Tereno, não é Caduveo, mas assim se tornou há muitos anos.

Pertence à tribo dos Tereno, que habitam nas vizinhanças de Miranda.

É um bom homem, de caráter brando e sério, não velho, mas há tempo que não é mais jovem.

Dei-lhe a chave do baú, confiando completamente na sua honestidade.

Por outro lado, nestes casos a desconfiança daria os mesmos resultados que a confiança; portanto não havia o que escolher.

Cacia é um velho Chamacoco, escravo há tempos, e agora tornado êle também Caduveo e livre. Tem bom caráter e, como todos os da sua tribo, é bastante jovial.

Enquanto eu estava escrevendo, o Capitãozinho trouxe para fora limas, martelos, alicates e não sei que outro instrumento e se pôs a fabricar, duma moeda de prata, um anel.

A arte do ourives tem alguma voga entre os Caduveo, embora ainda no estado rudimentar. Vi colares, brincos, anéis e outros ornamentos feitos com certo gosto.



FIG. 27

Não sabem, porém, soldar, talvez porque não têm o necessário e tudo se limita a reduzir as moedas a uma fôlha mais ou menos sutil, batendo-a a frio com o martelo, cortá-la, limá-la e ajeitá-la, segundo o uso para que deve servir.

Uma bela escravazinha Chamacoco do Capitãozinho está pintando a cara em faixas vermelhas. Numa das mãos tem um espelinho e um fruto aberto de urucu (*Bixa orellana*); com o indicador da outra que, banhado de saliva, vai, de instante a instante, sendo esfregado na semente do urucu, cobertas de uma camada duma bela côr vermelha viva, faz-se uma faixa que do alto da fronte à raiz dos cabelos desce direita, sem interrupção, até a extremidade do mento, passando pelo nariz e pelo lábio, dividindo assim a cara em duas partes iguais. Uma outra faixa semelhante divide transversalmente a fronte de uma a outra têmpera; outras duas faixas partem dos dois ângulos da bôca, atingindo o lóbulo das orelhas, e aos lados do nariz dois pequenos círculos completam a estranha ornamentação.

Tem o peito e os braços recobertos de belos desenhos em negro a duas tintas.

Outras mulheres estão entregues à mesma operação.

Os desenhos que os Caduveo costumam fazer tanto sôbre o seu corpo como sôbre os utensílios são cheios de gôsto e de caráter. Não é, certamente, uma arte que aprenderam do contacto com a civilização. Este talento artístico notavelmente desenvolvido em todos, e mais especialmente nas mulheres, devem tê-lo herdado de anterior civilização indígena assaz importante antigamente, que foi paulatinamente degenerando miseravelmente com o contacto dos vícios importados juntamente com as perseguições da *civilização* espanhola e portugueza, a qual, a primeira sobretudo, teve o poder de destruir quanto de bom encontrou nas suas conquistas.

Não restam agora mais que alguns poucos vestígios, dos quais se pode todavia deduzir facilmente o que devem ter sido em tempos os Caduveo, os quais, reduzidos aos mínimos têrmos por vícios e pelas doenças, desconhecidas antes da conquista vão rapidamente se extinguindo.

Que êles derivam ou, pelo menos, tiveram grande afinidade com os Incas, não me parece fora de dúvida, sendo a arte do desenho bom guia para semelhantes pesquisas genealógicas.

O Peru não está afastado e a dominação e influênciã dos Incas devia estender-se bem além desta região³.

(3) Mais tarde, na Exposição Mundial de Chicago, tive ocasião de confrontar objetos achados na antiquíssima necrópole de Ancon com aquêles por mim recolhidos e em uso ainda hoje e fabricados pelos Caduveo e Chamacoco. Pude observar, não sômente a identidade de materiais e de formas, mas a estranha identidade de desenhos, especialmente nos tecidos. O Museu Pre-histórico, Etnográfico e Kircheriano de Roma possui também na esplêndida coleção Mazzei de antiguidades peruanas, alguns objetos sôbre os quais se encontram a miúdo motivos ornamentais idênticos àqueles usados pelos Caduveo. Forma parte do material do mesmo Museu também a minha coleção etnográfica, pelo que, para quem se interessa por isso, é fácil verificar a minha assertiva (N. do A.).

Já restam poucos indivíduos de raça pura. Bom número de Chamacoco se misturou aos Caduveo e não serão êsses decerto os que os salvarão da mais ou menos completa extinção, nem que lhes melhorarão os costumes.

De quanto depreendi, o verdadeiro nome do Capitãozinho é Mbayá; e *Mbayá* se chama em guarani a tribo dos Caduveo; tribo outrora de grande potência, valorosos guerreiros, terror das vizinhas tribos dos selvagens habitantes da margem oposta do rio Paraguai, entre os quais se forneciam de escravos, com enganos ou por força de violências⁴.

O nome de Mbayá é usado, se não erro, pelo chefe da tribo e é hereditário.

O mapa da América do Sul em seis fôlhas, de Stieler, que levo sempre comigo e que até hoje é o melhor que conheço, assinala nestas regiões os nomes de *Mbayás*, de *Cayovas* e de *Cadicus*.

Êstes dois últimos evidentemente não passam de duas falsas ortografias de *Caduveos*; e êstes não são outros que os *Mbayá* dos Guarani; os quais *Mbayá*, durante a memorável guerra sustentada pelo Paraguai com valor legendário contra a Argentina, o Uruguai e o Brasil, aliados, instigados certamente por êste último, de que dependem, e aproveitada a ocasião propícia de fazer saque com pouco risco, assaltaram, saquearam e destruíram a populosa aldeia⁵ de San Salvador, capitaneados por aquela boa peça que é o capitão Nauwilo.

Os Chamacoco chamam de *Caddiód* os Caduveo. E eu os tenho chamado de *Caduveo*, pois assim se chamam êles mesmos e são com tal nome geralmente conhecidos. Talvez *Mbayá* se chamavam antigamente, mas agora êste nome ficou apenas para designar o seu chefe.

Cayovas ou *Cadicus*, que eu saiba, não existem nesta região e não me lembro nunca de ter ouvido falar nisso.

Sob o nome de *Cayovas*, pois, Stieler põe entre dois parêntesis um outro nome — *Guaycurús* —. Ora, êste não é mais que o nome genérico dado em guarani a todos os selvagens indistintamente, mas mais especialmente àqueles que habitam no Chaco. De modo que são Guaicurus os Chamacoco, como os Tumaná, os Sanapaná, os Lenguas, os Angaité, os Toba, etc.⁶.

Para dar uma idéia do terror que os Caduveo ainda hoje incutem às tribos do Chaco, mau grado há mais de dez ou quinze anos não façam correrias dêste gênero porque lhes foram proibidas pelos europeus que criaram estabelecimentos rurais ao longo da costa do rio, reproduzo aqui algumas páginas do meu jornal relativas à minha primeira visita ao Chaco, a Pôrto Casado, na região habitada pelos Sanapaná.

(4) Veja-se o prefácio do dr. G. A. Colini (N. do A.).

(5) V. Mapa de Stieler, *Villa de Salvador*. É deixado fora erroneamente o San antes de *Salvador* (N. do A.).

(6) O nome Guaicuru como designação de família lingüística compreende dessas tribos só os Toba, ao passo que os Chamacoco e sua sub-tribo "Tumaná" (Tumerehá) pertencem à família Samuco, e os Sanapaná, os Lêngua e os Angaité à família Mascói (Nota de H. B.).

6 de março de 1889.

"Ontem pela manhã chegaram aqui do Apa, acompanhando um indivíduo daquela aldeia brasileira quatro Caduveo, dois homens e duas mulheres...

Tinham vindo para cá evidentemente com escôpo comercial; e a mercadoria dêles (dos Caduveo) consistia unicamente nas próprias mulheres, sendo costume, parece, entre êles, que os maridos, os pais ou os possuidores de mulheres (7) as dêem simplesmente de aluguel em troca daquilo de que precisam.

Ora, é necessário saber que antigamente além dêsse comércio, os Caduveo exerciam, e em certas ocasiões parece que o exercem ainda, um outro; era o dos escravos, para obter os quais, sem muitos escrúpulos, caíam de imprevisto sôbre as tribos ribeirinhas do Chaco, e, por bem ou pela fôrça, especialmente pela fôrça, matando bárbaramente quem se opusesse, roubavam-lhes as crianças e as jovens mulheres, que depois iam vender facilmente a bordo dos vapores que sulcavam o Rio, por qualquer velho fuzil ou qualquer garrafa de pinga (8).

Sendo mais bem armados, mais corajosos e numerosos, quase sempre saíam vencedores em tais assaltos; de modo que se tornaram o terror de tôdas as tribos do Chaco que, mais débeis, viviam em contínuas agitações, reccando a todo momento ser assaltadas por êstes terríveis inimigos.

Bastava o menor indício que lhes fizesse acreditar numa vida dos Caduveo para que, assustados, recolhessem à pressa e enfurecidos as suas roupas e, abandonada a tolderia ameaçada, se internassem nos bosques, onde sabiam que os Caduveo não os seguiriam.

Ontem, quando chegaram aquêles quatro Caduveo, houve imediatamente um grande alarme em Pôrto Casado. O Cacique e alguns outros vieram vê-los e interrogá-los, inquietos por saber porque e com que fim tinham vindo aqui, e olhavam para êles com certos olhares preocupados que moviam a mêdo. Como sucedera antigamente, pensavam que fôssem espjas vindos para reconhecer o terreno, precedendo de alguns dias a invasão.

Além disso um imbecil e imprudente operário paraguaio teve a infeliz idéia de lhes dizer que êstes lhe tinham dito que amanhã um grande número de Chamacoco (!) e de Caduveo, já prontos do outro lado do rio com as suas canoas, viriam atacá-los. Naturalmente acreditaram logo nessa asneira, e o susto foi geral, especialmente entre as mulheres.

Eu tinha ido pintar como de costume. (9)

Tinha acabado e mandado para casa o quadro e os outros instrumentos e havia montado a cavalo para voltar ou também, quando, dando uma última olhadela à tolderia, percebi que alguma coisa de insólito lá sucedia.

Todos os seus cavalos tinham sido carregados e as mulheres e crianças nêles estavam montadas.

Algumas velhas passaram diante de mim recolhendo as cabras, carregando elas mesmas os cabritos que não pudessem caminhar mais depressa.

(7) Verifiquei mais tarde que se trata somente de escravas. Rarissimamente uma mulher de raça pura (N. do A.).

(8) Tive mais tarde de modificar esta suposição. Os escravos serviam para os Caduveo mesmos, a fim de fazer dêles servos. Só por exceção fizeram dêles comércio algumas vêzes com os brancos (N. do A.).

(9) Pintava justamente um quadro a óleo representando uma tolderia dêles (N. do A.).

Algumas vi que tinham um cabrito no braço e sôbre as costas, a escanchas, uma criança, fora uma quantidade de bôlsas e embrulhos com as suas coisas.

Logo vi que a tolderia pouco a pouco se estava despovoando, ficando vazias as cabanas uma a uma. Vi os cavalos se dirigir em caravana para o interior, e não podia compreender o porquê de tão imprevista emigração.

Dei de esporas no meu cavalo e me apressei rumo à casa. A meio caminho encontrei o meu ajudante o Sanapaná que levava os arreios, e lhe fiz perguntar o porquê de tal fuga geral. Disse que tinham sabido da vizinhança dos Chamacoco e dos Caduveo e fugiam dêles para o interior, a fim de pôr a salvo as suas mulheres, as crianças e as suas coisas, sendo demasiado dêbeis para resistir a uma das habituais invasões.

Pouco adiante cheguei a outra tolderia e lá também vi grandes preparativos de partida, e mulheres, crianças, cães, cavalos, etc., que se dirigiam aos bosques do interior em caravana silenciosa e melancólica.

Os homens estavam ainda no trabalho para completar a sua jornada e certamente se juntariam aos fugitivos mais tarde.

Cheguei onde estavam trabalhando e procurei assegurar-lhes que não havia Chamacoco nem Caduveo nas vizinhanças, que nada temessem, que lhes haviam contado lorotas e que, em todo caso, havia tantos operários brancos e tanta gente no Pôrto que os teriam defendido com os seus fuzis e não teriam deixado aproximar-se qualquer inimigo de nenhuma espécie.

Chegaram outros e fizeram suas as minhas declarações. Apesar de tudo, porém, aquêles pobrezinhos não me pareceram muito tranqüilizados.

Com efeito, à tarde quando, terminado o seu trabalho, se distribuiu a costumeira ração de milho, bolacha, feijão ou de outra coisa, vi-os apressar-se mais que de costume, com as suas cargas, rumo às suas habitações.

De acôrdo com as combinações, pois, no andar da noite, viu-se descer de longe, pelo rio, uma canoa. Naturalmente logo o seu pensamento correu para os tão temidos inimigos e puseram-se a correr julgando que já chegasse a vanguarda.

Mas bem depressa, a canoa estando perto, viram que só continha brancos, os quais, logo que puseram pé em terra, interrogados se não sabiam nada sôbre os Caduveo ou Chamacoco em viagem para Pôrto Casado, responderam desconhecer o assunto por completo e não os ter visto em parte nenhuma.

Estas suas garantias valeram mais do que tudo para tranqüilizar aquêles pobrezinhos, tanto que o Cacique Caraíno prometeu que no dia seguinte estariam todos de volta à sua tolderia."

Na casa de Joãozinho, caída a noite, um jovem Chamacoco, há pouco tempo feito escravo pelos Caduveo, deu, com um grande grito, sinal de que começava a cantar à maneira da sua tribo. Ele pertencia aos Chamacoco do interior, conhecidos comumente sob o nome de *Chamacocos bravos* e a que os habitantes da região chegada ao rio e ocupantes do território compreendido entre Forte Olimpo e a Baía Negra chamavam de Tumaná ou Tumanabá.

Num instante todos os Chamacoco da tolderia, Felipe inclusive e dos primeiros, como que atraídos por um poderoso ímã, se precipitaram cheios de entusiasmo para em tórno dêle. Era o cantar da pátria que

os chamava. Embora de nervos não muito sensíveis, êstes pobrezinhos levam longos anos para se esquecer das suas selvas e da vida absolutamente primitiva que lá levavam, ainda que com a escravidão tenham melhorado bastante as suas condições.

Canto é um modo de dizer, pois que mais se avizinha da imitação dos gritos ou rugidos de animais do que de uma música qualquer como nós a entendemos.

Mas os Chamacoco eram todo ouvidos e com os olhos brilhantes de intensa alegria o ouviam; e aquêles gritos estranhos baixavam dulcíssimos ao seu coração, como bálsamo benéfico ao desejo violento da pátria.

Os Caduveo estão bem mais adiantados nisto do que os Chamacoco. O seu canto se pode chamar um verdadeiro canto, com certo conhecimento do ritmo e da entoação.

E enquanto os Chamacoco desconhecem outro instrumento além da cabaça cheia de pedrinhas, com que se acompanham, os Caduveo, além desta de que também se servem para se acompanhar, têm flautas de cana de cinco ou seis notas.

O Chamacoco cantava de pé, à luz incerta do fogo, saltando e se meneando e lentamente se acalorando, ao passo que os outros acorados ou estirados no chão lhe faziam círculo em redor. Era notável o ar inspirado do menestrel, que parecia dizer coisas alegres e interessantes porque de quando em vez os espectadores estalavam em sonoras risadas.

E durou a música até o completo exaurimento do cantor.

O tempo parece ter-se, realmente, restabelecido. A noite é fresca e deliciosa. A ausência de mosquitos, tanto de noite, como de dia, é tamanho alívio que só pode ser apreciado por quem viveu longamente nas margens do rio Paraguai, onde êstes insetos são o maior tormento que imaginar se possa.

1.º de fevereiro.

O céu estava coberto esta manhã, mas se previa o sol.

Uma das escravas do Capitãozinho lavou perfeitamente a minha roupa branca e eu ocupei parte da manhãzinha em costurar os numerosos rombos.

Pudemos tomar uma xícara de chá (não era chá de caravana, oh! bem longe disso!).

O açúcar que há alguns dias se acabara foi substituído pelo melado (suco de cana de açúcar condensado mediante evaporação ao fogo). Comprei uma garrafa disso.

O leite obtido ontem se coalhara durante a noite. Veio-me a inspiração de fazer queijo pondo a coalhada num lenço e espremendo fora o sôro. Pendurei-o depois no teto para o deixar ficar até amanhã a fim de ver o que sairá dali.

Durante tôda a jornada não se fêz mais que comer mamões, cana de açúcar, milho cozido ou torrado sôbre brasas, bananas, arroz, carne, mandioca e, finalmente, um frango assado! Refizemo-nos do tempo perdido!

Lá para a tarde um dos Caduveo regressou com um belo veado. Mediante um pouco de sal comprei um quarto do bicho.

O veado (galheiro?)¹⁰ abunda nos arredores e é quase o único quadrúpede que ainda se possa caçar facilmente não longe do Nalique. Os cervos lá se mostram bem raramente, eles não deixam a região deserta mais ao norte, onde vivem sem preocupações e têm o pasto mais abundante e mais de acôrdo com os seus gostos.

A mulher do Capitãozinho é uma simpática mulherzinha muito bonita e muito bem feita de corpo. Tendendo para gorda, é ainda jovem e tem dois olhos dulcíssimos e sérios. Tem pés e mãos pequeníssimos e bem conservados. É habilíssima desenhista, do que deu evidente amostra hoje, ornando de belíssimos arabescos, complicados e dispostos originalmente, as faces de duas escravas¹¹.

Não usam os Caduveo a tatuagem verdadeira como os outros selvagens. Os desenhos que fazem na cara, nos braços, no peito e na espádua são para tôda a vida, e algumas vêzes os dos pés, até metade da barriga das pernas, à maneira de botas, são superficiais e não duram mais de 6 ou 7 dias, pelo que, com o contínuo lavar, desaparecem, deixando lugar a ornatos novos.

Eis como procedem nesta parte importantíssima da sua toilette.

Num pratinho *ad hoc* misturam pó de carvão com o suco de um fruto que os Chamacoco chamam *Náantau*, diluído com pouca água. O fruto é usado não maduro. Quando maduro é bom para comer. Tem uma forma redonda, ovóide, terminando em ponta, assemelhando-se um pouco a um limão; no corte transversal, a pôlpa se vê dividida em secções concêntricas, contendo as sementes. A casca é lisa e fibrosa; não maduro é verde amarelado externamente, e maduro, de um amarelo claro. A árvore que o produz é belíssima, tem grandes fôlhas brilhantes e verdíssimas, perenes e é sumamente ornamental. Cresce especialmente na beira dos rios¹².

O suco do *Náantau* apenas espremido é incolor; mas tem a propriedade à luz de enegrecer bastante rapidamente, tomando a forma de uma bola côr de tinta negro-azulada que, por outro lado, penetra nos poros da pele e só desaparece a custo, depois de numerosas lavagens. O carvão só se usa para ver logo o desenho ao passo que êste vai sendo

(10) O autor distingue, no original italiano, "daino" e "cervi". A primeira designação refere-se, provavelmente, ao veado galheiro. Segundo Rodolfo von Ihering (*Dicionário dos Animais do Brasil*, São Paulo 1940, p. 835), as sete espécies de veados no Brasil pertencem à família *Cervídeos*, diferenciando-se em dois grupos: espécies com galhadas desenvolvidas ("galheiro" e "campeiro") e espécies cuja armação é simples ("Veado pardo", "virá" e "bororó") (Nota de H. B.).

(11) Eu tinha tomado um esboço a lápis destes dois desenhos bastante interessantes; mas a fôlha sôbre que estavam se perdeu, pelo que não os pude reproduzir aqui (N. do A.).

(12) Em guarani chama-se "Nandúpá". Em botânica é *Genipa oblongifolia* ou *Genipa americana* (N. do A.). Portanto o genipapo, fruto de rubiácea que no Brasil serve para diferentes fins. (cf. H. Balduş e E. Willems: *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, São Paulo 1939, p. 109-110.) (Nota de H. B.).

feito. Na primeira lavagem o carvão vai-se e só resta a côr do *Náantau* que enegrece sem demora.

Num tubinho de cana geralmente adornado de hieroglifos gravados estão reunidos os instrumentos ou pincéis. São varinhas sutis de cana de vários tamanhos, algumas das quais têm na extremidade pequenos chumaços de algodão. Os primeiros servem para traçar as linhas e os contornos, e os outros para fazer nos fundos com meia-tinta.

Geralmente o *paciente* estende-se de costas, com a cabeça apoiada nas coxas do artista que está sentado com as pernas estendidas. E este começa a traçar as linhas fundamentais do desenho que a sua fantasia lhe sugere.

Como primeira coisa, quase sempre, é traçada uma linha de pontinhos que do lóbulo de uma orelha vai para o da outra, passando pela extremidade do mento e seguindo a linha ressaltada do maxilar inferior, dentro de cujos limites é circunscrita a ornamentação da face.

A bela *rainha* em pouco menos de uma hora, com uma destreza sem par, terminou o seu delicado trabalho. A uma das duas escravas dividiu a cara em duas partes iguais com uma linha transversal que do alto da tẽpora direita desce a se juntar à linha de pontinhos até a orelha esquerda.

A metade inferior encheu com um fundo bastante complicado de finas linhazinhas curvas e retas, formando um desenho que poderia ser tomado como modelo para um bordado.

A outra metade deixou ao natural, contentando-se com um ligeiro hieroglifo no meio da fronte, à raiz do nariz e com uma espécie de fina sobranceira muito curva, terminando num arabesco sôbre os dois olhos.

Na outra traçou uma larga faixa transversal no mesmo sentido da primeira, subdividida por um ornato de triângulos, dos quais os da parte superior deixados em branco e os de baixo cheios de uma grega intrincada e complicada. E todo o resto da cara encheu com volutas de muitas voltas, regularmente dispostas uma ao lado da outra e entremeadas de pequenos rombos de tinta escura unida.

Pretendo copiar alguns dêstes desenhos que são, realmente, muito interessantes.

Noite alta, quando os fogos estavam se apagando e tudo voltava para a obscuridade e o silêncio, Sabino, rígrado de pé na ponta do grande girau onde dormiam o Capitãozinho, sua mulher, a menina e um par de servos, começou a cantar. Na mão direita tinha o chocalho com as pedrinhas que manejava hãbilmente, acompanhando o canto também com um movimento cadenciado e ligeiro do corpo.

Sua voz bem entoada era modulada de modo assaz diferente da voz de nossos cantores. Saía forçada do peito e da garganta e tinha notas agudas de caráter estranhíssimo.

O canto tinha o jeito duma nẽnia lamentosa e se repetia como um estribilho com breves intervalos nos quais o chocalho continuava o acompanhamento um pouco mais forte.

Quando o tiver ouvido mais vêzes e me tiver entrado bem na mente, tentarei reproduzi-lo gráficamente ¹³.

Sabino cantou enquanto teve fôlego. Alguns jovenzinhos haviam trazido couros sôbre os quais, estendidos no solo em tórno do cantor, se haviam reunido atraídos pelo seu canto. De quando em vez emitiam surdos *hu, hu* em sinal de aplauso, ou alguma risada diante de certas frases ditas por Sabino.

Desagrada-me não entender o idioma para poder conhecer o significado das palavras musicadas. Talvez possa obter a explicação mais tarde, embora seja isso uma coisa bastante difficil.

Cessado o canto, tudo reentrou no silêncio; e começaram os cães na sua costumeira ronda noturna devastadora.

— Oh! os cães do Nalique!

Mas que cães! São antes esqueletos ambulantes esfaimados, sombras vagantes, bôcas devoradoras de tudo que tenha semelhança com comestível.

Estas pobres bêstas recebem em geral dos seus donos, que mal têm para si, sombra de alimento, salvo em tempo de caça, durante a qual engordam devorando os refugos dos numerosos cervos que se matam cada dia.

Mas, na aldeia, são obrigados a viver da própria indústria; e comem pedaços de couro sêco, grãos de milho cru, imundices de todo gênero e tudo quanto cai no seu alcance.

Algumas vêzes são vistos a correr atrás das galinhas e disputar-lhes qualquer coisinha.

São rixosos e se maltratam entre si continuamente.

Se um dêles sai das cabanas e vai com o focinho no chão pelo terreno procurando alguma coisa a fim de mandar para dentro do seu pobre ventre deserto, num instante, de tôda parte, lhe caem em cima, ladrando ferozmente, todos os outros cães como para devorá-lo. O pobrezinho, se não é bastante forte e corajoso para fazer frente ao assalto, ou volta para casa se lho permitem, com o pêlo eriçado, a espinha em arco e o rabo entre as pernas, mostrando os dentes, ou se deita por terra com as pernas para o ar, emitindo ganidos lamentosos, pedindo misericórdia; ou então se é velhaco, e pode fazê-lo francamente, põe-se a latir mais forte do que os outros a qualquer cão imaginário que finge ver mais além, dirigindo para lá a atenção dos outros, os quais, enganados, o deixam livre de voltar glorioso e triunfante, a abrigar-se na sua casa, bem contente de se ter arranjado com tão pouco.

Vi um cãozinho que com grande fadiga estava engolindo uma longa tira, refugio de um couro que seu dono estava preparando não sei para qual trabalho.

Sendo o couro muito duro e o cãozinho não suficientemente forte para conseguir rompê-lo com os dentes, de tanto mastigá-lo o tornava mole e o andava engolindo pouco a pouco. Já havia feito desaparecer no seu pequeno ventre, que estava inchando a olhos vistos, mais de um

(13) Vide 21 de fevereiro (N. do A.).

metro e outro tanto ainda lhe restava fora quando lhe caiu em cima um grande cão que se apoderou da outra extremidade da tira e, mais forte e mais esbelto, devorou bem depressa a parte que restava fora; e depois começou a puxar e o outro a ganir desesperadamente, mas inutilmente, porque, com a prepotência que distingue sempre os mais fortes, êste lhe tirou bem depressa para fora tudo quanto havia engolido, fazendo desaparecer sem cumprimentos e sem dificuldades.

O pequeno ventre que já havia tomado formas arredondadas satisfatórias, tornou a ficar chato como antes e o pobrezinho foi esconder-se melancólico no ângulo mais remoto de sua toca, não lhe restando outra consolação que meditar amargamente sôbre as injustiças dêste mundo.

E um dêsses prepotentes, enquanto eu dormia tranqüilo, saltou sôbre o girau e, erguendo-se ao teto, fugiu com o lenço que continha o queijo preparado pela manhã.

Por mais pesquisas que eu fizesse, não encontrei mais nem mesmo o lenço, que deve ter desaparecido de modo idêntico ao do queijo.

Outro cão se pôs a roer um couro sêco que eu havia amarrado ao pé do leito e me obrigou a levantar para expulsá-lo a bastonadas.

Francisco e Cacía, que haviam partido para o Retiro, a fim de buscar as coisas deixadas no baú, retornaram poucas horas depois de ter partido.

A estrada, devido às contínuas chuvas, se tornou no momento intransitável. Partirão novamente talvez amanhã, se não tornar a chover esta noite.

2 de fevereiro.

Enfiadas as grandes botas, já reduzidas pela viagem, pela água e pelos espinhos a um estado miserável, acompanhado de um jovem escravo Chamacoco, fui fazer um longo passeio nos bosques.

Vi assim uma pequena parte daquelas selvas americanas de vegetação extraordinária, da qual pude imaginar o que mais para o interior deve haver de surpreendentemente belo.

Descendo o pequeno vale, cuja profundidade naquele ponto era de uns quinze metros, escavado por uma torrentezinha, que, no fundo, gorgolejando docemente, corria com limpidíssima água sôbre um leito pedregoso, encontrei-me entre certas esplêndidas palmeiras de longuíssimas fôlhas verdes sem espinhos e de belíssimos e ásperos troncos, alguns dos quais recobertos de aveludado musgo. Nos interstícios deixados pelas fôlhas mortas em alguns troncos haviam encontrado vida esplêndidos fetos de muitas espécies, alguns pendurados em compridíssimos fios elásticos e elegantes, outros saindo em largas e grandes fôlhas de tecido sutil verde e transparente, e outras e outras variadas e belíssimas formas.

Em alguns troncos o *guembepí*, o maior dos parasitas vegetais dessas regiões, expunha as suas verdíssimas fôlhas da forma de *calladium*, mandando para o chão as longas raízes que parecem cordinhas, de du-

ríssima casca muito sutil e de amarelo miolo que tem odor muito pronunciado de mostarda.

E outros troncos eram povoados de belos pés de grandes orquídeas de várias espécies, que porém não estavam com flores. Reconheci uma que dá um bellissimo cacho de flores verdes; no Paraguai a chamam de *casco romano*. E vi as plantas mais estranhas que tenha podido imaginar. Duas palmeiras haviam crescido à beira da torrentezinha, e vizinha a uma delas crescera também outra árvore que pouco a pouco a cingiu tôda com as suas raízes como em estreitíssimas faixas, de modo que a palmeira com o tempo, tendo a outra planta crescido muito, se achou circundada completamente pelo tronco daquela, como absorvida, não lhe restando mais que um breve respiradouro no alto do emaranhado das fôlhas. A torrentezinha, que tinha estado escavando a terra debaixo, pôs a descoberto cada vez mais as raízes da árvore invasora, dando-lhe o aspecto de um monstruoso polvo no ato de destroçar a sua vítima nos seus extensos tentáculos.

E no alto surgia direito e redondo o tronco coroado de frondosos ramos, com as verdes fôlhas tremulando ao vento.

A outra palmeira também tinha um aspecto estranhíssimo. Uma liana se tinha enrodilhado em volta dela e crescera vigorosa e forte e sobremaneira grossa e estreitava nas suas espirais o tronco pardo como uma enorme serpente tôda branca; e haviam crescido sôbre ela ainda um belo *gumbepí*, orquídeas, musgos, que tôda a invadiam vivendo à sua custa.

Essas duas plantas eram tão belas e tão estranhas que por si sós teriam feito a fortuna de um jardim europeu.

Se fôr possível, procurarei fazer delas uma aquarela.

Outras árvores enormes vi, de cujo tronco se poderia obter esplêndido lenho.

Nas ervas encontrei uma bellissima flor, uma espécie da nossa íris, mas menor e de uma côr violeta pálida delicadíssima, e as cândidas nin-féias abundavam nas lagoas.

Nos bosques percorridos a terra era esplêndida, gorda, leve e de fertilidade não comum.

O tempo se manteve belo durante todo o dia e quero esperar que continue assim por algum tempo.

Encontramos durante o passeio muitos sinais de veados e de javalis, mas não nos foi dado ver nenhum dêles.

3 de fevereiro.

Esta manhã logo cedo o Capitãozinho, depois de fazer vir dois cavalos, convidou-me a fazer com êle um passeio pelo campo.

Passada uma breve faixa de bosque que se estende quase de frente ao Nalique e na qual serpenteia uma torrentezinha com pouca água, saímos súbitamente numa extensa planície coberta de relva e formando um campo vastissimo próprio para a criação de gado.



FIG. 28

Com efeito o Caduveo lá têm os seus bois e vacas.

Atravessa êste prado um caminho bem batido que vai até Miranda, costeando a cadeia de montanhas que pudemos avistar muito bem em derredor e no fundo. Passamos em revista os animais que pastam no campo, o Capitãozinho me mostrou uma bela novilha de um ano e me propôs comprá-la. Ofereci quinze mil (cêrca de 37.50 libras italianas) que foram aceitas e a novilha se tornou de minha propriedade.

O Capitãozinho, sem que eu lhe tivesse dito coisa nenhuma, havia observado que as minhas provisões andavam diminuindo dia a dia e não tinha mais carne.

Pensou, portanto, levar-me fazer esta compra a fim de me fornecer, por algum tempo, do necessário. E' homem providente e as suas instâncias demonstram o interêsse que toma pela minha pessoa, sentindo-se honrado pela confiança que depositei nêle e na sua gente, vindo sôzinho habitar na aldeia dêle, coisa que ninguém da minha condição havia tentado fazer até então.

Na volta levamos conosco a novilha. Antes de passar novamente pelo bosque, um veado atravessou o prado diante de nós e desapareceu por entre a intrincada folhagem sem nos dar tempo de atirar.

No bosque observei algumas plantinhas que me recordo muito bem de ter visto nas nossas serras na Itália. Penetrando nêstes bosques sente-se um perfume absolutamente tropical que recorda a impressão que se tem quando se entra nas grandes serras onde estão reunidas e com todo cuidado cultivadas, numa atmosfera mantida quente artificialmente, as plantas exóticas que formam o grande luxo dos nossos maiores jardins.

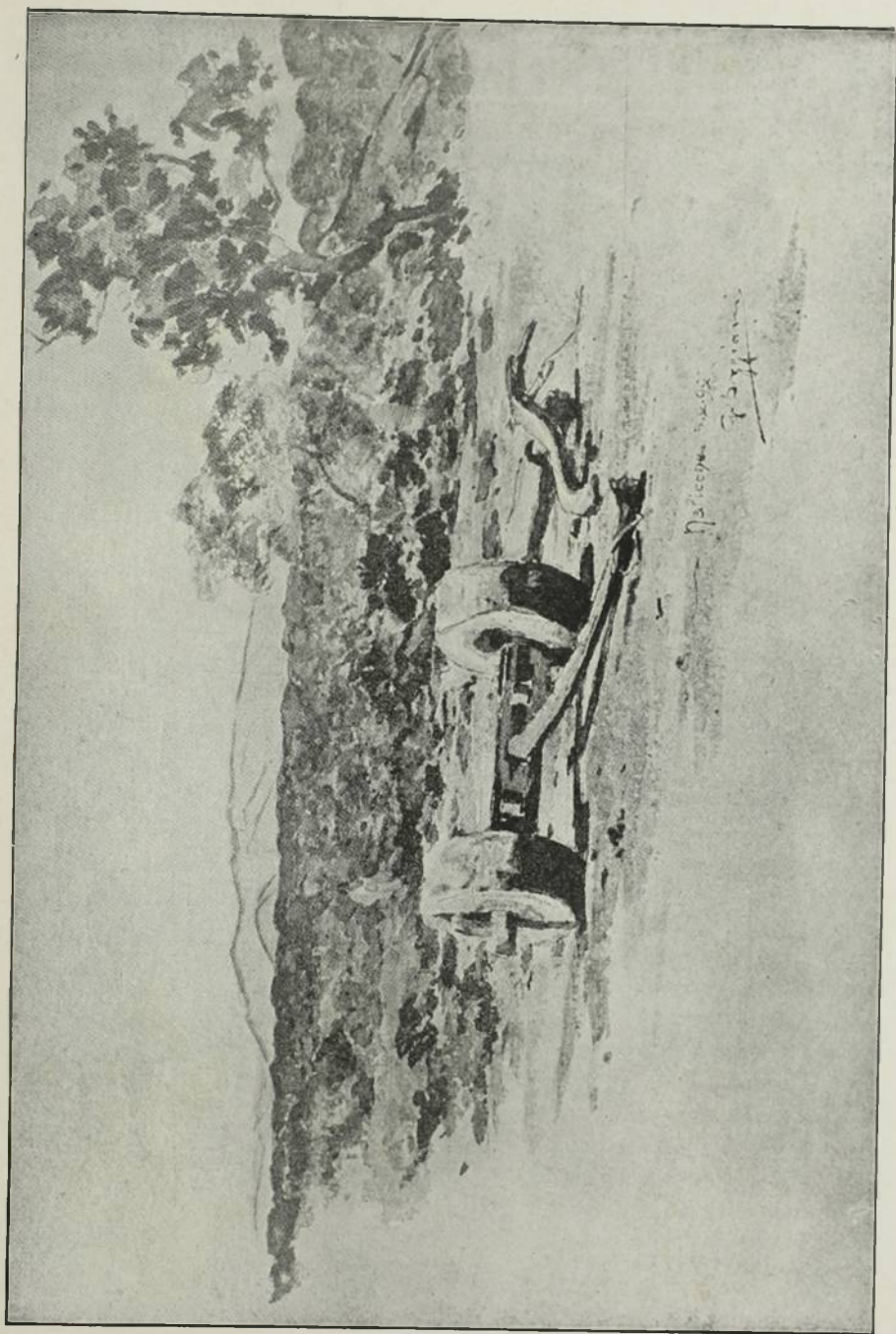


FIG. 29 — Carrêta para o transporte de árvore.

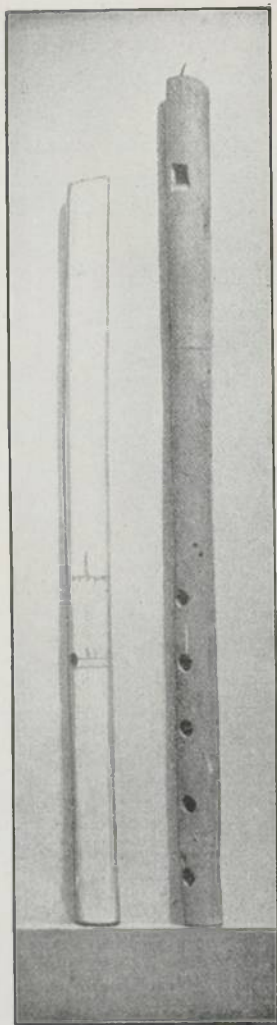


FIG. 30

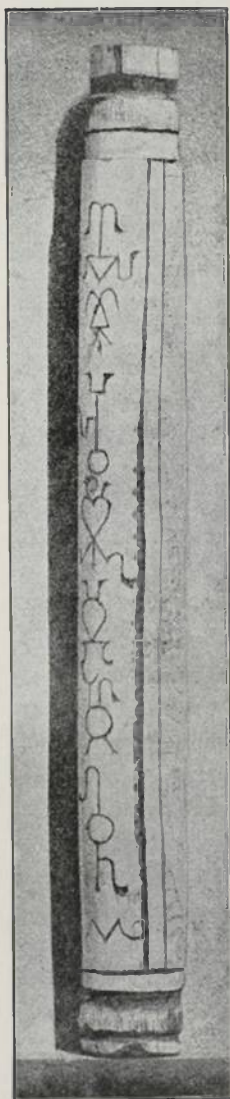


FIG. 31

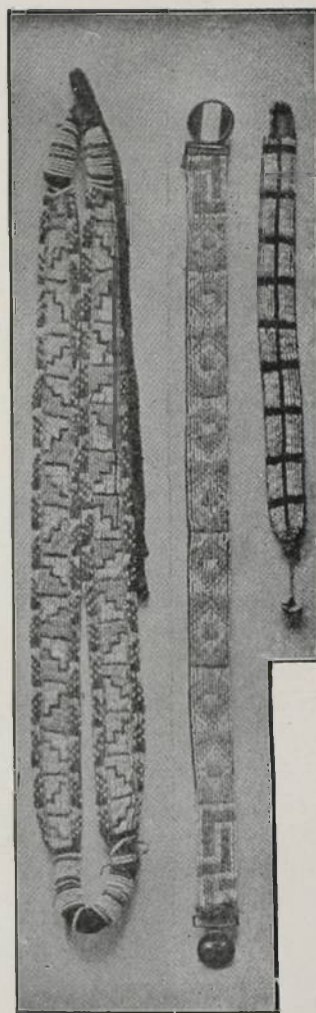


FIG. 32

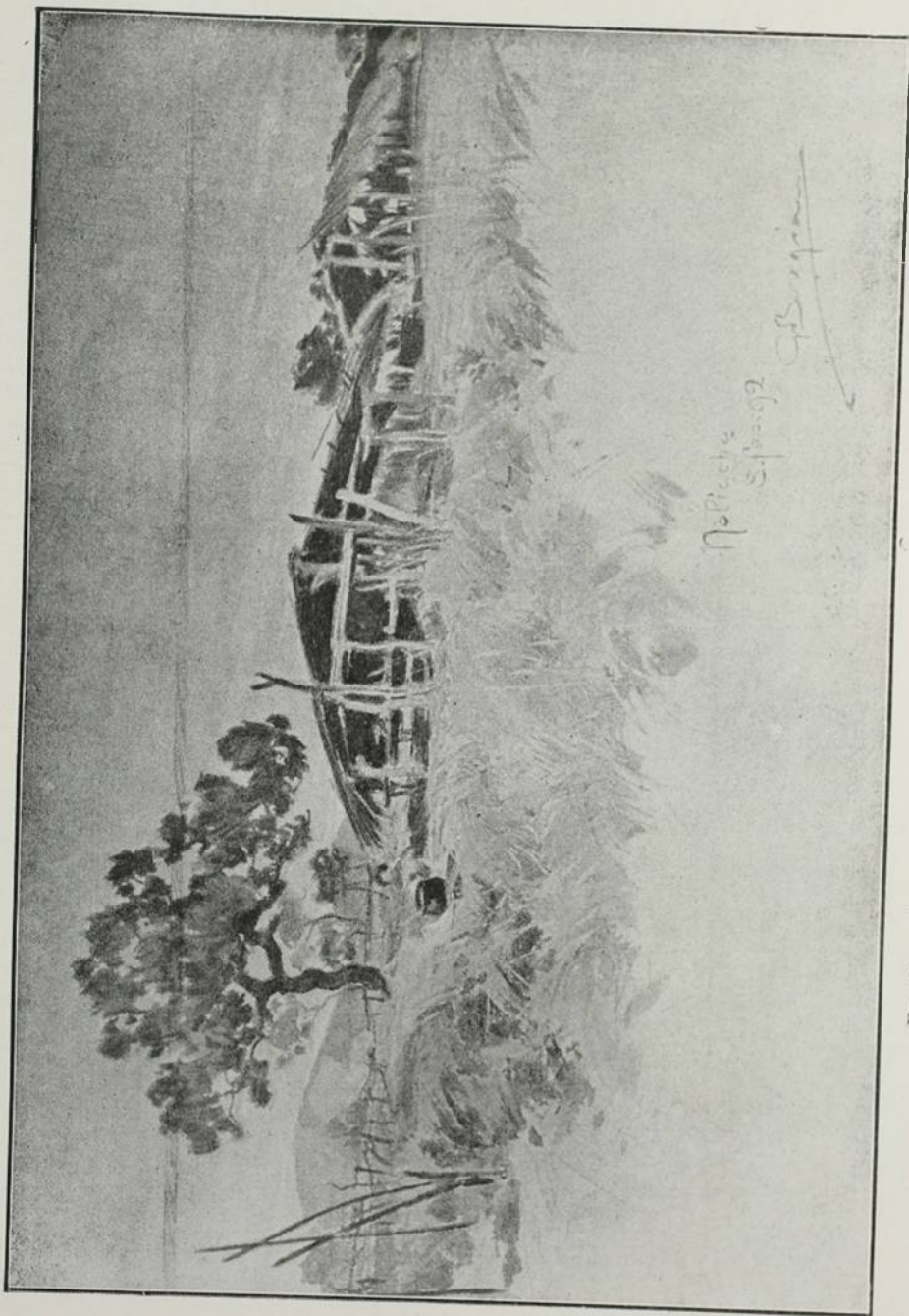


FIG. 33 — As casas de Chico Tereno e do Capitãozinho, no Nabileque

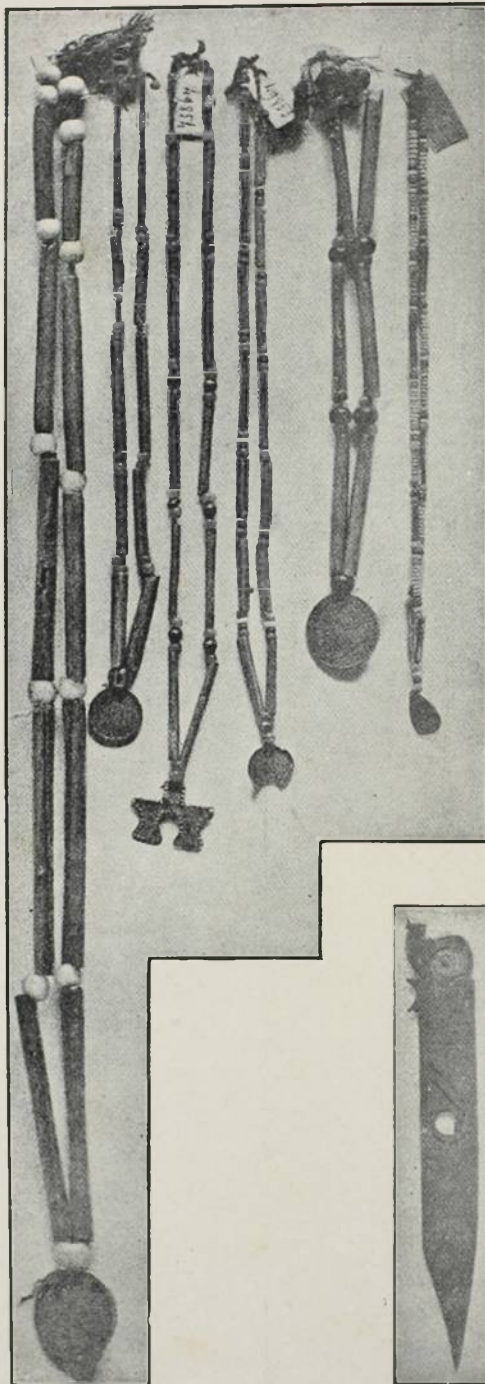


FIG. 34



FIG. 35

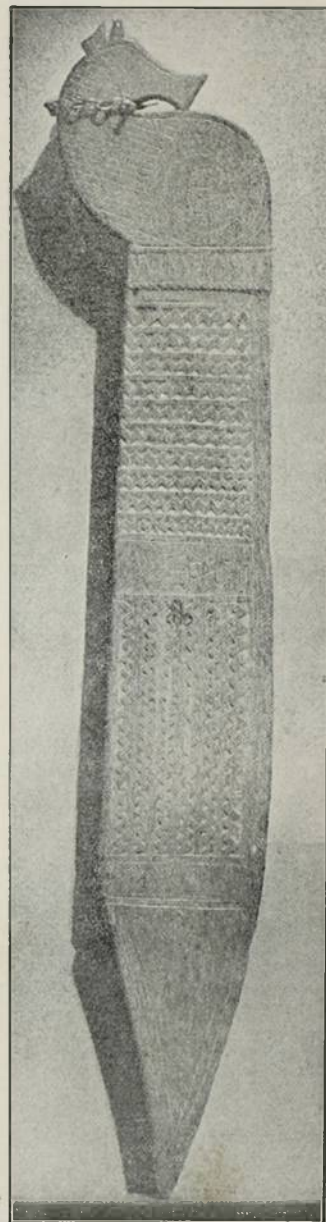


FIG. 36

Apenas chegamos em casa, a novilha foi sacrificada ao nosso apetite. Não encontrei dificuldade em arranjar ajudantes para a operação. A carne bovina não abunda e a todos agrada.

Portanto, com a certeza de ganhar uma boa ração se me ofereceram três ou quatro hábeis ajudantes que em pouco tempo reduziram tôda a carne a finas tiras que, prèviamente salgadas, expus ao sol para fazê-la seçar a fim de que a pudesse conservar por longo tempo.

Pus logo as panelas no fogo e tivemos bem depressa um lauto almôço, do qual aproveitamos com entusiasmo durante quase todo o dia.

Cêrca das três eu e o Capitãozinho andamos a pé até a velha aldeia distante cêrca de um quilômetro e meio da atual, abandonada depois da morte de um dos mais velhos e principais Caduveo.

Não pude compreender bem o que me contou o Capitãozinho a propósito; mas creio que se trata dum assassinio e que o velho fôsse um personagem importante, muito amado e estimado.

Tomarei informações mais seguras sôbre o fato, que deve ser de grande importância para ter causado nada menos que o abandono da aldeia (14).

Esta se acha colocada em bela posição. O tempo arruinou tôdas as cabanas e poucos tetos ainda restam cobertos de palha. No meio de uma exuberante vegetação de altíssimas ervas e arbustos, entre os quais é abundantíssimo o ricino, que invadiu os cantos mais remotos, surgem ainda os esqueletos das cabanas que, no grande abandono em que são deixadas, se vão pouco a pouco arruinando.

Um caminho, agora todo escondido entre as ervas e arbustos, distingue-se ainda por algumas belas árvores de cedro e de palmeira plantadas já pelo Capitãozinho numa idéia louvabilíssima.

E num cantinho, quase sepultado pela verdura, há um grande engenho para a extração do caldo da cana de açúcar. A seu tempo será transportado para a nova residência.

Um aspecto de suma tristeza reina neste lugar abandonado e é a mais bela tumba que jamais se tenha imaginado.

Enquanto o Capitãozinho estava trabalhando alguns ramos de salgueiro que plantará em tórno dos reservatórios de água das nascentes do Nalique novo, a fim de mitigar um pouco o ardor do sol, uma tremenda carga d'água caiu sôbre nós de imprevisto e nos deixou num estado miserando. Durou pouco e voltamos para casa molhados até os ossos.

Lá para a tarde, depois de haver tomado um banho, em vez de me trajar com as minhas roupas como de costume, vesti-me de Caduveo e voltei ao meu girau em meio da admiração e dos cumprimentos gerais.

É bastante cômodo e tenho a intenção doravante de adotá-lo por todo o tempo em que permanecer aqui.

(14) Vide 10 de março (N. do A.).

Enquanto escrevo, alguma coisa de insólito deve estar acontecendo na aldeia.

Em dado momento se fêz um grande silêncio de uma ponta à outra da aldeia e o Capitãozinho se pôs a falar em voz baixa à mulher e aos vizinhos.

Diante da minha pergunta sôbre o que acontecia, o Capitãozinho me informou de que numa das cabanas na extremidade da aldeia o *Padre* (o médico) estava curando um doente e que o silêncio cessaria assim que a cura tivesse acabado. Eu estava curioso de ver em que consistia essa cura que exigia tanto silêncio; mas não ousava me mover porque o meu ato de curiosidade teria podido ser mal interpretado por esta gente supersticiosa e ignorante.

Fiquei, portanto, no meu lugar e fiz silêncio como todos os outros.

Não me hão de faltar, espero, ocasiões de assistir a uma tão interessante cerimônia.

Pouco depois, terminada a cura, recomeçou o costumeiro palavrório por tôda a aldeia, como se nada tivesse vindo interrompê-lo.

4 de fevereiro.

Em vista do feliz successo de ontem à noite e das dificuldades para manter em ordem o traje de sistema europeu que, com o contínuo andar entre os espinhos dos bosques e no pântano, sofria a todo momento novas avarias cada vez mais difíceis de remediar; considerando que, se continuarem as coisas neste passo, por algum tempo ainda acabarei por não ter mais nada para pôr em cima de mim quando se tratar da volta; considerando que a roupa caduveo é idealmente cômoda, simples, ligeira, econômica, fácil de vestir e de tirar, sadia porque deixa o corpo respirar bem e, digamo-lo ainda para satisfação da vaidade, não privada de certa elegância *sui generis*; considerando que ninguém me vê e que, aliás, me desinteresse profundamente pela opinião alheia, quando a minha, tudo bem ponderado, me pareça boa; considerando depois que todos se vestem assim e que, como fazem os outros, posso fazer eu também; e tendo em consideração finalmente aquêlê nunca suficientemente ponderado provérbio que diz: *Paese che vai, usanza che trovi*¹⁵ estabeleci que de hoje em diante, apagado aquêlê resto de civilização que ainda aparecia nos meus trajes e desafinava escandalosamente no meio do quadro que me circunda, me vestirei como todos os outros.

Nem mais nem menos.

Pelo que esta manhã apareci de novo à admiração pública no traje caduveo.

(15) Ao pé da letra se traduziria êsse provérbio: *Pais a que fôrdes, costumes que achareis*. Temos um ditado equivalente: *Cada terra com seu uso, cada roça com seu fuso* (N. do T.).

Eis em que consiste:

Um pedaço de fazenda branca ou de percal colorido (o branco geralmente é preferido porque a fazenda de algodão é mais durável que o percal e menos fina), de cêrca de 1.50 de altura por 1.80 de largura, cinge os flancos e cobre todo o corpo do peito até pouco acima do calcanhar.

Um cinto, geralmente de belos desenhos recamados com contas de vidro¹⁶, pelos quais têm os Caduveo, como todos os selvagens, uma especial preferência aperta a fazenda contra os flancos de maneira a que não se abra, servindo ao mesmo tempo para enfiar a faca, da qual, quanto maior possível, nunca se separam, sendo verdadeiramente um instrumento de que se tem contínua necessidade.

O resto do corpo fica completamente nu, enfeitando o pescoço com colares de contas ou compridos tubos de prata alternados com grandes bolinhas de vidro azul ou sementes negras duríssimas, e terminando num penduricalho de forma variada, mas geralmente redondo, com desenhos de pequenos pontos em relêvo¹⁷. Com muita freqüência em lugar de penduricalhos se vêem pendentes moedas de prata.

Nos pulsos das mãos e pés, os elegantes levam braceletes, os mais simples formados de um fio de contas azuis, côr preferida, os mais ricos de prata em tubinhos ou de moedas furadas e reünidas com contas azuis.

Algumas vêzes, quando o sol arde muito ou quando faz frio, levam uma camisa com as extremidades esvoaçando ao vento; ou mesmo, sem enfiá-la, lançam-na sôbre as costas com as mangas pendentes à frente à guisa de mantilha.

Não usam meias nem sandálias.

Na cabeça levam, na maioria, chapéus feitos com tirinhas de fôlhas de palmeira que êles mesmos fabricam hàbilmente, com grandes abas, com faixas e debrum de pano negro e com um cordãozinho vermelho de lâ entrançada, para tê-lo firme sob o queixo, terminando em longo penduricalho ricamente ornado de contas de vidro e algumas vêzes de lâminas e tubinhos de prata¹⁸.

Antigamente os Caduveo teciam êles mesmos a fazenda das suas roupas com o algodão que cresce estupendamente nestas regiões e que êles têm ainda o cuidado de semear e recolher, mas em pequeníssima quantidade, apenas o quanto baste para fazer o fio necessário para tecer os cintos e enfiar as pêrolazinhas de vidro de que ornam a si mesmos e a alguns utensílios. Os estofos europeus quase fizeram desaparecer essa indústria e agora restam poucos dêses panos tecidos à moda antiga. Vi um só em Nalique; quis comprá-lo, mas não me quiseram cedê-lo por preço nenhum. Possui um na minha coleção, que comprei de segunda

(16) Vide figura n. 32 (N. do A.).

(17) Vide figura n. 34 (N. do A.).

(18) Vide figura n. 46 (N. do A.).

mão de um chefe Chamacoco¹⁹. Faziam também bôlsas para guardar os seus objetos com tiras tecidas com várias côres e com belos desenhos muito característicos; mas agora é raro que façam novos e rarissimamente se encontram os velhos²⁰.

As mulheres se vestem, na maioria, como os homens, com a diferença de que o pano, em lugar de ser apertado ao peito, é levado mais abaixo, cobrindo os rins e chegando apenas até a metade da perna. Não usam camisa, mas quando saem de casa levam sôbre as costas um outro pano que as abriga do sol e do frio, que ajeitam assaz artisticamente, deixando livre um braço, o esquerdo quase sempre.

E debaixo de tudo levam ainda um pano que é sustentado por um cinto bem ornado e passa por entre as pernas.

Nunca usam chapéu²¹.

O penteado do chefe é simples e igual tanto para os homens como para as mulheres. Os cabelos negríssimos, lisos e abundantes, levam divididos no meio da frente, sempre bem penteados e cuidadosamente engraxados e são cortados em redondo na altura da orelha até escondê-la. Os Caduveo são loucos pelas pomadas cheirosas.

Tal traje não deixa de ter graça, especialmente se fôr bem levado. E sendo os Caduveo geralmente altos, delgados e bem proporcionados, com traços algumas vêzes muito finos e cheios de nobreza, vêem-se figuras graciosíssimas, com freqüência sumamente artísticas.

A limpeza do corpo é virtude característica dos Caduveo.

Duas ou três vêzes por dia costumam banhar-se nas nascentes. Pela manhã mal se levantam, logo depois do jantar e, quando faz calor, noite fechada, antes de ir dormir.

O marido acompanha a mulher ao banho e é elegante, em tais ocasiões, levar na mão ostensivamente a faca na sua bainha quase sempre ornada, como objeto de luxo.

Como as nascentes não dão bastante água para encher os grandes tanques em que mergulhar todo o corpo, os Caduveo usam pratos em forma de grandes conchas²², em geral bem ornados de contas, ou meias cabaças vazias com as quais se deitam água por cima, lavando-se assim todo o corpo sem sujar a água das fontes.

(19) Vide figura n. 48 (N. do A.).

(20) Encontrei um interessantíssimo que se acha atualmente no Museu de Roma já citado (Vide figura n. 23). A sua fatura se avizinha maravilhosamente daquela dos antigos tecidos peruanos, dos quais se aproxima também pelo desenho e pela sua disposição (N. do A.).

(21) Provavelmente Boggiani quer dizer que nunca põem o chapéu na cabeça, porque linhas antes fazia referências a uma espécie de chapéu caduveo, que fazia parte do traje típico (N. do T.). — Parece-me que a frase se refere só às mulheres (Nota de H.B.).

(22) Vide figura n. 99 (N. do A.).

Os Caduveo estão quase sempre bem compostos e limpos, contrastando com os hábitos de desordem e incúria dos Chamacoco, os quais, porém, tornados escravos, pouco a pouco vão adquirindo os bons hábitos dos seus senhores, embora lhes fiquem sempre um grau abaixo.

Os Chamacoco são os escravos preferidos e os mais procurados pelos Caduveo. São bem tratados, mas tidos em conta de raça inferior.

E que o sejam se percebe facilmente ao simples confronto.

A êles compete os trabalhos grosseiros de serviço e o lavar a terra. São tratados em geral com doçura, sem deixá-los nunca esquecer-se de quais sejam os seus deveres.

Tempo houve, como já disse, em que os Caduveo adquiriam os escravos pela violência, movendo guerra às tribos de selvagens do Chaco, dos quais eram e continuam ainda hoje o terror.

Agora, porém, que os povoadores das margens do Rio Paraguai, no seu próprio interesse, impedem tais correrias a mão armada e que os Caduveo compreenderam que com os cristãos não é prudente entrar em desarmonia, tornou-se-lhes mais difícil o prover-se de escravos.

Hoje em dia, não podendo fazer de maneira diferente, entabularam relações amistosas e comerciais com os Chamacoco, os quais, porém, ficam sempre numa certa apreensão quando os Caduveo se avizinham. E em troca de pequenos escravos que os Chamacoco vão capturar no interior entre a tribo dos Tumaná (*Chamacoco bravos*) pelo amor, pela astúcia ou pela fôrça, os Caduveo levam para lhes vender velhos fuzis, pasta de urucu e outros poucos gêneros que êles procuram em troca de couros de cervo.

Pouquíssimos indivíduos de outra tribo, além daquela dos Chamacoco, encontrei entre os escravos dos Caduveo. Um só Guaná e um Sanapaná; e entre os forasteiros que vivem em Nalique encontrei alguns Tereno, um Cainguá do Paraguai e dois Chiriguano da Bolívia.

Os escravos depois se passam de um a outro proprietário em troca de cavalos, bois ou de qualquer outro valor.

Parece-me que, para os selvagens do Chaco, gente que vive de modo absolutamente primitivo, pouco superior ao dos animais, a escravidão entre povos de raça evidentemente superior, e de costumes sem dúvida muito avançados em civilização, é um bem incalculável, e creio firmemente que impedi-la seja um êrro nefasto.

Pela vontade própria nunca melhorarão de condições; é portanto necessário forçá-los a sair do seu estado quase brutesco e despertar a sua inteligência, da qual não estão privados, com direção prática e enérgica.

A escravidão deu lugar a muitos e graves abusos condenabilíssimos, é verdade, mas é também uma grande necessidade. Sem ela não teríamos aquelas centenas de milhares de negros completamente civilizados que povoam as duas Américas, ao passo que estariam ainda no estado em que se acham as tribos selvagens da África.

Se bem usada e com a moderação que a humanidade requer, a escravidão, a meu ver, traz um bem imenso não só para os senhores que dos escravos tiram vantagens, mas também para aquelas míseras populações selvagens de que são tirados.

Esta manhã, finalmente, partiram os mensageiros que levam cartas e instruções para Forte Olimpo; e partiram também aquêles que vão para o Retiro. Não pude encontrar a chave do baú, pelo que Francisco terá de forçar a fechadura para poder abri-lo. Francisco estará de volta amanhã à noite, os outros dentro de uma dezena de dias.

Como a partida para a caça está fixada para depois do regresso de Francisco, espero que os mensageiros de Olimpo tardem um pouco a regressar; assim os caçadores terão mais tempo para recolher muitos couros de cervo.

Tendo feito alguns desenhos em estilo caduveo, a admiração pela minha habilidade não teve limite. Há quem me tenha pedido para ornar-lhe a cara. Eis u'a maneira muito simples de tornar-se pintor de... figura.

Esta noite houve baile.

Ao som de um tamborzinho em outros tempos pertencente a qualquer regimento brasileiro, e de uma flauta, tangido um pelo Capitãozinho e outra por Sabino, quinze ou vinte Caduveo, dando-se as mãos numa fila, como se faz nos nossos *lanceiros*, puseram-se a bailar alegremente até horas tardias.

Dançavam bem e de perfeito acôrdo, avançando e afastando com passo cadenciado em quatro tempos, com ligeiro movimento do corpo para a frente à guisa de inclinação no terceiro tempo; tudo sem saltos descompostos, mas com passos curtos no andar para trás e com alguma violência maior no avançar.

Não são nem a música nem a dança muito variadas; mas o efeito, à tremulante luz dos fogos e sôbre o fundo escuro do campo, era graciosíssimo. Acabado o baile, Sabino que, faltando ao acôrdo feito comigo de ir a Forte Olimpo, havia ficado tranqüilamente em Nalique sem nem mesmo avisar-me, mau grado eu lhe tivesse, mesmo, feito alguns adiantamentos no preço estipulado e combinado, recomeçou a cantar as suas melancólicas nênias, acompanhando-se com a cabeça.

E cantou enquanto lhe restou fôlego na garganta; o que teve fim só em hora muito avançada da noite e quando já tôda a aldeia estava imersa no sono mais profundo.

5 de fevereiro.

Costumam os Caduveo, além de rapar todos os pelos da cara e do corpo, ainda limar a fila superior dos dentes, de um canino a outro, tornando-os triangulares como as pontas de uma serra.

Não sei a que se deva êste costume, mas creio que se trate apenas de ornamento.

As mulheres usam também, como nós, furar o lóbulo das orelhas para enfiar brincos, na maioria de prata. O furo deve ser o menor possível, contrariamente ao que se usa entre outras tribos vizinhas.

Tendo dado a um pequeno Chamacoco uma cana de açúcar para que a chupasse, êste ao invés de a reservar para si deu-a, com a maior boa vontade e desinterêsse, ao seu pequeno senhor, que estava presente. Êste, como coisa que lhe era devida, a pegou e levou embora sem nem mesmo sonhar com dar uma parte ao pobre escravozinho que, porém, não se arriscou a fazer o menor ato de aborrecimento.

Dei-lhe outra e a descasquei para que a chupasse logo. Pegou-a, mastigou um pedacinho com evidente prazer; depois fugiu levando de novo o resto ao seu senhor.

Estranha submissão e estranhíssimo desinterêsse em quem, por natureza de raça e por necessidade, é egoísta ao excesso, tratando-se de comer!

Quem prepara a comida para o Capitãozinho e a família é uma mulher de cabelos crespos como os de uma abissínia e um pouco loiros. De tipo bastante diferente daquele dos outros, se vê logo que não é Caduveo.

Durante a guerra do Paraguai, no assalto de San Salvador, esta mulher, então menina de quatro ou cinco anos, foi raptada e depois criada pelos Caduveo segundo os seus costumes. E cresceu grande e forte e com grande afeição pelos seus senhores, dos quais nunca se quer afastar, mau grado lhe tenha sido possível fazê-lo e regressar ao Paraguai sempre que lhe aprouvesse.

Ê mulher de um velho servo do Capitãozinho, um velho robusto e tranqüilo, assíduo trabalhador, apto principalmente para os trabalhos do campo. Esta manhã a mandei à vizinha tolderia, pois se ofereceu para me comprar cana de açúcar e melado em troca de quatro metros de pano e umas poucas pèrolazinhas de vidro.

As plantações de Nalique são ainda assaz novas, tendo sido renovadas depois do abandono da antiga aldeia e não dão por ora grande produção; pelo que se recorre com freqüência à vizinha aldeia, chamada Etóquiija, onde as plantações são mais antigas e os frutos agora abundam tanto que dão para a exportação.

Inâguina, como a chama Felipe (em caduveo *inâguina* quer dizer *irmã*), voltou me trazendo três garrafas de melado e dois belos feixes de excelente cana de açúcar, das quais uma mede mais de quatro metros.

Fiz um esbôço à aquarela de uma espécie de carretão, que serve para o transporte de grandes troncos de árvores. É formado por duas rodas maciças de um só pedaço, fixadas a um eixo do centro do qual parte o varal a que se prende a canga para os bois²³.

Os meus amigos tomaram muito interêsse por quanto eu estava fazendo e não se cansavam de elogiar a minha habilidade.

(23) Vide figura n. 29 (N. do A.).

A noite houve novamente baile, com esta variante: ao invés de seguir as suas evoluções sempre no mesmo ponto, deram a volta à aldeia, bailando diante de cada uma das principais casas.

Sabino não cantou mais. E alegrei-me porque assim pude adormecer mais cedo do que na outra noite.

6 de fevereiro.

Confecionei para mim *vários trajes* (!?) à caduveo, a fim de dispor para muda. Fiz um todo vermelho chamejante.

A minha primeira aparição nesta roupa foi acolhida por um geral grito de admiração e os mais elegantes do país mo invejam. Também levo colares no pescoço. Pena que, para completar o traje, não me tenha decidido a tirar os bigodes, cílios e sobranceiras!

Felipe adotou, êle também, o cômodo traje caduveo.

A rainha fêz pintar o seu rosto e o corpo por uma amiga que ela mesma pintou um momento antes.

Depois do que se pôs a tecer um cinto para o qual preparou desde ontem um tearzinho feito com meios simplíssimos, mas muito engenhosamente combinados.

As figuras anexas lhe mostram a estrutura geral durante a operação e a disposição técnica dos fios e das partes *que compõem o tear*.

Preparadas convenientemente as duas varinhas do tear, ligada uma (*xx*) no alto às traves de sustentação (*rr*) das palhas do teto e outra (*ss*) em baixo (*bb*) à mais comprida das travessas do girau por baixo, a segunda é também sustentada fortemente por outras duas cordinhas (*mm*) que pelas suas extremidades vão ligar-se às traves do teto. De uma a outra dessas cordinhas, a qualquer distância sobre a varinha situada por baixo e sob a colocada por cima, ficam estendidas horizontalmente duas outras cordinhas (*aa*) e (*uu*).

Preparadas, assim, tôdas as coisas, começa-se por ligar a ponta do fio de embira, que deve formar a trama à cordinha (*uu*), depois se faz com que êle gire em tórno da varinha inferior passando de trás para frente; e saindo novamente até à varinha superior, faz-se com que gire em tórno, passando de trás para a frente; e passando, portanto, sobre a frente da cordinha horizontal (*aa*) faz-se com que desça até a outra cordinha horizontal (*uu*) em tórno da qual se faz com que passe da frente para trás. Faz-se sair o fio, passando-o por trás da cordinha (*aa*) até a parte posterior. Daí se faz com que desça até a varinha inferior, passando de trás para a frente e fazendo-o sair junto da cordinha horizontal (*uu*) em tórno da qual se faz com que passe de diante para trás.

De novo se passa em tórno da varinha inferior, pela frente, faz-se sair junto à superior por detrás, levando-o para a frente depois de o ter enrolado. Faz-se com que desça, passando diante da cordinha horizontal (*aa*) até a (*uu*) em tórno da qual se o faz de novo passar como acima, e assim se continua.

Isto no caso da trama deve ser de fio simples. No caso em que esta deva ser de fio dobrado ou múltiplo o fio da trama é feita passar alternativamente duas, três ou mais vèzes de seguida pela frente e por trás da cordinha (*aa*). Dispostos assim os fios da trama e fixada a ponta extrema da cordinha (*uu*) mediante uma espécie de trancinha de malhas muito amplas, ligam-se um pouco abaixo da cordinha (*aa*) todos os fios da trama que lhe são passados por trás, prendendo-os nas malhas da trancinha um a um, dois a dois, ou mais, segundo simples ou multiplos devam ser usados.

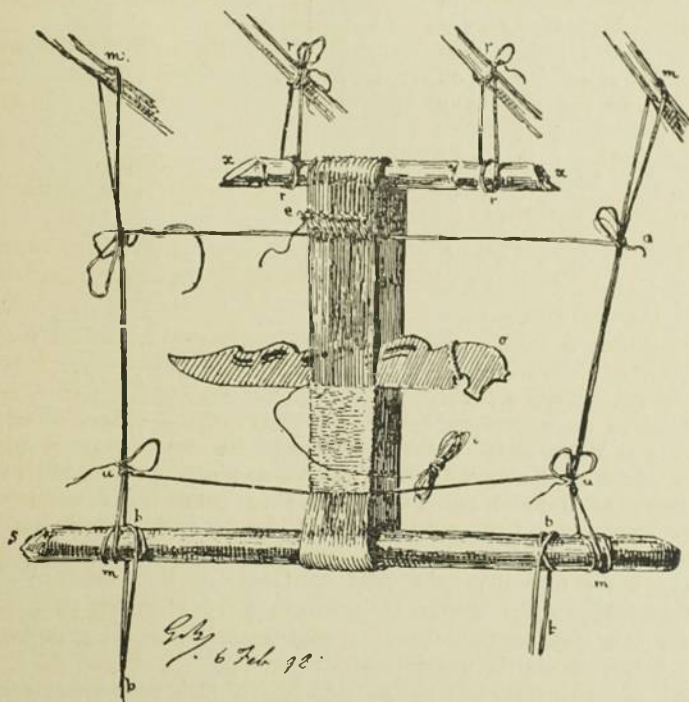


FIG. 37

De modo que na mão, podendo-se reunir tôdas as malhas da trancinha, puxando-as para si trazem para a frente todos de uma vez os fios que primeiro ficavam para trás; e mediante a espátula de pau (*o*) adaptada ao caso se forma um espaço entre os primeiros e os segundos, no meio dos quais é fácil fazer passar o novêlo (*i*) de fio de algodão que serve para a trama.

A execução é muito lenta; passado o fio de algodão que faz a urdi-deira da peça através da trama das cordinhas de fibra de embira, estendidas longitudinalmente, o vão cada vez acomodando e puxando com o indicador através das cordinhas uma a uma para que esteja sempre

estendido igualmente, cutucando-o depois por cima com pequenos golpes de um palito em forma de faca de cortar papel, quase sempre terminado por uma cabeça de cavalo²⁴, a fim de que o tecido fique o mais denso possível.

Ao passo que o trabalho progride se faz passar tôda a peça, para baixo, em tórno das varinhas. A cordinha (*uu*) é móvel e deslocada contemporâneamente com o trabalho. Reünidas as extremidades e fixados bem os fios da urdideira e da trama não se faz mais que desatar e levar a cordinha (*uu*) e a (*aa*) e a tessitura da peça fica feita.

As duas varinhas do tear se põem na distância que corresponde à metade do comprimento do trabalho que se quer fazer.

Terminado o tecido para o cinto, que deve sempre ser muito sustentado e forte, êle é coberto de pêrolazinhas de vidro de varias côres, dispostas em desenhos que algumas vêzes chegam a ser muito complicados e interessantes pelo gôsto e pelo caráter²⁵. O cinto das mulheres usado por baixo para sustentar o pano que passa entre as pernas é comumente mais largo do que o usado pelos homens. Mas êste é, geralmente, mais belo e algumas vêzes duplo.

Esta noite o baile, pelo qual os Caduveo têm uma grandíssima paixão, se realizou novamente, mas com maior pompa que na outra noite.

Dêle também participaram as mulheres, as quais tomaram lugar em longa fileira diante dos homens.

Esta noite se puseram em grande luxo. Estavam todos vestidos de calças, camisa e jaqueta e me pareceu até ver algumas gravatas.

Uma desgraça veio trazer desordem à festa, quando estava no auge da alegria.

Uma víbora, que em guarani se chama *jararú*²⁶, e está entre as mais venenosas, em segundo lugar só depois da cascavel (em guarani: *mbói chini*²⁷, mordeu nos dois pés uma rapariga chamacoco que no bailar se achegara às moitas, no limite da esplanada.

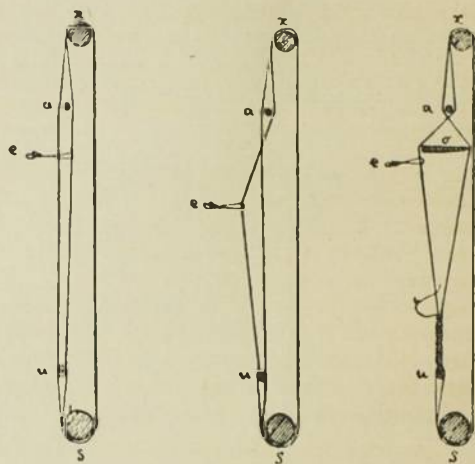


FIG. 38

(24) Vide figuras n. 35 e 36 (N. do A.).

(25) Vide figura n. 32 e, em apêndice, desenhos de cintos (N. do A.).

(26) Trigonocéfalo (N. do A.).

(27) *Crotalus horridus* (N. do A.).

Felipe veio correndo me chamar, todo afanoso:

— Boggiani, *vibora come muchacha chamacoco!* Trae pronto remedio.

A rapariga gritava pela dor e pelo susto e veio trazida nos braços para sua casa, rodeada pela turba em grande agitação.

Sem levantar objeção me fiz dar, numa caneca de lata, um pouco de água da fonte que o próprio Felipe, comovido até as lágrimas com o perigo em que se acha a pobre rapariga, que é da sua mesma tribo, corre a buscar.

Depois, no meio da atenção geral, dissolvo alguns grãos de permanganato de potássio, até fazer uma espécie de tinta de um belo violeta intenso. Não era o caso de ser muito meticuloso nas proporções e na quantidade de água que deveria ser destilada. Tiro para fora da minha bagagem a *seringa de Pravaz*, que por boa inspiração havia levado comigo, e acho as agulhas um pouco enferrujadas pela umidade sofrida na queda de Felipe com toda a bagagem no charco, em viagem do Retiro para Nalique. Limpo-as o melhor que posso e não sem algum esforço para fazer entrar a agulha sob a pele um tanto dura, faço uma incisão um pouco acima do peito do pé.

A primeira vai bem e o líquido entra todo sob a pele, sem dispersão nenhuma externa. Mas quando é a vez da segunda perna, a agulha entra mal e o líquido sai todo da ferida.

Não há remédio: é preciso repetir, e desta vez vai bem.

Era a primeira vez que eu fazia ou via fazer injeções; portanto não é preciso dizer que dose de coragem me foi precisa para realizar uma tal operação.

Todavia, em vista da gravidade do caso, não era o momento para fazer muitas reflexões.

Os esconjuros dos médicos indígenas não a teriam salvado de uma segura e horrível morte.

Tanto valia tentar uma cura, reconhecida boa, mau grado devesse ser perpetrada pelas minhas inexpertíssimas mãos.

Os pés já se lhe haviam inchado e o inchaço começava a se estender para cima.

Fiz-lhe ligaduras bem apertadas sob o joelho e depois a fiz cobrir de quantas cobertas pude recolher, para que tivesse de suar bastante por toda a noite.

Durante a operação a rapariga não emitiu um só lamento, e havia em torno de mim uma multidão tão interessada como si eu fôsse um célebre médico-cirurgião no ato de fazer uma operação difficilima diante de um público escolhido de médicos e estudantes de medicina.

Como as injeções foram feitas quase logo depois da mordida, espero que façam efeito.



FIG. 39

Terminada a operação, durante a qual tinha sido interrompido o baile, o tambor e a flauta recommçaram a sua música e a festa continuou animadíssima até hora tardia, como se nada houvesse acontecido.

7 de fevereiro.

A rapariga mordida vai bem. Diz que não sente dores. O inchaço não ultrapassou o ligamento; mas os pés estão ainda muito inflamados e são redondos em todos os pontos. Se vir que não diminui, farei outra injeção.

Tem pouca febre. Se sarar sem ultteriores complicações, obterei grande mérito como médico entre esta gente, o que contribuiria não pouco para me fazer querer bem. Esperamo-lo.

Vi como se prepara a pasta de urucu²⁸.

Uma velha tôda enrugada e com os cabelos grisalhos estava de cócoras, por trás da cabana, ao sol. Tinha diante de si várias terrinas que continham a pasta de urucu nas suas diversas fases, da ferverdura das sementes até a última em que o líquido já está condensado a ponto de o deixar endurecer com o resfriamento.

A operação é longa e paciente. E como as mãos eram os principais instrumentos empregados, resultava daí que os dedos se tingissem a cada momento com a bela côr vermelha em preparo. Em vez de os limpar a um pano qualquer ou de os lavar, esfregava-os simplesmente no corpo que, com o andar do tempo, se tornara todo vermelho, tanto que a velha parecia uma antiga estátua de terra-cota.

Que belo quadrinho!

Colhidas as sementes, que são na maioria da grossura da metade de um grãozinho de arroz, contidas de cinqüenta a sessenta em cada fruto, são postos a ferver em fogo lento com muita água, até que se lhes destaca aquela camada gordurosa vermelha que as cobre. Com uma agulha de pau são continuamente mexidos. Depois, coado o líquido, saturado de côr, através de uma peneira em outra terrina que também está no fogo, as sementes são postas fora e a ebulição continua até que a água esteja suficientemente evaporada.

(28) "Urucu" — *Bixa Orellana*. Extrai-se dêle a Oriana do comércio muito usada em tinturarias; dá uma bela côr alaranjada, com tôdas as suas gradações. (N. do A.).

Depois misturam mel para que a pasta não seque demasiado com o tempo e não perca certa brandura necessária. Conserva-se por muito tempo em bolotas embrulhadas num farrapo de pano ou em qualquer fôlha vegetal, se preparada dura, ou, se líquida, em cabacinhas secas e esvaziadas para usar como garrafas. Esta pasta é de uso geral e especialmente procurada pelos Chamacoco, os quais não a sabem e não a podem preparar visto não existir a árvore do *urucu* nas regiões por eles habitadas. Os Caduveo têm o cuidado de cultivar esta planta nas suas plantações. É uma bela árvore de fôlhas grandes e de flores de um lado rosa pálido.

Outra mulher estava tecendo um cinto de lã de côres azul e vermelha. A lã destas duas côres lhe provinha de certos velhos farrapos de pano que deviam ter pertencido à divisa de qualquer soldado brasileiro. Teve a paciência de desfazer o pano, fio por fio, recardar a lã e fiá-la novamente no fuso.

Mais além um velho Caduveo tinha a sua oficina de ferreiro ferrador. Era uma bem pobre oficina! Uma cabanazinha de fôlhas de palmeira, boa apenas para abrigar dos raios do sol, aberta dum dos lados. Dois foles de forma primitiva, com duas canas reunindo-se na extremidade dos braços, um pedaço qualquer de ferro que serve de bigorna e uns poucos instrumentos grosseiros, com uma pequena pedra de afiar mal fixada sobre uma vasilha de madeira cheia d'água, completavam o seu arsenal.

Estava retemperando o fio de um velho machado. Na sombra da sua cabana, acocorada à turca sobre uma esteira de ervas, uma mulher — são sempre as mulheres que fazem este trabalho — estava fabricando louças de barro.

Já havia terminado um grande prato, dois pequenos e uma terrina grande, e estava fabricando outra. Preparado o barro, convenientemente misturado com pós de côcos torrados, fazia daquilo lingüicinhas que ia dispondo lentamente em espiral, principiando o objeto do centro do fundo; com as mãos metidas na água ligava as partes que se tocavam, repuxando-as e alisando-as com uma concha até obter, pouco a pouco, a forma desejada.

Depois, completado grosseiramente o objeto, voltava a êle, alisando-o primeiro internamente, depois de fora, com a concha, até que, obtida aquela perfeição de formas e de lavor que o uso do objeto requeria, o acabava com lhe fazer a orla superior. Não vi ainda como procedem à parte ornamental e ao cozimento das louças; mas não tardarei muito a ter ocasião de tomar as minhas notas também sobre esta importante parte do trabalho.

Motivo interessantíssimo de observações é a afetação no tom de voz com que falam os Caduveo, as mulheres especialmente.

A voz sai quase forçadamente, com inflexões estranhíssimas; e as mulheres ainda costumam falar mais com a goela que com a laringe, de modo que às vêzes o seu falar se assemelha mais ao cacarejar submisso das galinhas que à voz humana.

É esta uma exagerada procura de elegância de maneiras que, embora caída na afetação ridícula de tôdas as coisas exageradas, demonstra à

evidência como em tempos idos os Caduveo atingiram um grau de civilização notável.

De tarde vieram dois jovens me convidar a sair com êles. Não sabia qual fôsse o escôpo dêste convite, mas de qualquer modo aderi a êle de boa vontade e me juntando aos dois fomos de casa em casa convidar os outros jovens da aldeia, que um a um vieram engrossar a companhia.

Havia sido preparado prèviamente um volante, feito com as fôlhas sêcas que revestem as espigas do milho e ornado de longas plumas de avestruz adelgaçadas, na extremidade de cada uma das quais havia sido pôsto um pequeno floco de lã vermelha²⁹, e começou-se a jogar atirando-o um ao outro com a palma da mão, dispostos em círculo, nem mais nem menos como fazem os nossos rapazes com a raqueta.

Durava o jôgo um pouco de tempo e começávamos a ficar cansados, quando appareceram, vestidas com os seus melhores trajés, tôdas as senhoritas do país pegando-se pela mão em longa fileira, e vieram reünir a nós. Abandonou-se o volante e começaram vários jogos de sociedade, um pouco infantis se quisermos, mas bastante decentes e temperados por uma grande alegria.

Embora eu ainda não tivesse adquirido o hábito de andar de pés nus, também me deixei arrastar a jogar com os outros, dando o prazer que a minha presença causava aos meus hóspedes e às raparigas especialmente.

Eis alguns dêstes jogos.

Um dos moços se põe à frente de uma longa fileira de rapazes e raparigas que se seguram, um ao outro, pela cintura. O primeiro da fileira é o pastor e os outros as ovelhas. Um fica fora e faz de lóbo.

Tem na mão uma esteira enrolada à maneira de bastão e, correndo de um lado para outro, procura atingir o último da fileira, o que o pastor deve impedir, procurando



FIG. 40

(29) Trata-se da peteca apresentada na figura 40. Já em "El Paraguay Católico", obra escrita pelo jesuíta José Sanchez Salvador em 1770 e publicada em Buenos Aires, no ano de 1910, há uma descrição e representações do jôgo da peteca entre os Guaicuru (Tomo II, pp. 18-19 e 2 pranchas) (Nota de H. B.).

estar-lhe sempre à frente, acompanhando atentamente os seus movimentos e as fintas que faz para chegar ao seu escôpo. Consegue, assim, que o pastor tenha muito que fazer e que a longa fileira das ovelhas seja obrigada a acompanhá-lo com violentas mudanças de posição que suscitam grandes risadas, gritos e um grande transtôrno. Quando o lobo chega a tocar na cauda da fileira, muda de posição e, por sua vez, se torna pastor e vice-versa.

Outro jôgo consiste em se colocar numa fileira, segurando-se pela cintura, um por trás do outro, firmes e com as pernas afastadas, de modo a formar um longo túnel.

Um está de fora com a esteira enrolada e persegue outro que corre sempre em redor da fileira, não tendo outro recurso que se pôr de gatinhas e entrar no túnel, passando sob as pernas do último da fileira, que toma o seu lugar, escapando imediatamente para não ser apanhado pelo caçador.

Se êste tem as pernas ágeis, atingido o primeiro fugitivo que chegue a entrar no túnel, deve agarrá-lo pelas pernas e sucede com freqüência que, no afã de fugir, o atingido vá rolar por terra e o outro, que é surpreendido em plena corrida, dobrado ao meio, não tendo tempo de descansar sôbre a sua vítima, caia, êle também, de pernas para o ar.

Outro jôgo se assemelha um pouco a uma das figuras da nossa quadrilha.

Seguros um ao outro pela cintura, com os braços cruzados, um pouco por trás dos flancos, de modo a ficarem todos de frente, em extensa corrente, começa-se a enrolar em espiral em tôrno de um dos puxavantes, saltando todos a um tempo com os pés juntos e fazendo um movimento giratório continuo. Consegue-se com isso que aquêles que estão mais afastados tenham muito que fazer para acompanhar êste movimento e sejam atraídos para o centro, restringindo-se, assim, um círculo sôbre outro, entre risadas gerais. Enrolada tôda a fileira, a espiral começa a se desfazer, movendo-se em sentido contrário, ao passo que o outro puxavante, sempre saltando, se vai enrolando por sua vez.

Outro jôgo consiste em formar um círculo, segurando-se um por trás do outro fortemente, pela cintura, com a mão direita, se esta se acha na parte interna do círculo ou vice-versa. A outra mão deve estar livre e mantida alta. Depois, dobrada a perna pela parte interna, se forma uma corrente, metendo o próprio pé na dobra da perna daquele que está por trás e recebendo, por sua vez, o pé daquele que está na frente. Em seguida todos juntos a um tempo começam a se mover para a frente, saltando sôbre o pé que ficou em terra, aumentando pouco a pouco a velocidade até que se desfaça o círculo e alguns rolem por terra.

E outro jôgo, por último, o mais simples de todos, consiste em formar um círculo, segurando-se um ao outro, a testa para o lado interno, pela cintura, cruzando os braços por detrás.

E saltando a tempo com os pés juntos e gritando em cada salto um *ó! ó! ó!* vigoroso, mover-se num sentido e depois de duas ou três voltas, repentinamente, em outro, e a um dado sinal, sem interromper os saltos e os *ó! ó!*, com a maior velocidade possível.

Não é de se dizer que se exija muita atenção para aprender tais jogos, mas o corpo e sobretudo os pés se ressentem dêles.

Mas a hilaridade é contagiosa e acaba-se dando risada e divertindo-se, mesmo não o querendo.

Nessa interessante ocupação chega a noite e a hora do jantar.

Depois do que, eis de novo alguns jovens, desta vez de traje de cerimônia, isto é, de calças, camisa, etc. etc. e... de pés nus, a me convidar para o baile.

— Mas eu não sei dançar!

— Não importa, aprenderá dançando conosco.

Não houve outro jeito; tive de aceitar.

Pus-me, também eu, de calças, camisa, chapéu, etc. etc. e... de pés nus como os outros; rufava o tambor a chamar, assobiava mais desafinada que nunca a flauta e logo correu a voz de que eu tomava parte no baile.

Reanimaram-se os fogos, tirou-se até a última palha da praça, afluíram apressadas as raparigas, as mulheres jovens e todas aquelas que ainda eram capazes de se submeter ao excitante exercício e se começou.

Minha inexperiência excitava a hilaridade das raparigas, que se divertiam loucamente e me provocavam a todo momento para me dar a entender o quanto estavam satisfeitas com me ver tomar parte ativa na sua alegria.

Esforça-me por acertar o passo, mas era bastante difícil e só por fim o consegui imitar, quando já me doíam assaz as plantas dos pés.

A esplanada tinha sido diligentemente varrida; mas para os meus pobres pés ainda não habituados a andar sem sapatos havia sempre algum torrão endurecido, ou alguma raiz destacada no solo para eu topar nela e blasfemar.

Mas, como Deus quer, o baile teve fim e me senti bem contente de voltar para o meu girau.

Entrementes chegaram visitas de Etóquijs. Eram algumas pessoas, pelo que tivemos muito que fazer para lhes arranjar couros e mosquiteiros com que passar a noite.

Quando eu estava ocupado com escrever à luz da lanterninha, em dado momento uma velha saiu à praça e em voz alta e anasalada disse algumas frases que não entendi. Mas, pelo silêncio geral que se seguiu, compreendi que uma cura médica se estava preparando.

Com efeito, diante de uma das cabanas vizinhas havia sido aumentado o fogo, que distribuía uma grande luz em derredor. Ao redor da cabana estavam sentados à turca três doentes — de doenças sem gravidade, por certo.

E saiu Sabino... Sim, aquêlê maroto do Sabino, que, então, fingindo de Padre, se aprestava para fazer o esconjuro.

Tinha na mão direita um objeto que a princípio não pude distinguir bem. Vi depois que era um espelho enquadrado num pedaço de pau, e na esquerda um maço de penas de avestruz.

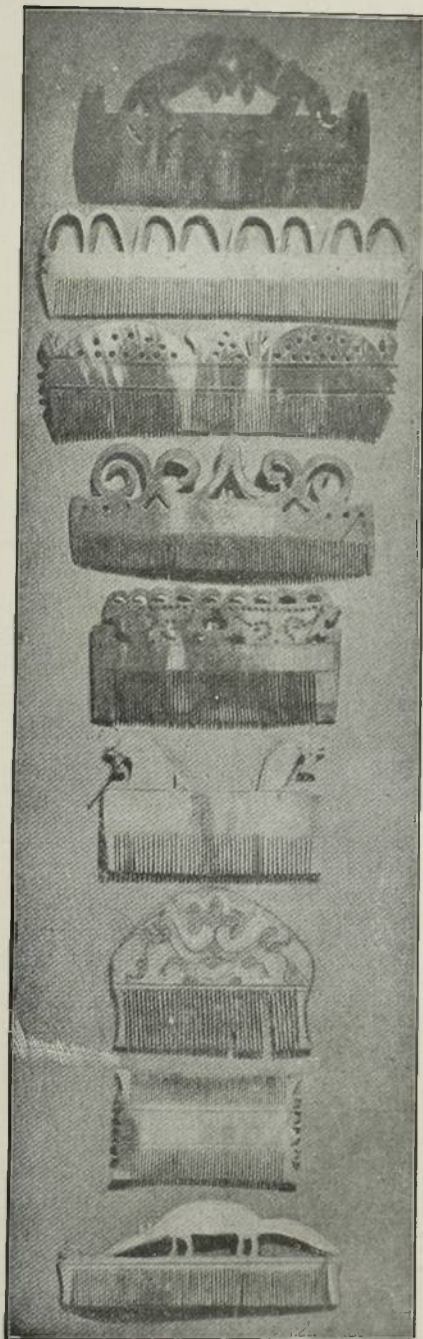


FIG. 41

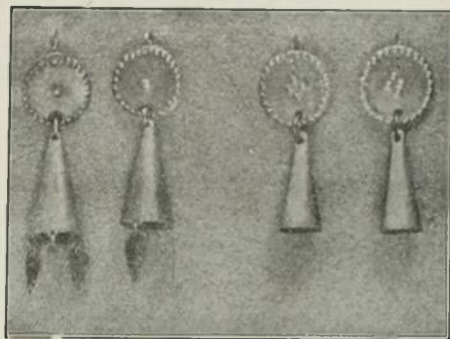


FIG. 42

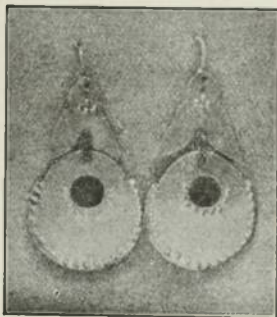


FIG. 43

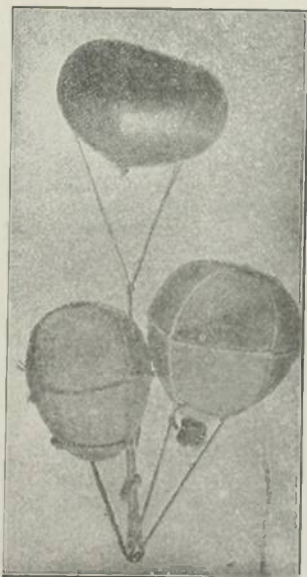


FIG. 44

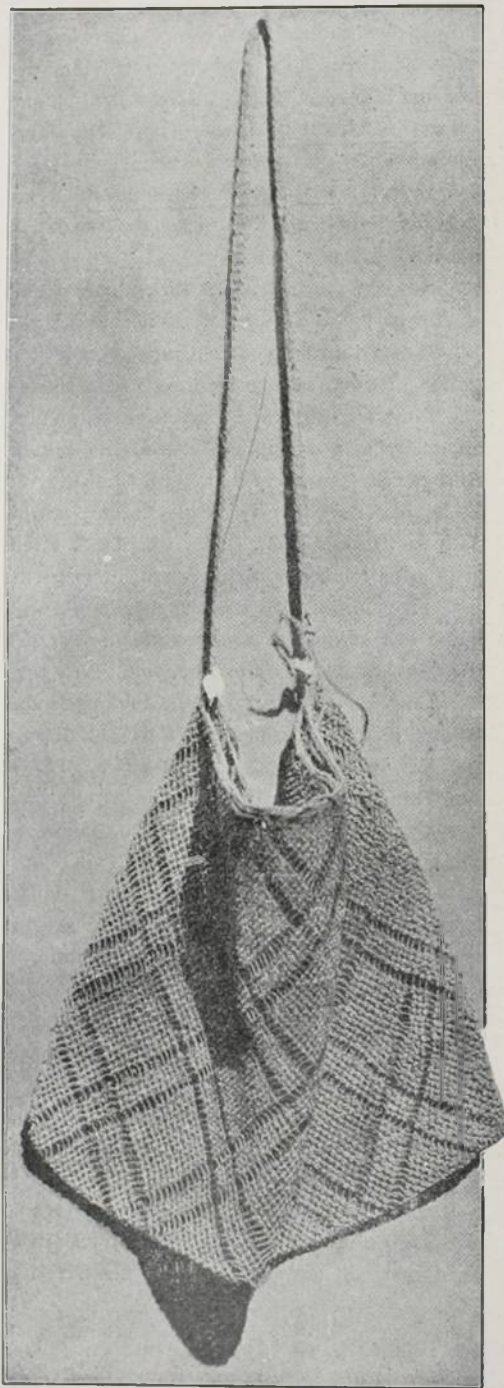


FIG. 45

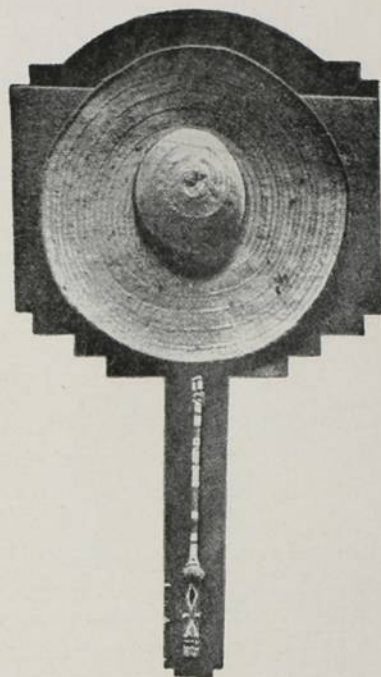


FIG. 46

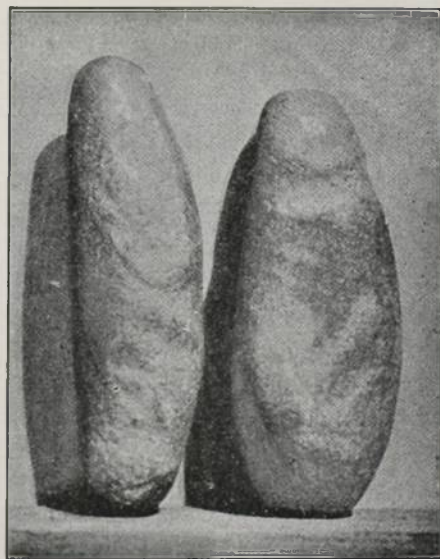


FIG. 47

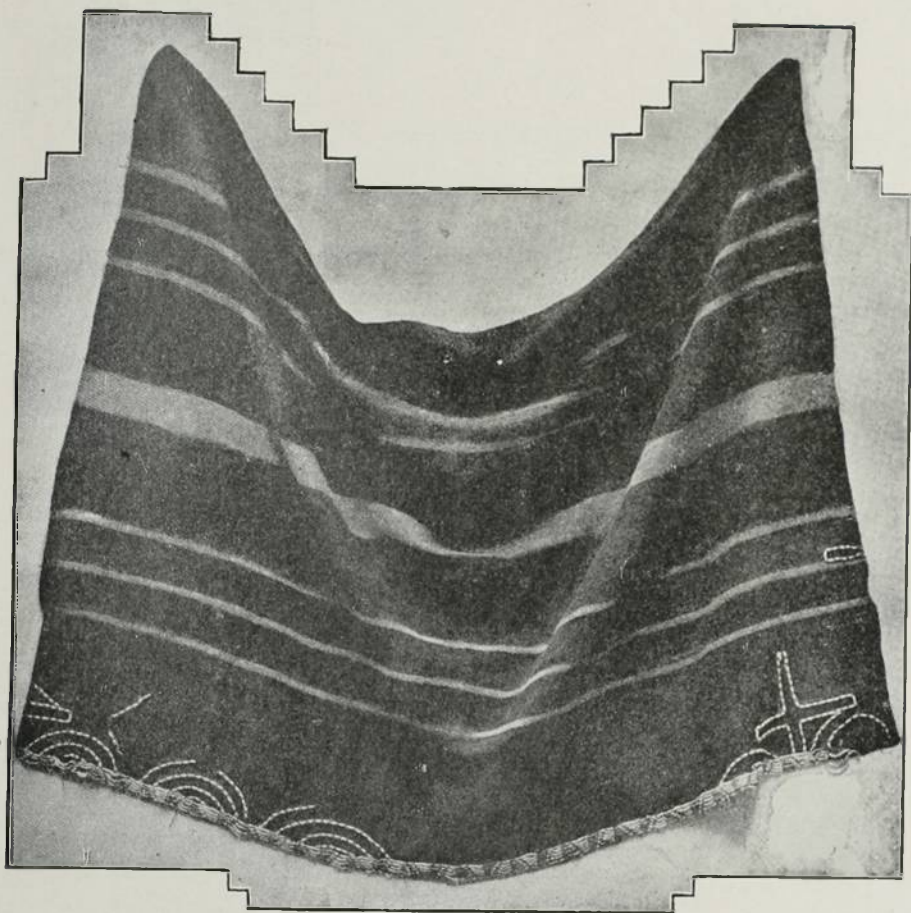


FIG. 48



FIG. 49



FIG. 50

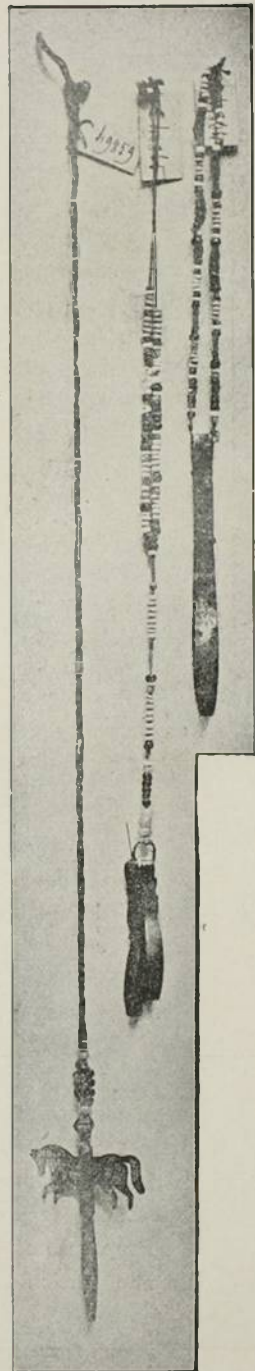


FIG. 51

Estava vestido com o habitual pano branco, com a só diferença que, para a ocasião, se apresentava mais limpo que habitualmente.

E tendo se avizinhado do fogo, sua figura se destacava na obscuridade da noite, estranhamente iluminada.

Ereto, com ar sério e compenetrado da sua alta missão, como perfeito charlatão que é, começou a olhar fixamente no espelho, depois alçou a cabeça para olhar as estrêlas, que brilhavam claríssimas no céu.

Olhou para o espelho novamente e assim de seguida por duas ou três vêzes. Depois escarrrou ou fingiu escarrar com grande estrépito, para que todos o ouvissem, no maço de plumas, que passou por três vêzes rapidamente sôbre o fogo, como para o purificar, e depois esfregou o espelho como para tirar o pó ou outra coisa que lhe impedisse de ver bem o horóscopo que procurava nas estrêlas.

Finalmente se achegou aos doentes, escarrrou três vêzes no maço de plumas e o passou cuidadosamente sôbre o corpo de cada um, como si se tratasse de os limpar do pó e expulsar o espírito maligno que os atormentava.

Feito isto, voltou ao fogo e repetiu a primeira operação, depois do que, novamente, desempouou pela frente e por trás os doentes, repetindo êste jôgo astronômico-mágico por três vêzes, na última das quais lhes deu uma limpa geral e a cura teve fim. Os três se levantaram e se foram, compungidos e convictos, senão curados, da excelência do sistema usado por Sabino, e a velha que havia dado ao público o primeiro aviso saiu para fora novamente a fim de avisar que tudo acabara.

Imediatamente os cacarejos recommçaram altos em tôda a aldeia.

De médico, Sabino voltou a ser jogral e, trepado no seu girau que estava vizinho, começou a cantar em voz mais que fresca e poderosa. Sem dúvida o seu canto era um complemento indispensável à precedente cura médico-cabalística...., e não acabou antes do nascer do dia.

Que fôlego!

Cêrca de uma hora depois da meia-noite chegaram Francisco e Cacía de Retiro com a minha bagagem. Trouxeram tudo fielmente.



FIG. 52

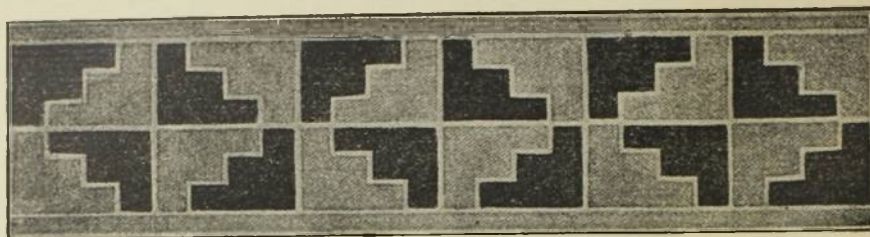


FIG. 53

8 de fevereiro.

Comprei nove couros. Visto que o tempo esteve bom durante estes últimos dias, o Capitãozinho promete para depois de amanhã partir com a sua gente para a caça.

Pareceu-me, porém, que não estão muito entusiasmados; talvez prevejam um insucesso.

Todavia algo acharão e sempre será ganho por mim, que se vamos para diante neste passo temo que o resultado da expedição, pelo menos comercialmente, não seja muito brilhante.

A Chamacoco mordida pela víbora vai melhorando. Desapertei-lhe um pouco as ligaduras e o inchaço começa a diminuir.

Eis um sucesso médico que nunca teria sonhado obter.

Hoje houve jôgo de bola com bastões. A bola é feita de corda trançada apertadamente, de modo a que se torne o mais dura possível e pesada. No momento de jogar é imersa na água de maneira a se tornar como um pedaço de pau. Os bastões têm o comprimento de cerca de metro e meio e devem ser mais pesados numa das extremidades onde são encurvados.

Reünidos os jogadores, um deles pega a bola e, lançando-a para o alto, deve lhe bater antes que caia por terra e a mandar o mais longe possível. Os outros que o rodeiam devem procurar atingir a bola ao mesmo tempo e atirá-la em outra direção, para o que é necessária muita destreza e habilidade a fim de não a deixar se afastar.

Depois todos correm atrás da bola, esforçando-se por serem os primeiros a chegar; apanhada, deve-se procurar batê-la de novo e mandá-la sempre mais para a frente, de modo a que os outros não a possam atingir. Se algum deles se acha no percurso da bola, deve procurar desviá-la, batendo-lhe com o próprio bastão em sentido contrário.

Neste jôgo se faz muito movimento e é necessário ter boas pernas e bons pulmões.

Os Caduveo o jogam com muito entusiasmo e a mesma paixão com que os jovens americanos do Norte jogam o *foot-ball*, o *base-ball*, que a este muito se assemelham, e o *pólo*, que não tem outra diferença quanto a este sinão em ser jogado a cavalo.

A noite novo baile, mas desta vez sem a minha assistência, porque os meus pés ainda se ressentem do exercício de ontem.

9 de fevereiro.

Observo que algumas palavras do idioma caduveo têm grande semelhança com aquelas do idioma chamacoco que, por outro lado, pela pronúncia, construção e gêneros me parece absolutamente diferente.

Talvez dependa da influência que exercem os numerosos Chamacoco que vivem entre os Caduveo, os quais terão adotado alguns vocábulos, apropriando-se deles pela longa convivência.

Eis dois exemplos:

Milho se chama em caduveo: *Ettácculli*; em chamacoco: *Tégüri*.

Água em caduveo é: *Nióggot*; em chamacoco: *Nió* ou *Niógo*.

Ao passo que a pronúncia chamacoco é mais breve e vigorosa e a voz usada em tom natural, os Caduveo pronunciam afetadamente, dobrando francamente as consoantes, e gostam muito de falar em voz de falsete e com inflexões exageradíssimas.

Ao passo que os Chamacoco têm o *r* bem claro como em italiano, os Caduveo ou o pronunciam exageradamente à francesa ou o mudam num duplo *ll*, como se pode ver claramente na citada palavra *Ettácculli* cujos *ll* não são mais que o *r* de *tégüri*.

Se tivesse tempo, gostaria muito de recolher numa espécie de dicionário, como comecei a fazer com o idioma chamacoco, tôdas as palavras do idioma caduveo que chegasse a saber.

Mas, seria preciso para isso muito tempo e muita paciência. Para os nomes das coisas o trabalho é bastante fácil, mas difficilimo se faz quando se trata dos nomes abstratos e mais especialmente dos verbos e suas conjugações. Porque êstes selvagens que, como todos os outros, pela sua ignorância, são muito desconfiados e supersticiosos, acabariam recusando-se a responder ou dando falsas traduções quando se lhes pedisse com insistência coisas de que não compreendem a importância. Tive novas ocasiões de fazer a experiência com os Chamacoco, dos quais, por vezes, para a mesma pergunta tive duas ou mais respostas diferentes, conseguindo depois saber a verdadeira só por surpresa, muito tempo após, ao ouvir repetir as mesmas palavras em várias ocasiões idênticas.

Se estiver certo de permanecer aqui muito tempo ainda, tentarei fazê-lo³⁰; mas se a questão dos couros continuar a andar tão lentamente e vir que por ora nada há a fazer, será bem preciso que me decida a voltar para casa.

Comi excelentes mamões. Estão, verdadeiramente, entre os melhores frutos que eu tenha comido. Duma doçura agradável, cheios de suco se bem maduros, e assemelham-se um pouco ao melão, mas são mais finos de pasta que se desfaz facilmente na bôca sem mastigar.

É uma árvore que produz frutos durante quase todo o ano, fácil de cultivar e de vegetação rapidíssima. Efetivamente, começa a dar frutos dentro de um ano depois de ter sido semeado.

(30) Fiz êsse trabalho depois, como se pode verificar no Apêndice. Me reservo para o completar numa volta ao Nalique, que espero próxima (N. do A.).

Andando pelos prados dos arredores deparei com certos insetos que creio uma das mais interessantes espécies de térmitas, sôbre as quais me recorde de ter lido há muitos anos na *História Natural* de Figuera (31).

Grandes e pançudas, têm o corpo duma côr acinzentada com o aspecto mole como o de uma larva, salvo a cabeça que parece mais dura e se assemelha muito à de uma grandíssima formiga, tem a côr avermelhada e termina em duas fortes tenazes.

Dum furinho rente do chão havia saído uma vintena dêles e estavam alacrememente trabalhando a transportar estêrco bovino, sob a direção ou fiscalização de dois insetos semelhantes, mas duplamente maços grossos. A minha aproximação os trabalhadores não haviam deixado a sua ocupação, mas as duas guardiãs começaram a dar sinais de alarma, movendo-se inquietas e interrogando-se mutuamente.

Finalmente uma delas entrou no furinho e a outra fêz ouvir um *tac tac* bastante forte para que eu mesmo o ouvisse, batendo com a cabeça. Imediatamente as operárias abandonaram o trabalho e em boa ordem se esconderam tôdas dentro do furinho, vigiadas pela grossa guardiã que só entrou quando as viu em segurança. Logo depois as grossas cabeças das duas guardiãs aparceram no orifício, permanecendo em observação durante todo o tempo em que eu estive esperando baldadamente que tornassem ao trabalho para poder melhor as observar.

A uma distância de quinze ou vinte metros surgia do solo um montículo de terra vermelha, da qual é formado o sub-solo, de forma cônica irregular, como um pagode indiano, quase tão duro quanto uma pedra.

Supus que pertencesse ao ninho dêsses insetos e o furinho pelo qual haviam desaparecido não devia ser outra coisa mais que uma comunicação externa do próprio ninho.

Semelhantes montículos se vêem muitíssimo por tôda parte. Também o campo de Asuncion del Paraguay, onde a terra é vermelha, está cheio de tais montículos (32).

Lá pelas dez horas da manhã (tôdas as horas são boas para isto) quatorze jovens organizaram um grande *baile de máscaras*.

Diante da casa do Capitãozinho se plantaram mosquiteiros, formando uma espécie de recinto ou bastidores onde os bailarinos começaram a fazer a sua "toilette".

Arregaçada a roupa em redor da cintura, de modo a que as pernas ficassem descobertas o mais possível, sem que com isso sofresse, por outro lado, a decência, começaram a pintar todo o corpo do modo mais estranho, com várias côres; depois trazendo para fora quantos farrapos tinham, puseram-nos sôbre si, procurando principalmente os contrastes de côres vivas.

Na cabeça enfiaram espécies de barretes ou coroas ornados de penas, de longas fitinhas esvoaçantes vermelhas e brancas, e trazendo na

(31) Provavelmente o *Termes bellicosus*, segundo a brevíssima descrição que encontro no *Dicionário Universal de Ciências, Letras e Artes* de M. Lessona e C. A. Valle (N. do A.).

(32) São o que nós chamamos *cupins* (N. do T.).

mão cada um dêles um instrumentozinho formado com uma forquilha de pau e alguns pequenos discos de lata enfiados num fio de ferro, saíram ao sol a bailar, pegando-se pela mão dois a dois, anunciados por alguns disparos de fuzil, pelo habitual rufar do tambor e pelo som da flauta.

E enquanto dançavam, com intervalos, se acompanhavam ao mesmo tempo com o instrumento que tinham na mão, interrompendo este acompanhamento a um sinal dado com um assobio por um dêles que fingia de diretor das danças. Debaixo da violenta luz do sol, tôdas aquelas côres brilhantes, correndo pelo terceiro entre o azul do céu e o verde da campina em redor, produziam um efeito fantástico, surpreendente de alegria.

À noite o filho do Tenente me presentou com uma bela melancia pouco antes colhida na sua roça. Agradei o dom gentil e lhe pedi para o dividir comigo; para o que levei à sua casa onde, sentados à turca sobre o girau, o dividimos fraternalmente.

Para corresponder à gentil atenção, lhe fiz presente, no mesmo instante, duma bela faca de caça japonêsa que levava sempre comigo e havia sido muito admirada.

Ficou mudo de surpresa, não podendo acreditar em tanta generosidade e não podendo se exprimir em português, porque não sabe uma palavra dessa língua, me fez compreender quanto era grato com um olhar dos seus belos olhos, mais expressivo e eloquente do que qualquer frase.

O seu nome é um dos mais doces que eu ouvi até agora. Chama-se Uililli, com o acento no segundo *i*.

Terá de dezesseis a dezessete anos e é bellissimo. Os comuns cabelos negros e lisos, dois grandes olhos negríssimos cheios de doçura ornados de longos cílios suaves encimados por duas sobrancelhas de arco bem delineado, e os traços do rosto duma finura extraordinária que com a perfeição de formas das mãos e pés e as proporções gerais dos outros membros do corpo mais delgado que gordo demonstram à evidência a pureza do sangue que corre nas suas veias.

Contrariamente ao uso geral, não raspou os cílios nem as sobrancelhas, talvez porque ainda muito jovem. Pena que não compreenda o português e não possamos conversar juntos: teria podido contar-lhe tantas coisas para êle interessantíssimas.

O meu ato generoso foi comentado assaz favoravelmente na aldeia e me ganhou a boa vontade de muitos que antes me encaravam com indiferença ou desconfiança.

Começo agora a entrar em familiaridade com esta gente que se sente não pouco lisonjeada no seu amor-próprio vendo que um europeu,

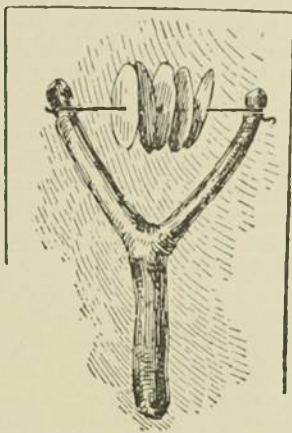


FIG. 54

e não um dos habituais marotos, mas um senhor que sabe tantas coisas, que viajou tanto e que, segundo êles, é tão rico (pobrezinhos, como se contentam com pouco!) ao invés de usar com êles do desprezo, engano e maus modos com que se vêem sempre tratados, se junta a êles fraternalmente e toma interêsse por tudo quanto lhes concerne, sem abusar da sua ignorância nos negócios e se mostra, além disso, insôlitamente generoso.

Uililli está radiante de contentamento e os outros jovens elegantes do país lhe invejam a bela faca.

E em minha honra se lançou imediatamente ao tambor e sôpro à flauta e se voltou a dançar com mais entusiasmo que de hábito; e embora os meus pés a isso se prestassem ainda de muito má vontade, não me foi possível me eximir a tomar parte, eu também.

Uililli, grato, estêve ao meu lado tôda a noite e fêz todos os esforços para me ensinar o passo.

Parecia-me começar a compreender alguma coisa; mas, bem depressa cansado, deixei para aprofundar mais o estudo dêste problema em quatro tempos numa próxima e melhor ocasião, e fui dormir.

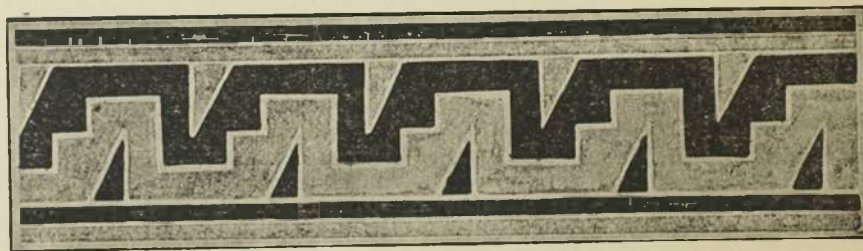


FIG. 55

10 de fevereiro.

Cada dia tenho novas ocasiões de admirar a habilidade das mulheres no desenho. E o que é mais estranho, observo que tal habilidade se comunicou também a algumas das mulheres chamaçoco, as quais fora daqui mostram uma negação quase absoluta para esta arte.

Vou copiando num caderninho à parte alguns dêsses desenhos; mas teria o que fazer todo o dia se quisesse recolher tão sômente os mais originais e notáveis.

É, portanto, necessário que me contente com uns poucos, mesmo por motivos de economia de papel.

Prometeram-me formalmente que amanhã partirão para a caça. Em vista do que, dei a crédito seis facas de mato a vários indivíduos que as prometem pagar com outros tantos couros de cervo.

Decidi que ficarei aqui esperando o regresso dos que foram a Forte Olimpo buscar novas provisões. Se fôr o caso, juntar-me-ei a êles mais tarde.

A rapariga mordida pela víbora está quase de todo curada. Não tem mais febre e o inchaço dos pés quase desapareceu. O permanganato de potássio fêz, portanto, o seu efeito. Bom para ela e também para mim, porque com êste feliz resultado me tornei mais bem visto na aldeia, ao passo que, se as injeções não tivessem produzido efeito nenhum e a rapariga tivesse andado de mal a pior e morresse, me teria encontrado em séria dificuldade com a superstição desta gente.

Esta manhã Uililli me presenteou com uma quantidade de raízes de excelente mandioca. Estava ainda todo comovido com o presente de ontem.

Sendo êle sobrinho do Capitãozinho, se êste não tiver filhos machos, sucedê-lo-á no comando da tribo. Mas o Capitãozinho é jovem ainda e, além da menina que tem, não tardará a ter outros herdeiros.

A filha do Capitãozinho é um amor de menina de apenas dois ou três anos, linda como nenhuma outra. Tem dois grandes olhos negros inteligentes e é o ídolo da tribo. Todos lhe querem bem e lhe fazem carícias e afagos, não tanto pela sua *posição social* como pelos seus encantos.

Perto da noite Uililli me veio convidar para comer, em sua casa, uma espécie de torta de farinha de mandioca.

Enverguei o hábito de cerimônia, aquêle todo vermelho, para fazer honra ao anfitrião. O girau estava preparado, bem limpo e desimpedido dos habituais trastes domésticos e nos sentamos à turca (com não pouco trabalho para as minhas pernas) eu, Uililli e um amigo dêle, um belo rapazelho de quinze ou dezesseis anos.

Um estopim de algodão revestido de cêra virgem jungido por simples pressão ao pau de sustentação do teto fumegava gotejando mais do que iluminando o banquete e dava muito que fazer a uma velha da casa para mantê-lo direito quando ameaçava cair.

Uma escrava chamacoco, gorda e com a cara lustrosa e enegrecida por numerosos hieroglifos que lhe destacavam o brilho dos olhos vivacíssimos, bem penteada e composta para a ocasião, trouxe para diante de nós um prato de forma oval mais estreito numa extremidade que noutra, trazendo dentro a torta feita em pedaços.

Naturalmente não havia colheres, nem garfos, nem facas. Mas os nossos dedos nos serviram egrêgiamente.

Chamado Felipe, fêz-nos trazer uma rapadura, de que são gulosos os Caduveo, e uma garrafa de melado, ao qual eu havia misturado um resto de xarope de groselhas, que havia trazido para meu uso de Pôrto Pacheco, e que me saíra um xarope excelente.

Êste refôrço, nem é preciso dizê-lo, foi recebido com grande satisfação.

Acabado o banquete, organizou-se o costumeiro baile, no qual eu também tomei parte, conseguindo por fim acertar o passo que pode ser descrito gráficamente assim:

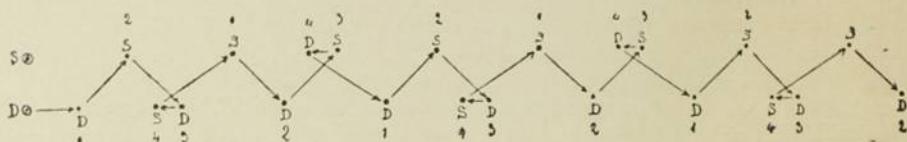


FIG. 56

O *S* indica o pé esquerdo e o *D* o pé direito. Os números 1, 2, 3, 4, o tempo e a posição dos pés em cada um dos quatro tempos.

Entrementes o tambor rufa mais ou menos assim:

Tára tatára tatárara tárara, tára tatára tatárara tárara, etc.

1 2 3 4 1 2 3 4

E a flauta soa como segue:

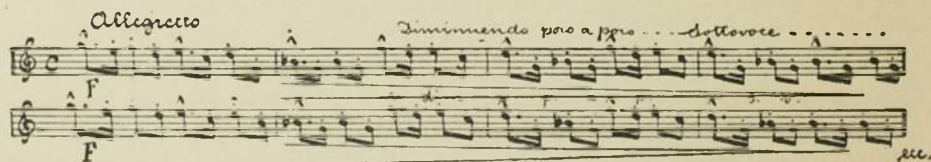


FIG. 57

Os dois primeiros passos são lentos e não muito extensos, ao passo que o terceiro é um tanto impetuoso e saltado, e no quarto não se faz mais que por um pé atrás do outro como para tomar um novo impulso. O corpo, que é levemente dobrado para a frente nos três primeiros passos, ao parar-se súbitamente no terceiro tempo, se endireita e dobra um tanto para trás; parece uma corrida, direi assim, sincopada em cada terceiro passo.

Houve esta noite, algumas variações nas figuras de conjunto. Por exemplo, as raparigas numa fileira, em vez de segurar-se pela cintura com os braços cruzados por trás como de costume, seguravam-se pela mão com os dedos cruzados graciosamente. E os homens, depois de haver dançado algum tempo em fileira por trás das raparigas, soltaram-se e um a um, um por trás do outro, balançando os braços com movimento inverso ao das pernas, bailaram girando em torno da dupla fileira feminina, sem que esta interrompesse os seus *en avant* ou *en arrière*.

Depois se pegaram dois a dois pela mão — compreende-se que o meu companheiro foi sempre Uilillj — e dançaram em passo um oposto

ao outro e movendo o corpo ora para fora, ora para dentro, de modo a que uma vez se encontravam pela frente encarando-se um ao outro com as mãos dadas e outra vez dando-se as costas com as mãos estendidas para a frente.

Gràficamente assim:

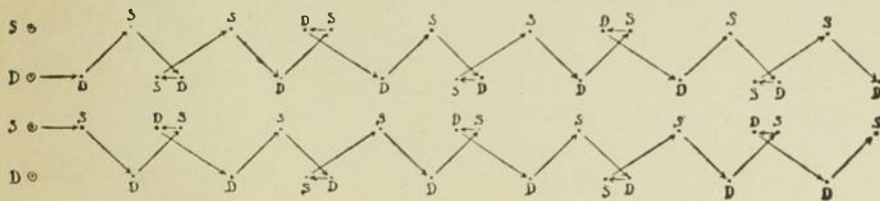


FIG. 58

E enquanto se dançava regularmente, eis que aparece bailando com grandes saltos e violentas mudanças de posição, mas perfeitamente a tempo, uma longa figura vestida de uma sotaina branca e de uma camisa com mangas de mulher tendo a cara coberta por um pano branco; sobre a cabeça, dobrado em triângulo e prêso sob o queixo, um lenço negro.

À luz incerta dos fogos, aquela figura de que só se viam as formas como u'a massa branca, sem os traços do rosto, tinha um aspecto extraordinariamente fantástico em sua simplicidade ⁽³³⁾.

E dali a pouco apareceram outros três indivíduos vestidos com velhas roupas tôdas esfarrapadas tendo pertencido quem sabe a que europeus, com chapéus na cabeça e bastões na mão e com grandes corcundas de palha debaixo da jaqueta, bailando todos três juntos como três velhos estropiados e decrépitos, de modo ridículíssimo, mas muito bem a tempo com a música.

Se esta gente tivesse tanta paixão por trabalhar quanto tem por dançar, seria a mais rica da terra.

Tanto movimento nos fêz suar e a poeira se nos pegou ao corpo. Pelo que, cessado por fim, cêrca das onze, o divertimento, foi-se tomar um banho nas fontes.

Naturalmente acompanhou a reconfortante ablução grande tagarellice e os gracejos e alusões mordazes voavam de uma fonte a outra vizamente.

(33) Essa figura talvez seja equivalente à chamada *côca* das procissões portuguesas de antanho, do que fala Gil Vicente citado por Amadeu Amaral em *Dialeto caipira* (N. do T.)

11 de fevereiro.

Desde ontem se estavam fazendo grandes preparativos para a caça. Fabricaram-se balas de chumbo, limpavam-se as armas e se acomodaram os arneses dos bois e cavalos. Bem depressa tudo ficou pronto.

Organizaram-se duas comitivas. Uma capitaneada por Joãozinho e outra pelo Capitãozinho.

A primeira partiu em direção às montanhas de Miranda e a segunda rumo ao pantanal pela esquerda.

Acompanharam-nos os meus melhores augúrios!...

Mas haviam partido há pouco tempo quando uma forte carga d'água caiu durante algumas horas.

Nem de propósito! Agora que obtive que partam para essa abençoada caça, eis o tempo que se põe novamente feio, ameaçando mandar por terra tôdas as minhas esperanças e inutilizar assim as fadigas suportadas, os sacrifícios feitos até aqui e o tempo perdido. Seria mesmo uma infelicidade!

Tenho dois novos enfermos para curar, um pouco difíceis porque me faltam os medicamentos apropriados.

Um é um jovem chamacoco que tem uma glândula enormemente inchada na virilha; não posso fazer nada por êle, não me arriscando a cortar. Se tiver de supurar, abrir-se-á sôzinha, si não voltará para dentro.

Não há motivo aparente para êste inchaço, o qual pode ser causado por um simples esforço.

O outro, pobrezinho, é um Caduveo que quebrou a unha do polegar do pé direito, batendo contra um tronco que não havia visto ao caminhar.

Há tempo que a carne debaixo da unha ficou chagada e tem agora uma aspecto feio e mau cheiro. Parece-me que a gangrena o ameaça, si já não é o caso. Não tendo ácido fênico, cauterizei-lhe em parte o ferimento com pedra-infernal. Talvez se devesse amputar com a lanceta as partes mais atacadas, mas não ousou fazer-me de cirurgião, porque me parece questão um tanto séria e perigosa. Devo cauterizá-lo muitas vêzes antes que sare. Parece que sofre muito.

De noite me veio outro com um pé todo inchado. Não havia ferida aparente por mais que eu a tenha procurado e não me soube dizer qual foi a causa primeira do mal. Talvez um espinho ou a picada de qualquer inseto.

Por outro lado na obscuridade não o pude ver bem e mandei-o em santa paz, dizendo-lhe para voltar amanhã se o mal perdurar.

Êle também conta partir amanhã para a caça se o pé lho permitir.

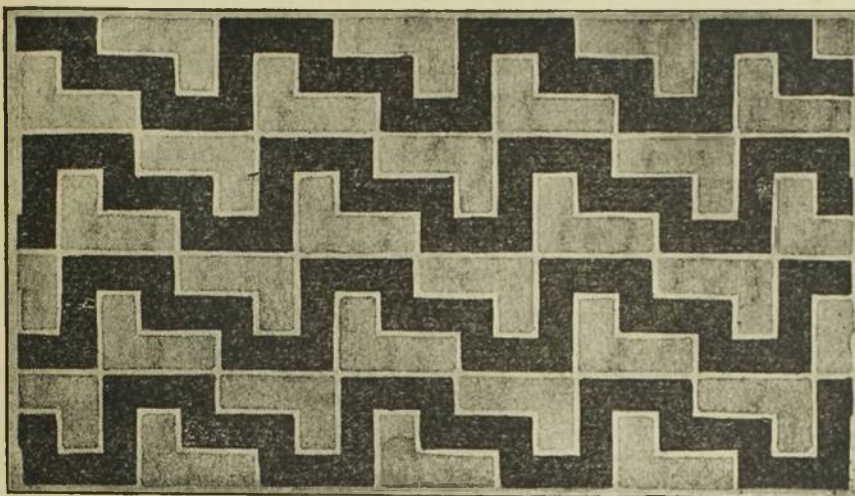


FIG. 59

12 de fevereiro.

O tempo voltou a ficar bonito.

Esta manhã, indo ao banho, encontrei entre as ervas uma plantinha com uma belíssima flor que me propus copiar à aquarela.

As fôlhas, de um belo verde tenro, claro, são cobertas de densa lanugem; as flores, violeta claro, têm forma estranha.

Um grande fôlha redonda finíssima está pendente e duas folhinhas pequeníssimas estão viradas para cima. A côr é tôda igual, salvo no ponto de junção das três fôlhas, que é de um belo claro brilhante.

Quando me dispunha a copiá-lo, a mulher do Capitãozinho percebeu que um raio de sol me incomodava e que eu esperava que o mesmo se fôsse para começar. Gentilmente, sem que eu lhe fizesse o menor sinal, fêz colocar um mosquiteiro como uma tenda que me afastou o raio incômodo.

Atenção tanto mais gentil quando vem de uma selvagem.

Mais tarde, voltando ela mesma do banho, me trouxe um pequeno ramo de florezinhas róseas para que as copiasse. Mas não fêz com tempo porque murcharam quase imediatamente, mau grado as tivesse pôsto na água.

Tenho por vêzes observado que as flores aqui não perduram frescas, como entre nós, uma vez colhidas, por alguns dias, embora se tenha o cuidado de pô-las logo na água.

A minha habilidade no desenhar e pintar é dos meus méritos o que mais desperta surprêsa e interêsse entre esta gente e especialmente entre as mulheres, como mais hábeis na matéria.

Não é pequeno estímulo para mim e me sinto mais que nunca animado a me ocupar da arte.

A aldeia está deserta. Lá só se encontram mulheres, crianças e velhos. Tôda a parte masculina foi à caça e só eu fico de guarda a tantas graças de Deus!

Por sorte os meus instintos são tão tranqüilos e discretos; os caçadores podem caçar cervos em santa paz, sem verem alusões inquietantes nos cornos ramificados dos cervos machos que se apresentarem ao seu tiro.

Disse-me o Capitãozinho antes de partir que, se o tempo se mantivesse bom e o pantanal não estivesse muito cheio d'água a ponto de não se poder passar os paludes que o atravessam, tardariam oito dias a voltar. Em caso contrário estarão de volta dentro de cinco dias.

Eu queria que tardassem quinze dias e me trouxessem quinhentos couros!

A noite Francisco Tereno, que não havia ido com os outros como eu supunha, voltou de uma volta pelo campo com dois porcos do mato que matou não longe daqui.

Disse ter visto outro e mais um cervo que feriu numa perna, mas não os tinha podido seguir nem alcançar porque se tinham escondido num denso bosque impenetrável.

Mandou-me como presente uma coxa de porco do mato.

Juntei à aquarela desta manhã algumas flores estranhas duma erva que cresce comuníssima nos prados úmidos. De certo modo recordam o *edelweiss* dos nossos Alpes porque são formados de um centro de florinhas brancas em forma de pequenos flocos, não tão suaves como aquêles, e são contornados por certas folhinhas dispostas espiralmente u'a mais longa do que outra, direitas, rígidas, agudíssimas, dum verde intenso, menos perto do cabo, onde num pedaço o seu tecido é como inchado e dum belo branco leitoso.

Parecem pequenas estrêlas de três, cinco e mais raios ou mais pontas irregulares.

Nunca as havia visto até então.

A flor nasce diretamente do solo com compridos cabos quadrangulares, entre duas ou mais longas fôlhas finas e quase rígidas.

13 de fevereiro.

Esta manhã o tempo estava novamente incerto. Sôbre as montanhas circundantes chovia com intervalos. Pensava nos caçadores e temia muito pelo êxito dos seus esforços.

Lá pelas dez horas da manhã melhorou um pouco; mas de tarde o céu começou a se enevoar cada vez mais, ameaçando uma carga d'água.

Ei-lo! Sopra forte o vento frio do sul.

Aumenta a chuva e o vento no-la joga até por baixo do telhado, obrigando-nos a complicadas manobras para nos abrigarmos e às nossas coisas do dilúvio invasor.

No mais forte da chuva eis que aparece a cavalo, molhado até os ossos, o Capitãozinho.

Já o esperava! A sorte me é decididamente contrária por ora. Mas, por outro lado não é esta a estação propícia para a caça; agora o sei; e Sabino, se não fôsse um maroto matriculado, me teria dito isso antes.

As contínuas chuvas alagaram o pantanal de tal maneira que em alguns pontos a gente se afunda até as espáduas.

Os caniços e as ervas são altíssimas, verdes e úmidas de modo que não é possível abrir-se passagem com o fogo.

Deve passar pelo menos um mês ainda de bom tempo antes que a água se tenha retirado e as ervas fiquem em condições de queimar.

Que fazer? Devo esperar aqui até aquela época ou devo ir-me? Estou numa grande indecisão.

Os Caduveo me aconselham a esperar.

De qualquer maneira esperarei o regresso de Cacia de Forte Olimpo, com a correspondência.

Decidirei então sôbre o que fazer.

Francisco me presenteou com quatro grandes raízes de mandioca da sua roça, e Uililli me trouxe duas melancias.

Perto da noite fui dar uma volta num vizinho bosque, percorrendo a estrada usada, para Miranda, quando fui a cavalo com o Capitãozinho para comprar a novilha. Cheguei à torrentezinha, que então passamos facilmente por ter pouquíssima água, e achei-a hoje tão cheia pela última chuva e com tal correnteza que não me arrisquei a passá-la.

Encontrei duas belas plantinhas; uma trepadeira com bonitas fôlhas em forma de coração, verde escuro aveludado com manchas claras ao longo do centro na parte superior e com as costas de côr vermelha como o vinho. A outra planta tem grandes fôlhas que, saindo do solo, tomam pouco depois uma posição horizontal, verdes com manchas escuras aveludadas.

Se tivesse um catálogo de plantas da serra tropical poderia achar uma quantidade de nomes de plantas raras que vou pouco a pouco observando durante os meus passeios.

Ao invés, devo contentar-me com lhes dar uma breve e incompleta descrição.

Se tiver ocasião, quando regressar à Europa, irei visitar algum horto botânico e lá procurarei as plantas que tiver visto aqui, a fim de lhes saber os nomes precisos. Muitos dêsses nomes pude apurar, especialmente aquêles das árvores de alto tronco. Mas para muitos outros me foi impossível, tendo dados muito incompletos à minha disposição.

14 de fevereiro.

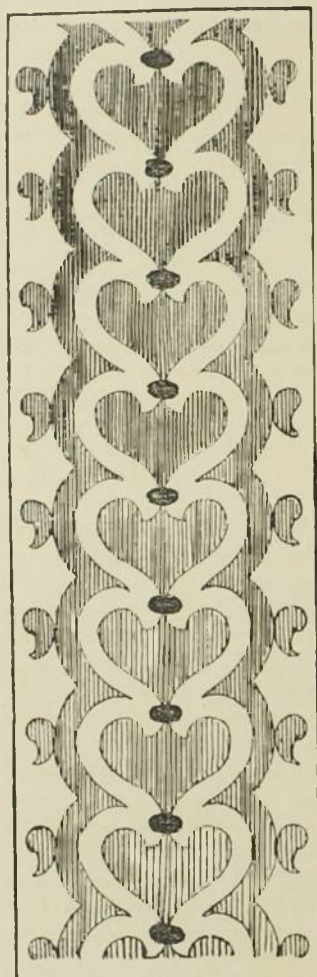


FIG. 60

de banana e mamoeiros. É outra roça, não sei de quem.

Aqui há uma poça d'água profunda e fresca. Bebo-a. As redondas e chatas fôlhas das ninféias cobrem uma parte da tranqüila superfície espelhante com as belas plantas dos arredores.

A estrada que, da velha aldeia para cá estêve sempre sobremaneira lamacenta como um brejo, agora se levanta enxuta num terreno muito

Mandei Felipe a Etóquijs para comprar milho em troca de pano de algodão, que leva a uma velha chamacoco que êle diz ser sua parenta.

Como tardava um pouco para vir, cêrca de meio-dia lhe fui ao encontro e, perto da horta de Vicente, encontrei-o tomando um banho num fôssô ao lado da estrada, cheio de fresca e límpida água da última chuva.

Voltava de Etóquijs com as mãos quase vazias. Não tendo encontrado milho para comprar, trazia de volta o pano. Trouxe em lugar de milho, cana de açúcar que de Etóquijs me mandavam, pedindo-me em troca uma bocetinha de óleo de cheiro e duas caixinhas de fósforo.

Deixei Felipe no banho e prossegui no meu passeio pela estrada de Etóquijs, a qual passa precisamente pela aldeia abandonada, tornada um verdadeiro viveiro de plantas crescidas com exuberância extraordinária. A natureza criou tanta vida lá onde o homem semeou a morte, e com o seu luxuriante manto de esmeralda vai escondendo, piedosa e grande, pouco a pouco, todos os traços da infâmia humana.

Passada a aldeia, a estrada costeia, pela direita, um terreno mais elevado e extenso, onde, entre uma densa sebe de arbustos, surgem abundantes bananeiras e mamoeiros. É a roça do Capitãozinho. Mais adiante, na bifurcação do caminho que, virando para trás, vai ter ao Nalique, passando do outro lado da horta do Capitãozinho e da aldeia abandonada, pela direita, no bosque, apareceram outros pés

elevado, do qual se descobre uma admirável vista do campo com um fundo vastíssimo de montanhas.

Encontrei duas mulheres montadas em bois carregados de canas de açúcar e de mamões, que tornavam ao Nalique; perguntei-lhes se Etóquiça ainda ficava longe e diante de resposta afirmativa regressei, acompanhando-as de perto.

Para evitar a lama da estrada que eu tinha percorrido, seguiram outra ao sul da horta do Capitãozinho, que vai dar no princípio da horta de Vicente. Chegado ao fôso onde Felipe se banhara, como fazia calor e eu estava todo salpicado de barro, despi-me (e bem depressa se faz isso com esta roupa!) e entrei eu também na água, que achei mais profunda do que supunha: chegou-me até o peito.

Estava fresca e limpa; mas era preciso tomar algumas precauções contra inúmeros peixinhos que me vieram cutucar a pele: com o andar do tempo saberei como apanhar uns tantos dêles.

Dêsses peixinhos estão cheias tôdas as águas, por tôda parte, até mesmo aquelas que, depois das chuvas, inundam as estradas e os prados.

Um forte vento ameaçador de chuva me surpreendeu ao chegar em casa: mas tudo passou sem que chovesse.

Uililli novamente me convidou a comer uma enorme cana de açúcar.

Em retribuição convidei-o eu a comer bananas vermelhas e melado que comprei esta manhã.

Hoje discreteei com o Capitãozinho sôbre projetos futuros: disse-lhe que gostaria de voltar aqui na boa estação e pintar muito sem ter de pensar em comércio.

Se voltar trarei telas e côres a óleo e farei, por certo, muitas belas coisas, pois que me sinto aqui com muito mais disposições para pintar que em qualquer outro lugar.

Êste projeto lhe agrada muito, e me d'esse, para me encorajar a efetivá-lo, que me faria uma cabana especial para mim, cômoda e bem abrigada.

O desejo há, mas nem sempre se pode fazer aquilo que se deseja.

Enfim, se houver rosas, hão de florir.

À noite se improvisaram os habituais quatro saltos, um pouco desengonçados, mas alegres. Dei prova, dançando com uma mulher que entendia um pouco daquilo, da minha habilidade como bailarino europeu, ao som de uma sanfona tocada mais ou menos bem pelo Capitãozinho. Dancei também sôzinho, o que divertiu muito os meus amigos e despertou numerosos e entusiásticos aplausos.

15 de fevereiro.

E volta a chover! Nada de bom tempo!

Hoje choveu cinco ou seis vêzes seguidas. Estou mesmo *deslippaa*, como dizem os bons milaneses³⁴.

Mas, como contra o tempo não há remédio, paciência, e me submeto filosoficamente à vontade da Providência.

(34) Em português se diz "estás molhado como um pinto" (N. do T.).

Hoje pude assistir à ornamentação, pintura e cozimento de algumas louças, podendo assim completar as observações feitas a propósito no dia 7 do corrente.

Alisada bem a pasta e obtida a forma convenientemente perfeita, procede-se ao desenho dos hieroglifos ornamentais, sendo ainda bastante mole a pasta.

Numa das mãos, a esquerda, se o fabricante não é canhoto, segura-se uma cordinha bem torcida e igual, molhada; e com o indicador da outra mão se vai imprimindo, começando pela extremidade, na argila, em linhas direitas, curvas ou quebradas, ou paralelas ou cruzadas, segundo o desenho que bem claro deve estar na fantasia do desenhista, e cada traço é feito sem arrependimentos, raramente com correções, com finura e sem tomar muita medida preventiva.

Indicados assim os contornos de toda a ornamentação que, naturalmente, ficam escavados na argila em pequenas linhas horizontais⁽³⁵⁾, deixa-se a louça secar primeiro à sombra e depois ainda ao sol para que lhe saia aquêlê resto de umidade que pudesse conter.

Quando estão completamente sêcas, antes de levá-las ao fogo, se lhes pintam as partes que devem ter a côr vermelha, que se obtém com esfregar fortemente uma contra outra duas pedras de ferro naturais, juntando-se um pouco d'água, que não tarda a se colorir de vermelho intenso.

Depois, resguardada a louça por uma parede de varetas de lenha sêca dispostas em ordem uma sôbre a outra de modo a que não tenham de pegar nela caindo durante a combustão, mas que lhe ultrapassem a altura, mete-se fogo, cuidando de que toda a lenha queime ao mesmo tempo.

Geralmente está cozida a argila quando se consumiu a lenha.

A argila que era primeiro cinzenta se torna amarelo avermelhada, em alguns pontos manchada de negro, e o vermelho de óxido de ferro mantém a sua bela côr primitiva e se torna sólido pela ação do fogo e da absorção.

Levada a louça das brasas, quando está ainda quente se pintam as partes do desenho que devem figurar em negro. Essa tinta se obtém com a resina de Pau santo (*Cuayaco officinale*), que ao contacto da terra cozida quente se funde e a cobre como de um verniz negro esverdeado brilhante, que com o esfriamento se torna depois bastante sólido.

(35) Não de outra forma os antigos Itálicos algumas vêzes e mais especialmente os habitantes pre-históricos da Alta Itália. Vi no palácio Borromeo de Isola Bella, ao pé do lago Maggiore, conservadas estupendamente algumas louças encontradas nas escavações de Golasecca, no Ticino, entre as quais uma terrina muito bem conservada que, além de apresentar as ornamentações feitas em argila fresca com uma cordinha, nem mais nem menos de como fazem hoje os Caduveo, conserva ainda fresquíssima a argila branca que faz destacar as linhas.

Se aquêles selvagens da antiguidade puderam chegar ao grau de civilização a que chegamos nós, europeus, porque então, com tempo e com ajuda da nossa civilização existente, mais rapidamente do que nós não poderão chegar todos êstes pobres selvagens que ainda povoam as florestas americanas, tão desprezados em geral, maltratados, perseguidos e declarados, afinal, sem pátria e incivilizáveis? Não fomos outra coisa em tempos! (N. do A.).



FIG. 31

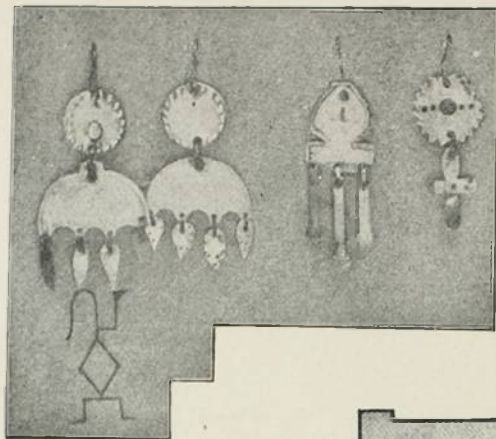


FIG. 62

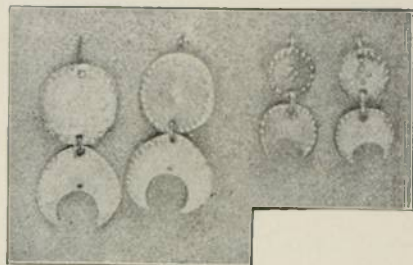


FIG. 63

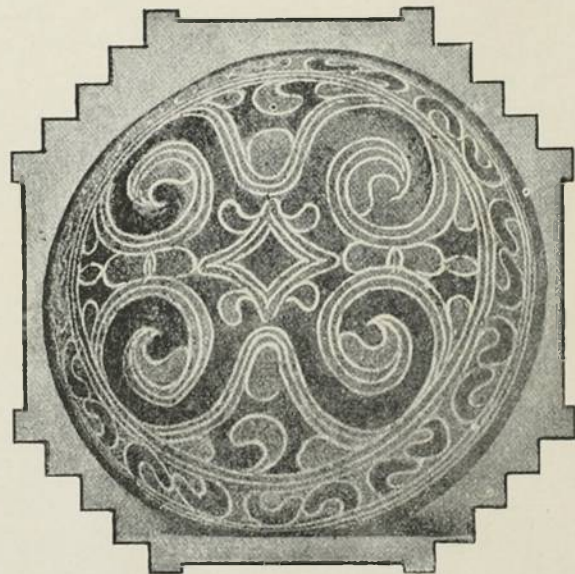


FIG. 64

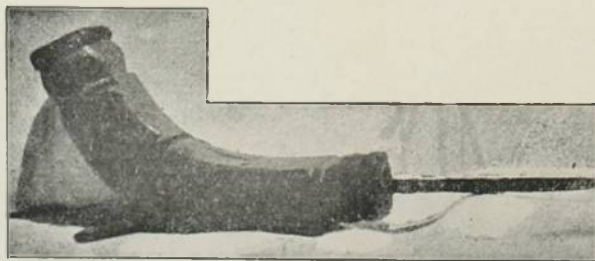


FIG. 65



FIG. 66

A frio posteriormente, com um palito se enchem as linhas formadas pelas impressões da corda com a pasta quase líquida feita com água e uma argila branca como gesso, que se acha em alguns pontos desses terrenos.

Fazem-se também louças lisas, sem ornatos feitos com a cordinha. Estas, como a parte interna dos outros pratos, raramente alisados sem desenhos, são também ornadas de hieroglifos em vermelho ou em negro, exclusiva o branco.

O vermelho é obtido, como disse, com o óxido de ferro; já o negro não é mais que uma côr obtida com pó de carvão e água misturados ao suco do genipapo, que com a ação do fogo e absorção natural da argila se torna indelével.

Estas mesmas louças resistem perfeitamente ao fogo para nelas se cozinhar as comidas; mas aquelas que devem servir para este uso quase nunca são ornadas.

Vi e pude comprar pratos ornados com verdadeiro gosto artístico, coisa que desperta ainda maior interêsse quando se pensa que são feitos por *selvagens* (36).

Nenhuma notícia ainda daqueles que mandei a Forte Olimpo. Espero com impaciência a sua volta porque certamente me trarão muita correspondência.

Espero ter cartas de Mamãe, a qual nem imagina onde se acha seu filho e que vida esteja levando neste momento!

16 de fevereiro.

Ontem à noite o belo Uililli, na escuridão da noite, brigou seriamente com um Chamacoco da vizinha aldeia e mais precisamente com o filho daquela velha que Felipe chama de *Cola* (*avó* em chamacoco) da qual foi comprar grão, sem resultado, no outro dia.

O jovem chamacoco á *laguerma* (primo) de Felipe, e tem mais ou menos a mesma idade que Uililli, mas é mais robusto e de tipo assaz menos fino.

Razão da contenda, a habitual...

Cherchez la femme!

Tutto il mondo è paese (37), e os homens, salvo as roupas, são todos iguais entre si.

A mulher em questão é uma senhorita... de costumes pouco morigerados, como se encontram tantas mesmo entre aquelas que usam chapèuzinho, luvas, sapatinhos envernizados e trapos de todo gênero impostos pela última moda.

A questão ameaçou ter sérias conseqüências porque o nobre Uililli, doce como um cordeiro em tempo de paz, sentiu-se ofendido no seu amor-próprio e no ímpeto sacou da faca, ameaçando o rival que, embora

(36) Há também boa descrição do fabrico de louça caduveo em Herbert H. Smith: *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*, São Paulo 1922, pp. 305-312, (Nota de H. B.).

(37) Esse provérbio italiano parece não ter equivalente em português. Significa que em toda parte se vive, a terra se repete (N. do T.).

escravo e portanto de raça inferior, ousou fazer-lhe frente, e enquanto por sua vez brandia a própria faca, com a outra mão agarrou a arma do adversário, produzindo-se uma leve ferida na mão esquerda.

Correu sangue então, mas não mais do que isso, porque os contendores foram a tempo separados, sendo evitadas outras desagradáveis complicações.

Felipe foi novamente a Etóquiya e, desta vez mais afortunado, voltou com boa provisão de cana de açúcar, mamões e mandioca.

Ao que parece o aleitamento das crianças só termina quando estas não querem mais saber das fontes maternas. Vi rapazinhos de mais de cinco ou seis anos mamar ainda desbragadamente e é coisa comum ver meninas de três ou quatro anos penduradas ao peito das pacientes mães (38).

Já faz treze dias que Cacia partiu para Forte Olimpo; já devia estar de volta, ou pelo menos muito próximo a chegar.

17 de fevereiro.

Ontem, noite fechada, um disparo de fuzil nos anunciou a chegada da Cacia e seus companheiros de Forte Olimpo. Impacientes, lhes fomos aos encontro, mau grado a escuridão, pela estrada. Não tardaram a se nos juntar e logo nos deram a boa notícia de que Diaz estava no Retiro com muita pinga.

Vinham a pé Cacia e o velho marido de Ináguina, acompanhados de um terceiro indivíduo que se unira a eles em Morrinho.

Naturalmente a primeira coisa que perguntei foi se traziam correspondência e com grande júbilo meu tive resposta afirmativa.

A aldeia ficou logo em grande entusiasmo e armou-se um baile animado na previsão da pinga próxima a chegar.

Cacia entregou-me um pacote envolvido cuidadosamente num pedaço de pano, no qual achei onze cartas e dois maços do *Corriere della Sera* de Milão. Era mais que suficiente para fazer feliz um homem nas minhas condições.

Os Caduveo queriam logo partir com os bois para o Retiro a fim de transportar as provisões trazidas por Diaz; mas, como primeiro devo preparar a minha correspondência de resposta, disse que só partirão amanhã de manhã.

E enquanto as danças ferviam com entusiasmo comecei a abrir as minhas cartas por ordem de data.

Sentado em terra sobre um couro de cervo ao pé do fogo que me tostava a pele, lendo tôdas aquelas cartas com interêsse crescente, à luz das chamas, em traje de selvagem, devo apresentar um quadrinho estranhíssimo para quem chegasse de improviso e, não sabendo quem eu fôsse, pela roupa me tomasse por um Caduveo, em meio da algazarra geral da tribo que vociferava e saltava em tórno de mim, alegre como se fôsse composta de outros tantos diabos em festa.

(38) Fiz semelhantes observações em várias outras tribos sul-americanas (N. de H. B.).

Mas eu estava de tal forma ocupado que nem sequer os ouvia.

E foi assim que tive as notícias do casamento de minha irmã e que fiz o primeiro conhecimento de meu cunhado, do qual minha irmã me mandava a fotografia, que despertou não pouca admiração entre as mulheres às quais o mostrei.

E um a um fiz passar os números do *Corriere della Sera*, que por certo nunca teria sonhado ter difusão até entre êstes selvagens.

E lia ainda quando tudo recaíra no silêncio depois do baile acabado e os olhos me doíam pelo cansaço.

Esta manhã, estando o tempo bom, comprei a crédito outro novilho por dois garrafões de pinga; fi-lo matar, cortar em compridas e finas tiras, salgar e pendurar ao sol para fazer a carne secar, não sem ter feito a costumeira distribuição aos ajudantes e amigos.

Há alguma tormenta nos arredores e ouve-se longe o trovão. Mas o vento está bom e se durar não choverá.

Todo o dia de hoje não fiz mais que ler e reler a minha correspondência. Diaz transporta tôdas as provisões pedidas. Alegro-me com isso.

Comecei a escrever esta noite e terminarei amanhã antes que os bois partam.

18 de fevereiro.

Terminada a correspondência partiram esta manhã para o Retiro cinco *cargueiros* (bois de carga) que trarão para o Nalique as provisões anunciadas pelo Diaz.

Francisco vai como chefe da expedição. É um belo homem, alto e forte, com dois belos olhos negros, grandes e expressivos a que não faltam os cílios e as sobrancelhas, tendo conservado mesmo entre os Caduveo o costume da sua tribo. Isto lhe dá um aspecto mais simpático ao nosso gôsto.

Tem já uma certa idade que, se não erro, se avizinha dos cinqüenta.

É marido, em segundas núpcias, da mãe do Capitãozinho, tornada viúva, tendo adquirido mediante esta união um grau eminente na tribo.

Tem um só filho, um belo jovenzinho de cêrca de dezoito ou vinte anos, que é bem o retrato do pai.

Para Diaz, além da correspondência, mandei os couros que pude comprar até agora. Bem pouca coisa em confronto de quanto havíamos calculado; mas esperamos melhor para o futuro.

Entre as cartas que mandei vai uma a Mamãe em resposta a uma sua com data de 4 de novembro de 1891, isto é, há três meses e meio. Quando chegarão as minhas respostas? Dêste modo não se poderia escrever mais de um par de cartas por ano! Deveras pouco!

Há dois dias o tempo se tornou bonito, com um bom vento norte. Por Baco! já era tempo de que parasse com essa chuva fastidiosa!

Ainda esta noite houve baile. Eu não tinha vontade de dançar, pelo que me pus a reler o noticiário das sessões da Câmara no *Corriere* à viva luz do fogo, esperando que me deixassem em paz.

Mas duas raparigas, alegres e metedidas, vieram a mim e, com gentil modo me pegaram pela mão e me convidaram a ir com elas. Resisti primeiro, mas não se foram embora, não me deixaram e a viva força me arrastaram do girau, não me sendo possível recusar mais.

À *mauvais jeu* fiz *bonne mine*, e dancei cheio de entusiasmo, com grande alegria de certas amiguinhas que não me deixaram durante toda a noite.



FIG. 67

19 de fevereiro.

Noite alta um imprevisto vozear me despertou sobressaltado. Seriam duas ou três horas depois da meia-noite e brilhava no céu esplêndida a lua. Um disparo de fuzil tinha sido ouvido de longe e logo outros disparos haviam respondido da aldeia como a sinal combinado.

Tôda gente estava de pé e corria de um lado para outro, rindo e saltando de alegria, como se um grande acontecimento estivesse para suceder.

Tudo isso porque o primeiro tiro de fuzil havia prenunciado a chegada do Caduveo que me havia vendido o novilho há dias e que, tendo ido ao Retiro a cavalo, em marcha forçada, voltava com os dois garrafões de pinga convencionados, que lhe foram entregues por Diaz mediante ordem minha por escrito.

Aos tiros de fuzil seguiu-se o rufar do tambor e não havia ainda chegado o afortunado portador da pinga e já as danças ferviam mais que nunca vivazes.

De Etóquijs, como atraídos por misterioso ímã, chegaram em breve outros festantes e a algazarra só teve fim depois que se chegou ao fundo dos dois garrafões.

Coisa curiosa esta que pude observar: quando um indivíduo bebeu tanto que não pode parar de pé, os seus familiares ou os amigos que ainda estão bem nas pernas o ajudam a se levantar e o acompanham sustentando-o ou levando-o carregado até a sua habitação, onde o estendem com todo cuidado sobre o girau, como se se tratasse dum doente digno de toda atenção. Cobrem-no bem e alguém fica a velá-lo. Não tarda o ilustre enfêrmo a adormecer e fica assim em modorra por algum

tempo. Ao despertar, em geral depois de breve tempo, ainda sob a influência do líquido infernal, começa a se lamentar e a chorar, não pelas dores físicas que experimente, mas falando de graves injustiças que lhe tenham sido feitas ou de desgraças sofridas, e chora e se lamenta com vozes lastimosas, enquanto os da casa procuram consolá-lo o melhor que podem e algumas vèzes acabam por acompanhá-lo nas suas lamentações.

Este mesmo efeito a embriaguez o faz em todos os Caduveo. No Paraguai porém a pinga dá aos embriagados u'a mania belicosa que os torna perigosos, porque procuram briga com qualquer e facadas e tiros de revólver são quase sempre a consequência.

Contrariamente ao que sucede no Paraguai é raro que entre os Caduveo puros sucedam rixas durante a embriaguez. Se algum caso dêste gênero se dá é na maioria entre Caduveo de sangue misto.

Outra das grandes paixões dos Caduveo é o tabaco. Mas, ainda que a terra se preste perfeitamente à sua cultura, só o cultivam em pequena escala e não o sabem preparar bem.

Os homens o fumam fazendo dêle finíssimos cigarros envoltos em fôlhas de milho, ou então o fumam em cachimbo.

Já as mulheres não o fumam, mas o fazem secar bem, muito esfia-pado, pondo-o em contacto por pouco tempo com brasas, fazem uma bolota que vão chupando, tendo-a entre o lábio inferior e os dentes. O lábio vem assim a crescer muito e por certo, pelo menos de acôrdo com o nosso gôsto, a estética não ganha muito com isso.

De gustibus non disputandum est; isso não impede, porém, que seja êste um gôsto de bastante mau gôsto!

20 de fevereiro.

Cêrca das duas depois da meia-noite, Cacia veio acordar-me dizendo ter ouvido um longínquo tiro de fuzil. Não podia ser outro mais que Francisco anunciando a sua volta do Retiro.

Com efeito, meia hora depois chegou a caravana dos bois carregados.

Reünidas tôdas as coisas sôbre o girau e postas debaixo dêle os dez garrafões de aguardente, despedi todos até o amanhecer.

O abundante licor chegado encheu de alegria os corações dêstes infelizes, que de boa vontade teriam logo começado a esvaziar o primeiro garrafão para só acabar com o último.

Diaz escreve-me que ficará ainda no Retiro por sete dias. Passado êsse tempo, se eu não tiver mandado notícias e instruções em contrário, voltará para Forte Olimpo, deixando, porém, um catchivêu à minha disposição a fim de que eu possa a tempo mandá-lo avisar para me vir buscar.

Durante o dia mostrei aos meus hóspedes as novas provisões chegadas. Percais de côres vivas e certos colares horríveis de contas de vidro tiveram uma acolhida entusiástica.

Esperavam que eu abrisse algum garrafão, mas me conservei duro, porque estou resolvido a não dar pinga se não vir primeiro os couros.

Quando se tratou de pagar a gente que fez o serviço de transporte, alguém naturalmente procurou obter mais do que havia sido previamente combinado, mas tudo foi regulado com justiça e sem muitas recriações.

Comecei a comprar por poucas bolachas uma quantidade de couros de veado. Paguei por elas relativamente pouco, de modo que tenha alguma compensação das perdas que o mau tempo passado me fez sofrer.

Há alguns dias o tempo se mantém quase belo e, salvo uma chuvinha de pouca importância, hoje o sol brilhou durante todo o dia e sopra um vento fresco, delicioso. Se, como espero, o tempo permanecer bonito durante outros quatro ou cinco dias mais, os Caduveo tentarão por outra estrada a sorte da caça. Não ousou fazer prognósticos, que sempre tive sorte adversa nos meus cálculos; mas se desta vez não tiverem mais sorte renunciarei a adiar por mais tempo minha volta a Pôrto Pacheco.

Hoje no remover e arrumar minhas coisas, levantando o couro que cobre o girau, descobri uma enorme centopéia que ali havia estabelecido sua residência. Grossa de mais de um centímetro, sem levar em conta as patas, era comprida de cerca de quinze; o corpo, dividido em vinte anéis, tinha vinte perninhas de cada lado; a cabeça estava armada de dois formidáveis ferrões recurvos, fortes e agudos, e a cauda estava também dotada de outros dois ferrões semelhantes aos primeiros, mas mais compridos.

Com muito cuidado a peguei e não sem dificuldade a fiz entrar numa botija cheia de pinga.

O Capitãozinho me disse:

— Esse bicho mata gente.

E acredito porque deve ser venenoso como o escorpião.

Há dias havia comprado dois pratos novos, e hoje, com grande maravilha dos que o souberam, troquei-os por outros dois já usados e velhos, mas de forma e desenho mais originais. Não podiam compreender porque eu fazia uma troca tão desvantajosa na aparência.

Pena que nenhum destes pratos tenha a propriedade da lâmpada de Aladim!

Jogou-se bola com muito entusiasmo. E Felipe, no ímpeto da corrida, deu contra um tronco com um pé, ferindo-se gravemente. Terá de estar tranqüilo por uma semana pelo menos!

Uililli, à noite, me presenteou com uma enorme cana de açúcar.

21 de fevereiro.

Hoje, um a um, voltaram todos os caçadores que partiram há dias com Joãozinho. Nada caçaram; só trouxeram uma certa quantidade de cêra virgem e mel, de que abundam os bosques da região. A cêra virgem é um bom artigo de comércio e comprarei quando me seja possível.

Costume gentil entre os Caduveo é aquê de acolher festivamente os que regressam da caça ou de buscar frutos depois de uma ausência de alguns dias ou mesmo só de algumas horas. Se a pessoa estêve ausente vários dias, geralmente anuncia sua volta com um disparo de fuzil mal se ache a distância de poder fazer-se ouvir.

Os da família e, se pessoa de importância, também os amigos, lhe respondem logo com outros disparos. E apenas aparece ao longe, a mulher, os filhos e os escravos lhe fazem festivo encontro e, tendo-lhe dado o feliz regresso com tôdas as expressões de afeto, os escravos o libertam do pêso das armas e da caça ou de outra coisa que traga consigo; se tem crianças, estas lhe são logo trazidas para que as beije e as trazendo a cavalo toca para casa onde é imediatamente rodeado por parentes e amigos que o assediam com perguntas.

Mesmo quando qualquer membro da família retorna do trabalho do campo com a costumeira provisão de frutos, assim que é avistado vai ao seu encontro um dos parentes ou uma das escravas e o libertam logo da carga num ato solícito cheio de gentileza e deferência.

A boa Ináguina se queixa de mal de ouvido e veio a mim, pedindo-me um remédio que a cure.

Pensei que lhe faria bem a aplicação de um cozimento de leite e fôlhas de malva. Pelo que pensei em sair pelo campo à procura desta planta medicinal.

Meti-me pelo caminho que vai para Miranda e bem breve se juntaram a mim Uililli e um amigo dêle e me acompanharam por todo o passeio.

Ao atravessar aquela faixa de bosque em que corre a torrentezinha, observei que aquela plantinha de largas fôlhas horizontais vista no passado dia 13 e que, a meu ver, deve pertencer à família das *aroidéias*, tinha deitado flor.



FIG. 68

As florinhas, a duas, a três, em pequenos ramalhetes, eram amarelas e saíam diretamente do solo ao pé das fôlhas. Tôda a flor era formada de duas pétalas opostas dobradas para fora e se afastando como as grandes fôlhas verdes. Ligeiramente perfumadas, tinham um cabo bastante curto, carnoso como o das flôres de *crocus*, porém mais frágil. Em tudo não estavam acima da terra mais de dez centímetros.

Não me foi possível achar planta alguma que com malva se parecesse, embora numerosíssimas e variadas existam as malvas na região do rio Paraguai. Portanto, regressávamos pelo caminho, estugando o passo, rumo da nossa casa, quando a um palmo dos meus pés atravessou o caminho uma tremenda jararaca. Eu que andava à frente dos outros, vestido como estava à caduveo, isto é, a pé e de pernas nuas, ao ver aquêle bruto animal, não sei como num bote saltei quase impellido por u'a mola no ar e, com um salto digno de um provector acróbata, me encontrei a mais de dois metros atrás e fora do alcance dos agudíssimos dentes e do mortal veneno da serpente. Por fortuna tenho boa vista e o hábito de observar sempre mesmo as menores coisas. Tivesse dado um passo mais, teria sido infalivelmente mordido e as consequências poderiam ser gravíssimas para mim.

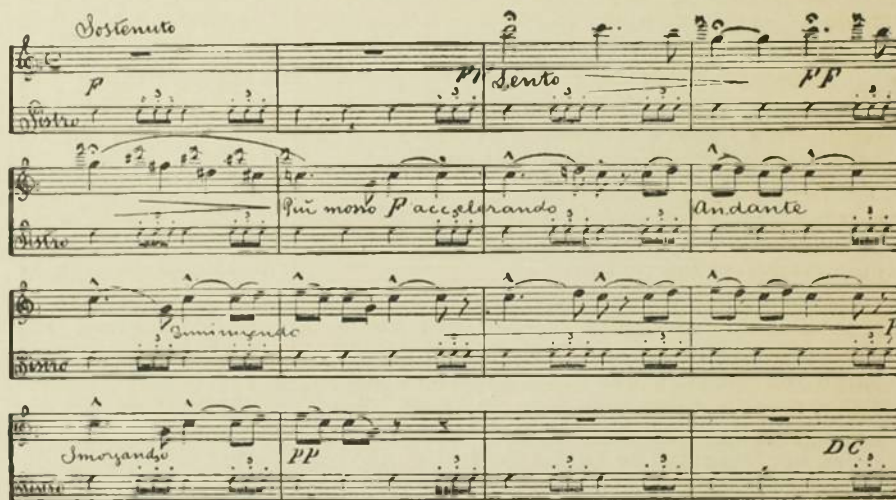


FIG. 69

Avisados os meus companheiros que haviam ficado surpreendidos ao me ver voar pelo ar nem mais nem menos que como um cavalo assustado, e encontrada a víbora entre as altas ervas quando estava para entrar num velho tronco, foi morta e feita em pedaços a bastonadas.

À noite Sabino teve de repetir a cerimônia médica do outro dia. Hoje os doentes eram em maior número e entre eles estava o Capitão-zinho, afetado de dor de cabeça.

Acompanhei o canto a que assistiram, como complemento da cura mágica, todos os enfermos curados, estendidos sobre couros em tórno do cantor que fez um dispêndio extraordinário de voz e talento musical. Ele nos fez ouvir melodias novas e novas variações no acompanhar-se com a cabeça, manejada com extraordinária habilidade.

É tanto mais notável o talento musical e a entonação da voz de Sabino quanto ele por nascimento pertence aos Chamacoco, os quais pela música têm tendências nada harmônicas.

Enquanto Sabino cantava, tentei grafar o canto principal tanto quanto o consintam as estranhas degradações de notas.

Amanhã Joãozinho mandará um emissário a Forte Olimpo e me pediu para escrever por ele uma carta ao major Bargas.

Escrevo também a Diaz, aproveitando a boa ocasião para lhe dar notícias minhas.

22 de fevereiro.

Trouxeram a uma velha enfêrma de tosse e inflamações do estômago — certamente em consequência das passadas bebedeiras — uma raiz que dizem eficaz contra êste mal.

Esta raiz varia de grossura e vi grossas até dois centímetros de diâmetro decrescente para a extremidade, num comprimento de 30 a 40 centímetros. Desce verticalmente na terra e do tronco principal partem outras raízes menores horizontalmente.

Despedaça-se fâcilmente e rompe-se nítidamente; tem um delicado centro ou alma lenhosa de côr amarela contornada por uma grossa casca ligeiramente colorida de rosa-carne, mais carregada para a parte externa. O exterior da casca é de côr cinzenta e assaz rugoso com pequenas rachas verticais e horizontais. Só tem um leve odor vegetal; mas de gôsto é amaríssima, adstringente, bastante semelhante ao quinino. As flores são pequenas, com cinco fôlhas amarelo claro, dispostas como a vide e estendidas quinze ou vinte sobre um ramo fino e flexível. As fôlhas lisas têm uma bela côr verde escura, fria: no reverso têm uma côr bem mais clara e não brilhante.

A câpsulazinha que contém as sementes tem forma triangular de pontas arredondadas e possui um grão em cada um dos três compartimentos. Recolhi uma vintena dessas raízes para levá-las comigo na minha volta ³⁹.

Sabino regressou hoje de uma volta pelo campo com um belo veado. Tive a minha parte como presente.

Para tornar mais rica a ornamentação das louças, os Caduveo costumam com freqüência juntar-lhes um fio de pequenas contas de vidro brancas e azuis, raramente de outra côr, que corre em derredor do bordo,

(39) Perderam-se com os outros objetos do famoso baú (N. do A.).

pelo que o prato é previamente preparado, antes do cozimento, com uma série de furinhos pelos quais devem passar os fios que suportam as contas.

Outras vezes em lugar de um só fio juntam uma guarnição mais rica, feita também de contas brancas e azuis, côres preferidas sempre.

Os pratos assim ornados têm aspecto encantador.

A mulher do Capitãozinho divertiu-se com modelar em barro alguns pratinhos de formas assaz estranhas. Um entre outros, oval, terminava numa extremidade em uma cabeça de pato, com o pescoço e duas asinhas mais estilizadas que verdadeiras. O pratinho era o corpo e estava todo desenhado com semicírculos dispostos geomêtricamente, figurando as penas ⁴⁰.

Noite alta tive um espetáculo novo que não esperava.

Ao rufar de dois tambores reuniram-se de tôda parte da aldeia, divididos em dois esquadrões quantos rapazinhos chamacoco ou caduveo pululavam nas cabanas.

Quando cada um estêve no seu pôsto, de um dos esquadrões saiu um dos rapazinhos e veio colocar-se com ar de desafio no meio da arena improvisada, os punhos fechados, a cabeça alta, um pé muito adiante do outro e fixando o olhar altivamente sôbre os rapazinhos do esquadrão oposto.

Imediatamente desta saiu outro e sem tantos preâmbulos começaram uma esgrima rapidíssima de punhos mandados à cara, que me fêz ficar de bôca aberta.

Dadas quinze ou vinte punhadas para cada um, os dois pugilistas foram separados e a êstes sucederam outros dois, e depois outros, e outros, e outros ainda.

Nem um grito, nem um ai!

Aos pequenos machos seguiram com igual entusiasmo as fêmeas; depois algum rapazelho maior desafiou e teve adversário, e enquanto os dois tambores rufavam sinistramente para a guerra, voavam rápidos e sem misericórdia os punhos, todos diretos para as caras, sem escola, sem estudo e sem medida.

Dados assim à louca, a maior parte se perdia no vazio ou se encontrava a meio do caminho, mas alguns acertavam em pleno centro.

Não houve um só fugitivo ou quem se desse por vencido.

É bem verdade que os senhores ou os pais não os deixavam esquentar-se demasiado neste jôgo assaz excitante, e depois de dois ou três assaltos, os dois campeões eram separados.

Entre outros saiu um que, mais prudente e astuto do que os companheiros em vez de lançar-se de olhos fechados contra o adversário, estudava bem os movimentos primeiro, evitando lestage os golpes, depois, em golpe seguro, assitava um bofetão que o mandava de pernas para o ar. Três vezes fêz tocar o chão com as espáduas e três vezes aquêle se

(40) Desgraçadamente despedaçou-se no transporte e não foi possível recompô-lo (N. do A.).

levantou pronto a tentar novamente a prova, mas com igual resultado, até que foram separados.

Este torneio de novo gênero tinha em si alguma coisa de espartano, digno de observações, e só teve fim quando todos aquêles pequenos heróis nascentes ficaram cansados de dar e receber punhadas.

Depois do torneio, os principais personagens da toleria vieram reunir-se, estendidos ou sentados por terra sobre couros dispostos em círculo diante da casa do Capitãozinho.

Fui sentar com êles, logo cansado dos meus jovens amigos, entre os quais, naturalmente, o belo Uililli.

Ofereci tabaco que foi aceito com prazer.

Depois, julgando fazer uma bela coisa, tive a infeliz idéia de oferecer-lhes uma garrafa de aguardente.

Com que entusiasmo foi acolhida a minha generosa idéia, não ousou descrever, mas essa foi a *parva scintilla quae magnum incendium genuit*. Pois que, esvaziada a garrafa, logo me fizeram assédio para que lhes vendesse um garrafão, ao que me opus a princípio, mas depois adiantou-se o grave Tenente e ofereceu-se para garantir, êle mesmo, o valor com sete couros de cervo que me pagaria na primeira ocasião.

Como recusar ao irmão do Capitãozinho? Impossível!

Tive de ceder e o garrafão foi esvaziado em menos de meia hora.

Os discursos, de calmos e silenciosos como haviam começado, pouco a pouco foram crescendo de brio e tom, até o ponto que me pareceu assistir a uma reunião anarquista onde todos falam e discutem e nada compreendem nem de quanto querem nem de quanto dizem.

Terminado o primeiro garrafão naturalmente que me pediram outro.

Recusei; mas desta vez me levou à parte o Joãozinho, já um pouco tocado, e com tôda sorte de promessas e boas maneiras me obteve uma por oito couros que me pagaria com os primeiros que conseguisse recolher.

Uma vez que o conheço como o melhor pagador da tribo, ao passo que bem pouca era a confiança que tenho no Tenente, embora tivesse ar imponente e fôsse irmão de Sua Majestade, pensei que Joãozinho em parte compensaria a perda que tenho de sofrer pelo primeiro garrafão e às escondidas com a combinação de que fôssem beber longe da minha casa, dei-lhe o cubiçado garrafão.

Todos o acompanharam e me deixaram em paz.

Fui dormir e a festa na casa de Joãozinho ainda continuava vivacíssima quando adormeci.

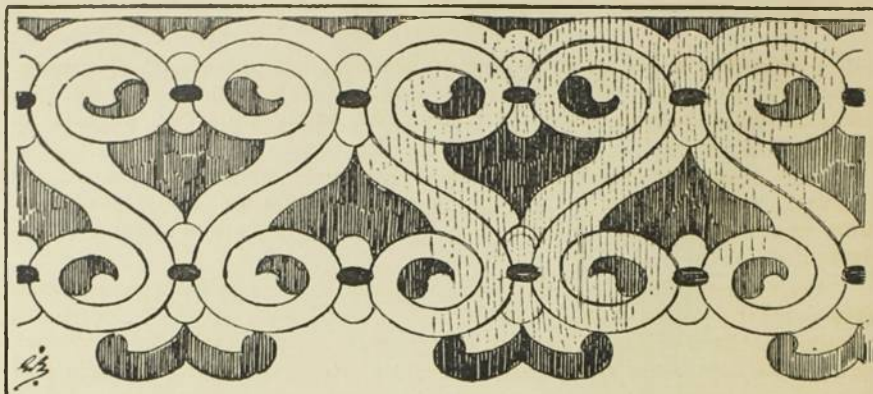


FIG. 70

23 de fevereiro.

Ainda dura a festa, e o calor do sol nascente revigora os fogos do entusiasmo.

Não sabendo como fazer para obter maior quantidade de aguardente, esta manhã, bem antes do nascer do sol, me trouxeram a vender por dois garrafões e meio de pinga um bellissimo boi mansissimo, apto tanto para o carro como para cavalgar, jovem, grande e forte, de côr baia, sem uma só ferida.

O negócio era demasiado bom para recusar, e dei o líquido pedido.

O tambor recomeçou logo a bater, e enquanto o sol surgia esplendente no horizonte o baile tomou proporções gigantescas.

Corre a pinga e o entusiasmo não tem mais limites. É uma verdadeira feira, um carnaval, um rir, um tagarelar, um cacarejar frenético, um correr, um saltar de um ponto a outro da aldeia, contínuo, inestancável.

O Capitãozinho, que na última vez em que bebeu pinga teve uma forte dor de cabeça, hoje se absteve de beber, também para ter a cabeça no lugar e fiscalizar a barafunda geral.

Um rapazinho de 7 ou 8 anos deu uma facada no braço de uma escrava, talvez porque não estivesse pronta a servi-lo em qualquer coisa ou tivesse querido impedi-lo de fazer algum mal.

O rapaz não estava embriagado, mas o ato cometido foi instintivo, por mau caráter natural. Eu queria que fôsse filho meu para pôr-lhe a cabeça no lugar de uma vez para tôdas! Ao invés, aqui ninguém fêz caso dêle nem da pobre escrava que se pôs a chorar em silêncio. O rapazinho só recebeu reprimendas de mim. Mediquei logo a ferida, que felizmente me parece não apresentar nenhuma gravidade.

Havia apenas acabado de medicar a escrava quando me vieram avisar de que no fim da aldeia havia um mocinho *pálido, pálido*, que estava muito mal, parecendo dever morrer de um momento para outro.

Quiseram me explicar do que se tratava, mas nada consegui compreender. Pelo que fui eu mesmo ver e achei um rapazinho de dezesseis ou dezessete anos, de rosto palidíssimo como que tomado de grandíssimo susto.

Depois de mil reticências e incertezas me fizeram ver do que se tratava. Por estar nas suas primeiras armas, *Amor* o havia surpreendido bem! Lavei, cauterizei, pus emplastro, etc. e o deixei mais tranqüilo.

Quando, de volta à minha casa, sentado à turca sôbre o girau esperava a minha comida, aquêlê mesmo zanolho, de sangue misto caduveo e paraguaio, que da bôca do Nabileque nos havia acompanhado ao Morrinho, estando bêbado como um frade, perseguiu até diante de mim uma sua escrava que, assustada, fugia gritando, e, tendo-a agarrado pelos cabelos, deitou-a por terra e bateu-lhe, depois, sempre segurando-a pelos cabelos, começou a arrastá-la pelo solo, proferindo ameaças de morte e maltratando-a bãrbaramente.

Não pude resistir a tal espetáculo e, saltando do girau abaixo, sem calcular o perigo a que me expunha, fui para êle e fazendo-lhe à força abrir as mãos, obriguei-o a deixar a sua vítima ir-se embora.

Levantei a pobrezinha aterrada e, mau grado as ameaças daquele animal, recolhi-a em minha casa.

O zanolho ficou furioso e me lançou tôda sorte de invetivas, tentando desvencilhar-se das mãos de quem o arrastava e empurrava para longe.

E me gritava que se eu fôr homem terei que me haver com êle, e que me adiantasse se tinha coragem... incitando-me à pugna.

De boa vontade lhe teria furado o outro ôlho para pô-lo na impossibilidade de ainda fazer mal a quem fôsse mais débil do que êle!

Mas não fiz caso das suas ameaças que acabaram bem depressa num profundo letargo.

Resisti firmemente a todos os ulteriores pedidos de pinga, e a festa se foi pouco a pouco extinguindo até que tudo reentrou na calma habitual.

Até mesmo a mulherzinha do Capitãozinho se deixou seduzir a algumas libações extraordinárias. E tornou um pouco cambaleante, com os olhos brilhantes. Vendo que eu a olhava algo espantado, envergonhou-se de ser surpreendida por mim naquele estado insólito; ficou com a cara tôda enrubecida e, estirando-se prestamente no seu girau, cobriu-se para subtrair-se à exprobração de que se sentia merecedora por ter-se deixado ver por mim naquele estado.

Mas um breve sono reparador desfez as fumaças da pinga, ficou logo repostada em ordem e voltou a ser a bela mulherzinha de antes, simpática e graciosa.

Ao que parece, amanhã ou depois partirão os Caduveo para tentar novamente a sorte da caça.

Andarão por outra zona onde esperam encontrar o terreno em melhores condições.

Trouxeram-me grossos pedaços de resina cristalizada muito semelhantes à colofônia, porém menos colorida.

Queima lentamente e exala um suave perfume semelhante mas menos intenso do que o do incenso.

Dizem que há disso em grande quantidade nos bosques, e eu creio que poderia ser um bom artigo de comércio.

24 de fevereiro.

Uma das mais belas plantas ornamentais que abundam nos bosques da região surge na margem ou vizinhança das numerosas torrentezinhas que irrigam estas terras abençoadas pela natureza e é sem dúvida aquela que os Caduveo chamam *etchate* e os Guarani *Yatai quassu*⁴¹.

Esta esplêndida planta, além da beleza da forma, é dotada de numerosas qualidades que a tornam utilíssima sob muitos aspectos.

As compridíssimas folhas penugentas, semelhantes à da palma dos tamareiros porém mais flexíveis e elegantes, têm por vêzes um comprimento que ultrapasse cinco metros.

Elas não têm espinhos, nem os tem o tronco, ao contrário do côco *Mhocayá* dos Guarani, que os tem em abundância e pungentíssimos, tanto no tronco como ao longo das costas das folhas.

Podem ser, portanto, colhidos facilmente, sem perigo de a gente se ferir.

Os Caduveo, como os outros habitantes das regiões onde esta planta abunda, servem-se dela para cobrir o teto das suas cabanas, quando não têm possibilidade de fazê-lo mais sólidamente com a palha, que não é encontrada por toda parte.

O reverso das folhas, depois de despida da série de folhas laterais, serve admiravelmente para estender os couros de cervo ao sol, sendo bastante fortes para resistir à tensão dos couros, ao passo que se vão secando.

O *etchate* dá além disso um fruto comestível assaz agradável.

Um ou mais grossos cachos, pesadíssimos quando maduros, pendem dentre as folhas, tendo algumas vêzes mais de trezentos frutos.

Êstes são duríssimos, de forma ovóide, terminados em ponta na extremidade inferior e presos por um breve e rígido cabo na cabeça.

Quando chegam à madureza tomam uma côr amarelenta e, destacando-se do cabo, caem por terra, de onde são recolhidos.

Crus não podem ser comidos.

Os Caduveo o fazem cozer sobre as brasas ou fazendo-os ferver longamente em grandes vasilhas com suficiente água.

Uma vez cozidos, é preciso uma certa prática para não se fatigar muito ao usufruí-los.

Tirada uma primeira casca, que se destaca facilmente, torna-se necessário com uma faca ou colher cujos bordos sejam um tanto cortantes raspar a pôlpa, que se bem madura, deve ser amarela.

(41) *Cocos Yatais* (N. do A.).

Esta é extremamente aderente ao caroço, sendo preciso raspá-la começando da ponta para cima; no outro sentido seria empresa quase impossível.

Esta pôlpa é farinhenta e agradavelmente aromática. Não é, porém, muito abundante e é um pouco dura. Comida a pôlpa, resta o grosso caroço que, duríssimo, é preciso quebrar à força de pedra ou martelo.

Esta última operação me forneceu ocasião de comprar por quase nada dois belíssimos machados de pedra, dos quais por certo os Caduveo devem ignorar o uso verdadeiro e que terão achado quem sabe aonde. Serviam-lhes justamente de bigorna e martelo para romper os caroços de *etchate*.

Rompido o caroço, nêle se acham quatro ou cinco sementes de um branco leitoso semitransparentes, longas de três ou quatro centímetros, de um sabor muito agradável embora um pouco lenhosas.

Além do fruto, come-se, e é boníssimo como o de quase tôdas as palmeiras, o *cogollo*⁴², ou seja, o centro das fôlhas ainda tenras; come-se cru e tem gôsto um tanto semelhante ao da castanha crua; mas é mais fino e delicado.

A planta do côco, *mbocayá* dos Guarani, *bocaiúva* dos brasileiros e *namocolli* dos Caduveo, é também uma bellissima planta que se assemelha quanto à forma das fôlhas, ao *etchate*. Mas, ao passo que o tronco desta não cresce a grande altura e permanece sempre bastante rugoso, o do *namocolli* cresce muito alto e é redondo, liso e coberto de espinhos.

Enquanto só vi o *etchate* na vizinhança d'água, o *namocolli* cresce esparso nos bosques misturado entre outras plantas que não raro ultrapassa e se vê isolado nos prados.

As fôlhas não são tão largas como as do *etchate*; não servem para cobrir tetos nem para estirar os couros, mas em compensação contêm uma fibra fortíssima, têxtil, que pode ser utilizada com vantagem na indústria.

O fruto é também em cachos como o do *etchate*; mas os frutos são completamente redondos e uma vez maduros se comem crus.

Tirada a primeira casca, acha-se o caroço recoberto de uma pôlpa amarelo alaranjada muito aderente. Não se pode destacá-la, mas torna-se necessário pôr na bôca o caroço inteiro — coisa assaz incômoda e nada estética — e destacar com os dentes tanta pôlpa quanto seja possível. Esta tem gôsto muito aromático e agradabilíssimo, mas é sempre um estéril comer.

Rachado o caroço, acham-se duas sementes muito boas e muito oleosas. Extrai-se delas um óleo denso, que serve para muitos usos, especialmente para fazer sabão.

Os caroços, privados das sementes, servem para combustível e são muito procurados.

É também excelente o *cogollo*; mas inda mais o é, em certas épocas e a uma certa idade da planta, o miolo do próprio tronco, que é branco,

(42) Vocabulo hispano-americano. Em francês *chou de palmier*; em italiano *pollone* ou *cestito*, mas nenhum dos dois me satisfaz. O termo espanhol é mais específico (N. do A.).

aquoso e muito farinhento. Come-se cru, raspando-o de modo que as fibras se separem uma da outra e fique mais fácil sugar a parte comestível. Faz-se também ferver em pedaços na água ou torrar sobre brasas.

Os Caduveo fazem grandíssimo consumo dêle; a mim agradou muito e o como sempre de boa vontade.

Os doentes aumentam e a cada momento sou chamado a visitar algum novo cliente, como se fôsse o médico da comunidade.

Entre outros, tive de curar o próprio *médico* Sabino, que tem uma febre de cavalo. Ministrei-lhe uma forte dose de quinino.

Primeiramente eu o havia aconselhado a recorrer ao outro *Padre*, para que o curasse cabalisticamente, interrogando as estrêlas diante do fogo vivificante; mas não quis saber disso. Parece que, tratando-se de si mesmo, não tem muita fé na eficácia do método que êle professa... para os outros!

Malandro!

Hoje vi fazer muitos preparativos de partida para a caça, que está fixada para amanhã.

O tempo manteve-se belo até agora e hoje fêz muito calor.

25 de fevereiro.

Cêrca de meio-dia, tôda a parte masculina da toleria partiu para a caça.

Da população do Nalique só restam as mulheres, as crianças, alguns velhos e poucos doentes, entre os quais Sabino, que continua com a febre por não querer seguir as minhas prescrições.

Tem calor, sua de febre, e permanece descoberto. Pior para êle!

Nem de propósito! Pouco depois que havia partido o último caçador, caiu sobre nós um violento aguaceiro que, felizmente, não durou mais de meia hora.

26 de fevereiro.

E eis-me de novo sob a guarda das mulheres. Que assunto para as más línguas!

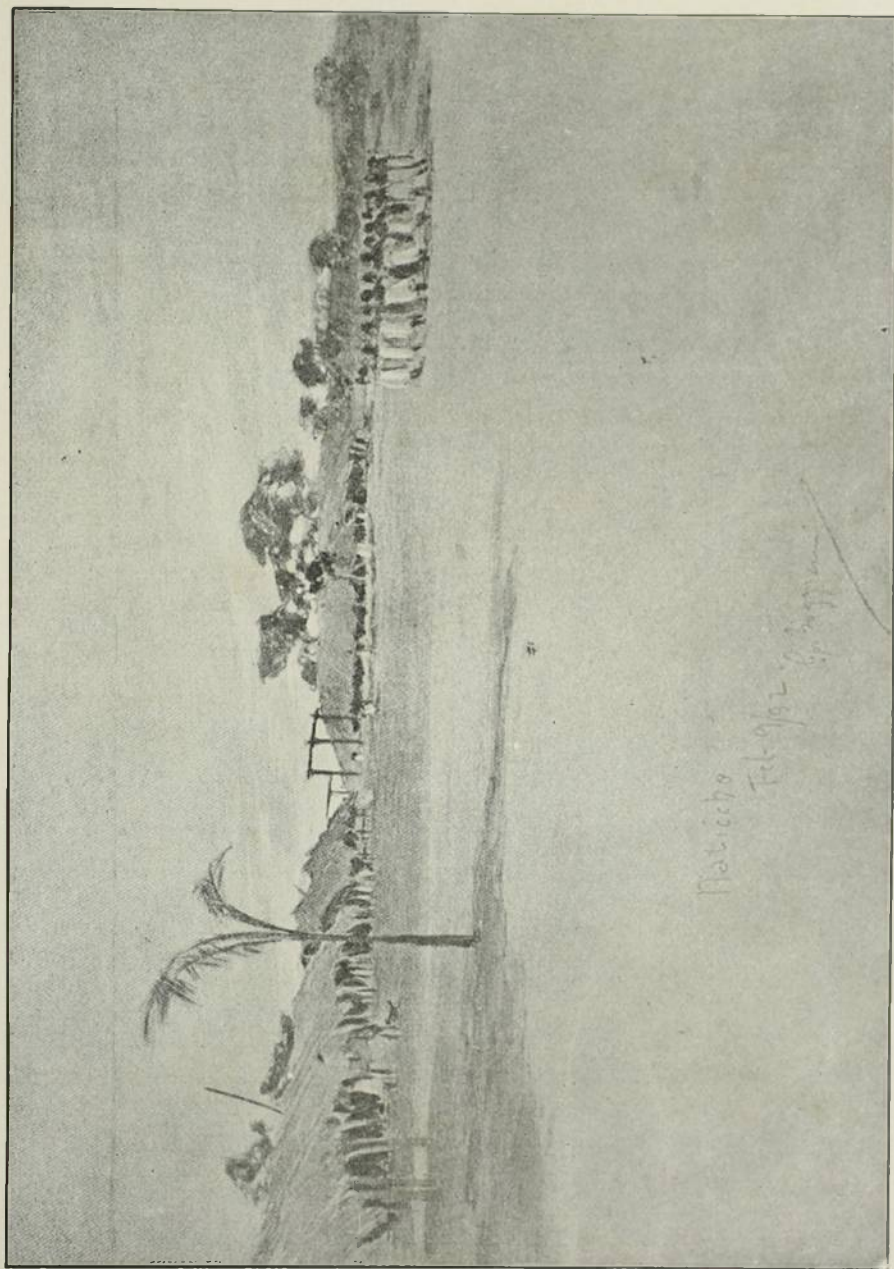
Tivemos chuva por quase duas horas. Que será dos caçadores?

De tarde me vieram visitar certos *amigos* da vizinha aldeia de Etóquiya. Aquêle dos quatro que se dizia meu grande *amiiigo* me trouxe como presente uma cana de açúcar.

Sua visita, evidentemente, não era dedicada tanto à minha pessoa como ao espírito dos garrafões que estavam em bela fila dispostos debaixo do meu girau.

Mas ficaram desiludidos nas suas *amigáveis aspirações*, pois que para todos os quatro não ofereci mais de meio copo de pinga e se foram de não muito bom humor.

À noite, mais tarde, tive a surprêsa de ver chegar aquela boa peça de Antônio Alves da Cunha, antiquíssimo conhecimento, brasileiro de Cuiabá, grande caçador de onças, homem habilíssimo em tôda sorte de



Matriciba
Tel. 962

FIG. 71 — O Nalique. A esplanada diante das cabanas.

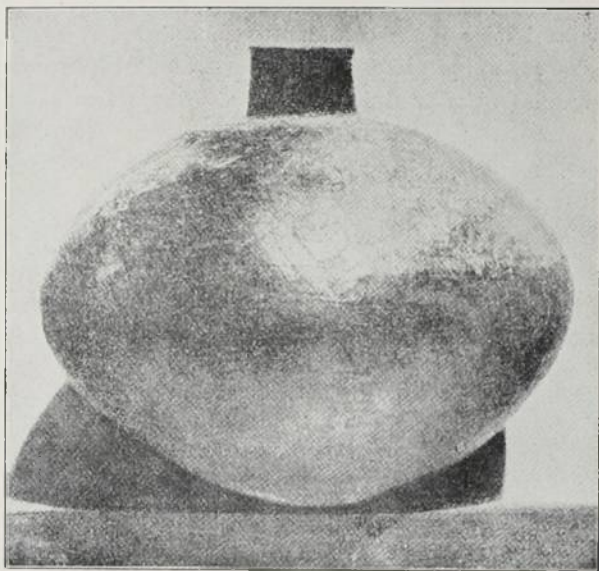


FIG. 72

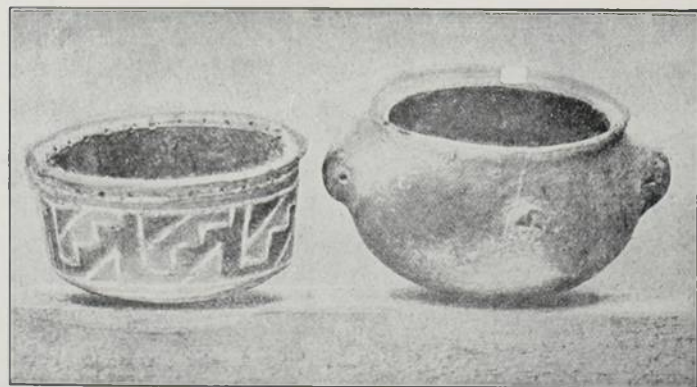


FIG. 73

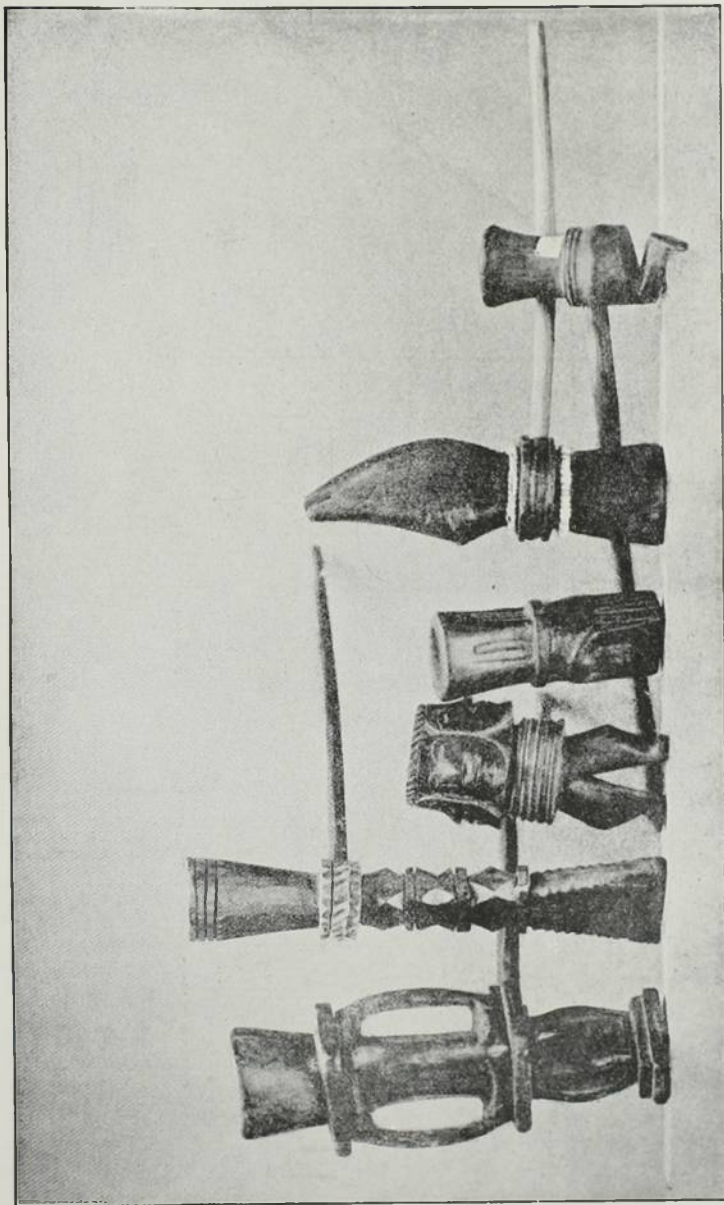


FIG. 74 — Cachimbos de madeira esculpida.

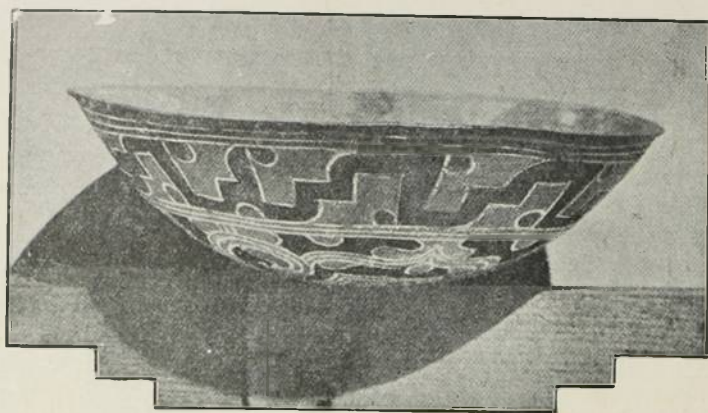


FIG. 75



FIG. 76

trabalhos manuais, inteligente, vivo, mas de nenhum caráter, instável, pouco escrupuloso e grande palrador, como são todos os brasileiros em geral.

Habita com a família à margem do Aquidabã, ao sul de Nalique, longe de qualquer casa, quase fugido, porque endividado com todos e evidentemente tencionando não pagar mais nada a ninguém.

A mim deve mais de quatrocentos escudos e agora que está aqui quero ver se o faço descontar alguma coisa. Árdua emprêsa, porém tentarei.

Trouxe um belo couro de onça, muito bem preparado. Ficará para mim em troca de mercadorias. Mas disso trataremos amanhã.

De Etóquiya veio também uma escravinha chamacoco, de meu anterior e íntimo conhecimento. Pediu-me a honra, mediante compensação, de dividir comigo o girau mais ou menos nupcial. Honra que logo me dignei conceder-lhe.

Pobrezinha! É tão bonitinha! Teria sido descortês recusar! ...

27 de fevereiro.

Esta manhã, depois de muito mercadejar, comprei o couro de jaguar trazido por Antônio Alves. Dei-lhe mercadorias num valor de 15 ou 20 liras.

Embora o couro não seja grande, está muito bem preparado, tem uma bela côr, a cabeça com todos os dentes e uma bela cauda.

Antônio convidou-me a dar um pulo até Alegria, um dos postos avançados da fazenda de dom Antônio Joaquim Malheiros, um dos mais ricos fazendeiros de Mato-Grosso.

Em geral, no interior, os colonos têm falta de tudo e muito provavelmente poderei vender boa parte das minhas mercadorias com muito lucro.

Disse-me Antônio Alves que em Alegria poderei comprar ainda alguns couros de cervo dos Tereno que moram nos arredores.

O próprio Antônio me acompanhará de Aquidabã a Alegria. Disse-me que não está a mais de oito léguas do Nalique e que em dois dias, com os bois, lá posso cômodamente chegar.

A idéia me sorri, não tanto pelos negócios, sempre assaz incertos, quanto porque terei assim ocasião de percorrer e conhecer um trecho de país que deve ser bastante interessante e é quase desconhecido. Caso o tempo permita, partirei amanhã pela manhã.

A mulher do Capitãozinho armou um novo tear para tecer um longo cinto de fios brancos de algodão e vermelhos de lã⁴³.

Ocupada no seu trabalho, apresenta um quadrinho bellissimo que me recorda certa pintura do falecido Guillaumet, notável orientalista fran-

(43) Vide figura 50. Das três faixas representadas nesta figura, a do meio é a que a mulher do Capitãozinho estava tecendo e com que depois me presenteou (N. do A.).

cês, representando algumas tecedoras *fellah* ou árabes entregues ao trabalho numa cabana.

Com Alves veio, acompanhando-o, um certo José, da tribo dos Tereno, que trabalha como vaqueiro de Malheiros.

Esta noite cantou à moda da sua tribo. Tem uma voz débil e doce; mas o seu canto é melodioso e cheio de tristeza. Assemelha-se ao de Sabino, mas é mais fino e simpático.

Acompanha-se com maior moderação e idêntica habilidade com a cabaça, instrumento que parece ser comum a tôdas ou quase tôdas as tribos indígenas da América do Sul.

28 de fevereiro.

Considerando que não é prudente que eu me ausente de Nalique antes que regressem os caçadores e que por outro lado o tempo está sempre ameaçador e hoje mais que nunca, renunciei, ao menos por hora, à projetada visita a Alegria.

Fiando-me uma vez mais em Antônio Alves, confio-lhe umas poucas mercadorias para que êle mesmo faça a compra dos couros de que me falou e mos traga aqui.

Caso não ache couros bastantes, comprará qualquer outra coisa que lhe pareça útil.

Espero que não queira fazer novas embrulhadas, abusando da minha confiança, embora seja tipo capacíssimo de fazê-lo; fiz-lhe, porém, muitas promessas e um bom sermão que, espero, terão algum efeito salutar.

Promete estar de volta dentro de sete ou oito dias.

Aproveitando a sua caminhada, mandei-o com Felipe a Etóquiya para que compre frutos. Assisti-lo-á, Antônio, que saberá obter para mim maior quantidade do que Felipe sòzinho.

Com efeito, de tarde êste voltou acompanhado da boa velha Cola, com uma grande carga de excelente cana de açúcar e mamões, tendo deixado a metade em Etóquiya por não poder trazer tudo de uma vez.

Irei eu amanhã com os bois, buscar o resto.

A mulher do Capitãozinho presenteou-me com um belo cacho de bananas vermelhas estupendas e por minha vez presentei-a e às suas principais amigas com canas de açúcar e mamões, recebendo os devidos agradecimentos com *igniuágodo* mais prolongados que os habituais.

Antônio, partindo, prometeu mandar-me boas abóboras por intermédio de uma das escravas de Francisco Tereno que foram a êle hoje com os bois para buscar uma carga.

1.º de março.

Hoje tive uma jornada de muito trabalho.

Tendo ontem à noite feito pôr na corda o último boi comprado, esta manhã, muito demoradamente, o selei e, postas sôbre êle as sacolas de rêde, o carreguei com os utensílios de pintura à aquarela e um machado e acompanhado de um rapazelho chamacoco que trazia a minha carabina,

dirigi ao bosque em que se acham aquelas estranhíssimas plantas de *etchate* que observei no dia 2 do mês passado.

As ervas dos prados pelas quais passávamos, altíssimas, estavam literalmente cobertas de uma camada de abundante orvalho, de modo que em breve ficamos todos ensopados.

Não me recordava bem da estrada que seguimos na primeira vez, nem o acompanhador, a quem não sabia explicar a minha intenção, teria podido me guiar.

Andávamos, portanto, pelo campo um pouco à aventura, e chegamos a uma baixada do terreno onde as águas das chuvas haviam sido recolhidas, formando um pequeno lago em que se espelhavam as plantas verdíssimas de uma colina vizinha.

Qual não foi a minha surpresa encontrando ali perto acampadas umas dez mulheres de Nalique com os seus filhos, debaixo de uma pequena cabana improvisada, com teto de fôlhas de *etchate* ainda verdes!

No momento não podia me capacitar de porque estas mulheres tivessem assim imprevisivelmente abandonado a aldeia para vir acampar nesse ponto; mas depois me fizeram entender que o escôpo desta transferência provisória era o de estar mais vizinhas do bosque em que abundavam os frutos de *etchate* e *namocolli*.

Admirei muito o modo pelo qual eram construídas as novas cabanas, bem arejadas, em boa posição e bem adaptadas para abrigar do sol e da chuva.

Passado este novo apêndice do Nalique, encaminhamo-nos à direita, atravessando uma torrentezinha. Ao sair do outro lado, por uma encosta bastante abrupta, os movimentos violentos do boi, em dado momento, fizeram escorregar a sela e caí de pernas para o ar com tôda a carga, sem sofrer dano.

Repostas nos seus lugares tôdas as coisas, depois de andar um pouco encontrei-me no ponto preciso a que me dirigia.

Prendi o boi a uma árvore e, deixando-o sob a guarda do menino que, tendo encontrado um bom *namocolli*, se pusera logo a cortá-lo com o machado para tirar a pôlpa, peguei as minhas coisas e desci ao fundo do pequeno vale, onde bem depressa encontrei as árvores estranhas que procurava.

Pus-me logo à obra com entusiasmo, mas o tema é tão complicado pelos verdes, ramos e luzes diversas que me custará não pouco tempo e fadiga reproduzi-lo.

Pena que a aquarela seja tão lenta; a óleo se poderia obter o efeito e o colorido com muito maior vigor e delicadeza. Lamento agora não ter trazido comigo o necessário para este gênero de pintura, mas já não é tempo de pensar no que *devia ter* feito, convém, ao invés me contentar com aquilo que *posso* fazer.

Terminado o trabalho, chamei o Chamacoco para que baixasse a buscar os utensílios. Chamei, mas ninguém me respondeu. Tornei a chamar outras vêzes e mais forte. Nada!

Ó diabo! Cansado de esperar e não tendo compreendido as minhas ordens, o menino tinha voltado para casa com os bois, deixando-me sozinho e com tôda a carga a transportar? Não me faltaria outra coisa!

Com grande fadiga, carregando nas costas tôdas as coisas, me arastei pela abrupta costa para fora do bosque e achei o Chamacoco que, estendido molemente nas densíssimas e suaves ervas, estava dormindo gostosamente.

Menos mal!

Havia cortado dois ou três *namocolli* e uma boa provisão já estava pronta nas sacolas. Voltamos ao Nalique por um caminho direto e relativamente breve.

Encontrei Felipe, que já havia preparado a comida, conquanto agitado e impaciente pela minha volta, pois disse que a velha Cola tinha vindo me procurar de Etóquiya, onde um seu filhinho havia sido mordido por uma víbora.

Felipe tinha procurado entre as minhas coisas a seringa de Pravaz e o permanganato, com a intenção, em vista da minha ausência, de ir êle mesmo fazer as injeções. Mas não havia podido achar o instrumento; por felicidade!

Tive apenas o tempo de engolir a refeição e voltando a selar o boi que eu havia feito deixar prêso à corda, atirei-me apressadamente com todo o necessário, para Etóquiya.

No caminho me surpreenderam dez minutos de chuva que me molhou da cabeça aos pés. Mas o sol, que logo saiu, bem depressa me fêz secar a roupa.

Roupa é um modo de dizer, porque eu só tinha em cima de mim uma camisa e o pano vermelho em redor dos flancos e das pernas.

Para salvar a seringa e o permanganato os embrulhei no chapéu esfarrapado que já serve para todos os usos.

Mais para diante topei com um jovem e três mulheres que levavam uma carga de cana de açúcar para vender em Nalique.

E cheguei finalmente a Etóquiya.

Achei o rapazinho em excelente estado de saúde. Ao que parece não deve ter sido uma víbora que o mordeu no pé, porque êste não estava nada inchado e a própria dor já cessara. Terá sido a picada de qualquer inseto inócuo.

Tudo se reduzira a um grande mêdo e não houve necessidade dos meus cuidados.

Tanto melhor, porque de outra forma não teria chegado a tempo.

Assim fiz boa figura sem abalar-me ao risco de um insucesso. Até agora tôdas as minhas curas médicas tiveram bom êxito; é preciso não diminuir a minha fama tão bem adquirida e estabilizada.

A aldeia de Etóquiya, posta em posição muito bonita, cêrca de uma légua ao sul de Nalique, é composta de uma única cabana grande não muito bem conservada, sob a qual vivem quatro ou cinco famílias.

A razão pela qual, no momento, os frutos abundam aqui mais que em Nalique é que aqui as plantações não foram renovadas como lá, em seguida à transferência da aldeia para a nova sede.

A velha Cola me demonstrou muito reconhecimento pela pressa com que vim visitar seu filho, e me quis acompanhar a Nalique.

Carreguei a cana de açúcar que ontem Felipe não havia podido levar e, tendo feito a velhinha montar no boi, voltamos para casa.

Para os meus pés nus a estrada foi um pouco longa e as ervas me cortaram a pele das pernas, que por fim me ardia bastante. Mas tudo passa neste mundo e a tudo a gente se habitua com um pouco de boa vontade.

Como retribuição da costumeira distribuição de canas de açúcar aos amigos, tive hoje, da sogra do Capitãozinho, belas raízes de mandioca.

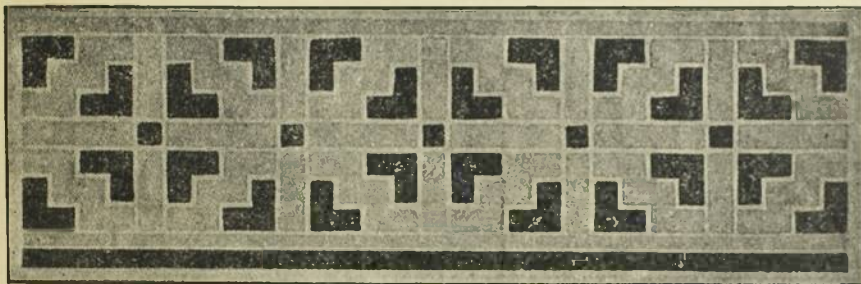


FIG. 77

2 de março.

Jornada de absoluta vadiação.

A manhã passou com tempo incerto; mas durante tôda a tarde o céu permaneceu coberto e chuvoso.

À noite voltaram do Aquidabã os dois bois carregados de belíssimas abóboras.

Certamente uma parte devia ser destinada a mim, se combinara; mas afinal de contas os proprietários dos bois tomaram tudo sem ocupar-se de outrem.

Só tive três abóboras *como presente*.

Menos mal!

Quando vier Antônio Alves acertarei a coisa.

3 de março.

Coisa insólita: esta manhã um denso véu de névoa cobria todo o campo em derredor, mas veio o sol que, ardentíssimo, em breve a dissipou tôda.

Felipe foi a uma partida de pesca, ao passo que eu voltei à aquarela começada anteontem.

Quando terminei de trabalhar, dei uma volta pelo bosque no fundo do valezinho.

Que coisa encantadora! As plantas de etchate lá abundam de modo extraordinário e são tão belas como nenhuma planta vi igual. Seu tron-

co, fortemente rugoso, é com muita freqüência recoberto de verdes musgos aveludados, e nos interstícios deixados pelas velhas fôlhas caídas surgem cepos de orquídeas ou variadíssimas fôlhas de feto de tôda forma e tamanho.

A água do riachinho é clara e fresca e murmura baixo escorrendo sôbre um leito pedregoso que, pela transparência, sempre pode ver, e lá se vislumbram numerosos peixes.

Entre as fôlhas verdíssimas das palmeiras e lianas estranhas voam ligeiras grandes borboletas azuis, mais belas que o mais belo azul safira. E de quando em quando, assustados com o rumor novo, os pardos morcegos saem voando rapidíssimos do seu escuro esconderijo e fogem loucamente como fantásticas aparições.

O sol com dificuldade consegue penetrar neste reino do verde e lá imprime a sua nota brilhante e dourada.

Ó vós artistas que suastes tanto ao procurar no vosso estéril cérebro linhas novas, formas elegantes, coloridos ideais para as vossas telas, em tôrno das quais depois gastais tanto ardor como se tivésseis feito grandes e belas coisas; vinde, vinde aqui e envergonhai-vos da vossa presunçosa nulidade.

Vinde aqui e mandai ao diabo tôdas as vossas loucas teorias sob as quais mal se esconde a impotência dos vossos cérebros transviados.

Vinde aqui e olhai, e depois voltai às vossas invenções se ainda tiverdes coragem!

Perto do meio-dia Felipe ainda não voltara para casa.

O céu, completamente anuveado, anunciava chuva. Com efeito, começou a trovejar, depois a chover, primeiro devagarinho, depois torrencialmente.

No mais forte do furacão chegaram os pescadores que pareciam, êles também, peixes mal-saidos d'água. Mas a pesca havia sido abundante; portanto não se fêz caso do banho. Choveu assim até o pôr do sol.

E os caçadores? Como se arranjarão com tal dilúvio?

Começo sèriamente a temer pelo êxito comercial da expedição!

4 de março.

Esta manhã, mau grado a incerteza do tempo, fui novamente trabalhar na aquarela.

Pouco, porém, pude fazer, porque uma hora depois começou a chover, de modo que tive de empacotar tôdas as coisas à pressa e ir-me.

Cessou de chover, mal estive sôbre a sela, e tive a sorte de chegar em casa enxuto.

Mas daí a pouco recomeçou e choveu durante todo o dia.

Ao escurecer veio de novo a minha... senhora. Parece intencionada a ficar alguns dias.

Farei o possível!

5 de março.

Pensei bem, ou mal que seja, em contratar com os senhores da escravinha chamacoco para que esta fique comigo por todo o tempo que permanecer aqui ainda. Depois de negociações assaz longas consentiram, mediante pagamento antecipado de uma dezena de metros de pano de algodão, de alguns lenços de côres vivazes e de outras pequenas coisinhas de pouca importância. Pelo que, de hoje para diante estou casado... até novo aviso.

Meu pensamento vai para Mme. Chrysanthème de Pierre Loti; mas que diferença entre os japoneses e os Caduveo! Aquêles, industriais, delicados, cheios de gentileza e de refinamento; êstes primitivos, grosseiros e pouco escrupulosos.

Se, porém, não se pode compará-la àquela, esta não é menos bela de formas e talvez artisticamente ainda mais bela. É formada como uma estátua e bem contente ficaria um artista de ter modelos semelhantes a ela. Tem dois belos olhos vivacíssimos e mãos e pés beíssimos.

Quanto ao caráter, não posso dizer muito, mas é alegre e ignorantíssima de tôdas as coisas, o que não prejudica em absoluto. Um belo móvel, em suma.

Estando o tempo ameaçador, em vez de ir trabalhar, encangado o boi fiel dirigi-lhe os passos para o caminho que conduz ao Retiro.

Chegamos a um valezinho todo verde e florido, com bosquetes isolados cá e lá, graciosíssimos.

Um belo coqueiro tinha pendente dois bonitos cachos de frutos. Com a faca cortei a árvore pelo pé, derrubando-a com grande fragor. Trabalho inútil, porém, porque os frutos ainda estavam muito azedos.

Vendo outra planta que parecia em boas condições para extrair-lhe a pôlpa, aproximei-me dela com a intenção de cortá-la. Má idéia, porém, porque em dado momento senti uma agudíssima ferroada num braço. No tronco se havia estabelecido uma numerosa família de abelhas amarelas, e aí de mim se não me tivesse logo retirado ao primeiro aviso!

Abandonei mais que depressa a planta e o bosquete e fui a outro de que saía um riachinho.

Lá achei muitos pés de etchate sem frutos maduros e muitos pés de *namocolli* de tronco bojudo. Abalancei-me a abater uma, o que me custou não pouca fadiga, sendo o tronco grosso e espinhosíssimo e o terreno recoberto de plantas de caraguatá, cujos espinhos, a cada movimento meu, me laceravam as pernas e os pés nus.

No fim caiu a planta que prometia uma boa colheita. Mas eu estava destinado às picadas venenosas; pois pendurado a uma das folhas havia um grosso ninho de vespas que não observara e, furibundas, me assaltaram de todos os lados.

Uma me punziu numa bochecha e outra numa pálpebra. Joguei-me ao solo para que se acalmassem e depois recomecei, com grandes precauções, o meu trabalho.

Pouco prático no manejo do machado, a cada momento me arriscava a ferir-me nas pernas.

Depois os espinhos me atormentavam atrozmente.

Estendeu-se por longo tempo êste trabalho penoso, mas finalmente, bem ou mal, consegui extrair a pólpa que me pareceu excelente.

Já não tinha vontade de extrair a outra porque, entre as vespas que rondavam sinistramente em tórno, e os espinhos da palmeira e do caraguatá que me haviam reduzido à miséria os pés e as pernas, me passara tôda vontade de continuar naquele trabalho.

Carreguei o *namocolli* nas sacolas e, montando novamente na sela, tratei de voltar.

O tempo, entrementes, mudara totalmente e agora o sol esplendia.

Cêrca das quatro horas, porém, quando quis começar a pintar uma vistazinha da aldeia que havia preparado ontem a lápis, levantou-se de repente uma furiosa tempestade que me obrigou a abrigar-me imediatamente em casa.

A jornada terminou com um esplêndido arco-íris como jamais me recorde de ter visto igual.

Era primeiro um grande círculo quase completo, de côres vivacíssimas; depois se seguiram logo da parte interna, unidos ao primeiro, outros dois círculos de côres mais débeis e proporcionalmente baixando para o centro em grandeza e intensidade.

Depois, mais distante, de fora, um outro grandíssimo arco de côres muito luminosas.

Para fazer alguma coisa copiei o desenho que a minha esposinha tem na cara.

É o mais original e complicado que eu tenha visto até agora. Verdadeiramente não me pareceu que o deixasse com muito prazer, mas não fiz muito caso das suas desconfianças, valendo-me dos direitos de marido, ainda que provisório, e continuei, embora apressadamente, a desenhá-lo até que tive os dados de que precisava.

No mais forte da carga d'água chegou de Etóquiya a velha Cola trazendo-me como presente uma carga de mamões.

Pobrezinha! está tôda grata pela minha visita de ontem.

6 de março.

Hoje choveu durante quase todo o dia. Viu-se um ponto de sol à tarde. Estas chuvas contínuas me dão muito que pensar sôbre a sorte dos caçadores que, pobrezinhos, mau grado tôda a sua boa vontade, se acharão na impossibilidade de caçar.

Depois de tudo, porém, não posso pelo menos observar que, se todos os anos chove assim durante a atual estação, esta região se acha em

condições excepcionalmente favoráveis, pois que, chovendo quase sempre no mais forte do verão, o ardor do sol fica mitigado e a vegetação sempre regada se desenvolve com grande vigor e não é queimada, como em outros lugares, pela seca.

O inverno, pois, deve ser realmente delicioso.

Devia ter esperado ainda um par de meses para vir aqui; as coisas, comercialmente, teriam andado de outro modo. Mas o juízo posterior... com aquilo que se segue. Se fôr possível voltarei mais tarde.

Quando cêrca das quatro horas me pareceu tivesse definitivamente cessado de chover, pus-me a aquarelar o esbôço da aldeia preparado ontem.

Mas só havia dado umas poucas pinceladas que logo recomeçou a chover.

Por duas vêzes as minhas tentativas falharam.

Depois do jantar tentei novamente a prova e dessa vez não choveu, mas em compensação uma nuvem de pequeníssimos mosquitos me assaltou, martirizando-me sem piedade. Não me dei por vencido, porém, e continuei no meu trabalho que só abandonei quando houve falta completa de luz.

Fiz uma descoberta: que os Caduveo conhecem, pelo menos em embrião, a arte da estampa. Certo!

Usam por vêzes pintar o corpo até a cintura, revestindo-o de pequenos ornamentos repetidos até o infinito. Não podia compreender como tivessem tanta paciência de repetir tantas vêzes o mesmo hieroglifo com tamanha precisão.

Hoje, por acaso, entre os trens de uma das minhas amigas achei um pedacinho de pau enegrecido por longo uso, sôbre o qual estava esculpido um pequeno sinal ornamental.

Tendo observado com quanta atenção eu o olhava, explicou-me para que servia. Tingindo o relêvo com a habitual tinta de que se pintam, aplicam-no sôbre a pele como se fôsse um sêlo e fica a impressão estampada, que repetem quantas vêzes querem.

Comprei-o; e pouco depois me trouxeram outro (44) muito mais interessante e o comprei também. Este último tinha sôbre quatro dos seus seis lados quatro desenhos diferentes um do outro.

7 de março.

A bela esposinha, tendo-me pedido e obtido licença, foi a Etóquiya passar o dia.

Ontem à tarde viera o senhor pedi-la para não sei que trabalhos importantes para os quais tinha necessidade de ajuda, prometendo-me que voltaria no dia seguinte.

(44) Desgraçadamente também estes dois objetos interessantíssimos se perderam com os outros que continha o baú perdido (N. do A.).

Mas mais tarde vim a saber, como de resto já andava suspeitando, que não passava de um fingimento para roubá-la conservando a bom mercado o pagamento feito e os presentes recebidos nestes dois ou três dias.

Esta má fé não me espantou em absoluto, tanto mais que soube ser o senhor da escrava um velho Chamacoco que já foi escravo, tornado livre, ladrão e mentiroso como nenhum outro.



FIG. 78

O tempo estêve chuvoso durante a manhãzinha e lentamente foi melhorando até restabelecer-se quase completamente noite alta.

Cêrca das quatro da tarde começaram a chegar de volta os caçadores.

E é costume dos Chamacoco mentir: a mentira é entre êles de tal forma em uso que ninguém mais faz caso disso. O mais interessante é que a êste defeito se une uma extraordinária credulidade, de maneira que, estando sempre prontos a acreditar em qualquer lorota que lhes seja contada, caem vítimas êles mesmos do seu defeito capital.

Portanto, para que não acreditassem que eu era como um dêles, mandei Felipe a Etóquiya dizer que eu sabia perfeitamente a traição feita, mas que por ora não me preocupava com isso. Não me esquecerei, porém, e um dia ou outro a ocasião se me apresentará para me vingar, de modo a fazê-los arrependêr-se da sua má fé, a menos que se decidam a devolver a senhorita infiel e a manter o pacto estabelecido.

Não que eu acreditasse um só momento na possibilidade de que fizessem caso desta última condição, mas para lhes dar a entender que eu preferia viver em paz com todos, disposto sempre a perdoar, contanto que se remediasse o mal feito.

Como eu esperava, Felipe voltou à noite sem ter concluído nada, salvo a restituição de alguns pequenos objetos de minha propriedade que a esposinha havia julgado bem levar com ela na última hora. Não se falou mais nisso.

Veio o Capitãozinho, que me deu notícias nada boas sôbre o êxito da caça. Tendo chovido quase sempre, haviam achado a campina inundada e quase intransitável. Puderam matar poucos cervos e dos meus devedores poucos são os que tiveram alguma sorte.

Até agora só pude resgatar dos caçadores cinco cervos. Quando chegarem os outros, talvez possa recolher mais alguns. Pelo menos o suficiente para não voltar de mãos vazias.

Continuei a pintar esta tarde ao pôr do sol; mas o crepúsculo é tão breve que mal se pode ter uma meia hora dêsse efeito, e é logo noite escura.

Pinto com verdadeiro prazer agora, tomo isso por bom indício depois de tanto repouso quase forçado, e espero, a seguir, poder fazer três ou quatro quadros, com os quais retornaria decorosamente à pátria e mostraria que na América todo o meu tempo não foi perdido.

8 de março.

Esta manhã, acompanhado de Felipe, voltei ao bosque dos *etchate* e fiz um bom trabalho, só interrompido por dez minutos duma chuvinha que não me fêz dano.

De uma das palmeiras, sôbre a qual subi valendo-me das lianas que a enroscavam, colhi um bellissimo pé de orquídeas com uma flor verde que no Paraguai chamam de *Casco Romano*. Ao arrancar do tronco da palmeira esta plantinha, perturbei um ninho de formigas que saíram furibundas a cutucar-me as mãos com um ferrão venenoso que têm como as abelhas.

É, realmente, verdade que não há rosas sem espinhos!

Tivemos hoje tempo relativamente bom, salvo duas ou três tentativas de chuva.

Pude completar o esbôço do pôr de sol ⁽⁴⁵⁾.

E enquanto estou escrevendo sopra forte um vento frio e os relâmpagos ameaçam temporal ao longe. Esperamos que se dissipe antes de chegar aqui.

Também o belo Uililli voltou da caça; mas com as mãos completamente vazias.

(45) Vide fig. n. 33 (N. do A.).

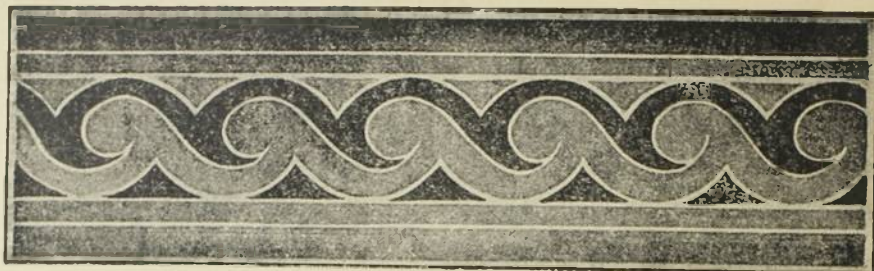


FIG. 79

9 de março.

Que jornada a de hoje!

Também voltou Joãozinho com a sua gente, a parte masculina da aldeia está completa novamente. Poucos garrafões de pinga trocadas pelos poucos couros trazidos encheram de alegria e embriaguez êstes malucões, e estamos de novo às voltas com festas.

Por quanto tenho observado até aqui parece que os Caduveo gostam de fazer exibição de grandiosidade e generosidade, mal se achem em condições de fazê-lo.

Não gostam de embriagar-se egoisticamente sòzinhos; precisam para tanto de boa companhia; parece-lhes necessário que todos saibam que tal individuo está em condições de oferecer aos amigos o prazer imenso de tomar uma solene bebedeira; que se cante, se dance alegremente, se faça rumor; que os garrafões de aguardente de que dispõe sejam esvaziados com tôda cerimônia e com grande pompa; que a memória do festim dure longamente e o anfitrião chegue a superar, com a sua generosidade e o esplendor da sua festa, as festas anteriores.

À parte o meio de que se servem para manifestar esta sua mania, meio assaz miserável na verdade, e que já se tornou o seu ideal, a única meta de tôdas as suas aspirações, é um fato inegável que esta tendência ao luxo, à pompa, ao amor pela generosidade suntuosa que se revela em meio de tôda sorte de defeitos, de cada ato seu, é uma qualidade assaz notável e boa e os distingue de modo absoluto entre tôdas as tribos selvagens com que os Caduveo estão em contacto.

Além disso, parece ser êste um indício inegável da civilização anti-quíssima de que creio sejam derivados os seus costumes; civilização que, tendo atingido um grau altíssimo na época da conquista, graças precisamente a esta e devido em parte às infâmias dos primeiros conquistadores, se foi pouco a pouco degenerando até se reduzir aos mínimos avanços que se percebem nos costumes dos Caduveo e de outras tribos de hoje.

Um estudo mais acurado e vasto do que aquêle que nas presentes condições me é dado fazer sôbre esta tribo e outras que a esta se assemelham conduziria certamente a descobertas interessantíssimas e poder-se-iam recolher dados numerosos e seguros sôbre que basear uma reconstrução dos usos e costumes dos Incas.

Seriam necessários, porém, anos de paciente trabalho e sacrifício; seria preciso viver longamente com esta gente, estudar e assenhorear-se primeiro de toda a sua língua, a fim de entender as lendas, compreender as suas idéias sobre coisas da vida e as suas crenças e superstições, sem cansá-los com perguntas apressadas e insistentes que lhes poderiam parecer suspeitosas e indiscretas e das quais não chegariam a compreender o escôpo e a importância.

Mas nestes poucos dias, incerto sempre, se fico ou se me vou, bem pouco posso fazer além de anotar diariamente as minhas observações, as quais ficarão seguramente incompletas, sendo impossível que a minha demora no Nalique não termine dentro em breve.

Voltarei? Não o sei, mas desejo-o ardentemente.

Hoje a festa teve o seu centro, ou melhor o seu ponto de partida, na casa de Francisco Tereno.

Pela madrugada me despertaram com alguns tiros de fuzil.

Era a salva anunciando que a festa estava para começar.

A gente da casa de Francisco já se preparara com farrapos, vestida para a festa e, enquanto o patrão e a patroa limpavam a casa e preparavam os couros para receber os convidados, os escravos, vestidos festivamente, compenetrados da alta missão que lhes incumbia, andavam de casa em casa a levar aos amigos o convite cerimoniosamente.

Éstes que, impacientes, não esperavam outra coisa que esta formalidade da etiquêta, sendo de uso não demonstrar o seu desejo antes de receber o convite formal, logo, tirados para fora os melhores trajes, vestiram-se e trataram de seguir para a casa do anfitrião.

Se tivessem escutado o impulso do seu instinto vicioso, em lugar de caminhar compostamente, como pessoas chamadas a uma grave reunião de salvadores da pátria, ter-se-iam precipitado sem tantos cumprimentos.

Mas era preciso salvar as aparências e refrear a vontade.

Um a um, depois de haver saúdado os hóspedes, iam sentar-se, os principais sobre o girau ao lado de Francisco, e os de menor importância sobre couros estendidos por terra diante da cabana.

As mulheres formavam um grupo à parte com a patroa, sobre um girau vizinho.

De todos os pontos da aldeia chegavam os convidados ao amplo terreiro inundado de sol.

Algumas mulheres, chegadas a uma centena de metros da casa, começaram a cantar as suas nêrias com voz nasal e estridente, aproximando-se a passo cadenciado, e reunidas puseram-se a cantar e a dançar enquanto tiveram fôlego.

A mulher de Francisco reuniu-se a elas, bailando e cantando com grande entusiasmo.

Havia uma, entre as outras, velha e muito gorda. O esforço de cantar e os movimentos obrigatórios do baile e o ardor do sol, que ardia gloriosamente sobre aquela algazarra, faziam-na suar enquanto ansiava

de fadiga, e a sua cara rubicunda, pintada de vermelho, luzia como uma lua cheia nascente.

Teria feito rir se não tivesse causado piedade.

Eis mais ou menos o seu canto:

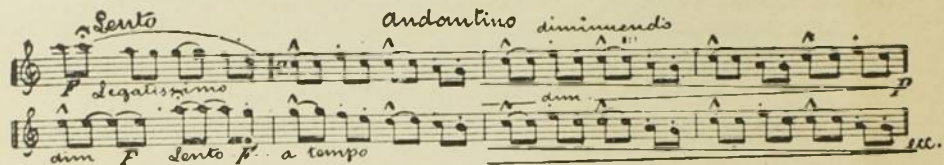


FIG. 80

E, enquanto cantavam, caminhavam para diante e para trás num pequeno passo a tempo com o canto, bamboleando o corpo para a frente e movendo o braço com as mãos estendidas e reunidas, as palmas para baixo, no ato quase de recolher alguma coisa que nunca conseguiam aferrar.

A mãe de Uililli, um pedaço de mulher alta como um granadeiro, dançava de outro modo enquanto cantava com voz estentórea a mesma música, mas por própria conta, cada uma independentemente da outra, sem cuidar de acôrdo, nem de entonação, nem de tempo.

Andava serpenteando e mudando de direção a cada quatro ou cinco passos; dobrava o corpo e a cabeça de um lado, enquanto levantava para a frente o braço oposto e colocava o outro para trás.

Entre as cantoras, uma das mais notáveis era a sogra do Capitão-zinho, uma velha enxuta e simpática, cujos cabelos começavam a branquear. É uma das minhas melhores amigas, seja dito entre parêntesis, e está entre as mais influentes e respeitadas mulheres da tribo.

No meio do barulho da festa, que chegara ao auge, realizou-se uma cerimônia estranha, de que não pude compreender o escôpo e o significado. Algumas das principais mulheres seguidas das suas escravas, tôdas em grande toilette, e trazendo em procissão certos paus entalhados na parte superior com figuras simbólicas e revestidos na parte inferior, lisa, com uma espécie de fôrro de pano vermelho recamado de pequenas contas brancas e azuis e uma almofada em forma de rôlo, diminuindo para as duas extremidades, também recoberto de pano vermelho recamado de pequenas contas brancas e azuis, partiram em boa ordem da casa de Francisco e, atravessado todo o terreiro, foram levar estas insígnias ao outro extremo da aldeia, não sei bem a qual das cabanas.

Interessado na festa e não confiando em deixar sós as minhas coisas nestes momentos de embriaguez geral, a prudência não sendo nunca exagerada, mesmo pela própria segurança, não segui a procissão, que passou diante da minha casa e a vi perder-se longe, como uma brilhante visão, rebrilhando ao sol, de luz e côr. Quando tudo tiver voltado ao estado normal quero pedir notícia para saber a que corresponde tal cerimônia, a qual pode muito bem ter alguma conexão com a festa de hoje.

Entrementes o licor fluía dos garrafões e era distribuído com muita ordem aos convidados.

As conversas, primeiro tidas em voz baixa, se foram pouco a pouco aumentando. Ria-se, palavra-se, gritava-se, e o rumor tornou-se pouco a pouco ensurdecedor. A pinga, que se ia rapidamente exaurindo, começava a fazer efeito.

Alguns não se regulavam mais, nem mesmo para sentar-se, e rolavam ternamente sobre os vizinhos. Os servos que os traziam de olho, sem beber, — eles, pobrezinhos, não são admitidos à alegria da embriaguez, — os sustinham e ajudavam e, quando os viam ter chegado ao extremo limite da beatitude, pegavam sob o braço os seus senhores ou, se não podiam caminhar, os levantavam e levavam para as suas casas. Outros, mais resistentes, iam sozinho cambaleando, depois de haverem saudado os hóspedes. E ficaram sós, finalmente, os privilegiados a sorver o último fundo dos garrafões.

A algazarra terminou com exaurir-se o licor.

Todos agradeceram ao anfitrião e se foram, deixando em tranqüillidade a casa que haviam pouco antes enchido da mais desenfreada animação.

Porém não terminaram, pois que lá longe, no extremo limite da aldeia, parece que a festa continuava e talvez houvesse ainda algum resto de pinga; ouvia cantar e vozear e toda gente se dirigia para aquêle lado.

Não duraram muito, contudo, aquêles cantos. Vê-se que havia pouco *elemento*...

Eu o esperava! Justamente quando tudo parecia acalmado, veio o Capitãozinho acompanhado do marido de Ináguina oferecer-me uma novilha em troca de um garrafão de pinga.

Primeiro levantei dificuldades, mas depois, refletindo que havia três dias estávamos sem carne e só comíamos feijões e abóboras, pensando ademais na necessidade de me abastecer de carne para o resto do tempo que ainda terei de permanecer aqui e para a volta, e calculando que além de tudo isso terei um bom couro que por si só me compensará de quase todo o valor do garrafão, por fim cedi e aceitei o contrato.

E assim a festa, que já estava nas últimas gôtas, recomeçou belamente de novo, mais que nunca brilhante e entusiástica, mas tomou um novo aspecto e tornou-se para mim bastante interessante.

Improvizou-se um grande torneio de pugilato, como aquêle de algumas noites atrás em que tomaram parte as crianças.

Desta vez, porém, os combatentes eram os grandes, mulheres inclusive, e entre estas também a mulher do Capitãozinho.

Por um sorvo de aguardente, dado no fim de cada assalto a cada um dos combatentes, foram distribuídas novas punhadas na cara, dadas com desenvoltura e muito vigor. Não poucos olhos, mãos e bôcas saíram machucados e lívidos, e sangue foi derramado.

A bela rainha recebeu no primeiro assalto uma vigorosa punhada que a pôs logo fora de combate. Foi imediatamente socorrida e cercada pelas amigas, as quais conseguiram bem depressa consolá-la. A pobrezinha, que é toda graça e gentileza, teve como adversária uma robusta mulherona, desproporcionadamente mais forte.

Que podia fazer a pobrezinha com aquelas mãozinhas de pulso tão fino?

O ôlho se lhe inchou e ficou fechado durante algum tempo, e com o outro me olhava com ar mortificado, quase envergonhada de se ter mostrado tão débil.

João, filho de Francisco Tereno, deu uma bela punhada no nariz do adversário, que sangrou por mais de meia hora.

De Etóquiya veio também Nequá, um pedaço de homem forte como um touro. Côncio da própria força, saiu com ar impudente e provocador no meio do círculo; ninguém, porém, tentava medir-se com êle. Finalmente se pôs à sua frente Sabino, que é também forte e assaz robusto.

O jôgo se tornou, assim, muito interessante, embora tivesse algo de bárbaro. Mas que se poderia reprochar a êstes selvagens quando os inglêses e os americanos do norte se deliciam com jogos tão bárbaros quanto êste e quando os espanhóis mantêm e são loucos pelas corridas de touros?

Portanto Sabino adiantou-se: todos estavam ansiosos e previam o resultado. No primeiro assalto Nequá assestou tal bofetão ao adversário que o pobre *doutor* foi ter de pernas para o ar ao meio da arena. Mas levantou-se e furioso com a vergonha sofrida, mostrou-se animoso a novo encontro com o inimigo.

Pam! outra punhada que ressoou em tôda a esplanada e outra cambalhotada de Sabino.

Devia ter a casca bem dura para que o outro ainda não a tivesse rasgado! Nada, reergueu-se... e caiu por terra como nas duas primeiras. Então foram separados e quem recebeu devia recebê-lo.

Dêsse modo chegou-se ao fundo do garrafão.

Insistiram para que lhes desse outro, mas recusei terminantemente, parecendo-me que, na marcha em que iam, teriam dado cabo das minhas provisões, trazendo desagradáveis conseqüências para êles e para mim.

Só tive de dar ainda uma garrafa ao Tenente, depois de viva insistência do Capitãozinho que, um pouco tocado êle mesmo, se tornara um tanto impertinente.

Depois dessa tornou à carga, insistindo muito, e me vi atrapalhado porque aos seus pedidos, feitos em tom um pouco ameaçador, me vi obrigado a responder negativamente com franqueza e ao mesmo tempo com muita prudência para não irritá-lo e não ceder.

Mas, por sorte a coisa passou sem mais amolações e fiquei bem contente de me ter livrado a tão bom mercado.

Durante a festa me ocupei com pintar vários desenhos.

Interessou-me especialmente o cinto de uma menina que amanhã copiarei ⁴⁶. Quis comprá-lo e me pediram por êle 6.000 réis, cêrca de 15 liras.

Pareceu-me um pouco caro, visto especialmente que queriam dinheiro por êle. Procurei obtê-lo a melhor preço.

(46) Vide figura n. 85 (N. do A.).



FIG. 81 — Jovem Caduveo.



FIG. 82

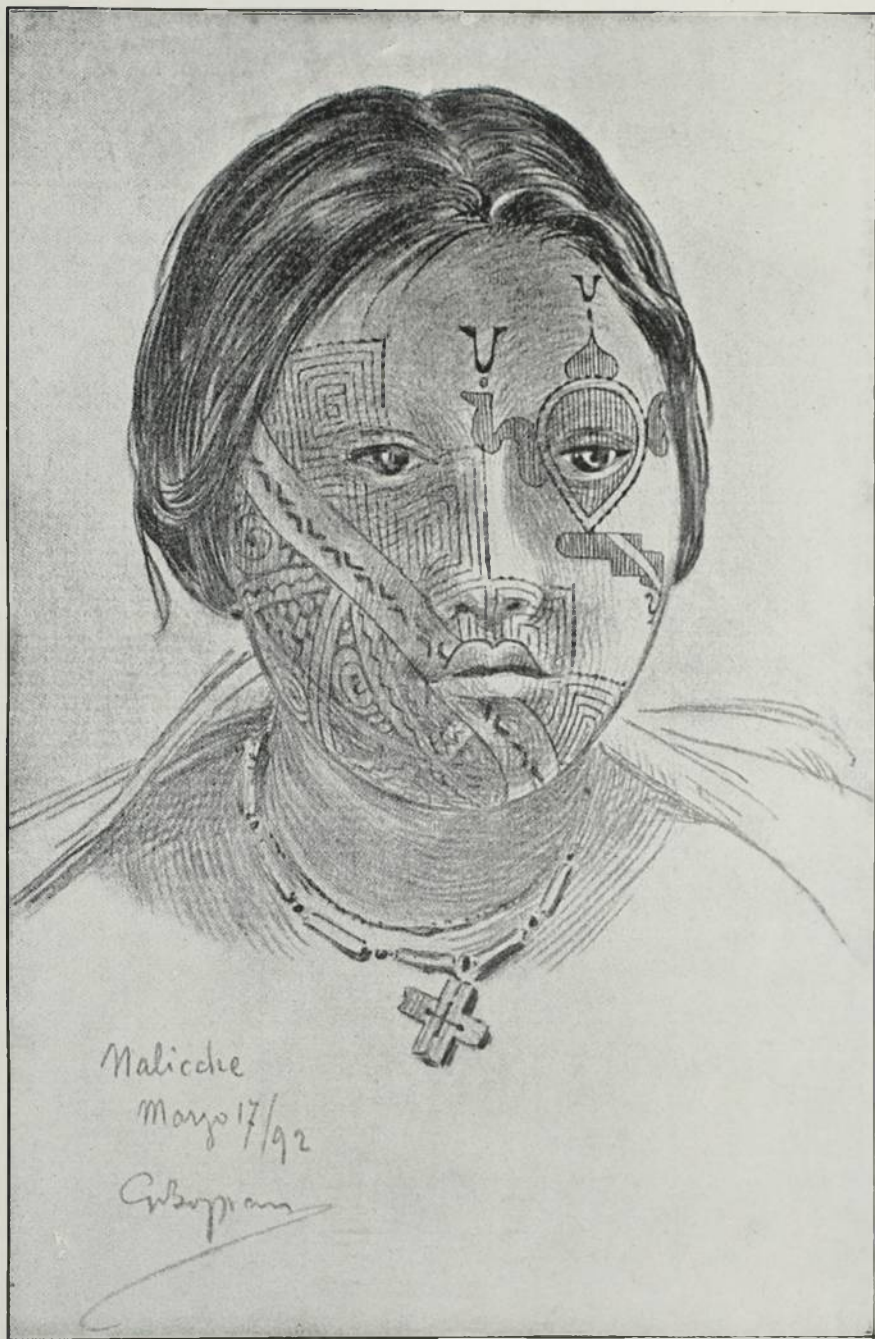


FIG. 83 — A cunhada de Joãozinho

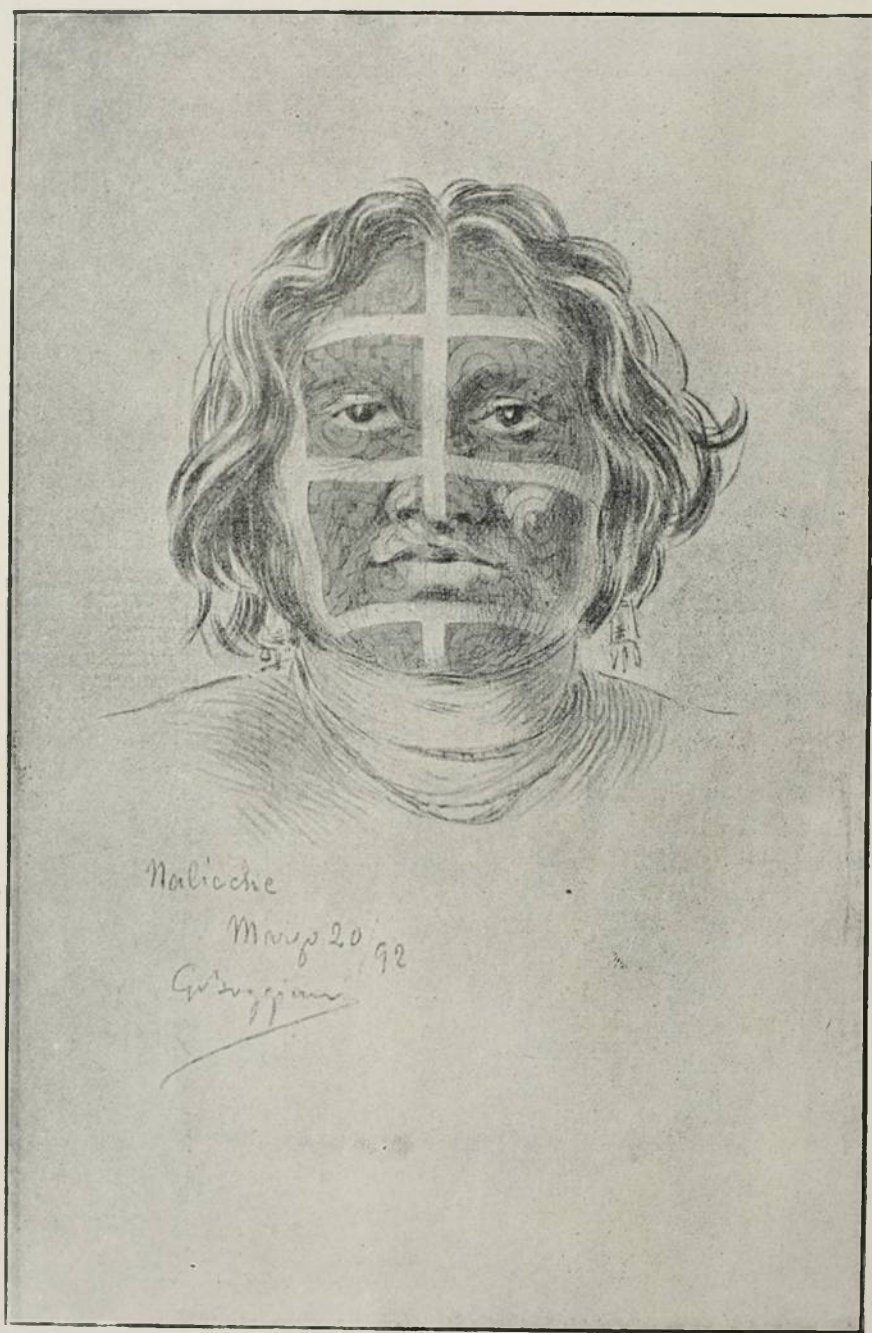


FIG. 84 — Mulher de Etóquiya.

Perto da noite o Capitãozinho voltou ao assalto e me estorquiou ainda uma garrafa de pinga.

Em seguida me vi rodeado por uma quantidade de amigos e amigas, cada um mais afetuoso do que outro. Trouxeram-me um couro de veado e me pediram um copinho de pinga em troca. Tive escrúpulo de pagar tão pouco e dei-lhes duas vêzes o que pediram, com grande contentamento seu.

Depois se puseram a me falar em caça, em cervos e em couros, fazendo grandes projetos que, segundo êles, deveriam enternecer-me e por conseguinte induzir-me a destacar outro garrafão para compensá-los das suas promessas.

Pobrezinhos!

Pensando novamente no torneio de hoje, espantei-me de que aquêles murros dados e recebidos com tanta desenvoltura não produzam sérios dissabores entre os contendores. Tudo se passa lisamente e, ao que parece, depois daqueles sonoros bofetões todos voltam a ser amigos como se nada houvesse acontecido...

Estava justamente escrevendo estas considerações sôbre a mansidão do caráter dos Caduveo e estava para acrescentar que nunca sucedem rixas ou ferimentos quando, — vêde que contradição — exatamente naquele momento, duas gravíssimas rixas aconteciam.

Um ir e vir de gente afanosa e um falar baixo me fizeram compreender que algo de grave sucedera.

Felipe me veio dizer que Sabino estava ferido gravemente no costado. Não lhe queria acreditar porque não tinha ouvido nenhum grito que tivesse podido indicar que uma coisa tão grave estava sucedendo.

Mas, como Felipe insistia em assegurar-me que Sabino havia sido deveras ferido gravemente com uma facada e estava muito mal, fui eu mesmo verificar o que havia de verdadeiro, e com efeito encontrei Sabino sôbre um girau, pálido, sustentado por algumas mulheres.

Tinha uma ferida de faca sob o braço direito; a faca, escorregando na costela, devia ter penetrado até o pulmão, porque, embora não em grande quantidade, Sabino lançava sangue pela bôca.

Estava, porém, plenamente em si e creio que se salvará com alguns dias de repouso absoluto. Mediquei-o o melhor possível e voltei para casa.

Encontrava-me tagarelando com Felipe e Tamúdri, filho da velha Cola, com ela em servidão sob Nequá, e via que êste último estava muito inquieto e tratava de escutar atentamente. Eu não ouvia nada de anormal, mas em dado momento Tamúdri nos deixou e se dirigiu correndo para a parte posterior da cabana. Era já noite escura e parecia que tudo estivesse tranqüilo, pelo que, não conseguindo compreender a inquietude do Chamacoco, segui-o para ver o que sucedia. Mal chegara fora, vi um homem vir correndo ao longo das cabanas e, com passo pesado, passou ofegando em silêncio diante de mim, a certa distância, de modo que só o pude reconhecer pelas calças negras e a camisa branca, ao clarão da lua.

Era Nequá.

Correu fugindo, até sair da aldeia e perder-se na escuridão em direção a Etóquiya, sem dizer uma palavra e sem que ninguém o seguisse.

Por que esta fuga precipitada? Ainda tinha nos ouvidos a sua respiração afanosa, como de pessoa cheia de susto. Portanto, alguma coisa de grave devia ter acontecido.

Pouco depois vi outras pessoas da aldeia, armadas, correr para o lado onde Nequá havia desaparecido.

A aldeia estava em grande fermentação, mas notava-se como todos se esforçavam em evitar da minha parte toda inquietação, e me quisessem assegurar que nada acontecera de grave, que estava tranqüilo, que não havia o que temer, etc. etc.

Por mais que perguntasse e fizesse perguntar a Felipe, não consegui saber mais do que isto:

Nequá, que tem um caráter prepotente mais do que se pode dizer, viera desde cedo, sabendo que ia haver bebedeira e parece ter formado o projeto de abusar da sua força para cometer qualquer malandragem.

Com efeito, não podendo fazer outra coisa, havia travado briga com Vicente, pretendendo que este, em ato humilhante, lhe tirasse os esporões que tinha nos pés, pois tinha vindo a cavalo.

Vicente que é, também êle, uma espécie de atleta, pequeno mas membrudo, tinha ousado recusar-se às pretensões de Nequá, haviam-se chocado e. . . não pude compreender se houve ferimento ou que outra coisa foi.

Feito isso é que Nequá fugira precipitadamente e para que fugisse é preciso dizer que se tivesse visto em bem sério perigo.

Amanhã se saberá mais alguma coisa.

Tive a boa idéia de dizer a Felipe que não se afastasse e dormisse ao meu lado; e embora não sentisse nenhum temor pela minha pessoa, carreguei as armas e as pus ao alcance da mão, na expectativa dos acontecimentos.

É estranho! Em meio da confusão de uma embriaguez geral, só, perdido no meio dos bosques, sem possibilidade de receber uma ajuda, da qual poderei ter necessidade de um momento para outro, à completa mercê desta gente que, meio selvagem e meio civilizada, é a pior que se possa imaginar, sinto-me tão tranqüilo como se estivesse em minha casa.

Não me passa sequer pela mente que me possam fazer mal.

As armas tenho-as vizinhas, mas antes com a idéia de defender Felipe e os outros, em caso de necessidade, que para minha defesa pessoal.

Dormi tranqüilamente até meia-noite; naquela hora o Capitãozinho, de volta de um passeio ou de qualquer visita insólita, veio para casa e tentou induzir-me a destampar outro garrafão. Estava tocado. Mas embora os momentos se tornassem assaz perigosos, respondi com uma terminante recusa.

Minha atitude dura teve ainda poder de incutir respeito; o *Rei* não ousou insistir e me deixou em paz. Voltei a adormecer quase imediatamente e não sonhei com nada de anormal.

10 de março.

Esta manhã choveu continuamente por longo tempo. Depois saiu o sol, embora não muito quente, acompanhado de forte vento, que durou todo o resto do dia.

Ainda cedo vi três ou quatro Caduveo armados dirigir-se para Etóquijs. Voltaram depois de muito tempo e logo um conciliábulo em voz baixa se organizou em torno de um dêles e do Capitãozinho, como para orientar-se sobre o que fazer, conhecidos os fatos.

Seguramente aquêles três ou quatro tinham ido buscar notícias sobre os efeitos da rixa de ontem à noite.

Por meio de Felipe pude saber que Nequá, aquêles que vi fugir tão precipitadamente, na rixa com Vicente ficara gravemente ferido. Quando Vicente se recusara a abaixar-se para tirar-lhe os esporões, parece que Nequá, na sua prepotência de homem de grande força, o havia ameaçado e insultado.

Então Vicente, prevendo as más intenções daquele maroto, havia pensado bem em defender-se, prevenindo-o, e agarrara uma faca justamente no momento em que o outro havia sacado outra que, *contra os regulamentos*, trazia escondida na cinta, vibrou-lhe várias facadas, das quais uma lhe rasgou o peito sob o mamilo esquerdo até por trás do costado, outra no braço e outra assaz grave na palma da mão, havendo Nequá aferrado a faca do adversário para defender-se.

Vendo-se ferido e sentindo o sangue escorrer abundante das feridas, na impossibilidade de resistir, fugira, passando por trás das cabanas, mas por desgraça sua, seja pela escuridão da noite, seja pelo afã e o susto que o cegavam e impeliam à

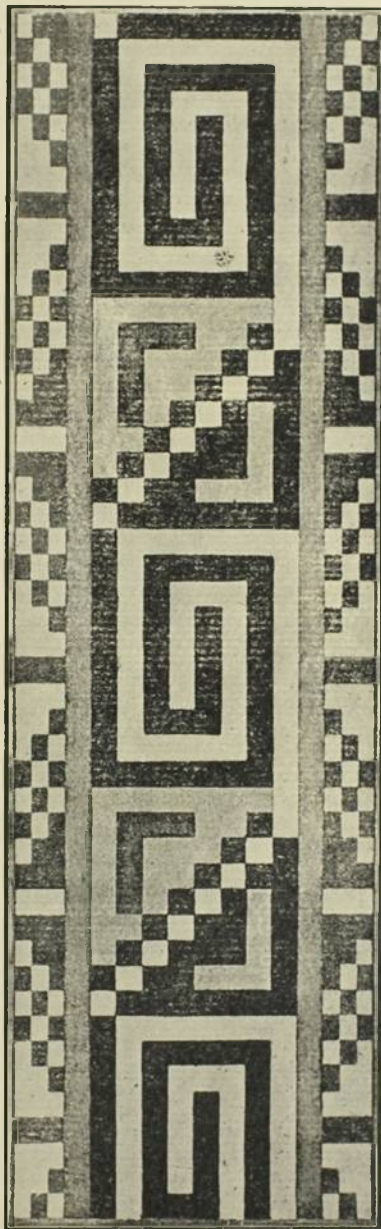


FIG. 85

precipitada fuga, temendo que o seguissem para acabar com êle, não viu um pau que se destacava de um teto e foi bater contra êle, de ponta, com o peito. Na violência com que ia, o golpe foi terrível. O pau o golpeou um pouco abaixo da grande ferida, entrou-lhe nas carnes, produzindo-lhe outro horrível ferimento debaixo do primeiro.

Mau grado isso, refez-se logo e, reiniciada a fuga, passou sem novas desgraças ao longo de tôda a aldeia, tendo ainda bastante energia para fazer todos os cinco ou seis quilômetros que separam o Nalique de Etóquijs e chegar à sua casa. Certamente Tamúdri devia ter-se reunido a êle no caminho e o ajudado.

Ao que parece, Nequá tinha vindo ao Nalique com a intenção de cometer qualquer bravata. Com efeito, tinha trazido escondida uma faca, *mau grado a proibição*, e Tamudri devia saber alguma coisa dos projetos do seu senhor, visto que antes mesmo que succedesse a rixa êle estava tão inquieto e parecia em expectativa dos acontecimentos que previa.

A propósito de *regulamentos* e de *proibições*, que frisei, deve-se saber que cada vez que há alguma festa e os vizinhos de Etóquijs vêm tomar parte nela, êstes primeiramente devem entregar tôdas as suas armas ao Capitãozinho ou a um dos principais da aldeia, que as guardam em lugar seguro e fora de alcance.

Esta louvável e notável precaução foi tomada para evitar desgraças do gênero daquela de ontem à noite, e adotada contra os de Etóquijs porque, segundo parece, são todos de caráter violento, agressivos e capazes de cometer delitos, o que se desejaría absolutamente evitar em Nalique.

Enfim, de uma fonte e outra, vim a saber que Etóquijs é uma espécie de domicílio obrigatório, no qual são relegados aquêles da tribo que demonstram ter caráter perigoso. Coisa notabilíssima que demonstra como uma certa organização de justiça existe entre os Caduveo.

A respeito de Nequá vim depois a saber várias coisas assaz interessantes.

Quando os Caduveo habitavam a aldeia ora abandonada, vivia entre êles, respeitado e veneradíssimo, um velho *Padre* (médico feiticeiro) que, além de estar entre os mais velhos da tribo, era tido em conta de grande santidade.

Um dia, em que se celebrava uma das costumeiras *festas*, apresentou-se Nequá que, embriagado, sem motivo nenhum de rancor, pegando uma maça de pau pesadíssima, deu um tremendo golpe na cabeça do velho padre, que caiu morto, no solo com o crânio despedaçado.

Ainda daquela vez Nequá conseguiu fugir.

Foi em seguida a êste assassínio que a aldeia foi abandonada e transferida para onde existe agora⁴⁷.

Os malignos dizem que o Capitãozinho aproveitou-se daquilo para anexar à sua roça, além das plantações menores que existiam em torno da aldeia, ainda o terreno da própria aldeia... Porém, más línguas as há por tôda parte, como gente invejosa de prosperidade alheia. É

(47) Vide dia 3 de fevereiro (N. do A.).

melhor, portanto, não insistir muito neste ponto. Se o fêz, tanto melhor para êle.

Nequá foi o primeiro marido da bellissima Lídia, filha de Nauwilo. Parece, porém, que a maltratava e levaram uma tal vida que sobreveio a separação e tanto êle como ela passaram a outras núpcias.

Nequá — eis como se explica em parte o seu caráter feroz e mau, e como vêm a confirmar-se as minhas idéias e observações sôbre os efeitos tristíssimos da mistura de sangue — é filho de uma Caduveo e de um Chamacoco.

Êste Chamacoco é um ladrão inveterado há tempo relegado em Etóquiya e é precisamente o que fêz comigo o contrato matrimonial tão bem mantido.

Uma família, em suma, bem dotada e que os Caduveo de Nalique, como gente ajuizada, prudentemente afastaram do seu convívio.

Outros indivíduos vivem em Etóquiya e, ao que parece, são todos da mesma estampa.

Aquela aldeia, em suma, é um verdadeiro antro de marotos.

Falando com o Capitãozinho sôbre o fato de ontem à noite, êste me disse que certamente quando Nequá ficasse curado das suas feridas viria vingar-se, matando alguém à traição.

Teria sido melhor que o tivessem acabado de matar ontem à noite mesmo, para afastar de uma vez daquele meio semelhante perigo!

Ainda hoje, a tôdas as minhas perguntas sôbre o que aconteceu ontem, os Caduveo procuraram sempre diminuir-lhe a gravidade, com o escôpo de evitar-me tôda inquietação, assegurando-me que não havia nada de grave e nenhum motivo para temor.

Êste seu afã de me tranquilizar, cousa de que não havia verdadeiramente necessidade, porque se eu pergunto é pelo só desejo de saber a crônica precisa dos fatos e de colhêr dados sôbre o seu caráter e hábitos, corresponde a um sentimento de amor-próprio muito interessante.

Quereriam que Nalique se conservasse puro de qualquer desordem dêsse gênero; quereriam conservar a fama de gente tranqüila, decente, civilizada e laboriosa.

E a êles causa enorme desprazer que, estando presente eu, um branco, um europeu que os honra, vivendo confiadamente só com êles, tenha sucedido um fato que poderia diminuir o seu bom nome.

Receiam êles que eu possa ao voltar dizer que aqui sucedem dessas coisas.

Pobrezinhos! é certamente um sentimento que honra o seu caráter.

Voltei duas vêzes a ver Sabino e o achei a caminho de melhora. Não lança mais sangue pela bôca. Aproximei-lhe os lábios da ferida com tafetá que depois cobri de fios e bandeí. Não sei que fazer-lhe mais ou melhor.

Não tendo ácido fênico, dei-lhe sal para que, com uma leve solução, lave de quando em vez a ferida para mantê-la limpa.

Que diferença de ontem para hoje!

Ontem cantos, gritos, uma alegria desenfreada por tôda parte.

Hoje, ao envés, um grande silêncio reina por tôda parte, fala-se baixo e a inquietação está pintada no rosto de cada um.

Haviam-me dito que um veado vinha tôda noite à roça de Vicente e lá causava muito dano, comendo o arroz novo e as fôlhas de milho. Felipe, quando foi buscar mandioca, também o havia visto.

Perto da noite lá fui, na esperança de dar um bom tiro. Mas lá estive duas vêzes inútilmente. O veado não apareceu. Um pouco de carne me teria agradado.

Voltando para casa, o Capitãozinho me deu uma parte de um belo pedaço de carne de vitela que lhe havia sido presenteada pelo *Padre*, que habita perto da casa de Vicente.

Tive assim a carne que desejava.

Copiei dos braços de duas mulherinhas dois desenhos em *lozangos* muito interessantes⁴⁸. Copiei também a côres o cinto que havia admirado ontem⁴⁹. Esperava comprá-lo, mas hoje não me quiseram vendê-lo por preço nenhum.

11 de março.

A jornada, por milagre passou sem chuva. O sol não se fêz ver, nem fêz calor, mas pelo menos nos foi poupada a umidade dos outros dias que é assaz molesta. Já era tempo de parar de chover, não só porque o mau tempo é aborrecido, mas porque me é difícil até mesmo a retirada, estando a estrada tão cheia d'água a ser em alguns pontos absolutamente intransitável.

Visto que Antônio Alves tarda a regressar, suspeitando alguma malandragem nova da parte dêle, havia projetado ir eu mesmo fazer-lhe uma visitinha. Mas as notícias sôbre o estado da estrada são tais que é inútil pensar-se nisso por ora, e só será possível mover-se dentro de três ou quatro dias, com a condição de que o tempo ande ajuizado.

Ao que parece se devem passar duas torrentes, as quais estão agora de tal maneira cheias d'água e rápidas que arrastariam consigo quem tentasse transpô-las.

Voltei ao bosque dos etchate para pintar. A aquarela está um pouco demorada, mas sai bem. Espero tê-la terminado dentro de três ou quatro dias.

Felipe, que veio comigo, se pôs a pescar na torrentezinha do bosque e pegou quatro peixes; no quinto se lhe rompeu a corda e a pesca que prometia uma boa colheita teve de ser forçadamente interrompida.

Enquanto estávamos interessados nestas ocupações ouvimos um ladrar furioso de cães perto de nós. Mandeí Felipe ver fora do valezinho o que sucedia. Voltou em breve trazendo-me um quarto de veado e dizendo-me que havia encontrado Joãozinho, cujos cães, sôzinhos, haviam conseguido agarrar um veado.

Mandava-me uma parte como presente.

Ainda hoje, portanto, tivemos carne fresca. Os feijõezinhos são também bons, muito bons e achei ainda excelente a sua tão caluniada

(48) Vide figuras n. 78 e 91 (N. do A.).

(49) Vide figura n. 85 (N. do A.).

sopa, obtida com simples água e sal. Mas acaba-se por ficar cansado, não comendo outra coisa durante muitos dias em seguida!

É a história do *toujours perdrix!* daquele francês.

Espero que o tempo se ponha decididamente a baixo para matar o vitelo comprado no outro dia. Com o tempo úmido me arriscaria a perder a carne.

Para variar um pouco a cozinha, mandei Felipe, acompanhado de certa Chamacoco sua amiga, fazer uma provisão de namocólli. Trouxe uma boa quantidade, dos quais, como de hábito, dei parte aos meus amigos.

Soube depois qual fôsse o significado da procissão de ante-ontem durante a festa, e onde foram levadas com tanta pompa as insígnias da família de Francisco Tereno.

Eu tinha bem razão de pensar que aquela cerimônia tivesse alguma conexão com a festa. Mais do que isso: formava parte principalíssima dela.

Tratava-se nada menos que do casamento de João, filho de Francisco, um belo jovem de dezoito ou vinte anos, um dos mais bonitos da tribo e um dos principais, sendo por parte de mãe irmão do Capitãozinho. A festa era dada para celebrar aquêl grande acontecimento e a procissão havia levado as insígnias de família à casa da espôsa e haviam sido plantadas diante do girau nupcial sôbre o qual figurava a almofada de cerimônia.

12 de março.

Esta manhã o Capitãozinho, sem me avisar, tendo disposto por sua conta do meu *boi de sela* para mandar fazer provisões de namocólli, me achei na impossibilidade de ir trabalhar na aquarela. O bosque dos *etchate* é muito longe e a estrada difícil para os meus pés nus.

Visto, portanto, que o tempo prometia estar bom, fiz amarrar o animal comprado no domingo passado e em menos tempo do que se leva para falar foi abatido e reduzido a finas tiras.

Tendo feito a costumeira distribuição de carne às amigas, além dos expressivos *igninaigo*, recebi em troca uma quantidade de presentes: uma me deu um *cogollo* de côco, outra mel delicioso, uma terceira raízes de mandioca, uma quarta excelente namocólli, cozido nas brasas, que comi com o mel que o acompanha estupendamente; tive depois espigas de milho fervidas, belo peixe e dois grandes pratos de frutas de *etchate*.

Habitado já à mais severa parcimônia, esta repentina abundância e variedade de alimentos quase me embarçou.

Boa parte da jornada passamos muito alegremente, preparando as carnes salgadas, e comendo abundantemente por conta dos dois dias passados. No fim cheguei ao ponto de pensar quase com inveja no simples prato de feijões dos dias anteriores.

Lá para o meio-dia vieram me avisar de que havia sido visto uma onça nas vizinhanças. Logo houve muito que fazer para preparar as armas a fim de dar caça ao feroz animal.

O Capitãozinho fêz vir dois dos seus cavalos e, tendo dado um a mim, tratamos, com os outros, de ver se conseguíamos localizar a fera.

Tomamos por pequeno espaço o rumo do Retiro, depois viramos à esquerda para sul, seguindo uma série de ondulações sôbre o declive das colinas que se estendem naquela direção por trás de Nalique.

Chegamos a um belo vale todo de prados abertos; o lugar era estuendo. À direita, ao pé das colinas, estendia-se uma selva de vegetação luxuriante e densíssima.

No fundo a fileira das montanhas perdia-se ao longe numa tinta azul belíssima.

Uma torrente de certa importância corre no vale, aprofundado e todo escondido por magníficas árvores, entre as quais abundantíssimos *etchate*.

Achamos os traços das patas do jaguar, mas o animal desaparecera e não nos foi possível vê-lo.

Voltamos para casa com a viola no saco. Tive, porém, ocasião de ver um lugar belíssimo e campos nos quais se poderia estabelecer u'a magnífica feitoria.

13 de março.

Nada de aquarela também hoje. Não pude pegar nenhum dos dois bois. É pena, porque o tempo estêve bom durante todo o dia, menos à noite em que choveu durante poucos minutos. Confio no sol de amanhã para poder ganhar o tempo perdido.

Durante o dia fiz um esbôço a lápis da enfiada de cabanas, à direita da casa do Capitãozinho, vistas internamente. Sôbre a frente surge um dos paus-insígnias de família do Capitãozinho, que trazem esculpida uma careta, certamente um ídolo, um santo protetor ou qualquer coisa de semelhante (50).

A propósito dêstes ídolos: comprei vários, grandes, pequenos (51), leves, pesados, todos mais ou menos feios. Segundo afirmam os Caduveo, êles representam realmente ídolos, figuras dos seus santos, assim é que a imitação de nós chegam a dar-lhes nomes: Santo Antônio, São José, São João, etc. etc., e o dizem com tôda a seriedade.

Eu, porém, os vi usados pelas crianças a modo de bonecas e brincar com êles vestindo-os e despindo-os, jogando-os pelo ar ou ao solo com a maior indiferença. Quer dizer que são para duplo uso e que aqui, como entre nós, a religião está em declínio e se perdeu todo respeito por ela.

E ainda mais se assemelham a nós os Caduveo em que dos seus santos fazem comércio fâcilmente, vendendo-os a preço assaz modico, sem escrúpulos nem queixas.

Ó, o santo comércio, como existe por tôda parte!

(50) Vide figura n. 88 (N. do A.).

(51) Vide figura n. 101 (N. do A.).

14 de março.

Hoje choveu muito e por várias vezes. É uma verdadeira amolação pois que êste tempo me prejudica muito nas minhas operações comerciais já bastante comprometidas e interrompe, o que mais me desagrada, os meus trabalhos artísticos tão bem encaminhados.

Cheio de boa vontade, fui novamente hoje ao bosque dos *etchate*, mas depois de cêrca de uma hora começou a chviscar lentamente. Quis continuar, na esperança de uma melhoria do tempo, mas bem depressa se pôs a chover abundantemente e fui obrigado a ir-me mais que de corrida.

Naturalmente, estava apenas em cima da sela quando cessou de chover e um têpido sol saiu de entre as nuvens. Não me arrisquei a baixar novamente ao valezinho umbroso com mêdo de nova chuva e me fui para casa.

Reforçou-se ainda o sol por algumas horas; mas ao cair da tarde um forte vento nos trouxe a chuva.

O anoitecer estêve esplêndido e agora brilha uma grande lua crescente.

15 de março.

Faz já dois meses e um dia que partimos de Pôrto Pacheco. A excursão, que não devia durar mais de 15 ou 20 dias entre ir e voltar, já se prolongou além do previsível, embora eu não possa dizer quanto tempo durará ainda, começo a desejar que tenha logo um têrmo. Não porque esta vida áspera me desagrada, mas porque vejo bem que pouco maior lucro já posso tirar daqui para os meus negócios.

Ora, mal tenha acabado a aquarela do bosque dos *etchate*, — o que, espero, se dê dentro de dois ou três dias, — irei ver o que aconteceu a Antônio Alves que não aparece; depois, sem mais esperar, salvo em caso de fôrça maior, voltarei ao Retiro.

Se o catchivêu deixado por Diaz puder me levar com Felipe e tôdas as minhas coisas, descerei diretamente ao Forte Olimpo, se não mandarei alguém avisar para que me mandem a canoa grande.

A manhãzinha estêve esplêndida para a minha aquarela. Embora lhe tenha perdido um pequena parte devido ao senhor boi que não se deixava encontrar, pude trabalhar das 7½ até às 11½, favorecido por um tempo levemente encoberto e por alguns raios de sol.

Expulsou-me como de hábito uma chuvinha que, porém, não fêz grande dano, estando eu já cansado de trabalhar.

Ao voltar para casa o bom boi teve o capricho de querer passar, mau grado as minhas lambadas de corda, muito chegado a um tronco sêco. Um ramo se enroscou nas malhas das sacolas, em que estavam o pacote dos instrumentos artísticos e as armas que sempre levo comigo;

não nos foi possível fazer parar o cabeçudo animal, de modo que a sela foi arrancada e eu com ela fui cair de pernas para o ar na erva, felizmente sem me fazer nenhum mal. Liberto do meu pêso, o boi parou e se pôs tranqüilamente a pastar.

Tive de tornar a arreá-lo; operação assaz enfadonha, embora já eu a saiba fazer com perfeição.

Bom sistema o de ter-se como amiga as senhoras, mesmo que um pouco selvagens. Obtém-se sempre um bom resultado quando menos se espera.

Hoje algumas amigas minhas tiveram a idéia de me fazer presentinhos que me causaram muito prazer.

A mulher do Capitãozinho me ofertou um belo *barbijo*, ou seja um fecho para o chapéu, feito com as suas gentilíssimas mãos e ornado de pèrolazinhas de vidro com muito gôsto.

Depois a velha mãe do Tenente, tendo-me presenteado com um pratinho em forma de concha muito bonito, a mulher do Capitãozinho teve a gentileza de orná-lo de pequenas contas brancas e azuis⁵².

Finalmente a mãe de Cottia, uma velhinha que habita em Etóquijs, me mandou como presente quatro belos mamões e uma enorme cana de açúcar.

Não se deve, portanto, descuidar das mulheres, especialmente se são velhas.

Parece que Sabino já está curado, pois que hoje o vi jogar bola e à noite cantou.

Que pele dura!

(52) Vide figura n. 99. Dos três, é o primeiro à direita (N. do A.).



FIG. 86

16 de março.

Niente bue, niente lavoro ⁵³.

Outra jornada perdida, então! Mas não me desagrada porque vou assim prolongando a minha permanência em Nalique, já sem escôpo.

Ainda hoje, embora o tempo tenha estado quase sempre belo, choveu um pouco.

Perto da tarde voltou de Forte Olimpo aquêlo mensageiro mandado por Joãozinho há dias. Não trouxe cartas para mim, nem notícias de Diaz, o qual parece que já se foi de lá também.

Não havendo cartas hoje, encontrarei maior número quando voltar a Pôrto Pacheco.

Tivemos uma visita de um dos habitantes de Etoquiya: Xavier, outra boa peça. Como me trouxe excelente cana de açúcar, presentei-o com uma garrafa de pinga.

Tomou uma soleníssima borracheira, que o deixou por várias horas como um farrapo.

Depois, como de praxe, começou a chorar e lamentar-se. À noite, suficientemente repostado nas pernas, deixou-nos e voltou a Etóquiya completamente satisfeito com as horas de êxtase gozadas.

Tivemos notícias de Nequá.

Contrariamente ao previsível, êste belo animal já se acha em vias de cura. É preciso, realmente, dizer que esta gente tem uma resistência extraordinária, um de nós teria morrido só com a perda de sangue e o esforço feito para correr, ferido daquêle modo, por cinco ou seis quilômetros.

Eu creio firmemente que todos os indígenas de raça pura dêste país gozam de um grau de sensibilidade material mínimo, pois que suportam feridas e operações cirúrgicas terríveis sem grandes conseqüências e sem lamentar-se, como se nada sentissem. Os nervos ou não os possuem, ou são completamente obtusos; certamente deve haver uma enorme diferença física entre êles e nós, tal como no moral.

(53) Provérbio intraduzível que significa: "Sem boi não há trabalho (N. do T.)."

17 de março.

Manhãzinha esplêndida. O sol surgiu num céu límpido e sem nuvens. As ervas, espécie de pequenos *ginerium* de longas fôlhas sutis pendentes abundantíssimas em tôrno de cepos redondos, branqueados pelo orvalho, pareciam um enorme rebanho de ovelhas, pastando ao sol matutino.

Mandei logo cedo Felipe procurar o boi para ir trabalhar na aquarela, mas desgraçadamente não o pode achar e assim perdi a manhãzinha.

Não devia, porém, ser uma jornada inteiramente perdida, pois que tive uma sorte inesperada.

Havia observado que a jovem cunhada de Joãozinho, espôsa nova daquele bellissimo Caduveo que chegou ao Nabileque vindo de Forte Olimpo com o grande catchivêu pouco depois que havíamos chegado de Pôrto Pacheco, tinha bellissimoas feições e o rosto ornado de desenhos assaz interessantes e muito bem feitos, e havia desejado — *in pectore* — copiá-los, não fôsse mais que com dois traços a lápis, o bastante para ter dêles uma recordação.

A sorte me favoreceu quando menos o esperava, e eis como.

Joãozinho viera visitar-me e palrar comigo, dando-me algumas notícias que lhe chegaram de Forte Olimpo. Entrementes eu lhe havia feito ver os esboços e as aquarelas já feitas que lhe pareceram muito interessantes.

Voltando para casa, parece que falou com muito entusiasmo à sua mulher e à cunhada, de modo que elas quiseram vê-los e, pedida a licença, vieram daí a pouco todos três visitar o meu *studio* (!) e os meus trabalhos.

Eu estava sentado no girau e as duas mulheres sôbre escabelos diante de mim.

Enquanto elas estavam interessadas em folhear as fôlhas do álbum e as aquarelas, às escondidas peguei um lápis e um livrinho comercial, o primeiro que me caiu nas mãos, e comecei muito tímidamente, procurando não chamar a atenção sôbre o que fazia, a traçar ligeiramente um esbôço da cabecinha interessante da espôsa. Mas, por mais precauções que tomasse, perceberam-no bem depressa e quiseram ver o que fazia.

Tive de mostrá-lo; mas havendo verificado que longe de incutir-lhes qualquer temor ou incômodo, se interessavam por aquilo; tranqüilizado, pus-me a desenhar com maior franqueza, embora apressadamente para não cansá-las e sempre temendo ser interrompido antes de ter acabado, e tive a fortuna de poder indicar tôdas as coisas de modo a possuir uma recordação completa por mais que me apressasse.

A rapariga era, realmente, muito bonita e recordava bastante aquela figurinha de cêra do Louvre atribuída a Rafael, ou algumas figuras de Luinj ou Leonardo. Naturalmente bem longe de tudo isso conseguiu ser o meu desenho, que deveria ser feito com calma e sem preocupações. Mas aquilo basta para recordar perfeitamente um desenho original e um tipo interessante.

Mau grado o dia ser esplêndido, não quis deixar de chover um pouquinho e caiu aquela quantidade de água que um bom jardineiro esparge sobre as flores, a fim de que tenham suficiente umidade para crescer exuberantes.

Esta noite houve reunião de principais — estava para dizer de ministros — em casa do Capitãozinho. Ouvi que falavam de *política externa*, tendo chegado de Forte Olimpo, pelo mensageiro vindo ontem, notícias de uma revolução militar irrompida em Corumbá.

Viva a República, não é verdade, senhores brasileiros?!

Os discursos, porém, embora, como se vê, versassem temas muito sérios, não impediam que de quando em vez a reunião estourasse numa risada diante qualquer piada escapada a um dos membros da reunião.

Também entre nós, nas reuniões dos representantes das Nações com frequência se ri e com mais frequência se fala, quando se devia com a máxima seriedade tratar da sorte da pátria!

18 de março.

Finalmente posso registrar um dia sem chuva. Tivemos sempre bellissimo sol mitigado por um ligeiro ventinho.

Não se poderia desejar clima melhor. Calor não excessivo, mas bastante para permitir o traje mais cômodo que exista.



FIG. 87

Ao nascer do sol eu já estava a... boi, e meia hora depois no trabalho. Aproveitei-o bem, mau grado os mosquitos que dada à vizinha umidade do riacho abundam também aqui.

Que tormento, Deus meu! Para que os haverá inventado o Padre Eterno?

Espero acabar amanhã esta aquarela. Neste pensamento, para que o boi não me faça perder a jornada, ausentando-se sem licença, deixei-o prêso à corda.

Perto da tarde fiz-me de engenheiro de estradas.

Abriu-se sob a minha direção, num piscar de olhos, uma bela estrada larga de cerca de três metros e meio diante da casa do Capitãozinho, para descer às nascentes.

O Capitãozinho, na boa estação, tem intenção de plantar-lhe aos lados uma fileira de coqueiros que darão sombra e ornamento, como já havia feito na aldeia abandonada.

É uma boa idéia, uma nobre idéia.

19 de março.

Outro dia sem chuva! Não me parece verdade depois de tantos dias de mau tempo!

Levei a têrmo a aquarela⁵⁴ com a graça de Deus! Não o posso assegurar, mas me parece que saiu uma boa coisa. Reservo-me para ficar seguro disso na tranqüilidade da estanciazinha de Pôrto Pacheco. Aqui há o confronto com a verdade que torna difícil tôda apreciação.

Depois do meio-dia, para aproveitar o bom tempo, fiz com Felipe um longo passeio a boi.

Atravessado o vasto prado que, além do primeiro bosque, se estende diante de Nalique, seguindo o caminho que conduz a Miranda, chegamos a uma outra faixa de bosque maior do que a primeira, na qual, com infinitas voltas, serpenteia, correndo para o sul, uma torrentezinha de escassa água, num leito ora de pedras quebradas em pedaços quadrangulares sutilísimos, ora de uma areia de quartzo abundantíssima. Esta torrente dirige-se para a parte onde corre o Rio Aquidabã e decerto se vai juntar com êste rio.

Os pés de *etchate* abundavam extraordinariamente, com os seus grandes cachos de frutos pendentes pesadamente. Alguns dos pés tinham o tronco muito curto, de modo que os frutos chegavam a tocar no solo.

Internamo-nos pela intrincada floresta e coube-nos atravessar mais vezes a torrente, cujas águas eram frescas e límpidas e de pouca correnteza. Numerosos rastos de porcos do mato e veados encontravam-se a cada passo, mas não vimos nenhum desses animais.

Achamos uma quantidade de frutos de *etchate* maduros e começamos a colheita.

(54) Vide figura n. 95 (N. do A.).

Aconteceu-me pegar um inseto estupendo. Era certamente um percevejo, talvez a mais bela espécie dêste antipático e fedorento inseto. Era de duas côres: verde esmeralda escuro com reflexos metálicos e amarelo de ouro brilhante.

Uma faixa larga desta última côr lhe circundava o corpo, e debaixo desta partia uma outra faixa igual até à extremidade inferior, formando um verdadeiro T de ouro. O contraste entre aquelas duas côres tão vivazes era estupendo. Pus o inseto dentro do lenço bem embrulhado para conservá-lo; mas num momento de desatenção caiu-me o lenço, abriu-se e o percevejo voou sem que me fôsse possível pegá-lo novamente.

Um arbusto, ou melhor, as suas raízes curiosíssimas, atraíram a minha atenção. Crescido à margem da torrente, esta pouco a pouco lhe havia corroído a terra por baixo e as raízes ficaram em boa parte a descoberto.

Tinham estas uma forma estranhíssima como de grossos bulbos desiguais enfiados em raízes muito finas.

Muitos fetos variadíssimos e todos muito bonitos atraíram também de modo especial a minha atenção. Quase todos pendiam vagamente dos troncos dos pés de *etchate* que estavam cobertos por eles.

Alguns tinham grandes fôlhas finíssimas e leves, recortadas profundamente, de um belo verde tenro e prêsas à raiz por um pedúnculo sutil, negro e elegantíssimo.

Outros, muito menores, tinham uma bela forma de palma e as fôlhas eram compostas de uma dupla fila de folhinhas diminuindo para a extremidade. O cabo fino e negro como a avenca.

Que bela coleção se poderia fazer aqui!

Colhemos tantos frutos que, não bastando os lenços e os farrapos das nossas roupas para contê-los, tivemos de pôr-nos no completo traje de Adão... antes do pecado, e, cheios os panos que nos cobriam, levamo-los até fora do bosque onde haviam ficado presos os bois que com a sua canga não haviam podido entrar.

É o último degrau descido na escada dos hábitos selvagens e vi que, não podendo fazer de outra forma, se pode viver perfeitamente bem tanto nus como vestidos de *casaca, gravata branca e luvas glacés!*

Com o que me consolei um tanto pelo que possa acontecer na vida. Nunca se sabe!...

A nossa entrada na toleria, de regresso com abundante carga, foi acolhida por um murmúrio de admiração de tôda a aldeia.

Vou-me tornando pouco a pouco um perfeito Caduveo. A tudo a gente se habitua com o tempo.

Não cheguei, todavia, a me habituar com o terrível girau dos primeiros dias! Creio até que o lamentarei quando, cômodamente estendido num suave colchão, não sentir mais aquelas travessas de palmeira romper-me o costado!

20 de março.

O tempo estando novamente bom, esta manhã fiz outro passeio com Felipe. Andamos por aquêlê vale onde no outro dia havia sido visto e procuramos em vão o tigre. Escôpo do passeio, além daquele de ver, era o de colhêr namocólli. Não tivemos, porém, sorte nenhuma nisto, porque os côcos que abatemos não nos deram mais que uma pôlpa lenhosa e insípida.

No leito da torrente, no fundo do vale, achei belíssimas *salaginelle* de que colhi algumas e levei para casa. Secaram durante o trajeto, mas pouco depois que as pus na água se reabriram. Parecem uma espécie de *rosas-de-jericó* e creio já ter visto iguais conservadas durante longos anos, tendo a propriedade de reabrir-se quando postas na água.

Tendo chegado nova provisão de pinga para Joãozinho, não se contam mais os bêbados machos e fêmeas.

Não houve disparos, nem se faz festa nenhuma, hoje. Mas por tôda parte se sentem choros, lamentos e altos ais.

Aqui é uma velha que chora amargamente, rodeada pelas suas fiéis e piedosas servas; lá fala de modo todo especial um Chamacoco caduveizado; mais além é transportado a braços para sua casa... um morto por algumas horas, o qual ao ressuscitar começará a chorar e lamentar-se como uma vítima da injustiça humana.

Naquele tumulto houve uma feliz combinação. Atraída pelo odor da pinga, veio de Etóquija uma velha diaba, um tipo interessantíssimo e uma habilíssima desenhista.

Foi ela que pintou a cara daquela traidora da *minha mulher*. Ela mesma tinha a cara estupendamente pintada em quadrados regulares, cheia de um desenho complicadíssimo.

Comecei por brincadeira a desenhar-lhe a cara no mesmo livrinho em que desenhei a cunhada de Joãozinho no outro dia. Estava sentada no girau vizinho e, quando percebeu o que eu fazia, pôs-se completamente em posição, olhando-me fixamente.

Imaginem se não o aproveitei!

Antes que se cansasse, tinha feito um esbôço que forma um par com o do outro dia⁵⁵.

Meia-noite.

Tarde voltou a chover e enquanto escrevo continua o mau tempo.

Eis a razão pela qual nesta hora ainda estou escrevendo:

Muito tarde, na noite, parte dos bêbados se marcaram ponto de encontro na casa do Capitãozinho, justamente ao lado do meu girau; começaram um palrar tão endiabrado que não me foi mais possível dormir. Pelo que me levantei e, para fazer alguma coisa enquanto tinha de

(55) Vide figura n. 84 (N. do A.).

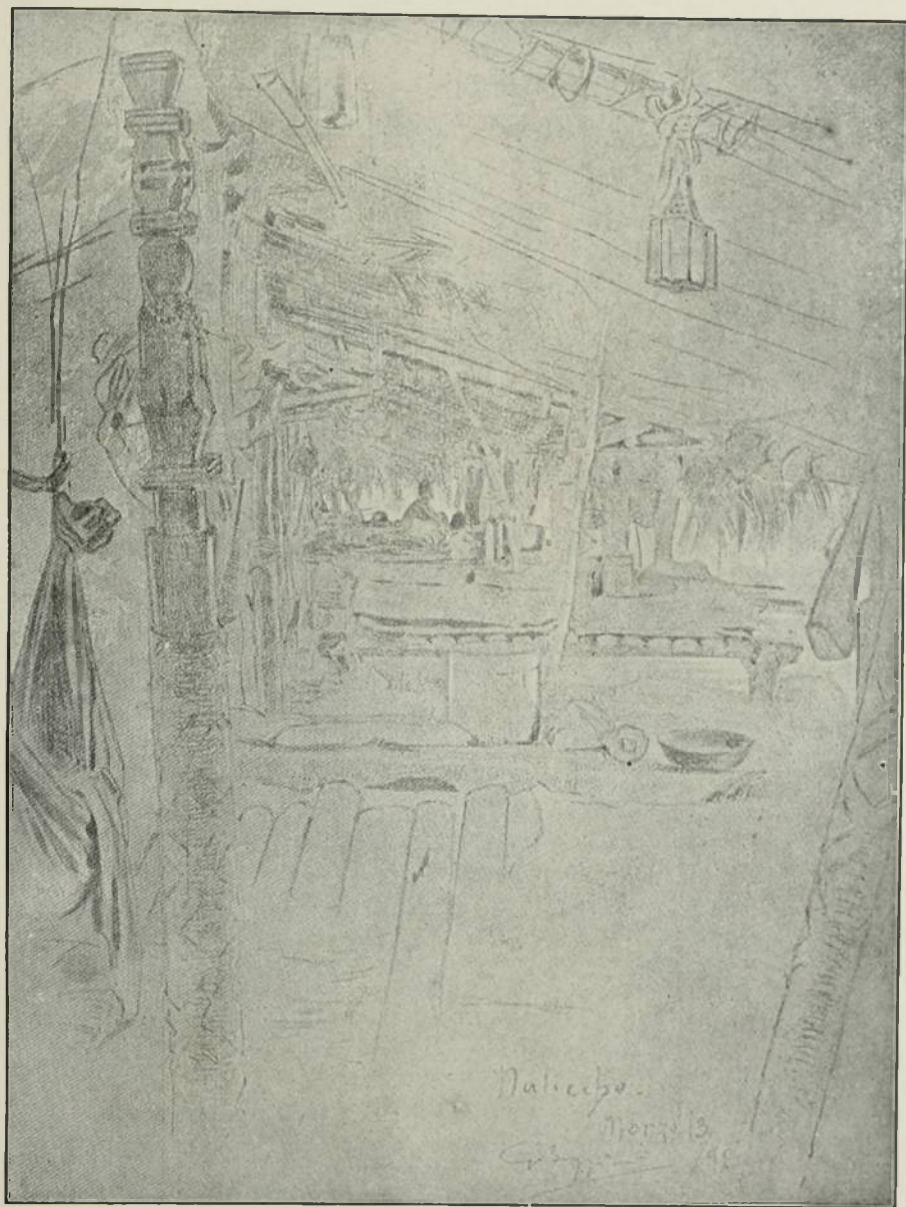


FIG. 88 — Interior das cabanas no Nalique

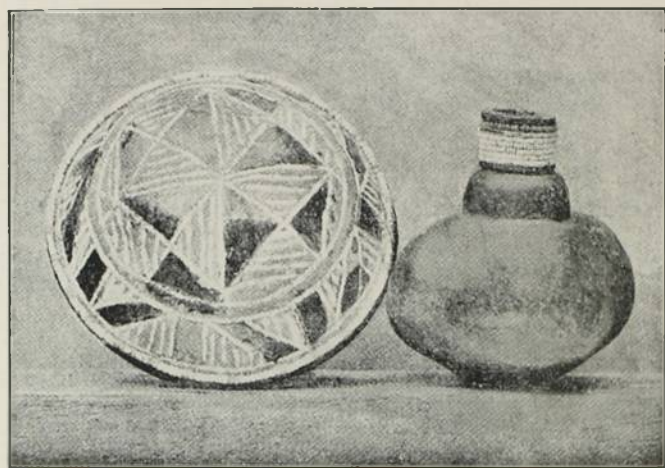


FIG. 89

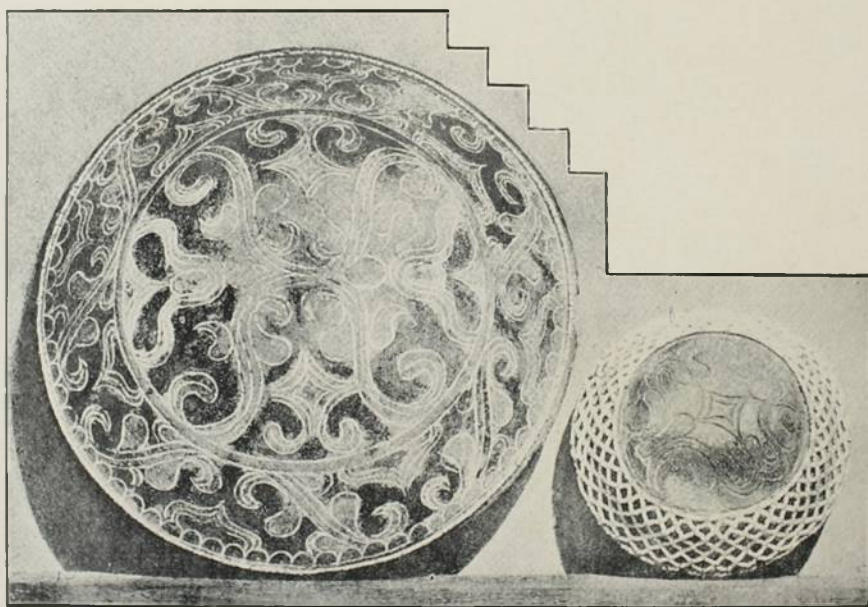


FIG. 90

ôlho as minhas coisas e os meus garrafões, acendi a lanterninha, peguei da pena para anotar quanto sucedesse.

Como previa, tentaram obter de mim mais pinga. Mas resisti e opus uma recusa terminante aos seus pedidos insistentes. Graças especialmente à intervenção da mulher do Capitãozinho, deixaram-me em paz e se foram. São, apesar de tudo, boa gente; mesmo embriagados não pensam em usar comigo de violências para obter aquilo que desejam.

Tentam me seduzir com boas maneiras e tôda sorte de agrados, mas quando vêem mesmo que não há nada a obter, me deixam tranqüilo sem más palavras ou piores atos.

Esquecia-me de anotar que hoje alguns trabalhadores do Capitãozinho, de volta dos trabalhos do campo, trouxeram excelente mel. A bela rainha me ofereceu um prato e com o resto convidou algumas amigas, as quais, vieram em grande pompa.

Sentadas à turca em redor do doce prato, começaram a meter o dedo nêle.

Julguei fazer coisa agradável, fornecendo colheres a tôdas essas damas para que mais cômodamente pudessem comer. Agradeceram-me, com efeito, e aceitaram, mas logo abandonaram, de comum acôrdo, êste *incômodo* instrumento da civilização, voltando ao seu antigo sistema de meter no prato um ou dois ou mesmo três dedos e limpá-los, chupando-os na bôca.

Sistema de certo mais cômodo e mais limpo! Talvez o mel seja mais doce sugado daquele modo

Terminada a operação, foi trazida uma grande bacia cheia d'água na qual as convidadas lavaram as mãos e a bôca.

21 de março.

Hoje a festa, como dizem êstes pobres diabos, durou quase todo o dia, mas por felicidade longe da minha casa.

Teatro da esbórnica foi o extremo limite da aldeia, nos arredores da casa de Vicente, de modo que aqui não se teve mais que um longínquo eco.

Alguma tentativa se fêz para obter pinga de mim, mas sem resultado.

O tempo estêve nem belo nem feio, mas sustentou-se e só choveu durante um momento. Aproveitei para fazer uma aquarelinha da montanha que surge um pouco à esquerda diante de Nalique⁵⁶. Saiu bem. Decididamente vou retomando amor à pintura e me sinto, mais que nunca, animado a fazê-lo. Deus queira que outros cuidados não me façam cair na apatia dêstes anos passados e possa reunir bom número de esboços e quadros. Dentro de poucos meses poderei ganhar o tempo perdido...

(56) Vide figura n. 98 (N. do A.).

22 de março.

Bom tempo todo o dia de hoje, uma jornada de quase absoluta vadiação.

Aproveitei para corrigir e aumentar a carta topográfica da região, que havia preparado já antes de saber que viria ter aqui. Havia tomado as linhas principais do mapa da América do Sul em seis fôlhas, de Stieler, que, além de ser em escala reduzidíssima, é bastante deficiente e em alguns pontos errado, embora seja o melhor que conheço.

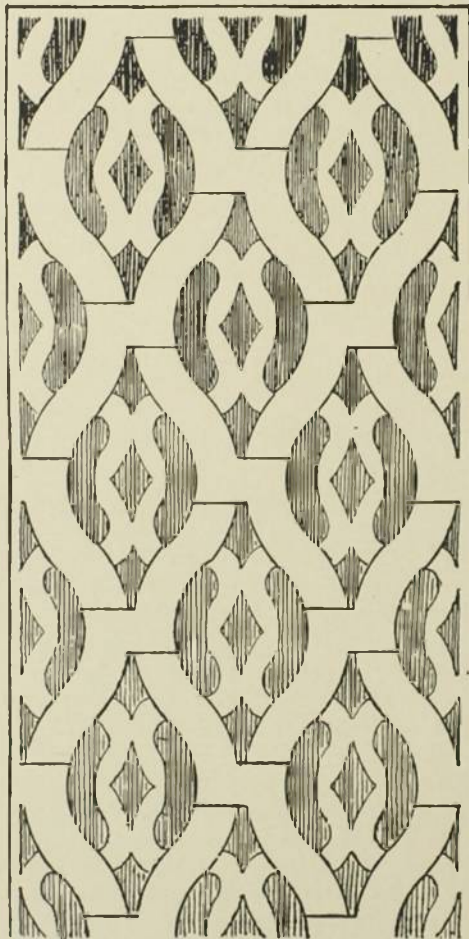


FIG. 91

Mas a minha redução, ainda que quatro vêzes maior que o original, é ainda muito pequena para nela fazer entrar cômodamente todos os pormenores, as correções e os acréscimos que estou em condições de introduzir. Fiz o melhor que pude, mas tive de gastar os olhos e usar de grande paciência para não fazer garatujas.

Sem instrumentos e sem bússola, é pois difícilimo este trabalho de reprodução, mesmo aproximada, do plano de uma região.

Mas, com muita observação e bom-senso pode-se fazer muito, sobretudo não sendo de todo ignorante neste gênero de trabalhos ⁵⁷.

Francisco Tereno disse hoje que se eu fôsse até Alegria ao invés de parar só em Aquidabã do Antônio, êle também me acompanharia sempre que lhe conseguisse colocar o seu boi. Respondi-lhe que de boa vontade irei até Alegria, aproveitando a ocasião; já que fazia trinta podia muito bem fazer trinta e um e ver um

(57) Vide o esbôço cartográfico, fig. 111 do volume (N. do A.).

pouco mais de terra, tentando ao mesmo tempo combinar algum negócio com a gente de Malheiros, que geralmente sofre falta de tudo. Um dia mais ou um menos já não altera nada. Irei a Alegria e, o tempo permitindo, partirei depois de amanhã.

23 de março.

Ontem não fiz quase nada. Hoje, porém, ajudado por um tempo esplêndido, empreguei muito bem a jornada.

Esta manhã por poucas horas na aldeia abandonada, sepultada nas ervas altíssimas debaixo das verdes fôlhas dos rícinos, habitualmente tão tristes como se pesasse ainda sôbre as dismanteladas cabanas a sombra do pobre *Padre* assassinado por Nequá, um sôpro de vida passou pelos silenciosos caminhos e um estranho gemer de engenhos se ouvia misturado aos gritos dos vaqueiros e às risadas argentinas e infantis da filha do Capitãozinho.

O engenho que serve para espremer a cana de açúcar, a fim de extrair-lhe o suco e dêle fazer melado e rapadura, foi pôsto novamente em movimento para fabricar dois garrafões de melado que me foram oferecidos e aceitos em troca de um garraão de pinga.

Na operação intervém tôda a família do Capitãozinho e mais algum amigo, como a uma festa campestre.

E enquanto giravam pesadamente os bois em tórno do edifício de traves do engenho, obra de Antônio Alves, e os presentes se afanavam em espremer a cana de açúcar, eu me pus a aquarelar debaixo de um sol cada vez mais ardente.

Terminada a operação, havia eu também terminado a aquarela e me saíra muito bem ⁵⁸.

O caldo fluiu abundante e dulcíssimo, e recolhido primeiro em grandes terrinas postas debaixo do engenho, foi depois derramado em dez garrafões dos quais se separarão as duas de melado a mim destinadas, se tanto se obtiver.

Temendo que me surpreendesse uma carga d'água, que o calor insôlitamente violento parecia nos prometer, terminado o esbôço vim para casa, onde o habitual prato de feijões e peixe frito do dia anterior me esperavam.

Os Caduveo possuem em comum uma grande caldeira de cobre comprada, creio eu, em Corumbá em troca de couros de cervo; poderá conter cêrca de cento e cinqüenta litros de líquido.

Num trecho de terra bem batida foi enterrada esta caldeira quase até a orla e depois lhe escavaram debaixo uma espécie de fôrno para o fogo.

O caldo de cana obtido pela manhã foi pôsto a ferver e, como a operação devia durar muitas horas e ser continuamente fiscalizada para

(58) Vide figura n. 106 (N. do A.).

que não faltasse o fogo e o xarope não passasse do cozimento, lá se puseram alternativamente de guarda várias pessoas práticas no mister.

Aproveitei-me para fazer um outro esboço da caldeira e da região em tôrno e tive a sorte de acabar ainda isto durante o dia ⁵⁹.

Depois comecei a preparar as cargas dos bois para a manhã seguinte, a fim de estar pronto logo cedo.

Ao que parece, meia aldeia, além de Francisco, se prepara para me acompanhar. Dizem que aproveitarão para ir caçar naquela zona, onde foram vistos cervos. Mas me parece compreender que não é êste o único escôpo seu. Ouço falar mal de Antônio Alves e discorrer sôbre quanto êle me deve e os cavalos que possui e não sei que mais. Estarão meditando algum golpe de surpresa contra aquêle maroto? Seria bonito!

Por uma caixinha de cápsulas fulminantes comprei um magnífico prato muito grande, ornado belamente ⁶⁰.

É talvez o mais belo que eu tenha visto.

Enfim, destampado o garrafão de pinga na casa do Capitãozinho, os favoritos sentaram-se sôbre o girau *real* (!), os outros sôbre couros estendidos em redor, no solo.

E... o resto é conhecido.

(59) Vide figura n. 107 (N. do A.).

(60) Vide figura n. 61. Desgraçadamente quebrou-se durante a viagem. Mas pude juntar de novo os pedaços de modo que se lhe pode ainda apreciar a estupenda ornamentação e a egrégia fatura (N. do A.).

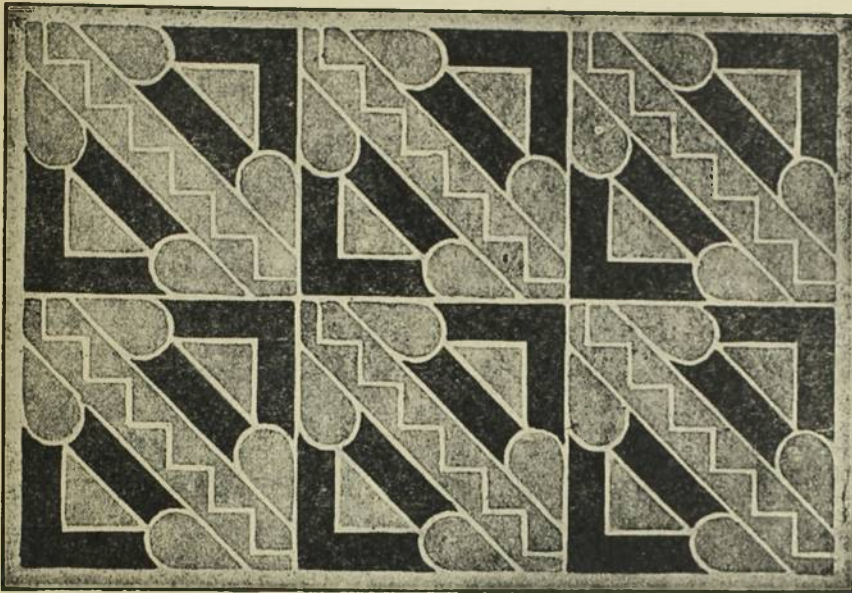


FIG. 92

CAPÍTULO VI EXPEDIÇÃO A ALEGRIA

24 de março.

Esta manhã, muito antes que o sol nascesse, eu estava de pé, já interessado em arranjar tôdas as coisas para a partida.

Como primeira coisa engarrafei o melado, que fôra deixado tôda noite na caldeira para que esfriasse. Saiu excelente, mas de dez garrações de caldo de cana não se apurou mais de um garrafão e meio de líquido condensado.

Só se conseguiu partir com sol alto, cêrca das nove.

Partimos sôzinhos, eu e Felipe, montados em dois bois que levavam, além de nós, alguma mercadoria, as necessárias provisões para a viagem, a minha maleta, contendo os objetos mais necessários, os caderninhos para as notas, a garrafinha de tinta e a pena.

Levei também comigo as aquarelas, embora previsse que numa excursão tão apressada não me seria possível pintar, mas prefiro tê-las comigo, julgando-as mais seguras que deixando-as em Nalique com os outros trens, na previsão de que qualquer coisa pudesse acontecer durante a minha ausência. Tenho o álbum e os lápis, todo, em suma, o meu arsenal artístico e quanto, enfim, urgia conservar.

Esta maleta foi sempre o objeto da minha maior preocupação durante a viagem. Perder os esboços e as notas teria sido para mim a mais grave das desgraças.

Os outros disseram que se juntariam a nós no caminho. Não podíamos errar mesmo andando sòzinhos, porque depois de Etóquiya o caminho é um só, e seguindo-o chega-se infalivelmente ao Aquidabã.

Depois de Etóquiya o caminho desce quase súbitamente na baixa planície, costeando à direita um esplêndido e extenso bosque, cujas faldas são em longo trecho cultivadas com canas de açúcar, mamoeiro, mandioca, etc. São as plantações, a roça de Etóquiya.

A planície que se segue é baixa e ainda assaz pantanosa e difícil de transitar nela. Teria sido ainda mais se não tivéssemos gozado nestes últimos dias de bom tempo. Afortunadamente nos salvamos felizmente dos maus passos, sem desgraças. Estava, porém, em continua apreensão pela minha carga, e mais especialmente por aquela de Felipe que, cavaleiro menos prático do que eu, a cada momento ameaçava cair de pernas para o ar com tôda a carga. Quando os bois chegam a qualquer brejo, onde as suas patas se aprofundam por vêzes até o peito, fazem certos movimentos tão tempestuosos, que se torna difficilimo manter-se na sela. É preciso então ter tudo de ôlho, especialmente os arbustos entre os quais se passa que, insinuando-se entre as malhas das sacolas cheias, ameaçam continuamente arrebentá-las ou arrebatá-las, mandando-nos tomar um banho na lama.

Um movimento falso e tudo estaria arruinado.

Mas por fim o terreno se eleva um pouco e a estrada se faz mais enxuta e transitável. Esta se dirige quase em linha reta para o sul.

A vista dos prados e das longas faixas dos bosques, tendo como fundo as cadeias de montanhas azuis, é belíssima e lhe dá uma nota ainda mais interessante a grande solidão e o profundo silêncio que lá dominam.

Quando caminhávamos lentamente, por longo espaço, os nossos olhares foram atraídos por um ponto luminosíssimo que, como puro brilhante, luzia no meio do verde manto das colinas que víamos, além da planície, à nossa esquerda. Parecia que os cristais duma janela refrangissem os raios solares, mas nenhuma casa e inda menos vidros existiam naquela zona absolutamente deserta. Qual a causa daquela ilusão? Ninguém o soube dizer e talvez nunca o saibamos.

Mais para diante o terreno muda muito de aspecto. A terra, que primeiro tinha uma coloração avermelhada ou parda, torna-se em dado trecho esbranquiçada como aquela da costa do rio Paraguai na fazenda de Malheiros, côr que deu o nome à fazenda mesma: *Barranco branco*.

A vegetação muda também de aspecto e se torna mais árida e rara.

Estranhas plantas baixas, cheias de ramos em forma de guarda-chuva, com ramos cobertos de folhinhas verde-escuras, pequeníssimas, surgem cá e lá isoladas, fazendo sombra a uma quantidade de plantinhas espinhosas de *caraguatá*, *caraguataí*, *cactus* e outras que se amontoam em tôrno dos troncos das plantas protetoras e com o seu verde brilhante

e as folhas gordurosas e túrgidas contrastam com a aridez que as circunda e domina.

Os ramos depois destas estranhas plantas são geralmente ornados em profusão de parasitas em flor, tendo assim o aspecto de esplêndidas árvores de Natal.

Seguindo pela planura chegamos a uma torrentezinha em que escorriam águas limpidíssimas e inumeráveis peixinhos remontavam a corrente. Pudemos passá-la sem inconveniente nenhum porque o seu leito era duro e a água pouco profunda.

Mais para a frente caminhamos por longo trecho a planície herbosa, sempre alta e por vêzes ligeiramente ondulada. Depois o caminho começou a internar-se entre duas faixas de bosque, primeiro um tanto distante uma da outra, mas depois avizinhandose cada vez mais até se juntar em ângulo agudo.

Felipe, que andava na frente, chegando a um ponto onde o terreno baixava e o caminho, virando um pouco para esquerda, se metia no bosque, em dado momento parou e voltando-se me disse:

— *Boggiani, hay rio grande!*

— Como fazer agora? Era verdade, no bosque corria veloz um rio com muita água, largo de mais de vinte metros.

A margem era um tanto baixa e em parte inundada e as plantas esplêndidas lhe cobriam completamente o curso, fazendo uma abóbada de verdura assaz densa.

O lugar era delicioso, mas o caminho evidentemente atravessava o rio e continuava do outro lado; como passar?

As águas, um pouco turvas, pareciam ser muito profundas e não era prudente se arriscar com os bois carregados antes de sondar a profundidade.

Para tomar fôrça e repousar um pouco, prendemos os bois à sombra e, aceso um bom fogo, nos pusemos a cozinhar espigas de milho e um pouco de carne sêca. Comida a modestíssima refeição, me despi e me dispunha a entrar no rio quando se juntaram a nós os Caduveo.

Metemo-nos na água, que nos chegava, em alguns pontos, até as espáduas e sem inconvenientes chegamos à outra margem.

O fundo era formado por uma finíssima areia, bastante agradável para os meus pés.

Procedeu-se imediatamente à passagem das cargas, e pacote por pacote, levando-os na cabeça, os transportamos para o outro lado. Depois fizemos passar os bois e os cavalos.

O efeito que apresentava esta cena, com tôda aquela gente variegada, os bois, as vacas, os cavalos, os pacotes e as armas de tôda sorte, entre os frondosos ramos das plantas batidas pelo sol que a custo podia penetrar, era estranhíssimo.

Era um quadro esplêndido e cheio de vida.

Não sei se os *Sansculottes na passagem do Prut* ofereceram um espetáculo mais interessante do que êste, mas certamente êles não estavam mais. . . . *sans culottes* do que nós!

Refeitas as cargas, partimos de novo o mais celeremente possível. Avisou-me o Capitãozinho de que estugasse o passo porque não se chegaria ao Aquidabã antes do pôr do sol.

Uma série de montanhas nos estava pela frente, um pouco longe, o caminho parecia se dirigir para lá, mas ficava sempre longe, à esquerda. A campina, fortemente ondulada, era mista de prados e bosques luxuriantíssimos.

Passamos outro canal de água quase estagnada e baixa.

Finalmente, no limite de um bosque extensíssimo, vimos cabanas de teto de palha.

Era a casa de Antônio Alves.

Lá chegamos de noite, imediatamente depois do crepúsculo.

As duas cabanas eram plantadas na margem do Aquidabã, que corria, profundamente, em direção oposta àquela em que íamos nós.

Os Caduveo foram acampar ao ar livre não longe das cabanas. Descarregados os bois, baixei à água para ver o rio.

As duas margens entre as quais corre são revestidas de abundantíssima, enorme vegetação. Grandes árvores estupendas projetam os seus ramos frondosos sobre a água espelhante.

Nunca vi lugar mais belo do que este.

Enquanto estava em contemplação diante daquele espetáculo indescrevível, uma cena quase trágica sucedia lá em cima.

Antônio não estava, fora a uma vizinha fazenda de Malheiros. Estava, só, a mulher, com a filha de dezoito anos, um rapazelho de quatorze anos no máximo e mais seis ou sete filhos menores, dos quais os dois últimos, gêmeos nascidos há pouco.

Antônio, que é um velho embrulhão, devia ter contas a ajustar também com os Caduveo, e estes que, parece, já o haviam intimado mais de uma vez a sair do território deles, segundo suponho tinham vindo desta vez para me ajudar a sequestrar os cavalos e animais de Antônio, a fim de compensar-me de quanto me devia, — pensavam que eu fôsse recorrer a esse extremo expediente, — e para expulsá-lo a viva força, por sua conta, daquele ponto e saquear-lhe a casa e as plantações.

Com efeito, começaram a invadir-lhe a casa e a horta vizinha, a levar embora quantos objetos caíam nas suas mãos e a arrancar os pés de mandioca.

A mulher de Antônio estava desesperada e não sabia mais que fazer, tanto mais que lhe parecia ter ouvido ameaças de fogo e morte...

Ceguei naquele ponto e logo me meti entre os invasores e, chamando o Capitãozinho, aconselhei-o a que ordenasse aos seus para suspender as hostilidades e restituir imediatamente tôdas as coisas, o que foi feito, salvo com relação à mandioca que, pouco e mal, já estava sendo cozinhada no fogo.

Obtive também que todos os Caduveo voltassem ao seu acampamento, com ordem peremptória de respeitar uma casa habitada por uma mulher sózinha com tantos filhos sem defesa.

Em caso de infração desta ordem, ameacej usar eu mesmo as armas e teria morto qualquer um que ousasse cometer nova violência.

Disto, verdadeiramente, não havia necessidade, porque não teriam feito coisa que eu não aprovasse. Mas era bom que soubessem que eu falava a sério e queria ser obedecido.

Entrementes, o filho maior de Antônio, montado a cavalo, havia passado para o outro lado do rio os demais cavalos e um vitelo, pondo-os prudentemente a salvo de um golpe de surpresa, depois pegara na garupa dois dos irmãozinhos menores e fôra dar aviso do que acontecia a um vizinho pôsto avançado da fazenda de Malheiros, distante pouco mais de um par de quilômetros.

Pouco depois chegaram o capataz, com dois operários. As mulheres se tranqüilizaram um pouco mais e começaram a fazer preparativos de partida para o dia seguinte.

Enquanto isso se mandou a cavalo um peão de Antônio para que o procurasse e informasse de quanto acontecia, aconselhando-o a voltar logo para cá e se entender com os seus credores.

Eu e o capataz, que ficou aqui, enquanto os outros, vistas as coisas tranqüilas, haviam voltado para o seu pôsto, dormimos estirados sôbre couros estendidos em terra, diante da porta da cabana, em que estavam recolhidas as mulheres amedrontadas, com tôda a tribo das crianças.

Não dormi muito bem por causa dos mosquitos, de que me defendia mal o cobertor de lã.

Alegria, 25 de março.

Estou escre

26 de março.

Estava ontem à noite começando a escrever à incerta luz de um pano untado de gordura que, com um odor assaz pouco agradável, fumegava mais do que dez lâmpadas a óleo, quando, faltando o unto no prato, a luz se apagou de repente e fiquei no escuro.

Tive de interromper também porque começou a chegar um freguês com dois couros de cervo ou de veado para vender e não tive paz sinão quando noite muito avançada.

Ontem pela manhã, antes mesmo do nascer do sol, eu estava de pé. — Aqui não me custa fadiga me levantar a tempo pela manhã; o calorzinho das cobertas e a maciez dos colchões não me prendem no leito, nem me aborrecem os cuidados da toilette e do vestir!

Como durante a noite mesma tinham ido chamar Antônio, que devia chegar pela manhã, resolvi esperá-lo.

Para passar o tempo, fui ao rio gozar daquele espetáculo maravilhoso. Encontrei uma *salaginella* belíssima, da qual costumam freqüentemente fazer canteiros nas terras quentes ou temperadas da Europa os jardineiros.

A Aquidabã não tem muita água e sofre mudanças muito rápidas em consequência das chuvas. Recolhe tôda a água das torrentezinhas

circunvizinhas e de um dia para outro, tendo apenas um breve percurso, pode ter muitíssima ou pouquíssima água, e estar quase seco no dia seguinte.

O seu curso é tortuosíssimo e desiguais são a sua largura e profundidade. Ontem só se viam pela transparência da água os bancos de areia de que é formado o seu leito, mas se não chover é provável que na volta o encontre meio enxuto e que as areias estejam a descoberto.

Nas vizinhanças da casa de Antônio se vêem rochas, as quais ajuntam gentileza à vista.

O rio não tem mais de trinta metros de largura neste ponto.

Enquanto estava admirando o rio e as belas margens arborizadas entre as quais corre silencioso, ouvi a conhecida voz de Antônio que devia ter chegado naquele momento. Voltei logo ao acampamento e o achei em grandes confabulações com os Caduveo, que pacificamente o rodeavam tagarelando.

Naturalmente tudo se passou lisamente, sem dificuldades maiores, tendo o Capitãozinho explicado o *equivoco* cometido pela mulher de Antônio, que se amedrontara *sem razão*. Disse que vieram só para me acompanhar durante um trecho de caminho e ver, ao mesmo tempo, se nada havia de novo e perguntar a Antônio quando se decidiria a deixar livre o campo.

Intrometi-me, então, na questão e depois de não pouco mercadejar, ajustei as coisas de modo que os Caduveo permitiram a Antônio permanecer outro par de meses até que tivesse terminado um trabalho de madeira que estava fazendo para Malheiros e dado tempo à mandioca para amadurecer, pudesse fazer a colheita, preparar a farinha e depois, uma vez baixadas as águas e vinda a estação boa, partiria com todos os seus e as suas coisas.

Ao mesmo tempo ajustei uma conta de 110 couros de cervo que o Nalique devia a Antônio pela execução do engenho existente na aldeia abandonada. Dêstes 110 couros se deviam descontar 40 por dívida de Antônio para com os Caduveo. Fiz que Antônio perdoasse outros 20 couros ainda para facilitar as coisas e os outros 50 couros restantes a favor de Antônio foram por êste transferidos a meu favor em desconto de quanto êle me devia. É bem verdade que eu pouco ganhava na troca, pois ter por devedores os Caduveo ou Antônio era mais ou menos a mesma coisa; talvez resgate um dia êstes 50 couros, mas é também muito provável que não lhes veja nem mesmo o princípio.

Creio que teria sido o mesmo se tivesse deixado as coisas como estavam.

Decidiu-se com Antônio que partiremos, êle comigo para Alegria, cêrca das duas da tarde, pelo que, aproveitando o tempo, baixei ao rio com a louvável intenção de fazer um esbôço à aquarela.

Despido completamente, pus-me dentro d'água e comecei a trabalhar. Não me faltava água, por certo, para lavar os pincéis!

Mas havia começado há pouco quando Antônio me chamou, instando para partir mais depressa do que havíamos estabelecido.

Suspendi o trabalho, e pouco depois tudo estava pronto. Comeu-se uma boa refeição, que entretentes a mulher de Antônio havia preparado, e, arreados os nossos bois, pusemo-nos a caminho, eu e Felipe. Antônio nos devia seguir de perto.

Os Caduveo partiam ao mesmo tempo para Nalique.

Atingida a margem oposta do Aquidabã, que naquele ponto se passa perfeitamente a vado, entra-se num breve trecho de bosque no qual surgem enormes jatobás majestosos.

É o jatobá uma árvore que fornece uma excelente madeira de construção, seja pelas suas qualidades de resistência, seja pelas dimensões (1).

Depois se entra numa série de prados vagamente interrompidos por ilhas de bosques. Lá pasta numeroso o gado de Malheiros, o qual com a sua fazenda ocupa todo o território compreendido entre Rio Tereré, o Paraguai (Rio), o Rio Branco e chega na sua extremidade interna até o Aquidabã. Uma região enorme e das mais esplêndidas.

Aproximando-se do Retiro, — é assim chamado o pôsto avançado que se acha nestas paragens, no qual vivem os guardas dos animais, especialmente cavalos, de Malheiros — a paisagem em redor se faz cada vez mais bela. É uma série ininterrupta de quadros, um mais belo do que outro; Corot, Troyon, Rousseau e tantos outros não poderiam desejar melhor.

Passamos o Retiro, que é formado por um curral e poucos ranchos assaz miseráveis, os quais dão uma idéia bastante luminosa da avareza dêste grande entre os grandes fazendeiros do Brasil, que possui gado tão numeroso a ponto de não poder contá-lo. Calcula-se em mais de 40 ou 50.000 o número de cabeças de gado bovino que pastam nos seus campos!

Passado o Retiro, o terreno se faz ondulado, sempre variando em prados e bosques, e ora é arenoso e sêco, ora pantanoso e plano, ora pedregoso com abruptas subidas e descidas.

Por um bom trecho o caminho trepa pelas faldas duma alta colina bastante abrupta até uma boa altura, pela esquerda de um vale profundo, estupendo pelas fortes côres que lá se contrastam, escuros nos bosques e claros e brilhantes nas ervas dos prados de um verde decrescente até o azul acentuado da cadeia de montanhas que está defronte, do outro lado do vale.

Chegado ao ápice da subida, o caminho se mete por dentro de um bellissimo bosque que do alto da colina desce até o fundo do vale. Lá reinam uma sombra e uma temperatura deliciosas e as árvores são variadíssimas, grandes e muito bonitas.

Desce-se súbita e rapidamente e se entra numa série ampla de prados até chegar a um vale vastissimo flanqueado por montanhas arborizadas e colinas.

(1) Não pude achar-lhe o nome científico (N. do A.). — Jatobá é o nome de várias espécies de *Hymenaea*, leguminosas também chamadas jatubá, jataí e pão-de-ló-de-mico (N. H. B.).

A ondulação do terreno é dulcíssima e enormes extensões de verdes prados se perdem diante de nós, limitadas somente por finas faixas de árvores que indicam o curso das águas que correm das alturas circundantes.

Por toda parte pastam vacas e bois plácidamente.

O sol não nos deixa, brilhando num terso céu de cobalto puríssimo: e é uma festa de luz e de cores em torno de nós que encanta.

Felizmente todo este grandioso espetáculo da natureza distrai a mente do fastidiosíssimo andar dos bois, lento, desesperador.

Antônio se juntou a nós aqui, tendo permanecido um pouco em casa até completa partida dos Caduveo. Enquanto isso Feiipe tentava caçar um avestruz que fugiu, como três outros que havíamos encontrado antes.

Fêz-se tarde, e docemente diminuindo as luzes do dia, pouco a pouco caiu o sol por trás da longa cadeia de montanhas que nos acompanhavam à direita.

Pensava, já cansado, em pernoitar no campo, mas Antônio me incitou a prosseguir, assegurando que Alegria já não ficava longe. Escoreceu e, sendo a noite sem lua, não se via mais nada, e eu afanosamente animava o pobre boi esgotado com o longo andar e a carga pesada.

Por fim chegamos a alguns ranchos fechados numa extensão cercada. Eram as habitações dos Tereno, que vivem nos arredores de Alegria. Antônio parou um momento a falar com alguém, que devido à escuridão não consegui reconhecer, depois continuamos pela nossa estrada.

Deixando aquêles ranchos se entra numa planura assaz extensa, passando primeiro por um trecho de terreno bastante pantanoso.

Finalmente nos apareceu entre a sombra da noite, ao longe, uma luzinha tremulante, tal como nas histórias de feiticeiras, e em breve chegamos a Alegria.

Pusemos logo pé em terra, com grande prazer, num terreirinho diante de uma cabana grande de paredes de troncos mal juntos e de telhado com acentuada vertente de fôlhas de jatai-guaçu.

Receberam-nos dois antigos conhecidos meus, um velho negro, escravo liberto e um mestiço de Caduveo e Brasileiro, que haviam estado por muito tempo a meu serviço em Forte Olimpo.

Na casa do capataz, — chefe dos trabalhadores, dos empregados, diretor e gerente do pôrto — nos receberam várias mulheres, entre as quais duas Chamacoco civilizadas, cheias de saúde e fôrça, e a dona da casa, uma bela mulher alta, esbelta e inteligente. Pouco depois nos trouxeram um excelente churrasco, enfiado num enorme espêto de pau, e farinha de mandioca.

O apetite era grande e não se fizeram cumprimentos.

A notícia da minha chegada e do garrafão de pinga que havia trazido correu num instante pelas cabanas, e logo choveram sobre mim os poucos couros de cervo e veado que lá havia.

Em pouco eu havia comprado tudo vantajosissimamente, com grave diminuição do garrafão que quase ficou vazio. Mas eu havia aumen-

tado pelo menos sete vêzes o custo com os couros comprados, não fazendo cálculo, porém, da depreciação e das dificuldades para trazê-lo até aqui.

Por fim, estendi em terra num ângulo do abrigo os arreios dos bois, estendemo-nos por cima e, cansados como estávamos, não tardamos a adormecer.

Ora, quem me tivesse visto neste momento, vestido com umas simples calças de pano mais ou menos branco tirada fora para aquela circunstância, e de uma camisola, descalço e tendo na cabeça um chapéu a três pancadas completamente deformado, e me tivesse visto estirado no chão como um miserável qualquer entre os outros vilões, dificilmente teria podido rever em mim aquêlê Boggiani de salão de que se ocupavam há anos os jornais de Roma, nas secções de arte. Contrastavam tão somente com tanta miséria os dois anéis de ouro que eu tinha no dedo e a pena com que, à fedorenta luz dum farrapo untado de gordura, pouco antes me preparava para escrever as minhas notas, quando repentinamente me faltou a luz.

Esta manhã saí com tempo de dar uma vista pelo lugar onde nos achamos.

O tempo que, *more insolito*, nos favoreceu esplêndidamente desde a nossa partida de Nalique até aqui, estava bellissimo e poucas nuvens vagavam no amplo céu de um azul celeste claríssimo.

As cabanas, verdadeiramente provisórias e bastante miseráveis, que formam Alegria, surgem num terreno elevado e dominam um vasto campo aberto, ondulado e todo de prados com pastagens exuberantes, nos quais numerosíssimo gado acha abundante nutriimento.

Ilhas arborizadas destacam-se escuras aqui e ali esparsas naquele mar de verdura como enormes ondas imóveis. Se as casas fôsem mais bonitas e qualquer horta ou jardim existisse em redor delas, o nome de Alegria estaria bem aplicado, mas isso que se vê presentemente poderia antes ser chamado *miséria!*

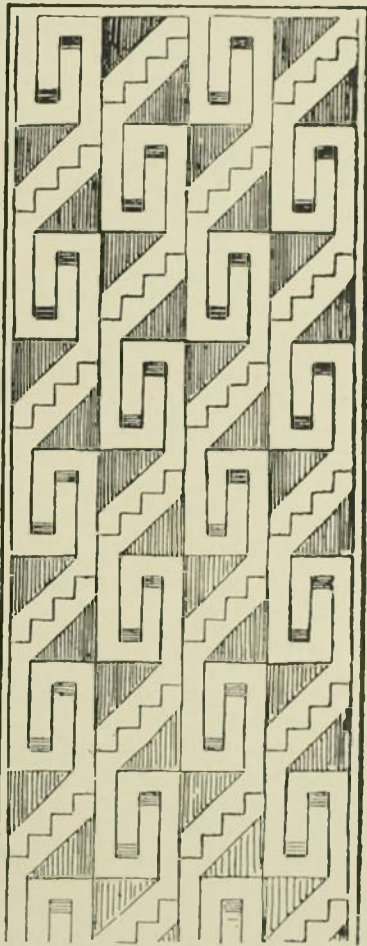


FIG. 93

Combinei com a patroa do lugar, na ausência do marido, um negócio que, se chegar a termo, será vantajoso para mim.

Cedi-lhe toda a mercadoria que trouxe comigo em troca de vacas e bois, que eu mesmo, se os meus cálculos não falharem, virei buscar aqui, dentro de um par de meses, quando, a estação sendo melhor, seja possível fazê-los passar por via terrestre até defronte do novo estabelecimento nosso na margem do Rio Paraguai.

Estou bem contente, de qualquer modo, por me ter libertado desta mercadoria que nas presentes condições dificilmente teria podido vender com lucro aos Caduveo, a menos de lhes dar a crédito. Ora, crédito por crédito, prefiro haver-me com o capataz de Alegria e não com os Caduveo, embora não haja tanto motivo para se fazer ilusões sobre a honestidade de ninguém nestas alturas.

Com Antônio fui visitar as habitações dos Tereno, os quais nos arredores de Alegria fizeram extensas plantações de feijões, mandioca, cana de açúcar, milho, etc. Como Malheiros nesta região não tem plantações de nenhuma espécie, em boa parte são os Tereno que fornecem os cereais mais indispensáveis.

Os Tereno, segundo notícias, têm o seu centro perto de Miranda. Diferem pouco dos Caduveo, mas parecem já mais civilizados. Não costumam raspar os pêlos da cara como os Caduveo e têm fisionomias por isso mais simpáticas.

São muito tranquilos, mas gostam da pinga com intensidade igual à dos seus compatriotas.

Devem ser interessantíssimos de estudar nos seus costumes e gostaria de ter tempo para passar com eles alguns meses (2).

Fomos visitar José Quirino, aquêle que foi ao Nalique com Antônio e que cantou. Ainda estava embriagado pela pinga bebida ontem à noite.

Sua cabana está posta no meio de uma vasta plantação de limoeiros e tem uma forma graciosíssima. O teto com vertentes rapidíssimas, de palha, é muito bem feito e chega até quase a terra.

Dois giraus feitos com muito cuidado estão defronte um do outro debaixo de cada uma das vertentes. Não são feitos de palma, e sim de canas de bambu, e cobertos do costumeiro couro.

Vizinha a esta há outra cabana, residência do pai de José Quirino, com um girau grande, assaz bem feito, com elevação para apoiar a cabeça. Em tudo isso se vê um cuidado minucioso, quase feminino, e um singular asseio reina por toda parte, de bastante bom agouro.

José Quirino tem por mulher uma bela jovem de traços regulares e assaz suaves.

Esta deu à luz há pouco dois gêmeos, dos quais um, segundo um infame hábito, foi morto apenas nasceu.

Os Tereno não têm coloração escura; algumas vezes torna-se difficilimo distingui-los da gente do campo.

(2) A literatura sobre estes índios é indicada em Herbert Baldus: *Ensaços de Etnologia Brasileira*, série Brasileira 101, S. Paulo 1937, pág. 323 (N. de H. B.).

Na volta passamos pela casa de uma Brasileira à qual vendi esta manhã uma peça de percal branco.

Pagou-me e me presenteou com um saquinho de farinha de milho tostada.

Com o marido, que estava interessado em fabricar sabão negro, vive numa cabana feita pelo sistema dos Tereno que, para êstes climas, são comodíssimas.

Antes de ir dormir arranjei tôdas as minhas coisas, preparei as cargas e saudei a dona da casa, pois que amanhã, antes que nasça o sol, pretendo partir para o Aquidabã ou o Nalique.

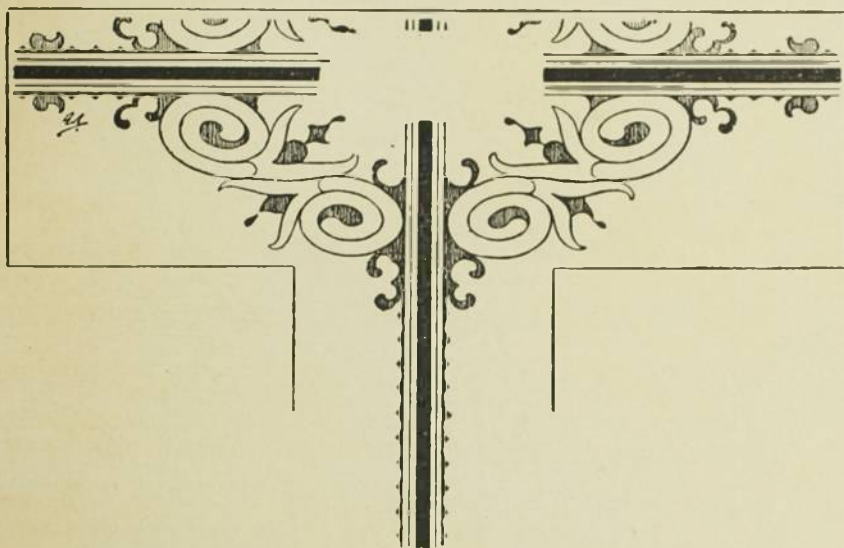


FIG. 94

Nalique, 27-28 de fevereiro.

Ontem à noite eu estava tão cansado e me molestavam de tal maneira quatro mosquitos no Aquidabã, que na verdade não me senti disposto a pegar da pena e escrever.

Partidos de Alegria uma boa meia hora antes do nascer do sol, tendo levantado quando ainda era noite, a fim de proceder a tempo à cansativa ocupação de carregar os bois, chegados ao Aquidabã cêrca das quatro da tarde.

No caminho me sucedeu uma desgraça. Havia comprado em Alegria quatro galinhas e um galo de raça cochinchina, de penas negras com reflexos metálicos, que esperava levar para casa a fim de principiar sua criação; levava-os dentro de uma rêde, tendo tido o cuidado de cobri-los

com folhagens para salvá-los do ardor fortíssimo do sol. Mau grado as minhas precauções, perto do meio-dia encontrei o galo morto, certamente por insolação. Tinha a cabeça cheia de sangue.

Pobrezinho! Paramos para repousar um pouco à sombra nos limites de um bosque, em que corria uma profunda torrente, acendemos o fogo e, depenado devidamente o galo que tivera a imprudência de morrer, lavei-o bem e, enfiando-o num espêto preparado ali para êle, fi-lo assar. Era novo e gordo e o achamos excelente. Tal foi a sua oração fúnebre!

Nada mais nos aconteceu durante o caminho, salvo uma cambalhota de Felipe. Chegados a um pequeno fôssco, que era preciso atravessar, passei em primeiro lugar sem acidentes. Mas, quando foi a vez de Felipe, o boi que êste montava fêz tal movimento para a frente, baixando a testa para o chão a fim de estudar o terreno, que não soube o Chamacoco se manter na sela, escorregou pelo pescoço do boi até os cornos que o seguraram; mas com o empurrão a cabeça e o corpo, não achando apoio, continuaram o movimento para a frente e, dando um salto mortal, Felipe foi rolar até do outro lado do fôssco, felizmente sem se fazer nenhum mal.

Levantou-se furioso, não sabendo com quem se desferrar. Tinha uma cara tão mortificada que não pude conter o riso.

E ri tanto que pouco faltou não perdesse o equilíbrio eu também, o que tornou a pôr Felipe de bom humor, e sem outro acidente chegamos ao Aquidabã.

Antônio ficara em Alegria para ir mais tarde às *Conchas*, — outro dos postos da fazenda de Malheiros — a fim de fabricar lá um grande engenho para cana de açúcar. Desta vez Antônio não me havia enganado. A mercadoria que lhe havia confiado, não podendo trocá-la por couros, havia dado por uma bela vaca com vitelo, que deixei em Alegria para vir buscar mais tarde, na minha volta.

Achamos tudo tranqüilo e em perfeita ordem. O mêdo dos Caduveo se desvanecera e os hábitos da família haviam retomado o seu andamento regular, como se nada tivesse vindo turvá-los.

As águas do Aquidabã nestes dois dias de bom tempo estavam assaz baixas e em alguns pontos os bancos de areia emergiam.

Para tirar de cima de mim o grande calor e o suor, lancei-me com volúpia no rio, cujas águas frescas e limpas bem depressa me restauraram. Subi-lhe o curso por longo trecho, encontrando em cada volta cada vez mais belos pontos de vista.

Ao voltar, deixei-me levar pela corrente, bastante imprudentemente, porque arranhei mais de uma vez os joelhos contra as rochas e troncos ocultos debaixo d'água, sem todavia grande dano.

Entrementes, a mulher de Antônio nos havia preparado uma boa ceiazinha, à qual fizemos as maiores honras.

Depois, exausto com a jornada cansativa, me estendi sôbre o meu poncho e dormi mal até o alvorecer.

Esta manhã, carregados com todo cuidado os bois, com o acréscimo, pobrezinhos dêles, de uma quantidade de abóboras e melões excelentes, partimos quando já se levantara o sol.

A propósito de abóboras: no outro dia, depois da partida de Antônio do Nalique, quando chegaram de regresso ao Aquidabã aquelas duas es-



FIG. 95 — Floresta dos Etchate.

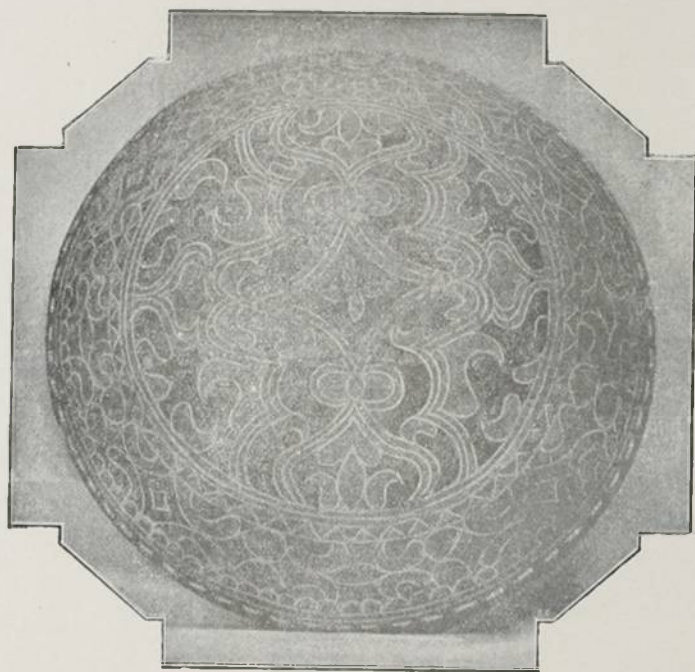


FIG. 96

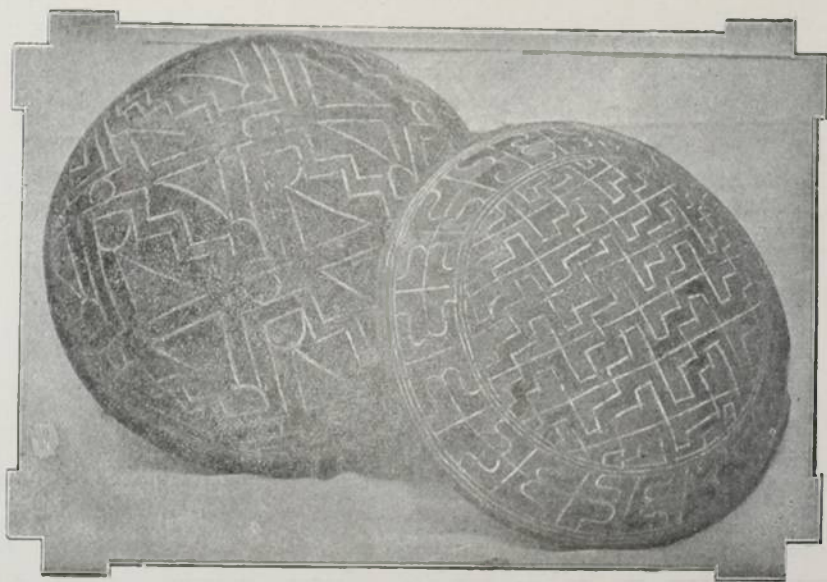


FIG. 97

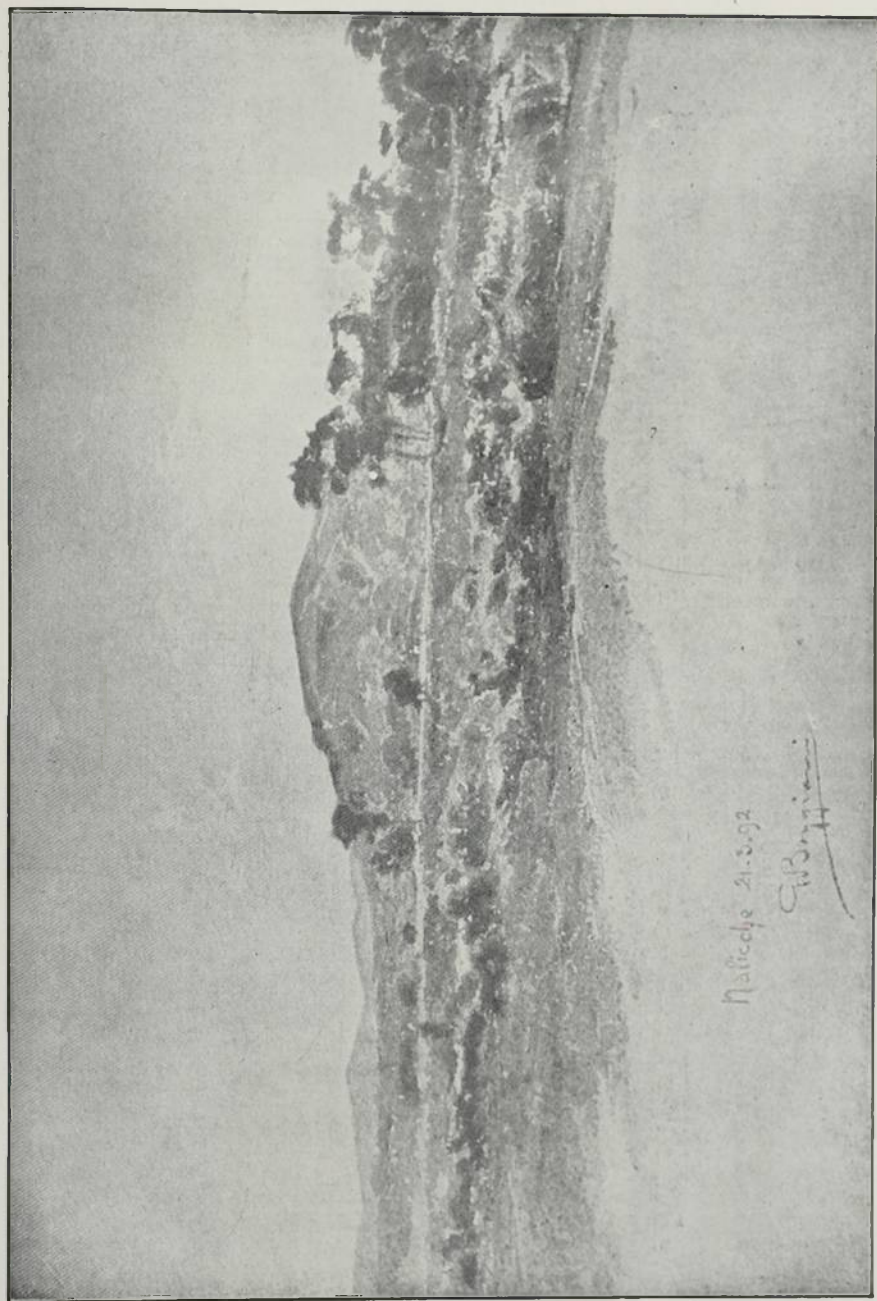


FIG. 98 — Pequena montanha nos arredores de Nalique.

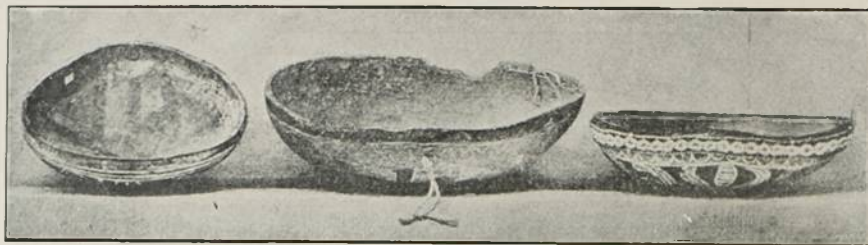


FIG. 99

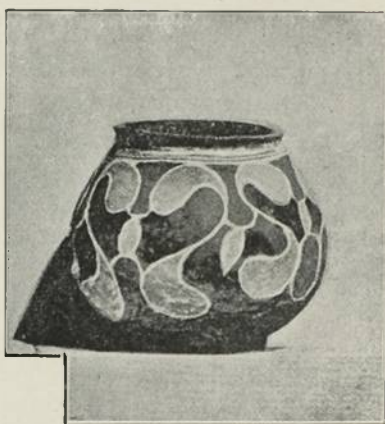


FIG. 100

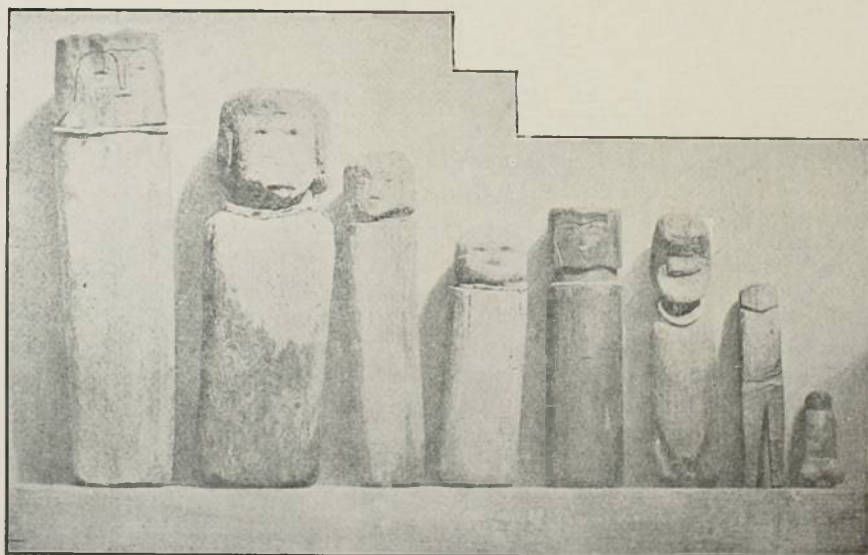


FIG. 101

cravas de Francisco com uma carga de abóboras, elas deviam me entregar uma dezena, pois que lhas deu Antônio com expressa recomendação de entregá-las a mim. Mas fizeram ouvidos de mercador e, se tive duas ou três, foi apenas por *generosidade* da sua senhora, a qual, por outro lado, não se preocupou com saber muito sobre as intenções de Antônio a meu respeito e sobre os meus direitos.

Isto tão somente para constatar o fato e ter um novo dado sobre o caráter desta gente.

Nada mais que isso, pois tôda reclamação seria completamente inútil e fora de lugar, agora.

Os bois, que já estavam muito cansados pela caminhada feita durante estes últimos dias, com a nova sobrecarga, não ousavam se rebelar abertamente, mas se vingavam caminhando mais lentamente que de hábito, se possível; e eram esforços sobre-humanos que nos tocava fazer para excitá-los e impedi-los de parar a cada momento. A estrada que nos restava percorrer era longa e me urgia chegar a destino antes da noite.

É preciso paciência para viajar dêste modo! Mas que fazer?

Tendo carga a levar é o único meio de que se possa valer; sem estradas e com bosques, fossos, pântanos e rios a passar, não seria possível andar com carros.

Perto do meio-dia chegamos ao ... *Prut*. Embora as águas tivessem diminuído bastante, tivemos, ainda esta vez, de descarregar os bois e levar a mão tôdas as coisas para o outro lado.

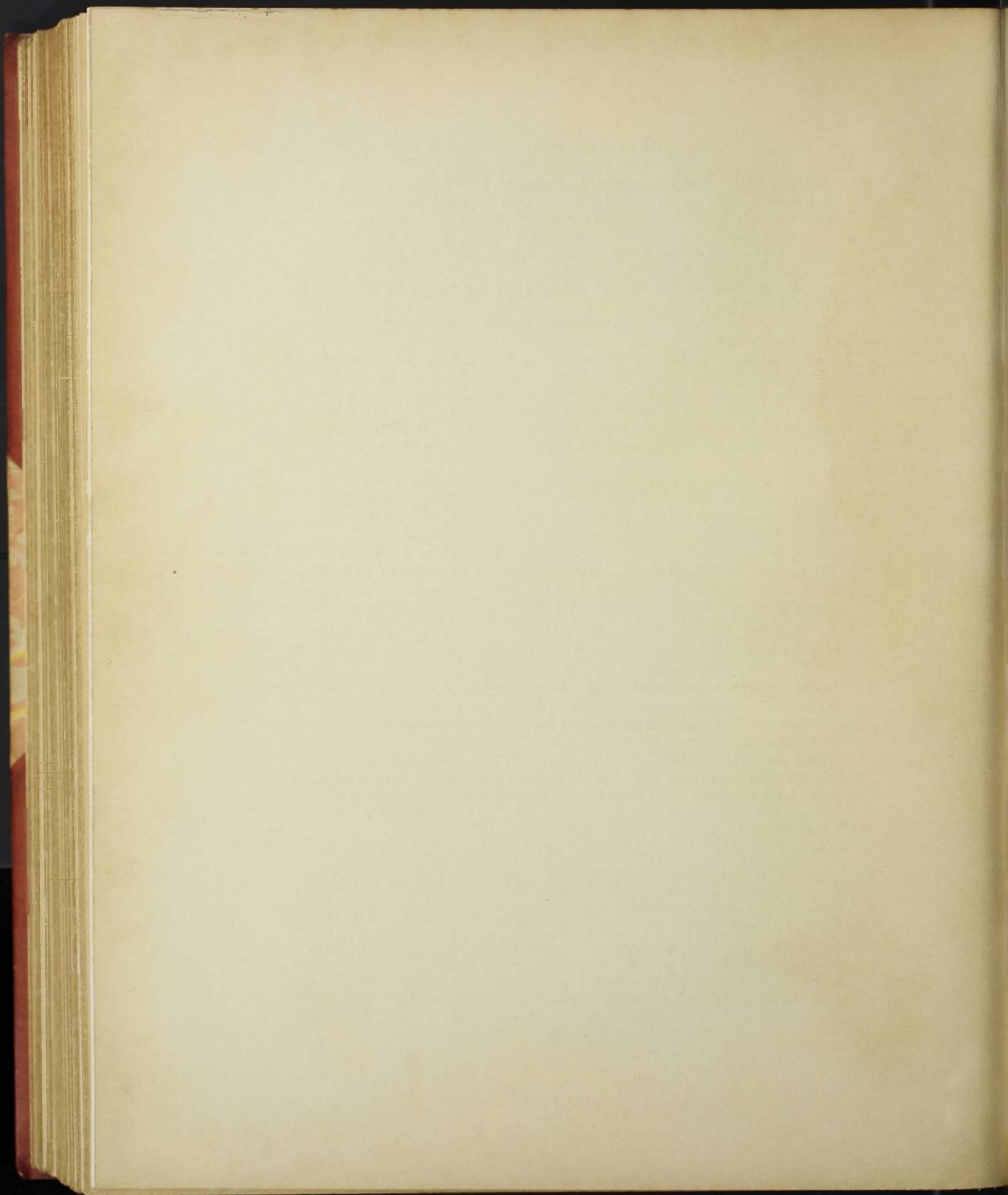
Enquanto repousávamos um pouco à sombra, Felipe descobriu um ninho de abelhas no tronco de uma árvore. Estava por demais alto para se poder chegar a êle, era preciso recorrer ao machado. Desgraçadamente a árvore caiu de pé, sustentada pelos ramos das outras árvores vizinhas, e tivemos de renunciar ao mel que nos prometia. Estávamos demasiado exaustos e fatigados para perder mais tempo.

Refizemos a carga e partimos. Os quatro dias passados com bom tempo haviam de tal maneira enxugado o campo, que achamos a estrada muito melhorada.

Perto das três chegamos a Etóquiya, onde nos presentearam com cana de açúcar e mamões e, não podendo deitar tudo sobre os bois, aquela boa velha Cola carregou nas costas quanto restava e nos acompanhou até o Nalique, onde chegamos cerca das quatro, recebidos festivamente pelos meus bons amigos.

Encontrei tôdas as minhas coisas em perfeita ordem. Esgotado pelas duas jornadas de marcha e sol fortíssimo, depois de haver tomado um banho nas fontes, fui dormir sobre o meu girau, que me pareceu um leito de plumas.

E assim terminou êste breve entremez, que durou cinco dias, favorecido constantemente por um tempo esplêndido, com um êxito comercial discreto e a satisfação de ter visto um belo trecho de região admirável.



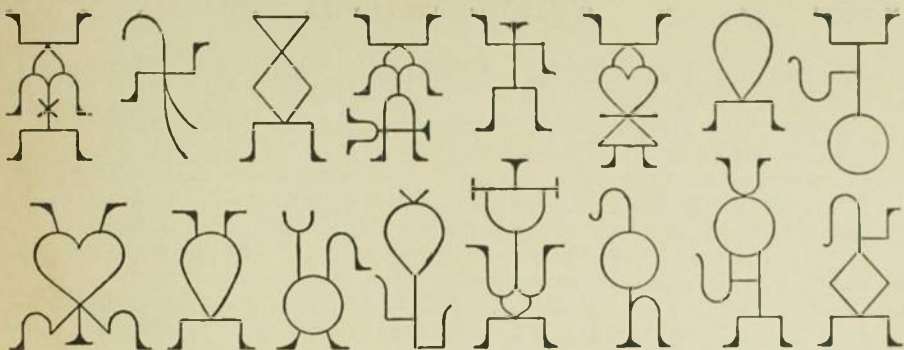


FIG. 102

CAPÍTULO VII

ÚLTIMOS DIAS NO NALIQUE

29 de março.

Jornada de completo repouso. Precisava bem disso! Não tenho outra coisa a registrar sinão o boletim do tempo, o qual estêve belo e quente durante todo o dia, salvo uma breve carga d'água de tarde.

Enquanto Ináguina estava ocupada em pintar a cara de um Caduveo que, estendido supino, dormia com a cabeça apoiada nas pernas da pintora, aproveitei para fazer um esbôço a lápis no álbum.

O curioso é que em tais posições a desenhista é obrigada a fazer o seu trabalho às avessas.

Esta noite houve baile, mas não participei dêle, mau grado os convites insistentes, tendo a boa desculpa de uma leve ferida sob a planta de um pé.

Já nada mais me retém ao Nalique; creio que, durando o tempo bom, dentro de três ou quatro dias posso partir de volta para o Retiro.

30 de março.

Fixei a partida para o Retiro e Forte Olimpo para depois de amanhã. Já se passaram dois meses e meio depois que partimos de Pôrto Pacheco e me parece tempo de voltar. Quem sabe o que pensará Acevedo de mim, há tanto tempo sem notícias minhas.

Comprei hoje, a preços verdadeiramente de estimação, umas pequenas galinhas que me pareceram pombos, com o galo da mesma raça, a fim de levá-los a Pôrto Pacheco para criação. Vistos os preços que paguei por estas, num momento me caíram em cima de todo lado vende-

dores de galos e galinhas, na esperança de que quisesse comprar todo o galinheiro da aldeia.

Mas bem depressa ficaram desiludidos, porque mais algumas que comprei para a provisão da cozinha paguei a preço assaz razoável.

Comprei também alguns pratos muito interessantes pela forma e pela fatura e espero poder fazê-los chegar até a Itália intactos, como compensação daqueles mandados há tempos e que chegaram em pedaços.

A expedição de regresso se comporá de cinco bois, os quais a custo poderão levar tôda a carga dos meus trens e os couros.

O transporte dos pratos e dos galináceos vivos, que é muito delicado, será confiado aos cuidados de Ináguina, que gentilmente se ofereceu, com o marido, para me acompanhar.

O anúncio da minha partida causou muito desprazer entre os Caduveo, que começavam a me contar como um dos seus.

Em sinal de simpatia recebi uma quantidade de presentes de frutos de tôda espécie, e é um contínuo perguntar quando voltarei.

Para aligeirar quanto possível a carga, dei hoje aos mais dignos de confiança, a crédito, tôda a mercadoria que me restava. É arriscar muito, mas, por outro lado, *quem não arrisca não petisca*.

Em melhor estação talvez consiga resgatar parte, pelo menos, dos créditos que ora deixo para trás; em caso contrário procurarei me compensar na primeira ocasião.

Hoje foi levantado diante da casa do Capitãozinho um altíssimo mastro sôbre o qual se hasteou uma bela bandeira branca com as insígnias do Capitãozinho.

Esta insígnia não é mais que a marca que, a fogo, estampa nos animais de sua propriedade todo proprietário caduveo. É uma espécie de sigla de reconhecimento.

Há belíssimas e algumas delas parecem representar figuras humanas simbólicas¹.

O caráter destas siglas é notabilíssimo e talvez um acurado estudo delas possa conduzir a interessantes descobertas.

Reproduzo aqui algumas das principais; usam ainda os Caduveo marcar os objetos de uso pessoal; encontrei-as sôbre pentes, cachimbos, espátulas de tecer, cabaças reduzidas a caixas, estojos, etc., e sôbre alguns objetos então reunidas em quantidade como se fôsem caracteres de uma escrita².

Os Caduveos não têm, para marcar os seus animais, marcas de ferro como são usadas em tôda a América do Sul pelos Estancieiros; mas usam simples barras de ferro de cinco ou seis milímetros de espessura, ligeiramente encurvadas numa das extremidades, e com elas esquentadas ao fogo vão desenhando a mão livre as suas insígnias sôbre o couro dos animais. É uma operação longa e difícil e especialmente fastidiosa para os pobres animais submetidos àquela tortura. Vi hoje mesmo o Capitãozinho marcar um potro de sua mulher por êsse sistema.

(1) Vide figuras n. 102 e 103. A marca do Capitãozinho é a primeira à esquerda no alto da figura n. 102; aquela que se segue é da sua mulher (N. do A.).

(2) Vide o estôjo, figura n. 31 (N. do A.).

Primeiro usavam fazer as marcas muito grandes; agora, porém, aprenderam a não estragar o couro dos animais e reduziram os sinais a justas proporções.

Uma coisa curiosíssima é o costume de ornar os cavalos brancos de desenhos em vermelho com o urucu.

É uma verdadeira mania que têm os Caduveo pela ornamentação.

Tivemos tempo esplêndido ainda hoje, o que me faz esperar que tenhamos bom tempo igualmente durante a viagem de retôrno.

Uma carga d'água, não abrigados como se está em viagem, seria um verdadeiro desastre, especialmente para as minhas aquarelas e os outros papéis. Não há maleta, por mais hermêticamente fechada, que possa salvar completamente da umidade as coisas que contém, em caso de uma chuva prolongada. E a carga, depois de umedecida, se torna duplamente pesada com grave dano para os bois e a rapidez da marcha.

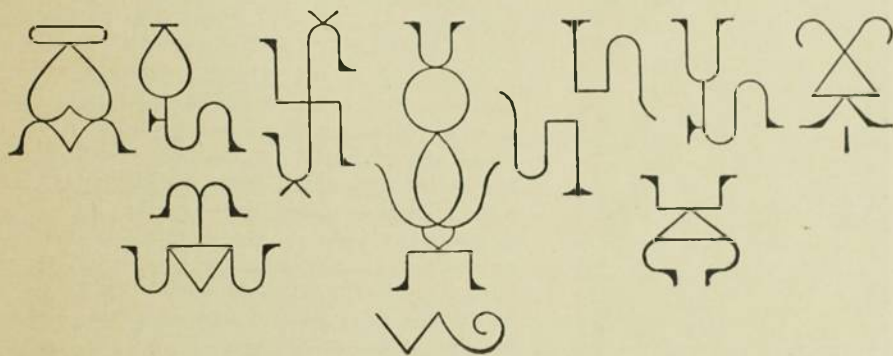


FIG. 103

31 de março.

Nulla dies sine línea.

É em homenagem a esta máxima que pego da pena para escrever ainda hoje, mau grado o sono que me pesa nos olhos.

Passei a jornada pondo em ordem as minhas coisas e preparando as cargas para os bois que amanhã, o mais cedo possível, me devem levar ao Retiro.

Tendo o tempo decididamente se pôsto a bonito, espero poder fazer a viagem enxuto; a estrada estará certamente melhor do que quando vim e poderemos andar mais expeditamente.

Para me despedir dignamente dos meus hóspedes, certo de lhes causar um grande prazer, reservei-lhes um garrafão de pinga com que convidei todos.

Não tendo escravos para mandar fazer os convites, fui eu mesmo de casa em casa e todos aceitaram cortêsmente, com sorrisos e frases gentis.

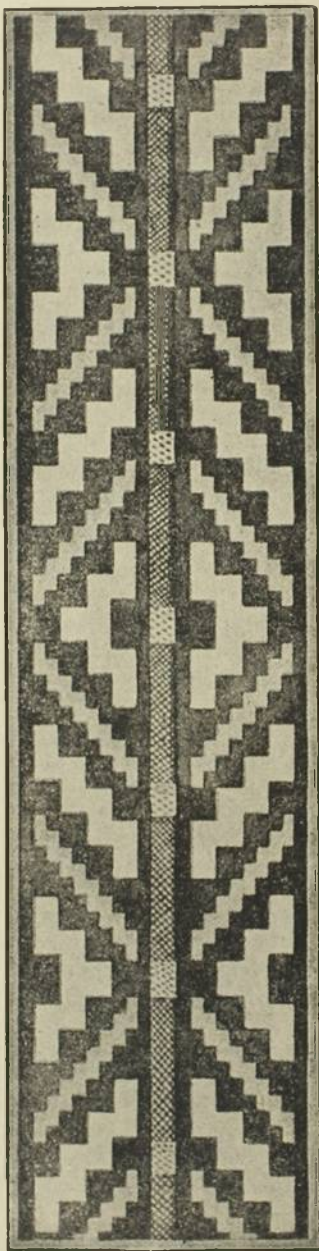


FIG. 104

Como é da pragmática, sentaram-se os principais sôbre o girau do Capitãozinho. Os outros se sentaram sôbre os habituais couros estendidos no chão em redor. Eu tinha acolhido em tórno de mim sôbre o meu girau sete das maiores *grandes damas* da tolderia, u'a mais interessante do que a outra.

O Capitãozinho fazia de distribuidor-chefe do líquido delicioso. Distribuía garrafas a encarregados especiais, os quais por sua vez davam por turno um copinho a cada um dos convidados postos sob a sua proteção.

Naturalmente eu não bebia; mas estando sentado no meu girau com as mulheres podia observar tudo bem de perto.

Sentava-se em primeiro lugar à minha esquerda a sogra do Capitãozinho, a qual me demonstra uma especial e afetuosa consideração. É mulher dotada de muita inteligência e goza de grande estima na tribo. Hoje, como mulher previdente e cuidadosa, me presenteou com uma bela mandioca para a viagem de amanhã. Está entre as mais brilhantes bebedoras de pinga, o que aumenta não pouco o seu prestígio.

Vinha depois um tipo curiosíssimo de Chamacoco caduveizada, velhinha, tôda pintalgada com linhas grosseiras que a faziam parecer ainda mais escura que o natural. Tinha os cabelos ondulados, — coisa rara — negríssimos, e u'a mecha esbranquiçada sôbre a testa lhe dava um aspecto assaz bizarro. Falava vivazmente e estava sempre pronta a rir e a gritar.

Sentava-se em seguida a mãe do Capitãozinho, outro belo tipo de velha, membruda, forte, séria e cheia de autoridade. Pertence, pelo nascimento e pelo primeiro matrimônio, à maior nobreza.

Depois sentava-se um tipo originalíssimo, de idade incerta, mais para lá que para cá dos quarenta; também essa tinha os cabelos ondulados que faziam coroa a uma cara aberta, inteligente, com

uma frente firme e espaçosa. É uma das mais hábeis fabricantes de louças de barro e está entre as mais bem dotadas; boa dona de casa e mulher de um velho Chamacoco. Não sei por que me dava a impressão de ter o rosto mais pelado do que as outras.

Defronte desta, sentava-se uma velha magra e consumida. Bebia os seus gozinhos de pinga com a maior compunção e dentro de tôdas as regras da etiquêta.

Vinha depois uma mulher de seus trinta anos, entre as mais apaixonadas pelo forte licor, e por último a mulher de Amâncio, minha vizinha de casa, uma mulherinha alegre, sêca, quase feiazinha, mas bastante simpática pelos seus modos gentis e cheios de elegantes minúcias. É habilíssima fabricante de louças de barro, desenhista excepcional e amiga inseparável da mulher do Capitãozinho.

A sogra dêste último distribuía numa pequena cuia um gole de pinga por turno a cada uma das presentes, as quais pegavam apressadamente, segundo a etiquêta, o copo com as duas mãos, agradecendo cada vez com um *inhiuáigodo* gentil.

Creio que o *do* final não signifique mais que uma simples forma carinhosa de *inhiuáigo*.

Depois, antes de chegar aos lábios o copo inebriante, cobriam-no com uma das mãos e tirando da bôca o pito de tabaco habitual, que colocavam invariavelmente sôbre um joelho, cuspiam duas ou três vêzes no chão fora do girau como para preparar a bôca bem limpa, e pegada com as duas mãos a cuia engoliam de uma só vez o conteúdo. Como êste era forte e queimava, faziam caretas mais ou menos violentas segundo a resistência do estômago condenado àquele batismo de fogo. Cuspiam e cuspiam e, sempre com as duas mãos, restituíam o copo à distribuidora, com elegância de gestos e novos *inhiuáigo* graciosíssimos.

E palravam as outras enquanto isso, sem gritar muito, com gestos medidos, com inflexões de voz cada vez mais afetadas, como verdadeiras senhoras bem educadas e tinham todo o ar de contar mil coisas agradáveis e... sobretudo *espirituosas!*

Não são em nada grosseiras nos seus modos estas mulheres *selvagens*³, e notej sempre nelas um recato notabilíssimo de modos; têm um não sei que de fino que por vêzes faria crer receberam sua educação em qualquer salão europeu.

Terminada a pinga, continuou por um pouco o vivaz tagarelar. Depois, quando perceberam que era ora de ir-se, um a um vieram se despedir agradecendo e *pedindo a licença para se retirar*.

Como além de mim estavam na casa o Capitãozinho, o Tenente e Joãozinho, que são os três personagens mais importantes, os convidados nos saudaram um a um com o maior respeito e a maior seriedade.

(3) Já Martius tinha a convicção de que "os americanos não são selvagens, mas asselvajados e decaídos". Esta opinião foi debatida em Herbert Baldus: "A viagem pelo Brasil de Spix e Martius", Revista do Arquivo Municipal LXIX, São Paulo 1940, págs. 142-144 (N. de H. B.).

Uma civilização, portanto, a que possuem e não indiferente. Ora, alguém poderia fazer nascer a dúvida sobre se isso seja um *principio* ou um *fim* de civilização; mas eu que observei atentamente tudo, seus fatos, estou pelo segundo, pois que não é possível chegar a um tal grau si não através de muitas gerações.

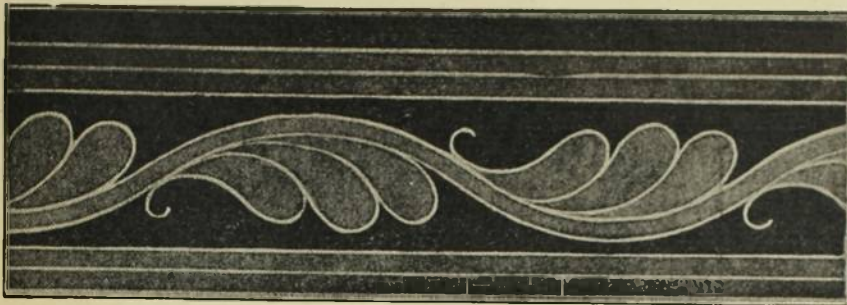


FIG. 105

CAPÍTULO VIII

REGRESSO A PÔRTO PACHECO

De bordo do "Humaitá"

1, 2, 3 de abril.

No primeiro alvor da madrugada, quando ainda não se via mais que uma leve faixa rósea no horizonte, indicando o próximo aparecer do dia, anteontem eu já estava de pé pronto para começar o fatigante trabalho de carregar os bois.

Desta vez eram cinco as cargas a fazer e era preciso fazê-las bem, a experiência tendo-me ensinado de que importância era tal operação, e além disso era preciso estar de olho em tudo, tanto para que os pesos fôsem bem distribuídos como para que nada desaparecesse no tumulto da última hora.

Acordei Felipe que roncava ainda e começamos nós dois a trabalhar quando ainda a aldeia estava imersa no sono.

Um arzinho fresco soprava do campo, e o céu sôbre nós, sereníssimo, ainda todo pontilhado de estrêlas, nos prometia uma esplêndida jornada.

Ao rumor dos nossos movimentos começaram a acordar alguns dos vizinhos e pouco a pouco saíram todos de sob os seus mosquiteiros. Ainda antes que tivesse nascido o sol todos estavam de pé e me rodeavam, ajudando-me e cumulando-me de gentis atenções.

Perto das sete os bois estavam prontos e nós montados nas selas saúdávamos os nossos amigos, prometendo voltar logo. Saúdamo-nos até nos perdermos de vista.

Ináguina tomou cuidado das coisas mais delicadas, isto é, das louças e dos frangos, cujos cestos feitos com fôlhas de etchate trazia amarrados em tórno dela. Era curiosíssimo vê-la atenta continuamente àqueles pobres animais e a afastar cada ramo que pudesse bater contra as delicadas louças de que estavam repletas as duas grandes sacolas.

Missão difícil, a sua, mas desempenhava-se dela egrègiamente, como mulher prática e atenciosa.

Tomamos, naturalmente, a mesma estrada pela qual tínhamos vindo; mas como previra, achamo-la em bem melhores condições.

Chegados pouco depois ao mesmo ponto em que, na vinda, eu havia atirado contra um veado sem êxito, Ináguina que ia na frente assinalou um grupo de cinco veados que tranqüilamente pastavam a dois tiros de fuzil diante de nós. O marido desceu prontamente da sela e dando uma volta contra o vento tentou aproximar-se dêles, mas os cães que nos acompanhavam fizeram rumor e os puseram em fuga. Mais adiante encontramos cinco ou seis casais de grandes papagaios de brilhantes penas azuis e vermelhas.

Caminhá-vamos apressadamente e ao chegarmos ao ponto onde eu e Felipe havíamos pernoitado ainda estava alto o sol.

Embora os bois estivessem cansados, não paramos e continuamos a caminhar até de noite, chegando, além da última montanha, a um belo prado contornado por densas florestas na vizinhança de uma poça d'água fresca e abundante. O lugar era maravilhosamente belo. Não devia distar muito do Retiro, mas já era tarde, os bois estavam cansadíssimos e nós esfomeados. Fizemos alto, portanto, e descarregados aquêles pobres animais, os amarramos a algumas árvorezinhas.

Logo Ináguina preparou uma espécie de cercado para as galinhas feito com três paus, dois verticais enfiados no solo e um transversal ligado pela extremidade aos outros dois pelo alto, e tirados fora das cestas aquêles pobres frangos meio sufocados foram postos lá para dormir. Como as galinhas de noite adormecem e ficam como em modorra, não havia perigo que voassem, embora do ponto onde eram postas, e pela manhã, antes da madrugada, seria extremamente fácil pegá-las de novo antes que saíssem do seu letargo.

Depois acendemos o fogo e, sacrificados dois frangos, foram postos a ferver numa panela com abundante mandioca, enquanto nas brasas se tostavam várias espigas de milho.

Depois da ceia, estendidos os arreios dos bois e as cobertas na suave erva do prado, nos estiramos em cima para dormir. Mas a vizinhança dos terrenos baixos e pantanosos fazia-se sentir com inumeráveis mosquitos, que nos assaltaram durante a noite tôda, de modo que bem pouco pudemos dormir; não nos foi, portanto, em nada difícil nos levantarmos pela manhã, bastante antes da aurora.

Partimos muito em boa hora.

Deste ponto até o palmar próximo ao Retiro achamos muita água. Este trecho da estrada passa através da região mais pitoresca que eu jamais tenha visto.

Grandes selvas misteriosamente silenciosas e densas de árvores trançadas entre elas por enormes cipós, fecham como dentro de insuperáveis paredes de verdura, prados de altíssimas ervas com flores esparsas ou se espelham nas estagnadas águas de paludes povoados de maravilhosas plantas aquáticas, entre as quais pastam grandes pássaros de várias espécies e côres. É uma natureza que impressiona fortemente e nunca mais a esquecerei, devesse viver mil anos.

Chegamos ao Retiro perto das dez da manhã.

Em primeiro lugar se pensou em preparar do que comer. Depois eu desci ao rio para dar uma olhadela na embarcação deixada por Diaz. Estava ainda incerto sôbre que fazer: quem sabe se Diaz estava ainda em Forte Olimpo, esperando-me ou já se foi? Neste último caso terá deixado a nossa canoa grande com alguém para mandar-ma para cá quando eu a pedisse?

Achei dois catchivéus, o grande de Joãozinho, que havíamos encontrado na bôca do Nabileque, de retôrno de Forte Olimpo e outro muito menor, nosso, em bem más condições, que Diaz havia deixado.

Que fazer? Mandar Felipe a Forte Olimpo com êste catchivéu para pedir a canoa grande? E se Diaz e a canoa não estivessem mais lá? Com que me teriam vindo buscar? E que teria feito enquanto isso eu só no Retiro com tudo para cuidar? E se a Felipe, navegador pouco hábil, acontecesse alguma desgraça no trajeto?

Tudo bem ponderado, pensei que o melhor era aproveitar o grande catchivéu de Joãozinho, tentar deixar tôdas as nossas coisas e, largado ali o nosso catchivéu, descer em direção a Forte Olimpo, sem esperar ulteriores socorros.

Não disse palavra a Ináguina nem ao marido, porque êste meu ato era um pouco arbitrário, não tendo pedido licença nenhuma a Joãozinho para usar a sua embarcação.

Como êles tivessem pressa de regressar ao Nalique, aproveitando as horas do dia que ainda restavam, despedi-os encarregando-os de levar para traz também os meus dois bois que deviam entregar, um ao Capitãozinho e outro a Francisco Tereno para que os guardassem até minha volta.

Despedimo-nos afetuosamente e êles partiram para o Nalique antes de um hora.

Imediatamente comuniquei a Felipe quanto havia resolvido fazer, o que êle aprovou, e nos pusemos logo a carregar tudo no catchivéu grande.

Havíamos encontrado no Retiro o baú que lá tínhamos deixado. Estava perfeitamente em ordem, salvo a fechadura que, tendo perdido a chave, Francisco tinha precisado fazer saltar: pôsto no catchivéu, lá guardamos as coisas mais delicadas, e todo o resto carregamos cuidadosamente nos espaçosos flancos da providencial embarcação que ficou repleta, deixando-nos apenas o espaço na proa e na pôpa para nós dois.

O Nabileque estava extraordinariamente cheio d'água, o que nos era assaz favorável. Deitamos logo a embarcação ao largo e cheios de entusiasmo nos pusemos a vogar. Felipe estava sentado na frente, eu na pôpa vogando e dirigindo.

Para nós dois sós aquela embarcação tão grande e carregada era um pouco pesada. Contrariava-nos também o vento que soprava do sul. Mas a corrente nos ajudava, e como Deus quer, de noite, depois do crepúsculo, chegamos ao Morrinho.

Desci em terra e fui recebido pelo Capitão Nauwilo em pessoa que me convidou a passar a noite na sua casa. Tinha reservado um par de garrafas de pinga e um pouco de melado, com que comprei os couros de cervo que havia na tolderia.

Estava tão cansado que logo pensei em dormir e preparei o mosquito. Felipe, por medida de prudência, pois que a gente de Nauwilo é tôda mais ou menos uma flor da canalha, foi ancorar ao largo e dormiu na canoa.

Quando me dispunha a fazer outro tanto, uma infinidade de pequeníssimas mosquinhas ou mosquitos microscópicos saíram do solo e começaram a me atormentar os pés. Não se elevavam mais de meio metro do solo, mas eram atormentadores de modo extraordinário. Até perto das dez não me foi possível pregar ôlho, mau grado o sono.

Mas depois, diminuindo a intensidade dêste novo tormento, acabei por adormecer.

Esta manhã, ainda de noite, ouvi Felipe se aproximar da terra com o catchivéu.

Levantei-me logo e fui ver o que havia de novo.

Aquêlê pobrezinho não havia podido pregar ôlho durante tôda a noite, assaltado por milhares de mosquitos. Dei-lhe coragem e disse que partiremos logo para chegar mais depressa a Forte Olimpo e repousar enquanto esperamos algum vapor que nos leve a Pôrto Pacheco.

Olhando o céu observei — tinha-o visto também ontem à noite nas horas matutinas — um cometa quase pálido, que corria na direção do sol. Ontem julgava ter visto mal, mas hoje fiquei convicto de que não me enganara.

Para que me ajudassem contratei dois Caduveo que nos deviam acompanhar até Forte Olimpo.

Estava tudo combinado e estávamos para embarcar quando no último momento os dois começaram a levantar dificuldades, procurando, com muita má fé, extorquir-me maior quantia do que havíamos combinado. Irritado com o seu proceder comecei a repreendê-los vivamente e a tratá-los de embrulhões e malandros.

Aquêlê animal do Nauwilo quis meter-se a defendê-los, ajudando-os assim nas suas pretensões e incitando-os a não me seguir, com modos como para me fazer compreender que eu estava à mercê dêles e era obrigado a fazer o que quisessem.

Comecei então a me queixar a êle, dizendo-lhe que no Nalique a gente do Capitãozinho me havia tratado de maneira muito diferente, aquelas sendo pessoas decentes, ao passo que estas do Morrinho não eram mais que um bando de malandros, de ladrões etc. etc.

Nauwilo diante destas minhas exprobrações ficou furioso e me disse:

— Então o sr. vá buscar ajuda no Nalique: pois a minha gente não o acompanhará porque eu não quero e o impedirei.

Pareceu-me pela entonação da sua voz que procurasse travar briga comigo e preparasse *in pectore* um pretexto para se apoderar de mim e das minhas coisas. Maroto o era e havia plenamente demonstrado mais de uma vez. Sua má fé era conhecida e não havia muito que se fiar.

Pareceu-me que me quisesse impedir de partir.

Pelo que, ostensivamente, para lhe fazer ver que teria que se entender com um sujeito duro de roer, disse a Felipe:

— Felipe, dá-me a Winchester.

Felipe passou-me e eu, voltando-me para os homens contratados, dos quais um já havia embarcado a sua bagagem, disse:

— Vamos, embarcai logo, si não parto sòzinho, sem vós.

E como aquêlê que já havia embarcado suas coisas queria retirá-las e ficar em terra, impedi-lhe tal coisa e lhe disse que se não viesse, por castigo não lhe restituiria nada e levaria as suas coisas comigo.

Vendo que não brincava, embarcou.

Empurrei logo o catchivêu para o largo, ordenando a Felipe para vogar, e sempre com a carabina nas mãos, voltando-me para Nauwilo, que estava gesticulando na margem, gritei-lhe em tom ameaçador:

— Eu me vou e o seu Caduveo vem comigo porque assim o prometeu e porque assim o quero. E saiba que eu tenho tal poder com esta carabina que se quisesse podia obrigar também você a embarcar e a remar como um escravo até quando me aprouvesse. Malandro! Havemos de nos encontrar de novo, e um dia ou outro virei reclamar desculpas pelo seu modo de proceder¹. Adeus!

E o deixei na margem, vendo-me partir, todo bestificado pela minha audácia e as minhas ameaças.

Partimos ao nascer do sol.

As margens do Nabileque, tornadas baixíssimas pela cheia e em alguns pontos cobertas pelas águas, estavam maravilhosamente floridas.

Uma enorme quantidade de convólulos rosa pálidos e rosa carregados alternavam com inumeráveis margaridas amarelas de ouro, com certas lianas de flores semelhantes à da glicínia, mas de um violeta intenso, com flores miüdíssimas, azuis, vermelhas, escarlates, brancas.

Numerosíssimos saltitavam nos ramos dos arbustos os passarinhos, o que contrastava com o silêncio severo da região além do Retiro, onde rarissimamente se encontram e se ouvem os pássaros.

Lá imensas selvas silenciosas, aqui uma planura aberta, sem árvores, ilimitada.

Debaixo de um sol ardentíssimo baixamos a uma pequena elevação de terra, cêrca do meio-dia, para preparar um pouco de comida, e partimos de novo uma hora depois.

Não supunha poder resistir tanto a remar. O Caduveo estava na pôpa, eu no meio e Felipe na proa.

Para evitar uma longa volta do rio aproveitamos as águas altas que inundavam o campo em derredor para atravessar um prado. Custou-nos não pouca fadiga o fazer passar a embarcação entre os arbustos que emergiam da água, mas poupamos muita caminhada.

Remamos sem interrupções e vigorosamente até depois do crepúsculo, e ao aparecer das primeiras estrêlas saímos do Nabileque no grande Rio Paraguai, ainda mais imponente então do que habitualmente, pelas suas águas cheíssimas.

(1) Alguns meses depois, com efeito, appareceu em Pôrto Esperança e seu primeiro cuidado foi o de vir desculpar-se pelo modo por que me havia tratado, dizendo que eu havia compreendido mal, etc., etc. (N. do A.).

A fim de aproveitar a maior correnteza e encurtar o trecho que ainda devíamos percorrer para chegar a Forte Olimpo, de que se viam as colinas diante de nós através dos campos, por trás da fileira dos salgueiros que se estendia sobre a beira do rio, dirigimo-nos para a outra margem.

Mas, quando remávamos e havíamos chegado ao meio da vasta extensão das águas, ouvimos um rumor bem conhecido vir do vale.

Era sem dúvida um vapor que remontava o rio; ouvíamos distintamente o bater das rodas na água.

Felipe que estava à escuta, em dado momento gritou:

— *Humaitá!*

Seu ouvido fino e exercitado tinha sabido distinguir qual era o vapor que vinha; com efeito, em breve vimos uma luz e u'a massa escura aparecer por trás das árvores da costa para a qual íamos diretos, lá onde o rio fazia uma brusca curva.

Era mesmo o *Humaitá*.

Diante disso mudei de parecer ao invés de baixar a Forte Olimpo saberíamos nos fazer rebocar pelo vapor que chegava, se fôsse possível nos fazer ver e iríamos diretamente a Porto Esperança. Acendi logo a lanterninha que providencialmente tinha à mão e comecei a fazer sinais.

De bordo viram a luzinha e uma voz gritou:

— Boggiani!

— Sim, Boggiani, respondi eu.

Na escuridão da noite não podiam ter-me reconhecido, certamente; mas quem podia ser sinão Boggiani naquele lugar, no meio do rio, naquela hora, a fazer sinais a um vapor?

Todos sabiam que eu partira há mais de dois meses e meio para o interior, com os Caduveo, e como não tinha mais dado notícias de mim há tanto tempo, já andavam imaginando quem sabe que coisas a meu respeito.

Quando de bordo viram aquela luzinha, imediatamente o meu nome lhes veio aos lábios, pois no *Humaitá* eu era especialmente conhecido de todos, tendo feito muitas viagens nêle.

Num momento nos achamos ao lado do grande vapor que parara; nos lançaram uma corda e pouco depois estávamos todos os três a bordo com tôdas as nossas coisas e a nossa embarcação e continuamos a viagem velozmente, rumo de casa.

E eis como, quando sem pensar, nos achamos no fim das nossas fadigas, acolhidos solitamente a bordo de um vapor amigo que a Providência nos tinha proporcionado mesmo a tempo.

Meia hora que tivéssemos tardado a sair no rio, teríamos perdido esta inapreciável oportunidade.

Apenas pus pé a bordo fui rodeado pelos oficiais e os poucos viajantes, que estavam ansiosos por ter notícias das minhas aventuras. Antes mesmo que eu a tivesse pedido, me foi oferecida uma ceiazinha que, depois de tantos dias de cozinha semi-selvagem, me pareceu um lauto banquete.

Entrei na sala e à luz das lâmpadas puderam me ver bem e uma exclamação de estupor saiu da boca de cada um e havia bem razão para isso!

Vestia uma camisa e umas calças brancas: nada mais. O chapéu a três pancadas reduzido a um estado lamentável, trazia-o nas mãos calosas pelo prolongado remar. Estava descalço, naturalmente, que dos sapatos não me restavam nem sinais.

Olhei-me no espelho. O sol me havia de tal modo bronzeado que estava irreconhecível. Mas não havia emagrecido. Pelo contrário, estava bem, havia engordado e tinha um ar de saúde e fôrça como nunca tivera antes.

Devia causar um belo efeito naqueles trajés, entre tôda aquela gente interessada em mim, bem vestida, com colêtes engomados e sapatos lustrosos, naquele salão elegante, cheio de luzes, de espelhos e dourados, sentado à mesa, servido sollicitamente como um personagem importante e respondendo às mil perguntas que aquêles bons amigos me faziam!

O comissário de bordo me entregou um grande pacote de cartas e jornais a mim dirigidos e não é preciso dizer com que avidez me pus a ler.

Mas estava cansado, que a jornada havia sido fatigosíssima, e mal li as cartas fui dormir na cabina que me havia sido desde logo destinada.

Nem me pareceu verdade que me estendia entre dois lençóis alveados e apoiava a cabeça em dois macios coxins. Parecia-me estranho não sentir mais me romper o costado as desiguais travessas do girau do Nalique!

Pôrto Pacheco, 9 de abril.

No dia 4, muito antes da madrugada, o apito estranho do *Humaitá* me fêz saltar da caminha em que me havia profundamente adormecido, acariciado pela brisa noturna fresquíssima que entrava pela janelinha e a porta aberta do camarote.

Que diferença do *girau* dos Caduveo. Ainda que a caminha do vapor não fôsse um ideal como leito, depois de dois meses passados como São Lourenço na tortura, ou dormindo no solo, terminados por três dias de fatigosíssima viagem, aquêles estreito caixão me pareceu uma delícia.

Era ainda noite e não se podia distinguir bem a costa; mas como entre Forte Olimpo e Pôrto Pacheco não havia outro ponto habitado além de Pôrto Esperança, por nós fundado no dia anterior à minha partida para o Nalique, não havia necessidade de perguntar onde estávamos.

O *Humaitá* ancorou e amarrou na costa.

Pouco depois eu estava em terra com todo o séquito e a bagagem, calorosamente saúdado por Acevedo, que já começava a ficar inquieto por mim em vista da falta de notícias.

Alguns Chamacoco que tinham vindo trabalhar em Pôrto Esperança, sabendo que eu havia chegado, vieram correndo me saúdar, festejando-me vivamente, cheios de satisfação pela volta do seu melhor amigo.

Pobrezinhos! Estavam todos comovidos e me interrogavam com tôda sorte de expressões afetuosas.

O novo estabelecimento durante esse tempo havia prosperado; uma casinha de palmas surgia onde antes havia uma simples tenda de campo. Em derredor havia sido limpadado o terreno de estrepes e espinhos. Um pitoresco acampamento dos operários surgia na vizinhança imediata e os troncos dos quebrachos já estavam amontoados na costa perto de uma enorme pilha de lenha pronta para ser embarcada.

Aquêle canto silencioso, triste e deserto da terra, por iniciativa nossa havia tomado vida e o trabalho fervia por tôda parte em redor.

* * *

Mas, como parecera a princípio também a mim, o lugar não havia sido escolhido bem, e melhor era aquêle um pouco mais para cima, onde eu e Felipe havíamos pernoitado na primeira vez.

Resolvemos que se iria vê-lo junto com Acevedo, e, caso se verificasse ser realmente melhor sob todos os aspectos, se transferiria para lá o nosso estabelecimento.

Com efeito, depois de ter repousado por alguns dias, repouso de que tinha, mesmo, necessidade, embarquei novamente na nossa canoa com muitos Chamacoco, e enquanto Acevedo ia por terra a cavalo, remontamos a corrente até o bosque que avançava para o rio numa elevação de terra.

Chegamos primeiro nós, mas Acevedo se nos juntou em breve. Almoçamos, inspecionamos bem os arredores e, achado o lugar conveniente, foi decidido o transporte da capital para este novo ponto.

Depois Acevedo voltou para Pôrto Esperança ao passo que nós continuamos para Pôrto Pacheco, onde chegamos no momento justo em que o sol baixava por trás da longa fileira de quebrachos e palmeiras.

Logo se espalhou a notícia da minha chegada e uma nuvem de Chamacoco chegou correndo de tôdas as partes, aclamando-me festivamente.

Achei Diaz em casa, quase maravilhado de me ver ainda com vida.

Quando voltara de Forte Olimpo para o Retiro me havia esperado por sete ou oito dias.

Depois, não me vendo chegar, se atirara *corajosamente* até as primeiras montanhas, subira pela mais próxima e fizera um grande fogo na esperança de que eu visse este sinal e lhe respondesse.

Mas eu estava bem longe e numa posição de que nada podia ver.

Desanimado voltou para o Retiro, onde havia esperado ainda dois dias. Depois desceu para Forte Olimpo, esperou ainda e por fim, desesperando já de me rever algum dia, tornou tranquilamente para Pôrto Pacheco.

E assim terminou a minha excursão que de quinze dias, quantos devia durar, durou, na verdade, *oitenta e seis!*

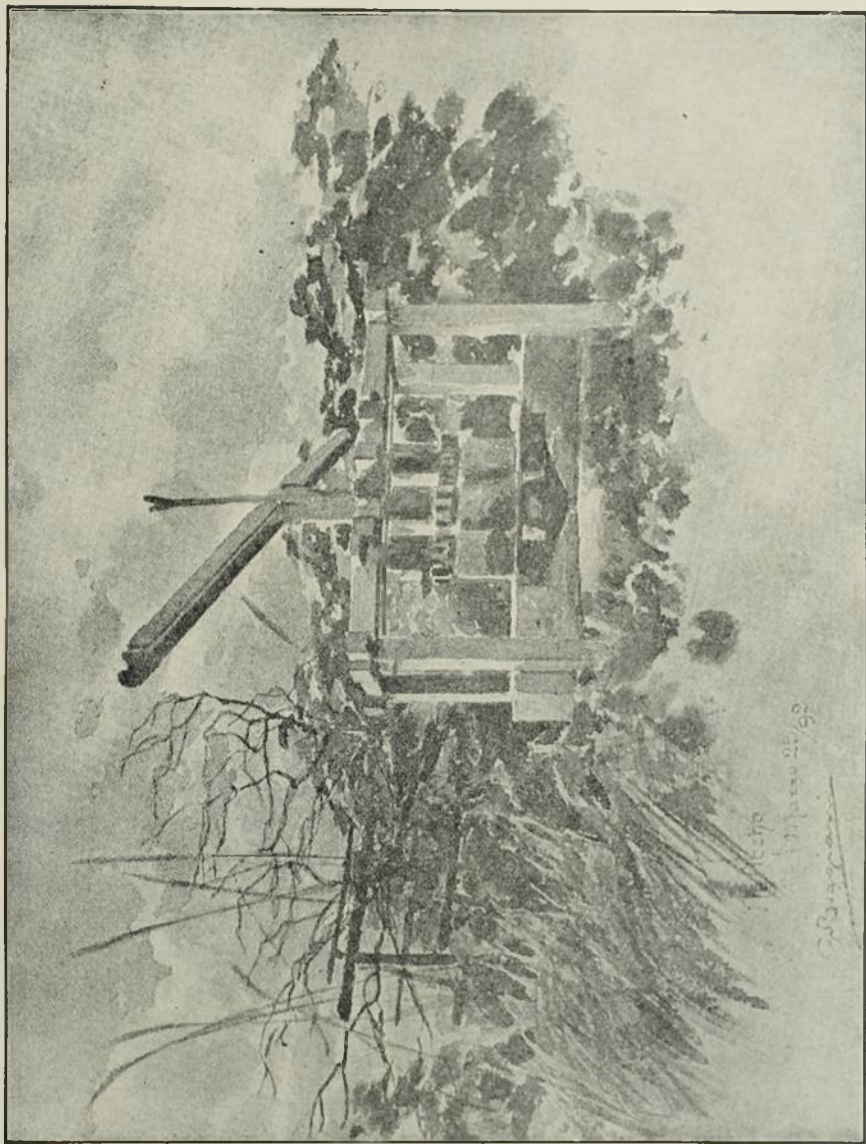


FIG. 106 — Engenho na aldeia abandonada.



FIG. 107 — Caldeira para a condensação do caldo de cana.

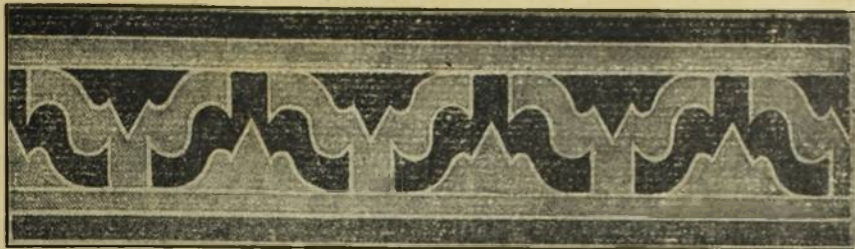


FIG. 108

CONCLUSÃO

RESULTADO COMERCIAL, ARTÍSTICO, ETNOGRÁFICO E GEOGRÁFICO

Segundo o balanço feito, elaborado o cálculo de todos os créditos a resgatar que ficaram para trás e calculando que êstes possam ser cobrado integralmente, o resultado comercial da expedição, embora não brilhante, daria ainda um saldo de cêrca de 870 libras de utilidades, uma vez deduzidas das entradas as 2.150 libras de despesas. Naturalmente é êste um balanço assaz hipotético na parte que diz respeito aos créditos, os quais são todos bastante duvidosos de se resgatar, salvo, *talvez*, os contratados com a mulher do capataz de Alegria. E digo *talvez* também com relação a êstes porque reputo quase tão difícil se fazer pagar pelos empregados de Malheiros quanto pelos Caduveo. Tive disso provas anteriores bem eloqüentes.

Ora, pondo de lado êstes créditos que, querendo fazer um balanço sério sôbre as verdadeiras quantias obtidas, não podem ser levados em nenhuma conta, o balanço daria êste resultado: 2.144 libras saídas contra 955 entradas; um saldo, portanto, de 1.189 libras de perda.

Êste o resultado mais provável, sinão o mais seguro.

Essas 1.189 libras de perda, acrescidas a algumas outras despesas de que não se fez o cálculo, só acham compensação na parte artística, etnográfica e geográfica, tôda para minha particular vantagem *moral*. Magra compensação, na verdade, para os meus sócios na empresa comercial, pois que êles pouco ou nada aproveitarão, como por outro lado pouco ou nada aproveitarão a mim mesmo as numerosas notas tomadas diàriamente sôbre quanto observava no território percorrido e sôbre os usos e costumes dos Caduveo, os esboços à aquarela e a lápis feitos e os objetos recolhidos, destinados a enriquecer as minhas coleções etnográficas já bastante volumosas¹.

(1) Então não imaginava que tudo isso teria servido para a compilação do presente volume; é preciso, portanto, acrescentar ao balanço da excursão esta nova utilidade, a qual, porém, é muito mais moral que material (N. do A.).

Com relação, porém, a esta parte artística e etnográfica da expedição me parece ter obtido um resultado inteiramente inesperado, superior a toda a minha expectativa.

Como tinha sido concebida antes, a expedição devia ser bastante simples, sendo limitada a um passeio de poucos dias tão somente ao Retiro. Depois as coisas vieram complicando-se ao ponto de me permitir estudar longamente os Caduveo na sua vida íntima, na casa deles, a qual me pareceu apresentar grandíssimo interesse, sendo muito incompletamente conhecida pelos que por semelhantes estudos se interessam.

Além das observações pude adquirir uma série de objetos interessantíssimos que, mau grado as dificuldades, pude fazer chegar sãos e salvos até em casa, na esperança de poder um dia fazê-los chegar sãos e salvos à Itália, onde seguramente despertarão não pequeno interesse.

As louças de modo especial serão apreciadas, tanto mais se conseguir salvá-las através das grandes dificuldades que apresenta um transporte tão longo e complicado².

Fiz treze esboços a aquarela e desenhos a lápis, sem contar alguns pequenos desenhos a pena, inseridos nas notas e um pequeno fascículo com uns trinta desenhos ornamentais.

Geograficamente estou em condições de corrigir alguns erros crassos comuns a quase todas as cartas existentes sobre esta região.

Geralmente se faz desembocar o Rio Nabileque no Rio Paraguai bem mais ao norte do que o faz realmente.

A foz deste rio, que não é sem certa importância, encontra-se no máximo a duas léguas e meia seguindo o curso do rio (dez quilômetros aproximadamente) mais ao norte de Forte Olimpo, de que se vêem as colinas ao sair no Rio Paraguai.

O curso do Nabileque, tortuoso de maneira estranha, remontando-se a corrente, corre quase paralelo com o do Rio Paraguai por longo trecho, afastando-se pouco, até chegar no Morrinho, o qual em linha reta não dista mais de uma légua e meia ou duas no máximo (seis ou oito quilômetros) do Rio Paraguai.

Navegando por este rio é visto perfeitamente pela terra a dentro, por longa extensão.

O Nabileque passa à esquerda do Morrinho, isto é, entre este e o curso do Paraguai.

Depois, continuando a remontá-lo, em seguida a um breve trecho, se chega à vertente direita de outra colina ao pé da qual está situada a nova aldeia de Nauwilo, chamada mais comumente o Morrinho; e deste ponto o Nabileque vira para a direita, internando-se cada vez mais rumo às montanhas de Miranda.

Pela cor das suas águas se pode facilmente deduzir que a maior parte delas provenha não diretamente das montanhas, porque então

(2) Com efeito foram apreciadíssimas e tive a sorte de fazê-las chegar todas ao seu destino (N. do A.).

seriam claras, mas das nascentes da imensa região baixa, paludosa, que se estende à sua esquerda.

O outro rio, o Aquidabã, quanto pude apurar, não tem um curso continuado desde as montanhas até o Rio Paraguai, sinão na época de extraordinária cheia. Normalmente vai se perder numa região paludosa chamada *Pântano Gogué*, que está porém em comunicação com o grande rio por uma série de terrenos paludosos.

A bôca do Aquidabã fica a poucas centenas de metros mais ao sul da do Nabileque.

Do Rio Branco vi mais vêzes a desembocadura, mas internamente não o conheço.

Porém, segundo notícias que obtive, é rio de tanta e talvez maior importância que o Nabileque, e os dados obtidos coincidem perfeitamente com o modo pelo qual é desenhado no mapa de Stieler.

Este mapa indica mais para baixo um Rio *Teneyry*. O Rio existe, mas se chama *Tereré*³, nome guarani dado a uma bebida feita com a erva-mate, da qual o rio tomou pouco a pouco a côr.

O Nabileque, como indiquei no mapa que acompanha estas notas, é o verdadeiro centro, a capital dos Caduveo.

Não conheço, mas posso assegurar que não existem outras aldeias além daquela do Morrinho e daquela de Etóquijs, muito menos importante que a primeira.

Outros Caduveo vivem esparsos sôbre a costa na fazenda de Malheiros e naquela mais para o sul de Totôzinho. Outros poucos trabalham nas fazendas do interior.

Não creio me enganar muito calculando em cêrca de 200 ou pouco mais tudo quanto resta dos Caduveo, entre homens, mulheres e crianças, e não se passarão muitos anos para que dos Caduveo reste tão sômente a recordação. Os vícios e as doenças os terão bem depressa feito desaparecer completamente.

Ficarei, portanto, bem contente se com estas notas conseguir preservar pelo menos a memória de uma tribo de Americanos autênticos, não menos interessantes que tantas outras.

E agora não me resta mais que exprimir um desejo:

Eu os vi, os Caduveo, e os estudei na sua vida de *cidade*; desejo vê-los e estudá-los nas grandes expedições anuais de caça ao cervo, nas quais tomam parte não só os homens, mas também suas famílias, salvo os poucos que ficam de guarda à toleria e às plantações.

Prometi e me prometo novamente retornar na boa estação, dentro de dois ou três meses, para acompanhá-los na expedição de caça dêste ano.

Empenhei minha promessa; mas poderei mantê-la e satisfazer êste meu desejo tão depressa?

(3) Tereré é entre os habitantes do rio Paraguai o nome de um refrêsko de mate tomado com bombilha e distinguindo-se do chimarrão por ter água fria em lugar de água quente (N. de H. B.).

O futuro está nas mãos da Providência, a qual só ela dispõe, enquanto o homem não pode mais que propor.

De qualquer forma o espero. E se não fôr logo, será mais tarde ⁴.

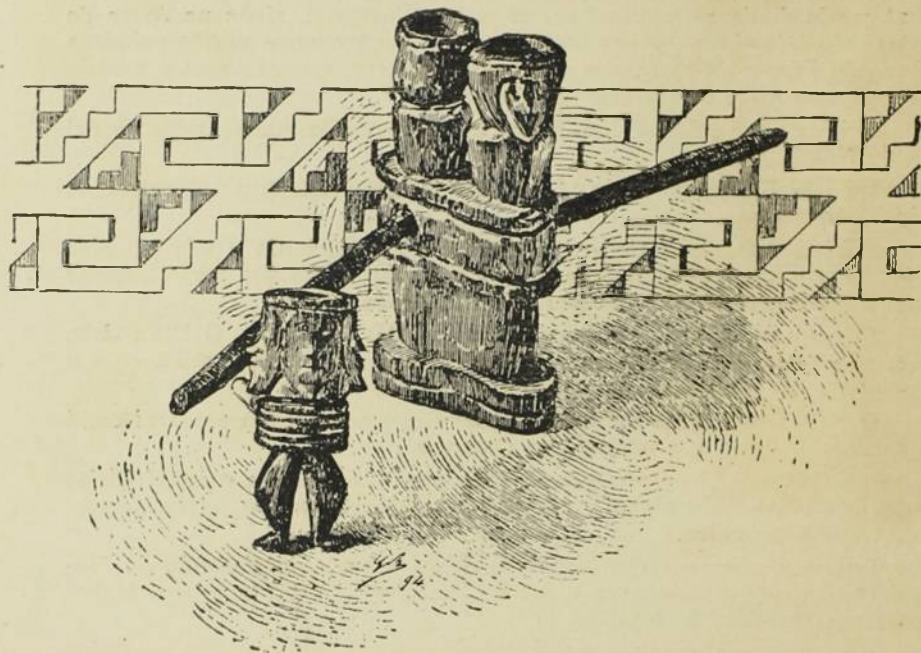


FIG. 109

(4) Quando? Passaram-se quase dois anos já e ainda, mau grado o desejo vivíssimo, me acho em Roma, bem longe daqueles meus amigos, nem sei dizer quando me será dado poder partir para ir revê-los! (N. do A.). — Boggani cumpriu a sua promessa. Em 1897 estêve novamente entre os Caduveo. A esta visita se refere seu trabalho póstumo: "Viajes de un artista por la América Meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las grandes cacerías de venados, Matto Grosso (Brasil)" na Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, tomo I, entrega 3.^a, pp. 495-556, Tucumán 1930 (N. de H. B.).

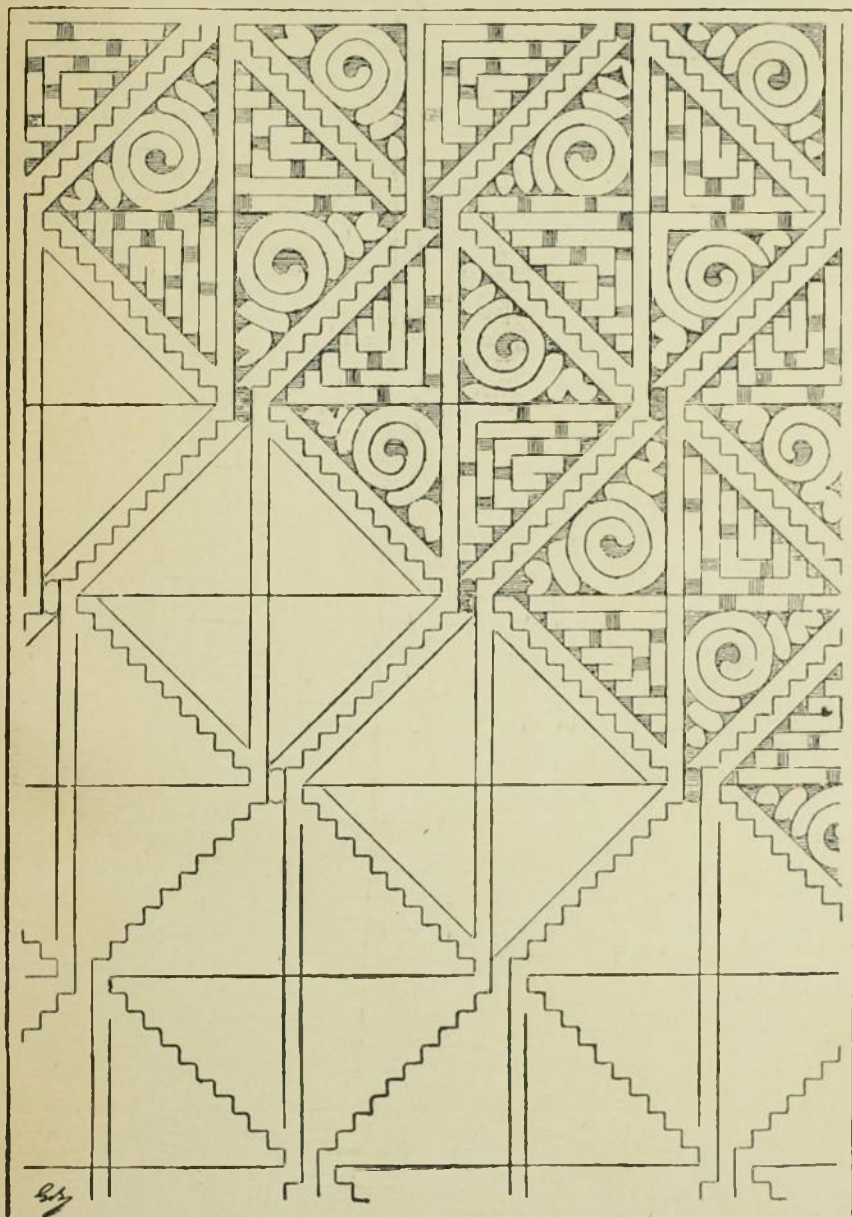
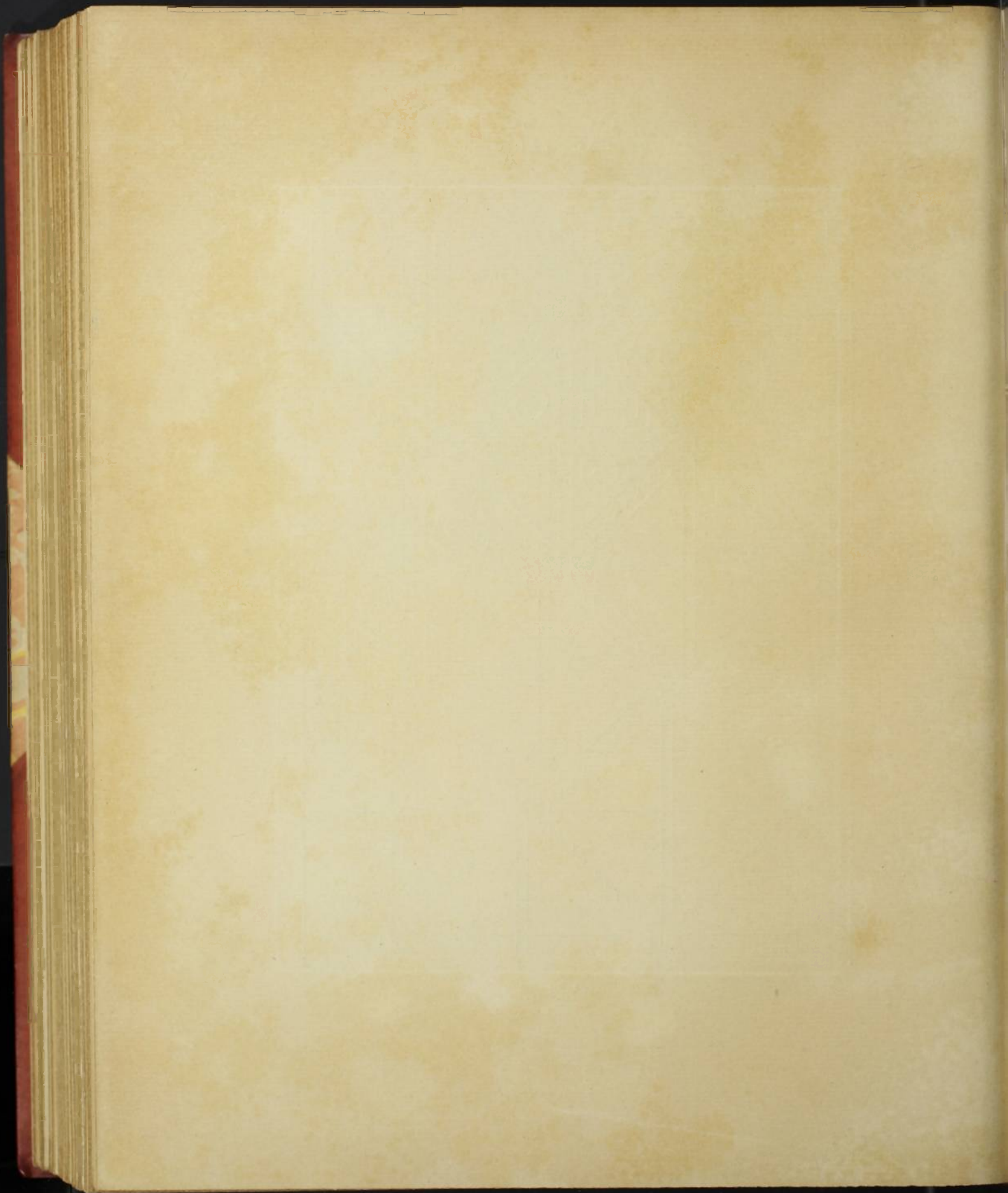
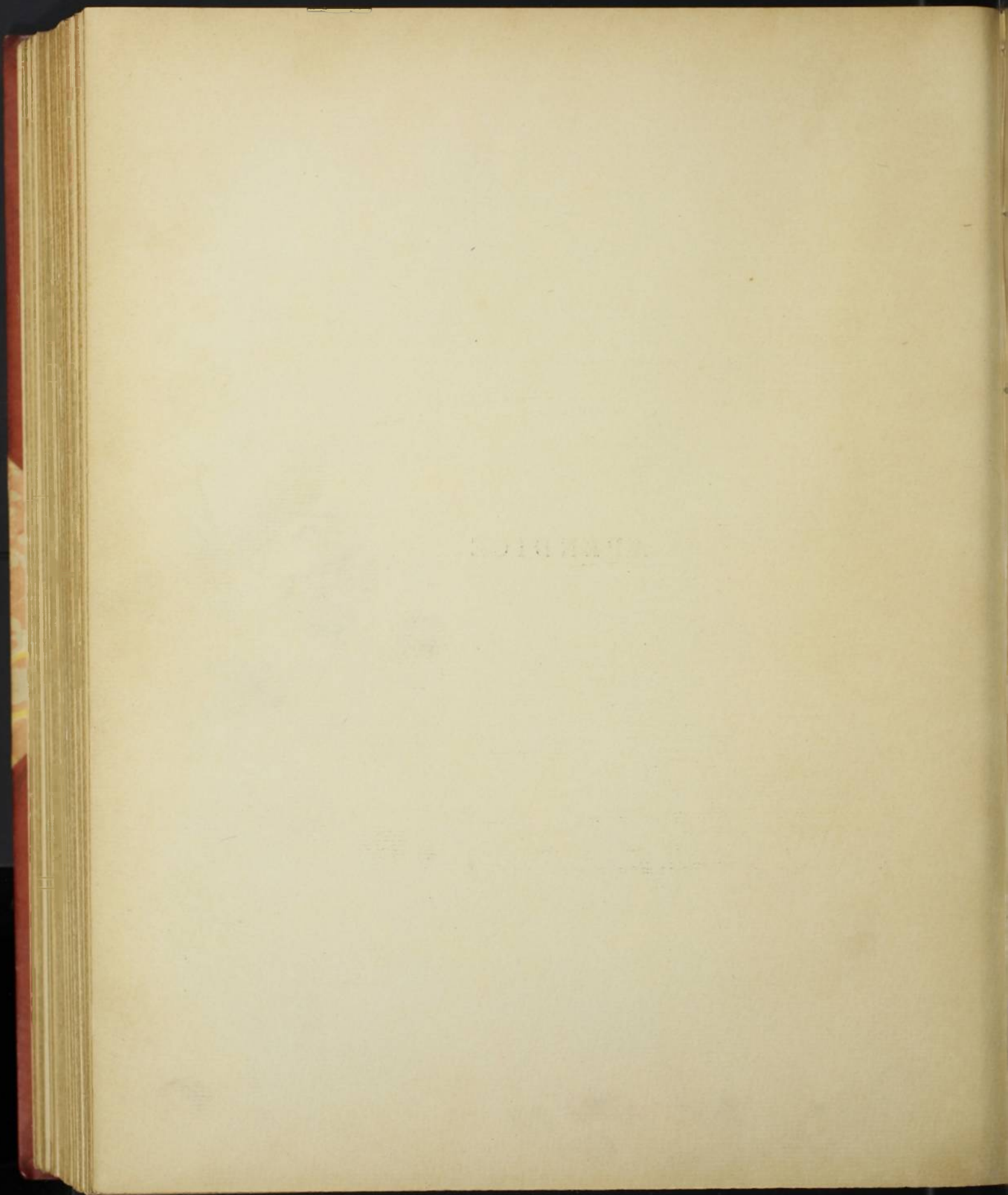


FIG. 110





APÊNDICE



NOTÍCIA HISTÓRICA E ETNOGRÁFICA SÔBRE OS GUAICURU E OS MBAYÁ

ESTUDO

DO DR. G. A. COLINI

I

OS GUAICURU — OPINIÕES EM TÔRNO DAS SUAS RELA-
ÇÕES COM OS MBAYÁ — HISTÓRIA E ETNOGRAFIA DOS
GUAICURU.

O nome de Guaicuru, proveniente dos Brasileiros e Espanhóis dos Estados do Prata e de alguns escritores, se usa em sentido genérico, como se adotam em outros países da America meridional os nomes de *Tapuías, Yumbos, Bugres, Chunchos*, etc. e se aplica especialmente às tribos indígenas que habitam ou habitavam na margem direita do Paraguai, ao Norte de Santa Fé e sobretudo àquelas que se servem de cavalos. Em relação com isso, Murilo, que conviveu muito tempo com os indígenas do Chaco, e Mantegazza sustentam que o nome de Guaicuru nunca indicou uma tribo especial, mas foi sempre um nome coletivo dado pelos espanhóis a populações diversas. Segundo o último escritor, êsse nome numa das línguas indígenas queria dizer crueldade e fereza.

Hervás, ao invés, Azara, D'Orbigny, Martius, Waitz, Pelleschi, Cominges, etc., acreditam que os Guaicuru constituíram na época da conquista espanhola uma das tribos mais poderosas do Chaco, diferente, segundo alguns desses escritores, de qualquer outra, ou correspondente, ou afim, a juízo de outros, a cada uma das populações ainda existentes. Esta opinião está conforme também às primeiras relações que temos desses índios, nas quais são descritos como uma nação especial, que tinha características morais e costumes próprios e habitava em territórios bem determinados.

Já Alvar Nuñez Cabeza de Vaca em 1542 recordava uma população Guaicuru que ocupava o território do Chaco, a Oeste de Assunção e estava em guerra com os Paiaguá, os corsários do Paraguai. Estes Guaicuru, segundo Herrera, seriam de elevada estatura, esbeltos e valerosos, e nenhuma nação jamais os teria vencido, fora os Espanhóis. Tendo atacado os Guarani, vassallos do rei de Espanha, e havendo arrebatado àqueles os territórios e os lugares de pesca, o governador Cabeza de Vaca teria sido constringido a lhes mover guerra. Também Azara indica como sede dos Guaicuru a região a Oeste de Assunção, ao passo que Guevara os põe ao Norte do Pilcomayo e De Angelis, mais especificadamente, estabelece para eles, como lugar de habitação, o delta desse rio. O padre Lozano, um dos mais antigos historiadores do Chaco, com maiores particularidades afirma que os Guaicuru viviam entre os rios Pilcomayo e Yabebiry¹. Dividir-se-iam em três hordas ou *parcialidades*, por vêzes em guerra entre si, as quais denominadas pelos pontos cardeais em que era situado o seu território. A primeira se chamaria *Codollate* ou *Taquiñiqui*, isto é aquela para o Sul, e teria sido essa que perturbaria com mais freqüência a quietude do Paraguai. Os membros da segunda horda se teriam chamado *Guaycurutis* pelos Espanhóis e na sua linguagem *Nupinyiqui*, isto é aqueles do Oeste, estes sendo aparentados com os Codollates, teriam habitado por vêzes no mesmo país, mas ordinariamente estando em hostilidades com eles, seriam vistos nas margens do rio Bermejo. A terceira horda, mais numerosa, seria aquela dos *Guaycurus guazús*, dos Espanhóis, chamada na própria linguagem *Epiquayiqui*², que equivaleria à gente do Norte. Esta última nutriria um ódio implacável contra a nação espanhola, a quem teria feito guerra continuamente. Estaria longe de Assunção cêrca de cem léguas e seria vista ordinariamente no país dos Mbayá e dos Guaná, que confinava com o dos Chiriguano e que, depois de ter sido avassalado pelos *Guaycurus guazús* teriam contraído matrimônio com estes. O território primitivo dos Guaicuru teria sido o Caaguassu, na margem oriental do rio Paraguai, mas, desejosos de exercitar o seu gênio belicoso na conquista de outras nações, teriam passado à margem ocidental e teriam subjugado pelas armas os *Naparus*, os Guaná e os Mbayá e se teriam, então, estabelecido ao pé do Pilcomayo, que chamariam na sua língua de Guassutinguá². Ter-se-iam também assenhoreado dos *Guatutás*, dos *Mongolas*, dos *Tapayaes* e de outros povos, com os quais, desposando-se, se teriam fundido, e então se teriam estendido até o rio Bermejo, aonde teriam levado a destruição e sujeitado outras tribos.

(1) Referindo-se a isso, escreve o padre José Sánchez Labrador (*El Paraguay Católico*, I, Buenos Aires 1910, pág. 261): "Lo cierto es que no son tierras para habitarlas, por las muchas aguas en tiempo de inundaciones y por la grande sequia en tiempo de los calores. Mucho más arriba hacia el Norte del rio Yabebiry vivieron siempre los Guaycurúes, aunque todo lo andaban y llegaban á hostilizar la ciudad de la Asunción por la milla occidental del rio Paraguay; hasta que consiguieron señorearse de la oriental..." (N. de H. B.).

(2) Deve ser: Eyiguayiqui (SÁNCHEZ LABRADOR, *o. c.* I, pág. 264) ou Eyiguayecqui (N. de H. B.).

Os escritores mais antigos têm diferenciado os Guaicuru dos Mbayá, chamados *Mayás*, *Mayayes*, ou *Yayas*, os quais teriam habitado a Oeste do Paraguay, cêrca de cem leguas ao Norte de Assunção. Em 1545 Irala teria mandado, segundo Herrera, descobrir a sua região, que se devia atravessar para ir ao Peru e na qual se achava o pôrto de São Fernando. O mesmo escritor e Lozano referem que os Guaicuru teriam feito guerra aos Mbayá e os teriam vencido, e, como se viu, acrescenta Lozano, que desde aquela época entre as duas tribos se estreitaria o parentesco e habitariam no mesmo território.

No último vintênio do século passado, porém, e no século corrente, os Mbayá foram por muitos escritores reconhecidos também pela denominação de Guaicuru e com mais freqüência lhes foi aplicado exclusivamente êste último nome: Isso se deve atribuir a diversos motivos, tendo sido expressadas opiniões muito variadas a respeito das relações étnicas entre as duas populações.

Azara e D'Orbigny acreditam que os Guaicuru formassem uma nação distinta e diversa, pela linguagem, dos Mbayá. Estes, porém, segundo De Moussy, seriam o retrato dos primeiros pelo seu aspecto físico, pela sua coragem e pelos seus costumes, e talvez tivessem sido chamados Guaicuru, nome que pertenceria, na época da conquista espanhoia, somente à nação mais enérgica de todo o Chaco. Azara atesta que no tempo da sua viagem, da nação potente e numerosa dos Guaicuru, restava somente um indivíduo, alto de seis pés e sete polegadas e dotado das mais belas proporções: tinha três mulheres e, para se furtar ao aborrecimento da solidão, se juntara aos Toba, dos quais adotara a roupa e o uso de se colorir. A extinção dos Guaicuru se deveria atribuir às guerras incessantes contra os outros índios e os Espanhóis, e muito mais ao costume do abôrto, praticado largamente pelas mulheres. D'Orbigny, embora considere os Mbayá e os Guaicuru como nações étnicamente distintas, admite que ambas pertencessem ao ramo que, segundo a classificação por êle adotada, chama de pampeano. "Os Mbayá do Chaco boreal, escreve D'Orbigny, são agricultores de linguagem suave e fácil. Sob êste aspecto assemelham-se muito aos Chiquito. Todavia, pelos seus costumes ferozes, pela sua religião, pelos seus médicos que sugam as doenças, pelos cavalos mortos sôbre as tumbas dos mortos apresentam alguma particularidade das nações do Chaco. Acreditamos, portanto, que devam ser considerados intermediários entre as últimas nações do ramo pampeano e as primeiras do ramo *chiquitano*. Os Guaicuru, ao invés, nação ora extinta ou conhecida sob outro nome, tinham a língua gutural e costumes andejos, guerreiros e ferozes; tais qualidades, a tatuagem das mulheres e muitos outros caracteres fariam dêle Toba, ou no máximo uma nação muito afim a esta"³.

(3) Ainda segundo PELLESCI (pág. 24-6) os Guaicuru devem ter sido uma fração da mesma família dos Toba, com os quais teriam de comum a linguagem e talvez mais chegados ao Paraguai deram o nome à *indiada*. Por se ter depois misturado ou transferido terão sido julgados extintos". Com efeito, junto ao Bermejo o nome de Guaicuru seria dado aos Toba. Cfr. MANTEGAZZA, *Arch. per l'antr. e la etn.*, vol. III, pág. 27 (N. de G. A. C.).

Mas entre os estudiosos de etnografia prevaleceu uma opinião oposta à precedente, formulada e sustentada sobretudo por Martius, a qual acha o seu fundamento nas relações dos Missionários do último vintênio do século passado e especialmente nos trabalhos de Gilij e Hervás. Segundo essa os nomes de Guaicuru e Mbayá teriam sido usados pelos indígenas do Paraguai e por velhos escritores, para designar indistintamente a mesma população, ou pelo menos os Guaicuru e os Mbayá seriam, a juízo de outros autores, tribos de uma mesma família e teriam falado linguagens estreitamente afins.

De Angelis considerava os Mbayá como descendentes dos Guaicuru, mas o abade Filippo Salvatore Gilij, que publicou entre 1780 e 1784 um breve vocabulário da língua mbyá, escreve que esta língua é chamada igualmente *guaicura*, “e é aquela que usam certos Índios de nome semelhante, habitantes de uma e outra banda do Paraguai, pelos graus 19 ou 20 de lat. meridional até o 23.º 30’ da mesma lati.”.

O abade Hervás, a quem se deve a primeira tentativa séria de um estudo comparado das linguagens da América meridional, refere que a língua mbyá é também chamada Guaiacuru e Eyiguayegi. “Era falada em nove Cacicados, isto é grupos constituídos por um cacique ou Chefe, com seus súditos. A língua de todos os cacicados era a mesma, com notável diversidade nos termos e na pronúncia. Podem-se distinguir nela dois dialetos notavelmente diferentes: um é aquêle que se diz língua *mbyá* e outro é aquêle que falam os Índios chamados Enacagas ou Guaiacurus ferozes”.

Sob o nome de *Guaicurus*, *Uaicurus*, *Ouaicurus*, segundo Martius, os Brasileiros de Mato-Grosso indicavam uma tribo que teria habitado tanto no Grão-Chaco ao Sul das montanhas de Albuquerque, quanto a Este do Paraguai, entre os rios Taquari e Ipané, isto é no território situado entre 19º 28’ e 23º 36’ de latitude Sul. Estes Índios, chamados também *Índios Cavaleiros* pelos Brasileiros, porque se serviam de cavalos, chamar-se-iam a si mesmos *Oaèkakilòt*, ao passo que os Toba os teriam denominado *Cocoloth* e os Guarani os teriam chamado *Mbayás*. Pelos Espanhóis eram assinalados, pelo menos em parte, sob a indicação de *Lênguas*. O nome Guaicuru, derivado da língua tupi, teria significado povos corredores (*Oatacurúti-uara*). Em tôrno do nome Mbayá, pelo contrário, Martius observa que as selvagens hordas dos Guaicuru, estando em contínua guerra com os Guarani, eram, devido à sua preponderância, tão temidos que estes os chamavam *Mbae-ayba*, isto é coisas horríveis, veneno, crime, de que, por contração, teria vindo a palavra Mbayá. Mais tarde teria sido dado a êste vocábulo um significado mais benigno, de modo que os Espanhóis teriam indicado com êles os grupos menos selvagens inclinados à vida sedentária, que do Chaco avançavam para Este e formavam pequenas comunidades também a oriente do rio Paraguai. Um estabelecimento semelhante se encontrava lá para a metade do século passado no Fecho dos Morros (20º 21’ lat. S.); havia ainda outros à margem do Paraguai, ao Norte de Vila Real ou de Conceição. Os Guarani chamavam êstes indígenas também *Mboreyara*, talvez não entendendo mais o significado do nome que êles mesmos lhes haviam dado. A substituição do nome de Mbayá por aquêle de Guaicuru jus-

tificaría as notícias de Azara, Bengger e D'Orbigny, segundo as quais os Guaicuru se teriam extinguido e viveria no Chaco boreal uma tribo de Mbayá de três mil e oitocentas pessoas.

Martius admite que os *Lenguas* ou *Linguas* formassem uma só e mesma nação com os Guaicuru de Este do Paraguai e que ainda a denominação de Índios Paiaguá fôsse antigamente aplicada o mais das vèzes aos membros da nação Guaicuru-Mbayá. Assim na horda dos *Cadigués*⁴ que se considerava como Paiaguá, Martius é inclinado a ver os antepassados dos modernos Caduveo.

Martius aceitando, além disso, as conclusões dos antigos missionários e especialmente de Gilij e Hervás⁵, segundo os quais a linguagem Guaicuru-Mbayá seria afim à Abipón, à Mocobi, à Toba e à Pitilagá ou Yapitalagá, reúne estas tribos num só grupo étnico, ao qual, na sua carta etnográfica, aplica o nome de *Lengoás* ou *Guaicurus*. Tais resultados entraram a fazer parte da moderna ciência, a qual admite entre as famílias étnicas da América meridional a Guaicuru, cujas hordas, sem que sejam suficientemente diversas, se chamariam, segundo Ehrenreich, *Mbayás*, *Lenguas* e ainda *Enimangas*. Essa pertence principalmente ao Grão-Chaco na margem direita do rio Paraguai, mas é representada também no território brasileiro perto de Corumbá, Miranda e em algumas localidades da savana meridional de Mato-Grosso. Reconheceu-se recentemente, depois das viagens de Da Fonseca e Rohde, que também os Terenos e os *Kinikinãos* os *Quinquinaux*, aos quais se ligavam até agora *Guanás* ou *Chanés*⁶ devem ser compreendidos entre os

(4) Os *Cadigués* (mais tarde chamados *Sarigués*, ou mesmo *Zarigués* pelos Espanhóis) eram uma das hordas dos Paiaguá, que viviam mais para o Norte: teriam habitado a 21° 5' de lat. S., território ocupado na época de Azara pelos Mbayá. Em 1790 depois de um ataque contra os Portuguezes de Coimbra, que lhes foi desastroso, se reuniram aos Tacumbu, outra horda dos Paiaguá, que até 1740 havia mantido paz com os Espanhóis e se estabelecera parte em Assunção e parte mais para baixo dessa cidade. No tempo da viagem de RENGGER os *Cadigués* ou *Sarigués* habitavam de Assunção a Vila Real, na margem esquerda do Paraguai e nas ilhas formadas por esse rio (AZARA, vol. II, págs. 120-1; RENGGER, págs. 135-6, 327; HERVÁS, *Catalogo* etc. pág. 43). A opinião expressada por MARTIUS a respeito da descendência dos Caduveo dos *Cadigués* é, portanto, pelo menos muito audaciosa (N. de G. A. C.).

(5) HERVÁS, *Catalogo* etc., págs. 39-42; *Saggio pratico* etc., pág. 105; *Aritmetica* etc., pág. 99; GILIJ, vol. III, pág. 392. "As linguagens dos Abipón, dos Mocobi e dos Toba, escreve DOBRIZHOFFER (vol. II, pág. 158), têm tôdas, certamente, a mesma origem e assemelham-se entre si tanto quanto o espanhol e o portuguez". Cfr. D'ORBIGNY, págs. 229, 240; PEILLESCHI, págs. 35, 49. Quanto à opinião oposta, cfr. AZARA, vol. II, pág. 162-3 e MANTEGAZZA, *Rio della Plata* etc., pág. 435. Os Pitilagá, segundo AZARA (vol. II, pág. 161) falam um dialeto dos Toba e têm costumes dêles (N. de G. A. C.).

(6) "A nação Guaná, segundo HERVÁS (*Catalogo*, etc., pág. 43) é dividida em quatro tribos principais, pelos Espanhóis chamadas *Chana*, *Eterena*, *Echoaladi* e *Equinquinao*". Cfr. AZARA, vol. II, pág. 88; CASTELNAU, vol. II, pag. 480; *Revista trim.*, vol. IX, pág. 381-4, vol. X, pág. 171; MARTIUS, pág. 237; VON DEN STEINEN, págs. 548, 550. Mas ADAM (*Compte-rendu du Congrès intern. d. Americanistes*, sess. VII, 1888, pág. 510) provou à evidência que os Terenos e os Kinikináo falam a língua mbyayá. Cfr. RHODE, *Orig. Mittheil*, etc., ano I, pág. 13. (N. de G. A. C.).

Mbayá, falando êles um dialeto muito afim ao caduveo⁷. O parentesco entre as tribos que constituem tal família seria demonstrado não só pelo lado filológico, mas ainda se veria confirmado pela semelhança das condições morais e intelectuais e pela uniformidade do modo de vida, dos usos e dos costumes⁸.

Brinton, que recentemente resumiu as notícias em tórno da família Guaicuru e publicou o conjunto das tribos que dela fariam parte, excluiu os Lêngua, para os quais aceita a opinião do missionário Fernandez, de que sejam afins aos Chiquito, embora tal conclusão tenha sido combatida por Hervás⁹.

Além dos Lêngua, cuja agregação ao grupo Guaicuru-Toba é autorizada igualmente pelas observações de D'Orbigny^{10 11}, as tribos do ramo Guaicuru seriam, segundo Brinton, as seguintes:

(7) O parentesco lingüístico entre um tereno, kinikinao e guanã foi definitivamente evidenciado pelos estudos comparativos de MAX SCHMIDT (Guanã", *Zeitschrift für Ethnologie* XXXV, Berlin 1903) e HERBERT BALDUS ("Tereno-Texte", *Anthropos* XXXII, Wien 1937). CHESTMÍR LOUKOTKA ("Linguas indígenas do Brasil", *Revista do Arquivo Municipal* LIV, São Paulo 1939, pág. 160), baseando-se nestes trabalhos, no material de CASTELNAU, TAUNAY e BACH, e em vocabulários inéditos levantados por BOGGIANI, classifica a língua daquelas três tribos como "aruak com vestígios de maskói", distinguindo-a deste modo do caduveo que pertence à família Guaicuru (cf. *ibidem* pág. 158) (N. de H. B.).

(8) Dados importantes mostram o contrário (N. de H. B.).

(9) FERNANDEZ GIOVANNI PATRIZIO, *Relazione istorica della nuova Cristianità degli Indiani detti Cichiti*, tr. ital., Roma, 1829, pág. 81; HERVÁS, *Catalogo etc.*, págs. 30-1 (N. de G. A. C.).

(10) MARTIUS sustenta que os nomes de Lêngua, Mbayá e Guaicuru, se referem à mesma população, apoiando-se sobretudo na autoridade de DOBRIZHOFFER (vol. I, págs. 97, 125; vol. II, pág. 158), que fala indiferentemente de *Guaicurus* ou *Linguas Oaëkabalòt* e de *Guaicurus* ou *Mbayás* (Cfr. PACE, págs. 142-3, 154). Pela cor, a estatura e os outros caracteres físicos os Lêngua, segundo D'ORBIGNY (pág. 242), não diferem inteiramente dos Mocobi e dos Toba, usam uma linguagem diversa, mas que nos sons tem muita analogia com a destes povos. O mesmo autor nota, além disso, muita semelhança entre os Lêngua por um lado e os Toba e os Abipón de outro, ainda no modo de vida e nas idéias religiosas. AZARA (vol. II, pág. 149, 151-2) pelo contrário protesta contra a confusão dos Guaicuru com os Lêngua, "os quais são diferentes de tôdas as outras gentes e não entendem uma palavra dos idiomas das outras nações, se bem que pelos seus costumes e mesmo nos seus trajés se assemelhem aos Mbayá". Os Lênguas, ainda segundo HERVÁS (*Catalogo etc.* págs. 30-1, 42), deviam ser considerados uma nação do Chaco diferente de tôdas as outras, com as quais têm inimizade: sua língua não pareceria afim a nenhuma daquelas das populações conhecidas do Chaco. Teriam sido vizinhos dos Guaicuru e teriam dominado as regiões que ficam entre o Pilcomayo e o Paraguay, do gr. 22 de lat. S. até a união dos dois ditos rios. O nome de Lêngua seria a êles aplicado pelos Espanhóis em virtude do singular ornamento do lábio inferior, que se assemelhava a uma língua. AZARA (vol. II, pág. 150) admite esta tribo próxima a extinguir-se em 1794, pois que, segundo as suas informações, restavam dela somente quatorze homens e oito mulheres. D'ORBIGNY (pág. 242); ao invés, a achou durante sua viagem bastante numerosa, teriam existido ainda trezentos individuos (Cfr. RENGGER, pag. 341-2). Todavia FONTANA (*El Cran Chaco*, Buenos Aires, 1881, pág. 121) atesta que "os Lênguas, juntamente com os Machicuys, extinguiram-se com sua linguagem e seus costumes". Mas o dr. BOHLS (*Verh. d. Geselsch. f. Erdkunde zu Berlin*, vol. XXI, págs. 358-9), o qual em 1893 explorou o território dos Lêngua, achou-os em plena vida. Alguns habitariam nas margens dos rios e teriam relações

Abipón do Chaco Central;
Aguilote, subtribo dos *Mbocobi*¹²;
Cadioéo perto de Forte Olimpo no Paraguai;
Chicha-Orejone;
Churumata;
Guachi do rio Mondego;
Guaycuru do médio Paraguai;
Malbalai do rio Vermejo;
Matagayo-Churumata;
Mbaya do rio Xejui;
Mbocobi do rio Vermejo;
Pitilaga ou *Yapitalagua* do rio Vermejo;
Quiniquinau a N-E. de Albuquerque;
Toba ao N. dos *Mbocobi*;
Tereno do rio Miranda.

Algumas destas tribos, todavia, como os *Malbalá*¹³, os *Chicha-Orejone*, os *Churumatas* e os *Matagayo-Churumata*, quanto eu o saiba, são apenas conhecidas de nome e ignoro com quais critérios tenham podido ser agregadas ao grupo Guaicuru, ao passo que, por outro lado, não me parecem justificadas, nem a separação dos Mbayá dos Caduveo, nem a indicação do rio Xejui para sede atual dos primeiros.

Os antigos Guaicuru são principalmente conhecidos pela relação de Lozano, referida com pouca variação também por Charlevoix¹⁴, da qual

com os brancos: seriam índios degenerados, dizimados pela variola, entregues ao alcoolismo e teriam perdido toda confiança nas próprias forças. No interior, porém, habitariam outros Lêngua, que teriam sido poupados pela variola, seriam numerosos e de forte aspecto. Na pesca se serviriam de uma lança, de dois metros de comprimento, com ponta de ferro (primeiramente de pau de *Jacarandá*) enfiada numa haste de bambu de sessenta centímetros. As notícias do dr. BOHLS correspondem perfeitamente com tudo quanto Boggiani observou pessoalmente no lugar. Afirmações mais ou menos arbitrárias e sem fundamento e contradições evidentes, como as referidas a respeito dos Lêngua, encontram-se a cada passo na história dos indígenas do Chaco (N. de G. A. C.).

(11) Segundo pesquisas modernas, os Lêngua do Chaco pertencem à família lingüística que foi chamada por BOGGIANI, primeiramente, de *Enimaga* e, mais tarde, de *Machicuy*, ficando, por fim, com a denominação *Maskói* dada por THEODOR KOCH-GRÜNEIRO (cf. H. BALDUS: "Kaskihá-Vokabular", *Anthropos* XXVI, Wien 1931, pág. 545.). Entre os trabalhos recentes sobre os Lêngua convém destacar: ALFREDO CORYN "Los indios Lênguas", *Anales de la Sociedad Científica Argentina* XCIII, Buenos Aires 1922; e HANS KRIEG; *Chaco-Indianer*, Stuttgart 1934 (N. de H. B.).

(12) Os *Aguilote*, segundo AZARA (vol. II, pág. 164), são uma fração dos *Mocobi*, falando a mesma linguagem e tendo os mesmos costumes (N. de G. A. C.).

(13) Dos *Malbalá*, HERVÁS (*Catalogo* etc., pág. 38-9) escreve que "não pode fazer nenhum juízo sobre a sua linguagem, porque desta nação numerosa e muito guerreira haviam restado poucas famílias dispersas entre os *Mocobi*, os *Vilela* e os *Mataguay*, os quais falavam os idiomas dessas nações". Mas, segundo D'ORBIGNY (pág. 229), os *Malbalá* seriam *Toba* (N. de G. A. C.).

(14) Hoje temos ainda como fonte preciosíssima a seu respeito a citada obra do padre Sánchez Labrador, cujo manuscrito é datado em 1770, e foi publicada em 1910 (N. de H. B.).

se depreende que pelos caracteres morais e intelectuais, pelo modo de vida e pelos costumes se assemelhavam em gênero a uma grande parte das populações do Chaco, mas apresentavam algumas particularidades, pelas quais se avizinhavam de maneira especial aos Abipón, aos Mbayá e aos Lêngua.

Os Guaicuru eram nômades e viviam de caça, de pesca e dos frutos e raízes que cresciam espontâneamente no solo. Transportavam com a maior facilidade as suas habitações de um lugar para outro, segundo o requeriam a necessidade de achar água ou alimentos, de fugir dos inimigos ou de assaltá-los. Atacada e devastada uma colônia européia numa região, passavam para a região oposta para pôr-se a seguro das vinganças. Todavia, cada horda tinha um território próprio dentro do qual limitava suas excursões¹⁵. A região em que os Guaicuru andavam vagando, sujeita a inundações, era impraticável durante a estação das chuvas, ao passo que em outros tempos dificilmente podia atravessar-se por falta d'água, e por isso os Guaicuru se abrigavam em tais épocas junto a algumas lagoas do interior, onde se nutriam unicamente de raízes e coisas semelhantes e bebiam a água lodosa e fedorenta dos pântanos. Nesses lugares estavam a seguro das correrias dos Espanhóis, que depois de duzentos anos de tentativas inúteis, em 1755 ainda não haviam conseguido e não conseguiriam depois avassalá-los, se bem que entre o distrito guaicuru e o espanhol houvesse no meio apenas o rio Paraguai.

Eram de índole guerreira e muito valorosos. Viviam em contínua inimizade com os Espanhóis, em prejuízo dos quais ousaram freqüentemente assaltar até mesmo Assunção e seu território, obrigando aquela a estar em contínua vigilância. Charlevoix recorda especialmente a guerra empreendida contra os Guaicuru por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca em 1542 na defesa dos Guarani e os ataques dos Guaicuru contra Assunção em 1646 a 1732. Em 1734 os Guaicuru, juntamente com os Mocobi, assaltaram por todos os lados a província do Paraguay e cometeram atos de banditismo até mesmo às portas da capital, mas foram repelidos pelos Espanhóis com ajuda dos índios das Missões. Os historiadores recordam ainda outras correrias dos Guaicuru e sua guerra contra os Espanhóis, especialmente na segunda metade do século XVII.

Durante o primeiro trintênio do século XVII os Jesuítas tentaram por mais de uma vez converter êstes índios ao cristianismo e estabelecer Missões no seu país, mas semelhantes tentativas não foram coroadas

(15) E' no sentido indicado pelo padre LOZANO para os Guaicuru que, ainda a juízo de AZARA (vol. II, pág. 8), as populações do Chaco podem ser ditas nômades. "Agora, quando falarei dos lugares habitados pelas pre-citadas nações, não se deve entender que sejam permanentes nos mesmos lugares, mas sômente que tais lugares são o centro do país habitado pelos respectivos povos, pois que todos, qual mais qual menos, são errantes na extensão de um certo distrito; mas raramente a êles acontece vagar em um território freqüentado por outras gentes e entre nações e nações existem desertos, por vêzes extensísimos, que as separam". — "Cada uma das nações índias do Chaco argentino tem o seu próprio território e bate-se por um palmo de terra como fazemos nós; e mesmo entre as tribos de uma mesma nação é determinada a respectiva zona que não se pode ultrapassar sem dar motivo a guerra (PELLESCHI, pág. 49)" (N. de G. A. C.).

de sucesso, especialmente pelo temor que os Guaicuru tinham de perder a sua liberdade e independência com submeter-se aos Missionários. Todavia estes permaneceram junto a eles algum tempo, estudando-lhes a linguagem e os costumes.

Os homens Guaicuru andavam nus mesmo na presença dos Europeus; as mulheres se cobriam com um estôfo que do peito lhes chegava até a metade da perna. Tanto os machos como as fêmeas nos dias de frio usavam mantéus de pele de cervo ou de lontra cosidos de maneira curiosa¹⁶. Quando estavam em paz com os Espanhóis pouco lhes durava este abrigo, porque cediam facilmente tais mantéus a trôco de vinho e licores, sendo eles no máximo grau dedicados ao vício da embriaguez e por este motivo as suas festas eram muito concorridas. Faziam consistir todo o luxo em colorir-se o corpo dos pés à cabeça e especialmente a cara, com uma grande diversidade de desenhos e com várias côres, que diferiam segundo a idade e o grau que cada um tinha na milícia. Também o modo de ter os cabelos e a qualidade dos ornamentos dependiam do sexo, da idade e do grau social.

Aos recém-nascidos de ambos os sexos se furavam as orelhas para pendurar qualquer penduricalho¹⁷. Às mulheres, além disso, se cortavam os cabelos apenas cresciam, deixando as testas nuas. Elas se distinguíam dos homens também pela tatuagem da cara e dos braços¹⁸. As crianças machos até o décimo quarto ano se tingiam de negro e por isso se chamavam *Nabbidagan*, que na sua linguagem significa negros. Durante esta idade se lhes praticava um furo no lábio inferior para levar um ornamento (*tembeta*¹⁹): a operação era efetuada pelos médicos feiticeiros e por soldados veteranos. Para dar prova de valor estes meninos se faziam picar pelo ferrão da raia, tolerando a dor com grande coragem²⁰. Levavam a cabeça raspada, deixando somente duas coroas concêntricas de cabelos com um tufo no meio sobre o cocuruto.

(16) Também entre os Abipón ambos os sexos levavam no inverno mantéus de pele de lontra, os quais eram costurados juntos com tanta habilidade que as costuras fugiam à vista mais aguda e todo o mantéu parecia uma pele só. "Como agulhas se serviam de pequeníssimos espinhos, com que furavam as peles como fazem os sapateiros com as sovelas, e nos buracos passam o fio sutilíssimo do *caraguatá* (*Bromeliae spinosa*)" (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 45, 131-2) (N. de G. A. C.).

(17) DOBRIZHOFFER (vol. II, pag. 27-28) refere que as mulheres *Oaékakalóts* ou Guaicuru, como as Toba e as Abipón, faziam furos nos lobos das orelhas e lá inseriam brinco formado com tirinhas de fôlhas de palma enroladas em espiral, os quais pela sua elasticidade alargavam gradualmente as aberturas e distendiam as orelhas até que chegavam quase a tocar nos ombros. O costume de abrir largos buracos nas orelhas, mais tarde é recordado pelos Lêngua, que em parte o seguem ainda (AZARA, vol. II, pag. 150; RENGGER, pag. 342) (N. de G. A. C.).

(18) Para a tatuagem das mulheres Mbayá, cfr. adiante (N. de G. A. C.).

(19) Palavra tupi e guarani (c. H. BALDUS e E. WILLEMS: *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, São Paulo 1939, pag. 218.) (N. de H.B.).

(20) "Os Abipón, escreve DOBRIZHOFFER (vol. II, pgs. 35-6), são pródigos em verter o seu sangue, tanto para obter glória como para adquirir saúde, porque nas reuniões públicas que realizam por pândega pungem cruelmente os seus peitos, os seus braços e a sua língua com um maço de espinhos ou com os ossos cortantes do dorso do jacaré, de modo a fazer sair sangue em abundância. Mostram em fazer isso emula-

Aos quatorze anos de idade passavam para entre os adultos, depois de haver superado algumas provas com que se experimentava a sua resistência à dor²¹. Qualquer ancião venerado ou soldado distinto cortava-lhes com os dedos os cabelos de uma das coroas, deixando somente aquêles de outra e o tufo do cocuruto: êste último era amarrado estreitamente com uma redinha. Picavam-se, além disso, as várias partes dos seus corpos, inclusive aquelas secretas, por meio de um osso agudo e com o sangue que escorria copioso das feridas se banhavam e coloriam as suas cabeças. Era de regra que êsses martírios devessem ser suportados com coragem e sem dar mostra de sentir dor. Vencendo nas provas, os candidatos tinham o nome de *Figen*, começavam a usar braceletes, e adaptavam ao peito um cinto de corda ou de pêlo de animal ou de cabelos humanos²², que passava sobre o umbigo. Então podiam ainda colorir a pessoa com várias côres.

Os valorosos e os fortes, mediante especiais ritos, recebiam aos vinte anos o grau de soldados veteranos. No dia precedente à cerimônia o candidato rapava os cabelos e cortava um tufo no cocuruto. Parece que deixava somente, ou uma coroa de cabelos da largura de um dedo, ou uma faixa sobre o occipital de uma orelha à outra, a qual se deixava crescer mais ou menos comprida, à guisa de guedelha. Durante a noite pintava o corpo dos pés à cabeça, a cara de várias côres, ornava a testa acima dos cabelos com uma faixa de fio vermelho e cobria a pessoa com pluminhas bastante elegantemente dispostas: com elas se formava também uma espécie de pequenas bolas que se penduravam à cintura. Trajado de tal modo, começava a cantar, acompanhando-se com uma espécie de tambor, que era uma marmita bem fechada com pele, contendo um pouco de água dentro, sobre a qual se batia com uma ca-

ção de um com outro para ganhar a reputação de bravura e a fim de que estas feridas espontâneas possam torná-los menos temerosos de verter o sangue nos combates com o inimigo e possam tornar as suas peles impenetráveis, cobrindo-a de cicatrizes. Meninos de idade de sete anos furam os seus braços à imitação dos pais e mostram um grande número de feridas que indicam uma coragem superior à idade e é a preparação para a guerra, à qual são educados desde a primeira adolescência". Para costumes análogos dos Mbayá e de outras populações do Chaco cf. adiante. (N. de G. A. C.).

(21) Cerimônias análogas àquelas dos Guaicuru são recordadas por AZARA com relação aos Guaná (vol. II, pág. 100). "Quando os machos chegam à idade de cerca de dezoito anos, escreve êle, submetem-se a uma cerimônia bem singular. Ao despontar de um dado dia todos os da mesma idade vão ao campo e só voltam para casa à noite, processionalmente, em jejum, e observando o mais completo silêncio. Lá acham preparado quanto é necessário para esquentar-lhes fortemente as costas: depois do que algumas velhas aplicam beliscões e feridas de ossos pontiagudos nos braços dêles. Estes juvenzinhos sofrem tal tratamento com paciência, sem chorar ou dar o mínimo indicio de sofrer (N. de G. A. C.).

(22) Cintos de cabelos humanos são também usados pelos Chamacoco do Chaco boreal. Vários exemplares dêles estão incluídos na coleção de BOGGIANI, existente no museu pre-histórico e etnográfico de Roma. Cintos de cordõezinhos de cabelos humanos, segundo VON STEIEN (pág. 488), seriam usados também pelo Bororo, os quais adaptariam igualmente os mesmos cordõezinhos em torno da testa e os enroldilhavam aos pulsos para defendê-los do ricochete da corda do arco (N. de G.A.C.).

baça²³. O canto durava da madrugada às cinco da tarde. Então se distribuía a sete soldados adultos, ossos muito agudos ou ferrões de raia, com os quais por quatro ou cinco vèzes se feriam os vários membros do candidato e com o sangue que escorria das feridas se lhe untava a cabeça.

Os machos tinham sempre um bracelete muito largo, tecido com peles de animais, levado no braço esquerdo para defender-se do ricochete da corda do arco. Deixavam pender da cintura a *macana* ou maça e um machado de ferro, se podiam tê-lo, ou pelo menos de pedra. Outros ornamentos dêstes índios eram as plumas de vários pássaros, que adaptavam à cabeça, fazendo parecer maior a sua estatura já bastante elevada, e colares de contas, de frutos, de tubinhos de prata ou de pedacinhos de concha lavrados. Rapavam todos os pêlos do corpo, inclusive os cílios e as sobrancelhas²⁴, porque acreditavam com isso melhorar a vista.

Cada uma das frações dos Guaicuru habitava sob uma espécie de grande telheiro, que servia tão somente para abrigá-los do sol, pois o vento, por pouco que fôsse violento, a derrubava, e não era mesmo suficiente defesa contra a chuva, de modo que quando chovia os habitantes eram obrigados a refugiar-se nos bosques. O telheiro era separado em três partes por meio de hastes plantadas no chão: a gente comum ocupava as duas divisões laterais com todos os objetos de uso pendentes das traves da habitação, ao passo que no meio estava o chefe com a sua parentela e alguns índios de maior estima. Perto dêle se conservavam as armas para tê-las prontas em caso de necessidade. Dormiam sobre a terra nua, ou sobre uma pele estendida no solo, da qual se serviam também para abrigar-se da chuva.

Eram subordinados a chefes hereditários, que exerciam um poder absoluto sobre os súditos, pelos quais eram cegamente obedecidos e de quem recebiam grandes honras. Pela morte do chefe a dignidade passava ao macho primogênito. Todos os filhos machos dos caciques, apenas nascidos, eram entregues a pessoas de confiança para que os criassem, reservando-lhes uma cabana à parte e destinando para o serviço dêles alguns membros da tribo, que deviam servi-los, vigiá-los e acompanhá-los. Durante a infância os genitores os viam excepcionalmente. No dia em que o filho do chefe se desmamava e naquele em que começava a correr com os outros rapazes eram celebradas grandes festas por toda a comunidade.

(23) Os Abipón, que choravam os mortos, segundo DOBRIZHOFFER (vol. II, pags. 267, 276-7), acompanhavam os seus lamentos "batendo sobre um vaso espesso coberto com pele de cervo, do qual se obtinha o mais ridículo rumor que se possa conceber". Os mesmos instrumentos eram usados pelas velhas quando consultavam o Grande Espírito a respeito de acontecimentos futuros (pág. 72). Os Mataco, refere PELLESCHI (pág. 136), acompanham os cantos fúnebres com um tambor da mesma espécie, que se chama *pimpin*. É um pilão escavado num tronco de árvore por meio de instrumentos de ferro ou com o fogo, dentro do qual se põe a água e se cobre com uma pele estirada como um tambor. Sobre esta pele se batem pancadas com uma cabaça vazia, na qual se introduziram grão de milho e caroços de algarrobo (*Prosopis dulcis*). Para instrumentos semelhantes dos Paiaguá, dos Guaná, etc., cfr. adiante (N. de G. A. C.).

(24) Costume muito divulgado entre os índios sul-americanos (N. de H. B.).

As relações matrimoniais eram monogâmicas, mas podiam desfazer-se a arbítrio das partes para se contrair novas uniões. Suprimiam-se com o abôrto ou com o infanticídio os frutos dos amôres fora do matrimônio, porque êstes não tinham um pai conhecido; o que se considerava uma vergonha para a mulher, embora não lhe fizesse perder a ocasião de casar-se²⁵. A autoridade dos maridos sôbre as mulheres era muito ampla. Elas eram tratadas como escravas²⁶ e não tinham um momento de repouso porque lhes cabia principalmente dedicar-se ao serviço e sustento dos homens. Preparavam além disso esteiras para as cabanas, fabricavam cerâmicas, fiavam e teciam; durante as viagens levavam os utensílios e todos os bens móveis da família. As raparigas núbeis acompanhavam os combatentes nas expedições de guerra, tomavam conta dos seus objetos e colhiam frutos e raízes para o seu sustento.

Os meninos eram mantidos em contínua atividade, a fim de que crescessem fortes, robustos e esbeltos e não se tornassem vagabundos e preguiçosos, mas habituassem à fadiga e a procurar-se quanto precisavam para satisfazer às necessidades da vida. Os machos exercitavam continuamente na arte da milícia e especialmente em atirar ao arco, adquirindo nisso maravilhosa habilidade.

Êstes Índios, seja na paz seja na guerra, estavam sempre em guarda contra as surpresas. Mantinham corpos de guarda sôbre as elevações do terreno vizinho às suas rancherías para observar o que acontecia nos arredores. Durante a noite, de distância em distância, dentro do circuito de várias léguas, colocavam sentinelas e espias que se comunicavam entre si por meio de certos assobios. Ao mais leve indício de um ataque pegavam com suma rapidez as armas, enquanto as mulheres e as crianças corriam a esconder-se nos bosques, cada família seguindo uma direção diferente, a fim de que os inimigos, confundindo-as, lhes perdessem os traços²⁷.

(25) Entre os Índios do Chaco argentino, e especialmente entre os Mataco, as mães matam as suas criaturas quando o pai é ignorado e não haja quem as reconheça, adote e cuide da sua manutenção. O pai, para reconhecer o filho, o pega nos braços, dizendo: "Este filho é meu". Em algumas tribos é costume também que o marido se ponha deitado no leito da puérpera, como ato de reconhecimento (PELLESCHI, págs. 94-5 e 168) (N. de G. A. C.).

(26) Entre a maioria dos povos-naturais sul-americanos é a mulher que leva a carga durante as marchas, enquanto o homem só anda com as armas na mão. Na aldeia ou no acampamento de muitos desses índios vemos a mulher continuamente ocupada com os múltiplos afazeres domésticos, ao passo que o homem descansa às vezes cômodamente estendido na esteira ou rede de dormir. Tais aspectos levaram quase todos os observadores antigos e muitos dos modernos a considerar etnocêntricamente a mulher como bête de carga e escrava do homem. Esqueceram ou ignoram que o sexo masculino tem de defender a família durante as marchas e precisa descansar depois das fadigas da caça e do corte de árvores. Hoje conhecemos já numerosas tribos da América do Sul nas quais a posição social da mulher é nem inferior nem superior à do homem. Sabemos também de casos em que o sexo feminino domina francamente (cf. HERBERT BALDUS: *Indianerstudien im nordoestlichen Chaco*, Leipzig 1931, págs. 63 e segs.; *Ensaio de Etnologia Brasileira*, série Brasileira, vol. 101, São Paulo 1937, págs. 118 e segs.) (N. de H. B.).

(27) Entre os Índios do Chaco argentino e especialmente entre os Mataco, as guerras "são surpresas, assaltos às *tolderias* para saqueá-las dos objetos, dos

Eram armados de arcos, flechas e maças, além de uma faca formada com o maxilar de um peixe, muito comum nos seus rios, chamado *palometa* ou piranha (*Serrasalmo*). Este maxilar se adaptava a um cabo de pau e servia à guisa de foice robusta e afiada, para cortar com extrema facilidade as cabeças humanas. Tinham guerras contínuas não só com os Espanhóis, mas também com outras nações de índios por quem eram muito temidos. Já Cabeza de Vaca, com efeito, observava que eles tinham inimizade permanente com os Paiaguá. Nos combates não davam quartel aos machos adultos, mas poupavam a vida dos meninos que, educados segundo o seu costume, eram dados como maridos às suas filhas e aumentavam assim os membros da tribo. As mulheres adultas tinham a vida salva e eram vendidas às nações vizinhas que delas faziam escravas. Segundo o testemunho de Cabeza de Vaca, as Guaicuru teriam o direito de libertar os prisioneiros de guerra e aceitá-los na comunidade²⁸.

A maior demonstração de amor destes indígenas para as suas mulheres consistia em levar-lhes, quando voltavam vitoriosos de uma guerra, as cabeças desossadas dos inimigos, segundo Lozano, ou os cabelos dos mortos, no dizer de Charlevoix, ou então os meninos prisioneiros. Em certos dias determinados as mulheres se ornavam dos melhores mantos, cobriam a cabeça de plumas e a frente de plaquinhas de prata, enfiavam os seus colares e fios de contas, expunham com grande festa ao público os troféus e os prisioneiros e, depois de ter prendido os primeiros a certos paus, bailavam e cantavam em tórno dêles, exaltando os seus maridos, louvando-lhes o valor e gloriando-se de conservá-los para elas²⁹.

Os Guaicuru tinham um culto pela lua e pela constelação da Ursa-Maior, que reverentes veneravam com gestos e clamores supersticiosos, especialmente no dia da lua nova³⁰. Reconheciam alguns espíritos maus

animais e das crianças, por vêzes também das mulheres. — E' por isso que nas regiões cobertas de árvores as estações dos indígenas têm sempre os flancos e às costas bosques, onde se refugiam os atacados e por onde é impossível segui-los por serem um labirinto de picadas conhecidas somente pelos habitantes daquela dada estação" (PELLESCHI, págs. 62, 105). — Os Mataco têm além disso muitos espírios e exploradores (pág. 106) (N. de G. A. C.).

(28) Este direito das mulheres se liga ordinariamente com a ginococracia (POST, *Bausteine für eine allgemeine Rechtswissenschaft*, Oldenburgo, 1880, vol. II, págs. 56, 57). (N. de G. A. G.) — O termo "ginococracia" é empregado modernamente com mais escrúpulos do que era usado pelos etnólogos das gerações passadas (N. de H. B.).

(29) Para costumes semelhantes dos Mbayá e outras populações do Chaco, cfr. adiante (N. de G. A. C.).

(30) "Entre os Mataco o culto dos astros, próprio especialmente das mulheres, diz respeito à luz e à estrêla da manhã. Ao surgir a lua, as mulheres saem das suas choupanas e pegando-se pelas mãos formam um círculo e se põem a girar em tórno rapidamente, saltando e gritando em honra do astro de prata. O mesmo fazem ao baixar a estrêla junto ao barranco oriental, invocando a sua benignidade para a colheita do algarrobo e de outras frutas do campo. Também à meia-noite costumam escapar ao doce repouso e, homens e mulheres, unidos, saltar e gritar em círculo para propiciar-se o céu" (PELLESCHI, pág. 118). Cerimônias análogas eram praticadas ao nascer da lua entre os Paiaguá (AZARA, vol. II, pag. 139) (N. de G. A. C.).

que, segundo as suas idéias, teriam vindo nas tempestades para matá-los. Portanto quando se avizinhava um turbilhão de água ou de vento, os adultos e as crianças saíam furiosos dos seus telheiros, emitindo gritos descompassados e ameaçadores para pôr em fuga os maus espíritos que se acreditava ser a causa do furacão³¹.

Tôda a nação dos Guaicuru celebrava uma festa quando apareciam no horizonte sete estrêlas por êles chamadas cabritas³², que se verificou serem as Plêiades. Começava-se a manhã por abalar com violentos golpes os ranchos. Depois do que se davam fingidos combates, nos quais as mulheres lutavam entre si, separadas dos homens que faziam outro tanto. As crianças imitavam os genitores com gritos barulhentos. Mais tarde se desafiavam para a corrida, fazendo garbo da sua ligeireza e esbelteza. Em meio destas festas se auguravam mutuamente saúde, abundância e vitória sôbre inimigos. A conclusão era uma bebedeira geral³³.

As almas humanas, na opinião dêstes índios, depois da morte andariam vagando invisíveis pelo seu país, dedicando-se às mesmas ocupações a que os indígenas se dedicavam durante a vida³⁴. Os túmulos do cacique e dos seus filhos se cobriam com telheiros e se ornavam os cadáveres com colares de contas dos quais os súditos se despojavam voluntariamente embora os tivessem comprado por alto preço, porque isto lhes parecia um ato de piedade para com os defuntos. Quando morria o chefe ou algum dos seus filhos, tôda a comunidade manifestava também a sua dor com o pranto e outros sinais de tristeza e principalmente tomando o luto que se prolongava por um, dois ou mais meses, segundo o afeto que se nutria pelo morto. Durante êste tempo os índios mostravam um aspecto grave e dolorido, abstinham-se de comer peixe, que era para êles o mais caro alimento e cessavam de colorir a cara. Além disso todos os membros da comunidade mudavam de nome³⁵.

(31) AZARA refere dos Paiaguá (vol. II, págs. 158-9), que "quando a borrasca e o vento derrubam as cabanas, tomando um tição qualquer do próprio fogão, correm êles a alguma distância e ameaçam o turbilhão com o tição mesmo. Outros acreditam espantar a tempestade com elevar os punhos ao ar". Para idéias animísticas e cerimônias dos Matakó análogas às precedentes, cfr. Pelleschi, pág. 118 (N. de G. A. C.).

(32) No Paraguai ouvi o termo *siete cabrillas* como denominação da constelação das plêiades. Não é provável que seja de origem índia se considerarmos ser a cabra introduzida pelos europeus (N. de H. B.).

(33) Para as festas idênticas dos Mbayá, dos Tereno e dos Abipón, cfr. adiante (N. de G. A. C.).

(34) Para as idéias animísticas semelhantes dos Mbayá, os costumes fúnebres e o luto, cf. adiante (N. de G. A. C.).

(35) Entre os Tereno, quando um dos pais morre, todos os filhos recebem novos nomes, para que o pai sobrevivente não se lembre do passado por meio dos antigos apelidos e para que, assim, não se entristeça. Se o pai sobrevivente também morre não se mudam mais os nomes dos filhos. Os de outras pessoas por exemplo o do viúvo ou da viúva, ficam sem alteração no caso de morte (BALDUS: *Ensaio de Etnologia Brasileira*, págs. 71-72). Referindo-se aos Yamana da Terra do Fogo, MARTIM GUSINDE (*Die Feurlandindianer*, II, Moedling bei Wien 1937, pág. 1114) escreve: "Um sobrevivente tem de abandonar o seu nome, se êste é o mesmo como o do defunto", e acrescenta: "Não só os vizinhos Selk'nam, mas também outras tribos sul e norte-americanas costumam fazer isso" (N. de H. B.).

II

OS MBAYÁ — HISTÓRIA E ETNOGRAFIA

Os Mbayá habitam atualmente em Mato-Grosso, a Norte do rio Apa até o rio Miranda ou Mondego, entre o 20° e o 22° aproximadamente de lat. Sul, mas as relações dos Missionários, dos viajantes e historiadores são concordes em atestar que viviam antigamente no Chaco¹, ou pelo menos nas duas margens do Paraguai. O seu território sôbre a margem oriental atingia no século passado mais para o Sul do limite hodierno, mas quanto mais se andaram estendendo os estabelecimentos dos Espanhóis ao longo do rio, tanto mais os Mbayá tiveram de retirar-se para o Norte, até que, para fugir à inimizade dos Paraguaio e pela diminuição do seu número, se restringiram ao Mato-Grosso. Segundo Azara, os Mbayá na época da conquista habitaram aquela parte do Chaco situada entre o 20° e o 22° de lat Sul e teriam sido chamados *Tajuanich* ou *Guaiquilet* pelos Índios Machicuy e Enimagá. O mesmo escritor recorda ainda outra notícia, a qual, porém, deve ser tomada com tôda reserva; os Mbayá teriam sido uma vez subjugados pelos Enimagá da margem meridional do Pilcomayo, no interior do Chaco e mais tarde, sacudido o jugo, se teriam dirigido para o Norte. Em 1661, pela primeira vez, teriam passado a Este do rio Paraguai e, continuando em seguida suas expedições ter-se-iam gradualmente assenhoreado da província de Ytati, que começava no rio Jejuy, além do 24° de lat. Sul².

Dobrizhofer refere que os Mbayá moradores na margem Este do Paraguai se chamavam *Eyiguayegis*, os da margem ocidental *Quetiadegodis*. Segundo as notícias de Azara, ter-se-iam dividido num grande número de hordas que se poderiam, porém, reduzir a quatro principais, isto é a *Catiguebó*, a *Tchiguebó*, a *Gueteadebó* e a *Beutuebó*. A primeira se teria fracionado em duas: uma parte composta de cerca de 1.000 indivíduos teria habitado no 21° de lat. Sul a Oeste do Paraguai, próximo da lagoa chamada outras vezes Ayolá. A outra fração de *Catiguebó* teria compreendido dois grupos que viveriam a oriente do rio Paraguai. Um deles, formado de cerca de 500 pessoas, teria habitado entre os rios Ypané e Corrientes ou Apa, vizinho ao rio Paraguai: o segundo, de 300 membros, teria vivido sôbre as colinas chamadas de *Nogená* e *Nebatená*, no 21° de lat. Sul. As outras três hordas teriam constituído juntas cerca de 2.000 indivíduos e teriam ocupado as colinas de *Noatequidi* e *Noateliyá* a Este do Paraguai, entre o 20° e o 21° de lat. Sul.

(1) Cfr. as cartas geográficas de AZARA, CASTELNAU (parte V, tab. VIII, XI, XXII), RENGGER, MURATORI, PAGE e DE MOUSSY (Atlas, tab. IV, V, XVIII) (N. de G. A. C.).

(2) CASTELNAU sustenta, pelo contrário, que os Mbayá emigraram antes da chegada dos Portuguezes às margens do rio Mondego e às vizinhanças de Miranda, onde teriam habitado primeiro os *Guachi*, tribo que na época de sua viagem estaria perto de extinguir-se pelo costume que teria de destruir a prole. Mais tarde se teriam estabelecido no mesmo território os Huans ou Guaná, a quem os Mbayá teriam feito guerra (N. de G. A. C.).

Francisco Rodrigues do Prado indicava em 1795 para sede dos Mbayá a margem oriental do Paraguai, entre o 19°30' e o 23°36' de lat. Sul no território banhado pelo Mondego, pelo rio Branco, pelo rio Apa, pelo Ypané, etc. Recordava sete hordas dêles a que dava os nomes de *Pagachotéo*, *Chagotéo*, *Atiadéo*, *Adioéo*, *Oléo*, *Laudéo* e *Cadioéo*. O geógrafo De Almeida Serra refere contrariamente que em 1797 os Mbayá habitavam ao Sul das montanhas de Albuquerque, na margem ocidental do Paraguai e no Mato-Grosso entre o rio Taquari e o Ypané. Ter-se-iam dividido em várias hordas, das quais recorda aquelas dos *Uata-de-os*, dos *Ejué-os*, dos *Cadiué-os*, dos *Pacajudeus*, dos *Catogudeus*, dos *Xacuté-os* e dos *Oléos*³. Esta divisão, com alguma diferença na transcrição dos nomes, se acha relatada por Natterer⁴, Castelnau⁵, Martius, Rath, etc. Natterer acrescenta, porém, que os *Laudéos* ou *Lota-né-ous* teriam sido destroçados pela variola, com exceção de uma menina. As hordas mais numerosas teriam sido as dos *Atiadéos*, dos *Adioéos* e dos *Cadiéhos*. Em documentos conservados na Diretoria dos Índios em Cuiabá, nos quais são enumeradas as populações índias existentes em Mato-Grosso durante 1848 se faz menção às seguintes tribos Guaicuru; os *Cadiuéos* vivendo sobre ambas as margens do Paraguai em Vale de Coimbra em número de cerca de 850; os *Guatiedéos* de Albuquerque, cujo número é de cerca de 130; os *Beaquéos*, habitando a Este do Paraguai e ao Sul de Miranda e finalmente os *Cotoguéos*, estabelecidos seis léguas ao Sul desta aldeia: os membros das duas últimas tribos ter-se-iam elevado a 500. Segundo outros documentos de 1872 os *Cadiuéos* estariam reduzidos a cerca de 800, divididos em várias hordas, e os *Beaquéos* a 100. Nas relações dos mais recentes viajantes, Rohde, Balzon, Cominges, etc. encontram-se recordados exclusivamente os Caduveo, aos quais deviam juntar-se os Kinikinao, que vivem em aldeias perto de Albuquerque e Miranda, e os Tereno do distrito de Miranda, reconhecidos indubitavelmente como Mbayá⁶.

Azara, Rengger, Funes, Du Graty e os outros historiadores tratam longamente das guerras que se deram na segunda metade do século XVII e durante os séculos seguintes entre os Mbayá e os Espanhóis do Paraguai. Em 1653 o governador de Assunção ocupou-se ativamente de reprimir os Mbayá e os Neenga, que se haviam confederado e realizavam

(3) Os nomes das várias hordas, segundo DE ALMEIDA SERRA, teriam sido tomados de características do país em que elas antigamente habitavam (N. de G. A. C.).

(4) Natterer transcreve do seguinte modo os nomes das seis hordas: *Apacatsche-teuo*, *Uvokete-cheuo*, *Isch-aó-teuo*, *Uae-teo-teuo*, *Lota-néuo*, e *Kadigoe* (N. de G. A. C.).

(5) CASTELNAU refere que no tempo da sua viagem os Mbayá compreendiam seis grandes hordas, isto é os *Ouaitiadehos*, os *Cadiéhos*, os *Apacatchudehos*, os *Echocudenos* ou *Cotogehos*, os *Edjiéhos* e os *Beaquiéchos* (N. de G. A. C.).

(6) Os Tereno originariamente teriam habitado no Chaco boliviano, de onde, segundo RHODE (*Orig. Mitth.* etc., ano I, pág. 12) teriam passado para o território atualmente ocupado perto de Miranda cerca de 68 anos antes da sua viagem. Na opinião do mesmo escritor se assemelhariam aos lêngua, que habitam ao longo das margens ocidentais do Paraguai e sobre as ilhotas próximas de Vila Conceição, e vivem de caça e pesca (N. de G. A. C.). — Vide porém, minhas notas anteriores acerca dos Tereno que, aliás, são essencialmente lavradores (N. de H. B.).

grandes pilhagens, aproveitando a má situação em que se achava a província por causa de uma epidemia. Em 1661 os Mbayá atacaram a colônia dos Guarani chamada Nossa Senhora da Fé, posta sob a direção dos Jesuítas. Mataram muitos índios e constrangeram os outros a emigrar⁷. Em 1662 e nos anos sucessivos assaltaram Puton ou Ypané e Guarambaré, cujos habitantes juntamente com os colonos de Atirá tiveram de refugiar-se na capital do Paraguai. Não contentes com isso, devastaram a colônia de Tobaty, situada além do 25° lat. Sul, destruíram os poderes de Assunção e pouco faltou para que não exterminassem inteiramente os Espanhóis do Paraguai. Em 1740 foi fundada na cordilheira de Los Altos, a uma légua da margem do Paraguai e a nove leguas a N-E. de Assunção, a cidade de Emboscada para defesa das correrias dos Mbayá. Mau grado isso, depois de 1749 se descreve novamente o Paraguai ameaçado pelos Mbayá, pelos Lêngua, pelos Mocobi, pelos Paiaguá, etc., e em 1750 vemos que os Mbayá, caindo de improviso sôbre a cidade de Curuguati, mataram 107 pessoas. Para tê-los freados em 1772 foram construídos o forte de Bourbon, ou Olimpo e em seguida o de São Carlos, ao pé do rio Apa.

Mesmo com os Portuguezes de Mato-Grosso os Mbayá, durante o século XVIII, viveram em contínuas guerras. Depois de 1715, aliados com os Paiaguá, seus antigos inimigos, fizeram graves danos aos negociantes que, por água de São Paulo iam a Cuiabá, destruindo as suas embarcações e matando os viajantes. A sua avidez era atraída pelas facas, pelos machados e pelo ferro, ao passo que não tocavam em outras mercadorias nem nos valores, inclusive o ouro, ou os jogavam ao rio. Devido a estas depredações o governador de São Paulo em 1734 baixou de Cuiabá com uma pequena frota e, havendo surpreendido os inimigos numa ilha, fêz entre êles uma grande matança. As correrias dos Paiaguá e dos Mbayá recomeçaram em 1736 e duraram até 1740, quando os primeiros se separaram dos aliados e foram viver pacificamente, parte em Assunção e parte abaixo dessa cidade. Pouco depois desta separação os Mbayá recomeçaram as suas devastações contra os estabelecimentos portuguezes: em 1775 subiram o rio com as suas canoas até Vila Maria no 16° 3' de lat. Sul, onde destruíram algumas feitorias, matando os habitantes das mesmas. Por êsses motivos o governador de Mato-Grosso se viu obrigado a mandar um capitão com tropas para estabelecer um presidio ao longo das margens do rio Paraguai e foi, com efeito, construído o forte de Nova Coimbra a jusante da foz do Mondego, perto de 19° 55' 43" de lat. Sul. Desde aquêlo tempo as autoridades portuguezas procuraram entrar em boas relações com os Mbayá, tratando-os com benevolência, distribuindo entre êles pequenos presentes e evitando todo motivo de queixa. Em junho de 1778, porém, os índios

(7) FUNES (vol. II, págs. 70-1, 125-7, 130-4) e DU GRATY (págs. 30-2) atribuem êstes ataques às colônias espanholas formadas durante a segunda metade do século XVII e as guerras que se seguiram, ou sômente aos Guaicuru, ou aos Guaicuru e aos ferozes *Albayes* (que são, certamente, os Mbayá). Estas inimizades ora derivavam de irrequietude dos índios, mas com mais freqüência dependiam da deslealdade dos Europeus e das traições com que êstes se mancharam em prejuízo daqueles (N. de G. A. C.).

se aproveitaram dessas boas disposições para surpreender e matar à traição quarenta e cinco Portuguezes fora do mesmo forte de Coimbra.

Entre 1790 e 1791 os Espanhóis se dedicaram a procurar lugares apropriados para fundar estabelecimentos que defendessem Vila Real ou Conceição, em prejuízo da qual cidade e do território vizinho os Mbayá, mau grado a paz feita com os Espanhóis, cometiam contínuos furtos e assassinios. Vendo-se ameaçados pelos Portuguezes e Espanhóis, em 1791 os Índios pediram amizade aos primeiros, mesmo para receber d'elles instrumentos de ferro e outros productos europeus. Dois chefes dirigiram-se a Vila Bela para firmar o tratado de paz, do qual conservaram com cuidado a cópia. Desde aquella época os pactos de não molestar os portuguezes foram lealmente observados pelos Mbayá e foram até por estes transmitidos aos escravos refugiados no seu país.

Contra os Espanhóis, pelo contrário, aumentaram as inimizades quanto mais os estabelecimentos d'elles no Paraguai se estendiam para o Norte. Em 1796 e nos anos successivos os Espanhóis se viram obrigados a fazer expedições militares contra os Mbayá, matando duzentos ou trezentos d'elles, assim como o chefe Queimá e perseguindo-os até o rio Mondego. Em consequência disso os *Uatedéo*, os *Ejueo*, os *Cadiueo* e outras hordas se transferiram dos seus antigos pousos junto às colônias espanholas e especialmente da vizinhança do forte Bourbon ou Olimpo, para o território de Albuquerque, ao passo que aquêles do rio Mondego se puseram sob a proteção do forte português de Miranda, construído para defesa das supostas ameaças espanholas. Desde aquella época encontramos as várias hordas dos Mbayá errantes nas dependências dos estabelecimentos brasileiros ou espanhóis, desfrutando hàbilmente dos ciúmes das duas nações para ter presentes e proteções e mudando as suas sedes de uma para outra estação, segundo as inimizades que havia entre as várias tribos e com outros Índios e sobretudo segundo os temores que tinham dos Portuguezes ou Espanhóis e as vantagens que esperavam obter da sua amizade. Mas bem depressa os Brasileiros reconheceram a utilidade que podiam tirar das boas relações com os Mbayá a fim de tornar segura a navegação nos rios do Mato-Grosso meridional, para evitar estragos e ruínas nas suas estações de Miranda, Coimbra, Albuquerque, etc., e para frear a expansão dos Espanhóis no alto Paraguai. Portanto puseram todo cuidado em atrair êsses Índios para a sua esfera de ação e para induzi-los a estabelecer-se nas dependências dos domínios portuguezes de Coimbra e Miranda, assegurando-lhes proteção contra os Espanhóis, socorrendo-os com alimentos nos casos de necessidade e sendo generosos em presentes de instrumentos de ferro, contas, enfeites de prata, aguardente, etc. Empreenderam-se também relações de comércio entre os Mbayá e os estabelecimentos brasileiros: os primeiros vendiam aos brancos couros, louças de barro e outros productos de necessidade no isolamento em que estes se achavam. Os Brasileiros fizeram, além disso, muitas tentativas para induzir os Índios à vida estável, a dedicar-se à agricultura e à criação de gado e a converter-se ao Cristianismo.

As boas relações se mantiveram e se tornaram mais íntimas durante o século XIX. Na época da viagem de Page, o chefe Tacalaguana era

reconhecido como oficial superior do exército pelo Governo do Brasil e recebia freqüentes presentes para si e para a tribo. Era sempre tratado com ostensivas atenções e distinções pelos comandantes da província. A sabedoria da política brasileira em relação a estes Índios torna-se cada vez mais evidente: pô-los em condições de ter na fronteira uma força formidável com pouco ou quase nenhuma despesa.

Prosseguiram, pelo contrário, as inimizades dos Mbayá com os Paraguaiois. Pouco antes da revolução do Paraguai (março de 1811), um comandante do forte Bourbon ou Olimpo, tendo querido reter junto dêle pela violência uma rapariga Mbayá, os Índios se indignaram de tal forma que declararam guerra aos Paraguaiois. Esta declaração consistiu em abandonar de imprevido os territórios vizinhos ao estabelecimento dos Brancos, para voltar pouco tempo depois, metendo o país a ferro e fogo. As feitorias foram saqueadas e incendiadas, os seus habitantes mortos ou feito prisioneiros e o gado roubado. Depois de cada uma das correrias os Mbayá se retiravam para o Norte com as suas prêsas para vender o gado aos Portuguêses de Coimbra e Cuiabá, pelos quais eram providos de terçados, fuzis e munições. Quando não tiveram mais o que roubar, concluíram a paz e alguns se estabeleceram com os seus escravos junto de Vila Real. Mas bem depressa recommçaram as pilhagens e os assassínios em prejuízo dos Paraguaiois. Eram especialmente atacadas as caravanas que andavam nos bosques a colhêr erva-mate.

Durante a ditadura do dr. Francia (1814-1840) os Mbayá continuaram a devastar o departamento e a cidade de São Salvador, estendendo as ruínas até os arredores de Conceição. O antigo forte de São Carlos, na margem esquerda do rio Apa, sendo insuficiente para conter as suas correrias, a administração do presidente don Carlos Antônio Lopez, que succedeu àquela do dr. Francia, estabeleceu uma boa linha de defesa formada de dez fortes apoiados à esquerda do rio Paraguai e à direita, a sessenta léguas, nas montanhas de Este, seguindo o curso do rio Apa.

Na guerra do Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, em 1865, os Caduveos, instigados e armados de fuzis pelos Brasileiros, penetraram no rio Apa, assaltando as aldeias e os exércitos paraguaiois. Atacaram finalmente a aldeia de São Salvador, que saquearam e destruíram, voltando carregados de prêsa, composta em grande parte de fazendas, armas e munições tomadas ao inimigo, entre as quais figuravam muitos terçados que em 1879 os Caduveo ainda levavam constantemente pendurados à cintura. Depois dessa guerra o Brasil reforçou sua influência sôbre os Mbayá que, atraídos pelos presentes recebidos das autoridades do Império, visitam anualmente Corumbá, Coimbra e Albuquerque, onde trocam os seus troços por pólvora, panos, facas e outras coisas: lá são atraídos com presentes de fuzis antigos, de uniformes de refugio e diplomas de officiais do exército imperial.

Em tôrno das relações dos Mbayá com os Missionários, sabemos por Dobrizhoffer e Hervás que José Sánchez Labrador em 1760 dedicou-se à conversão dêsses Índios, com os quais fundou a aldeia de Nossa Senhora de Belém, na diocese do Paraguai, a 23° e meio da lat. e a 320° e meio de longitude. Aqui habitava um chefe com os seus súditos, isto é, cêrca de duzentas e sessenta almas. No fim do século passado são

ainda recordados dois padres espanhóis que teriam convivido com os Mbayá do distrito de Coimbra, ao passo que muitos Índios teriam conhecido os preceitos católicos e teriam sido batizados por serem criados pelos Espanhóis e terem tido com êles estreitas relações. Algumas mulheres também se teriam convertido para manter relações legítimas ou ilegítimas com os Portuguezes: muitos neófitos de outras tribos além disso teriam sido escravos entre os Mbayá. Mau grado isso, êstes indigenas por muito tempo se mostraram refratários à propaganda católica e permaneceram firmes na antiga fé. Mas Castelnau achou perto de Albuquerque uma aldeia habitada na maioria por *Ouaitiadéhos* convertidos ao Cristianismo. Por outro lado algumas hordas de Mbayá, na primeira metade do século XIX, se entregaram à vida sedentária e habitavam em estações fixas. Em 1846 são recordados no distrito de Miranda, juntamente com várias aldeias de Kinikinao e de Tereno⁸, uma aldeia de *Guióos*, uma de *Cotuguéos* e uma de *Beaquéos*. Os indigenas de tôdas essas estações sujeitas ao Brasil dedicavam-se à agricultura⁹. Os Caduveo, pelo contrário, são descritos naquela época mesma como errantes e inacessíveis à civilização européia. Desde algum tempo, todavia, as condições são substancialmente mudadas. Basta recordar que em 1879, na época da viagem de Cominges, o chefe dos Caduveo do Nabileque, João Joaquim havia acumulado riquezas em vacas e papel moeda do Brasil.

(8) Os Kinikinao, segundo documentos brasileiros de 1846, 1848 e 1861, viviam em número de mil em duas aldeias perto de Albuquerque e Miranda, isto é cêrca de oitocentos teriam habitado, juntamente com os Guaná, a aldeia de Nossa Senhora do Bom Conselho, três léguas a Oeste de Albuquerque: tinham um mestre, um professor de música e um alfaiate e estavam sob a direção de frei Mariano da Bagnaia. Outros duzentos aproximadamente ocupavam uma aldeia perto de Miranda. Eram laboriosíssimos, de caráter dócil, sociáveis e hospitaleiros: faziam grande comércio de farinha de mandioca e de arroz com os Brasileiros. As suas plantações eram extensíssimas e belíssimas. Os Kinikinao também foram visitados por CASTELNAU (vol. II, págs. 399, 450, 480; parte II, tab. XXIII) e por Page (págs. 189-01), que deram pormenorizadas notícias sobre as suas aldeias. — Os Tereno, segundo documentos portuguezes de 1846, habitavam em seis aldeias perto de Miranda: em 1848 o seu número ascendera a dois mil. CASTELNAU recorda quatro aldeias dêsse índios com três mil habitantes. Tendo visitado a maior dêsas aldeias, refere que os Tereno haviam tido pouco contacto com as populações civis e, portanto, mantinham quase na sua integridade os costumes dos antepassados. ROHDE visitou seis aldeias de Tereno: achou a primeira a duas léguas a Oeste da cidade de Miranda, a última a doze ou quatorze léguas. Os indigenas se chamavam cristãos, embora ignorassem as crenças desta religião, não celebrassem as festas e não batizassem os filhos. Não tinham igrejas para a prece, nem ROHDE os viu jamais rezar. Conservavam antes as suas antigas superstições e pediam auxílio às estrêlas, como se lá estivessem os seus avós. Tendo prestado ao Brasil bons serviços na guerra contra o Paraguai, alguns caciques receberam a patente de alferes, que mostravam a ROHDE com grande orgulho, pedindo-lhe para lê-la em voz alta. As mulheres dos Tereno proviam Miranda de água potável. Pelo contacto com a civilização alguns dos seus costumes haviam desaparecido ou restavam poucos traços dêles, especialmente o que diz respeito aos enfeitos, roupas, etc. (N. de G. A. C.).

(9) Segundo os documentos brasileiros estas aldeias teriam sido habitadas por Índios mais ou menos subordinados e agricultores, que conservariam os seus costumes e seriam governados por chefes próprios hereditários. Viveriam em ranchos cobertos de palha e ordinariamente abertos dos lados (N. de G. A. C.).

Os Mbayá eram robustíssimos, de belas formas, bem proporcionados e de estatura média ou mesmo alta¹⁰. A sua severa fisionomia mostrava um caráter independente e um irrequieto amor pela liberdade mais que rudeza. Eram generosos e fiéis em manter as promessas. Entre os membros da nação havia solidariedade e harmonia, ao passo que, de índole guerreira e bravíssima, desprezavam os estrangeiros¹¹. Eram valorosíssimos: os Abipón os consideravam bravos, enquanto julgavam vis tôdas as outras tribos do Chaco. Dedicados à caça, à pesca e a colhêr os frutos do bosque, haviam aprendido a suportar as fadigas de contínuas migrações, a fome e a sede, o frio e o calor. Consumiam num dia as provisões que teriam podido servir para meses inteiros, mas quando sobrevinha a carestia mantinham-se com pouco alimento e mal nutritivo e mesmo com alimentos recusados pelos europeus, isto é insetos, vermes e anfíbios. Tinham dentes grandes e sãos, mas eram mal plantados e conservados ainda pior. Seu caráter e costumes apresentavam o sinal de uma vida nômade profundamente arraigada. Eram audazes cavaleiros, mas antes de conhecer o cavalo parece que tinham o hábito de fazer rápidas excursões de canoa sôbre grandes cursos d'água do país.

As mulheres eram menos bem proporcionadas do que os homens, tinham o rosto largo e se tornavam mais feias pelo extrato de côres com que se ornamentavam: eram, porém, boas, compassivas, inteligentes, amantes de conhecer as coisas novas que observavam com cuidado, atenciosas para os animais domésticos e hábeis no tecer e no fabricar as louças de barro. Envelheciam muitíssimo cedo. No dizer de Castelnau, as mulheres dos Caduveo eram muito desagradáveis à vista e provocavam repugnância pelo enorme pedaço de fumo que tinham constantemente na bôca, tendo-o debaixo do lábio inferior e deixando ver metade sôbre os dentes: faziam isso mais por momice que por necessidade. Os homens, segundo o mesmo escritor e Rohde, pelos hábitos guerreiros e selvagens teriam inculcido muito temor aos vizinhos: seriam irrequietos, bêbados, dissolutos e viciosos¹².

(10) Se bem que, como ficou demonstrado pelas informações de BOGGIANI, resta ainda no Alto Paraguai um certo número de Mbayá que conservam parcialmente os próprios caracteres etnográficos, todavia, falando dêles e do seu modo de vida, adotei sempre o tempo passado, porque corresponde melhor ao conceito de uma relação histórica, como é a presente, e porque seria impossível determinar com precisão em todos os casos quais dos seus costumes se modificaram e quais se mantêm intactos (N. de G. A. C.).

(11) Os Mbayá, segundo DE ALMEIDA SERRA, acreditavam fazer o melhor elogio dos Portuguezes chamando-os Mbayá, ao passo que àqueles dos seus que gozavam menor estima applicavam o nome de Portuguezes (N. de G. A. C.).

(12) Os varões Tereno, segundo ROHDE, eram de estatura esbelta e elevada; as mulheres, de altura média, robustas e corpulentas. Ambos os sexos tinham o rosto largo com os zigomas destacados, o nariz chato, as narinas largas, os olhos pardo escuros, a bôca grande, os cabelos negros, duros e ásperos ao tato. Eram sãos e robustos: tinham bela dentadura. Pelo, seu caráter moral são muito louvados por CASTELNAU e ROHDE. Eram industriossimos agricultores e criadores de gado. Mostravam também grande habilidade no manobrar as Canoas e eram bravos cavalgadores (N. de G. A. C.).

Cada família Mbayá habitava numa cabana aberta dos lados e coberta de esteiras tecidas com uma espécie de junco¹³. Dormia sobre peles de animais estendidas no solo ou sobre uma mesa, usando à guisa de travesseiros dois pequenos feixes de palha que durante o dia faziam para as mulheres as vêzes de sela de cavalgar. Pouco diferentes eram as habitações das tribos sedentárias mais civilizadas. A aldeia dos *Onaitiadehos* cristãos, visitada por Castelnau, jazia aos pés de uma bela montanha no meio de um bosque de bananeiras. As cabanas, em número de 25, estavam dispostas em semicírculo com uma grande cruz no centro, junto à qual se inumavam os mortos envoltos numa esteira. Eram compridas de cerca de 10 metros e consistiam em telheiros de palha, sem paredes laterais, sustidos por troncos de palmeiras. No interior, a cerca de um metro de altura do chão era construída uma mesa que se estendia por todo o comprimento do telheiro e tinha um metro de largura; era coberta de esteiras e servia de leito. As armas, isto é, arcos, flechas, maças, lanças, etc., como também as cabaças e os grandes cestos de junco ficavam pendurados às traves da casa. O fogão se achava no meio da habitação sobre pedras amontoadas.

As aldeias dos Tereno ordinariamente se compunham de três ou quatro cabanas de família e de alguns pequenos ranchos. As cabanas de família, cobertas por imensos telhados de palha ou de fôlha de palmeira, eram baixas, mas longas e espaçosas; lá habitavam trinta ou mais pessoas que estavam debaixo de um chefe comum, o qual era quase sempre o ancião da família. Os leitos, construídos como aquêles já descritos, com canas ou varetas de pau e sustentados por quatro estacas, estavam dispostos em dupla fila nas cabanas e eram cobertos com couros de bois e outros animais. Sobre cada um desses leitos dormia uma família, isto é o marido, duas mulheres e a nova geração¹⁴.

Até meados do século XIX as hordas dos Mbayá, pelo menos em parte são descritas em contínuo movimento sobre os seus cavalos para a caça, o saque e para as correrias da guerra, que eram empreendidas de noite. Carregavam sobre os quadrúpedes as mulheres e as crianças, os poucos utensílios domésticos embrulhados em esteiras e peles e até mes-

(13) CASTELNAU, parte II, tab. XXI (N. de G. A. C.).

(14) Como entre os Tereno havia o costume de que o marido fôsse habitar na cabana da mulher, assim quando uma rapariga se casava, levantava-se na habitação da família um novo leito para ela. ROHDE contou numa dessas cabanas doze leitos, que eram construídos em série dupla, como num hospital. Cada um dos homens sendo casado com duas mulheres das quais ordinariamente tinha filhos, os leitos eram muito espaçosos. Na maioria deles podiam dormir sobre os mesmos seis pessoas adultas. Quando a fertilidade das mulheres de uma habitação de família era superior ao tamanho da cabana, a família mais nova construía para si uma pequena na vizinhança, ou se fabricava uma nova casa de família. Junto ao leito de cada família tinham os seus bens recolhidos dentro de grandes sacos de malha de rede e em bôlsas penduradas às traves da cabana ou a um pau especial plantado numa extremidade do leito. Os bens da família eram completados por vasos de barro, cabaças de tôdas as formas e grandezas que jaziam no solo ou eram pendurados a um tear e nas armas. Tais casas de Tereno, especialmente pela sua disposição interna, têm uma singular semelhança com as habitações de família (*pahát*) do Guaná, descritas por COMINGES (págs. 176-9) (N. de G. A. C.).

mo os pequenos cães, e partiam a galope do seu quartel como para lá tinham vindo. Quando encontravam um largo curso d'água lançavam para a frente os cavalos e nadavam agarrados às caudas dos mesmos. Faziam passar as crianças e os seus utensílios domésticos sobre um couro de boi arqueado à guisa de concha por meio de dois bastões de pau¹⁵. Esta canoa portátil, que fazia sempre parte dos seus móveis e que nas viagens era carregada a cavalo pelas mulheres, substituíam com frequência as maiores embarcações de madeira, das quais também os Mbayá sabiam servir-se com habilidade e destreza.

Os homens andavam nus, amarrando apenas em redor do peito, à guisa de saíote, um pedaço retangular de pano de algodão, colorido e ornado de contas. Levavam um cinto a que prendiam a faca: na falta de alimento apertavam-no extraordinariamente para acalmar os reclamos da fome. No princípio do século XIX ainda furavam o lábio inferior para lá introduzir um pedaço de pau cilíndrico, de cerca de três polegadas de comprimento e da grossura de uma pena de ganso: os mais ricos enfiavam em lugar disso nesse furo uma hastezinha de prata ou um tubinho de latão de igual grandeza¹⁶, e penduravam às orelhas ornatos semilunares de prata. Os jovens levavam os cabelos tratados a capricho, mas os adultos os cortavam nas têmporas e em torno da testa, deixando apenas uma coroa como os frades franciscanos¹⁷. Coloriam sua cara com desenhos simétricos e elegantes feitos com a pasta de urucu e com suco do genipapo misturado a carvão. Os homens punham ornatos de plumas em torno da cabeça nos pulsos e em baixo, nos joelhos,

(15) Esta embarcação improvisada para atravessar rios é muito usada pelos sertanejos de Mato-Grosso e do sul do Brasil que a chamam de *pelota* (N. de H. B.).

(16) O tembetá era comum entre muitas populações etnicamente diversas, do rio da Prata e do Chaco. Além dos Guarani e especialmente dos Chiriguano e Caingú o teriam usado os Charrua, os Minuano, os Mocobi, os Toba, os Paiaguás, os Machicuy, os Guentuse, os Enimaga, os Guachi, os Guanás, etc. (AZARA, vol. II, págs. 35, 64-5, 81, 93, 128, 156, 158, 159, 160, 163; FIGUEIRA, *Los primitivos habitantes del Uruguay*, Montevideu, 1892, pág. 23-4; RENGGER, pág. 138). Muito característicos eram os tembetas de pau dos Lêngua, à guisa de língua (AZARA, vol. II, pág. 151), de que tomaram eles o nome, e o dos Caingú, feitos de uma resina transparente semelhante ao âmbar sobre os quais DOBRIZHOFFER (vol. II, págs. 25-6) e RENGGER (pág. 122, tab. I, fib. 15) publicaram interessantes particularidades. Os Abipón, segundo DOBRIZHOFFER (vol. II, pág. 24) furavam antigamente o lábio inferior com um ferro aquecido ou com uma cana cortante. Enfiavam no furo um pedaço de cana ou um pequeno tubo de osso, de vidro, de resina, ou de latão; este ornato era permitido exclusivamente aos varões que haviam superado os sete anos. Na época da sua residência entre os Abipón, estes já haviam abandonado tal costume, mas o conservavam os Paiaguá e os Mbayá, que não se julgavam elegantemente ornados se não deixavam pender do lábio inferior para o peito um tubo de latão da grossura de uma pena de ganso (N. de G. A. C.).

(17) Os Abipón raspavam os cabelos, deixando somente um círculo em torno da testa como os frades. Tanto estes como os Mbayá, na falta de tesouras e navilhas, usavam para raspar-se uma concha que afiavam esfregando sobre uma pedra, e para cortar os cabelos usavam as mandíbulas da piranha. Este último instrumento serve ainda entre os índios do Xingú para cortar os cabelos e entre os Mataco para cortar os cabelos e a barba. Os Bororo preferem cortar os cabelos com duas conchas. (DOBRIZHOFFER, vol. II, pág. 16; PELLESCI, págs. 68, 154; VON DEN STEINEN, págs. 176, 205, 472) (N. de G. A. C.).

e com as contas brancas e azuis de vários tamanhos preparavam elegantes braceletes e anéis para as pernas. Tanto os homens como as mulheres raspavam sobrancelhas e cílios, alegando como pretexto que não eram cavalos para ter o pêlo crescido¹⁸.

As mulheres Mbayá, como as Guaicuru, talvez na época de puberdade, se tatuavam com um espinho e coloriam a tatuagem com genipapo¹⁹. Formavam de tal modo quadrinhos sobre as faces e o mento e linhas na fronte, da raiz dos cabelos às sobrancelhas. As mulheres e as filhas dos chefes realizavam com o mesmo sistema desenhos quadrangulares sobre os braços; operação essa que lhes causava dores agudíssimas. Tôdas as mulheres, desde a mais tenra idade, levavam sempre em torno do peito um pedaço de pano de algodão chamado aijulate. Enrolavam, além disso, em tórno do corpo, do queixo aos pés, um outro pedaço maior do mesmo estôfo, de forma quadrangular, por vêzes colorido de vermelho, outras vêzes tingido em listras brancas, vermelhas e negras. Sobre os mais valiosos dêsses mantos eram costurados como condecorações pequenos discos de conchas: lá também levavam por vêzes desenhadas as marcas dos maridos, semelhantes àquelas impressas a fogo nos cavalos: mais freqüentemente essas marcas eram coloridas no peito das mulheres ou sobre uma perna. Antigamente as mulheres usavam peles de cervos e se ornavam com tubos, contas e meias luas de pau; no fim do século XVIII algumas tinham ainda dêstes ornatos. Mas com mais freqüência usavam colares de tubinhos de prata, anéis de contas brancas e azuis nas pernas e nos pulsos e placas de prata no peito. Segundo Azara e Dobrizhoffer, o sexo feminino raspava a cabeça, conservando somente uma tira de cabelos larga de um polegar e quase outro tanto alta que, à guisa de crista de um pequeno elmo, da fronte atingia o cocuruto. Êste uso, porém, já no princípio do século XIX não devia

(18) Como muitos outros índios da América meridional também os Abipón, segundo DOBRIZHOFFER (vol. II, págs. 14-5) se raspavam com cuidado todos os pêlos da cara. Desprezavam os Europeus pelas suas abundantes sobrancelhas e os chamavam irmãos dos avestruzes. À maneira dos Paiaguá (RENGGER, pág. 138), sustentavam que os pêlos sobre o olho enfraqueciam a vista e faziam sombra. O ofício da depilação cabia, entre os Abipón, às velhas, que sentadas em terra perto do fogo, apoiavam a cabeça da vítima ao seio e depois de lhe ter coberto a cara com cinzas quentes realizavam a operação por meio de um par de pequenas pinças de ossos. Para os motivos dêste singular costume, ver VON DEN STEINEN, págs. 176-78 (N. de G. A. C.).

(19) O uso de tatuar várias figuras geométricas sobre o corpo das raparigas e de preferência na cara, quando chegam à puberdade, é observado por várias populações do rio da Prata, entre as quais se acham especialmente recordados os Charrua, os Minuano, os Toba, os Paiaguá, os Abipón, etc. (AZARA, vol. II, págs. 65, 129; DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 19-23; RENGGER, pág. 139; FIGUEIRA, págs. 23, 41; FONTANA, págs. 127-8; MANTEGAZZA, *Arch. per l'antr. e la etn.*, vol. III, pág. 27; PELLESCI, pág. 157). As raparigas Abipón tinham tatuados desenhos negros na cara, no peito e nos braços. Quanto mais a mulher era de classe elevada e mais nobre de nascimento, tanto mais complicada era a tatuagem. A operação era realizada pelas velhas por meio de espinhos vegetais; elas com as recordações dos avós ilustres da rapariga, com exprobrações e gracejos procurava infundir coragem às medrosas e tímidas, a fim de que se submetessem ao doloroso processo e permanecessem impassíveis. A ornamentação era efetuada um pouco de cada vez e exigia vários dias (N. de G. A. C.).

mais ser geral e pouco depois foi provavelmente substituído por outro de deixar os cabelos compridos.

Rohde achou que entre os Caduveo e os Tereno tanto os homens como as mulheres usavam somente um pedaço quadrangular de pano de algodão (*chiripá*) em torno do peito²⁰. Os Caduveo, além disso, limavam a ponta dos dentes incisivos²¹ e por meio de pequenas pinças metálicas arrancavam cuidadosamente todos os pêlos da cara²². Este último uso era conservado entre os Tereno somente pelos velhos.

Castelnau louva os Tereno e Caduveo especialmente pela habilidade e gosto artístico com que pintavam a cara com desenhos bizarros feitos a pasta de urucu e com genipapo. Estas figuras regularíssimas representavam com frequência linhas concêntricas e arabescos de uma beleza, finura e harmonia impossíveis de descrever-se. Por um capricho singular os Caduveo nunca se coloriam do mesmo modo as duas partes correspondentes do corpo; não raro tinham um lado vermelho e outro branco, o que lhes dava um aspecto verdadeiramente curioso. Com muita frequência se tingiam as mãos de negro e parecia que levavam luvas dessa cor. A execução de tais ornatos cabia sobretudo às mulheres, que se serviam para isso de uma varinha mergulhada na cor vermelha ou numa mistura de carvão e de suco de genipapo, ou outras vezes usavam verdadeiras *pintadeiras* de pau com que imprimiam na pele figuras determinadas²³.

As mulheres teriam os mesmos ornatos tatuados, de modo que não podiam desfazê-los. A maioria delas, além disso, levava no peito um desenho bastante curioso, que se observava também na garupa dos cavalos e até mesmo no lombo dos cães. Era a marca do chefe da família, que se applicava a quanto lhe pertencia. Os Caduveo ornavam a testa com penas e contas. Usavam colares de pequenos cilindros de prata, obtendo o metal por meio de correrias e furtos em prejuízo dos Espa-

(20) Cfr. RATZEL, vol. II, pág. 262 (N. de G. A. C.).

(21) ROHDE (*Orig. Mitth., etc.*, ano I, pág. 15) observou que entre os Guató tanto os homens quanto as mulheres limavam a ponta dos dentes do maxilar superior. (N. de G. A. C.).

(22) HASSLER, pág. 98, fig. 37 (N. de G. A. C.).

(23) CASTELNAU, parte II, tab. XXXVII. — A respeito dos motivos ornamentais que entre os Caduveo eram realizados sobre a própria pessoa, encontramos referido na *Revista da Exposição Antr. Brasileira*, pág. 92, que em 1857 aproou a Coimbra o vapor Maracanha da armada imperial. Nunca estivera naquele lugar um vaso de guerra e os Caduveo que então lá se achavam de passagem, no dia seguinte, compareceram com as âncoras pintadas no corpo e na cara por meio de tinta turquesa escura, obtida do genipapo. Da mesma forma imitaram os uniformes dos oficiais do Maracanha, e um indígena, sem dúvida de imaginação mais viva, chegou até a representar sobre a sua pele, do peito para cima, um uniforme, desenhando os botões sobre o externo, o colête no colo e os galões da divisa nos pulsos, sem se esquecer de pintar na cintura a extremidade do mesmo paletó. Também os Conibo, os Xipivo e os Xetevo do rio Ucayali usam para colorir-se *pintadeiras* de pau, cilíndrica ou retangular (*Boll. della Soc. geogr. ital.* ser. II, vol. IX, pág. 533). As mulheres do Orinoco têm conservadas, para este uso, estampas de terra-cota o por meio delas realizam vagos arabescos sobre as coxas e o peito, coloridos vistosamente com *cica* (GILIJ, vol. II, pág. 58) (N. de G. A. C.).

nhóis. Adaptavam ademais ao braço e ao colo fios de contas. A mulher do chefe principal, que atendia ao nome de Etacadahuana (o pequeno ferrão), tinha a cara ornada de desenhos regulares, mas não tatuados: o corpo era colorido com manchas à guisa de pantera: os cabelos eram seguros por um pente bastante semelhante àquele das mulheres espanholas, mas superado por uma cabeça de cavalo²⁴. O chefe principal com quem Castelnau teve relações tinha a cara decorada a côres e usava um chapéu de três pontas que lhe cobria a testa; pusera um paletó negro que num século de serviço havia perdido uma de suas palas. As calças brancas tinham pertencido a um membro da expedição e pelo pouco hábito de usar roupas européias o chefe enfiara a parte anterior para trás; não tinha nenhuma espécie de calçado.

Mas os costumes europeus, mesmo para aquilo que diz respeito às roupas, acabaram se introduzindo lentamente entre os Caduveo. Cominges em setembro de 1879 encontrou alguns Caduveo do Nabileque de volta de Coimbra, os quais estavam perfeitamente vestidos, com bons chapéus de palha, calças e camisas limpas. Tinham, porém, envergado tais roupas quando haviam percebido a presença de Cristãos. A 3 de agosto do mesmo ano observou que alguns dos Caduveo, habitantes da fazenda de Malheiros junto ao rio Apa, estavam completamente nus, mas bem pintados com figuras circulares ou concêntricas; outros levavam um pequeno pano em torno do corpo, outros tinham paletós fora de uso dos soldados brasileiros, outros finalmente envergavam camisas genovesas e chapéus de palha. No tempo da viagem de Rohde também os Tereno, em grande parte, haviam abandonado o *chiripá* e usavam camisas e calças. Além disso se viam freqüentemente raparigas com o corpo nu que vestiam camisolas de algodão de várias côres compradas em Miranda.

Já no fim do século passado os Mbayá dedicavam-se bastante à agricultura, mas o trabalho era reservado exclusivamente aos escravos. Criavam pequenos rebanhos de vacas e ovelhas, sem aliás nutrir-se do leite das mesmas, pelo qual todos os Índios sentiam repugnância²⁵. As mulheres gostavam de domesticar várias espécies de animais e de pássaros, que eram tratados com muita atenção. Possuíam muitos cavalos e a contragosto vendiam algum, tanto valor lhes davam. Tinham um cuidado especial por aquêles que destinavam à guerra e não teriam consentido em cedê-los ou vendê-los a nenhum preço.

Com a vida sedentária no século corrente progrediu entre os Mbayá o amor à agricultura. Antes da metade do século são descritos por Castelnau como agricultores os *Edjiéos* e os *Quaitiadéhos* cristãos; êstes

(24) Cfr. CASTELNAU, parte II, tab. XI (N. de G. A. C.).

(25) Se bem que os Índios do Chaco Argentino e especialmente os Mataco são nômades e se nutrem principalmente do produto da pesca, todavia quase todos semeiam algumas vezes milho e cabaças. Quando acreditam que a colheita pode ser boa de se comer, colhem os produtos e os comem fervidos ou assados e assim fazem pouco a pouco até que tenham terminado. Não pilam o milho. Têm poucos animais domésticos, isto é galinhas, vacas e ovelhas, porque se roubam e matam mutuamente êsses animais; as mesmas causas impedem uma cultura mais extensa do solo. (PELLESCHI, págs. 80, 155, 173-9). Para os Chamacoco, cfr. BOGGIANI, págs. 47-9 (N. de G. A. C.).

últimos teriam plantações semelhantes àquelas dos Brasileiros. Os Caduveo, pelo contrário, nos documentos portugueses da mesma época figuram como dedicados exclusivamente à caça e à pesca; teriam possuído muitos cavalos, um pouco de gado lanígero, porcos e galinhas. Os *Beaquéos* de uma aldeia vizinha a Miranda em 1872 eram agricultores e cultivavam milho, *pororoca* (uma outra espécie de milho), de mandioca, batatas (*Convolvulus batatas*), cará (*Dioscorea*), cabaças, canas de açúcar. Criavam um pouco de gado lanígero, galinhas e porcos. São especialmente recordados como agricultores os Tereno. Tinham grandes plantações de canas de açúcar, de milho, de feijões e sobretudo de mandioca, que formava o seu alimento principal e além disso levavam a vender a farinha no mercado de Miranda. Outras plantas cultivadas eram uma espécie de *Cassia* chamada *nicaya*, de cujo fruto estes índios eram gulosíssimos, e uma *Aroídea* de folhas alongadas chamada *ouviare*, da qual se comia a raiz depois de havê-la cozido num pouco d'água para lhe tirar a aspereza. Os Tereno criavam, além disso, muito gado e um grande número de cavalos.

Antes de conhecer o ferro os Mbayá fabricavam as armas com pedras afiadas e usavam ainda dentes agudos de animais como instrumentos de corte e conchas como raspadores²⁶. Trabalhavam as placas de prata para suspender ao peito por meio de duas pedras, das quais uma servia de bigorna e outra de martelo. Antigamente pescavam exclusivamente por meio de flechadas, mas Azara já recorda a introdução dos anzóis de ferro europeus²⁷.

Os homens cavalgam ordinariamente sem a sela mais incompleta; as mulheres, pelo contrário, usavam duas almofadas de palha sôbre as quais aquelas de alta classe e mais idosas estendiam uma coberta, duma extensão de cinco palmos quadrados, chamada *litolate* e ornada com contas brancas e azuis e com conchas. Alguns usavam um freio de ferro; por vêzes este era representado por dois bastõezinhos de pau que lhe faziam as vêzes; com mais freqüência o cavalo era guiado prendendo ao seu maxilar inferior uma correia de peles ou um cordão de cabelos de mulher, a que eram prêsas duas outras correias ou cordões que serviam de rédeas. A cabeça ou o queixo do animal quando o levava era ornado de contas, plaquinhas de cobre e de prata e com campainhas.

Os Mbayá acendiam o fogo introduzindo a ponta de um pedaço de pau da grossura de um dedo dentro do entalhamento de um outro pau e

(26) Os utensílios e instrumentos de trabalho dos Matabo são as conchas de uma espécie de grande ostra que abunda nas lagoas do Chaco, os dentes da onça e uma estaca-de-cavar de pau duro, feita como um pequeno remo ou como uma grande ponta de lança, que se usa para cultivar a terra, ou então queixais de peixes, como a piranha com que se cortam também os cabelos e a pouca barba que têm (PELLESCHI, pág. 154). Cfr. para confronto com os Bororo e com os Índios do Xingu a esplêndida relação ilustrada de VON DEN STEINEN (págs. 202-8, 486-90) (N. de G. A. C.).

(27) Os Matabo e outros índios do Chaco Argentino usam para a pesca a flecha (*lutéc*) de disparar com o arco (*letzeg*) e o *cardo* (*hén*) com ponta metálica que lançam a mão (PELLESCHI, pág. 80). Na coleção de BOGGIANI, existente no museu pré-histórico e etnográfico de Roma, estão incluídos arpõezinhos dos Caduveo, de cabeça móvel de ferro, que se usam na pesca com o arco (N. de G. A. C.).

fazendo rodar o primeiro como um molininho de chocolate: pelo repetido esfregar se obtinha uma poeira inflamada, de que se serviam à guisa de isca. Os alimentos eram preparados sem sal, fazendo-os ferver ou torrar incompletamente. Comiam tôda espécie de animais selvagens, inclusive os jacarés e as sucuris, e muitas espécies de peixes. O alimento vegetal consistia especialmente em frutos, em raízes e em brotos de palmeira. Preferiam os alimentos ricos de fécula e nutritivos da palmeira bocaiúva e da *Attalea* e das sapucaias e piquis. Com mel diluído na água preparavam uma bebida fermentada, de que faziam um grande consumo nas suas festas. Ora todos os Mbayá e especialmente os Caduveo são descritos como avidíssimos de aguardente. Consumiam uma quantidade enorme de tabaco; os homens o fumavam e as mulheres o mastigavam.

Os homens atendiam à guerra, à caça, à pesca, a fabricar as canoas, os remos e as armas e a recolher o mel, o miolo de carandá (*Copernicia cerifera*) e os brotos das palmeiras. As mulheres, além de atender aos negócios domésticos, fiavam o algodão, teciam fazendas, cintos, cordões, sacos de provisões e esteiras e fabricavam a cerâmica. Ornavam, ademais elegantemente os vasos, as bôlsas e os tecidos com contas brancas e azuis marinho. As cestas entrançadas das mulheres Mbayá, feitas com as fibras de uma certa palmeira, eram consideradas entre os melhores produtos índios desse gênero.

As informações de Castelnau e alguns documentos posteriores nos representam os *Ouaitiadéhos* e os *Beaquéos* como habilíssimos na fabricação das tangas, dos ponchos e de outros panos de algodão. Rohde louva altamente os tecidos e as cerâmicas dos Tereno e Caduveo. Os Tereno colhiam muito algodão, com o qual teciam tangas e belos panos que vendiam ainda aos Brasileiros. Tais panos e as tangas, duráveis e artísticos, eram geralmente brancos, com desenhos azuis marinho ou vermelhos. Obtinham a côr para tingir o fio de azul marinho no genipapo do qual faziam ferver na água as fôlhas e os brotos e depois nela metiam o fio; já o fio vermelho se obtinha das flanelas compradas em Miranda, que depois de ter sido desfiadas e reduzidas a lâ, eram de novo fiadas e tecidas. As Tereno, na sua arte, mostravam muito gôsto e paciência. Freqüentemente trabalhavam numa tanga seis meses ou mais ainda; da sua assiduidade e diligência dependia a bondade dos produtos. Em tôdas as cabanas se observavam teares de vários tamanhos com trabalhos começados. Os Tereno estimavam assaz êstes panos, porque eram de grande duração e resistentes; cediam-nos muito a contragosto e pediam preços altíssimos. Eram muito procuradas as bôlsas com desenhos brancos e vermelhos recamados de contas brancas e azuis marinho. Constituíam em geral o primeiro presente que a noiva fazia ao noivo²⁸.

(28) Já AZARA, fazendo menção aos panos tecidos pelos índios do Chaco boreal, e sobretudo pelos Paiaguá, ilustrava especialmente o modo de fiar e o tear (AZARA, vol. II, pags. 125-27). Esta indústria se acha mais tarde recordada por COMINGES (*Obras escogidas*, págs. 191-2) para os Guaná, e por PELLESCI (pags. 70, 154) para os Mataco e os outros indígenas do Chaco Argentino. Mas um tear primitivo semelhante ao do Chaco e ao modo de usá-lo foi pela primeira vez, ao que sei eu, descrito

Os Tereno e os Caduveo eram ainda habilíssimos na fabricação dos vasos de barro, na decoração dos quais mostravam um gôsto singularíssimo. Os vasos dos Caduveo eram semelhantes aos dos Tereno, mas tinham formas mais variadas e ornatos mais elegantes. Recordam-se entre os melhores algumas grandes escudelas em que se conservavam os ornamentos, as quais na superfície interna eram coloridas com linhas quebradas vermelhas, ao passo que no exterior eram cobertas com flanela vermelha e decoradas com cintas azuis marinho e brancas. Este recamado era a ocupação preferida das mulheres. As louças se fabricavam à mão, começando por preparar longos e grossos cordões, os quais se torciam em espirais sobrepostas, com volteios mais ou menos largos segundo a forma que se desejava dar ao vaso. Enquanto o trabalho progredia, esfregavam os cordões entre os dedos, premindo-os especialmente no ponto de união com os colocados por baixo, de maneira a que se produzisse uma superfície contínua, que era depois alisada com as mãos. Quando a pasta ainda estava mole se imprimia o contôrno dos desenhos com uma cordinha; depois do que os vasos eram secados ao sol e cozidos a fogo aberto, cobrindo-os com lenha sêca a que se punha fogo. Passadas algumas horas eram tirados fora e sôbre as paredes ainda quentes se coloriam com a resina do pau santo aquelas partes da decoração que deviam ser negras. Esfriado o vaso, terminavam a ornamentação com argila branca e com côr vermelha obtida de um mineral de ferro. Fabricavam de tal modo cerâmicas de tôdas as formas e grandezas, isto é garrafas, cântaros, escudelas profundas e chatas. Rohde viu escudelas de um metro de diâmetro, usadas para a preparação da farinha de mandioca. Os ornatos não deixavam de ter gôsto: eram em ziguezague, em linhas curvas, em espirais e à guisa de fôlhas. Na maioria os desenhos vermelhos alternavam com outros negros limitados por estreitas linhas brancas. Tanto os homens como as mulheres trabalhavam entre os Tereno na produção desses vasos, mas cabia às mulheres a execução das impressões e o colorido²⁹.

por GILIJ (vol. II, pág. 314), que o observou entre os nativos do Orinoco. DOBRIZHOFFER (vol. II, págs. 130-31), louva os produtos textis dos Abipón, ornados com grande número de linhas e figuras de várias côres, pelo que se assemelhavam a tapêtes turcos e seriam dignos das casas dos nobres europeus (N. de G. A. C.).

(29) HASSLER (págs. 116-18, fig. 64) ilustra as cerâmicas dos Caduveo e a técnica de fabricação das mesmas. As relações, porém, contêm várias inexatidões, entre as quais a principal é que as incisões se fariam com uma espinha de peixe. Bastava observar mesmo superficialmente as decorações desses vasos para se convencer da impossibilidade de obtê-las pelo método indicado por HASSLER. Quase todos os Índios do Chaco, incluídos os do Chaco Argentino, se bem que sejam nômades, conhecem a cerâmica, que é, portanto, uma das indústrias relativamente desenvolvidas entre eles. Os Toba, os Mataco e os Chunupi, segundo PELLESCI (pág. 154) se servem na cozinha de grosseiras louças não envernizadas. Os vasos de barro dos Abipón são mencionados por DOBRIZHOFFER (vol. II, pág. 131). Os Paiaguá, refere AZARA (vol. II, pág. 130), tinham vasos de barro mal cozidos, cobertos de pinturas e desenhos. Estas cerâmicas são louvadas por FONTANA (págs. 147-8) pelas decorações a côr, assemelhando-se a esmalte grosseiro, e são ilustradas por ROHDE (*Orig. Mitth.* ano I, tab. I). — A coleção de BOGGIANI, existente no museu pré-histórico e etnográfico de Roma, além das louças dos Caduveo, tem

Os homens, ademais, teciam cestas e chapéus; os primeiros eram de tiras de bambu; os materiais para fazer os chapéus, porém, se obtinham das folhas secas de uma espécie de palmeira. Estes últimos produtos encontravam muita aceitação em Miranda e, mau grado o módico preço, não deixavam, pela solidez, nada a desejar.

No fim do século passado as várias hordas dos Mbayá viviam ordinariamente separadas, mas se reuniam por vezes para proteger os interesses comuns. Os membros dos diversos grupos, mesmo daqueles que habitavam em longínquos territórios, casavam-se entre si. Como os maridos iam habitar com as famílias das mulheres, em cada horda se achavam agregados homens de outras hordas, os quais, porém, cessavam de fazer parte com a dissolução do matrimônio. Almeida Serra notava que, sendo as uniões matrimoniais entre os Mbayá por êle observados facilmente dissolúveis, os membros de uma tribo variavam continuamente, e considerava esta instabilidade com um dos impedimentos principais para se levar os indígenas à vida estável.

As relações dos vários escritores a respeito da organização social dos Mbayá são pouco precisas, incompletas e discordes. É recordada uma nobreza hereditária que seria diferente dos guerreiros livres e dos escravos³⁰. Os nobres chamados pelos Portuguezes *capitães*, a cujas mulheres e filhas, por gentileza européia, se dava o título de *donas*, teriam constituído uma classe fechada e exclusiva e teriam mantido ciumentamente uma espécie de supremacia entre as tribos, especialmente evitando os matrimônios com membros de outras classes, embora não lhes fôsse vedado casar-se com mulheres do povo. Certamente os nobres seriam os chefes das hordas, e talvez entre êles fôsse escolhido o chefe da comunidade.

De acôrdo com o testemunho de Azara, os chefes teriam um poder muito limitado. Os interesses gerais da tribo seriam discutidos em assembléia, nas quais os caciques, os velhos e os índios de maior fama exerceriam uma influência preponderante sôbre a multidão³¹. Para

algumas dos Guaná, muito semelhantes às dos Mbayá, mas com ornatos mais simples, e outras grosseiríssimas dos Chamacoco, uma tribo completamente nômade que vive tão somente de caça e pesca e não cultiva os campos (BOGGIANI, págs. 63-4; HASSLER, págs. 117-9, figs. 63 e 65) (N. de G. A. C.).

(30) Os nobres e os chefes, segundo RATH, teriam tomado, entre os Mbayá, o título de *Joage* (N. de G. A. C.).

(31) AZARA (vol. II, pág. 107), depois de ter anotado que os Mbayá têm caciques, refere que êstes gozavam de prerrogativas semelhantes às dos Guaná e Paiaguá. Tendo em conta esta afirmação e o que sabemos das outras tribos do Chaco, parece-me que a relação de AZARA sôbre os Guaná, melhor que qualquer outra, nos dá um conceito do governo dos Mbayá. "Cada horda ou divisão dos Guaná, escreve AZARA (vol. II, pág. 97), tem muitos caciques ou capitães hereditários e cada uma delas tem um certo número de índios sob a sua dependência, sendo uso nacional olhar como súditos do filho do cacique e não do cacique mesmo, todos aquêles que nasçam dentro de um dado número de luas, ou primeiro ou depois de um tal filho. Entre êstes caciques um existe que é considerado com maior respeito, mas nem êste nem os outros se distinguem do último dos índios, quer pela maneira especial de se vestir e de se ornar, quer pela habitação; ninguém lhe prestando servidão é obrigado a trabalhar para viver. Não comanda, mas contudo

dirigir as operações de guerra, refere Do Prado, escolhia-se o mais jovem dos *capitães*, apenas chegara à idade de levar armas; os mais velhos o acompanhavam como conselheiros. No dia da partida da expedição o chefe escolhido se assentava sobre o seu leito e esperava que aquêles que o deviam acompanhar viessem, cada um segundo sua classe, prestar as suas homenagens à mãe dêle ou àquela que o havia criado. Então esta, em voz alta, com os olhos banhados de lágrimas, começava a celebrar as ações heróicas dos antepassados do capitão e o exortava a imitá-los e a preferir a morte à fuga.

Segundo outras informações mais recentes, a dignidade de chefe entre os Caduveo se adquiria exclusivamente por herança. Quando o herdeiro do comando era inepto, a tribo escolhia um outro, mas êste comunicava as ordens do chefe hereditário, ou pelo menos se supunha que as disposições tomadas pelo chefe eleito proviessem do outro. Os Portuguezes, violando o costume, elegeram chefe um plebeu de altas qualidades morais chamado Lapagato. Mau grado os seus méritos, os Índios não viram a escolha com bons olhos e disseram que Lapagato era chefe no papel, aludindo à nomeação escrita de que provinha o poder ³².

Para os Tereno ³³ sabemos com certeza que cada casa de família tinha o mais velho por chefe. Havia, além disso, para cada aldeia um outro chefe ou comandante e sobre a nação inteira estava um cacique que havia recebido a patente de *capitão* do Governo brasileiro. Êste senhor de todos os Tereno acolheu Rohde muito amigavelmente, mostrou-lhe antes de tudo a sua patente e depois uma fotografia do imperador Pe-

parece que se tenha consideração pelas suas palavras e que a influência dêle seja prevalecte nas reuniões noturnas onde se tratam dos negócios da comunidade. A dignidade é hereditária em favor do primogênito e na falta de um macho podem ser revestidas da dignidade as fêmeas. Um Guaná pode se tornar cacique por méritos especiais que o façam ser aclamado pelos seus companheiros, os quais em tal caso abandonam o cacique antigo; ponto a que chega a liberdade tanto dos Guaná como das outras nações dos países por mim descritos. — Para os Abipón, os Paiaguá, os Mataco, os Chamacoco, cfr. DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 100-9, 440-46; AZARA, vol. II, pág. 133; WAITZ, pág. 468; PELESCHI, págs. 106-7; BOGGIANI, págs. 38-40. — Além dos chefes das hordas, cujos súditos eram mais ou menos numerosos segundo o valor e a liberalidade do chefe em fazer presentes e dar festas, os Abipón tinham uma classe de nobres chamados *Höcheri*, na qual eram admitidos com cerimônias especiais os soldados que se distinguiam por virtudes de guerra (N. de G. A. C.).

(32) Os chefes dos Mbayá eram muito soberbos da sua descendência. — Quando o chefe dos Mbayá Emmavédi Chane se dirigiu ao governador geral Luís de Albuquerque para estreitar amizade com os Portuguezes, a mulher dêsse chefe, orgulhosa de ser filha de chefes, recusou-se a acompanhar a mulher do governador geral, alegando por motivo que esta senhora era igual às suas escravas, ao passo que o seu próprio grau devia equivaler ao de uma mulher que dizia achar-se muito longe e que se verificou ser a rainha dona Maria I. — Dona Catarina, que no fim do século passado por direito hereditário era chefe da horda dos *Ejuéo*, recusou-se a ir a Cuiabá, porque, sendo núbil, receava que o governador a pedisse como espôsa, o qual pedido não poderia ser por ela aceito porque era filha do grande chefe Queimá (N. de G. A. C.).

(33) Cf. a respeito o capítulo intitulado "A sucessão hereditária do chefe entre os Tereno" em Baldus: *Ensaio de Etnologia Brasileira* (N. de H. B.).

dro II, que chamou seu amigo. Muito interessante era o seu traje. Em volta das pernas nuas tinha enrolado um *chiripá*, ao passo que na parte superior do corpo havia envergado um paletó de soldado de refugio, sem botões.

Os Mbayá tinham muitos escravos; até mesmo os índios da classe mais pobre se faziam servir por três ou quatro servos. Os escravos pertenciam a tribos mais ou menos afastadas, isto é à tribo *Guachi*, *Guató*, *Catuá*, *Bororó*, *Caiapo*, *Chiquito*, *Chamacoco*, *Guaná* e também à nação espanhola. Eram prisioneiros de guerra ou comprados de populações estrangeiras e especialmente dos Chamacoco, que no fim do século passado teriam vendido os filhos por facas e machados e teriam feito correrias contra algumas tribos do interior do Chaco que falavam a mesma linguagem, a fim de ter escravos para ceder aos Mbayá³⁴. Parece que os descendentes dos escravos ainda participavam da sorte dos genitores. As ocupações desses servos consistiam em fazer lenha, cuidar da cozinha, levantar tendas, construir cabanas, guardar os cavalos e tê-los prontos para o que fôsse preciso, e em cultivar os terrenos, mas esta última, na época de Azara, era a menor das suas ocupações porque a agricultura era pouco cuidada. Os senhores estimavam os escravos e os tratavam com doçura. Si se capturavam crianças que tinham necessidade de ser amamentadas, na falta das mães, amamentavam-nas as mulheres dos Mbayá que os tivessem apresado. Os escravos nunca se vendiam, embora fôsem prisioneiros de guerra. Eram considerados membros da casa do senhor, comiam junto com a família dêle e tomavam parte com ela nas festas e jogos. Tamanho eram o apêgo e a confiança que os Mbayá sabiam obter dos seus súditos que não havia prisioneiro que os quisesse abandonar. Até mesmo as mulheres espanholas capturadas, ainda que fôsem adultas e mães, preferiam ordinariamente permanecer com os conquistadores.

A respeito da posição jurídica dos escravos temos notícias incertas e contraditórias. A instituição da escravidão, a juízo de Martius, se teria entre estes índios desenvolvido mais que entre outras populações da América meridional. Os escravos e os seus descendentes teriam sido excluídos da honra de participar das guerras da tribo e não poderiam contrair matrimônio com os livres, que com isso teriam ficado desonrados. Não se conheceriam meios legais pelos quais os escravos pudessem emancipar-se e tornar-se livres.

(34) Ainda hoje em dia os Chamacoco em proporções muito menores continuam a organizar expedições de guerra contra uma tribo muito afim a êles pelos costumes e pelo aspecto, a qual habita no interior do Chaco, lá para S. O. e é designada pelo nome de *Chamacocos bravos* pelos habitantes brancos daquelas vizinhanças, embora o seu nome verdadeiro seja *Tumaná*. Estas correrias são ainda fomentadas em parte pela necessidade de contentar os Caduveo, dando a êstes as crianças capturadas, sem ser obrigados a ceder os membros da própria tribo. Mas segundo as observações de BOGGIANI (págs. 21-3), os Tumaná falaria um idioma inteiramente diferente daquele dos Chamacoco, se bem que os indivíduos de uma tribo aprendem com a máxima facilidade a linguagem da outra (Cfr. BOGGIANI, pág. 21-2) (N. de G. A. C.). O parentesco lingüístico entre os Tumerehá (Tumaná) e os outros Chamacoco foi evidenciado pelo estudo comparativo de BALDUS: "Beiträge zur Sprachenkunde der Samuko — Gruppe", Anthrops XXVII, Wien 1932 (N. de H. B.).

Almeida Serra, pelo contrário, refere que entre os Mbayá não existiria a escravidão verdadeira e própria, podendo-se olhar os escravos antes como servos. Não só estes combateriam juntamente com os livres, mas ainda teriam o direito de intervir nas assembléias da tribo, na qual se discutia a propósito da guerra e da paz, bem como a propósito de outros interesses gerais. Contraíam ordinariamente matrimônio com os livres, mesmo em outras tolderias e tribos e em localidades longínquas, mas seriam considerados em toda parte como escravos. Pela morte do senhor, o poder sobre os servos passaria aos filhos, ou aos parentes mais próximos, na mesma ordem em que estes sucediam nos bens. Mas esses direitos teriam sido quase sempre nominais, até que com o andar do tempo os escravos, pelos méritos pessoais e pelas relações que contraíam por matrimônio, se tornariam livres, se bem que se considerasse sempre como u'a mancha a descendência de antepassados não livres. Ordinariamente entre os escravos capturados ou comprados, as raparigas mais distintas seriam desposadas pelos senhores e os varões que mais prometiam seriam tidos por filhos, enquanto os outros seriam aplicados aos trabalhos mais grosseiros, até que tanto aquêles quanto estes se tivessem fundido completamente na tribo. Sendo comum entre os Mbayá o abôrto procurado, esta assimilação de elementos estrangeiros teria servido para encher os vazios deixados pela morte e por outras perdas. Mas, para estes indígenas era um título de orgulho a descendência de antepassados que eram membros da tribo; se entre os ascendentes conhecidos havia algum estrangeiro, lançavam-no à cara nas suas disputas como uma vergonha.

Os Mbayá eram o terror das populações vizinhas, em prejuízo das quais empreendiam contínuas expedições de guerra, devastando os campos cultivados, roubando o gado, matando de surpresa os homens adultos e capturando mulheres e crianças. A posse dos cavalos e a habilidade no cavalgar, bem como a sua audácia, lhes asseguravam notáveis vantagens sobre os outros índios, em relação aos quais haviam de tal modo adquirido uma certa supremacia. Os índios mais prejudicados com as correrias desses nômades eram os Guaná, uma população muito numerosa, sedentária e dedicada especialmente à agricultura. Não só as suas plantações eram saqueadas, mas os trabalhadores eram capturados quando iam para os campos ou voltavam para as aldeias e quando se encontravam em número menor que o dos assaltantes ou em condições desfavoráveis eram mortos ou feitos prisioneiros. Para subtrair-se a estes males os Guaná pediram paz, submetendo-se aos Mbayá, dos quais eram considerados escravos. Pagavam-lhes um tributo em panos e em parte dos produtos agrícolas para salvar o restante e evitar as matanças a que anualmente eram sujeitos³⁵.

Azara recorda que os Guaná se encaminhavam em multidões para entre os Mbayá a fim de servi-los e cultivar as suas terras sem um salário prefixado; por isso os segundos chamavam aos primeiros seus escravos. Mas tal escravidão era muito suave porque o Guaná se

(35) A respeito das relações entre essas duas tribos cf. a introdução da presente obra (N. de H. B.).

submetia e se subtraía à mesma quando e como lhe aprazia. Além disso recebia poucas ordens d'esses senhores, que nunca se valiam de modos imperativos e obrigatórios e dividiam tudo com os seus servos, até mesmo as mulheres, já que os Mbayá não conheciam ciúme.

Os 600 Guaná que no fim do século passado viviam nas montanhas de Albuquerque, embora habitassem separados dos Mbayá, todavia são descritos como estreitamente ligados a estes. Muitos iam habitar entre os seus opressores, com os quais contraíam matrimônios, permanecendo de tal guisa agregados à sua tribo, de que adotavam os costumes e o orgulho.

No princípio do século corrente, porém, os Guaná, sentindo-se fortes, quizeram sacudir o jugo e então entre eles e os Mbayá começaram guerras encarniçadas que ainda duram.

Das coisas expostas se compreende que as hordas dos Mbayá não constituíam agregados sociais etnicamente homogêneos, mas faziam parte delas muitos elementos tirados das populações vizinhas, os quais ou eram completamente assimilados, ou iam sendo assimilados pelo orgulho de pertencer a tribos respeitadas e temidas, que possuíam cavalos, muitos instrumentos de ferro, contas, ornatos de prata, etc., e para gozar as vantagens da superioridade d'eles sôbre os outros. Estes estrangeiros se fundiam de tal forma com os Mbayá que chegavam a se tornar os inimigos mais implacáveis das populações de que tiravam origem. Almeida Serra refere que em 1802 viviam nas dependências de Coimbra e nas montanhas de Albuquerque 2.600 índios, dos quais 600 eram Guaná, que habitavam em estabelecimentos próprios, ao passo que outros 2.000 eram Mbayá, mas destes 500 podiam ser encarados como Guaná ou filhos de Guaná, tidos originariamente como escravos ou estabelecidos voluntariamente entre os Mbayá, com os quais se haviam desposado. Outros 500 eram Chamacoco. Dos restantes, 200 apenas teriam podido ser considerados verdadeiros Mbayá; os outros 800 eram uma mescla de Bororo, de Chiquito, de Caiuá, de Caiapó, de negros e de descendentes das uniões sexuais entre esses elementos diversos, pois que tanto os Mbayá quanto os índios que viviam entre eles contraíam matrimônios recíprocos.

A tática de guerra dos Mbayá consistia nas astúcias e surpresas, em que demonstravam grande habilidade. As armas ofensivas eram uma lança compridíssima com ponta de ferro³⁶ e u'a maça de pau pesado e duríssimo³⁷; tinham ainda arcos e flechas, mas se serviam d'elles de preferência na caça e na pesca³⁸. Faziam além disso uso de facões e facas, que roubavam ou adquiriam dos Portuguezes e Espanhóis. Mas pouco a pouco os Caduveo e os Terreno foram substituindo por fuzis tôdas as

(36) A lança teria o comprimento de cêrca de dezoito palmos (DO PRADO e ALMEIDA SERRA), ou de doze até quinze pés (SPIX e MARTIUS) (N. de G. A. C.).

(37) A maça teria o comprimento de tres pés (AZARA), ou de quatro ou cinco palmos (DO PRADO), ou de dois até três pés (SPIX e MARTIUS) (N. de G. A. C.).

(38) Cfr. HASSLER, págs. 81, 85-6, fig. 17-8. — Os Caduveo tinham ainda o pequeno arco de duas cordas para lançar pelotas de argila (*bodoque*). Um arco semelhante é descrito com muitos pormenores por AZARA (vol. II, págs. 69-79) para os Guarani, e era usado especialmente pelas crianças como brinquedo ou para a caça

outras armas. Para defesa alguns levavam no século XVIII um gabãozinho de couro de onça que lhes chegava até os joelhos e era considerado impenetrável a qualquer espécie de arma, inclusive as balas de espingarda. Ao atacar o inimigo sopravam por vezes em grandes cornos e emitiam gritos terríveis.

Deviam principalmente as vitórias aos cavalos ligeiros e fortes, amestrados para a guerra, que facilitavam o êxito nas suas correrias contra indígenas que não possuíam cavalos e tornavam aos assaltantes segura a retirada quando não podiam efetuar as matanças e as pilhagens que haviam premeditado. Tomavam extraordinárias precauções nas marchas mandando em derredor por todos os lados hábeis exploradores que de quando em quando subiam às árvores para observar o terreno e para examinar o que acontecia em tôrno e se algum perigo os ameaçava. Achados os traços do inimigo, escondiam-se, enquanto os magos consultavam os augúrios e os guerreiros se certificavam do número dos adversários; se os achavam numerosos e bem armados, retiravam-se, mas se os inimigos eram em pequeno número, ou desarmados e se não estavam de guarda, os Mbayá se mantinham escondidos, até que se oferecesse a ocasião de matar sem risco e sem piedade os homens adultos e de capturar as mulheres e crianças. Atacavam de improviso aos indígenas em viagem e faziam emboscadas para êstes. Outras vezes se apresentavam como amigos nos estabelecimentos das populações civis, pedindo paz e conciliação, propondo a compra de gado e de panos e oferecendo ainda a companhia das suas mulheres. Quando estavam seguros do bom êxito da empresa, assaltavam de improviso os presentes e cometiam todo gênero de atrocidades. Se achavam os adversários bem preparados e de guarda, retiravam-se sem revelar nada dos seus desígnios. Repetiam, porém, as suas visitas, procurando inspirar sempre maior confiança, até que conseguiam realizar os seus intentos. Nunca travavam combate nem empreendiam uma guerra, se julgavam que havia sério perigo para a vida mesmo de um só deles.

Parece que especialmente na guerra com os Paulistas tinham o costume de recolher grandes manadas de cavalos e bois selvagens e lançá-los contra o inimigo, que com êste assalto era pôsto em desordem e não podia opor nenhuma resistência. Azara descreve especialmente o seu sistema singular de combater em campo aberto. "Quando estão resolvidos, refere êle, a atacar o inimigo, saem sôbre o menos valioso dos seus cavalos e conduzem ajoujado à trela o que reservam para a hora do combate. Chegados à vizinhança do adversário, mudam de cavalos e nada omitem para surpreendê-lo; onde a surpresa não se possa dar o assaltam igual-

dos pássaros e dos pequenos animais (HASSLER, págs. 92-3). — A coleção de BOGGIANI, existente no museu pré-histórico e etnográfico de Roma, abrange vários arcos e muitas flechas dos Caduveo. Os primeiros, em secção circular aplainada internamente, têm a corda de fibra de caraguatá (*Bromeliae spinosae*) e são cobertos com tirinhas vegetais. Variam em extensão de 2 ms. 13 a 2 ms. 33. As flechas têm ordinariamente pontas de pau lisas enfiadas em hastes de cana, ou tiradas do *Ginerium parviflorum*, ornadas na extremidade de penas; têm o comprimento de 1 m. 6 a 1 m. 59. Poucos exemplares são armados com ponta de ferro lanceoladas ligadas a hastes de pau (N. de G. A. C.).

mente de cara, arranjados em forma de lua crescente com o intuito de envolvê-lo. Se êste conserva em regra as suas fileiras sem mostrar-se atemorizado, param êles longe do raio dos fuzis; três ou quatro dêles descem do cavalo e aproximando-se a pé ao inimigo, começam a fazer palhaçadas e a arrastar e agitar peles de onça para assustar a cavalaria dos inimigos e desordenar-lhe as fileiras, ou para induzi-los a uma descarga geral. Se os Mbayá obtêm êxito no último intento, lançam-se quanto antes com a rapidez do relâmpago sôbre os inimigos, dos quais ninguém pode se salvar". Se algum dêles era morto, os companheiros procuravam pegar o cadáver, depois do que se retiravam. "São mestres — prossegue Azara — igualmente nas emboscadas e nos ataques fingidos; em suma, quem combate com os Mbayá em número igual não tem vantagem sôbre êles, nem mesmo graças às armas de fogo. Mas depois de cada expedição sentem-se contentes de ter alcançado uma só vantagem, sem o que não existiria hoje nem um Espanhol no Paraguai nem um Português em Cuiabá".

Os Mbayá, como os Guaicuru e outras populações do Chaco, não davam quartel aos homens adultos, mas, pelo contrário, capturavam as mulheres e as crianças; estas últimas eram criadas e reduzidas à escravidão³⁹. Mas depois do primeiro vintênio do século corrente Spix e Martius observaram que, a respeito da matança dos prisioneiros, os costumes dêsses Índios se haviam adoçado pela influência da civilização.

Ao voltar da guerra as mulheres livres e as escravas iam ao encontro dos guerreiros e os libertavam das armas e do produto do saque. Quando a emprêsa havia saído bem, celebravam-se muitas festas. Se um jovem pela primeira vez havia conquistado um prisioneiro ou morto um inimigo, a mãe lhe manifestava a sua alegria, oferecendo presentes a todos os companheiros dêle. Em tais ocasiões se consumia uma quantidade extraordinária de bebidas fermentadas.

No fim do século XVIII parece que os Mbayá, como os Abipón, os Mataco e os antigos Guaicuru, conservavam os troféus como recordação

(39) Também os Pampa da Argentina, os Mocobi e os Abipón poupavam as mulheres e crianças, salvo no caso, para os Abipón, de que estivessem irritados com qualquer injúria precedente. Estes tratavam as crianças com a maior ternura, mas as conservavam em estado de servidão. (AZARA, vol. II, págs. 41, 163; DOBRIZHOFER, vol. II, págs. 141-47; 411-2). Os Mataco, pelo contrário, conservam raramente em vida as mulheres adultas prisioneiras, porque as receiam como espias ou más conselheiras para as crianças capturadas, e, se são velhas, as consideraram seres inúteis. Mas as criaturas abaixo dos dez ou dos doze anos se criam como guerreiros ou como espôsas em benefício da tribo. O uso de matar os prisioneiros é para os Mataco uma necessidade de segurança pessoal, segundo PELLESCI (págs. 107-8, 160), na sua vida nômade e os têm, além disso, imunes da vergonha da escravidão que não conhecem. Os Chamacoco, segundo BOGGIANI (pág. 22), nas expedições de guerra que empreendem especialmente contra os Tumaná, uma tribo do interior do Chaco a que os Brancos dão o nome de *Chamacocos bravos*, roubam quanto podem, mas sobretudo capturam as crianças, as quais são incapazes de fugir ou de opor resistência. Estas são depois ou vendidas aos Brancos ou aos Caduveo em troca de fuzis ou outra coisa igualmente preciosa, ou são conservadas e criadas no meio da família de quem as capturou, servindo-a como servos. Tornados grandes, pouco a pouco adquirem uma certa independência que se vai firmando cada vez mais até que formam uma família sua e são considerados como pertencentes à mesma tribo (N. de G. A. C.).

e sinal do seu valor⁴⁰. As mulheres celebravam de quando em quando uma festa que consistia no levar em procissão em redor das habitações, na ponta das lanças dos maridos, as cabeleiras, os ossos e as armas dos inimigos mortos na guerra, enquanto celebravam e proclamavam as proezas dos seus homens. Para aumentar cada vez mais a coragem e provar a estes que elas mesmas não falhavam e eram dignas da sua confiança e ternura fechavam a festa batendo-se mutuamente com furor, a punhadas, até que permanecessem ensangüentados o nariz e a bôca; por vêzes as conseqüências de tal cerimônia eram vários dentes quebrados. As mulheres recebiam, depois disso, os festejos dos maridos, os quais se embriagavam todos em honra das mesmas.

As relações matrimoniais eram ordinariamente monogâmicas, embora, segundo Azara, fôsse permitida a poligamia. Os cônjuges podiam se separar e contrair uma nova união, quando não estivessem contentes uns com os outros; todavia essas separações eram raras⁴¹.

(40) Os Abipón conservavam as cabeças dos inimigos mortos, como provas das suas empresas guerreiras. Quando não tinham facas de ferro, as cortavam com uma concha, com o queixal da piranha, com uma cana rachada ou com uma pedra cuidadosamente afiada. Se o temor de próximos ataques os obrigava a se retirar para lugares mais seguros, cortavam a pele da cabeça de uma orelha à outra sob o nariz e a destacavam com destreza do crânio, junto com os cabelos. Enchiam-na depois de ervas e após tê-la feito um tanto ou quanto secar ao ar livre, a conservavam à guisa de troféu. Aquêles que possuía um número maior dessas peles superava os outros em renome militar. Por vêzes se conservava também o crânio, que se usava como taça para beber nas festas anuais em que se celebravam as vitórias. Nessa ocasião se expunham igualmente os escalpos dos inimigos mortos colocados em cima de armação de canas, ou, quando se preferia realizar a festa ao ar livre, se penduravam a lanças plantadas direitas no solo dentro do círculo formado pelos assistentes, que estavam sentados. Durante a jornada da cerimônia cantavam-se as expedições de guerra e os feitos de valor, as pilhagens e os outros acontecimentos a que haviam dado lugar. À noite os homens casados se punham a beber hidromel ou bebidas fermentadas preparadas com o algarrobo (*Prosopis dulcis*) (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 408-12, 428-35). — Entre os Mataco quem mata um inimigo, se tem tempo, destaca do crânio a pele da testa com os cabelos, com as orelhas e possivelmente com uma porção da pele da parte posterior do colo. O escalpo é reduzido a escudela, ligando ou costurando um junco ou um ramo flexível em redor da orla do mesmo; depois quando ainda é sangrento, os guerreiros o enchem de licor e, agarrado pelos cabelos, o esvaziam, passando-o em volta de um para outro e bebendo em honra do vencedor e escarnecendo dos vencidos. Por vêzes, pegada a escudela pela orla, fazem escorrer o licor pelos cabelos abaixo nas suas fauces (PELLESCHI, págs. 108-9). Os Mocobi ainda mutilam os cadáveres dos inimigos. Acreditam que os corações dos adversários valorosos mortos combatendo inspirem valor aos sobreviventes que o comem (PELLESCHI, págs. 162-3). Cfr. para os Guaicuru, pág. 298. — HASSLER (pág. 119) recorda rédeas para os cavalos consistentes em finas cordinhas tecidas com cabelos tomados dos inimigos mortos em batalha. Estes objetos seriam usados pelos Caduveo como troféus. Se bem que outros escritores façam menção de rédeas semelhantes às descritas, todavia nunca lhes foi dado o significado que Hassler lhes quer atribuir. Portanto, tendo em conta também as inexatidões em que abunda a relação de HASSLER, tal notícia é tomada com a máxima reserva (N. de G. A. C.). — A respeito do escalpamento entre os Toba e Pilagá, duas outras tribos chaquenas da família lingüística guaicuru, veja STIG RYDÉN: "Skalpiierung bei den Tobaindianern", Etnologiska Studier I, Goeteborg 1935, págs. 26-34; e HANS KRIEG: o. c., prancha XIV (N. de H. B.).

(41) Para os Mbayá, pelo contrário, vizinhos aos estabelecimentos portugueses, D'ALMEIDA SERRA refere que os matrimônios se dissolviam com grande facilidade;

O noivo fazia a côrte à noiva e depois a pedia ao pai. Se lhe era concedida, passava com ela a primeira noite, evitando qualquer contacto ⁴². No dia seguinte o pai entregava a filha ao marido, que abandonava os seus parentes e os seus bens, indo conviver com a família da mulher ⁴³.

mas, quando dêles haviam nascido filhos, se tornavam indissolúveis. Se o marido tivesse desposado uma segunda mulher, a primeira permaneceria à cabeça da família. (N. de G. A. C.).

(42) Este costume, muito difundido entre as populações do mundo, parece repousar na idéia de que tal abstinência temporária beneficie a descendência. (MARTIUS, vol. I, pág. 113; POST, *Studien zur Entwicklungsgeschichte des Familienrechts*, págs. 239-42) (N. de G. A. C.). — RICHARD THURNWALD (*Die menschliche Gesellschaft*, II, Berlin 1932, págs. 163-164) escreve a respeito: "Segundo a Bíblia o jovem Tobias desposa a filha do irmão de seu pai, contraíndo, portanto, núpcias que obedecem às concepções semíticas. A noiva é considerada virgem embora já tivesse sete esposos os quais, porém, foram mortos, por um mau espírito, na noite nupcial. Um feitiço olfatório consistindo na queimação do coração e do figado dum peixe, tem a efeito de expulsar o mau espírito, na noite nupcial. Ambos rezam e abstêm-se de contactos sexuais, nesta noite. O último fenômeno originou a expressão "noite de Tobias" como sendo uma noite de abstenção, mormente entre pares recém-casados. Entre vários povos naturais encontram-se preceitos de abstenção, seja para pessoas recém-casadas, seja para casais vivendo há tempo em união matrimonial, tratando-se, no último caso, de preparativos para certos ritos, festas, combates etc.. Nem sempre a abstenção exigida é de uma ou várias noites, mas, por vêzes, de algumas semanas ou até meses. É por isso que se fala não somente em "noite de Tobias", mas também em "temporadas de Tobias", como sendo períodos de abstenção sexual. Uma das raízes da instituição em aprêço está, possivelmente, no processo de se adquirir a noiva pela prestação de serviços. Si o jovem Bergdama, no sudoeste da África, terminou o serviço de caçador que devia ao sogro, as mulheres parentes da noiva arranjam, depois de serem trocados os presentes entre as duas sipes, uma cabana simples para onde o casal se pode retirar à noite e passar cinco a seis dias. Em seguida o jovem volta à casa de seus pais esperando a chegada da noiva. Até então, ambas as partes têm o direito de recusar o parceiro" (N. de H. B.).

(43) A residência do marido em casa da mulher se liga ordinariamente à família materna. (POST, *Studien etc.*, pág. 87; TYLOR, *On a Method of Investigating the Development of Institution on Journ. Anthr. Inst.*, vol. XVIII, págs. 256-59). Os Abipón seguiam uma forma atenuada desse costume: o espôso devia permanecer nos primeiros tempos do matrimônio na cabana da sogra, na maioria até o nascimento de um filho. Expirada essa época, os cônjuges iam viver numa cabana separada (DOBRIZHOFFER, vol. II, pág. 208). Para informações mais extensas, cfr. *Prefácio*. — A aquisição da mulher entre os Guaicuru aconteceria, segundo MARTIUS (vol. I, pág. 110), cedendo em pagamento alguns cavalos. Parece, porém, que os Guaicuru, aos quais MARTIUS faz aqui menção, não são os Mbayá. De qualquer maneira a aquisição da noiva se observou entre os Chamacoco (BOGGIANI, pág. 53) e entre os Abipón (DOBRIZHOFFER, vol. II, pág. 207). Conservam-se também, traços entre os Mataco (PELESCHI, pág. 93), e entre os Guaná (AZARA, vol. II, pág. 94). Cfr. MARTIUS, vol. I, págs. 107-10) (N. de G. A. C.). — Ha muitas tribos sul-americanas cuja organização social exige que o marido, pelo casamento, siga a mulher passando a morar na casa ou no acampamento dela. Como desse modo a mulher continua a morar, em geral, na mesma localidade onde mora ou morou sua mãe e a mãe de sua mãe, justifica-se o termo "matrilocal" empregado pelos etnólogos para designar a instituição em aprêço. É digno de nota que, não obstante isso, não há necessidade alguma de coincidir a "matrilocalidade" com a "matrilinearidade". Observamos que na mesma tribo podem ser praticadas, simultaneamente, matrilocalidade e patrilocalidade. Assim, no Chaco, entre os Chamacoco e os Kaskihá muda-se o marido, em geral, para o acampamento da mulher, passando,

Não se acha menção às cerimônias nupciais dos Mbayá. Conhecemos, porém, aquelas dos Tereno, que eram de duas espécies. A maneira mais antiga, já em decadência no tempo da viagem de Rohde, era a seguinte. Cêrca do meio-dia seis raparigas, com o corpo colorido e ornadas de plumas, iam juntas à cabana do noivo, o qual lhes oferecia o arco e as flechas que no meio de cantos e danças eram levados à espôsa. Ao cair do sol seis rapazes, vestidos com os seus ornamentos, dançando e cantando, conduziam o espôso de sua habitação à da noiva. Entrando na cabana, êste estendia à espôsa a destra e assim o matrimônio era concluído. Mais comum era uma outra forma de cerimônias nupciais, segundo a qual o noivo, acompanhado pelos seus parentes e precedido pelos tocadores e por uma grande garrafa de cachaça, se dirigia para junto da noiva, que se encontrava sentada num girau e circundada pelos membros da família. O espôso se lhe punha vizinho e lhe oferecia a sua garrafa de aguardente em troca de uma outra que ela lhe oferecia ⁴⁴. Os parentes do espôso voltavam então para casa e bebiam a guardente oferecida pela noiva, ao passo que o marido permanecia a esvaziar a outra garrafa com a família da mulher. O matrimônio se concluía com esta troca de garrafas de aguardente. Entre os Tereno o marido convivia sempre com a família da espôsa. Se nesta havia várias raparigas núbéis, tomava uma segunda mulher, sem que se desse qualquer cerimônia ⁴⁵.

A respeito da organização da família e das relações jurídicas entre os membros que a compunham, sabemos sômente que ao pai a tradição reconhecia um amplo poder sôbre os subordinados, que era, porém, exercida com moderação. Durante o matrimônio aos sogros era proibido pelo costume falar ao genro ⁴⁶. As mulheres pela morte do pai concor-

porém, a mulher de um chefe ou de seu primogênito a morar no acampamento do sogro ou do marido. Entre as famílias dos chefes dos Tereno observam-se casos de matrilocalidade como também de patrilocalidade. Vendo-se o marido viver na morada dos sogros, é preciso averiguar si isso é estado permanente ou passageiro, pois, em muitos casos, acontece o homem conviver, por alguns anos, com a família da mulher, para pagá-la com seus serviços (N. de H. B.).

(44) Naliki, velho chefe tereno chamado José Correia pelos habitantes de Miranda, me disse com referência à sua tribo: "Se um jovem pretende uma moça, faz-lhe uma alocação que se pode traduzir mais ou menos assim: *Quero; amo esta mulher; queria estar casado; quero, quero amo.* — A moça, estando de acôrdo, declara simplesmente: *Quero.* — Então a mãe do jovem fala com a mãe da moça e o pai do jovem com o pai da moça. O jovem dá presente aos sogros, e êstes dão presentes a êle. Ninguém costuma ter relações sexuais antes de estar casado" (cf. meus *Ensaios de Etnologia Brasileira* págs. 72-73) (N. de H. B.).

(45) Entre os Mataco freqüentemente um homem tem por espôsas duas ou mais irmãs contemporaneamente (PELLESCHI, pág. 95) (N. de G. A. C.). — Esta instituição, chamada de "sororato" na etnologia, encontra-se em numerosas tribos sul-americanas e em muitos povos naturais de outras partes do mundo (cf. BALDUS e WILLEMS: *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, verbete "sororato") (N. de H. B.).

(46) A tradição pela qual as relações entre os sogros e o genro estão sujeitas a certas limitações se acham entre um grande número de populações do mundo, mas apresentam formas muito variadas. Coexistiriam ordinariamente com a exogamia, segundo POST (*Studien etc.*, págs. 99-101) ou de acôrdo com outros escritores dependeriam do matrimônio por captura das mulheres. TYLOR (*On a Method etc.*, págs. 245-8) relaciona êste costume com outro que impõe ao marido ir estabelecer-se na família da mulher (N. de G. A. C.).

riam com os irmãos na herança dos bens, isto é escravos, cavalos, gado, etc. Dissolvendo-se o matrimônio, o marido voltava para a sua família.

Os genitores nutriam um afeto extraordinário pelos seus filhos, mas êstes não retribuíam com idêntico amor e davam com freqüência provas de pouco respeito a êles. Os maridos amavam ternamente as mulheres, que se mostravam muito reconhecidas e não descuidavam de nada que lhes pudesse fazer prazer. Azara, porém, descreve as mulheres Mbayá como as mais sedutoras e as menos honestas de tôdas as Índias, ao passo que os seus maridos não teriam conhecido o ciúme. As infidelidades conjugais, segundo Martius, seriam ligeiramente punidas. De acôrdo com as notícias provávelmente exageradas de Almeida Serra, as mulheres das hordas Mbayá que viviam em relações mais íntimas com os Europeus nos distritos de Coimbra e Miranda eram extraordinariamente impudicas. Se bem que as uniões matrimoniais se dissolvessem a capricho, teriam ainda maridos acessórios e quase tôdas, inclusive aquelas de alta categoria, se teriam substituído por lucro aos Portuguezes. Comínges descreve as mulheres Caduveo da fazenda de Malheiros à beira do rio Apa como audazmente desenvôltas e provocantes; com o consentimento dos maridos andavam em tôrno dos visitantes com desaforada confiança, fora algumas jovens Paraguaías feitas prisioneiras de guerra, as quais vestiam com pudor e conservavam atitude mais honesta.

Os Mbayá, em geral nômade, teriam, segundo Azara, tido em comum com muitas populações do mundo o costume de abandonar o enfermo que não estava em condições de segui-los e cuja enfermidade ameaçasse se tornar crônica ⁴⁷.

Celebravam-se grandes festas quando uma rapariga chegava à puberdade. As raparigas núbeis era proibido comer quaisquer peixes e a carne de certos animais. As mulheres casadas deviam se abster da carne de vaca, de capivara (*Hydrochoerus capybara*) e de macaco e durante as ocorrências mensais deviam se nutrir somente de legumes e frutas ⁴⁸.

Uma das causas principais pelas quais os indígenas do Chaco foram notavelmente diminuindo no número e pelas quais algumas tribos se extinguiram é a prática do abôrto, que era seguida em alto grau também pelos Mbayá. As mulheres se recusavam a se submeter aos cuidados da maternidade antes dos 30 anos (dos 25 anos, segundo Martius). Se ficavam grávidas antes dessa idade mandavam extrair o feto com meios mecânicos, descritos especialmente por Azara e Castelnau. Não criavam, acrescenta Azara, mais que um filho ou uma filha e mandavam todos os outros para a morte. Conservavam ordinariamente só aquêle de que ficavam grávidas quando a idade avançada e o enfraquecimento das forças as persuadiam de estar pela última vez no estado interessante.

(47) Cfr. Post, *Studien* etc., págs. 337-40 (N. de G. A. C.).

(48) Os Mataco não comem a carne de ovelha porque receiam que lhes faça aparecer o nariz chato (PELLESCHI, pág. 53). Entre os Abipón quando uma rapariga se tornava núbil, se abstinha por vários dias de comer carne, peixe e qualquer outra qualidade de alimento; nutria-se apenas de fruta. DOBRIZHOFFER, porém, (vol. II, pág. 22) relaciona estas limitações nos alimentos com a necessidade em que se achava a rapariga de observar resguardo até que estivessem curadas as feridas da tatuagem a que a mesma era naquela época submetida (N. de G. A. C.).

Se uma concepção posterior as advertia de ter errado no cálculo, corriam-no com a morte do filho que não esperavam. Algumas permaneciam inteiramente privadas de descendentes por se ter erradamente confiado numa fecundidade mais prolongada⁴⁹. As mulheres indígenas diziam que este costume era antigamente desconhecido na sua tribo e da sua introdução davam como motivo o desejo de não perder a sua beleza com o parto e o aleitamento e de não envelhecer precocemente; além disso, pela sua vida nômade se tornaria a elas pesado criar um grande número de filhos e levá-los com elas nas longas excursões que eram obrigadas a empreender continuamente, durante as quais não era raro faltar os meios de subsistência. Mas alguns escritores consideram mais provável que as mulheres de muitas tribos nômades do Chaco procurassem fugir aos cuidados da maternidade, não só para estarem em condições de acompanhar os maridos nas suas excursões, mas ainda para não serem des-cuidadas por êles durante os períodos da gravidez e da criação, que duravam entre os Mbayá de quatro a cinco anos. Êsses índios acreditavam que se o marido tivesse coabitado com a mulher durante tal tempo, o filho nascituro, ou teria morrido, ou teria vindo à luz deformado⁵⁰.

Entre os Mbayá é recordada uma classe de homens que imitavam em tudo as mulheres, não só se vestindo à sua maneira, mas se dedicando às ocupações reservadas às mesmas, isto é fiar, tecer, fazer louças, etc. O povo dava a êsses homens o nome de *Cudinas* ou *Cudininhos*, com que se designavam os animais castrados. Parece que representavam as prostitutas dessa tribo e estavam manchados pelo pecado maldito de São Paulo e outros vícios que impedem a propagação da espécie⁵¹.

(49) Os *Uatadé-o* e os *Ejué-o* seriam as tribos entre as quais, segundo ALMEIDA SERRA, o aborto, no fim do século XVIII, teria sido mais comum. Assim é que teriam nascido apenas doze crianças nos cinco anos em que êle teve relações com êles. Este escritor refere ainda que as mulheres Mbayá matavam os recém-nascidos disformes e aquêles que pelos caracteres físicos se faziam julgar gerados por pais portugueses. Tais notícias não se acham, porém, confirmadas em outras relações. Segundo MANTEGAZZA os Mbayá provocariam com frequência o aborto e matariam quase tôdas as filhas (*Rio della Plata etc.*, pág. 431) (N. de G. A. C.).

(50) Os *Lêngua* e os *Machicuí*, segundo AZARA (vol. II, pág. 153, 156), praticavam largamente o aborto. Os *Palaguá* ainda hoje em dia fazem as suas mulheres abortar quando já têm dois filhos e só respeitam a gravidez quando um dêstes perece (MANTEGAZZA, *Rio della Plata etc.* pág. 431). O aborto era comum, a juízo de Castelnau, entre os *Guachi*, os *Tereno* e os *Guaná*, os quais por vêzes matavam ainda os recém-nascidos. Os *Chamacoco* não toleram mais de uma fêmea em cada família: suprimem tôdas as outras apenas nascidas. Segundo BOGGIANI (pág. 53), êste hábito entre os *Chamacoco* talvez corresponda ao desejo de impedir um número demasiado grande de indivíduos em relação aos meios de subsistência. Os *Guaná*, pelo contrário, sepultavam vivos em sua maioria os recém-nascidos de sexo feminino para tornar mais desejadas e portanto mais felizes as mulheres sobreviventes (AZARA, vol. II, págs. 94-6). Para os motivos dêsse uso comum a muitas populações da América meridional e de outras partes do mundo, cfr. MARTIUS, vol. I, pág. 121; Post, *Studien etc.*, págs. 332-33 (N. de G. A. C.).

(51) A presença de homens vestidos de mulher se notou pela primeira vez na América setentrional entre os *Illinois*, os *Sioux* e outros índios da Luisiana, da Flórida e do Iucatã. É tanto mais digna de nota a existência de tal uso num território do Brasil meridional tão afastado daqueles países quanto permanecem um

Nas noites claras e serenas os jovens dos dois sexos se reuniam diante das cabanas para se divertir e jogar, abandonando-se a uma alegria vivaz e barulhenta. Alguns dos seus jogos eram infantis, muitos, porém, consistiam em exercícios de força, de agilidade, de habilidade e destreza. As mulheres formavam por vezes um círculo pegando-se pelas mãos, enquanto uma delas corria em redor pelo lado de fora; uma daquelas do círculo em dado momento estendia a perna para fora, fazendo tropeçar e ainda cair a outra que corria; então esta tomava o lugar da companheira que fôra causa da queda. Outras vezes estas índias se dividiam em dois grupos que se injuriavam reciprocamente; aquelas que diziam insultos mais pesados eram com grandes risadas proclamadas vencedoras e aplaudidas por todos.

Os Mbayá se exercitavam continuamente na luta, ou se desafiavam à corrida a cavalo, ou ainda representavam combates. Os Caduveo de uma aldeia perto de Coimbra deram uma dessas representações em honra de Castelnau. Os homens quase nus, coloridos de negro e branco, armados de uma longa lança com ponta de ferro e alguns com fuzis, se lançaram sobre cavalos pouco menos selvagens do que êles, dirigindo-os por meio de uma corda ligada ao maxilar inferior e partiram a galope. As mulheres se reuniram e entoaram cantos tristes e monótonos, pegando-se das mãos e saltando sem se deslocar. Os cavaleiros, depois de haver percorrido uma certa distância, se voltaram e desfecharam uma carga, disparando os fuzis e soltando flechas; chegando à praça da aldeia desceram do cavalo com a maior agilidade e se lançaram sobre as pessoas que lá se encontravam e depois de havê-las jogado por terra, fizeram a modo que lhes cortavam as cabeças. Esta cena, acompanhada de gritos horríveis, tinha um aspecto selvagem e gelava de horror.

Castelnau assistiu em Albuquerque a uma festa em que observou aquelas lutas singulares que se combatem exclusivamente entre as mulheres. Soube que, quando numa aldeia surgiam inimizades entre estas, se confiava a solução a festas semelhantes; é certo, porém, pelo testemunho concorde de todos os outros escritores, que êsses pugilatos representavam com mais freqüência apenas exercícios de força e de destreza. Em Albuquerque, no meio de um grande círculo de índios, as adversárias se aproximaram com os braços unidos ao corpo; avançaram lentamente, olhando-se raivosamente e em dado momento se lançaram uma sobre a outra com os punhos cerrados e começaram uma luta vigorosa. O sangue correu logo em abundância do corpo de uma delas; então

mistério da etnografia americana a natureza e o significado desse costume. Parece que na Norte América os machos em trajes femininos se encontravam em quase tôdas as tribos. Segundo os dados de Marquettes, êstes homens efeminados entre os Illinois e os Nadowessi podiam ir à guerra, mas não com o arco e as flechas, mas somente com as maças. Entre os Mandan e os Menitar se dedicavam aos trabalhos femininos, assistiam aos jogos e danças em honra do *calumet*, mas não podiam cantar. Nas assembléias a sua voz era escutada como a de qualquer outro. Em virtude de sua vida que saía das regras comuns eram encarados como *Manitu* ou sagrados. Homens com hábitos semelhantes se acham ainda entre algumas tribos da America N-O., mas então têm um officio sacerdotal. (LAFITAU, *Moeurs des Américains*, vol. I, pág. 52; MARTIUS, vol. I, pág. 75; RATZEL, vol. II, pág. 631) (N. de G. A. C.).

um chefe que presidia à festa entremeteu-se com uma vara na mão e depois de tê-las separado, deu a cada uma uma cabaça com aguardente. Os maridos se aproximaram, consolaram as suas belas e beberam o licor. Houve vários pugilatos dessa espécie a que se seguiram outros de homens e crianças. Castelnau observou no dia seguinte um outro divertimento original. Uma tropa de índios a cavalo, quase nus e ornados de plumas, correndo a grande galope, procurava apanhar, por meio de uma espécie de terçado de pau, um anel suspenso a uma corda, a cerca de três metros de altura. Os vencedores eram saúdados pelos aplausos dos companheiros e recebiam aguardente como recompensa. Aquêles menos afortunados fugiam para o bosque, seguidos pelos apupos da multidão.

Mais interessantes eram as festas dos Tereno chamadas *mainu*, d'escritas por Rohde, das quais faziam parte representações mascaradas, da espécie daquelas recordadas por Boggiani, que assistiu a elas entre os Caduveo. Representações semelhantes se deram por quase todos os indígenas da América meridional e foram de preferência observadas e ilustradas entre os Ticuna do rio Amazonas e entre os Uapé do rio Negro. Recentemente foram estudados com maior amplitude os caracteres e o significado por Ehrenreich, entre os Carajá de Goiás e por von den Steinen entre os índios do Xingu⁵². Mas até agora pouco sabemos das festas mascaradas d'esses indígenas do Paraguai para poder estabelecer que relações tenham com elas aquelas já conhecidas dos índios habitantes mais ao norte.

A festa *mainu* dos Tereno durava por vèzes quatorze dias. No primeiro dia os homens, reunidos desde cedo numa localidade conservada secreta para as mulheres, se coloriam de maneira a se tornar irreconhecíveis e assaltavam com altos gritos a própria aldeia, disparando os fuzis e lançando flechas, como se fôsem os inimigos que tivessem atacado a estação. Enquanto isso as mulheres, armadas de bastões, de cabaças e de frutos os atiravam à cabeça dos seus homens até que eram expulsos fora da aldeia. De tarde se reuniam os homens na praça e se dividiam em duas facções. Então comparecia um dançarino, que envergava extravagantes ornamentos. Levava um manto de fôlhas, tinha ornada a cabeça com penas e cornos e tinha o corpo colorido de negro e vermelho; trazia uma lança debaixo do braço direito e um bastão na mão esquerda. Fingindo estar cansado, fazia tôdas as possíveis caretas, avançava coxeando até a distância de algumas centenas de passos da comunidade, curvava-se, simulava comer e depois voltava para o meio da reunião que passava algumas horas nessas representações em que achava, segundo parece, um grande divertimento. Esta cerimônia era celebrada no primeiro dia. Na tarde do dia seguinte os homens se reuniam na praça da aldeia, em geral numa cabana construída no meio desta. Cinco ou seis d'êles se tornavam irreconhecíveis pondo plumas de avestruz diante dos olhos, cobrindo a testa com coroas de penas e colorindo a cara e o corpo.

(52) EHRENREICH: *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens*, págs. 34-38, com figuras no texto e tab. XII-XIII; VON DEN STEINEN, págs. 295-324, com figuras no texto (N. de G. A. C.).

Um depois do outro dançavam por duas vezes em redor da praça e finalmente voltavam à cabana. Sucedião a êsses outros cinco ou seis dançarinos, que repetiam o mesmo bailado. Durante a festa realizava-se cada dia a mesma dança por algumas horas. As mulheres não podiam entrar nas cabanas em que se vestiam os homens e o divertimento principal consistia em que deviam adivinhar quem eram os dançarinos. A festa se prolongava mais ou menos, segundo a provisão de aguardente era mais ou menos abundante e se encerrava quando esta se acabava.

Os Mbayá tinham nomes especiais para o sol, a lua, as estrêlas e os planetas mais notáveis. Assinalavam ainda os pontos cardeais com denominações especiais. Nas viagens se regulavam pelo sol e as estrêlas. Distinguiam a mudança dos anos pela maturidade de alguns frutos, os meses pela lua cheia, marcando-os com incisões nas árvores. A altura do sol nos vários períodos do dia servia para determinar as horas⁵³. Contavam os números com os dedos das mãos e dos pés; quando o número era superior aos dedos reunidos, esfregavam as mãos, acrescentando a palavra *cuy* si se tratava de coisa do gênero masculino e *cho* si era do gênero feminino.

Falavam uma língua rica e bem formada. Eram diferentes as designações das vozes e por vezes as vozes mesmas, segundo eram pronunciadas pelos homens ou pelas mulheres⁵⁴. Querendo fazer notar a importância de uma coisa, os Mbayá alçavam a voz e acompanhavam o discurso com gestos e movimentos do corpo. Expressiam-se freqüentemente em linguagem figurada. Quando deviam se comunicar notícias secretas, tinham uma gíria especial, não compreendida por todos, na qual vocábulos novos substituíam os comuns ou eram suprimidas algumas sílabas

(53) Os Índios do Chaco Argentino, e especialmente os Mataco, distinguem e indicam as estações pelas colheitas que nelas fazem. Na língua dos Mataco não se acha uma palavra para *ano*, mas há uma, *ch-lúpp*, que quer dizer época, isto é um período indeterminado. Para dia dizem sol (*i-gue-lách*). Dividem o dia num grande número de partes, usadas segundo a altura do sol e que ocupam o lugar das nossas horas. Para meio-dia dizem *icuála ichni*, que parece querer dizer *sol alto*, *sol sobre* (Pelleschi, págs. 152, 385-7) (N. de G. A. C.). — Cf. também H. Baldus: "O conceito do tempo entre os índios do Brasil", Revista do Arquivo Municipal LXXI, São Paulo 1940, (N. de H. B.).

(54) Cfr. Boggiani, Apêndice, págs. 349 e segs. — A diferença da linguagem entre os homens e as mulheres se notou pela primeira vez entre os Caribes das Antilhas, onde existia a tradição de que os Caribes, passando da terra firme para conquistar as ilhas, mataram todos os homens que as ocupavam precedentemente, mas conservaram as mulheres para a propagação da espécie. MARTIUS (vol. I, págs. 106-8) e In Thurn (*Among the Indians of Guiana*, pág. 186) se inclinam pela explicação de que essa diferença de linguagem entre os dois sexos, observada também entre os Índios da Guiana e entre algumas tribos do Brasil, deve ser procurada no rapto das mulheres que é praticada por eles freqüentemente, ou então na exogamia, segundo a qual se exige, como condição de validade do matrimônio, que a esposa seja de uma outra tribo, ou mais comumente de uma outra horda. — EHRENREICH (*Beiträge zur Völkerkund Brasiliens*, pág. 9) achou recentemente que entre os Carajá do rio Araguaia (Goiás) existe uma linguagem especial para os homens e as mulheres, mas poucas palavras são completamente diferentes; geralmente as duas formas não apresentam modificações substanciais. O A. se inclina a crer que as mulheres tenham conservado uma forma mais antiga da linguagem da tribo (N. de G. A. C.).

no princípio ou no fim das palavras; usavam-se largamente os gestos e outros sinais expressivos, especialmente da cara. A distância se entendiam por meio de assobios⁵⁵ e do som dos cornos e por meio do movimento especial dos remos ao navegar.

A respeito das suas origens êsses índios contavam que quando os homens foram criados e as riquezas divididas entre êles, um caracará (*Polyborus vulgaris*, Viell.) se queixou de não ver nenhum Guaicuru sôbre a terra. Para remediar a esta falta os procriou, deu-lhes lanças, maças, arcos e flechas, ordenando-lhes que andassem com essas armas a fazer a guerra às outras nações, capturar as crianças para escravos e se apoderar de quanto podiam pegar. Mau grado isso, não tinham nenhum respeito pelo pretendo criador e mesmo, quando podiam, o matavam. Vários escritores publicaram diversas versões dessa tradição, um tanto diferentes umas das outras. Azara a conta do seguinte modo, em que é clara a influência das idéias cristãs: "Deus criou no princípio tôdas as nações, numerosas como são no dia de hoje, e não contente com a criação de um só homem e uma só mulher, espalhou essa sua obra por tôda a face da terra. Veio-lhe à mente depois criar um Mbayá e a mulher dêste; e já tendo concedido tôda a terra às outras gentes, de maneira a que nada lhe restava a dispor para as suas novas criaturas, encomendou ao pássaro chamado caracará que fôsse dizer em seu nome aos Mbayá que êle estava bem desgostoso de não poder lhes designar um terreno e por êsse motivo não havia criado mais de dois Mbayá, mas em compensação determinava à geração dos mesmos andar sempre errante sôbre território alheio, fazer sem cessar a guerra a tôdas as nações, matar todos os machos adultos e conservar as mulheres e as crianças para aumentar o número da própria gente". Uma outra versão análoga à precedente, mas que conserva caracteres mais genuínos, foi dada por Castelnau. "Na época da criação universal o Grande Espírito deu a cada povo um atributo especial: os Brancos tiveram o gênio do comércio, outros receberam a tendência para os trabalhos agrícolas. Os Guaicuru, tendo sido esquecidos, puseram-se à procura do Grande Espírito para se queixar. Percorreram o vasto deserto do Grão-Chaco, falando a todos os animais e a tôdas as plantas que encontravam; por fim o caracará lhes disse: Vós vos queixais e tendes a mais bela de tôdas as fortunas; pois que não tendes recebido nada deveis tomar quanto têm os outros; tendo sido esquecidos, deveis matar todos aquêles que encontrardes. Os Guaicuru seguiram imediatamente tais instruções, pegaram uma pedra e mataram o caracará. Gabavam-se de ter sempre, desde aquêle tempo, seguido fielmente êsses conselhos." Almeida Serra finalmente refere uma versão, que é um pouco diferente das outras: "Os Guaicuru seriam descendentes da ave de rapina chamada caracará. Esta ave, tendo assistido à criação que Deus fêz dos Brancos, dos Negros e de outras nações de índios, sem que se recordasse dos Guaicuru, o

(55) Os índios Bororo desenvolveram uma verdadeira "linguagem assobiada" (cf. Antônio COLBACCHINI: *A luz do Cruzeiro do Sul*, São Paulo 1939, pág. 54; e COLBACCHINI e ALBISETTI: *Os Bororos Orientais*, S. Paulo, 1942, págs. 145-146.), (N. de H. B.).

lembrou dessa grande falta. Deus procurou logo emendar, concedendo ao caracará a faculdade de dar-lhes origem. O caracará comeu uns peixinhos de que derivou uma ninhada de Guaicuru. Segundo outros, o caracará fez um ôvo de que chocado nasceu um homem; êste, desejando se propagar e vendo um buraco no tronco de um árvore frondosa, lá se meteu. De tal ato veio logo para fora um enxame de pequenos Guaicuru. Deus, satisfeito com a perfeição da obra, concedeu ao caracará o poder de dar às suas criaturas como armas u'a maça e uma lança, a fim de que conquistassem as outras nações e as fizessem escravas, atribuindo a elas sôbre tôdas domínio e senhorio. Muitos Mbayá não matavam o caracará, temendo alguma desgraça"⁵⁶.

Os Mbayá tinham a idéia de um Deus bom que não se teria preocupado com êles; reconheciam além disso um espírito mau, chamado *nanigogigo* ou *nianigugigo*. A alma humana era denominada *niguigo*; separada do corpo pela morte tinha o nome de *emgigiliguigo*. As almas das pessoas do povo, depois da morte, permaneceriam perto das sepulturas ou andariam errando pelos campos, enquanto aquelas dos magos e dos chefes esvoaçariam em redor da lua ou ficariam vagando de uma estrêla para outra. Êsses Índios acreditavam na aparição de mortos; especialmente os chefes teriam atravessado o ar montados em soberbos cavalos mas teriam sido vistos sômente pelos médicos feiticeiros que teriam conversado com êles teriam recebido aviso dos males iminentes que pesavam sôbre a tribo e teriam aprendido os remédios que deviam aplicar para mantê-los afastados⁵⁷.

(56) Além das versões referidas, temos uma outra na *Revista da Exposição Antr. Brasileira*, 1882, pág. 92-3, mas evidentemente esta foi mais do que as anteriores influenciada pela civilização européia. — Uma tradição análoga àquela dos Mbayá se acharia, segundo AZARA (vol. II, pág. 140), entre os Paiaguá, os quais afirmariam que o seu primeiro pai era o peixe chamado pacu, ao passo que os Brancos descenderiam do peixe *orata* e os Guarani de um sapo. Devido a tais origens, a côr dos Brancos é mais bela, única vantagem que teriam sôbre os Paiaguá, pelos quais seriam superados em todo o resto pelo mesmo motivo os Guarani seriam repugnantes como o sapo seu pai (N. de G. A. C.).

(57) Os Mocobi, os Toba, os Pitilagá, os Guaicuru e outras tribos eqüestres do Chaco se gloriavam de ter por avô o mau espírito (DOBRIZHOFFER, vol. II, pág. 89). Os Abipón acreditavam além disso que os pajés, homens ou mulheres, estivessem em relação com as almas dos mortos e dêles aprendessem os acontecimentos futuros ou longínquos (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 67, 73-4). Os Mataco chamam a alma humana de *héséch*, o corpo de *tzán*, o morto de *ahót*. Afirmam que as almas humanas depois da morte vão para debaixo da terra unir-se às dos seus companheiros, entre as quais gozam de uma consideração proporcionada à posição que tiveram durante a vida. Todavia pensam que essas almas gostam de andar passeando, que de noite vaguem pelo mundo entre as habitações e também entrem nas pessoas e o mais das vêzes as façam adoecer. O seu lugar ordinário de residência é nas vizinhanças dos lugares onde se conservam os corpos a que em vida estavam unidos. Por isso os Mataco chamam ao cemitério *aquêle que contém os ahót*, isto é *tohuó-hoto-hi*. Estas almas vão a cavalo no vento, acompanham ou são elas a tempestade e visitam as aldeias, as cabanas e as pessoas que querem ofender. O culto dos *ahót* é a religião principal dêstes Índios. Os médicos feiticeiros (*hájagué*) são os intermediários entre as almas dos mortos e os vivos, e falam com elas, comunicando ao povo as respostas (PELLESCI, págs. 116-7, 121, 125-6, 132) (N. de G. A. C.).

Segundo Martius os Mbayá teriam celebrado somente uma festa, quando o sol entrava na constelação do touro; essa festa teria consistido num grande consumo de bebidas fermentadas. Outros escritores recordam, pelo contrário, que se saüdava com cerimônias o aparecimento das sete estrêlas, porque anunciavam a época da maturidade das bocaiúvas, que constituíam o seu nutrimento principal. Esta festa, observada recentemente pelo Rohde entre os Tereno, tem indubitavelmente estreitas relações com as cerimônias celebradas por várias tribos do grupo Guaicuru e dos próprios Guaicuru pela aparição das Plêiadas. A respeito do seu significado sabemos por Dobrizhoffer que os Abipón consideravam as Plêiadas como a representação do mau espírito *Aharaigichi* ou *Queevét*, seu antepassado a que rendiam culto e que sob tal aspecto eram festejadas⁵⁸. Pela narração particularizada de Rohde é evidente que este era o conceito fundamental da festa também na tribo Mbayá.

Os Tereno celebravam a festa das sete estrêlas (*upa a ne voty*) no mês de abril. Uma semana antes da cerimônia dois velhos iam de cabana em cabana, um avisando os músicos, o outro convidando os homens para a noite fixada. Os convidados deviam trazer aquilo que era necessário à festa, mas especialmente cachaça, porque quanto mais havia para pagodear, tanto maior era a solenidade. Na noite fixada, à uma ou duas horas da tarde, se recolhiam os homens ao lugar determinado. Um dos anciões ficava no meio da praça, tendo uma lança na mão, ao passo que os outros, estendidos por terra, formavam um círculo em torno d'ele. O velho, com a face voltada para leste, dizia: "Eu sou o avô de todos os chefes que habitam no Oriente", depois do que enumerava todos os nomes dos mesmos, conhecidos d'ele. Após isso voltava-se para o norte, a seguir para oeste e finalmente para o sul, repetindo as mesmas palavras. De tal maneira se declarava avô de todos os homens mais notáveis. Então voltava os olhos para o céu e pedia às sete estrêlas para

(58) Para os Guaicuru cfr. pág. 298. Os Abipón veneravam o mau espírito *Aharaigichi* ou *Queevét*, reconhecido por eles como o avô (*Groaperikie*). Julgavam-no ainda o antepassado dos Espanhóis, com a diferença de que a estes teria dado ouro, prata, belos panos, ao passo que aos Abipón teria transmitido o valor, julgando-se eles mais corajosos e intrépidos do que aquêles. "As Plêiadas seriam a representação do seu avô, escreve DOBRIZHOFFER, e como a constelação desaparece durante um certo período do ano do céu da América meridional, em tais ocasiões os Abipón supunham que o seu avô estivesse doente e viviam na apreensão de que ele tivesse de morrer. Logo que as sete estrêlas eram de novo visíveis no mês de maio, davam as boas-vindas ao seu antepassado como se tivesse retornado e estivesse restabelecido da doença e o saüdavam com gritos de alegria e com o som festivo das flautas e trombetas, congratulando-se pela saúde por ele readquirida e enchendo o ar com as seguintes exclamações do seu contentamento e da sua loucura: "Quantos agradecimentos nós te devemos! Sê tu por fim de volta! Ah! felizmente te restabeleceste!" No dia seguinte preparavam o hidromel e durante a noite celebravam uma festa em que uma das mulheres iniciadas nos misterios religiosos, as quais dirigiam as cerimônias, efetuava uma dança especial, agitando uma cabaça cheia de sementes de frutos. O baile era de quando em quando interrompido pelo soar das trombetas militares. A festa se dava em meio de cantos, risadas e aplausos dos assistentes. A sacerdotisa esfregava a cabaça, como sinal de especial favor, nas pernas de alguns homens, prometendo-lhes, em nome do avô, habilidade em seguir o inimigo e a caça. Nessas festas se iniciavam com muitas cerimônias os médicos feiticeiros de ambos os sexos (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 64-6, 88-94) (N. de G. A. C.).

mandar a chuva e ter longe do seu povo a guerra, as doenças, as picadas das serpentes, etc.

A prece durava algumas horas, terminada a qual o ancião emitia um grito; a êste sinal os presentes se punham de pé, urravam, disparavam os fuzis e faziam um rumor ensurdecedor com todos os instrumentos possíveis. O velho voltava para casa enquanto a reunião permanecia a gritar até de madrugada.

No lugar da festa eram construídas quatro ou seis pequenas cabanas para os músicos. Perto das seis da tarde, ao sinal do ancião já mencionado, os músicos se dirigiam para as cabanas e começavam u'a música barulhenta. A noite inteira se passava bebendo e dançando e só ao despontar da alba se dissolvia a reunião. No dia seguinte todos os jovens se reuniam na praça e se dividiam em dois grupos, um defronte do outro, que se desfechavam golpes mutuamente até que um dêles ficava exausto. Êste combate se dava sem armas, mas se ministravam punhadas com tal violência que no fim do pugilato a maior parte dos combatentes tinha a testa ensangüentada. Terminada a luta, iam à casa do chefe. Um dos músicos coberto de ornamentos, com um corno de cervo na destra, dirigia-se manquejando para uma cabana a êle indicada e depois de ter batido com o corno nos batentes da porta voltava para trás de maneira idêntica. O possuidor da casa saía para fora e perguntava que desejava, ao que todos respondiam querer um boi (vaca ou touro). Êste era adquirido antes da cerimônia à custa da comunidade. O homem tornava, então, para trás e pegava o animal, que era morto e devorado. Terminada a aguardente, encerrava-se a festa.

Quando os Mbayá caíam doentes, conservavam rigorosamente a dieta; limitavam-se a comer o miolo da palmeira caranda. Mas confiavam especialmente, para a cura, nos médicos feiticeiros (*Onequenitos*, *Unigenitos* ou *Vunegenetós* ou *Nigienigis*), tidos em alta consideração, que curavam as doenças, premindo com a mão a parte dolorida, ou enfumaçando-a, ou sugando-a. Neste último caso cuspiam a saliva numa fossa, como se quisessem restituir à terra o mau espírito sugado e sepultá-lo. Freqüentemente misturavam à saliva espinhosa, ossos e cabelos, escondidos precedentemente com habilidade na bôca, os quais se julgavam as causas do mal. Se a enfermidade era grave, construíam um abrigo com esteiras em que se fechava o doutor, que urrava e cantava para expulsar o *nianigogigo*, enquanto algumas velhas giravam de noite um chocalho feito de uma cabaça sêca cheia de pedrinhas e provida de cabo e ao mesmo tempo cantavam com voz rouca e procuravam imitar o canto dos diversos pássaros. Faziam crer que falavam de tal maneira com a alma do enfermo (ou mais provàvelmente ao espírito a que se atribufia a doença) de quem teriam sabido se o doente morreria ou sararia⁵⁹.

(59) Os Guaicuru, segundo DOBRIZHOFFER (vol. II, pág. 262), chamavam os seus médicos de *Nigienigis*. Uma cabaça cheia de sementes duras e um maço de penas de avestruz, sendo as suas principais insignias e os instrumentos de medicina, levavam-nos sempre nas mãos para serem reconhecidos (DOBRIZHOFFER, vol. II, pág. 262). Objetos semelhantes se encontram para o mesmo uso entre os Chamacoco, com a diferença que o chocalho mágico não é feito com uma cabaça, mas com a casca óssea da tartaruga (BOGGIANI, figs. 29 e 33). — As doenças entre os Mataco

Almeida Serra em 1800 assistiu próximo a Coimbra a uma cena, que lança grande luz sobre as idéias animísticas dos Mbayá. Estava doente uma mulher de nome Marta, quando morreu no rancho vizinho uma velha. Ao levar a morta à sepultura constataram que Marta caíra em letargo. Acreditaram que a velha tivesse roubado e levado embora a alma de doente. Para impedir este furto e a sucessiva fuga da alma, muitos Mbayá saíram a cavalo com lanças e maças e em meio de altos urros teve princípio uma briga violenta e encarniçada. Mau grado isso, a alma se fôra. Então um doutor nu, pintado de negro, de branco e de vermelho e ornado de penas, se pôs o correr numa grande corrida para reconduzir a alma roubada de Marta, que se achava embaraçada a quatro léguas de distância, ao passar um curso d'água. O doutor, depois de se ter entregado a essa procura das nove da manhã até às cinco da tarde, voltou apressadamente, trazendo a alma numa espécie de penacho, que entre muitas tribos do Chaco é um instrumento mágico. Quando chegou perto do rancho da doente, algumas velhas começaram a lançar-lhe quantos tições de fogo puderam ter entre as mãos, para pôr em fuga o *nianigugigo*. Chegado, finalmente, aos pés da paciente, o doutor exausto lançou-se por terra com o ventre para o ar, fazendo gestos e urrando como se estivesse perto de ficar sufocado, enquanto algumas velhas, uma depois da outra, iam premindo-lhe a pança. Finalmente o mago, depois de ter bebido água que se transmudou em suor copioso, com um violento esforço, afastou de si o penacho, aproximando-o da enferma, e em meio de gritos ensurdecedores começou a soprar na boca, o nariz, os olhos e as orelhas da paciente, de maneira a fazer voltar para o corpo a alma fugitiva. Entrementes a doente se refez do letargo, o que levou o médico curandeiro a adquirir muito crédito.

O doutor recebia presentes pelas curas, que se supunham devidas ao seu tratamento, mas se o enfermo morria, o médico era acusado de feitiçaria e ameaçado de morte⁶⁰.

são sempre atribuídas aos *ahót*, que não só têm o poder de entrar nas pessoas, mas são capazes ainda de evitar os golpes e especialmente flechadas. A cura consiste em expulsar, mediante conjuros, o *ahót* que é causa da doença. Outras vezes se extrai da parte doente os objetos estranhos que produzem o mal, entre os quais são mencionados lápis e penas. Os *ahót* se conjuram com urros, com saltos, com soprar e cuspir na boca do sofredor (PELLESCHI, págs. 122-3, 138-41). A ferroadada da arraia, pelo contrário, se cura expondo a parte ofendida ao fumo da resina de pau santo (pág. 139). Os médicos feiticeiros entre os Abipón procuravam ainda aplacar com cantos mágicos o mau espírito, ou invocavam as almas dos mortos para afastar a doença. — Os conjuros e os usos de chupar a parte doente, de esfregá-la com as mãos e de soprar em cima delas, meios de cura comuns à maior parte das populações do mundo, se acham recordados quase com as mesmas particularidades para os Abipón (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 248-64), para os Charrua (FIGUEIRA, pág. 23), para os Chamacoco (BOGGIANI, págs. 73-74), para os Guaná e para os Paiaguá (AZARA, vol. II, págs. 101, 141-2) (N. de G. A. C.).

(60) Recompensas aos médicos feiticeiros eram dadas pelos Charrua (FIGUEIRA, pág. 23) e pelos Paiaguá (AZARA, vol. II, págs. 141-2). Segundo a natureza das doenças e a qualidade das pessoas, as curas médicas são pagas pelos Mataco ou com peles, ou com animais, ou com víveres, ou com outros objetos (PELLESCHI, págs. 138-40). DOBRIZHOFFER (vol. II, pág. 252) refere que entre os Paiagua teria estado em vigor um hábito, pelo qual, se alguém morria de doença, o médico devia ser pôsto à morte pelas flechas lançadas pelo povo reunido (N. de G. A. C.).

Os Mbayá tinham ainda profetas e esconjuradores do mau espírito, que previam o futuro, cantando, contorcendo-se e agitando a cabeça até que tivessem chegado a um alto grau de exaltação. As expedições de guerra e a conclusão da paz eram sempre precedidas de cerimônias com as quais se pedia o parecer do *nianigugigo*, que era além disso interrogado quando deviam se dar festas e danças. Nesses casos o médico feiticeiro vociferava e cantava tôda a noite numa língua desconhecida do povo, que servia exclusivamente para comunicar com o *nianigugigo*. Trazia na esquerda um penacho de penas de avestruz e na direita uma cabaça contendo pedrinhas, da qual tirava, ao agitá-la, um som rítmico. Com o avançar da noite, os rumôres redobravam, assobiava-se e emitiam-se gritos agudos; ora se falava em voz grossa, ora pelo contrário finíssima, latia-se, miava-se e imitavam-se os sons da onça e do touro. Isso vinha num modo confuso, fazendo acreditar que fôsem as vozes do *nianigugigo*, o qual, porém, não obedecia sempre à chamada e por vêzes nem mesmo às chamadas repetidas e se recusava algumas noites a comunicar-se com o médico feiticeiro. Os índios assistiam silenciosos a êstes ritos ⁶¹.

Castelnau assistiu a uma cerimônia dessa espécie entre os Tereno, na qual tomaram parte médicos feiticeiros de ambos os sexos, alguns com o corpo pintado com desenhos bizarros, ou cobertos de contas da cabeça aos pés, outros trajados de maneira a representar os animais mais terríveis. Tinham na mão uma cabaça ornada de plumas e contas e contendo pedrinhas, com que produziam, agitando-a, um rumor bastante forte, enquanto com um grande maço de penas de avestruz, na outra mão, descreviam no espaço figuras regulares. A fim de se preparar para a cerimônia êstes médicos feiticeiros haviam jejuado durante vários dias, mas não se tinham abstinido das bebidas espirituosas, de que parecia, pelo contrário, que tinham feito um grande consumo.

Se os Mbayá temiam alguma calamidade pública, o que acontecia especialmente durante as marchas quando o pajé anunciava a aproximação do inimigo e previa a derrota dos seus, imediatamente tiravam sangue um do outro, pungindo-se as várias partes do corpo com espinhos agudos; além disso esfregavam-se com ramos, gritavam e agitavam panos para afugentar a desgraça que estava para chegar. Na previsão de calamidades particulares as pessoas ameaçadas se punham do mesmo modo. A tais práticas teriam com freqüência assistido, segundo Almeida Serra, os soldados portugueses.

(61) Os médicos feiticeiros dos Matabo fazem acreditar aos índios que falam com os *ahót*, que responderiam às suas perguntas (PELLESCHI, pág. 125). Os Abipón sustentavam que os médicos feiticeiros (*Keebét*), homens e mulheres, estavam em relação com seu avô Aharaigichi e ensinavam a êle os acontecimentos futuros e ocultos e especialmente a aproximação do inimigo. Consultavam-no para obter conselho em tôdas as circunstâncias mais graves e nos negócios mais importantes da comunidade. Nas cerimônias que com êste escôpo se davam eram agitados os costumesiros chocalhos de cabaças e eram batidos com um bastão tambores formados de um vaso de barro sôbre o qual era esticada uma pele de cervo, instrumentos que de ordinário se usavam nas cerimônias fúnebres (DOBRIZHOFFER, vol. II, pág. 67-73) (N. de G. A. C.).

Estas cerimônias supersticiosas devem provavelmente explicar o significado de festas como aquelas recordadas por Azara, comuns aos Mbayá, aos Guaná, aos Paiaguá, etc., nas quais os chefes de família, na presença da comunidade, tomavam mutuamente entre os dedos o mais que podiam de carne das pernas e dos braços e a perfuravam de um lado a outro com uma varinha de pau ou um ferrão de arraia. Do mesmo modo se punham a língua e as partes secretas, esfregando-se no primeiro caso a cara com o sangue que escorria das feridas, e no segundo caso fazendo-o escorrer dentro de um pequeno buraco escavado primeiro com o dedo no terreno.

Nas festas a que Azara assistiu entre os Paiaguá, no dia da véspera da cerimônia aquêles que deviam participar dela coloriam a cara e o corpo e ornavam a cabeça com penas. Cobriam em seguida de peles a boca de três ou quatro vasos de barro e os percutiam lentamente com varinhas menores do que a mais fina pena de escrever. Na manhã da festa se embriagavam com aguardente. A dolorosa operação era repetida e continuada durante todo o dia. Mau grado tantos tormentos, ninguém falou ou se lamentou, nem deu a conhecer, pela fisionomia ou pelos movimentos do corpo, sentimentos de dor, ou mesmo sentimentos de nenhuma espécie. "Nenhuma razão, conclui Azara, sabem êles aduzir de semelhante costume e confessam ingênuamente não conhecer outra que o desejo de dar prova de coragem". Costumes semelhantes, já descritos por Dobrizhoffer para os Abipón, e que se acham sob condições diferentes entre um grande número de povos das várias partes do mundo, que vivem em vários graus de civilização, se prendem indubitavelmente, ou pelo menos se prendiam, a idéias supersticiosas, representando talvez na origem sacrifícios de oferta ou de expiação ⁶².

Cada horda tinha uma sepultura especial para os seus membros coberta por um amplo telheiro, na qual cada família possuía um espaço separado das outras por estacas. Quando o doente morria a uma grande distância do cemitério, para não levar ao túmulo o seu cadáver em putrefação costumavam envolvê-lo numa esteira, suspendendo-o a um ramo até que ficasse dissecado, depois do que o levavam para o sepulcro da família ⁶³.

(62) Cfr. TYLOR, *Primitive Culture*, págs. 399-403; WILKEN, *Ueber das Haaropfer*, na *Rev. coloniale intern.*, vol. IV, págs. 362 e seg. — Os índios do Xingu, segundo VON DEN STEINEN (págs. 188-90), escarnificam o rosto e os braços dos seus rapazes, a fim de que adquiram olhar infalível no bater e braços rubustos. Com êste escôpo se servem de um instrumento formado de um pedacinho triangular de cabaça, em que são adaptados pequenos dentes agudíssimos de peixes (traíra ou unhas de roedores (aguti). Usando-se o mesmo meio como cura nas doenças e por vêzes com felizes resultados, von den Steinen acredita que os dois fatos tenham entre si relações e que dêles possa ter derivado o costume da tatuagem. — O uso da escarnificação, assim como o instrumento para conseguí-la, foram observados entre os Carajá do Araguaia (EHRENREICH, págs. 32-3) (N. de G. A. C.).

(63) Os Abipón despojavam das partes moles os ossos dos guerreiros caídos em guerra, envolviam-nos numa pele e os levavam para casa sobre um cavalo, fazendo com freqüência uma viagem superior a 200 léguas. Mas, se os inimigos os apossavam e obrigavam a deixar os cadáveres no campo de batalha, os parentes procuravam os ossos na primeira ocasião e não repousavam enquanto não os tivessem encontrado, expondo-se a quaisquer fadigas e riscos para executar êsse dever.

Se morria uma jovem rica, era pintada como se estivesse viva, punham-lhe ornatos de contas nos braços e nas pernas, placas e tubinhos de prata no colo, envolviam-na com um pedaço de pano tingido e ornado de conchas e cobriam-na com uma esteira fina. Em seguida um dos seus parentes a levava a cavalo para a sepultura, onde depois de a ter inumado na terra nua, punha sôbre a sua tumba o fuso, o vaso de beber e outros objetos da morta. Sôbre a sepultura de um homem colocavam o arco, as flechas, a maça e a lança, em suma tôdas as armas e os utensílios de que os índios se serviam durante a vida. Matavam-se ainda em cima do sepulcro o cavalo sôbre que o cadáver havia sido levado, que sem dúvida era o melhor possuído pelo morto. Si se tratava de um guerreiro, ornavam as armas com flores e plumas de várias côres, que se renovavam todos os anos. Com os despojos mortais dos chefes e dos pajés, colocavam-se abundantes provisões alimentares. Realizavam-se banquetes fúnebres e visitavam-se anualmente as tumbas.

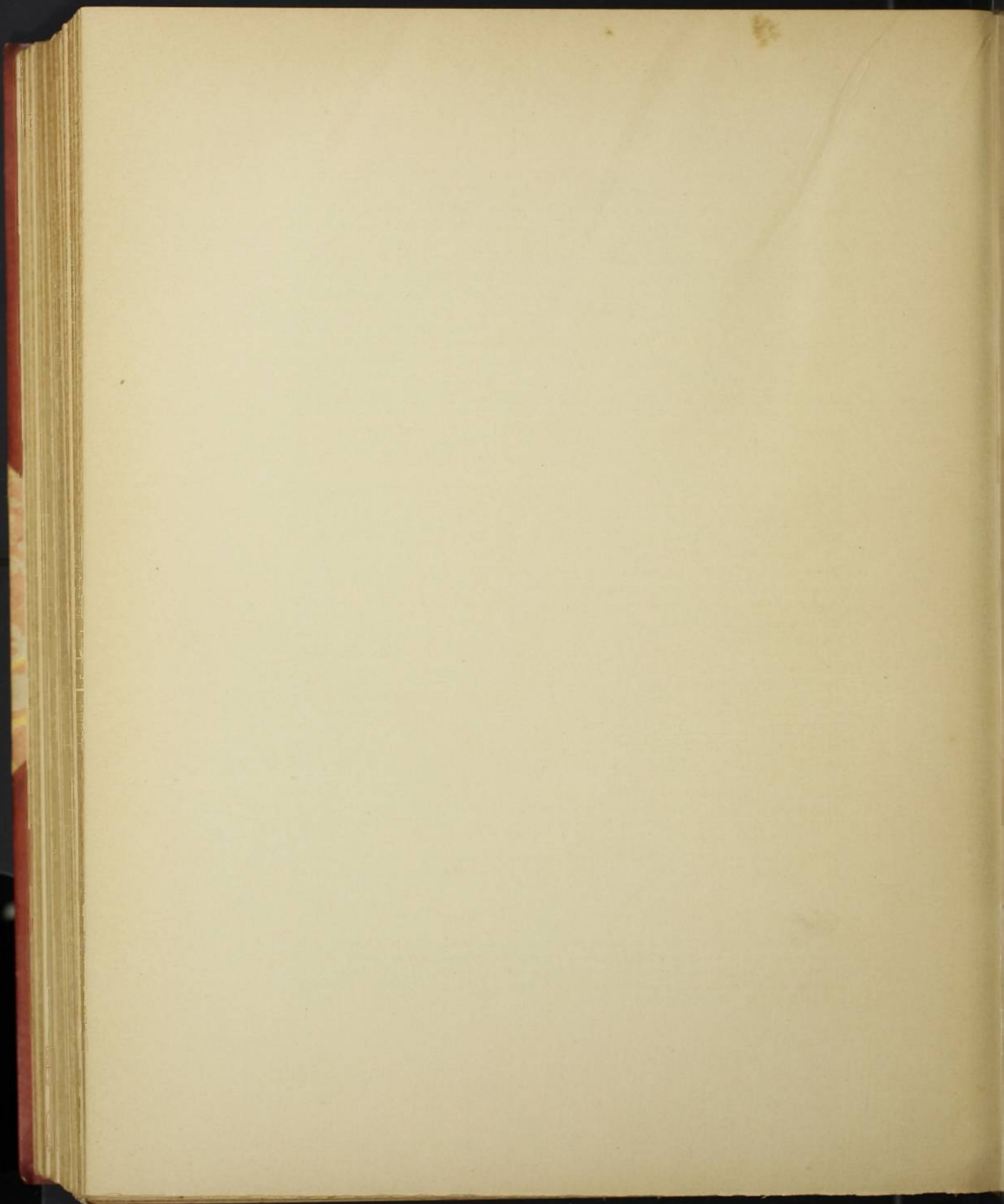
Pela morte de uma parente ou de um escravo os Mbayá mudavam de nome⁶⁴. Por tôdas essas pessoas se tomava luto, mas para os escra-

Além disso os Abipón demonstravam um cuidado especial em que os despojos dos pais jazessem com os filhos, as mulheres com os maridos, os netos com os avós e em que cada família tivesse um lugar próprio de sepultura. Desejavam que os restos dos descendentes repousassem junto àqueles dos antepassados, em qualquer lugar que os primeiros fôsem sepultados durante as suas perpétuas emigrações; e depois procuravam com freqüência os ossos dos seus mortos e os transportavam não raro através de imensos trechos de região (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 270-71, 281-5). Se um membro da tribo entre os Mataco morre fora do território em que habita, os parentes e os habitantes da tolderia vão procurar os seus restos para lhes dar sepultura na própria terra. Considerando coisa muito cansativa conduzir um cadáver, esperam que este tenha perdido as carnes e transportam os ossos. Durante o período da espera, os restos humanos são envoltos encolhidos numa rêde e são postos sôbre uma árvore, cobertos de propósito para livrá-los das onças, dos cães e das aves de rapina; no ano seguinte ou quando seja necessário, sempre porém quando não resta mais que os ossos, tornam a recolhê-los para lhes dar na aldeia a devida sepultura. Com este uso coexiste entre os Mataco a idéia, muito difundida entre os povos do mundo, de que a alma da pessoa morta longe da sua terra e cujos restos para lá não sejam transportados para o sepultamento não terá paz e vagará solitária, desconsiderada e triste em meio dos espíritos estrangeiros, dos quais não merece amor nem estima, porque não é cuidada pelos parentes e filhos da mesma tribo. Enquanto ao morto não foram prestadas as honras fúnebres, os Mataco sustentam que a alma não vai para debaixo da terra, seu lugar de residência, mas erra em tórno do rancho da família, mostrando-se a esta e queixando-se. Estas aparições das almas e estes lamentos formam o assunto de muitas historietas e de grande parte das conversações dos índios (PELLESCHI, págs. 117, 132) (N. de G. A. C.).

(64) Entre os Lêngura, escreve AZARA (vol. II, pág. 154), diante de toda morte cada membro da tribo muda de nome. "O objeto de tal medida, acrescenta êle, é que a morte, a qual com o último extinto levou consigo a lista dos nomes dos sobreviventes, enganada por este artifício, não os encontre de novo e vá alhures procurá-los". Sinais de luto semelhantes àqueles dos Mbayá, comuns a muitas populações de todos os países, isto é a mudança de nomes para as pessoas da família, a abstenção de certos alimentos e de se lavar e a vida reservada, se acham, sós ou unidos, entre os Abipón (DOBRIZHOFFER, vol. II, págs. 273-80), entre os Mataco (PELLESCHI, págs. 135-36) e entre os Chamacoco (BOGGIANI, págs. 79-80). Segundo os resultados das mais recentes pesquisas, o significado e o objetivo desses ritos seriam, primeiro afastar a alma do morto, ansiosa por andar vagueando nos lugares

vos era menos solene. O luto, segundo Azara, duraria ordinariamente três ou quatro luas. As mulheres durante êsse tempo choravam piedosamente o morto e em tom dolorido recordavam os seus feitos, isto é as correrias, os divertimentos e os trabalhos de que havia participado. Privavam-se, além disso, dos melhores alimentos, não lavavam o rosto nem o corpo, não cortavam os cabelos, não se penteavam até que os outros parentes lhe pedissem vivamente para moderar a sua dor. Teriam, finalmente, conservado um silêncio tão profundo que não responderiam nem mesmo quando interrogadas.

habitados em vida e sobretudo na própria casa entre os parentes e as pessoas com quem viveu, e em segundo lugar subtrair estas às buscas da importuna (FRAZER, *Certain burial customs as illustrative of the primitive theory of the soul*, no *Journ. Anthr. Inst.*, vol. XV, págs. 64-101; WILKEN, *Rev. col. cit.*, vol. II, págs. 225-79, IV, págs. 345-426) (N. de G. A. C.).



PUBLICAÇÕES CONSULTADAS

- ARAOZ, G. — *Navegacion del río Bermejo y viajes al Gran Chaco*, Buenos Aires, 1886.
- ADAM, L. — *Bibliographie des récentes conquêtes de la linguistique sud-américaine*, em *Compte-rendu du Congrès intern. des Américanistes*, sess. VII, p. 509-10.
- AZARA, FÉLIX — *Viaggi nell'America meridionale (1781-1801)*, trad. ital., Milão, 1817.
- BALZAN, L. — *Un pó più di luce sulla distribuzione di alcune tribu indigene della parte centrale dell'America meridionale*, no *Archivio per l'antrop. e la etnol.*, vol. XXIV, p. 17-29.
- BOGGIANI, G. — *Notizie etnografiche sulla tribù dei Ciamacoco*, nos *Atti della Società romana per l'antropologia*, vol. II, p. 9 e s. (1).
- BRINTON, D. G. — *The american race*, Nova York, 1891.
- BURMEISTER, H. — *Description physique de la République Argentine*, Paris, 1876-79.
- COLETI, G. D. — *Dizionario storico-geografico dell'America meridionale*, Veneza, 1771.
- DA FONSECA, J. S. — *Viagem ao redor do Brasil (1875-78)*, Rio de Janeiro, 1881.
- DE BEAUREPAIRE ROHAN H. — *De Cuiabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguai, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (1846)*, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, vol. IX, p. 346 e s.
- DE BOUGARDE LA DARDYE E. — *Le Paraguay*, Paris, 1889.
- DE CASTELNAU, F. — *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud (1843-47)*, Paris, 1850-57.
- DE CHARLEVOIX, F. S. — *Histoire du Paraguay*, Paris, 1757.
- DE COMINGES, J. — *Obras escogidas*, Buenos Aires, 1892.
- DE MOUSSY, V. M. — *Description géographique et statistique de la Confédération Argentine*, Paris, 1860.
- DENIS, F. — *Brasile*, tr. ital., Veneza, 1838.
- DOBRIZHOFFER, M. — *An account of the Abipones*, tr. ingl., Londres, 1822.
- DO PRADO, F. R. — *História dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaicuru (1795)*, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, vol. I, p. 25-57. (2)
- D'ORBIGNY, A. — *L'homme américain*, Paris, 1839.
- DU GRATY, A. — *La République du Paraguay*, Bruxelas, 1862.

(1) Esta monografia foi primeiro publicada sem o dicionário e com um número restrito de ilustrações no *Boll. della Soc. geogr. ital.*, ser. III, vol. VII, p. 466-510.

(2) Esta relação, que é a fonte principal que atingiram quase todos os escritores posteriores, foi primeiro publicada no jornal *O Patriota*, Rio de Janeiro, 1814; e traduzida em frances do trabalho alemão de von Eschwege, foi reestampada com ligeiras modificações nas *Nouvelles annales des voy., de la geogr. et de l'hist.*, 1819, vol. III, p. 329-58.

- EHRENREICH, P. — *Central-Brasilianische Expedition*, nas *Verhandl. d. Berliner Anthr. Gesellschaft*, vol. XIX, p. 594-96.
- EHRENREICH, P. — *Die Einteilung un Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse*, nas *Petermanns Mittheil.*, 1891, p. 81, 114.
- ELLIOT, J. H. — *Das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o pôrto da vila de Antonina e o Baixo-Paraguai na provincia de Mato-Grosso, feitas nos anos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes*, na *Revista trimensal de hist. e geogr. do Rio de Janeiro*, vol. X, p. 153 e s.
- FEATHERMANN, A. — *Social History of the races of mankind*, div. III, Londres, 1890.
- FUNES, G. — *Ensayo de la hist. civil del Paraguay, Buenos Ayres y Tucuman*, Buenos Aires, 1816-17.
- GIGLIOLI, E. — *Di alcuni strumenti litici tuttora in uso presso i Chamacocos del Chaco boliviano*, no *Arch. per l'antrop. e la etn.*, vol. XX, p. 65-72. (3)
- GILIJ, F. S. — *Saggio di storia americana*, Roma, 1880-84.
- GORI-MAZZOLENI — *Gli Indi Guaycurús*, no *Boll. della Soc. geogr. italiana*, ser. II, vol. I, p. 539-43.
- HASSLER, E. — *Centralsüdamerikanische Forschungen*, no *Jahrbuch d. Mittelschweizerischen geogr.-commerc. Gesellschaft in Aarau*, vol. II, p. I e s.
- HERRERA, A. — *Historia general de los hechos de los Castellanos en las islas y tierra firme del Mar Oceano*, Madrid, 1601-1615.
- HERVAS, L. — *Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinità e diversità*, Cesena, 1784. (Cfr. *Idea dell'universo*, vol. XVII).
- HERVAS, L. — *Aritmetica di quasi tutte le nazioni conosciute*, Cesena, 1786. (Cfr. *Idea dell'universo*, vol. XIX).
- HERVAS, L. — *Vocabulario poliglotta con prolegomeni sopra più di CL lingue*, Cesena, 1787. (Cfr. *Idea dell'universo*, vol. XX).
- HERVAS, L. — *Saggio pratico delle lingue*, Cesena, 1787.
- JARDIM, R. J. G. — *Criação de directoria dos Indios na provincia de Mato-Grosso (1846)*, na *Revista trimensal de Hist. e Geogr. de Rio de Janeiro*, vol. IX, p. 548 e s.
- LOMONACO, A. — *Sulle razze indigene del Brasile*, no *Arch. per l'antrop. e la etn.*, vol. XIX, p. 17 e s. e 187 e s.
- LOZANO, P. — *Descripcion chorografica del terreno, rios, arboles y anymales de las dilatadissimas provincias del Gran Chaco Gualamba, y de los rios y costumbres de las innumerables naciones barbaras o infieles que lo habitan*, Córdova, 1733.
- LOZANO, P. — *Historia de la Compañia de Jesus en la provincia del Paraguay*, Madrid, 1754-55.
- MANTEGAZZA, P. — *Rio de la Plata e Tenerife*, Milão, 1877.
- MARTIUS C. F. — *Beiträge zur Ethnographic und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, Lípsia, 1867.
- MITTHEILUNGEN — *Über die Sammlungen des Reisenden Rohde in Südamerika*, nas *Original-Mittheil. aus d. ethn. Abtheilung d. K. Museen zu Berlin*, vol. I, p. 11 e s.
- MURATORI, L. A. — *Il cristianesimo felice nelle missioni dei Padri della Compagnia di Gesù nel Paraguay*, Venezia, 1752.
- PAGE, J. T. — *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay (1853-56)*, Londres, 1859.
- PELLESCHI, G. — *Otto mesi nel Gran Ciacco*, Florença, 1881.
- PRICHARD, J. C. — *Researches into the physical history of mankind*, 3.^a edic. Londres, 1836-44.

(3) Esta monografia foi primeiro publicada no *Intern. Archiv für Ethnogr.*, vol. II, p. 272-77.

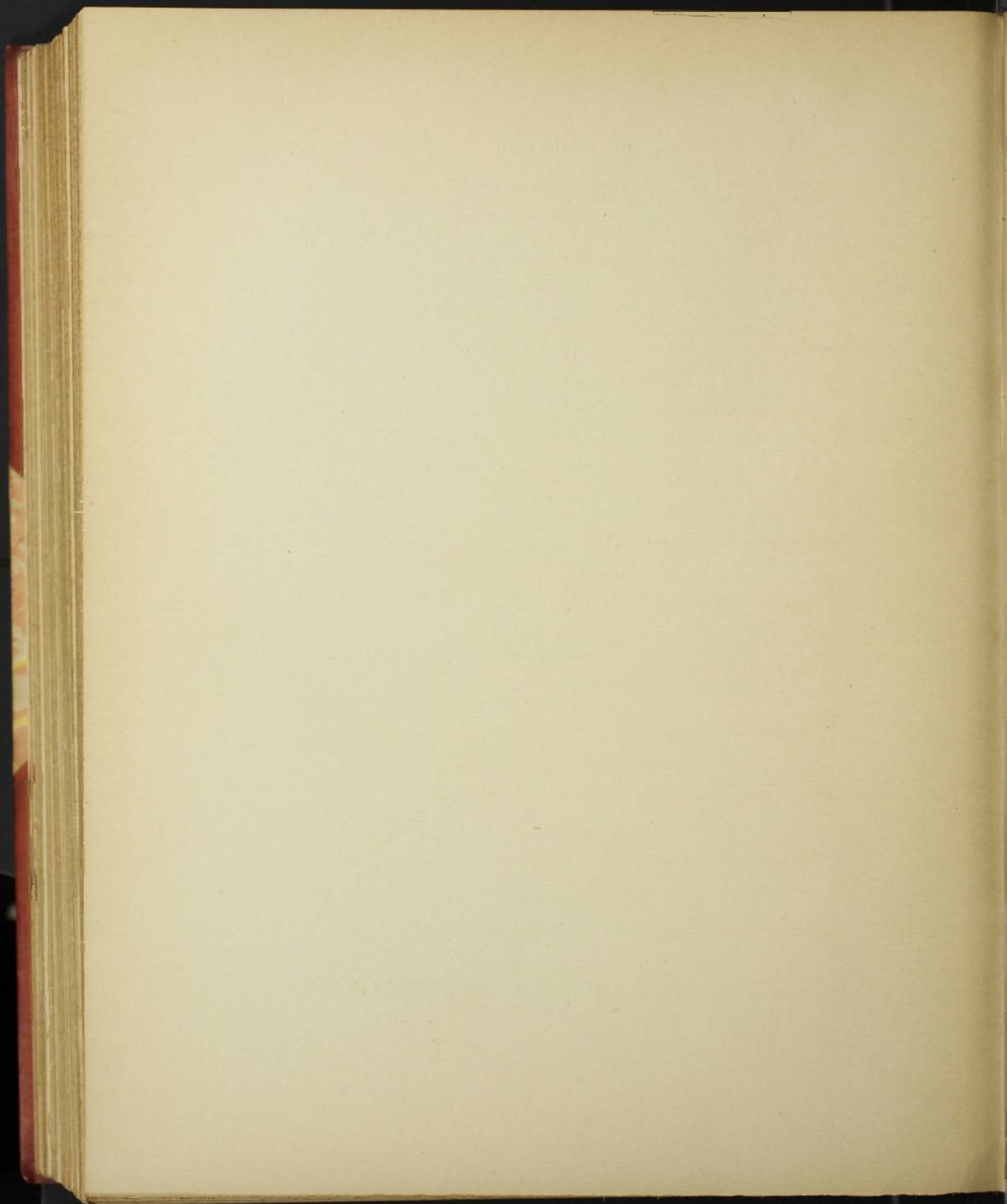
- RATH, C. — *Die Begräbnisse der jetzt lebenden brasilianischen Eingebornen*, nas *Verhandl. d. Berlin. anthr. Gesellschaft*, vol. XXIII, p. 25 e s.
- RATZEL, F. — *Völkerkunde*, vol. II.
- RENGGER, J. R. — *Reise nach Paraguay* (1818-26), Aarau, 1835.
- ROHDE, R. — *Einige Notizen über der Indianerstamm der Terenos*, na *Zeitschrift d. Gesellsch. f. Erdk. zu Berlin*, vol. XX., p. 404-09.
- SCHMIDEL, U. — *Reise nach Süd-Amerika* (1534-54), Tübinga, 1889.
- SERRA, R. F. DE ALMEIDA — *Da descrição geográfica da provincia de Mato-Grosso feita em 1797*, na *Revista trimensal de Hist. e Geogr. do Rio de Janeiro*, vol. VI, p. 156 e s. (vol. XX, p. 196 e s.)
- SERRA, R. F. DE ALMEIDA — *Sobre o aldeamento dos Indios Uaicurus e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes* (1803), na *Revista trim. cit.*, vol. VII, p. 204-18; XIII, p. 348-95.
- SOIDO, A. C. — *Incãos Guaicurus — Caça de veados, costumes Guaicurus — Indios Guaicurus, suas lendas — O chefe Lapagato*, na *Revista da Exposição Antr. Brasileira*, p. 83-4, 92-3, 108-9, 117-9.
- SPIX e MARTIUS — *Reise in Brasilien, Munich*, 1823-31.
- VON DEN STEINEN, C. — *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894
- WAITZ, T. — *Anthropologie der Naturvölker*, vol. III.

BIBLIOGRAFIA ACRESCENTADA À EDIÇÃO BRASILEIRA

- ANNUNZIO, GABRIELE D' — *Laudi del ciclo, del mare, della terra e degli eroi*, volume I, Milão, 1903.
- AZARA, FÉLIX DE — *Viajes por la América Meridional*, tr., Madrid, 1923. ALBISETTI vide COLBACCHINI.
- BACH, J. — *Datos sobre los Indios Terenos de Miranda*, *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, t. LXXXII, Buenos Aires, 1916, p. 87-94.
- BALDUS, HERBERT — *Kaskihá-Vokabular*, *Anthropos*, t., XXVI, Wien, 1931, p. 545-550.
- BULDUS, HERBERT — *Indianerstudien im nordöstlichen Chaco*, Leipzig, 1931.
- BALDUS, HERBERT — *Beiträge zur Sprachenkunde der Samuko-Gruppe*, *Anthropos*, t. XXVII, Wien, 1932, p. 361-416.
- BALDUS, HERBERT — *Tereno-Texte*, *Anthropos*, t. XXXII, Wien, 1937, p. 528-544.
- BALDUS, HERBERT — *Ensaio de Etnologia Brasileira*, série Brasileira, vol. 101, São Paulo, 1937.
- BALDUS, HERBERT e WILLEMS, EMÍLIO — *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, São Paulo, 1939.
- BALDUS, HERBERT — *O conceito do tempo entre os índios do Brasil*, *Revista do Arquivo Municipal*, vol. LXXI, São Paulo, 1940, p. 87-94.
- BOGGIANI, GUIDO — *I Ciamacoco*, *Atti della Società Romana di Antropologia*, vol. II, fascicolo I, Roma, 1894.
- BOGGIANI, GUIDO — *Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei (Mbayá o Guaycurú)*, con prefazione ed uno studio storico ed etnografico del Dott. G. A. Colini, Roma, 1895.
- BOGGIANI, GUIDO — *I Caduvei: Studio intorno ad una tribù indigena dell'alto Paraguay nel Matto Grosso (Brasile)*, Roma, 1895.
- BOGGIANI, GUIDO — *Vocabolario dell'Idioma Guaná*, *Atti della Reale Accademia dei Lincei*, serie 5, Roma, 1895.
- BOGGIANI, GUIDO — *Tatuaggio ó Pittura?* *Atti del II Congresso Geografico Italiano*, Roma, 1895.
- BOGGIANI, GUIDO — *Nei dintorni di Corumbá (Brasile)*, *Bollettino della Società Geografica Italiana*, fasc. X-XI, Roma, 1897.
- BOGGIANI, GUIDO — *Etnografia del Alto Paraguay*, *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, t. XVIII, Buenos Aires, 1897, p. 613-627.

- BOGGIANI, GUIDO — *Apuntes sueltos de la lengua de los indios Caduvéos del Chaco Paraguayo*, Boletín del Instituto Geográfico Argentino, t. XVIII, Buenos Aires, 1897, p. 367-371.
- BOGGIANI, GUIDO — *En favor de los indios chamacocos*, Revista del Instituto Paraguayo, año II, n. 11, Asunción, 1898, p. 168-183.
- BOGGIANI, GUIDO — *Cartografía lingüística del Chaco por el Dr. Daniel G. Brinton*, Revista del Instituto Paraguayo, año II, n. 16, Asunción, 1899, p. 106-137.
- BOGGIANI, GUIDO — *Guaicurú, sul nome, posizione geografica e rapporti etnici e linguistici di alcune tribu antiche e moderne dell'America meridionale*, Memorie della Società Geografica Italiana, vol. VIII, P. II, Roma, 1899, p. 242-295.
- BOGGIANI, GUIDO — *Compendio de etnografía paraguaya moderna*, Revista del Instituto Paraguayo, año III, Asunción, 1900.
- BOGGIANI, GUIDO — *Linguística Sud-Americana. Datos para el estudio de los idiomas Payaguá y Machicui*, Buenos Aires, 1901.
- BOGGIANI, GUIDO — *Apuntes póstumos de Guido Boggiani, compilados y redactados por Chestmír Loukotka. Vocabolario dell'idioma Ciamacoco*, Anales de la Sociedad Científica Argentina, t. CVIII, Buenos Aires, 1929, p. 149-192.
- BOGGIANI, GUIDO — *Viajes de un artista por la América meridional. Los Caduveos. Expedición al río Nabileque, en la región de las grandes cacerías de venados, Matto Grosso (Brasil)*, Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, tomo I, Tucumán 1929 (1930), p. 495-556.
- COLBACCHINI, ANTÔNIO — *A luz do Cruzeiro do Sul*, São Paulo, 1939.
- COLBACCHINI, ANTÔNIO, e ALBISETTI, CÉSAR, *Os Bororos Orientais, série Brasileira* (Grande formato), vol. 4, São Paulo, 1942.
- COMITATO PRO-BOGGIANI — *Alla ricerca di Guiço Boggiani*, Milano, 1903.
- CORYN, ALFREDO — *Los indios Lenguas*, Anales de la Sociedad Científica Argentina, t. XCIII, Buenos Aires, 1922.
- DEMBO, ADOLFO — *La técnica de las mutilaciones dentarias en la América precolombiana*, Revista Geográfica Americana, t. VIII, Buenos Aires, 1937, p. 195-202.
- DEMBO, ADOLFO — *Sobre un cráneo de la Patagonia con mutilación dentaria*, Gaea, t. V, Buenos Aires, 1937, p. 345-347.
- DÍAZ PÉREZ, VIRIATO — *Coronario de Guido Boggiani*, Revista Paraguaya, año II, ns. 3-4, Asunción, 1926, p. 103-171.
- FERREIRA MOUTINHO, JOAQUIM — *Noticia sobre a provincia de Mato-Grosso*, S. Paulo, 1869.
- FRIC, VOJTECH — *Notes on the grave posts of the Kadiuéo*, communicated by Paul Radin, Man, t. VI, London, 1906, p. 71-72.
- FRIC, A. V. — *Onoenrgodi-Cott und Idole der Kad'uveo in Matto Grosso*, Proceedings of the XVIII Session, International Congress of Americanists, London, 1912, part II, London, 1913, p. 397-407.
- FRÓIS ABREU, S. — *Na terra das palmeiras*, Rio de Janeiro, 1931.
- GUSINDE, MARTIN — *Die Feuerlandindianer, t. II, Die Yamana*, Mödling bei Wien, 1937.
- KOCH (GRÜNBERG) THEODOR — *Die Guaikurústämme*, Globus, t. LXXXI, Braunschweig, 1902.
- KOCH (GRÜNBERG) THEODOR — *Guido Boggiani, ein neues Opfer des Gran Chaco*, Globus, t. LXXXII, Braunschweig, 1902.
- KOCH (GRÜNBERG) THEODOR — *Die Guaikurú-Gruppe*, Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, t. XXXIII, Wien, 1903.
- KOCH (GRÜNBERG), THEODOR — *Zwei Jahr unter den Indianern*, Berlin, 1909, 1910.
- KRIEG, HANS — *Chaco-Indianer*, Stuttgart, 1934.
- LEHMANN-NITSCHKE, R. — *Nähere Nachrichten über die Ermordung des verdienten italienischen Reisenden Guido Boggiani*, Globus, t. LXXXIII, Braunschweig, 1903.

- LEHMANN-NITSCHKE, R. — *Die Sammlung Boggiani von Indianertypen aus dem centralen Südamerika*, Buenos Aires, 1904.
- LOUKOTKA, CHESTMIR — *Contribuciones a la lingüística sudamericana. Vocabularios inéditos o poco conocidos de los idiomas Rankelche, Guahibo, Piaroa, Toba, Pilagá, Tumanahá, Kaduveio, etc.*, Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán, t. I, Tucumán, 1929, p. 75-106.
- LOUKOTKA, CHESTMIR — *Die Sprache der Zamuco und die Verwandtschaftsverhältnisse der Chaco-Stämme*, Anthropos, t. XXVI, Wien, 1931, p. 843-861.
- LOUKOTKA, CHESTMIR — *Nouvelle contribution a l'étude de la vie et du langage des Kaduveo*, Journal de la Société des Américanistes, N. S., t. XXV, Paris, 1933, p. 251-277.
- LOUKOTKA, CHESTMIR — *Línguas indígenas do Brasil*, Revista do Arquivo Municipal, vol. LIV, São Paulo, 1939, p. 147-174.
- MÉTRAUX, A. — *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, Paris, 1928.
- NORDENSKIÖLD, ERLAND — *Eine geographische und ethnographische Analyse der materiellen Kultur zweier Indianerstämme in El Grand Chaco*, Göteborg, 1918.
- RIVASSEAU, EMÍLIO — *A vida dos índios Guaicurus*, série Brasileira, vol. LX, São Paulo, 1936.
- RYDÉN, STIG — *Skalpierung bei den Tobaindianern*, Etnologiska Studier, t. I, Göteborg, 1935, p. 26-34.
- SÁNCHEZ LABRADOR, JOSÉ — *El Paraguay Católico*, Buenos Aires, 1910, 1917.
- SCHMIDT, MAX — *Guaná*, Zeitschrift für Ethnologie, t. XXXV, Berlin, 1903, p. 324-336, 560-604.
- TAUNAY, VISCONDE DE — *Entre os nossos índios*, S. Paulo, s. a. (1931).
- THURNWALD, RICHARD — *Die menschliche Gesellschaft in ihren etno-soziologischen Grundlagen*, t. II, Berlin, 1932.
- THURNWALD, RICHARD — *Analyse von "Entwicklung" und "Zyklus", Mensch en Maatschappij*, 9e Jaargang, n. 1 en 2, Groningen, 1933.
- WAGLEY, CHARLES — *Notas sobre aculturação entre os Guajajara*, Boletim do Museu Nacional, n. s., Antropologia n. 2, Rio de Janeiro, 1943.
- WIED-NEUWIED, MAXIMILIAN PRINZ ZU — *Reise nach Brasilien*, t. II, Frankfurt a. M., 1821.
- WILLEMS, EMÍLIO vide BALDUS, HERBERT.



Í N D I C E

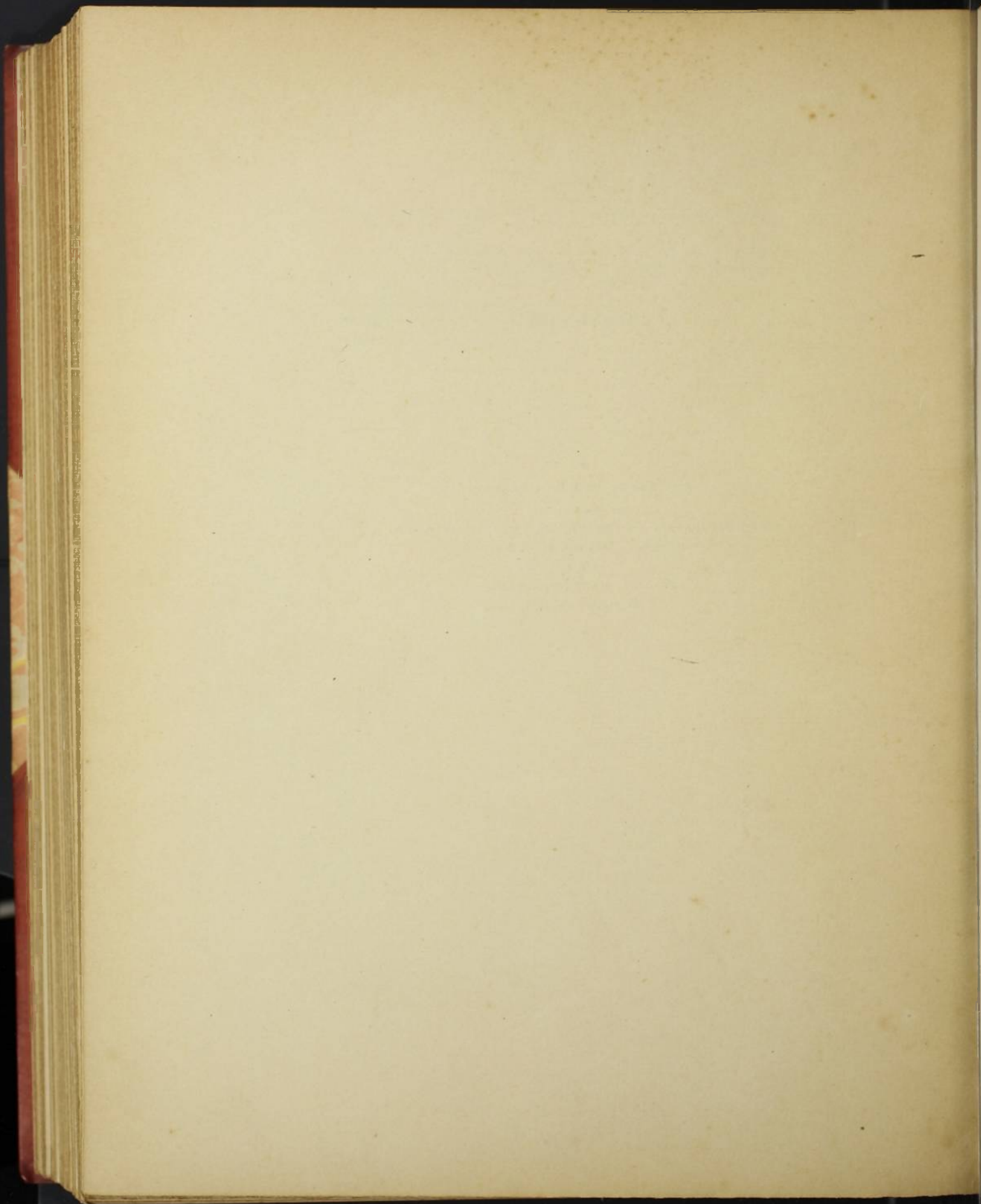
Índice das gravuras	7
Introdução de Herbert Baldus ..	11
Prefácio de G. A. Colini	47
PREAMBULO	
Finalidade da Excursão	59
CAPÍTULO I	
De Pôrto Pacheco à embocadura do Rio Nabileque	63
CAPÍTULO II	
Da boca do Rio Nabileque ao Retiro	83
CAPÍTULO III	
Esperando os Caduveo	97
CAPÍTULO IV	
De Retiro ao Nalique	101
CAPÍTULO V	
O Nalique e os Caduveo	111
CAPÍTULO VI	
Expedição a Alegria	213
CAPÍTULO VII	
Últimos dias no Nalique	227
CAPÍTULO VIII	
Regresso a Pôrto Pacheco	233
CONCLUSÃO	
Resultado comercial, artístico, etnográfico e geográfico	241

APÊNDICE

Notícia histórica e etnográfica sôbre os Guaicuru e os Mbayá, pelo Dr. G. A. Colini.	
I — Os Guaicuru — Opiniões em tôrno das suas relações com os Mbayá — História e etnografia dos Guaicuru	249
II — Os Mbayá — História e etnografia	263
Publicações consultadas	303
Bibliografia acrescentada à edição brasileira	305
Índice	309

★
Este livro foi composto e impresso
nas oficinas da
EMPRESA GRAFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,
à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo
para a
LIVRARIA MARTINS EDITORA
em janeiro de 1945.

★





BIBLIOTECA
HISTÓRICA
BRASILEIRA

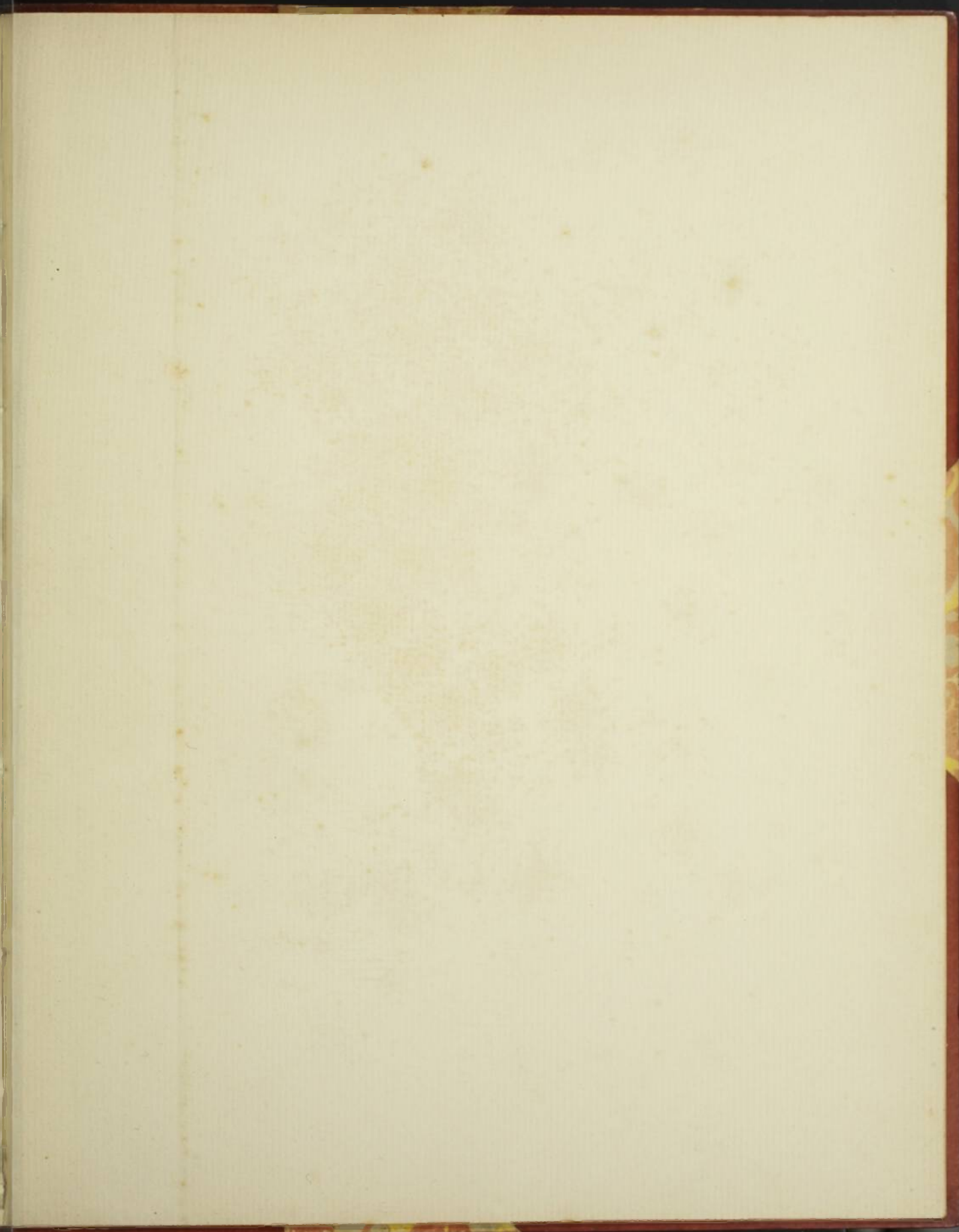
XIV

GUIDO BOGGIANI

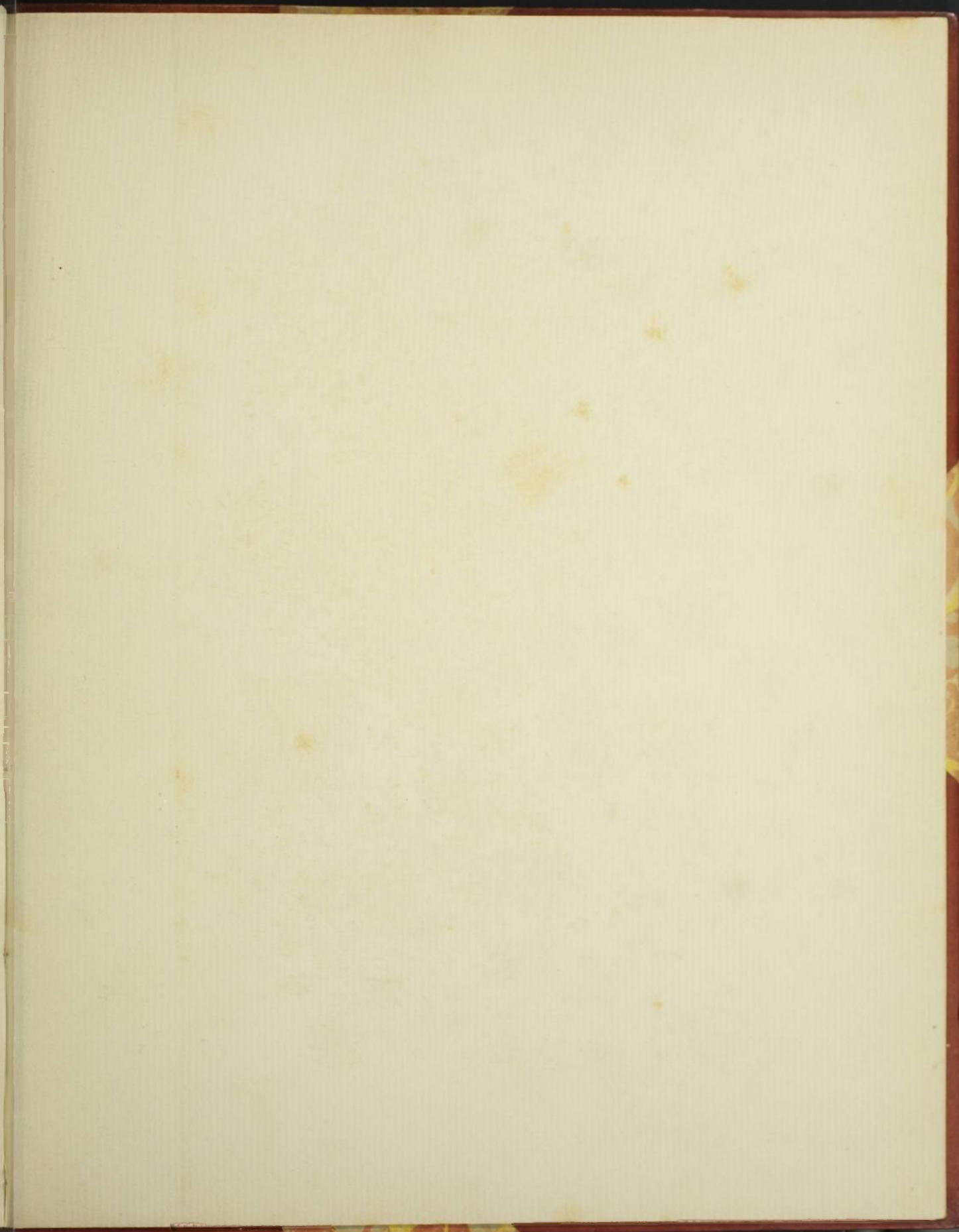
OS CADUVEO

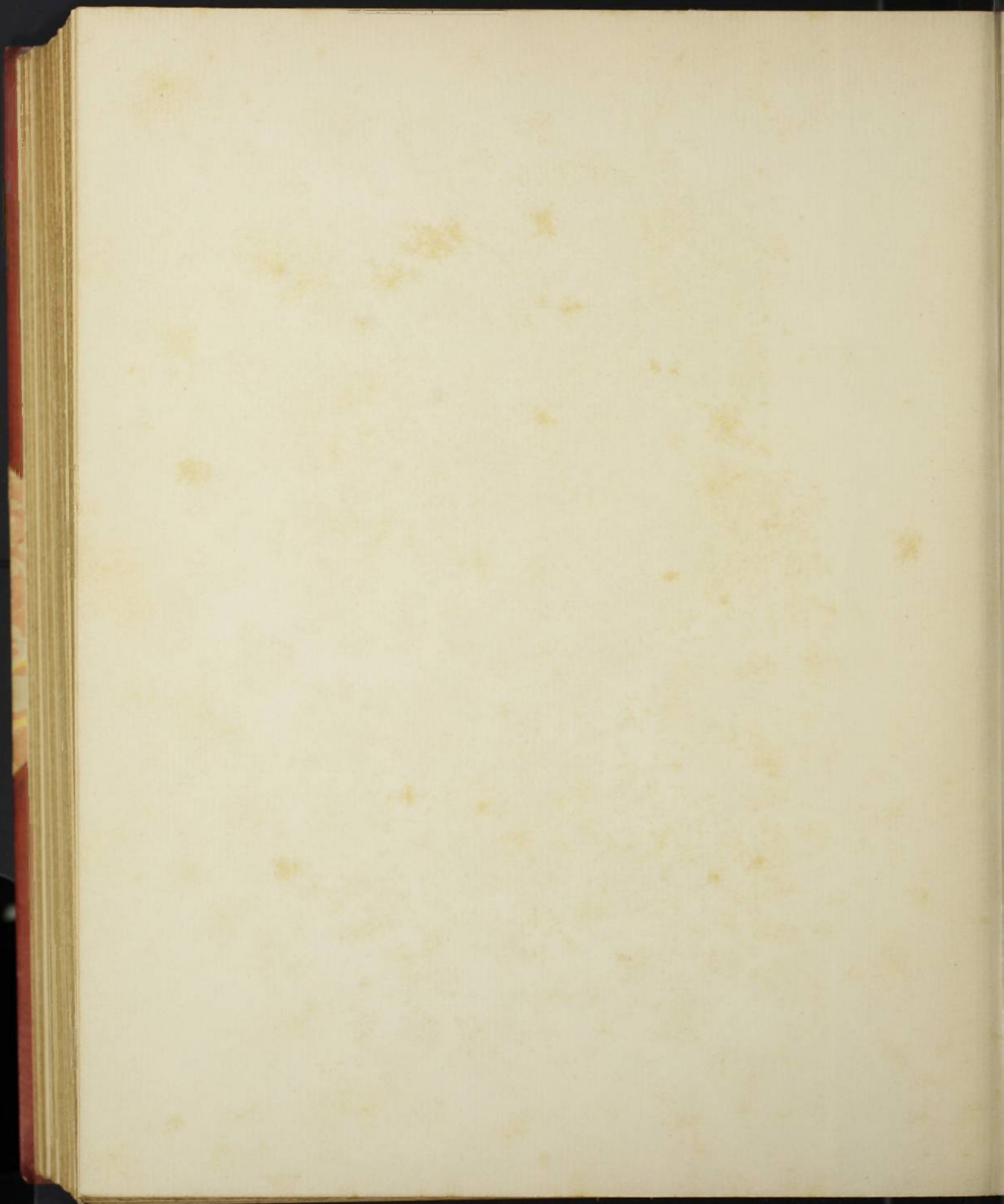
LIVRARIA
MARTINS
EDITORA
São PAULO

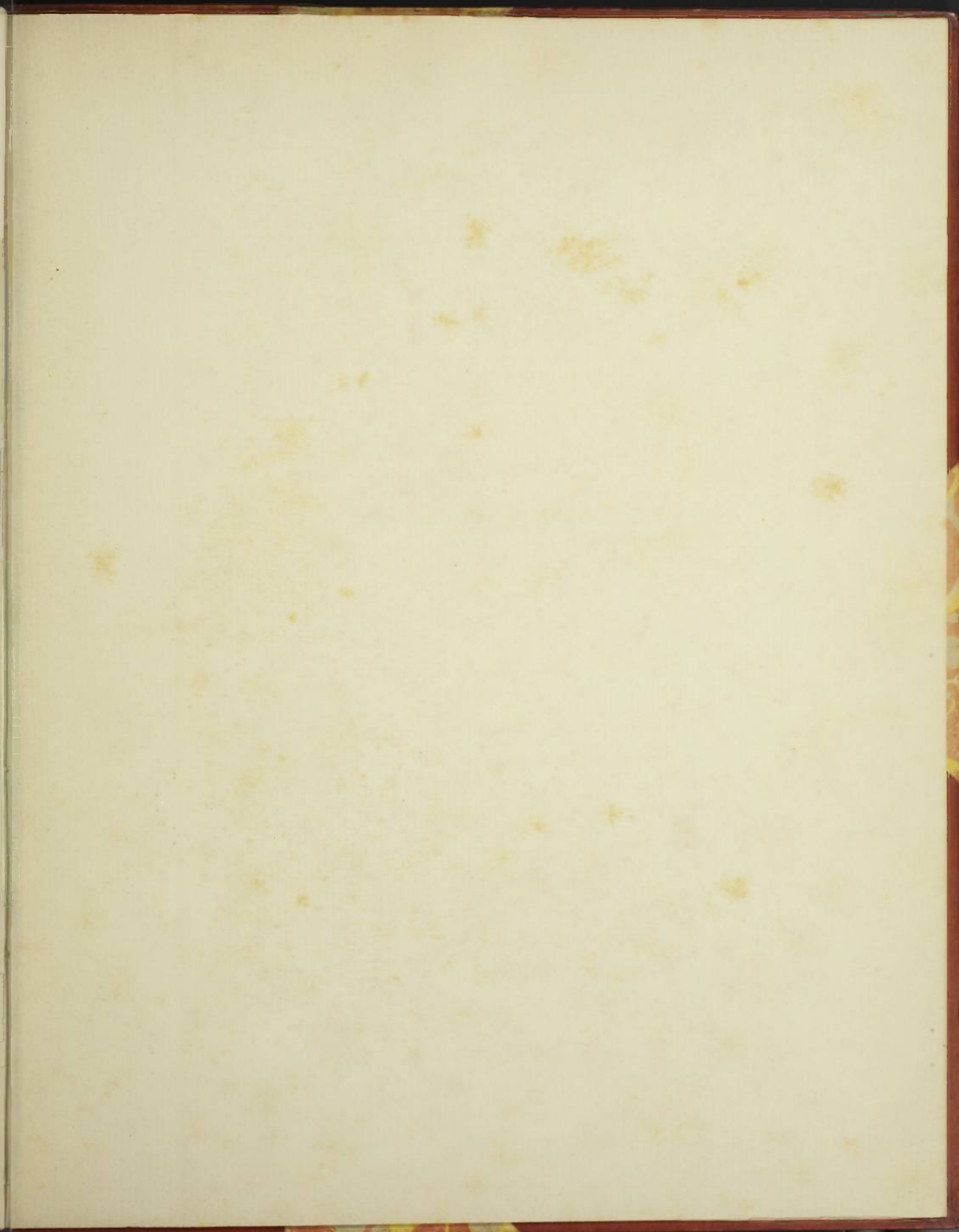












001796

